



10

HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



REIS BOOK'S DIGITAL

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

HEBREUS A APOCALIPSE

10



Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Beacon Bible Commentary 10 Volume Set

Copyright © 1969. Publicado pela Beacon Hill Press of Kansas City, uma divisão da Nazarene Publishing House, Kansas City, Missouri 64109, EUA.

Edição brasileira publicada sob acordo com a Nazarene Publishing House.

Tradução deste volume: Valdemar Kroker e Haroldo Janzen

Preparação de originais: Reginaldo de Souza

Revisão: Mirian Anna Liborio

Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão

Editoração: Joede Bezerra

CDD: 220 - Comentário Bíblico

ISBN: 85-263-0694-4

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso no Brasil

1ª edição/2006

BEACON HILL PRESS

COMISSÃO EDITORIAL

A. F. Harper, Ph.D., D.D.
Presidente

W. M. Greathouse, M.A., D.D.
Secretário

W. T. Purkiser, Ph.D., D.D.
Editor do Antigo Testamento

Ralph Earle, B.D., M.A., Th.D.
Editor do Novo Testamento

CORPO CONSULTIVO

G. B. Williamson
Superintendente Geral

E. S. Phillips
Presidente

J. Fred Parker
Secretário

A. F. Harper
Norman R. Oke
M. A. Lunn

EDIÇÃO BRASILEIRA

DIREÇÃO-GERAL

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor-Executivo da CPAD

SUPERVISÃO EDITORIAL

Claudionor de Andrade
Gerente de Publicações

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Isael de Araujo
*Chefe do Setor de Bíblias
e Obras Especiais*

Prefácio

“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16,17).

Cremos na inspiração plenária da Bíblia. Deus fala com os homens pela Palavra. Ele fala conosco pelo Filho. Mas sem a palavra escrita como saberíamos que o Verbo (ou Palavra) se fez carne? Ele fala conosco pelo Espírito, mas o Espírito usa a Palavra escrita como veículo de revelação, pois Ele é o verdadeiro Autor das Santas Escrituras. O que o Espírito revela está de acordo com a Palavra.

A fé cristã deriva da Bíblia. Esta é o fundamento para a fé, para a salvação e para a santificação. É o guia do caráter e conduta cristãos. “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105).

A revelação de Deus e sua vontade para os homens são adequadas e completas na Bíblia. A grande tarefa da igreja é comunicar o conhecimento da Palavra, iluminar os olhos do entendimento e despertar e aclarar a consciência para que os homens aprendam a viver “neste presente século sóbria, justa e piamente”. Este processo conduz à posse da “herança [que é] incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus” (Tt 2.12; 1 Pe 1.4).

Quando consideramos a tradução e a interpretação da Bíblia, admitimos que somos guiados por homens que não são inspirados. A limitação humana, como também o fato incontestado de que nenhuma escritura é de particular interpretação, ou seja, não tem uma única interpretação, permite variação na exegese e exposição da Bíblia.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) é oferecido em dez volumes com a apropriada modéstia. Não suplanta outros. Nem pretende ser exaustivo ou conclusivo. O empreendimento é colossal. Quarenta dos escritores mais capazes foram incumbidos dessa tarefa. São pessoas treinadas com propósito sério, dedicação sincera e devoção suprema. Os patrocinadores e editores, bem como todos os colaboradores, oram com fervor para que esta nova contribuição entre os comentários da Bíblia seja útil a pregadores, professores e leigos na descoberta do significado mais profundo da Palavra de Deus e na revelação de sua mensagem a todos que a ouvirem.

— G. B. Williamson

Agradecimentos

Os autores dessa obra agradecem a permissão para citar as seguintes obras com direitos autorais:

- University of Chicago Press: W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*.
- Abingdon Press, *The Interpreter's Bible*.
- The Westminster Press: *The Revelation of John*, copyright 1964 (renovação) de Charles R. Erdman.

Citações das Escrituras foram feitas das seguintes fontes:

- *The Amplified New Testament*. Copyright 1958 de The Lockman Foundation, La Habra, Califórnia.
- *The Berkeley Version in Modern English*. Copyright 1958, 1959 por Zondervan Publishing House.
- *The Bible: A New Translation*, James Moffatt. Copyright 1950, 1952, 1953, 1954 de James A. R. Moffatt. Usado com permissão da Harper and Row.
- *The Bible: An American Translation*, J. M. Powis Smith, Edgar J. Goodspeed. Copyright 1923, 1927, 1948 da The University of Chicago Press.
- NewAmerican Standard Bible. Copyright 1960, 1962, 1963 de The Lockman Foundation, La Habra, Califórnia.
- *The New English Bible*. © The Delegates of the Oxford University Press and the Syndics of the Cambridge University Press, 1961.
- *The New Testament in Modern English*. © J. B. Phillips, 1958. Usado com permissão da The Macmillan Company.
- *Revised Standard Version of the Holy Bible*. Copyright 1946 e 1952 da Division Education of the National Council of Churches.
- *The Weymouth New Testament in Modern Speech*. Copyright de Harper and Row, Publishers.
- *The New Testament in the Language of the People*, Charles B. Williams. Copyright 1937 de Bruce Humphries, Inc., cedido em 1949 ao Moody Bible Institute, Chicago.
- *The New Testament*, R. A. Knox. © 1951 de Sheed and Ward.
- *Living Letters*, Kenneth N. Taylor. © 1962 de Tyndale House, Publishers, Wheaton, Illinois.

Citações e Referências

O tipo **negrito** na exposição de todo este comentário indica a citação bíblica extraída da versão feita por João Ferreira de Almeida, edição de 1995, Revista e Corrigida (RC). Referências a outras versões bíblicas são colocadas entre aspas seguidas pela indicação da versão.

Nas referências bíblicas, uma letra (a, b, c, etc.) designa parte de frase dentro do versículo. Quando nenhum livro é citado, compreende-se que se refere ao livro sob análise.

Dados bibliográficos sobre uma obra citada por um escritor podem ser encontrados consultando-se a primeira referência que o autor fez à obra ou reportando-se à bibliografia.

As bibliografias não têm a pretensão de ser exaustivas, mas são incluídas para fornecer dados de publicação completos para os volumes citados no texto.

Referências a autores no texto, ou a inclusão de seus livros na bibliografia, não constituem endosso de suas opiniões. Toda leitura no campo da interpretação bíblica deve ter característica crítica e cuidadosa.

Como Usar o Comentário Bíblico Beacon

A Bíblia é um livro para ser lido, entendido, obedecido e compartilhado com as pessoas. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi planejado para auxiliar dois destes quatro itens: o entendimento e o compartilhamento.

Na maioria dos casos, a Bíblia é sua melhor intérprete. Quem a lê com a mente aberta e espírito receptivo se conscientiza de que, por suas páginas, Deus está falando com o *indivíduo* que a lê. Um comentário serve como valioso recurso quando o significado de uma passagem não está claro sequer para o leitor atento. Mesmo depois de a pessoa ter visto seu particular significado em determinada passagem da Bíblia, é recompensador descobrir que outros estudiosos chegaram a interpretações diferentes no mesmo texto. Por vezes, esta prática corrige possíveis concepções errôneas que o leitor tenha formado.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito para ser usado com a Bíblia em mãos. Muitos comentários importantes imprimem o texto bíblico ao longo das suas páginas. Os editores se posicionaram contra esta prática, acreditando que o usuário comum tem sua compreensão pessoal da Bíblia e, por conseguinte, traz em mente a passagem na qual está interessado. Outrossim, ele tem a Bíblia ao alcance para checar qualquer referência citada nos comentários. Imprimir o texto integral da Bíblia em uma obra deste porte teria ocupado aproximadamente um terço do espaço. Os editores resolveram dedicar este espaço a recursos adicionais para o leitor. Ao mesmo tempo, os escritores enriqueceram seus comentários com tantas citações das passagens em debate que o leitor mantém contato mental fácil e constante com as palavras da Bíblia. Estas palavras citadas estão impressas em tipo negrito para pronta identificação.

ESCLARECIMENTO DE PASSAGENS RELACIONADAS

A Bíblia é a melhor intérprete de si própria quando determinado capítulo ou trecho mais longo é lido para descobrir-se o seu significado. Este livro também é seu melhor intérprete quando o leitor souber o que Ele diz em outros lugares sobre o assunto em consideração. Os escritores e editores do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) se esforçaram continuamente para proporcionar o máximo de ajuda neste campo. Referências cruzadas, relacionadas e cuidadosamente selecionadas, foram incluídas para que o leitor encontre a Bíblia interpretada e ilustrada pela própria Bíblia.

TRATAMENTO DOS PARÁGRAFOS

A verdade da Bíblia é melhor compreendida quando seguimos o pensamento do escritor em sua seqüência e conexões. As divisões em versículos com que estamos familiarizados foram introduzidas tardiamente na Bíblia (no século XVI, para o Novo Testamento, e no século XVII, para o Antigo Testamento). As divisões foram feitas às pressas e, por vezes, não acompanham o padrão de pensamento dos escritores inspirados. O

mesmo é verdadeiro acerca das divisões em capítulos. A maioria das traduções de hoje organiza as palavras dos escritores bíblicos de acordo com a estrutura de parágrafo conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Os escritores deste comentário consideraram a tarefa de comentar de acordo com este arranjo de parágrafo. Sempre tentaram responder a pergunta: O que o escritor inspirado estava dizendo nesta passagem? Os números dos versículos foram mantidos para facilitar a identificação, mas os significados básicos foram esboçados e interpretados nas formas mais amplas e mais completas de pensamento.

INTRODUÇÃO DOS LIVROS DA BÍBLIA

A Bíblia é um livro aberto para quem a lê refletidamente. Mas é entendida com mais facilidade quando obtemos um maior entendimento de suas origens humanas. Quem escreveu este livro? Onde foi escrito? Quando viveu o escritor? Quais foram as circunstâncias que o levaram a escrever? Respostas a estas perguntas sempre acrescentam mais compreensão às palavras das Escrituras.

Estas respostas são encontradas nas introduções. Nesta parte há um esboço de cada livro. A Introdução foi escrita para dar-lhe uma visão geral do livro em estudo, fornecer-lhe um roteiro seguro antes de você enfronhar-se no texto comentado e proporcionar-lhe um ponto de referência quando você estiver indeciso quanto a que caminho tomar. Não ignore o sinal de advertência: “Ver Introdução”. Ao final do comentário de cada livro há uma bibliografia para aprofundamento do estudo.

MAPAS, DIAGRAMAS E ILUSTRAÇÕES

A Bíblia trata de pessoas que viveram em terras distantes e estranhas para a maioria dos leitores dos dias atuais. Entender melhor a Bíblia depende, muitas vezes, de conhecer melhor a geografia bíblica. Quando aparecer o sinal: “Ver Mapa”, você deve consultar o mapa indicado para entender melhor os locais, as distâncias e a coordenação de tempo relacionados com a época das experiências das pessoas com quem Deus estava lidando.

Este conhecimento da geografia bíblica o ajudará a ser um melhor pregador e professor da Bíblia. Até na apresentação mais formal de um sermão é importante a congregação saber que a fuga para o Egito era “uma viagem a pé, de uns 320 quilômetros, em direção sudoeste”. Nos grupos informais e menores, como classes de escola dominical e estudos bíblicos em reuniões de oração, um grande mapa em sala de aula permite ao grupo ver os lugares tanto quanto ouvi-los ser mencionados. Quando vir estes lugares nos mapas deste comentário, você estará mais bem preparado para compartilhar a informação com os integrantes da sua classe de estudo bíblico.

Diagramas que listam fatos bíblicos em forma de tabela e ilustrações lançam luz sobre as relações históricas da mesma forma que os mapas ajudam com o entendimento geográfico. Ver uma lista ordenada dos reis de Judá ou das aparições pós-ressurreição de Jesus proporciona maior entendimento de um item em particular dentro de uma série. Estes diagramas fazem parte dos recursos oferecidos nesta coleção de comentários.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito tanto para o recém-chegado ao estudo da Bíblia como para quem há muito está familiarizado com a Palavra escrita. Os escritores e editores examinaram cada um dos capítulos, versículos, frases, parágrafos e palavras da Bíblia. O exame foi feito com a pergunta em mente: O que significam estas palavras? Se a resposta não é evidente por si mesma, incumbimo-nos de dar a melhor explicação conhecida por nós. Como nos saímos o leitor julgará, mas o convidamos a ler a explanação dessas palavras ou passagens que podem confundi-lo em sua leitura da Palavra escrita de Deus.

EXEGESE E EXPOSIÇÃO

Os comentaristas bíblicos usam estas palavras para descrever dois modos de elucidar o significado de uma passagem da Bíblia. *Exegese* é o estudo do original hebraico ou grego para entender que significados tinham as palavras quando foram usadas pelos homens e mulheres dos tempos bíblicos. Saber o significado das palavras isoladas, como também a relação gramatical que mantinham umas com as outras, serve para compreender melhor o que o escritor inspirado quis dizer. Você encontrará neste comentário esse tipo de ajuda enriquecedora. Mas só o estudo da palavra nem sempre revela o verdadeiro significado do texto bíblico.

Exposição é o esforço do comentarista em mostrar o significado de uma passagem na medida em que é afetado por qualquer um dos diversos fatos familiares ao escritor, mas, talvez, pouco conhecidos pelo leitor. Estes fatos podem ser: 1) O contexto (os versículos ou capítulos adjacentes), 2) o pano de fundo histórico, 3) o ensino relacionado com outras partes da Bíblia, 4) a significação destas mensagens de Deus conforme se relacionam com os fatos universais da vida humana, 5) a relevância destas verdades para as situações humanas exclusivas à nossa contemporaneidade. O comentarista busca explicar o significado pleno da passagem bíblica sob a luz do que melhor compreende a respeito de Deus, do homem e do mundo atual.

Certos comentários separam a exegese desta base mais ampla de explicação. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) os escritores combinaram a exegese e a exposição. Estudos cuidadosos das palavras são indispensáveis para uma compreensão correta da Bíblia. Mas hoje, tais estudos minuciosos estão tão completamente refletidos em várias traduções atuais que, muitas vezes, não são necessários, exceto para aumentar o entendimento do significado teológico de certa passagem. Os escritores e editores desta obra procuraram espelhar uma exegese verdadeira e precisa em cada ponto, mas discussões exegéticas específicas são introduzidas primariamente para proporcionar maior esclarecimento no significado de determinada passagem, em vez de servir para engajar-se em discussão erudita.

A Bíblia é um livro prático. Cremos que Deus inspirou os homens santos de antigamente a declarar estas verdades, para que os leitores melhor entendessem e fizessem a vontade de Deus. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) tem a incumbência primordial de ajudar as pessoas a serem mais bem-sucedidas em encontrar a vontade de Deus conforme revelada nas Escrituras — descobrir esta vontade e agir de acordo com este conhecimento.

AJUDAS PARA A PREGAÇÃO E O ENSINO DA BÍBLIA

Já dissemos que a Bíblia é um livro para ser compartilhado. Desde o século I, os pregadores e professores cristãos buscam transmitir a mensagem do evangelho lendo e explicando passagens seletas da Bíblia. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) procura incentivar este tipo de pregação e ensino expositivos. Esta coleção de comentários contém mais de mil sumários de esboços expositivos que foram usados por excelentes pregadores e mestres da Bíblia. Escritores e editores contribuíram ou selecionaram estas sugestões homiléticas. Esperamos que os esboços indiquem modos nos quais o leitor deseje expor a Palavra de Deus à classe bíblica ou à congregação. Algumas destas análises de passagens para pregação são contribuições de nossos contemporâneos. Quando há esboços em forma impressa, dão-se os autores e referências para que o leitor vá à fonte original em busca de mais ajuda.

Na Bíblia encontramos a verdade absoluta. Ela nos apresenta, por inspiração divina, a vontade de Deus para nossa vida. Oferece-nos orientação segura em todas as coisas necessárias para nossa relação com Deus e, segundo sua orientação, para com nosso semelhante. Pelo fato de estas verdades eternas nos terem chegado em língua humana e por mentes humanas, elas precisam ser colocadas em palavras atuais de acordo com a mudança da língua e segundo a modificação dos padrões de pensamento. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) nos empenhamos em tornar a Bíblia uma lâmpada mais eficiente para os caminhos das pessoas que vivem no presente século.

A. F. HARPER

Abreviaturas Usadas Neste Comentário

ARA — Almeida Revista e Atualizada
ARC — Almeida Revista e Corrigida
ASV — American Standard Revised Version*
BA — Bíblia Amplificada*
BV — A Bíblia Viva
CBB — Comentário Bíblico Beacon
ERV — English Revised Version*
IB — The Interpreter's Bible*
IDB — The Interpreter's Dictionary of the Bible*
KJV — King James Version*
LXX — Septuaginta
NASB — New American Standard Bible*
NBC — The New Bible Commentary*
NBD — The New Bible Dictionary*
NEB — New English Bible*
NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI — Nova Versão Internacional
RSV — Revised Standard Version*
Vulgata — Vulgata Latina

* A tradução do teor destas obras citadas aqui foi feita pelo tradutor desde comentário. (N. do T.)

a.C. — antes de Cristo
AT — Antigo Testamento
c. — cerca de
cap. — capítulo
caps. — capítulos
cf. — confira, compare
d.C. — depois de Cristo
e.g. — por exemplo
ed. cit. — edição citada
esp. — especialmente, sobretudo
et al. — e outros
gr. — grego
hb. — hebraico
i.e. — isto é

ib. — na mesma obra, capítulo ou página
lit. — literalmente
N. do E. — Nota do Editor
N. do T. — Nota do Tradutor
NT — Novo Testamento
op. cit. — obra citada
p. — página
pp. — páginas
s. — e o seguinte (versículo ou página)
ss. — e os seguintes (versículos ou páginas)
tb. — também
v. — versículo
vv. — versículos
ver — veja

Sumário

VOLUME 10

HEBREUS	19
Introdução	21
Comentário	25
Notas	133
Bibliografia	143
TIAGO	145
Introdução	147
Comentário	152
Notas	198
Bibliografia	202
1 PEDRO	203
Introdução	205
Comentário	211
Notas	251
Bibliografia	255
2 PEDRO	257
Introdução	259
Comentário	265
Notas	281
Bibliografia	283
1, 2 E 3 JOÃO	285, 333, 339
Introdução	287
Comentário	291
Notas	344
Bibliografia	449
JUDAS	351
Introdução	353
Comentário	358
Notas	377
Bibliografia	380
APOCALIPSE	383
Introdução	385
Comentário	392
Notas	503
Bibliografia	519
MAPAS E QUADROS	523
Autores deste Volume	527

A Epístola aos
HEBREUS

Richard S. Taylor

Introdução

A. Autoria

A epístola aos Hebreus é anônima. Esse é o fato isolado mais importante em relação à sua origem. Sua autenticidade não está sendo questionada. Tudo que podemos fazer é observar a evidência externa fornecida pela Igreja e a evidência interna da própria epístola, e a partir delas tirarmos nossas próprias conclusões em relação a quem foi o seu autor.

1. *Evidência Externa*

Clemente de Roma (95 d.C.) usa Hebreus 3.2; 11.37 em sua primeira epístola aos Coríntios 17.1, 5. O Pastor de Hermas (datada por Goodspeed em 95-100 d.C.) também mostra estar familiarizado com esta epístola. Ela não se encontra no Cânone Muratoriano (final do século II).

Westcott escreve: “Perto do final do século II encontram-se evidências de que existia um conhecimento dessa epístola em Alexandria, no norte da África, na Itália, e no Oeste europeu. Desde o tempo de Pantaenus acreditava-se em Alexandria que a Epístola aos Hebreus, pelo menos indiretamente, era obra do apóstolo Paulo e de autoridade canônica; e esta opinião, apoiada em diferentes formas por Clemente e Orígenes, veio a ser aceita de modo geral pelas igrejas gregas orientais no século III”.¹

“Aproximadamente na mesma época, uma tradução latina da epístola recebeu um reconhecimento limitado no norte da África, mas não como uma obra do apóstolo Paulo”.²

“Na Itália e no Oeste europeu, a epístola não foi reconhecida como sendo de Paulo e, conseqüentemente, pelo que tudo indica, não era reconhecida como canônica”.³ Nas versões siríacas, ela era claramente tratada como um apêndice das epístolas paulinas.

Westcott declara mais adiante: “Em resumo, quando o livro começou a circular, três opiniões distintas acerca dele já haviam obtido aceitação local. Em Alexandria, a epístola grega era vista não como um escrito direto de Paulo, mas, indiretamente, como uma tradução livre das suas palavras ou uma reprodução dos seus pensamentos. No norte da África, ela era conhecida até certo ponto como obra de Barnabé e reconhecida como autoridade secundária. Em Roma e no Oeste europeu, não foi incluída na coleção das epístolas paulinas e não tinha peso apostólico”.⁴

Em seguida, nos voltamos diretamente ao testemunho dos antigos Pais da Igreja. Clemente de Alexandria (195 d.C.) acreditava que a epístola aos Hebreus foi escrita por Paulo aos judeus na língua hebraica (aramaica) e, mais tarde, traduzida por Lucas e publicada entre os gregos. Conforme citado por Eusébio, ele escreveu: “Mas é provável que o título, Paulo, o apóstolo, não foi prefixado à epístola. Ao escrever aos Hebreus, que haviam formado um preconceito em relação a ele, e suspeitavam dele, ele sabiamente ocultou seu nome, para evitar um prejulgamento do conteúdo da epístola”.⁵ Se Paulo, de fato, escreveu Hebreus, esta é a melhor sugestão que poderia ser feita quanto ao motivo de omitir o seu nome no início da epístola.

A opinião de Orígenes (220 d.C.), o maior estudioso bíblico da Igreja Antiga, é citada com freqüência. Ele disse: “Parece que os pensamentos são do apóstolo, mas o estilo e a

fraseologia pertencem a uma outra pessoa que anotava o que o apóstolo dizia, e escrevia, quando lhe convinha, o que o seu mestre havia falado [...] Mas quem de fato escreveu a epístola, somente Deus sabe”.⁶

Westcott conclui: “Os alexandrinos ressaltavam o aspecto da canonicidade e, certos dela, colocaram-na junto com os escritos de Paulo. Os Pais orientais enfatizavam o aspecto da autoria e, acreditando que a epístola não era propriamente de Paulo, negaram sua autoridade canônica [...] Acreditamos que a autoridade canônica da epístola independe de ser ou não de autoria paulina. A percepção espiritual do Oriente pode ser unida ao testemunho histórico do Ocidente. E, se entendemos que o julgamento do Espírito se faz sentir por meio da consciência da comunidade cristã, então nenhum livro da Bíblia é mais reconhecido por meio do consentimento universal, ao dar uma visão divina dos fatos do Evangelho repleta de lições para todos os tempos, do que a epístola aos Hebreus.”⁷

Quando nos voltamos para o período da Reforma, notamos que Erasmo expressou suas dúvidas, não quanto à autoridade do livro, mas quanto à sua autoria. Lutero negou a autoria paulina e sugeriu que pudesse ter sido escrito por Apolo. Calvino disse que não conseguia aceitar a autoria paulina. Ele acreditava que provavelmente Lucas, ou Clemente, escreveram esse livro.

2. Evidência Interna

Há similaridades no estilo e vocabulário entre a epístola aos Hebreus e os escritos de Lucas e Clemente de Roma. A descrição de Apolo em Atos (18.24-25) encaixa-se no perfil de autoria dessa epístola. Mas a Igreja Antiga não apresenta qualquer pista de que Apolo tenha sido o autor da Epístola aos Hebreus. Devemos deixar o assunto sem solução definida.

Muitos estudiosos têm destacado a clara diferença entre as epístolas de Paulo e a epístola aos Hebreus. Paulo escreve num estilo abrupto e com mudanças repentinas. Por outro lado, o estilo de Hebreus é “cuidadosamente polido e ritmicamente construído”.⁸

A estrutura também é diferente. Paulo apresenta primeiro a doutrina e então a aplicação prática. Mas Hebreus alterna entre doutrina e exortação pelo menos uma meia dezena de vezes.

Também há uma diferença teológica. O livro de Hebreus é construído em torno do sumo sacerdócio de Cristo. A cristologia de Paulo, um dos assuntos mais importantes em suas epístolas, nunca toca nesse aspecto.

Este conjunto de fatos tem levado praticamente todos os estudiosos, quer liberais ou conservadores, a descartar a autoria de Paulo para o livro de Hebreus. Mesma a igreja católica romana tem modificado sua posição. Wikenhauser, um estudioso católico, escreveu: “Paulo não pode ter sido o autor imediato”.⁹

B. Data

Kuemmell representa a posição liberal atual quando escreve: “A epístola foi provavelmente escrita entre 80 e 90”.¹⁰ Concordamos com Westcott, no entanto, quando diz: “A carta pode ter sido escrita no período crítico entre 64 d.C., durante o governo de Gessius Florus, e 67 d.C., no início da guerra judaica, mais provavelmente pouco antes do início desta guerra”.¹¹

C. Destinatários

A visão tradicional é que o livro de Hebreus foi escrito para os cristãos judeus na Palestina. Mas Theodor Zahn sugere que ele se destinava ao grupo de cristãos judeus em Roma. Os cristãos de Jerusalém eram pobres e dependiam das ofertas das igrejas gentílicas. No entanto, Hebreus 6.10 indica que os leitores de Hebreus muitas vezes ajudaram os cristãos pobres. Alguns sugerem que Hebreus foi escrito para Alexandria. Mas essa idéia tem pouco apoio.

Em 1836 sugeriu-se pela primeira vez que Hebreus foi dirigido basicamente aos gentios. A maioria dos estudiosos protestantes hodiernos defende essa posição, juntamente com os católicos. Wikenhauser escreve: “Precisamos admitir que as evidências hoje deixam claro que a Epístola aos Hebreus não foi dirigida aos cristãos judeus em primeiro lugar”.¹² Kuemmel concorda. Mas J. Cambier diz: “No entanto, a ênfase ao longo da carta acerca da superioridade da nova dispensação religiosa comparada com a antiga é melhor explicada se pensarmos na epístola como sendo enviada aos cristãos judeus”.¹³ Para nós, este argumento parece irrefutável. Concordamos com Donald Guthrie quando escreve: “Um claro contrapeso a favor dos cristãos judeus precisa ser admitido, se o título tradicional do livro deve merecer algum crédito”.¹⁴ Everett F. Harrison diz: “O caráter hebraico-cristão da epístola parece suficientemente provado”.¹⁵

“Os da Itália vos saúdam” (13.24) é mais corretamente traduzido por: “Aqueles que vêm da Itália enviam saudações” (RSV). O texto grego traz: “aqueles longe de” (*apo*). O fato de a primeira notícia de Hebreus vir de Roma (1 Clemente) é um suporte considerável para a idéia de que esta epístola foi escrita para Roma. Esta é a posição da maioria dos estudiosos hoje. Guthrie e Harrison deixam esta questão em aberto. Harrison parece favorecer a idéia dos destinatários serem os cristãos da Palestina.

D. Propósito

Isto depende, é claro, de como identificamos os leitores. O ponto de vista tradicional que Guthrie descreve como “o mais amplamente difundido”¹⁶ é que Hebreus foi escrito para advertir os cristãos judeus contra a apostasia de voltar ao judaísmo. A intenção da epístola parece claramente ser de mostrar a superioridade do cristianismo em relação ao judaísmo. Os versículos de abertura, bem como os primeiros capítulos, mostram o caráter definitivo de Jesus Cristo como a revelação final e perfeita de Deus à humanidade.

A palavra-chave de Hebreus é “melhor” (ou “superior” ou “mais excelente”). Cristo é superior aos anjos, a Moisés ou Josué. O cristianismo é uma aliança superior. O cristianismo tem um descanso melhor, um sacerdócio melhor e altar e sacrifício melhores. Tudo isso seria obviamente mais significativo para os leitores judaico-cristãos do que para os gentios.

—Ralph Earle

Esboço

I. A PESSOA DE CRISTO É DEFINITIVA, 1.1—4.16

- A. Mais do que um Anjo — um Filho, 1.1—2.4
- B. Menos do que um Anjo — um Homem, 2.5-18
- C. Maior do que Moisés, 3.1-19
- D. O Descanso Necessário, 4.1-16

II. O SACERDÓCIO DE CRISTO É DEFINITIVO, 5.1—7.28

- A. Um Sumo Sacerdote Perfeito, 5.1-10
- B. A Necessidade de Perfeição, 5.11—6.20
- C. O Sacerdócio da Perfeição, 7.1-28

III. A PAIXÃO DE CRISTO É DEFINITIVA, 8.1—10.25

- A. Cristo e a Nova Aliança, 8.1-13
- B. A Nova Aliança e o Sangue de Cristo, 9.1-28
- C. O Caminho para o Santo dos Santos, 10.1-22
- D. As Obrigações do Santo dos Santos, 10.23-25

IV. A NOSSA CONFISSÃO DE FÉ É DEFINITIVA, 10.26—13.25

- A. A Alternativa para a Fé, 10.26-39
- B. As Credenciais da Fé, 11.1-40
- C. A Perseverança da Fé, 12.1-29
- D. O Caminho da Fé, 13.1-19
- E. Conclusão, 13.20-25

SEÇÃO I

A PESSOA DE CRISTO É DEFINITIVA

Hebreus 1.1—4.16

A. MAIS DO QUE UM ANJO — UM FILHO, 1.1—2.4

1. *O Deus que Fala* (1.1,2a)

Os primeiros quatro versículos formam um único período e constituem o prólogo de Hebreus. Nele lemos acerca da auto-revelação de Deus em seu Filho visível e histórico e a função deste Filho na criação, revelação, providência e redenção.

A sanidade e a certeza diante do caos e do murmúrio de muitas vozes são possíveis somente na redescoberta do fato de que Deus falou. Deus é iminente e transcendente nos afazeres dos homens. Jesus Cristo é o Autor e a Origem da fé cristã; ao nos defrontarmos com sua pessoa e ministério terreno estamos nos defrontando com Deus.

a) *A revelação passada de Deus* (1.1a). O autor inspirado está se referindo aqui não à revelação geral na natureza e na consciência, feita a todos os homens, mas à revelação especial, feita **aos pais**, i.e., à nação hebraica e seus antepassados. A pessoa de Deus, junto com sua santidade de caráter e vontade soberana para seu povo, foi revelada “muitas vezes e de várias maneiras”.¹ Embora os tempos e os métodos variassem bastante, a forma era uniforme — **pelos profetas**. O escritor aos Hebreus está determinado a ajudar seus companheiros hebreus vacilantes a ouvir a mensagem completa de Deus transmitida por meio do seu Filho. É uma mensagem que excede em muito o que havia sido revelado até então, uma mensagem de redenção perfeita e que em seu caráter definitivo constitui um ultimato solene.²

b) *A revelação progressiva de Deus* (1.1b). A auto-revelação de Deus foi progressiva pelo menos no sentido de que a palavra dos profetas era cumulativa. Quando nos referimos aos **profetas** entendemos que são não somente os que proferiram mensagens orais, mas todos os autores do Antigo Testamento. O que Deus disse por meio de Moisés aos israelitas no deserto também disse a Esdras e sua geração por meio do livro de Moisés. Da mesma forma que um pequeno córrego se transforma em um grande rio, a Palavra de Deus se torna compacta e completa, suficiente para preparar os judeus e aprovar esses cristãos hebreus, se tiverem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Jesus considerou o Antigo Testamento uma testemunha adequada dele próprio (Jo 5.39-47).

c) *A revelação perfeita de Deus* (1.1b). As locuções contrastantes “antigamente” (1.1a) e **nestes últimos dias** são suficientes para descartar qualquer noção de que a revelação de Deus pode ser dissociada dos acontecimentos históricos. Pelo contrário, os acontecimentos estruturam as verdades derivadas deles. Embora a atenção seja aqui focada na revelação recente em um Filho, isto também é um acontecimento histórico concreto, na verdade uma Pessoa, identificada por todos os cristãos hebreus como Jesus de Nazaré. Encontramos aqui a revelação completa e culminante. Jesus Cristo é a Palavra final e completa de Deus ao homem; tudo que veio antes dele é parcial e preparatório, e tudo que veio depois é a ampliação e clarificação dessa Palavra. Deus fala por intermédio das palavras do nosso Senhor, mas também por meio dos acontecimentos do seu ministério redentor, sua concepção e nascimento, sua vida, morte, ressurreição e ascensão.

2. O Filho Encarnado (1.2b,3d)

a) *Sua missão é especificada* (1.3d). Nós tratamos primeiro desse aspecto, porque na mente do autor ele está subordinado (no momento) à identidade da pessoa de Cristo. Ele exprime isso de maneira muito sucinta, não como uma missão experimental, mas como uma missão cumprida: **havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados**.³ A Encarnação era necessária por causa do pecado do homem, e seu único alvo era a redenção do homem das garras do pecado. Todas as implicações dessa verdade serão esclarecidas nessa epístola.

b) *Sua pessoa é identificada* (1.2b,3). Um aspecto mais urgente é que os cristãos hebreus deverão ver a humilhação do seu Senhor como um interlúdio profundo, mas breve, entre a sua glória preexistente e a retomada dela. A cruz era uma ofensa para os judeus, e mesmo esses cristãos hebreus estavam em perigo de se envergonharem dela, como uma marca de fraqueza e derrota em vez de triunfo e poder. Era imperativo que vissem a cruz à luz daquele que sofreu nela. O poder redentor da sua morte não estava apenas no ato em si mas na identidade do Agente desse ato. Portanto, nestes versículos introdutórios contundentes, a breve referência à missão do Filho (v. 3) está fundamentada em cuidadosa identificação. Quem é esse Filho?

(1) *O agente do poder de Deus* (1.2). No versículo 2, vemos sua posição pré-encarnada como o Agente do poder criativo de Deus: **a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo**.⁴ Como Herdeiro, Jesus é o “dono legítimo” (NT Amplifica-

do). Jesus não veio para negociar com o Diabo, mas para derrotar o usurpador com sua própria arma, a morte, e reivindicar aquilo que é seu (2.8-15; 1 Co 15.24,25).

A ação de Jesus em criar o universo material é secundária (sugerida por *dia* — **por**, lit., “por meio de” — com o genitivo) à do Pai, que é principal. Este é um conceito difícil e o seu significado completo pode nos iludir. Há uma base aqui para a doutrina de que o Filho é o Logos (Palavra) eterno, ao mesmo tempo que é o meio de expressão da divindade. Portanto, mesmo antes da criação, o Logos era essa natureza em Deus que possuía a capacidade de comunicação e concreção em potencial. Embora não seja o demiurgo dos gnósticos, o Logos era, não obstante, o mediador entre a ordem matéria-espaco-tempo e o espírito puro. Quando essas idéias dualistas de domínio (herdeiro) e criatividade são percebidas, mesmo que de forma vaga, a enormidade do pecado da rejeição de Cristo torna-se evidente (Jo 1.10-11).⁵

(2) *A expressão da Pessoa essencial de Deus* (1.3ab). Fica claro que esse Filho não é somente um Agente mas um Aspecto (podíamos assim dizer) da própria divindade. Ele não pode ser dissociado do ser essencial do Pai. Em primeiro lugar, como **o esplendor da sua glória**, Ele revela de forma perfeita a majestade de Deus.⁶ No entanto, mais do que isto, Ele é **a expressa imagem da sua pessoa** (cf. Cl 1.15) ou, como a NVI traduz: a “expressão exata do seu ser”. Isto é mais do que a imagem de Deus na qual o homem foi criado e, certamente, muito mais do que a expressão da santidade de Deus por meio dos seus atos poderosos; não é nada menos do que a revelação de forma concreta e visível do próprio Deus. Mas, visto que não vemos no Filho encarnado a expressão exata ou completa dos atributos absolutos de imensidade, imutabilidade, ou infinitude, podemos inferir que o ser essencial de Deus é primariamente *santo* e, em Jesus, vemos a expressão exata da personalidade em sua atividade criativa e amor redentor.⁷

(3) *O braço da providência de Deus* (1.3c). O Filho não é apenas o Agente da criação, mas Ele é o Agente da providência, **sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder**. O poder de nosso Senhor não está na sua habilidade mobilizadora, mas somente na sua palavra falada. “Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra” (Mt 8.3). “Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança” (Mt 8.26). Em muitas dessas ocasiões, na verdade, ao longo de todo seu ministério, este domínio tranqüilo sobre a natureza foi exibido. Seus milagres não eram o exercício de um dom especial que Deus podia ter dado temporariamente a um homem; eles eram o exercício de suas próprias prerrogativas. Como tal, eles não eram nada mais do que reflexos tímidos desse controle e supervisão mais amplos que mantêm o equilíbrio e a precisão no universo. E Aquele que é o Senhor das estrelas e planetas é Senhor das circunstâncias em nossa vida.

Esse senhorio pertence essencialmente ao Filho eterno. Na natureza humana da sua teantrópica pessoa Ele era sujeito à lei natural, como homem: Ele foi amamentado na sua infância; Ele cresceu em estatura e faculdades mentais; teve fome e sede; sofreu dor, tanto no corpo como na alma. Nosso Senhor nunca usou o seu poder para escapar ou aliviar os fortes vínculos com sua humanidade (Mt 4.3). Como Filho nascido de uma virgem, Ele foi sujeito à vontade de seu Pai, e “aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (5.8). Mas seu senhorio essencial nunca se alterou. Quando ensinou e agiu, falou e agiu como homem, em respeito constante ao Pai. Porém, ao mesmo tempo, Ele falou e agiu — quer perdoadando pecados ou curando corpos ou ressuscitando mortos ou acalmando as

tempestades — com a segurança e a realeza do Senhor. A dialética do humano e do divino encontra sua síntese em suas próprias palavras: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30).

Esta é a identidade tríplice que o escritor aos Hebreus procura estabelecer de maneira tão meticulosa no início do seu discurso: *Agente na criação*, o *Logos da revelação*, e o *Senhor da providência*.

3. O Senhor Vitorioso (1.3e—2.4)

a) *O trono retomado* (1.3e). Este Senhor divino é Aquele que **assentou-se à destra da Majestade, nas alturas**. Aqui temos o sujeito principal e o predicado do versículo 3. Tudo o mais modifica, identificando sua pessoa e especificando sua obra terrena. A figura é de uma exaltação triunfante. Sua missão está cumprida, e Ele toma o seu lugar como “Vice-gerente” do Pai (simbolizado pela **destra**). Esse é o seu lugar legítimo, onde exerce seu pleno poder como advogado (Mt 29.18).⁸

b) *Sua superioridade em relação aos anjos* (1.4-14). A afirmação final no prólogo é que Jesus era **mais excelente do que os anjos** (v. 4). Esta é uma conclusão tirada do fato de que ele retomou o seu lugar à direita do Pai. Então o autor prossegue em comprovar sua conclusão, a partir do AT. Se o Messias prometido pode ser demonstrado a partir das especificações do AT de ser mais do que um anjo, a afirmação da sua identidade como o Filho eterno será fortalecida. Qualquer objeção dos hebreus no campo escriturístico será removida, e a própria exposição do escritor acerca da pessoa do nosso Senhor será grandemente fortalecida. No versículo 4, portanto, encontramos uma demonstração de sua superioridade, e nos versículos 5-14 encontramos a alegação de que a superioridade do Senhor foi predita no AT.⁹

(1) *Superioridade demonstrada pelos acontecimentos* (1.4). A NVI traduz este versículo da seguinte maneira: “tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles”. A medida da sua superioridade, em outras palavras, é a medida da diferença qualitativa entre Filho e criatura. Os verbos aqui sugerem *realização*, reconhecidamente como uma adoção subsequente à sua obediência e como uma recompensa a ela. O Deus-homem, como tal, observado do ponto de vista da sua humilhação e ministério terreno, ganhou o direito de ocupar o honrado “lugar e posição” (NT Amplificado). Ele tornou-se superior aos anjos por causa da sua vitória pública. E embora tenha obtido o direito de retomar o seu lugar, o **mais excelente nome** foi herdado (v. 2, “herdeiro de tudo”), uma possível referência ao nascimento virginal e à filiação pré-encarnada de Cristo.

(2) *Superioridade provada pelas Escrituras* (1.5-14). Nesta passagem há seis citações distintas. O autor desafia seus leitores a citarem o nome do anjo a quem Deus disse: **Tu és meu Filho, hoje te gerei** (5; Sl 2.7).¹⁰ A segunda citação (2 Sm 7.14) é uma aplicação a Cristo de uma promessa feita inicialmente a Davi em relação a Salomão. A terceira, da LXX, não pode ser claramente localizada no AT, embora haja uma idéia similar em Salmos 97.7; mas o argumento aqui é claro, que os anjos de Deus não seriam levados a adorar um igual. A própria citação é introduzida por uma clara referência à encarnação: **quando outra vez introduz no mundo o Primogênito** (6), ou “quando ele introduz o Filho primogênito novamente no mundo habitável” (NT Amplificado).¹¹

Anjos são “espíritos”, **ventos**, e os ministros angélicos são como **labareda de fogo** (7); mas em forte contraste, o **Filho** reina em um **trono** [...] **pelos séculos dos séculos** (8).¹² A **equidade é o cetro** — o princípio de governo e a base de autoridade. Isto emerge da santidade imaculada do Filho no trono, que amou a **justiça** e aborreceu a **iniquidade** (9). O verdadeiro caráter é revelado, não por confissões pomposas, mas por preferências secretas. O que alguém ama e odeia é um verdadeiro indicador da sua alma. O Rei justo planeja implantar este tipo de afeição santa e aborrecimento santo em seus subordinados. Este é o aspecto afetivo da santidade cristã. Por causa da integridade do nosso Senhor, o Pai o exaltou com **óleo de alegria, mais do que a seus companheiros** (possivelmente significando irmãos terrenos; cf. 12.2).

A aplicação do Salmo 102 a Jesus nos versículos 10-12 é uma interpretação ainda mais radical ou ousada do AT. Este salmo é dirigido a Javé (Yahweh), Aquele cujo nome o judeu devoto não podia pronunciar; no entanto, o autor aos Hebreus afirma que este texto se refere ao nosso Senhor. Ou o seu argumento aqui é totalmente sem sentido ou ele distingue pelo Espírito Santo uma aplicação do AT a Jesus que não pode ser percebida superficialmente (cf. Lucas 24.27). O próprio texto é uma reafirmação da divindade eterna e imutável de Cristo, em uma linguagem poética sublime.

Finalmente, ele repete o desafio — agora com uma declaração de Salmos 110.1 — que o versículo 5 expressa da seguinte forma: **Porque a qual dos anjos disse jamais** [...]? Esta declaração também foi usada por Jesus como prova de que o Cristo era muito mais do que o filho de Davi (Mt 22.41-46). Mas, enquanto a ênfase de Jesus estava no senhorio do Messias, a ênfase de Hebreus é que somente ao Filho, não a um anjo, foi dito o seguinte: **Assenta-te à minha destra, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés** (13). A proclamação do versículo 3 de que Jesus “assentou-se à destra da Majestade” é vista como sendo o cumprimento da profecia. Em contraste com o lugar do Filho no trono, os anjos estão ocupados constantemente com a ministração, em uma função subordinada, aos que **hão de herdar a salvação** (14), i.e., os crentes. Deveria ser uma grande consolação saber que os filhos de Deus têm o Filho e o Espírito como advogados, além da ajuda pessoal dos anjos.

Ao olhar para trás, podemos ver como o escritor, ao buscar apoio para a sua posição concernente ao Filho no AT, inclui elementos relacionados à humilhação do nosso Senhor como homem e elementos relacionados à sua glória pré-encarnada e pós-ressurreição. Trata-se da mesma Pessoa. Quando seu argumento está completo, o autor muda para a primeira de várias aplicações exortativas.

c) *Portanto, uma salvação superior* (2.1-4). A verdadeira preocupação da epístola agora está clara: visto que o Salvador é mais do que um anjo — o Filho — é duplamente imperativo **atentar, com mais diligência, para as coisas que já temos ouvido** (1). Podemos até estar desatentos à conversa de um vizinho, mas certamente prestaríamos muita atenção se estivéssemos diante de um importante governante. Assim, se valorizamos a nossa alma, somos constrangidos a atentar cuidadosamente para o evangelho que enaltece a majestade e importância da Pessoa que apresenta. O tempo presente do verbo **atentar** sugere a necessidade de cuidado continuado e vigilante. Caso contrário, estamos correndo o risco de passar despercebidos por essas verdades do evangelho. **Para que, em tempo algum, nos desviemos delas.** A figura é de um barqueiro descuidado e preguiço-

so correndo o risco de passar pelo porto seguro e ser levado pela correnteza. A frase **em tempo algum** é melhor traduzida por “jamais” (NVI) ou “de maneira alguma” (NT Amplificado). Há muitas maneiras de os cristãos correrem o risco de ser levados pela correnteza.

A exortação está baseada em uma lógica simples: se a palavra dos anjos era **firme** (2; com autoridade e unida) e colocava seus destinatários debaixo de uma punição **justa** (apropriada) pela desobediência, **como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?** (3).¹³ Desprezar a lei mediada pelos anjos era uma coisa grave, mas desprezar (por negligência) a salvação mediada pelo Filho, que foi entregue aos homens por meio de acontecimentos e evidências comprovados, era muito mais grave ainda. Estas evidências eram tão válidas quanto aquelas que **confirmavam** a entrega da lei no monte Sinai (cf. 12.18-29). Esta salvação, **começando a ser anunciada pelo Senhor** (3), foi **depois, confirmada** pelos apóstolos e outros discípulos; e seu testemunho foi apoiado pelo testemunho do próprio Deus, **por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo** — “e com vários poderes e distribuições do Espírito Santo” (Mueller) — **por sua vontade** (4).

Os versículos 1-4 podem servir como texto-base para uma pregação. Este texto pode ser aplicado aos não-salvos, mas sua relevância primária é para os cristãos e sua aplicação é poderosa. Acompanhe o desenvolvimento abaixo.

“A Grandeza da Salvação”. **Tão grande** (3) sugere a magnitude inexprimível (cf. 2 Co 1.10; Ap 1.18). Sua grandeza é vista: 1) No Senhor que a deu (v. 3b) — sua pessoa, seu poder e sua paixão. 2) Nos acontecimentos sobrenaturais que lhe serviram de berço (v. 4). 3) Na gravidade excessiva do perigo do qual ela nos liberta — do *pecado* com sua culpa, poder, contaminação e punição eterna (7.27).

No “Perigo da Negligência” vemos que: 1) Os cristãos estão em perigo de negligenciar esta tão grande salvação *a)* porque ela ainda é, em grande parte, invisível e espiritual, *b)* por causa das influências perversas do mundo ao nosso redor, *c)* por causa da tendência incrédula da mente carnal dentro do homem. 2) Os cristãos estão correndo o risco de negligenciar a salvação *ao a)* ignorar os recursos da graça, *b)* falhar em compartilhar o evangelho, *c)* negligenciar em obter a completa salvação do pecado interior.

“A Impossibilidade do Escape” sugere: 1) O perigo de atrofia espiritual que a negligência traz. 2) A ira divina em consequência da negligência (veja contexto; também 6.4-6; 10.23-31; 12.12-29).

B. MENOS DO QUE UM ANJO — UM HOMEM, 2.5-18

1. O Destino do Homem (2.5-8)

Começando com o versículo 5, observamos uma transição na exposição acerca da pessoa e propósito de Jesus, com uma ênfase agora não na sua filiação herdada, mas no significado e propósito da encarnação. Jesus não deve ser identificado com os anjos ou como um anjo. Ele deve ser identificado com os homens.

a) O mundo futuro (2.5). A cláusula **de que falamos** claramente liga a “grande salvação” (v. 3) e a presença de Jesus “à destra” do Pai com a futura “habitação terrena” (Mueller). Ela também sugere um escopo atemporal do tema e da abordagem de toda a

epístola. O evangelho de Jesus Cristo não é apenas relevante para a era presente, mas é a chave para as eras vindouras, incluindo os novos céus e a nova terra. Este mundo-terra purificado e emancipado, que é o alvo de toda a história, Deus não **sujeitou** aos **anjos**.

b) *O seu Governante apontado* (2.6-8b). A citação de Salmos 8.4-6 revela o lugar do homem no plano de Deus. Fisicamente, em relação ao universo, ele é insignificante; então, por que Deus deveria se lembrar dele? (v. 6). Tanto em posição quanto em poder ele é inferior aos anjos, mas somente temporariamente (o gr. do versículo 7 indica “por um breve tempo” — Mueller). Apesar de sua pequenez física e sua posição inferior, Deus o coroou **de glória e de honra** (7) e **todas as coisas lhe sujeitou debaixo dos pés** (8a).¹⁴ A extensão do domínio predestinado do homem abrange tudo: **nada deixou que lhe não esteja sujeito** (8b). A comissão do homem de sujeitar e governar esta terra como representante de Deus foi concomitante com a criação (Gn 1.26-29). Sua tentativa de conquistar a ordem da natureza, conseqüentemente, não desagrada a Deus, porque faz parte da sua atribuição inicial. Mas essa atribuição era tanto espiritual quanto material, e, portanto, ir em busca do material em detrimento, ou mesmo rejeição, ao espiritual, é pecado. Além disso, de acordo com muitos teólogos, a atribuição do homem era conquistar o reino de Satanás. O homem foi criado para neutralizar o Diabo, diz Oswald Chambers.¹⁵ Fica claro em Hebreus que a comissão do homem era, e é, de magnitude cósmica e eterna.

c) *Sua impotência atual* (2.8c). Mas o domínio do homem fracassou até aqui, porque **ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas**. Algumas coisas o homem tem dominado muito bem, mas no reino espiritual ele tem falhado tristemente. Seu fracasso não foi em decorrência da imaturidade ou tempo insuficiente, mas devido a uma catástrofe interferente. Os que foram projetados para ser dominadores de Satanás se tornaram seus cativos.

2. Cumprido em Jesus (2.8c-9)

Há uma nota tranquilizadora de esperança na frase **ainda não**. A tarefa não foi cancelada; ela ainda será cumprida. Mas não por meio dos recursos do primeiro Adão, porque estes estão falidos. Podemos não ver o homem como conquistador agora, mas **vemos [...] Jesus** (9), o segundo Adão, por meio de quem uma raça redimida terá não somente uma segunda chance mas um sucesso completo.¹⁶ Esta declaração tão clara é o primeiro uso do nome **Jesus**. Até este ponto a referência, embora inequívoca, tinha sido encoberta; agora toda alusão indireta é deixada de lado e o nome sacro anunciado. Pilatos colocou uma coroa de espinhos e um manto de púrpura em Jesus, e disse: “Eis aqui o homem” (Jo 19.5). Mas nem Pilatos nem a multidão realmente o viram. Eles olhavam com olhos que não podiam ver. Agora o autor de Hebreus dirige o olhar deles para Jesus de uma maneira similar e com um intenso desejo de que vejam com uma visão mais clara do que Pilatos ou os judeus em Jerusalém.

O que Pilatos proclamou sem compreender, esta epístola grifa com ênfase: Eis aqui o *Homem*! Aquele que era co-igual com o Pai antes da criação do mundo, **fora feito um pouco menor** (por um breve período) **do que os anjos**. A honra que o homem perdeu cumpre-se abundantemente neste Homem, porque Ele é agora **coroado**

de glória e de honra, à destra do Pai, diante dos anjos e nos corações dos seus discípulos. Mas a coroação foi por causa (*dia* com acusativo) **da paixão da morte**.¹⁷

A morte vergonhosa de Jesus tornou-se um embaraço para os Hebreus; mas eles precisam entender que este ato foi, na verdade, a glória dele e a esperança deles. Sua morte não foi um erro trágico, mas originada na **graça** de Deus, em sua determinação compassiva de prover redenção. Seus benefícios são **por todos** (“para cada indivíduo” — NT Ampl.). Isto certamente exclui uma expiação limitada ou qualquer sistema que busca separar o mérito da sua morte em graça comum e graça salvadora; **por todos** implica uma igualdade universal. Além disso, para que não se faça nenhuma tentativa de desvalorizar a experiência da morte do nosso Senhor ao interpretar erroneamente a palavra **provasse**, deve-se salientar que esta mesma palavra é usada em Mateus 16.18, Marcos 9.1, Lucas 9.27 e João 8.52, em que a força plena da morte humana, inteiramente experimentada, é inferida. Dods diz: “...de fato experimentando a amargura da morte”.¹⁸ No entanto, embora a morte seja real, ela não é um substituto legal exato, em que se obtém a redenção absoluta de todos os homens; sua morte foi **por** (“em favor de”, *hyper* com ablativo), i.e., Ele morreu para tornar possível a salvação de **todos**, ou seja, um substitutivo em um sentido ético em vez de legal.

3. O Propósito da Encarnação (2.10-18)

A nítida declaração do propósito de Deus é dada no versículo 9, mas agora o autor expande sua tese. A explanação é dupla e é encontrada na repetição de *hina* (“para que”) no texto grego, traduzido da seguinte forma: *a) para que, pela morte, aniquilasse* Satanás e libertasse seus subordinados (14) e *b) para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote* (17). Mas o autor primeiro estabelece a argumentação a favor da encarnação como uma base necessária para o cumprimento destes dois objetivos.

a) O tipo de Salvador necessário (2.10-14a). A tarefa é trazer **muitos filhos à glória** (10), i.e., à plena semelhança de Cristo e à plena consumação da redenção deles no céu. Mas para que isto pudesse ocorrer, **o Príncipe da salvação deles** precisava ser aperfeiçoado, **pelas aflições**. Isto não se refere ao aperfeiçoamento da santidade pessoal do nosso Senhor, mas às suas qualificações como **Príncipe** e primeiro da fila (cf. 12.2, em que a mesma palavra é traduzida por “autor”). Ele é tanto Salvador quanto Exemplo. Ele vai adiante de nós, não somente mostrando o caminho para a glória, mas limpando e construindo o caminho. Obviamente ao fazê-lo Ele precisa passar pela severidade e por privações. Em sua própria pessoa Ele precisa enfrentar o inimigo e conquistá-lo. Somente assim pode ser feito um caminho seguro para aqueles que seguem. Este não é um Príncipe que lidera da retaguarda e permite que seus homens lutem e morram. Ele é Alguém que vai adiante e luta e morre ele mesmo, para que seus seguidores possam viver e estar assegurados da vitória. Esta imposição de sofrimento não é cruel ou irracional, indigno de um grande Deus; em vez disso, **convinha que aquele, para quem são todas as coisas e mediante quem tudo existe** (10), fizesse assim. O plano da salvação é para a glória do próprio Deus, cuja sabedoria e graça eterna o planejou.

O termo **aflições** (no plural) sugere que o Calvário não se refere apenas ao único ato da crucificação mas às muitas formas de sofrimento que pertencem ao homem como homem, e às inúmeras aflições que nosso Senhor conheceu desde a manjedoura até a cruz.

Sua realeza conosco é dupla: *a*) Somos santificados por Ele e, desta forma, feitos à sua semelhança, e conduzidos a uma unidade e comunhão maravilhosa baseadas na semelhança moral. *b*) **Porque, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um** (11); i.e., eles têm um Pai. Jesus, o Deus-homem, pela encarnação, agora compartilha com o homem a paternidade de Deus como Criador; ao santificar seus próprios discípulos, Ele compartilha com eles a santidade do Pai. Uma semelhança familiar é, por meio disso, estabelecida. Esta semelhança com Deus por intermédio da santificação é o significado mais profundo da filiação no NT. Por causa desta semelhança familiar estabelecida *a*) pela sua própria participação na natureza *humana* e *b*) pelo seu partilhar da natureza *santa*, Ele **não se envergonha de lhes chamar irmãos**.¹⁹

Para provar esta afirmação, o autor cita Salmos 22.22 e retira duas breves frases de Isaías 8.17-18.²⁰ Então segue a conclusão: Visto que os “filhos” e os “irmãos” **participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas** (14). A palavra **participam** (perfeito de *koinoneo*, “ter em comum”) é clara e forte, significando que os irmãos são participantes mútuos e companheiros no sofrimento de sua situação humana; seria, portanto, inconcebível para o seu Príncipe ser uma criatura sobre-humana e distante, desligada da estrutura humana e não envolvido na agonia da vida.

b) **O propósito da sua morte** (2.14b,15). O Logos tornou-se homem para que pudesse morrer; Ele morreu para que pudesse aniquilar **o que tinha o império da morte, isto é, o diabo** (14). Foi *por meio* da sua morte (*dia* com o genitivo) que Jesus foi habilitado a destruir o Diabo. Sua morte não foi casual, mas indispensável e dinâmica. As duas perguntas surgem ao mesmo tempo.

(1) Em que sentido Satanás detinha **o império da morte**? Hebreus deixa claro que a morte de Jesus não tinha que ver somente com o homem e seu pecado mas com Satanás e seu poder. Satanás não era para ser visto como um símbolo mitológico do mal, mas como uma pessoa com poder e autoridade, cujo reino das trevas competitivo estava profundamente envolvido no caos primitivo, na situação desagradável do homem, e, portanto, no propósito da encarnação e crucificação.²¹

É difícil determinar até que ponto Satanás detinha poder sobre a morte. Isso deve ter incluído a morte do homem (v. 15) e está claro que este poder tem um final terrível e inescapável à parte da morte conquistadora de Cristo. A identificação cuidadosa desta pessoa como *diabolos*, o Acusador, pode sugerir que, como promotor, ele tinha o direito legal de exigir a morte como castigo pelo pecado do homem. Devemos lembrar que Deus e Satanás são governantes oponentes na luta pela vida e morte, e que o pecado do homem deu a Satanás uma vantagem real. Esta vantagem pode ter sido uma exigência para que o castigo pelo pecado divinamente ameaçador fosse exigido por completo. Mas exigí-lo por completo seria um fracasso ignominioso com a raça humana; ao passo que falhar em exigir o castigo da morte por completo seria uma rendição da integridade santa de Deus em virtude de uma palavra quebrada (1 Co 15.56). O pecado do homem colocava seu Criador numa situação embaraçosa e dava a Satanás uma base legal para pressionar o direito do fracasso, ou em relação ao homem ou em relação à integridade de Deus. Satanás não percebe uma terceira alternativa, mas exulta porque qualquer uma das duas situações embaraçosas vai trazer desonra para Deus diante dos anjos e demônios.

Outros vêem o poder da morte de Satanás não como o poder de um promotor que acredita que defende uma causa imbatível, mas como o poder legal de um executor; i.e., Satanás obteve de maneira legal o direito de matar. Eric Sauer vê a queda de Satanás como a origem da morte e a explicação da introdução da morte na ordem natural do mundo, muito antes da criação do homem. Neste ponto de vista, o pecado do homem trouxe a raça humana para debaixo do poder da morte de Satanás. Guerras, fome e pragas poderiam estar entre os artifícios de Satanás para destruir.

(2) Em que sentido o Acusador foi “destruído” por meio da morte de Jesus? A palavra vem de *katargeo*, “anular, libertar”. Satanás não foi aniquilado, mas seu poder foi quebrado e cancelado legalmente, de uma maneira completa e final (*aoristo* do subjuntivo). Havia uma terceira alternativa para esta situação embaraçosa que Satanás não conseguiu prever. A encarnação seduziu Satanás a derrotar-se com a sua própria arma. Ao matar Jesus, ele perdeu seus direitos legais, porque matou Aquele que não havia pecado! E por meio da ressurreição, o poder da morte foi terminantemente quebrado. Se Adão deu a Satanás a vantagem na batalha cósmica, Cristo desfez esta vantagem, e a vantagem voltou de uma vez por todas para Deus. Se Adão vendeu a raça humana como escrava a Satanás, Cristo a comprou. Reconhecidamente, isto tem que ver com a teoria da redenção, descartada há muito tempo pela Igreja como fantasiosa e primitiva. Mas algumas dessas idéias aparecem de maneira inequívoca nesta passagem das Escrituras — e em diversos textos em todo o NT.

Mas no versículo 15 encontramos a segunda metade da cláusula *hina* (**com medo da morte**). Cristo morreu não só para que o Diabo fosse destruído, mas para que **livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão**. Gramaticalmente, estes dois propósitos estão coordenados, mas na experiência humana o **medo da morte** do homem deve ser relacionado com o **império da morte** de Satanás; portanto, a destruição do poder de Satanás seria em si mesmo o motivo — ou pelo menos um motivo parcial — para a libertação das vítimas de Satanás. É uma libertação completa da servidão que era resultado do seu vitalício **medo da morte**. Este é um tipo de escravidão deplorável, um terrível medo de morrer, que algema toda a raça humana. A **servidão** é quebrada pela libertação do **medo**. Os crentes em Jesus sabem que a morte foi conquistada pela própria morte e ressurreição de Cristo. Por isto, *a*) “o aguilhão da morte”, que é o “pecado” (1 Co 15.56), foi removido pela expiação; portanto, a base da acusação de Satanás foi cancelada (Ap 12.10-11), e o julgamento após a morte não precisa ser temido. *b*) A ressurreição de Cristo garante a ressurreição dos crentes em Cristo; conseqüentemente, uma esperança confiante e alegre desaloja o presságio tenebroso do domínio de Satanás. Portanto, eles não precisam mais viver com medo de Satanás. *c*) O poder da morte foi tirado de Satanás para que não pudesse matá-los antes da sua hora. Hoje, os crentes em Cristo vivem na certeza de que suas vidas estão nas mãos de Deus.

c) Um sacerdócio pleno (2. 16-18). A Encarnação foi necessária, não só para que Jesus fosse aperfeiçoado pelo sofrimento e morte como Salvador, mas para que também fosse aperfeiçoado como Sumo Sacerdote. Como Salvador, Ele liberta do poder de Satanás; como Sumo Sacerdote, ele liberta da justa condenação de Deus. Os mesmos passos na argumentação usada nos versículos 9-15 são agora retomados, mas de forma resumida. Primeiro, sua humanidade é reafirmada, desta vez especificamente como

israelita. **Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão** (16). Se Ele tivesse sido um anjo não poderia ter realizado o tipo de ministério sacerdotal descrito em Hebreus. A humanidade universal sozinha também não teria sido suficiente; Ele precisava ser hebreu. Jesus era alguém da sua própria raça. **Pelo que** (17), i.e., por essa razão, era apropriado que **fosse semelhante aos irmãos** em todas as coisas. Teria sido incongruente para Ele ter descido do céu como o Leão da tribo de Judá, em pleno esplendor messiânico, como alguns judeus imaginavam. Este tipo de pessoa estaria afastado demais dos israelitas e seus pecados e necessidades para poder ajudá-los de forma sacerdotal. Somente alguém semelhante a eles, que compartilhasse plenamente dos seus sofrimentos, poderia tornar-se um **misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus**.

Há dois aspectos do ministério sacerdotal de Cristo: o divino e o humano, o propiciatório e o pastoral.

(1) *O propiciatório* (2.17c). Uma das tarefas principais do sumo sacerdote é propiciar o santo Deus ao lidar honesta e adequadamente com o problema do pecado. Nenhuma adoração que ignora o pecado é aceitável. A mancha da alta traição deve ser removida antes que a comunhão e a fraternidade possam ser estabelecidas entre o Soberano e seus subordinados. Este é o ofício do Mediador — representar Deus diante do traidor que está voltando e o traidor diante de Deus, e executar as condições de perdão especificadas pelo Soberano. Este certamente era um conceito familiar para os Hebreus, embora continue sendo um conceito de difícil compreensão para as mentes ocidentais. Este Mediador entre Deus e o homem é Jesus. Seu primeiro ofício como um Sacerdote misericordioso e fiel é **expiar os pecados do povo**. A palavra **expiar** (“reconciliação” na KJV), *hilaskesthai*, neste caso significa satisfazer pessoalmente as exigências justas em favor de outra pessoa. Deus é propiciado (satisfeito) por esta expiação; portanto uma reconciliação pode estar baseada nela. Não é uma expiação das pessoas mas dos pecados das pessoas. É, portanto, uma anulação ou perdão dos pecados, e os pecadores são conseqüentemente libertos da culpa e da condenação. Esta é uma referência clara à função justificadora do sacerdote e não ao ministério de santificação. **O povo** forma o grupo de adoradores, não os descrentes ou os impenitentes; **pecados** são todas as violações, conhecidas ou desconhecidas.

(2) *O pastoral* (2.18). A conjunção coordenativa **Porque** (*gar*) volta ao aspecto da semelhança do nosso Senhor com os seus irmãos (v. 17). Pois Ele não é apenas apto como Sumo Sacerdote para expiar pecados, mas para **socorrer aos que são tentados**, pois Ele mesmo padeceu, **sendo tentado**. O autor continua vindicando o plano divino que requer um Messias sofredor. Jesus sofreu, como homem, todas as vicissitudes da vida. Ele não só sofreu a terrível experiência da morte, mas também a luta de um ser moral. Ele enfrentou a tentação e suas lutas ferozes bem como os contratempos da vida e a dor da morte. Ele lutou na arena moral da humanidade. E suas batalhas não foram falsas. Ele não estava lutando com um pugilista contratado para treinar. **Sendo tentado, padeceu**. E isto fazia parte do seu aperfeiçoamento como Príncipe e Sacerdote — porque como poderia um Sacerdote realmente compartilhar dos sentimentos do seres humanos se não tivesse passado pelas mesmas coisas que eles passaram? Mas visto que entende por ter passado pela experiência, Ele **pode socorrer** — i.e., ajudar aqueles que clamam por socorro (cf. 13.6; também Mt 15.25; Mc 9.22, 24; At 16.9; 21.28; 2 Co 6.2; Ap 12.16).

C. MAIOR DO QUE MOISÉS, 3.1-19

O autor demonstrou tanto a divindade quanto a humanidade do Messias e toda a adequação do seu sofrimento e morte. **Pelo que** (Em vista disso), ele agora desafia seus **irmãos santos**, que participam com ele na **vocação celestial**, a considerar cuidadosamente o **apóstolo e sumo sacerdote** da sua **confissão, Jesus Cristo** (1).²² Esta comparação não é feita em relação aos anjos, Adão ou Abraão, mas em relação a Moisés. A voz de Moisés havia se tornado virtualmente a voz de Deus no pensamento hebraico. Um apelo a Moisés respondia a todas as perguntas. A transferência de fé e lealdade de Moisés para o Homem da Galiléia era muito difícil, e a pressão para retornar a Moisés era constante.

Os devotos de Moisés podiam apontar para os milagres no Egito, os acontecimentos poderosos no Sinai e a saída da nação da terra do Egito. Os discípulos de Jesus podiam apontar somente para os milagres locais em indivíduos e um pequeno bando de seguidores desprezados. Moisés morreu com dignidade no topo de um monte e foi enterrado pelos anjos (Dt 34.9; Jd 9); Jesus passou por uma morte pública desonrosa e cruel nas mãos dos seus inimigos. Os discípulos de Jesus se apegaram à sua ressurreição e à promessa da glória futura — uma promessa que até então não mostrava sinais de materialização. E a ressurreição era prova de superioridade somente para aqueles que criam nela. Na tentativa de provar que Jesus é maior que Moisés, precisamos observar que a ressurreição não faz parte da argumentação. Em vez disso, o argumento está baseado somente na identidade, já vista nas Escrituras do AT, de que Jesus é o divino Filho de Deus.²³ Mas, independentemente da abordagem, o autor é verdadeiramente paulino em sua explanação de como Cristo ofuscou completamente a Moisés. A pergunta da perpetuidade da autoridade de Moisés surgiu muito cedo na Igreja, mesmo em Jerusalém, e a primeira grande assembléia foi convocada para resolver esta questão (At 15). Na sua firme oposição à tendência dos judaizantes de tornar o cristianismo uma forma de judaísmo, Paulo e o escritor aos Hebreus, se não são a mesma pessoa, tinham ao menos a mesma opinião.

1. A Base da Superioridade de Cristo (3.2-6a)

a) *Uma nomeação superior* (3.2). A ênfase neste versículo não deveria ser colocada no fato de que Jesus foi **fiel**, mas no fato de que Deus **o constituiu**, i.e., o tinha “constituído” Apóstolo e Sacerdote do programa redentor. **Moisés** também foi **fiel** em **toda a sua casa** (casa de Deus, não a de Moisés — veja Números 12.7), mas sua constituição foi para um ofício inferior na economia divina. No que diz respeito à *fidelidade*, Hebreus concede honra igual a Moisés, mas isso não ocorre em relação à *posição* ou *função*.

b) *Uma dignidade superior* (3.2-6a). A constituição de Cristo como Apóstolo e Sumo Sacerdote foi justificada pela identidade da sua pessoa: seu relacionamento com a casa de Deus era a de um Edificador, não de administrador; e por “edificador” entende-se não somente o contratante ou operário, mas o *autor*, aquele que provê a casa, como dono, arquiteto, investidor, construtor e fornecedor, tudo em uma única pessoa. Portanto, Jesus é intrinsecamente **tido por digno de tanto maior glória do que Moisés**, exatamente da mesma maneira e com o mesmo grau **quanto maior honra** (maior dignidade) **do que a casa tem aquele que a edificou** (3).

Nos versículos 4-6a, o autor inspirado expressa clara e corajosamente o que acabou de concluir. A comparação entre Jesus e Moisés não é somente de Edificador e casa, mas de Filho e servo. Ele se move em direção a este clímax ao lembrar que **toda casa é edificada por alguém**, e o Autor de **todas as coisas é Deus** (4), que certamente incluiria a casa particular da qual está falando. Mas nesta **casa** de redenção, **Moisés foi fiel [...] como servo** (5), enquanto **Cristo, como Filho**, foi fiel **sobre a sua própria casa** (6a). Além do mais, como servo, Moisés era meramente “um escrevente para testemunho das coisas que seriam faladas” (Mueller). Ele foi um humilde servo cuja tarefa era registrar o que Deus fez e disse. Em forte contraste com ele, Jesus foi fiel **como Filho, sobre a sua própria casa**. Em outras palavras, a casa na qual Moisés trabalhou era de Cristo, que significa que Moisés era um servo humilde e temporário sob a autoridade de Jesus, Aquele de quem os cristãos hebreus estavam tentados a se envergonhar!

Esta era uma reivindicação radical e firme do cristianismo autêntico. Se os cristãos hebreus realmente conseguissem enxergar isso, o poder quase hipnótico de Moisés sobre suas mentes seria quebrado para sempre. O culto a Moisés já não teria mais o mesmo fascínio. Moisés tinha cumprido sua tarefa e falecido; o Filho não era para uma geração, mas governaria a casa de Deus para sempre. E essa grandeza suprema e superioridade incomparável de Jesus seriam irrefutáveis, se o autor, de fato, tivesse demonstrado de maneira bem-sucedida que o Servo Sofredor de Isaías e o Filho Conquistador eram o mesmo Messias, Jesus. Visto que seus argumentos estavam baseados nas suas próprias Escrituras, e particularmente na Septuaginta, com a qual estavam familiarizados, eles devem ter sentido o peso esmagador da causa dele. Certamente, seus corações começaram a se aquecer e se encher de uma alegria contagiante a respeito do Homem Jesus Cristo.

2. Os Termos Inferidos da Segurança do Cristão (3.6b-19)

Mas a epístola aos Hebreus não toma este avivamento como certo. Em vez disso, o autor inicia uma longa aplicação e exortação que se estendem até o final do capítulo 4. Na superioridade de Jesus sobre Moisés há importantes implicações. A principal delas é que a medida desta superioridade é a medida do perigo da apostasia para com Cristo. Fundamentalmente, o raciocínio é o mesmo usado em 2.2-4 em relação ao perigo comparativo de rejeitar a palavra falada pelos anjos e a palavra do evangelho. Se a rejeição de Moisés pelos israelitas no deserto resultou na morte deles, apesar do livramento miraculoso do Egito, quanto mais certa será a morte final e eterna daqueles que permitem que a infecção da descrença tome conta depois de terem sido unidos com Cristo!

Esta transição repentina do argumento construtivo para a aplicação pessoal ocorre nitidamente na segunda cláusula do versículo 6: **a qual casa somos nós**. A declaração de um fato central importantíssimo é seguida de uma advertência (vv. 6c-11), e esta advertência é seguida de uma exortação fervorosa (vv. 12-19).

a) *Uma declaração do fato* (3.6b). Há uma clara continuidade entre a casa na qual Moisés participou e a casa atual de Cristo. Ela é constituída de pessoas, não de tijolos e argamassa — **a qual casa somos nós** — que significa que é o lar do povo de Deus em todas as épocas. O relacionamento de Cristo como *Cabeça* não é novo; mas sua *revelação* como Cabeça é um elemento novo. Essa casa nunca foi a de Moisés, mas sempre foi e sempre será a casa de Cristo.

Houve um tempo quando a casa podia olhar legitimamente para Moisés como representante temporário e administrador principal de Cristo; mas agora que Cristo foi revelado, esse tempo passou para sempre. Cristo foi revelado abertamente como Cabeça; portanto, doravante, todos os olhos devem estar voltados para Ele.

O termo **casa** não pode ser diluído para incluir “mercenários” ou partidários não regenerados da fé. Seu significado é semelhante à Igreja como corpo de Cristo e, em certo sentido, ao Reino; mas suas notas centrais são *família* e *governo*. É a família — ou *nova raça* — do povo de Deus governado por Deus, o Pai, e Cristo, o Filho. Não é possível simplesmente aderir a ela, mas é possível nascer nela por meio de um segundo nascimento (cf. Gl 6.10; Ef 2.19; 1 Pe 2.1-10). A declaração **a qual casa somos nós** claramente reconhece o estado regenerado dos hebreus, os destinatários desta epístola.

b) *Uma advertência quanto ao perigo da perda* (3.6c). Ser membro da casa de Cristo não é incondicionalmente seguro. A contingência é expressa pelo **se** (*ean*) com um verbo do subjuntivo. Isso significa que, embora a advertência seja dada de forma esperançosa, ela é dada com muita seriedade por causa da real possibilidade de não permanecerem firmes. Se não permanecerem firmes, seu lugar na casa de Deus poderá ser perdido. Nenhum malabarismo de palavras pode ofuscar a força dessa conjunção **se**.²⁴ O verbo é forte (*kataschomen* — manter sob sujeição) e significa apegar-se firmemente, apossar-se de forma completa e segura (cf. 3.14; 10.23). Apegar-se de maneira superficial e descuidada não será o suficiente.

Mas o que deve ser conservado de maneira tão firme? **A confiança e a glória da esperança**. Estas são palavras que expressam segurança positiva e esperança exultante. A primeira, **confiança** (*parresian*), significa liberdade e coragem no falar (cf. 4.16; 10.19), indicando o entusiasmo aberto e imperturbável a respeito de Jesus, com a prontidão para declarar a nossa fé. A boca fechada é o sinal de um coração temeroso. O segundo elemento essencial da nossa fé que dá testemunho da sua vitalidade, que devemos conservar firmes, é **glória** (“exultação”, ARA - *kauchema*), uma exultação jovial na esperança cristã, quase um orgulho santo nas promessas do Senhor. Está claro que a segurança não se encontra na experiência passada, mas na vitória presente, não em uma fé vacilante, mas em uma fé triunfante, não em apegar-se de maneira inflexível e mal-humorada à fé cristã, mas em uma posse vibrante que está na ofensiva em vez de na defensiva. Não há segurança nem satisfação em um cristianismo tímido e inseguro.

Até quando, pois, devemos manter uma fé viva e dinâmica? Firmes **até o fim** da nossa provação terrena — sem vacilar ou relaxar.

c) *Uma admoestação à fidelidade* (3.7-19). Parece difícil descobrir o equilíbrio deste capítulo. Superficialmente, parece que ocorre uma repetição desnecessária. A natureza condicional da nossa participação em Cristo é citada duas vezes neste capítulo (vv. 6 e 14), seguida pela mesma passagem do AT (SI 95.7-11). No primeiro uso, toda a passagem é citada e torna-se a base para a aplicação pessoal imediata (vv. 12-13). Na segunda vez, somente a idéia essencial é citada; então os elementos tipológicos do acontecimento do AT (aos quais o Espírito Santo se refere por intermédio do salmista) são dissecados e o paralelo central do *descanso perdido pela descrença* é ressaltado. Nestas duas divisões, descobrimos um crescendo em ênfase e, no segundo, um avanço em idéias que levam diretamente ao clímax do capítulo 4. Tudo isso torna a repetição significativa.

(1) *A advertência inspirada e sua relevância oportuna* (3.7-13). **Portanto** (7) — por causa do elemento de contingência no seu relacionamento com Cristo — os **irmãos** são estimulados a tomar cuidado (v. 12). A palavra **portanto** introduz a admoestação dos versículos 12-13, não a citação do Salmo 95; por isso a KJV coloca a citação em parênteses. É o caso de um pregador introduzindo uma passagem relevante das Escrituras em seu sermão como um trampolim para sua aplicação solene e apelo. **Como diz o Espírito Santo** (7) — observe a importante doutrina da inspiração inferida aqui. O autor não está sozinho em declarar seu perigo, porque o Espírito Santo já deu a advertência exata nas Escrituras dos leitores. Não era somente para aquela geração, porque seu princípio é eterno. Quando Deus fala, os homens são livres para obedecer ou endurecer o coração; quando endurecem o coração, Deus os rejeita e eles perdem sua oportunidade. Os cristãos hebreus estão sendo lembrados que em sua própria história nacional há uma triste demonstração deste princípio. A NVI traduz todo texto da seguinte maneira:

*Hoje, se vocês ouvirem a sua voz,
não endureçam o coração, como na rebelião,
durante o tempo da provação no deserto,
onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me à prova,
apesar de, durante quarenta anos, terem visto o que eu fiz.
Por isso fiquei irado contra aquela geração
e disse: O seu coração está sempre se desviando,
e eles não reconheceram os meus caminhos.
Assim jurei na minha ira:
Jamais entrarão no meu descanso.*

A essência desta passagem é: “Vocês honram Moisés. Não esqueçam que seus pais também honraram Moisés e, no início, o seguiram, e com ele foram receptores do favor divino. Mas seus pais se afastaram de Moisés. Ao se afastar dele estavam se afastando de Deus; por isso, Deus os rejeitou e os seus ossos foram espalhados no deserto. Aqueles que iniciaram sua caminhada para Canaã nunca chegaram ao seu destino. Agora vocês estão correndo o risco de repetir o pecado deles. Vocês seguiram a Jesus — mas agora são tentados a rebelar-se. Se o fizerem estarão rejeitando a Deus e Deus também os rejeitará; seu lugar na casa de Cristo será perdido”.

Com este tipo de texto diante deles, os Hebreus não poderiam deixar de reconhecer a seriedade do seu apelo: **Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo** (12). A necessidade de vigilância e diligência constantes é, em diversas formas, um tema recorrente nesta epístola (2.1; 4.1, 11; 6.11,12; 10.23-25, 36-39; 12.1-3, 12-17). A advertência aqui não é uma acusação; o texto não diz que eles *têm* **um coração mau e infiel**, mas a recomendação é que estejam vigilantes para não permitir que no futuro venham a possuir **um coração mau** (futuro do verbo “ser/estar”, o termo grego *estai*). A palavra **infiel** (*apistias* — substantivo no texto grego) significa falta de confiança e convicção; aqui ela é usada como adjetivo (como se encontra na ARC). Mesmo que não se escolha de forma deliberada, **um coração mau** é um estado de dúvida descuidadamente tolerado. Este tipo de coração fica disposto, mesmo que inconscientemente, para todas as formas de mal. A

construção peculiar do grego da frase **para se apartar do Deus vivo** poderia sugerir o seguinte: o coração se torna mau e cheio de incredulidade quando começamos a “ficar distantes” de Cristo (NT Ampl.). A ausência do artigo (gr., *um Deus vivo*, não *o* ou *do*) poderia significar que o autor está buscando contrastar Cristo e Moisés. Se ficar distante de Moisés, que era meramente homem, era algo tão sério em suas conseqüências, quanto mais sério seria ficar afastado de Cristo, que é o Deus vivo. Isto certamente resultaria em um **coração mau!**

Uma forma de impedir este tipo de situação seria exortar **uns aos outros todos os dias** (13). A melhor defesa é o ataque, e a melhor maneira de preservar nossa própria alma é estar alerta à batalha espiritual dos outros. Um forte sentimento de responsabilidade de grupo é a marca de uma igreja saudável. Cristãos são como carvão: juntos alimentam o fogo um do outro e geram grande calor; separados, logo esfriam e apagam. Mas isto não se refere ao mero “encontro social”, para comer e se divertir. Deveria haver um profundo tom de devoção e preocupação mútua permeando cada encontro de cristãos, mesmo os chamados “encontros sociais”. Quando os cristãos se reúnem, eles podem fortalecer-se mutuamente. Eles deveriam preocupar-se para que em cada momento de comunhão, quer à mesa, durante a recreação ou em grupos caseiros, algo seja incluído que fomenta o zelo espiritual e o propósito santo.

O autor vê grande significado na frase: **durante o tempo que se chama Hoje**. Ele volta a citá-la na sua exegese do versículo 15 e em 4.7. Ele, evidentemente, entende **Hoje** como sendo o “dia da oportunidade” — um período de provação — para a decisão moral, que Deus deu aos israelitas sob a liderança de Moisés e que agora oferece em Cristo. Ele está dizendo aos Hebreus: os dados ainda não foram jogados. Enquanto a porta estiver aberta e as opções da intervenção moral ainda estiverem favoráveis, **exortai-vos uns aos outros todos os dias**, porque virá o tempo quando o **Hoje** terá passado para sempre.

O perigo que esta exortação diária procura afastar é que nenhum deles **se endureça pelo engano do pecado**. Este endurecimento é uma obstinação, uma disposição de ânimo teimosa, que está bem próxima de cada cristão que permite, por meio de um coração duvidoso, afastar-se da lealdade e amor pessoal a Jesus. É muito sério pensar que o coração humano, mesmo o coração que foi cristão, pode endurecer-se como cimento e perder toda a sua maleabilidade. O perigo é agravado pelo fato de o estrago ser feito pela ilusão do pecado. Pecado que é visto como pecado pode e vai mais prontamente ser evitado. Mas quando é disfarçado como algo aparentemente bom, o processo de endurecimento ocorre de maneira despercebida. Somente a vigilância perspicaz que está plenamente consciente da aparência enganosa do pecado pode impedir este endurecimento gradual do coração.

Não está claro se o artigo *o* diante da palavra **pecado** (*hamartias*) é significativo para a exegese. Se este não é o caso, o autor pensa no pecado de maneira abstrata; i.e., o pecado pela sua natureza é ilusório e aquele que permite que ele ocorra, de qualquer forma, sofrerá as conseqüências. Mas, se o artigo visa a indicar algum pecado específico, a exposição pode incluir as seguintes possibilidades: *a*) O autor pode estar se referindo ao pecado inato ou inerente, que torna todo crente parcialmente santificado propenso a ser levado pela correnteza. Isto pode ser neutralizado somente pela diligência vigorosa e erradicado por meio de uma santificação completa. Ou, *b*) ele pode estar se referindo ao pecado da incredulidade, manifestado pela tendência deles de serem frios em relação a

Jesus Cristo. Este parece ser o seu pecado insistente (12.1). Sua ilusão reside no fato de que isto aparenta simplesmente a adoção de uma atitude cautelosa e sensível. Ou, c) pode ser que o autor esteja usando o termo, não tecnicamente, mas em seu sentido etimológico mais simples, ou seja, *não alcançar o alvo*. Neste caso, o autor os está advertindo para exortarem-se mutuamente para manter uma devoção incansável, para que não sejam enganados por este falso sentido de segurança que o “não alcançar o alvo” gera. Neste caso, o endurecimento fatal é a consequência inevitável.

(2) *Segurança condicional e seu tipo histórico* (3.14-19). No versículo 14, o argumento circular volta ao seu ponto de partida. **Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim.** Encontramos novamente o gigante **se**, desta vez com maior ênfase e palavras mais fortes. Não é mais *ean*, mas *eanper*, significando *se de fato* ou *absolutamente se* mantivermos nossa confiança. No versículo 6, os leitores cristãos são nomeados membros da casa de Cristo; desta vez, isto é mencionado de maneira clara como a participação do próprio Cristo: **participantes de Cristo** (*metochoi [...] tou Christou*). Para entender a força desta palavra observe como o autor a usa em outras partes desta epístola: “óleo de alegria, mais do que a teus companheiros” (1.9); “irmãos santos, participantes da vocação celestial” (3.1); “e se fizeram participantes do Espírito Santo” (6.4); “se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos” (12.8). Não há como essa palavra ser honestamente interpretada como uma adesão nominal ou uma confissão meramente superficial!

A palavra **tornamos** associada com **o princípio da nossa confiança** é marcante. A primeira palavra é *ginomai*, “tornar-se”, no tempo perfeito, indicando um estado presente com base em uma ação passada mas sustentada. Nosso estado de salvação, fundamentado em nossa conversão passada, é sustentado no presente somente se nossa confiança é mantida clara até o fim da vida cristã. No início, a salvação era fervorosa, comprometida e clara. Se isto não for mantido, a nossa participação em Cristo também não será sustentada (Ap 2.4,5).

O autor já chamou atenção à “folha clínica” número um desta deserção e perda na história nacional deles. Agora ele repete a sentença crucial: **Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provocação** (15). A palavra **enquanto** deveria estar associada à frase **até ao fim** do versículo anterior. Enquanto Deus falar **Hoje**, nossa responsabilidade persiste. O final ocorrerá quando a provação terminar, e já não é mais o **Hoje** da salvação oferecida por Deus. Cada vez que Deus fala, em qualquer momento da nossa vida cristã, o perigo de endurecer o coração ao fechar nossos ouvidos está presente. Em cada uma dessas crises, uma nova decisão moral é tomada: ou nós rendemos o nosso coração a Cristo ou o endurecemos.

“Não endureçais o vosso coração como seus pais fizeram **na provocação**”. Independentemente do número de ocasiões anteriores em entristecer a Deus, a **provocação** específica que o autor tem em mente é a recusa dos israelitas de entrar na terra de Canaã em Cades-Barnéia (Nm 13—14). Nos próximos versículos, por intermédio de uma série de perguntas dramáticas, a possibilidade de apostasia é estabelecida e a responsabilidade determinada de modo justo.

A ARC deixa escapar a importância interrogativa do versículo 16 e, desta forma, altera o significado. O NT Amplificado traduz de forma mais correta este texto: “Quem

foram os que ouviram e mesmo assim foram rebeldes e [O] provocaram? Não foram todos os que saíram do Egito por meio de Moisés?” Eles começaram bem, mas não terminaram bem. É possível ser um beneficiário da graça de Deus e um destinatário da sua promessa, mas no final ser completamente rejeitado. Por que essa ênfase ao escrever aos cristãos? Porque os mesmos princípios da equidade divina que eram operativos naquela época valem para nós hoje, os princípios valem tanto para os cristãos como para os judeus do AT. Vamos identificar estes princípios com mais precisão. **Mas com quem se indignou por quarenta anos? Não foi, porventura, com os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto?** (17). Os julgamentos de Deus não são caprichosos. Ele estava indignado, não com os inocentes, mas com os culpados. Estes, cujos corpos estavam espalhados pelo deserto, não eram peregrinos desventurados que erraram o caminho por engano; eles eram pecadores. Neste caso, a natureza do seu pecado não deixa dúvidas. Exteriormente, seu pecado era a recusa deliberada de entrar na terra de Canaã. Interiormente, era a descrença. **E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes?** (18). Agora observe a sua conclusão: **E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade** (19) — não porque Deus estava indisposto a deixá-los entrar, ou porque era incapaz de levá-los para dentro, mas porque a própria descrença deles os excluía. O tipo de descrença que é tão fatal está claramente indicado no versículo 18: **aos que foram desobedientes**. O verbo é *apeitheo* (a mais *peitho*, “persuadir”) e significa uma recusa deliberada de permitir ser persuadido; recusar-se a crer, e ao recusar-se a crer, recusar-se a obedecer. O tempo perfeito poderia sugerir um estado determinado de descrença que era resultado de uma decisão maior no passado. Eles não *queriam* entrar, e, como consequência, não *puderam* entrar.

Podemos tirar duas conclusões: Uma é que descrença e desobediência são, na verdade, dois lados da mesma moeda. A outra é que o autor aos Hebreus está traçando uma analogia dupla da história israelita. Em parte ele está mostrando o perigo e a possibilidade de perder a vida eterna em Cristo por causa da apostasia. Mas ele também percebe na terra de Canaã um tipo deste descanso e segurança espiritual que é o chamado de Deus para eles em Cristo, e que eles estão, mesmo agora, correndo o risco de perder por não se esforçarem. A recusa no Cades-Barnéia *deles* será tão desastrosa quanto a recusa dos seus antepassados, na verdade, infinitamente maior. Da mesma forma que a terra de Canaã era um tipo de descanso espiritual, assim a morte física no deserto era um tipo de morte espiritual. É em relação a esse perigo maior de perder sua Canaã, pelo mesmo tipo de descrença que os antigos israelitas perderam a deles, é que o autor se volta agora ao capítulo 4.

D. O DESCANSO NECESSÁRIO, 4.1-16

Este capítulo poderia ser intitulado: “Entrando no seu Descanso”. Este é o tema central do capítulo 4. O termo “descanso” ocorre nove vezes nestes dezesseis versículos, oito vezes como *katapausis* e uma vez como *sabbatismos*. A primeira palavra denota uma paz estabelecida ou um estado de descanso; e a segunda, encontrada somente aqui no NT, significa “repouso sabático”. Este termo “entrar”, nas suas várias formas, é encontrado oito vezes neste capítulo, todos em conexão com “descanso”.

Este **repouso para o povo de Deus** (9) freqüentemente é entendido como uma segunda obra da graça. Entre os *Quacres* a terminologia de Hebreus tem sido mantida e forma a base para a estrofe de Philip Doddridge:

*Agora descanse, meu coração dividido há tanto tempo;
Fixado neste centro ditoso, descanse;
Nunca se afastando do seu Senhor,
Com Ele refletindo todo o bem.*

Entre os wesleyanos, a terminologia paulina de santificação completa é comum. A urgência da entrada definitiva é ressaltada nos versículos 1, 6, 11 e, em cada caso, a forma é o aoristo infinitivo, que é categórico em importância. Não há sinal de uma entrada gradual ou parcial no repouso ou descanso de Deus. A lição central é que a história está sendo repetida; exatamente onde os israelitas estavam em Cades-Barnéia, estes cristãos Hebreus estão agora, exceto que a situação é mais grave.

1. *Um Perigo Semelhante* (4.1-3)

Por causa do exemplo histórico diante de nós, **Temamos** (“ter um temor ansioso”, Mueller), **pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás** (1). Em relação a este **repouso** uma disposição de ânimo casual, que é indiferente ou demasiadamente otimista, está completamente fora de cogitação. Este é um assunto de vida ou morte, por isso o cristão deveria estar profunda e intensamente preocupado, para que não “fique para trás” (Mueller). Os vagarosos estão em perigo bem como aqueles que rejeitam este repouso por completo.

Que esta promessa é deixada, ou “reservada”, para nós (*kataleipo*, deixar para trás, reservar”; cf. Rm 11.4) é confirmado no versículo 2: **Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles**. Deveria constar literalmente: “Fomos evangelizados da mesma forma — ou tão completamente — quanto eles”. Os israelitas, por meio de Moisés, ouviram as boas-novas da provisão e vontade de Deus para eles. Da mesma maneira, nós ouvimos as boas-novas de Deus por meio de Cristo. **Mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou** — não resultou em um benefício completo e final — não porque não foi pregada de maneira adequada, mas **porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram**. Ouvir a Palavra não é suficiente; ela deve ser crida e obedecida. Não importa a profundidade da fé do pregador, precisa haver fé voluntária no ouvinte. A fé deve estar associada à Palavra como um tipo de agente espiritual catalisador, para que o evangelho traga salvação.

O versículo 3 é obscuro na KJV, no entanto, podemos estar certos de que seu verdadeiro significado o liga de maneira coerente ao pensamento iniciado no versículo 1. A idéia-chave está na expressão “parecem não ter alcançado” (ficar atrás). Novamente o autor está se referindo, por meio de uma breve frase, a Salmos 95.8-11. Ao harmonizar estas idéias aparentemente discrepantes do versículo 3, precisamos observar certos detalhes que ajudarão na compreensão deste texto. A ARC já corrigiu a tradução da KJV de Salmos 95.11, como segue: “Por isso, jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso” (Salmos 95.11). É importante observar que as três cláusulas são coerentes e significativas, somente quando interpretadas à luz não somente do contexto imediato mas do con-

texto de todo o salmo da qual a citação foi tirada. Além do mais, para entender a idéia, é necessário sugerir que o verbo do presente do indicativo da cláusula principal, **nós [...]** **entramos no...** (*eiserchometha*) deveria ter uma construção futura: “entraremos no”.

Quem? **Os que temos crido** (aoristo) entraremos **no repouso**. Nós que confessamos ser cristãos, tendo aceitado Cristo por meio da fé verdadeira, somos qualificados para entrar no repouso que resta para o “povo de Deus” (v. 9), desde que não percamos nossa qualificação ao endurecer os nossos corações. Porque, de acordo com o decreto divino, eles (os resistentes teimosos, os apóstatas) **não entrarão no meu repouso** (3b). Este ultimato, de que os crentes entrarão e os que rejeitam não entrarão, é verdadeiro, **embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo**. Como explica o versículo seguinte, **meu repouso** está relacionado com a cessação das obras criativas de Deus. A referência, deste ponto até a conclusão destas obras, implica que Deus desde o princípio desejou compartilhar seu repouso com o seu povo; mas eles não podem entrar sem a obediência da fé, e enquanto não obedecerem, estão excluídos, não importa quanto tempo Deus tem esperado.

Para percebermos a conexão possível entre esta referência às obras terminadas de Deus e a linha anterior de pensamento precisamos ler o Salmo 95 na sua totalidade. O salmista está exaltando a grandeza de Deus em seu trabalho de criação e desafiando seus ouvintes a adorá-Lo. Mas as obras de Deus não incluem coerção. Suas obras terminadas são evidência suficiente do seu poder para levar seu povo para dentro da Canaã deles. No entanto, isto não deve ser interpretado como garantia que, não importa o que façamos, Ele vai dar um jeito de nos levar até lá. Pelo contrário, esta evidência da grandeza de Deus nos deixa completamente indesculpáveis em nossa descrença temerosa; ela justifica sua ira em declarar que, apesar de tudo o que tem feito até aqui, Ele não nos levará para dentro agora (cf. 1 Co 10.1-12).

Estes parágrafos intensos são uma forte tentativa de chacoalhar os cristãos hebreus em sua falsa segurança, ao mostrar-lhes que não possuem imunidade contra os perigos da cerca espiritual. O Salmo 95 é interpretado como uma advertência direta ao povo de Deus — incluindo os próprios hebreus — contra a rebelião da sua Cades-Barnéia.

2. *Um Repouso Espiritual* (4.4-10)

Ao usar o Salmo 95 como uma advertência contra a confiança falsa, e especialmente contra a rejeição da nova luz, o autor interpreta **meu repouso** como o plano e provisão de Deus para o seu povo. Este é um descanso tipificado por Canaã, e a crise da entrada é tipificada por Cades-Barnéia. As conseqüências desastrosas de fracassar em entrar nesta Canaã foram apresentadas. Agora, nestes próximos versículos, a natureza deste descanso é revelada.

Já temos visto a relevância deste repouso em relação às obras concluídas de Deus no versículo 3. Isto é ampliado imediatamente. O autor cita Gênesis 2.2 (mas, como de costume, sem especificar a referência): **E repousou Deus de todas as suas obras no sétimo dia** (4). De alguma maneira este fato está relacionado com **meu repouso** (5). **Que resta** (6), i.e., para o seu povo entrar.

Visto que a geração dos dias de Moisés perdeu sua chance **por causa da desobediência**, Deus, em sua misericórdia, proclamou mais uma oportunidade por meio de Davi. Há mais um **Hoje**, mesmo **muito tempo depois** (7). O autor vê no Salmo 95

uma profecia especial para a época do evangelho — uma profecia que contém tanto uma promessa quanto uma ameaça.

Também não podia se dizer que o verdadeiro descanso de Deus tinha sido dado por Josué (“Jesus”, na KJV; v. 8) quando levou a próxima geração para a Terra Prometida e os estabeleceu nas suas próprias casas, com suas vinhas e campos. Porque se este **repouso** nacional tivesse sido o que Deus queria, então **não falaria** (Deus, não Josué), **depois disso, de outro dia**. Josué deu aos israelitas descanso de um tipo (Js 22.4), como cumprimento de uma promessa (Dt 31.7); mas este repouso político, civil e material em Canaã não era o repouso — era apenas uma tipificação daquele repouso. **Resta ainda** (ainda a ser experimentado) **um repouso para o povo de Deus** (9). O povo de Deus, no novo **Hoje**, tem a opção de um descanso que ainda não conhece por experiência, mas que pode conhecer — na verdade deve conhecer — ou deixar de ser o povo de Deus.

Observe os três fios que estão entrelaçados aqui. Fio número um: o **repouso** de Deus e **suas obras** acabadas estão relacionados. Fio número dois: o **repouso** de Deus é espiritual em natureza, não nacionalista. Fio número três: o **repouso** está agora disponível neste novo **Hoje**. Mas a KJV deixa escapar o significado deste ponto crítico, porque o grego diz *sabbatismos*, “um repouso sabático” (ou “descanso sabático”, NVI). O restante que permanece é o repouso sabático da alma — certamente não do corpo, porque o trabalho diário continua sendo necessário. E certamente isto não é uma referência ao sétimo dia — o sábado, como os adventistas ensinam. Isto seria uma inversão da tipificação e uma interpretação completamente errada da realidade, semelhantemente aos judeus que não conseguiam enxergar nada além da prosperidade materialista e autonomia política em relação à Terra Santa. O significado está ligado à explanação subsequente: **Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas** (10). Tudo nesta seção tem apontado para esta proposição conclusiva. Isto representa o repouso sabático que é o repouso de Deus restante para o seu povo. Como uma declaração culminante, ela é habilmente devastadora à essência das suas inclinações judaicas. Quer tenha sido Paulo que escreveu esta epístola ou não, nada podia ser mais paulino (cf. Rm 10.1-11; Gl 3.16; 4.9-31; Cl 2.20-23). A tendência muito forte de voltarem para Moisés, ou pelo menos de se ligarem a ele e a Jesus com sujeição compartilhada, era a evidência de uma relutância em abandonar todas as formas de esforço próprio e depender somente da obra terminada de Cristo.

Veja o significado exato. Deus não descontinuou sua obra de providência e redenção, mas apenas a da criação. O crente que desfruta o repouso perfeito também cessou das suas próprias obras de criação, não no sentido natural ou material, mas no sentido espiritual (Jo 6.62-63). Os israelitas de Cades-Barnéia calcularam sua probabilidade de entrar em Canaã à luz dos seus recursos, e, é claro, se desesperaram. Então quando viram seu pecado, “tentaram subir”, mas, novamente baseados em suas próprias forças, e acabaram sendo derrotados pelos amalequitas (Nm 14.40-45). Desta forma, sempre ocorrerá a falência do puramente humano no domínio espiritual. Não pode ser com base em fé e obras. Este é o caminho da ansiedade e frustração — não do repouso. Mas o lugar do “repouso tranquilo, perto do coração de Deus” é o lugar da autocrucificação, da total entrega de si mesmo a Deus, do completo abandono dos nossos esforços vãos ou para criar o Reino de Deus na terra ou para criar santidade em nós mesmos. Não devemos apenas nos submeter, mas confiar. “Solte e entregue-se a Deus”.

3. *Um Dever Imediato* (4.11-16)²⁵

a) *Se uma queda final deve ser evitada* (4.11). Existe um progresso distinto de pensamento em Hebreus, com transições intercaladas, em vez de mudanças abruptas e radicais. Muitas vezes, um versículo de transição está ligado com aquilo que acabou de ser dito, como sua conclusão, e igualmente com a nova idéia que introduz. Além do mais, estes versículos de transição são repetitivos, quase cíclicos, em forma e idéia, ainda que cada um apresente uma idéia-chave sinalizando avanço. Como ocorre no versículo 11: **Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.** Tanto este versículo quanto o versículo 1 falam de entrar no repouso e apresentam uma construção semelhante: **Procuremos** (“Temamos”) [...] **para que** (“pois, que”).²⁶

Mas no versículo 1, a exortação é “temer”, e no versículo 11 é procurar “esforçar-se” (ARA). No versículo 1, a advertência era contra a possibilidade de ficar “para trás”, i.e., contra o perigo da relutância e lentidão espiritual. No versículo 11, a advertência é contra o resultado inevitável e final desta lentidão (cf. 2.3) — uma queda final e irrevogável — tal como aconteceu com os israelitas no deserto. Mueller traduz a última cláusula da seguinte forma: “não cair no mesmo padrão de obstinação”.

Há somente uma maneira de evitar este desastre, isto é, “ser zeloso, empenhar-se e lutar diligentemente” (NT Amplificado). Ninguém flutua indiferentemente para o repouso. Ele deve ser visto como uma esfera indispensável de vivência,²⁷ um ingresso imediato que requer nossa completa concentração.

Pode parecer incongruente ter acabado de definir este repouso como uma cessação das obras (v. 10) e em seguida insistir para entrar por meio do esforço. De que maneira o esforço pode ser o meio para entrar no repouso que é o fim das obras? O NT nos assegura de uma coisa: É impossível que o significado seja que devemos trabalhar duro para assegurar nosso repouso no céu.

Uma resposta é dizer que o arrependimento é o labor espiritual, mas um labor que termina no repouso do perdão e um repouso da escravidão das obras da iniquidade (Mt 11.28). Vamos observar que a consagração — a autocrucificação — também é uma obra (esforço) intensa e árdua, mas que prontamente se torna o repouso do poder da ressurreição espiritual, de habitar em Jesus pelo Espírito Santo, e da libertação da tirania de um ego arrogante e inflexível. É o repouso de um sistema de valores materialistas e escravizantes; um repouso no qual nossas obras, nossa autonomia, nossos direitos, nossos planos e ambições e nossos esforços incansáveis são rendidos de forma determinada e habitual. Esta atitude pode ser tão habitual que a rendição se torna uma disposição de ânimo feliz e segura (Mt 11.29,30).

É importante salientar que o significado primário de *spoudasomen*, seguido de um infinitivo, não significa “esforço” mas “pressa, apressar”, e é usado desta forma em 2 Timóteo 4.9, 21 e Tito 3.12. Embora a idéia de esforço esteja incluída por inferência, o sentido temporal é provavelmente a ênfase pretendida aqui, de acordo com o tom do contexto. Este tom é o mesmo tipo de desafio imediato anunciado em alta voz por Josué e Calebe: “Subamos animosamente e possuamo-la” (Nm 13.30); e é o mesmo tom da urgência intensa e dever imediato que vez após vez caracteriza esta epístola. Aquele que está propenso a esperar até amanhã para entrar no repouso nunca entrará nele.

Em 3.17—4.11, encontramos “O Repouso para o Povo de Deus”: 1) Existe um repouso prometido, 4.9. 2) Devemos fazer um esforço para entrar neste repouso, 4.11. 3) A fé no chamado de Deus é essencial, 4.2. 4) Alguns o deixaram escapar — falharam em entrar nele, 3.17—4.1 (John Knight).

b) *Porque a palavra de Deus continua exigindo resposta* (4.12-13). Estes versículos que falam tão vividamente da penetrante palavra de Deus não se referem primeiramente à palavra escrita na Bíblia (embora a palavra escrita não esteja de forma nenhuma excluída); nem podem ser adequadamente entendidos sem estarem atrelados à discussão anterior, como se constituíssem uma súbita digressão de pensamento. Eles são essenciais para a exortação geral. O autor não quer ser entendido como estando excessivamente preocupado com as ações dos israelitas antigos. O ponto da lição objetiva é que eles estavam “brincando”, não com a palavra de Moisés ou Josué, mas com a **palavra de Deus** (12). Este é precisamente o ponto desta exortação urgente. A palavra de Deus de acordo com Davi, e mais recentemente de acordo com Cristo e os apóstolos, não é uma carta morta, mas **viva**. Ela está em ação neste exato momento. Ela não é como uma linha de energia elétrica velha e obsoleta; ela é viva no momento em que Deus fala. A palavra particular ouvida pelos israelitas era a vontade de Deus para eles a respeito de Canaã, enquanto a palavra particular exigindo a atenção deles é a palavra de Deus a respeito de Jesus e o repouso que Ele deseja que encontrem nele.²⁸ Esta é a palavra que Deus falou ao mundo “nestes últimos dias, pelo Filho” (1.2); é a mensagem do evangelho da salvação eterna por meio de Cristo que Ele falou por intermédio dos ensinamentos do nosso Senhor, dos ensinamentos dos apóstolos e confirmada pela manifestação do seu poder em sinais (2.3-4); esta mensagem do evangelho é a voz predita no Salmo 95 para este novo “Hoje” (3.15; 4.1-2, 7-8). Tudo isto está incluído na “Palavra que Deus fala” (NT Ampl.).

Esta **palavra** divina não está somente viva, mas é **eficaz**, i.e., ativa em convencer, examinar e descobrir. Como uma **espada de dois gumes**, a mensagem do evangelho penetra de tal forma no ouvinte que **alma** e **espírito** são divididos; i.e., nosso eu espiritual é separado do nosso eu alma. Podemos ser religiosos — mas não salvos. Podemos ser sensíveis ao homem, mas insensíveis para com Deus. Uma pessoa pode ser culta e atenta na mente e corpo, mas atrofiada e dormiente no espírito.²⁹ Ela pode conhecer o êxtase estético, mas não a alegria espiritual. O mundo ao redor, com o qual se comunica por meio das janelas da alma, pode ser bastante real, e ainda assim o mundo de Deus e Cristo pode ser muito irreal. O evangelho descobre e chama a nossa atenção para este tipo de entorpecimento.

Este poder cortante e penetrante divide **juntas e medulas**, uma sugestão figurada, possivelmente, indicando que o evangelho nos encontra não só no nível da personalidade, mas no nível do nosso eu invisível. É na medula que doenças do sangue se alojam muito antes que o mecanismo do corpo seja visivelmente afetado. As pessoas caminham eretas, no entanto seus ossos podem estar doentes por dentro, como uma árvore que está em pé até que uma tempestade violenta a derruba até o chão, revelando seu cerne apodrecido. E nessa auto-revelação, o evangelho discerne **os pensamentos e intenções do coração**. Nós separamos as palavras e atos de uma pessoa; o evangelho é como quem discerne (um juiz), examina seus motivos e imaginações secretas e pronuncia a sentença. Na verdade, “não há coisa criada” (Mueller) **encoberta diante dele; todas as coi-**

sas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (13). A expressão **daquele** refere-se Àquele que é o assunto do nosso discurso. Visto que não podemos esconder-nos de Deus, não podemos escapar do nosso Cades-Barnéia. Nosso fracasso em entrar no seu repouso não pode ficar escondido dele, nem mesmo nossas descrenças secretas ou nossos desejos ardentes pelas cebolas e alhos do Egito.

c) *Porque Jesus nos ajudará* (4.14-16). Estes versículos constituem uma continuação do discurso de exortação acerca do repouso e uma recapitulação e resumo dos quatro primeiros capítulos. Vamos primeiro considerar o discurso acerca do repouso.

Tendo chamado a atenção para a penetrante e inescapável luz da Palavra de Deus, o autor agora redireciona a atenção para a necessidade desesperadora de um Sumo Sacerdote — Jesus, o Filho de Deus. O Deus, a respeito de quem ele tem falado, é o mesmo Deus que rejeitou seus pais antigos na sua ira santa; Ele não pode ser menos-prezado e vai igualmente rejeitá-los. Portanto, eles deveriam estar alegres pelo seu Sumo Sacerdote, e rapidamente refugiar-se nele. A terrível e incriminadora revelação do seu coração pela Palavra de Deus é motivo de medo, mas o ministério sumo sacerdotal de Jesus é motivo de esperança. Portanto, **retenhamos firmemente a nossa confissão** (14). Vamos nos apegar à nossa fé pessoal e à confissão pública de Jesus como nosso Salvador. **Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas** (15). Literalmente, Jesus pode “sentir as nossas debilidades” (Mueller).³⁰ A palavra **fraquezas** (*astheneiais*) tem uma conotação moral em Hebreus (cf. 5.2) e significa não apenas fraqueza física ou uma limitação humana, mas uma fraqueza consciente e instável na tentação. Nosso Senhor também nos entende nesta fraqueza, porque, **como nós, em tudo foi tentado**. Visto que foi tentado como nós, Ele sabe por experiência o que significa para nós ser tentado. Ele não foi tentado em todas as particularidades ou em cada situação possível; e.g., Ele não foi tentado como marido, ou pai, ou dono de uma propriedade, ou empregador, ou soldado, porque não exerceu nenhuma dessas funções. Mas Ele foi tentado em três áreas básicas da suscetibilidade humana: corpo, alma e espírito. Jesus conhecia a tentação no campo do *apetite do corpo*, no campo dos *relacionamentos humanos* e no campo dos *relacionamentos espirituais*. Eu — os outros — Deus: Ele foi tentado nestes três pontos. O que deveria governá-lo? Seu desejo por pão? Seu desejo por aceitação? Seu desejo por poder? Ou sua lealdade a Deus? Estas são perguntas fundamentais da vida que cada pessoa deve responder. Certamente, nestes aspectos básicos as tentações do Senhor eram exatamente iguais (*kath homoioteta*) às nossas.

Mas **sem pecado**. Embora seja perfeitamente verdadeiro que Jesus não enfrentou a tentação com a desvantagem do pecado original, esta não é a idéia aqui. O que o autor de Hebreus ressalta neste texto é que Jesus não cedeu uma única vez à tentação. Ele foi perfeitamente triunfante. Se não fosse tentado como nós, não poderia compreender os nossos sentimentos em nossas muitas tentações; por outro lado, se não tivesse sido perfeitamente vitorioso, não poderia ajudar-nos, mas necessitaria Ele próprio de ajuda.

Parece que estava claro na mente do autor a tentação peculiar que estes cristãos hebreus estavam enfrentando. Eles foram tentados a voltar atrás, e desta forma, falhar em entrar no seu repouso prometido. Jesus também teve sua experiência de deserto — em certo sentido, seu Cades-Barnéia — e, portanto, sabia o que estavam passando. Ele

entende o deserto do ataque satânico que segue a primeira emoção gloriosa da fé. Por isso, eles não devem permitir que a idéia de voltar atrás ocupe a mente, nem devem ficar envergonhados ou ceder à paralisia do desespero. Eles precisam chegar **com confiança ao trono da graça, para que possam alcançar misericórdia** (perdão pelo fato de vacilar) **e achar graça, a fim de serem ajudados neste tempo oportuno** (16).³¹

Estes versículos também são um resumo de toda a argumentação até aqui nesta epístola. Jesus é um grande sumo sacerdote, visto que não é um ser angélico nem está numa posição de igualdade com Moisés. Ele é o Filho de Deus, Aquele que “assentou-se à destra da Majestade, nas alturas” (1.3), ou, como está expresso aqui: **que penetrou nos céus** (14). **O trono da graça** ao qual somos convidados a vir **com confiança** em oração é o trono não só de Deus o Pai, mas de Deus o Filho — não só daquele cuja palavra é lei, mas daquele que se tornou Mediador e Intercessor. O Jesus da história recente e o Javé do AT se fundem em um Deus num único trono. Lá, no trono, nossos pecados são condenados e perdoados. Lá encontramos justiça e misericórdia. Lá encontramos acesso renovado para o restante do povo de Deus. Mas tudo isto é mediado por Jesus. Nossa ousadia só ocorre nele e por meio dele. Se Jesus não é o Filho de Deus, que está à destra do Pai, tendo cumprido plenamente e, desta forma, substituído a ordem mosaica, nossa ousadia não passa de uma arrogância insensata. É o Pai, por meio de Jesus, ou é o repouso por meio de Jesus, ou não é nada. É assim que o autor determina a finalidade da pessoa de Jesus Cristo.

SEÇÃO II

O SACERDÓCIO DE CRISTO É DEFINITIVO

Hebreus 5.1—7.28

A. UM SUMO SACERDOTE PERFEITO, 5.1-10

Embora o sacerdócio de Jesus já tenha sido confirmado, a ênfase maior tem sido na identidade da pessoa de Jesus. Agora, o peso da ênfase muda completamente, quase que abruptamente, para o seu papel de sumo sacerdote.

O ministério mediador de Jesus como sacerdote e sacrifício serve de base para a epístola aos Romanos e aparece também em 1 Timóteo 2.5,6, 1 Jo 2.1,2 e está implícito em 1 Pedro e em outros livros do NT. Mas em nenhum outro lugar o significado da obra do Senhor é tão cuidadosamente revelado como em Hebreus. A verdade seria especialmente importante para os judeus, cuja vida, não apenas religiosa, mas (na ausência de um rei) cívica e nacional, girava em torno do seu sumo sacerdote. Ele era o símbolo da sua unidade nacional e da sua esperança.¹ Para Jesus ser tudo isso no pensar e sentir deles, uma mudança radical era necessária. Uma conversão a Jesus que substituiria tão completamente o sumo sacerdote em Jerusalém, no sentido de que o que acontecia lá já não era mais relevante ou importante, era, de fato, muito drástica e radical para eles. Mas o livro de Hebreus insiste em que nada menos do que isto é aceito por Deus ou coerente com os fatos atuais do caso. A não ser que estes cristãos hebreus enxerguem este sacerdócio divinamente conferido a Jesus na sua plenitude, com suas implicações revolucionárias, e se proponham a separar-se completamente dos laços araônicos, seu cristianismo será inadequado. No fim, acabarão sendo completamente recapturados pelos longos tentáculos do judaísmo.

É compreensível que os cristãos hebreus fossem inicialmente atraídos pelo papel messiânico de Jesus como Profeta e Rei. Ele era o Filho de Davi, cujo retorno à terra em poder era esperado a todo momento. Também é necessário que entendam seu ofício como Sacerdote, e percebam que este aspecto provê a chave que destrancará o mistério da sua estranha morte — na verdade, tudo que estava envolvido com a sua primeira vinda. Sua vida e morte terrena não foram um fracasso, mas cumpriram exatamente a sua função predestinada.

Ao compreender a natureza sacerdotal do ministério de Cristo eles também acabam vendo a natureza essencialmente espiritual da salvação. Jesus veio, não para expulsar o exército romano da ocupação, mas “para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (9.26). Esta é a grande necessidade que precisa ser suprida antes de qualquer outra.

Além do mais, este conceito de Jesus como Sacerdote provará ser a chave do AT. O significado e propósito do sistema sacrificial mosaico-araônico podem agora ser revelados. O enigma do “Santo dos Santos” pode agora ser esclarecido.

Mas nesta revelação o autor aos Hebreus mostra cuidadosamente que Jesus, como sumo sacerdote novo e final, inaugurou em sua própria pessoa e obra uma nova aliança (concerto). No seu âmago, isso incluía uma nova profundidade de redenção experimental: um privilégio pessoal de santidade pessoal abordado simbolicamente debaixo do antigo regime, mas agora acessado por aqueles que vêem Jesus na cruz não como vítima romana, mas como o sacrifício pelo pecado do homem.

Tudo isto deve ser visto como constituindo o coração do cristianismo. Sem isto não há santidade de coração nem esperança do céu. Sem isto a visão de Jesus como Profeta e Rei está vazia do conteúdo eficaz. Como Profeta, Ele não se elevaria acima dos seus predecessores do AT nem escaparia do esquecimento venerável da história. Como Rei, ele desapareceria gradualmente em um simbolismo poético e etéreo. Portanto, a exposição de Jesus como sumo sacerdote não é opcional; é imperativa.

1. *Os Requisitos do Sacerdócio* (5.1-4)

A função de um **sumo sacerdote** é clara. Aquele **tomado dentre os homens** na ordem araônica **é constituído a favor dos homens**; separado para este chamado divino, para ministrar **coisas concernentes a Deus** (1). O propósito principal desta ordenação é que alguém esteja habilitado para oficialmente oferecer **dons e sacrifícios pelos** (em favor dos) **pecados**. Pecado é aquilo que separa as pessoas de Deus e torna um tipo de mediação sacerdotal necessária.²

Para ser devidamente qualificado para esta importante função de mediação e liderança religiosa, o sumo sacerdote precisa apresentar um caráter pessoal tal que **possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados** (2). Sowers diz que **compadecer-se** (*metriopathein*) “era um termo filosófico referindo-se ao meio termo entre paixão excessiva e apatia.”³ O sacerdote não deve ser severo e impaciente, nem indiferente ou desinteressado. Deve haver uma preocupação moral profunda e atenta combinada com uma simpatia compreensível. Deste equilíbrio no verdadeiro juiz virá um discernimento mais claro dos diferentes graus de culpa, em distinguir entre ignorância responsável e involuntária, entre aqueles que estão **errados** (“enganados”, Mueller) devido ao seu próprio descuido e aqueles que foram desencaminhados por causa da sua

ingenuidade. A retidão desta moderação no julgamento sacerdotal encontra-se no fato óbvio de que **ele mesmo está rodeado de fraqueza** (cf. 4.15).

Por causa desta fraqueza moral em si mesmo, o sumo sacerdote araônico **deve ele, tanto pelo povo como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados** (3). Ele próprio precisava da ajuda mediadora. Fica claro que a ordem tradicional dos sumos sacerdotes tinha uma superioridade oficial, mas não necessariamente uma superioridade moral significativa. Em função eles estavam acima do povo; no aspecto espiritual eles eram homens pecadores como todos os outros. Esta semelhança em relação à pecaminosidade do seu povo pode ter inspirado sua compaixão, mas também limitava seu poder em elevar o povo a quem ministravam.

Mais uma qualificação de um sacerdócio legítimo é agora expressa (v. 4). O sumo sacerdote não era um funcionário autodesignado. Deus havia especificado que somente Arão e seus descendentes deveriam servir neste ofício (Êx 28.1; Nm 16.39,40; 17.1-13; 18.1), no que tange ao Tabernáculo terreno e à adoração de Israel. Mas neste versículo o autor cuidadosamente ignora a linhagem araônica; somente **o que é chamado por Deus, como Arão**, pode ter um sacerdócio reconhecido. Em outras palavras, Arão era um exemplo de uma ordem sacerdotal divinamente autorizada; mas, embora os israelitas estivessem amarrados a esta ordem araônica, Deus não estava. O autor está agora prestes a ratificar uma ordem nova e superior de sumo sacerdócio, igualmente ordenada por Deus.

2. As Qualificações de Cristo (5.5-10)

a) *Uma ordenação divina* (5.5-6). Na única coisa que contava, o sacerdócio de Cristo era tão válido quanto o de Arão: também era verdadeiramente uma designação divina. **Assim, também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote** (5). O intento na explanação da cláusula seguinte no versículo 5 não está claro na KJV, mas o sentido é dado pelo NT Amplificado: Ele “foi designado e glorificado por Aquele que lhe disse: Tu és o meu Filho; hoje te gerei”.

Mas filiação não significa necessariamente sacerdócio. Então mais um texto é apresentado: **Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque** (6). Isto servirá de base para os próximos três capítulos, da mesma forma que o texto: “Hoje, se ouvirdes a sua voz” é o tema principal dos capítulos 3—4. O mesmo Deus que nas Escrituras, por meio do Espírito Santo, confirmou o Messias como Filho também apreendeu o seu sacerdócio.

b) *Uma aptidão pessoal* (5.7-10). O propósito da encarnação foi expresso de maneira concisa em 2.9 e explicado de maneira mais detalhada nos versículos seguintes. Assim, a aptidão completa de Cristo como sumo sacerdote é resumida e, em seguida, desenvolvida em detalhes nos capítulos seguintes. A idéia predominante aqui é a importância que o sofrimento do nosso Senhor teve para qualificá-lo como Autor de nossa salvação. Os sacerdotes araônicos podiam compadecer-se porque também estavam propensos ao pecado. Os sofrimentos de Jesus serviram a um propósito semelhante, mas de maneira mais eficaz, porque o sofrimento evoca um sentimento de compaixão e construção de companheirismo muito mais eficiente do que a pecaminosidade, que é intrinsecamente

debilitante, insensível e limitadora — de forma alguma redentora. No entanto, muito mais significativo do que uma simpatia simplesmente persuasiva, os sofrimentos de Cristo eram essenciais para a sua perfeição como sumo sacerdote. Esta perfeição o capacitou a tornar-se **a causa de eterna salvação**, alvo que os sacerdotes araônicos não podiam atingir. Veja os fatores da sua perfeição.

(1) *As orações que Ele ofereceu* (5.7). Os **dias da sua carne** foram os dias da sua humilhação, quando em sua humanidade sentiu fraqueza e dependência de uma maneira muito real, como é evidenciado pela sua vida costumeira de oração. Este hábito de oração alcançou seu clímax durante a luta no jardim do Getsêmani, quando ofereceu **orações e súplicas**. Visto que era o dever do sumo sacerdote oferecer “dons e sacrificios” (v. 1), Jesus também fez uma oferta. Esta não era uma apresentação formal no Templo, mas uma oferta de oração amarga no jardim quando suou gotas de sangue, e isto, **com grande clamor e lágrimas**. Ficamos perplexos diante desta angústia que reflete a intensidade da sua aflição. O conteúdo da sua petição se encontra na cláusula seguinte: **ao que o podia livrar da morte**. Ele estava lutando com seu Pai por libertação pessoal. A natureza exata desta **morte** tem há muito tempo desconcertado os comentaristas, como também ocorre com a cláusula seguinte: **foi ouvido quanto ao que temia**. Claramente, uma compreensão apropriada desta última declaração vai nos ajudar a elucidar a anterior. Portanto, vamos primeiro esclarecer a anterior. De forma mais literal, Jesus “foi ouvido por causa da sua devoção”, i.e., reverência e submissão devota (“reverente submissão”, NVI).⁴ **Ouvido** (*eisakouo*) geralmente implica uma resposta afirmativa (Mt 6.7; Lc 1.13; At 10.34; 1 Co 14.21). Mas este não é o significado aqui, exceto no sentido de que o Pai ouviu com compaixão e enviou anjos para ministrar a Ele. O cálice da morte não foi removido, pelo que podemos ser eternamente gratos.

O que era esta **morte** da qual buscou livramento com tanta angústia? Alguns têm encontrado um significado na preposição *ek* que poderia sugerir que Ele temia a morte permanente. Isto dificilmente é o caso devido às repetidas predições de Jesus acerca da sua ressurreição. Certamente, ele conhecia as Escrituras que prometiam: “nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16.10; At 2.25-31). Além do mais, temos dificuldades em supor que o nosso Senhor, depois de encaminhar-se firmemente para Jerusalém e dar passos diários e decisivos rumo à sua paixão com equilíbrio e deliberação, deveria agora orar com tanta agonia para escapar da morte física na cruz.

É mais provável que a sua alma tenha se encolhido por causa dos aspectos dessa morte, sua identificação com o pecado e sua solidão, quando o Pai escondeu a sua face. Em um certo sentido profundamente misterioso, Jesus deve ter sofrido, embora que brevemente, a angústia da alma perdida. Aquele que nunca havia conhecido a mancha do pecado, ou a sombra do franzir das sobrancelhas do Pai, ou a menor alienação da comunhão com o Pai, estava agora, ao tornar-se pecado em nosso lugar, prestes a sofrer tudo isso como elementos integrais da sua **morte**. Seria impossível para uma alma santa enfrentar tamanha dificuldade com serenidade.⁵

(2) *A obediência que aprendeu* (5.8). **Por aquilo que padeceu Ele aprendeu a obediência**. No entanto, nosso Senhor nunca havia sido desobediente, nem teve nenhum tipo de inclinação para isso. Como então poderia aprender obediência? Somente no sentido de que a obediência que causa tremenda angústia assume uma nova dimensão. Em relação a Jesus, o amor pelo Pai era tamanho que a obediência sempre tinha

sido um prazer. Nunca houve qualquer hesitação ou o sentimento de um preço doloroso. Mas aqui se exigia uma obediência num aspecto que tocava o próprio relacionamento do Pai com o Filho, uma exigência que na sua essência não podia ser um prazer, mas um castigo. Quando a obediência é fácil precisa estar sob suspeita. Talvez não passe de um egoísmo disfarçado ou simplesmente uma política de conveniência. Mas quando a obediência custa um coração quebrantado é porque a lição foi aprendida e a sua genuinidade autenticada.

O nosso Senhor teve de aprender este aspecto pela experiência pessoal, bebendo o copo até a última gota, **ainda que era Filho**. Se o Filho quisesse tornar-se o sumo sacerdote salvador, adequado para todas as necessidades dos homens, precisava ir até o fim e ser aprovado em todos os sentidos. Somente um sumo sacerdote completamente submisso a Deus poderia representar Deus perante o homem e o homem perante Deus. A dignidade da pessoa de Cristo como Filho não poderia isentá-lo da humilhação do sofrimento, se ele fosse cumprir seu chamado como servo sofredor de Deus (Is 53). A perfeição da obediência e a extremidade do sofrimento implicada neste versículo tenderia a apoiar a exposição do versículo 7 de que sua oração não foi “ouvida” no sentido de que ele não foi isentado de tomar o “copo”.

Gramaticalmente, tudo até aqui nos versículos 7,8 está subordinado ao sujeito principal e ao predicado **aprendeu a obediência**. O sentido, portanto, é que, apesar do “grande clamor e lágrimas” do nosso Senhor, e apesar do fato de que o Pai os viu e ouviu, e apesar do fato de Jesus ser o Filho, era necessário que sofresse para aprender pela experiência a plena inteireza da obediência.⁶

(3) *A perfeição que Ele alcançou* (5.9,10). **E, sendo ele consumado** (ou “aperfeiçoado”; cf. nota da ARC), ou quando suas qualificações como sumo sacerdote foram plenamente completadas (*teleiotheis*, particípio do aoristo passivo de *teleioo*, “executar plenamente”), **veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem**. Esta é a segunda cláusula principal deste longo período (vv. 7-19). Embora gramaticamente coordenada, em essência ela é o ápice da passagem, na verdade, a tese de toda a epístola. O autor elaborará os detalhes mais tarde, mas em suas conexões aqui a proposição está clara. A condição para Cristo tornar-se o Salvador perfeito era que fosse perfeito por meio da obediência. Tornar-se Filho era a escolha coletiva do Deus Trino e Uno. Tornar-se Salvador era a realização do Filho, ao enfrentar corajosa e triunfantemente todas as exigências da sua humilhação.

É provavelmente seguro, com base no contexto, bem como no particípio aoristo (**sendo ele consumado**, “aperfeiçoado”), rejeitar a noção de que a perfeição de Cristo incluía sua morte. Isto significaria, de modo prático, que, tendo morrido na cruz, **veio a ser a causa de eterna salvação**. Antes, deveríamos dizer que a sua perfeição correspondia à consagração de Arão como uma qualificação prévia necessária para o cumprimento da sua função sacerdotal.⁷ A perfeição de Cristo foi consumada no jardim quando disse: “Não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42). Este era o ato final da sua consagração, e cada consagração subsequente dos crentes inclui uma submissão semelhante. Tendo, pois, sido qualificado livremente, Ele prosseguiu em direção à cruz, onde **veio a ser** (aoristo — pontiliar) **a causa de eterna salvação**. No sentido mais profundo, Cristo não foi o Salvador até que morresse e ressuscitasse. Sua salvação, embora baseada na sua identidade como Filho, é inexistente à parte do Calvário e da ressurreição.

Como **causa** (“Autor”, ARA), Jesus é Criador e Fonte de **eterna salvação**, o mesmo tipo que o sacerdócio araônico não podia mediar, muito menos criar. Enfraquecer o papel de Cristo com o artigo indefinido (“*um autor*” ou “*uma causa*”),⁸ só porque o artigo definido está faltando no grego, é imperdoável. Sua ausência indica neste caso uma força qualitativa (cf. 1.2), como poderia ser a intenção das palavras: “Ele tornou-se pai de toda vizinhança”.

A ordem de palavras no grego é diferente da KJV, que com isso perde um aspecto enfático. Literalmente, Cristo “tornou-se para todos os que lhe obedecem, Autor de eterna salvação”. Para aqueles que deixam de crer ou se tornam desobedientes, Cristo torna-se, na cruz, não Salvador, mas Juiz. O elemento condicional de salvação e da expiação de Cristo é ressaltado ao longo desta epístola. Embora a iniciação e a provisão da salvação venham somente por meio de Deus, seu cumprimento pessoal certamente requer a cooperação do homem.

É este Filho aperfeiçoado que tem sido **chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque** (10). O chamado profético de Deus é uma prova de que a ação poderosa de Cristo como sumo sacerdote foi válida, no sentido de que ocorreu em perfeito cumprimento com as Escrituras e de acordo com o plano preciso de Deus.

B. A NECESSIDADE DE PERFEIÇÃO, 5.11—6.20

O autor deseja agora expor em maiores detalhes a natureza bíblica de uma ordem sacerdotal conhecida pelo nome de Melquisedeque, mas hesita, porque não tem certeza se seus leitores têm maturidade suficiente para compreender este assunto reconhecidamente difícil. Pela segunda vez, portanto, ele se afasta da sua linha principal de argumentação para dedicar sua atenção ao perigoso estado espiritual deles. Nesta passagem exortativa, encontramos repreensão, exortação, advertência e encorajamento, nesta ordem.

1. A Negligência dos Imaturos (5.11-14)

O autor tem muitas coisas a **dizer** acerca deste pouco conhecido personagem do AT, Melquisedeque, porque é uma figura-chave na compreensão do sumo sacerdócio de Cristo. No entanto, elas são **de difícil interpretação**, i.e., difíceis de explicar, porque estes cristãos são **negligentes para ouvir** (11). Eles não estão *se tornando* preguiçosos no seu apetite e compreensão espiritual; eles já se tornaram preguiçosos (tempo perfeito do verbo), e seu estado presente é o resultado de alguma falha no passado. Ele os envergonha: **devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar** (12). Provavelmente, muitos deles consideravam-se mestres, mas não estavam qualificados para tal (cf. 1 Tm 1.5-7). Eles tinham perdido o controle da realidade da fé cristã de tal forma que precisavam de uma atualização no ABC do evangelho, **os primeiros rudimentos das palavras de Deus**.⁹ Eles voltaram ao estado primitivo de infância espiritual, em vez de tornarem-se pessoas maduras, a ponto de precisarem **de leite e não de sólido mantimento** (“alimento sólido”, Mueller). Este estado vergonhoso não é devido à falta de tempo, porque evidentemente não eram recém-convertidos, mas por causa da falta de aplicação prática.

As marcas contrastantes da primeira infância e da fase adulta são resumidas de maneira precisa nos versículos 13,14. Aquele cuja dieta está confinada ao **leite** natural-

mente **não está experimentado na palavra da justiça**, pela razão óbvia de ser um **menino** (13); e espera-se que meninos (“crianças”) espirituais sejam alunos e não mestres. A **palavra da justiça** pode significar o próprio evangelho ou o ensino do evangelho, provavelmente o que foi mencionado em segundo lugar, visto que o versículo 12 já deixa claro que deveriam ter alcançado o estágio de mestres. **Mas o mantimento sólido é para os perfeitos** (14). As verdades cristãs — principalmente a perspectiva cristológica do AT, que não pode ser encontrada na superfície — podem ser compreendidas e ensinadas somente por cristãos maduros. Estas pessoas maduras são agora definidas como aquelas que **em razão do costume, têm os sentidos exercitados** (plenamente treinados) **para discernir tanto o bem como o mal**. **Sentidos** aqui refere-se à sua “percepção interior” (Mueller). A habilidade no discernimento é, portanto, a marca da maturidade. **Bem** e **mal** podem ser tanto éticos quanto doutrinários; provavelmente as duas idéias estejam incluídas, embora o contexto sugira uma ênfase imediata na verdade e erro em relação a Cristo e às Escrituras. Mas, duas coisas estão claras: 1) a perfeição neste texto pode ser definida como maturidade; e 2) a “maturidade” confessada em que não há percepção confiável entre o bem e o mal não é genuína.¹⁰

A frase **em razão do costume** (*dia ten hexin*) implica que maturidade é um conhecimento gradual por meio da prática. Mas isto não está totalmente correto. *Hexin* como substantivo significa “hábito” ou uma condição do corpo ou da mente. O significado poderia ser: Os plenamente maduros são aqueles que, por causa do seu estado espiritual avançado têm suas faculdades espirituais plenamente treinadas. Em outras palavras, um nível mínimo de maturidade espiritual é um pré-requisito para a prática habitual. A prática por sua vez evidencia a maturidade e a aumenta.

2. O Chamado para a Perfeição (6.1-3)

A repreensão diagnosticada agora torna-se uma exortação. **Pelo que** — por causa da necessidade de maturidade, se o “sólido mantimento” que estou prestes a dar a vocês deve ser assimilado — **prossigamos até a perfeição** (1). É possível que nesta passagem o autor esteja realçando a necessidade de que ele e os seus leitores precisam prosseguir para o *tópico* da perfeição. Mas o peso da evidência contextual favorece a hipótese de que *teleioteta*, “um estado de perfeição”, seja o cumprimento da necessidade diagnosticada de *teleios* nos versículos anteriores.¹¹ O assunto, já anunciado, e ao qual ele ansiosamente quer dar prosseguimento, é a natureza “melquisedequeana” do sacerdócio de Cristo. A perfeição será incluída nesta discussão em relação às realizações superiores de Cristo, mas este não é o estado subjetivo de maturidade que ele aqui chama de **perfeição**.

Vincent identifica o verbo *pherometha* como passivo e traduz: “Sejamos conduzidos...” Mueller traduz: “Avancemos para a maturidade”. A preposição **até** (*epi*) implica “um estado atual de apoiar-se em”.¹² O tipo de maturidade que se tem em mente agora é um estado realizável para o qual devemos pressionar rapidamente, se estamos determinados a fazê-lo. Os hebreus já deveriam ter alcançado este estágio e são repreendidos por não tê-lo atingido. Eles são exortados aqui a corrigir sua deficiência espiritual prontamente.¹³

Essa interpretação e ação são muito melhores do que a outra alternativa, que é constantemente ter de reparar nosso **fundamento**. Este fundamento é triplo e cada um dos três aspectos é duplo: Primeiramente, a *salvação pessoal* — a) **arrependimento de**

obras mortas (provavelmente obras pecaminosas) e, *b*) **fé em Deus** (confiança em Deus — *e*pi novamente). Algumas pessoas nunca vão além do conceito de pecado diário e arrependimento diário, além da luta diária com dúvidas e escuridão. Em segundo lugar, o *ritual na igreja* — *a*) **doutrina do batismo** e *b*) **imposição das mãos** (2). Em terceiro lugar, a *escatologia* — *a*) **ressurreição dos mortos** e o **juízo eterno**. O evangelho em muitas igrejas hoje se resume a estes itens, com o resultado de que a maioria dos cristãos nunca passa do pré-primário quando se trata de assuntos espirituais.

E isso (um avançar resolutivo dos primeiros fundamentos para a perfeição) **faremos, se Deus o permitir** (3). Somente Deus sabe quão sério é desviar-se de Cristo. Se as primeiras obras realmente precisam ser repetidas, eles ainda não estão qualificados para um estágio mais avançado. Mas, o que é ainda mais sério, é que, se o seu desvio já chegou à apostasia, então a sua inadequação tornou-se em desqualificação. O tom da passagem agora torna-se abominável.

3. A Seriedade da Apostasia (6.4-8)

O autor não está disposto a crer que estes hebreus chegaram a cometer a apostasia (cf. v. 9); por isso ele descreve uma situação hipotética, tão impessoal e objetiva quanto possível. Mas, embora o argumento seja hipotético, não é a hipótese de uma impossibilidade ou de uma possibilidade que nunca possa se tornar realidade; portanto a advertência precisa ser levada muito a sério.

E recaíram (6; *parapesontas* no grego) não é condicional como está na KJV: “Se recaírem”. Os cristãos que recaíram não podem ser renovados — esta é a simples, mas séria consequência. Este tipo de “recair” é mais do que um mero tropeço de um cristão fraco que recebeu uma rasteira de Satanás. Quando usado sozinho, *pipto* (que ocorre com frequência no NT) significa um cair de uma coisa ou pessoa, mas quando usado com *para*, como neste caso (somente aqui no NT), isto implica uma separação entre a coisa ou pessoa de alguma outra coisa, ou seja, um cair de. Isto não é um mero tropeçar na caminhada cristã, mas um afastamento dele. A palavra, como é usada aqui, pode referir-se somente a uma rejeição deliberada de Jesus Cristo. Westcott diz: “A idéia é abandonar o caminho reto, da mesma forma que a idéia de *hamartanein* é errar o alvo”.

É simplesmente **impossível** (posição enfática) que **sejam outra vez renovados para arrependimento**.¹⁴

É impossível encorajá-los para que se arrependam. Se foram até aqui, eles não lançarão “de novo o fundamento do arrependimento” (v. 1). Neste caso, é inútil falar a respeito da possibilidade de continuar a caminhada rumo à perfeição. Deus não “permitirá” (v. 3) que experimentem a perfeição genuína da mesma forma que não permitiu aos israelitas rebeldes que entrassem em Canaã.

A impossibilidade de renovação para arrependimento não reside somente na natureza provocadora e deliberada da deserção, mas na culpa que a sua apostasia vergonhosa está constantemente formando: **quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério** (6). Eles pararam de chorar pelo fato de Ele ter derramado o seu sangue na cruz, e a sua insensibilidade tornou-se tão grande que voluntariamente provêem uma nova cruz para crucificá-lo outra vez. “Eles pregam novamente o Filho de Deus na cruz” (NT Ampl.). Isto pode não ser feito de maneira grosseira, com barulho e gritos, mas por professores descrentes cujos pregos são a dialética da descren-

ça na sala de aula. A renovação do arrependimento religioso genuíno para aqueles que conheceram a Cristo e que hoje o estão envergonhando abertamente pela sua apostasia é uma impossibilidade moral e psicológica.

Muitas páginas foram escritas na tentativa de abrandar a severidade desta passagem ao minimizar e enfraquecer a experiência anterior destes apóstatas, fazendo parecer que foram apenas simpatizantes do evangelho sem, na verdade, terem se tornado pessoas regeneradas. Mas este mero jogo de palavras não merece a atenção de um exegeta sério das santas Escrituras de Deus, e torna suspeita a premissa doutrinária que aceita tal desvio.

É impossível reconduzir ao arrependimento os apóstatas que chegaram a ser **iluminados** (4), tanto os que **provaram o dom celestial** quanto os que foram feitos (participio aoristo, voz passiva) **participantes do Espírito Santo**. O **dom celestial** provavelmente significa salvação por meio de Jesus Cristo.¹⁵ **Participantes do Espírito Santo** são *metoxous*, “associados, companheiros” (1.9; 3.1, 14; 12.8; cf. Lc 5.7). Houve um tempo definido no passado quando foram feitos participantes da graça de Deus. Aqui está uma iluminação que não pode de forma alguma ser confinada a uma mera convicção ou um entusiasmo religioso temporário.

Além disso, estes apóstatas eram aqueles que **provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro** (5). A palavra **provaram** (*geusamenous*), usada duas vezes nestes versículos, é uma experiência consciente (“participaram conscientemente de”, Vincent). Ela não pode ser reduzida a uma “amostra” dos religiosos ociosos, assim como não pode ser reduzida a uma brincadeira quando aplicada à morte de Jesus (2.9; cf. Mt 16.28; Mc 9.1; Lc 9.27; Jo 8.52). Estes então eram homens que haviam experimentado *a*) as alegrias da salvação, *b*) a comunhão do Espírito, *c*) o sustento e satisfação da Palavra (escrita ou pregada) e *d*) a confirmação e o reforço do sobrenatural. Estas experiências são os privilégios normais e aspectos da regeneração. Crentes regenerados continuam correndo o risco de apostatarem de maneira final e irrevogável.

A natureza profunda do problema em questão é resolvida além da compreensão de um possível sofisma pela ilustração com a qual a advertência é concluída. Quando a terra reage à chuva do céu e à labuta do fazendeiro ao produzir a planejada colheita, ela **recebe a bênção de Deus** (7). Mas se ela não produz nada além de **espinhos e abrolhos**, é **reprovada e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada** (8). Ela é abandonada como terra imprecável e “a condenação está próxima, e seu fim é ser queimada” (Mueller). Este é um fim triste, visto que esta analogia se aplica a *almas*. Qualquer outra interpretação do texto não faz sentido. Vemos aqui uma bênção divina evidente cuja continuidade depende do lucro do investimento (Mt 13.22).¹⁶

4. Os Hebreus Continuam Qualificados (6.9-15)

O autor está convencido de que os cristãos hebreus não chegaram a se desviar até o ponto descrito nos versículos 4-8; embora cambaleantes e hesitantes, estão qualificados a prosseguir à busca da perfeição. Portanto, **ainda que assim falamos** (9), de forma solene, é com esperança e não desespero. As **coisas melhores** estão em contraste com a traição vergonhosa a Jesus no versículo 6 e a aridez dos versículos 7,8. Ele espera uma reação dos hebreus que pertencem à **salvação**. Ele apresenta razões de que **Deus** não seria tão **injusto** a ponto de desconsiderar sua **obra e trabalho de caridade**, manifes-

tado tão zelosamente em favor do **seu nome** (10). Este é um trabalho que eles não só realizaram **aos santos** no passado, mas continuam desempenhando. Qualquer que seja a fraqueza que tenha ocorrido no interior, não se tornou aparente exteriormente em qualquer afrouxamento de serviço humilde conferido aos companheiros cristãos. Exteriormente, a fidelidade deles está sem mancha. Eles podem estar certos de que Deus também inclui isto em sua avaliação completa, e, portanto, ainda não os rejeitou.

a) *A necessidade de diligência* (6.11,12). O desejo ardente do autor é que **cada um** (11), sem exceção, continue mostrando (também cf. v. 10 e Rm 2.15; 9.17) **o mesmo cuidado até o fim, para completa certeza da esperança**. A palavra *spoudan*, **cuidado** (“diligência”, ARA; “prontidão”, NVI), é usada como verbo em 4.11: “Procuremos” (ou “esforcemo-nos”, ARA). Lá, o propósito que requer diligência, é o repouso; aqui é a **completa certeza da esperança**. As obras deles foram mantidas, mas uma parte desta certeza havia sido drenada da sua esperança em relação ao futuro triunfo de Cristo (e deles próprios). Assim como têm procurado “aplicar-se às boas obras” (Tt 3.8, 14), também devem aplicar-se com a mesma diligência a manter a segurança alegre do resultado final das coisas (3.6-14). Tendo perdido sua alegria e ânimo, eles estavam se lastimando como mártires teimosos leais a uma causa perdida. Este é um estado espiritual perigoso e prejudicial. Se não forem diligentes nesta área vão se tornar **negligentes** (12). Uma das duas situações prevalecerá: diligência ou decadência. Quando uma congregação perde a glória e o fogo, ela logo perde a verdade e o caminho.

Em vez disso, **sejais imitadores dos que, pela fé e paciência, herdaram as promessas**. Eles continuam elegíveis para herdar as promessas, mas não continuarão desta forma se não seguirem diligentemente os passos daqueles que herdaram seu direito a esta herança pela paciência e fé obediente em cada teste.

b) *O exemplo de Abraão* (6.13-15). Esta referência a Abraão cumpre três propósitos.

(1) Ela introduz o aspecto do juramento como uma segurança dupla para as promessas. **Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo** (13). O significado deste ato é discutido nos versículos 16-20 (veja comentário). Aqui, como ocorre com frequência, o autor está introduzindo uma nova linha de pensamento simultaneamente com a conclusão da sua ênfase prévia.

(2) A referência a Abraão também serve para revelar uma das promessas. Somente o resumo é citado: **Certamente, abençoando, te abençoarei e, multiplicando, te multiplicarei** (14). A promessa completa está em Gênesis 22.16-18 e inclui a referência messiânica: “E em tua semente serão benditas todas as nações da terra”. A promessa de grande bênção sobre o povo hebreu era uma rocha de esperança para cada judeu. Essa promessa continuava valendo. Este é o aspecto ressaltado aqui. Mais tarde, eles verão que esta é apenas uma das promessas (plural, v. 12) e que esta e todas as outras estão sendo cumpridas abundantemente em Cristo, mas somente nele (exatamente a linha de interpretação de Paulo em Gálatas 3.5-9,16-18).

(3) O propósito mais imediato nestes três versículos é ilustrar o significado da herança das promessas “pela fé e paciência” (v. 12). **E assim** (vocês percebem o que quero dizer), Abraão, **esperando com paciência, alcançou a promessa** (15). A espera paci-

ente foi a obediência de Abraão em oferecer Isaque. Nisto ele venceu o teste supremo da inabalável lealdade a Deus. É a imitação deste tipo de obediência ousada que está sendo estimulada no versículo 12. **A promessa** que está sendo discutida, portanto, não é a promessa de um filho a Abraão; isto já havia sido cumprido. Era, na verdade, a promessa de uma bênção maior sobre o povo hebreu. Esta era **a promessa** que Abraão obteve como recompensa pela sua espera paciente. Ele não viu esta grande bênção; ele apenas recebeu a promessa. Assim, podemos ver o significado da frase “herdam as promessas” do versículo 12 (cf. o cap. 11). A idéia é intrigante. Bens herdados com os quais estamos familiarizados — um negócio de família, nome, ou título, com seus direitos e privilégios — podem parecer estimulantes. Mas promessas herdadas parecem insignificantes, especialmente se vêm se arrastando ao longo de muitas gerações e permanecem sem cumprimento. No entanto, o autor está esforçando-se em mostrar que estas promessas são, sem sombra de dúvidas, a porção mais inestimável da sua herança racial, que eles não devem negligenciar por indolência e descrença.

5. *A Imutabilidade das Promessas* (6.16-20)

O autor vai agora argumentar que eles têm todo incentivo para recobrar o ânimo e continuar, visto que as promessas não são somente válidas, mas apoiadas pela maior segurança possível, ou seja, o próprio juramento de Deus. O versículo 13 fez menção disto, mas agora vemos uma explanação mais detalhada.

a) *O juramento de Deus* (6.16,17). **Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles** (16), i.e., alguém maior do que eles, alguém que pode apoiá-los e também inculcar fidelidade à palavra deles. Tal **juramento** foi uma afirmação solene diante de testemunhas em nome desta pessoa ou poder maior, que nos tempos bíblicos tornava a pessoa legalmente comprometida. Independentemente da direção em que as conversas informais dos homens apontava, uma vez que uma promessa ou transação era confirmada por um juramento (**juramento para confirmação**) o assunto era considerado finalizado, e **toda contenda**, terminada. Desta forma, para **mostrar** [...] **a imutabilidade do seu conselho** (plano), Deus **se interpôs com juramento** (17). Este juramento foi motivado pela sua prontidão em mostrar a inviolabilidade do seu propósito. Ele andou a “segunda milha”, para provar a sinceridade das suas intenções. Isto não era uma lenda antropomórfica; era, na verdade, Deus acomodando-se à maneira de o homem agir e pensar para poder se comunicar com ele. A Bíblia está repleta desta humildade sublime de um Deus poderoso. Naturalmente, seria absurdo supor que ao jurar Deus estava acrescentando credibilidade à integridade da sua palavra, mas era um modo comovente de se comunicar **aos herdeiros da promessa** (também no versículo 14). **Os herdeiros** incluíam os judeus que se qualificavam como herdeiros espirituais em Cristo — e, de acordo com Paulo, também os crentes gentios.

b) *Nossa esperança* (6.18-20). O propósito de Deus era **para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação** (18). As duas coisas imutáveis eram a integridade da própria palavra de Deus em sua simples promessa e a obrigação legal do juramento auto-imposto. **A firme consolação** é a “firme segurança” (Mueller) que eles devem preservar de maneira diligente

(v. 11). A diligência deles, portanto, não é a energia agitada da carne em produzir e sustentar a fé; ela é, na verdade, a devoção e concentração com a qual eles mantêm diante deles as promessas divinas e a base da sua absoluta segurança nelas. **Nós** (aqueles que são os detentores dessa segurança feliz) **pomos o nosso refúgio** (em Jesus) **em reter a esperança proposta**.

Por meio de Cristo, compreendemos a esperança de Israel de forma renovada. **A esperança é como âncora da alma segura e firme e que penetra até ao interior do véu** (19). O conteúdo da esperança judaica verdadeiramente bíblica não estava em um paraíso terreno, com um domínio político do mundo, como tantas vezes tem sido interpretado erroneamente; em vez disso, esta esperança habitava na eterna presença de Deus. A profunda esperança de uma alma espiritualmente inclinada deveria penetrar nos mistérios por trás do véu (Lv 16.2) — “uma esperança que alcança mais longe e que adentra a certeza da Presença no interior do véu” (NT Ampl.). Neste Lugar Santíssimo, Jesus, **nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque** (20). Jesus entrou no “Santo dos Santos”, não como um substituto para nosso acesso, mas como um **precursor**, porque também entraremos nele. O autor tem muito mais a dizer a respeito deste “Santo dos Santos” e da maneira como Cristo o abriu para nós. Mas agora, tendo se afastado por tempo suficiente do assunto principal para estimulá-los a uma diligência maior e ao avanço na maturidade espiritual, o autor volta para a linha principal da sua argumentação. Ele se concentra novamente no papel de Jesus como sumo sacerdote, não da ordem de Arão, mas **segundo a ordem de Melquisedeque**. Indubitavelmente, o autor espera que sua exortação os tenha condicionado a receber as difíceis verdades que deseja agora transmitir.

C. O SACERDÓCIO DA PERFEIÇÃO, 7.1-28

É sábio lembrar-nos, como reorientação, acerca do propósito ousado e revolucionário do autor. Ele está construindo uma posição lógica e exegetica com a finalidade de despedaçar completamente qualquer dependência remanescente do judaísmo. Ele precisa convencer esses cristãos hebreus de três coisas.

Em primeiro lugar, que o sacerdócio de Cristo anula e substitui completamente toda estrutura monolítica do sacerdócio judaico e da adoração no Templo. Não pode mais haver uma contemporização do conceito da coexistência. Os odres velhos não podem conter o vinho novo, nem a veste velha ser remendada com pano novo. O antigo terminou, abandonado por Deus, e precisa ser abandonado pelos cristãos.

Em segundo lugar, Jesus Cristo, em seu sacerdócio, inaugurou uma nova aliança entre Deus e seu povo, tornando a antiga aliança obsoleta com suas formas ritualísticas e sacerdotais. Esta nova aliança é o cumprimento do significado simbólico da antiga, e igualmente o cumprimento das grandes predições do AT acerca desta substituição. A nova aliança, portanto, não deveria ser nenhuma surpresa para eles e deveria ser adotada prontamente e com gratidão. Ela é qualitativamente superior à antiga em todos os sentidos, visto que inclui a substância em vez da sombra. Esta substância é essencialmente uma perfeição pessoal do adorador, descrita de diversas maneiras como repouso, acesso ao “Santo dos Santos” e santificação.

Em terceiro lugar, a pessoa e obra de Cristo são definitivas e cancelam todas as outras opções. Tendo conhecido a Cristo, não tem como voltar atrás. Não podem mais encontrar abrigo em Moisés da ira vindoura. A tentativa em fazê-lo resultará em julgamentos e conseqüências eternas excedendo em muito a desgraça que a raça havia experimentado previamente por causa da desobediência.

Ao estabelecer este tipo de argumentação, o raciocínio do autor é inteiramente judaico. Muitos elementos têm uma afinidade com o helenismo judaico-alexandrino, como é representado por Fílon, mas outros são compatíveis com a hermenêutica rabínica de Jerusalém. Um ponto de concordância entre essas duas posições era a sua alta consideração pelo AT como a Palavra de Deus divinamente inspirada. Nada era supérfluo ou sem significado.¹⁸

Mas Hebreus difere tanto de Fílon quanto dos judeus palestinos no princípio hermenêutico básico que sustenta toda a carta, a saber, que Cristo é a chave para a interpretação das Escrituras judaicas. “Para Hebreus”, diz Sowers, “o verdadeiro significado da Bíblia não é desvendado por um exegeta inspirado, como é o caso de Fílon, mas, sim, por Cristo, para o qual aponta todo o AT”.¹⁹ Ele, portanto, reconhece textos que provam o que está querendo dizer que não seriam reconhecidos como tais por um exegeta que olhasse através de lentes hermenêuticas diferentes. Mas existem motivos de sobra para acreditar na base histórica e teológica de que ele foi fiel ao princípio introduzido pelo próprio Cristo no caminho de Emaús (Lc 24.27) e que estruturou o pensamento dos apóstolos e da Igreja Primitiva.

Nos capítulos seguintes, portanto, o autor interpreta vários textos cristológicos. O primeiro — e possivelmente o mais crucial — é Salmo 110.4: “Jurou o SENHOR e não se arrependerá: Tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque”. Deste versículo depende sua polêmica de que Cristo é legitimamente o sumo sacerdote, nomeado por Deus, mas de uma ordem diferente e superior à levítica, e, por esta razão, substituindo a ordem levítica para sempre. Ele já citou o texto (5.6) e referiu-se a ele duas vezes (5.10; 6.20). O autor agora está pronto para expandir o seu argumento.

1. *A Ordem de Melquisedeque* (7.1-10)

O autor revê (1-2a) os fatos básicos apresentados a nós em Gênesis 14.18-20. Então começa uma interpretação da identidade desta figura misteriosa.

a) *O padrão do seu sacerdócio* (7.2b,3). O autor encontra significado em seu nome: **é, por interpretação, rei de justiça** (2). Mas também lhe é atribuída importância em virtude de ele ser **rei de Salém, que é rei de paz**. Aqui ocorre uma concordância tipológica com Cristo logo no princípio por meio do hábil lembrete de que a paz segue a justiça e que não pode existir sem ela.

As descrições **sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida** (3), devem ser entendidas em referência à ordem do sacerdócio de Melquisedeque, não à sua pessoa física. Na mente de um judeu, letrado nas idéias levíticas rígidas, era inconcebível que alguém servisse como sacerdote sem ser descendente de pais sacerdotes, **sem genealogia**. Mas, foi o próprio Moisés que chamou Melquisedeque de “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14.18); e ele foi reconhecido como tal mesmo sem credenciais formais. Ele não tinha uma linhagem oficial. Não havia

registro da sua data de nascimento ou da sua morte. Neste sentido, ele foi **feito semelhante ao Filho de Deus**, que também não tinha uma linhagem sacerdotal normal.

O aspecto importante a ser ressaltado é que este Melquisedeque **permanece sacerdote para sempre**. Aqui está a proposta-chave. Tudo o mais é subordinado e descritivo. Primeiro, os fatos da história são reafirmados. Então, o padrão tipológico é desenhado, basicamente como um argumento do silêncio. E as idéias essenciais que o autor vai ressaltar são: 1) esta certamente não é uma ordem de sacerdócio levítica; 2) ela é uma ordem superior e 3) um sacerdócio que é caracterizado pela perpetuidade.²⁰

b) *A grandeza do seu sacerdócio* (7.4-10). **Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos** (4). Os próximos dois versículos são obscuros na KJV, mas uma nova tradução pode esclarecer o significado: “E reconhecidamente aqueles que são filhos de Levi, tendo recebido o sacerdócio, têm uma ordem (ou autoridade) de recolher os dízimos das pessoas de acordo com a lei; estes são os seus irmãos, plenamente descendentes de Abraão. Mas aquele que é sem linhagem entre eles recebeu os dízimos de Abraão e abençoou aquele que tinha as promessas” (vv. 5-6).

O alvo aqui é mostrar a superioridade da ordem sacerdotal de Melquisedeque em relação à ordem levítica. Tendo inferido que a demonstração de seu pai Abraão pagando dízimos a ele provava esta grandeza, o autor rapidamente prevê nos versículos 5 e 6 a possível réplica de que Abraão também paga dízimos a Levi por meio dos seus descendentes; portanto, Levi é igualmente grande. Mas esta é uma exigência da lei, não uma homenagem voluntária; e, além disso, Levi é igualmente um descendente de Abraão, que torna isso uma questão de família, e, deste modo, a “grandeza” por causa do “direito” é cancelada. Mas Melquisedeque era um estranho, não designado pela lei para recolher dízimos de Abraão como parte de um sistema utilitário doméstico; portanto, o recebimento de dízimos era uma evidência de um ato especial de reverência da parte de Abraão. Em outras palavras, Levi não pode reivindicar igual grandeza simplesmente pelo fato de recolher dízimos, visto que as circunstâncias que governam o ato de dizimar são tão diferentes.

Além disso, Melquisedeque **abençoou o que tinha as promessas** (6). Esta é uma prova conclusiva, porque **sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior** (7). Isto seria auto-evidente, porque o pai abençoa seu filho, a pessoa idosa abençoa a mais jovem, o sacerdote abençoa o povo, o rei abençoa os seus súditos — nunca o contrário. A posição de receptor é inferior à posição de doador, porque receber admite fraqueza e necessidade, enquanto dar sugere poder e influência. Ao dar o dízimo, Abraão estava homenageando — era um ato religioso — enquanto ao receber a bênção de Melquisedeque ele estava aceitando a posição de beneficiário. Por esta razão, nos dois casos ele foi considerado subordinado a Melquisedeque. No entanto, ele é aquele que havia recebido as promessas de Deus de grandeza racial e benefício mundial por meio da sua descendência. Portanto, podia-se dizer que as próprias promessas estavam sujeitas à bênção de Melquisedeque. Se, no entanto, vemos Jesus aqui como Melquisedeque, veremos a profunda implicação a que a epístola está aludindo do início ao fim.

O contraste entre Levi e Melquisedeque é levado mais adiante. Os sacerdotes levitas eram **homens que morrem** — eles são mortais — mas naquela situação antiga, um

deles recebia os dízimos **de quem se testifica que vive** (8). A “testemunha” parece ser deduzida de Salmos 110.4. A lógica é que se o sacerdócio de Cristo deve ser para sempre e, ao mesmo tempo, de acordo com a ordem de Melquisedeque, então esta ordem de sacerdócio deve ter sido estabelecida para sempre. Portanto, Abraão estava dando dízimos a alguém que representava, não uma sucessão de sacerdotes, mas um tipo de sacerdócio que está perpetuamente investido em uma Pessoa perpétua. Este tipo de sacerdócio obviamente é superior à ordem levítica.

O autor agora procura por meio de uma investida final ressaltar a presunção levítica ao recorrer a uma mudança exagerada. **E, para assim dizer** é a frase introdutória. A ARA a traduz da seguinte maneira: “E, por assim dizer”. De acordo com Chamberlain, esta frase “introduz uma declaração hesitante. Ela indica que o autor não gostaria de ser entendido literalmente”;²¹ portanto, não podemos interpretar esta declaração como sendo um princípio sério aplicável à transmissão do pecado original. Mas encontramos aqui uma resposta final à própria resposta dos levitas, usando o tipo de argumento deles. Se pudesse ser dito que Abraão deu os dízimos a Levi por meio dos seus descendentes — por conseguinte Levi era tão grande quanto Melquisedeque — também podia igualmente ser dito que Levi pagou **dízimos por meio de Abraão. Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro** (9-10). Isto pode ser chamado de uma *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo), mas certamente uma resposta desconcertante e convincente.

Fica evidente que o autor vincula uma grande importância à proposição de que a ordem sacerdotal de Melquisedeque é muito superior à ordem de Levi. Estabelecer esta baliza polêmica significa garantir efetivamente toda sua posição, porque isto traz consigo implicações de longo alcance em relação a Cristo. O autor agora se propõe a mencionar algumas dessas implicações, e, ao fazê-lo, ele está proclamando o fim de todo o sistema levítico.

2. A Antiga Ordem é Substituída pela Nova (7.11-22)

a) *A impotência da ordem levítica* (7.11). As diversas implicações terminam na questão básica da **perfeição**, que neste contexto é habilmente definida como uma “comunhão perfeita entre Deus e os adoradores” (NT Ampl.). Esta é uma descrição exata, visto a partir do conceptualismo do “Santo dos Santos”. Mas ela também inclui (de acordo com o conceptualismo da nova aliança) a santificação pessoal, que por si só pode prover uma base moral para esta comunhão. As duas fases são esclarecidas no devido tempo. Mas agora assume-se que tal perfeição é necessária, pela sua própria natureza, tornando-se o alvo e o fim de toda religião. Qualquer sistema (incluindo o levítico) deixa de prover tal perfeição, sendo inadequado e temporário.

Os judeus acreditavam que o seu acesso a Deus por meio da sua adoração no Templo representava o auge das possibilidades. Mas **se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico [...] que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse?** A lógica é irrefutável. A observação entre parênteses: **porque sob ele o povo recebeu a lei**, indica que Deus deu a lei aos israelitas por meio da mediação deste sacerdócio; portanto, seus sacerdotes tinham todas as oportunidades para demonstrar a eficácia salvadora do seu ministério. Era um sacerdócio divinamente ordenado, mediando e ad-

ministrando uma lei divina. Será que esta combinação não seria adequada para alcançar a perfeição? Mas o anúncio de uma nova ordem prova que a antiga ordem não tinha condições de alcançar esta perfeição.

b) *A invalidação da lei mosaica* (7.12-19). Mas isto trazia consigo uma consequência igualmente avassaladora: **mudando-se o sacerdócio** (ou “se o sacerdócio é mudado”, um particípio circunstancial condicional), **necessariamente se faz também mudança da lei** (12). Um infere o outro. **Porque aquele de quem essas coisas se dizem** (i.e., Jesus) **pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar** (13), nem era permitido que assim se fizesse, sob pena de morte. **Que nosso Senhor procedeu de Judá** é de conhecimento geral; mas **concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio** (14). Perceba aqui que o autor está falando, não acerca de Levi ou Arão, mas de Moisés. Por trás da ordem sacerdotal levítica estava a lei mosaica. Se uma ruísse, a outra ruiria junto. Se Deus tornou o sacerdócio araônico obsoleto por meio de uma nova ordem sacerdotal, também tornou obsoleto o sistema de leis do qual o sacerdócio araônico derivava sua autoridade. Por mais perturbador que isso possa parecer, precisamos encará-lo, porque **muito mais manifesto** (incontestável) **é ainda se, à semelhança de Melquisedeque, se levantar outro sacerdote, que não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude da vida incorruptível** (15,16). Este texto (Sl 110.4) mostra que o sistema mosaico não está sendo amoldado, mas destruído.

Duas frases nestes versículos merecem uma atenção especial: **à semelhança de Melquisedeque** (15) e **segundo a virtude da vida incorruptível** (16). A palavra **semelhança** (*homoioteta*) traz luz sobre *taxin*. Esta palavra tem sido constantemente traduzida por **ordem** na ARC, como ocorre no versículo 17: **Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque**. Mueller entende que esta palavra significa “grau” ou “posição”, e indubitavelmente o grau de Cristo suplanta o de Arão. Mas a idéia de grau não traz a idéia exata de Hebreus e **ordem** chega mais próximo do conceito original. Aqui o autor está evidentemente usando **semelhança** como sinônimo.

O que está sendo ensinado não é tanto uma diferença no grau, mas uma diferença radical no padrão ou tipo de sacerdócio. Por isso, ele ressalta a sua natureza não genealógica, mas, acima de tudo, a sua perpetuidade. Assim, o fato culminante, **a virtude da vida incorruptível**, é confrontado com **a lei do mandamento carnal**. Aqui está a nota central desta nova ordem, que é semelhante a do seu tipo, Melquisedeque. É por isso que a ênfase na interpretação deste capítulo não deveria ser no homem Melquisedeque, como uma personalidade histórica misteriosa, mas na ordem ou tipo de sacerdócio que ele representa. Se tentarmos entender 7.3 e 7.8 literalmente como se referindo a um homem específico, acabaremos nos envolvendo em grande dificuldade. Mas, se entendermos estes versículos como que se referindo à ordem que este homem representa, as coisas se esclarecem. Devemos lembrar que o texto que tirou Melquisedeque da obscuridade e lhe deu significado doutrinário (Sl 110.4) vinculava este significado somente ao seu papel como um tipo do sacerdócio de Cristo. A pessoa importante em Salmos 110.4 não é Melquisedeque mas “Tu” (Cristo). E a idéia claramente transmitida é que o Messias serviria como Sacerdote e Rei, um novo tipo de Sacerdote, substituindo e destituindo a ordem araônica, bem como um novo tipo de Rei.

O autor finalmente revela de maneira clara aquilo que estava implícito o tempo todo: **Porque o precedente mandamento** (o mandamento anterior) **é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade** (18). Por meio da obra substitutiva de Cristo, a lei mosaica tornou-se inválida. O **mandamento** aqui corresponde à **lei do mandamento carnal** (16), que é **carnal** não no sentido de ser mau, ou de origem humana, mas no sentido que é concernente às legalidades físicas e externas, tais como as genealogias.²² **Lei** aqui seria “operação” (semelhante a **ordem**, 17), e, assim, a frase simplesmente significaria: “não de acordo com o padrão dessas exterioridades temporais”. A ordem prescrevendo qualificações e atividades sacerdotais é anulada (substituída, revogada) por causa da sua fraqueza inerente. Ela era incapaz de fazer a obra principal no homem que precisava ser feita. **Pois a lei** (de Moisés, incluindo o mandamento que governava o sacerdócio) **nenhuma coisa aperfeiçoou** (19). Ela não trazia nenhum proveito, nem para os sacerdotes nem para o povo, nem para a adoração nem para os adoradores.

Temos motivos para um regozijo durável em virtude de se seguir uma das conjunções adversativas centrais na Bíblia — **e desta sorte é introduzida uma melhor esperança**. Neste caso, o sentido de **melhor esperança** é a base ou a causa melhor de esperança. Sob a antiga ordem havia a lei, que não estimulava a esperança espiritual, tanto em relação à santidade quanto ao céu. Mas por meio dessa base superior de esperança (que é Cristo) **chegamos a Deus**. Vincent diz: “O cristianismo é a religião da boa esperança porque por meio dela as pessoas têm a oportunidade de entrar numa comunhão íntima com Deus. O antigo sacerdócio não podia realizar isto”.²³ A esperança é um incentivo melhor para a oração do que o medo.

c) *A inauguração de um testamento “melhor”* (7.20-22). O autor continua descrevendo as implicações do seu texto (Sl 110.4). Ainda existem dois pontos na sua exposição, ambos introduzidos por **E** (20, 23). A conclusão a ser observada nos versículos 20-22 é que **Jesus** foi **fiador** de um concerto **tanto melhor**. Mas o grau de superioridade está fundamentado em um simples fato, recapitulado no versículo 21, que é: **aqueles foram feitos sacerdotes sem juramento** (sacerdotes constituídos), enquanto Jesus não se tornou sacerdote **sem prestar juramento** (20). O autor tem considerado a proposição principal do seu texto, mas agora explica o significado da primeira parte. **Jurou o Senhor e não se arrepende** (21). Esta ênfase é alcançada pelo uso de dois pronomes, *hoson*, **visto como** (20), e seu correlativo, *tosouto*, **de tanto** (22). Assim, **visto como** deveria ser lido junto com **de tanto**. Veremos que a diferença entre a ordenação sacerdotal sem juramento (*horkomias*) e com juramento é fundamental. Conseqüentemente, vemos a superioridade do novo testamento sobre o antigo. Na mente do autor esta diferença é grande, possivelmente devido a duas considerações: Primeiro, o elemento de caráter final na natureza de um juramento; e, segundo, a natureza daquele que fez o juramento. Não é Deus que ministra o juramento ao Filho, que nesse caso seria o Filho prometendo cumprir seus deveres; é o próprio Deus que jura, prometendo estabelecer o sacerdócio individual do Filho para sempre. Tal obrigação nunca foi aceita no caso de Arão. E o **concerto** (testamento) mediado por um sacerdote que é assim superior deve igualmente ser superior. Por meio do juramento, Jesus tornou-se o **fiador** (garantia) de Deus deste concerto novo e melhor.²⁴

3. A Salvação Perfeita em um Salvador Aperfeiçoado (7.23-28)

O último ponto que o autor ressalta do seu texto é culminante. Ele examinou as várias linhas de verdade da natureza “melquisedequeana” no sacerdócio de Cristo; agora chegou o momento de uni-las.

a) *Um poder perfeito para salvar* (7.23-25). O contraste entre o novo sacerdócio (de Cristo) e o antigo não se apóia apenas no juramento (ou na ausência dele), mas no fato inferido e confirmado pelos simples acontecimentos da história. **E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque, pela morte, foram impedidos de permanecer (23), mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo (24).** Se Cristo vive para sempre, seu sacerdócio é para sempre — Ele “tem um sacerdócio permanente” (Mueller). Não haverá outro sacerdote que o sucederá, que continue a sua obra e talvez a leve mais adiante. Ele é o último. Por isso, seu sacerdócio é final e completo. **Portanto (por isso), pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles (25).** O tempo presente do infinitivo *sozein*, **salvar**, corresponde ao particípio presente, **vivendo sempre**. Visto que sempre vive, Ele sempre pode salvar — cada pecador em cada geração e em cada situação de necessidade. Não há um exaurir dos seus recursos. O poder para salvar está nele, e porque Ele vive, o poder sempre está lá. O versículo 16 destacou a “virtude da vida incorruptível”. A natureza deste poder é agora destacada — é o poder para salvar as pessoas. A conexão entre seu poder para salvar e sua intercessão também é significativa. Ele vive com um propósito — “para advogar a sua causa” (Mueller).²⁵

Cristo assegura para nós não somente o livramento da sentença da morte, que nossos pecados merecem, mas da depravação da nossa natureza. A palavra **perfeitamente** (*panteles*) revela o grau deste livramento.²⁶ Ela é completa, sem restrições. Não é uma “sentença suspensa” ou uma limpeza parcial, mas uma justificação plena (Rm 8.14).

Discussões subseqüentes mostrarão mais claramente que a salvação perfeita da condenação envolve a salvação de todo pecado. Além disso, este poder perfeito para salvar perfeitamente é a essência do testamento melhor — isto o autor também deixará claro.

Qualquer pecado no coração do crente é prova de uma salvação imperfeita, e o erro deve ser ou do Salvador ou do crente. Visto que não pode ser do Salvador, e certamente não é uma deficiência de suas promessas ou provisões, deve ser uma deficiência da apropriação. Esta verdade é inferida da frase que marca a própria limitação do poder do nosso Senhor: **os que por ele se chegam a Deus**. Ignorar Jesus significa perder sua salvação. Sua capacidade salvadora está limitada àqueles que se achegam a Deus por meio do Calvário, mas ela não é limitada em poder naqueles que se aproximam dele dessa forma. Aqueles que continuam sendo derrotados pelo pecado ainda não chegaram da forma apropriada.

Esta passagem sugere: 1) Um Salvador vivo — **vivendo sempre**. 2) Um Salvador adequado — **pode também salvar perfeitamente**. 3) Um Salvador restringido — **os que por ele se chegam a Deus**.

b) *Uma Pessoa aperfeiçoada que salva* (7.26-28). O autor estabeleceu a posição radical e revolucionária de Salmos 110.4. Nada mais será dito a respeito de Melquisedeque, mas muito mais será dito acerca daquele a quem o Pai se dirigiu na-

quele pronunciamento marcante. Jesus é nosso sumo sacerdote e somente Ele é suficiente para nós porque somente Ele tem todas as qualificações exigidas. **Porque nos convinha tal sumo sacerdote** (26), i.e., foi exatamente apropriado para cada uma de nossas necessidades. Em que sentido? Ele é **santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus**. Encontramos cinco marcas neste texto. As três primeiras marcas testificam das suas qualificações pessoais e caráter: **santo** de coração, **inocente** na conduta e **imaculado** de consciência. Mas as últimas duas falam eloqüentemente do cumprimento perfeito do seu ofício — “tendo sido separado” (particípio perfeito) **dos pecadores** e “tornando-se” (particípio presente, voz média) **mais sublime do que os céus**. Esta separação provavelmente é uma referência à solidão de oito dias exigida do sumo sacerdote antes de fazer expiação uma vez ao ano no Santo dos Santos. Este aspecto é usado figuradamente aqui, porque a separação de Cristo dos pecadores era moral, não social; era vitalícia, não temporária. Contudo, a figura fala da sua aptidão plena para o ato supremo de entrar no “Santo dos Santos” a nosso favor. Como consequência, Ele está firmado no lugar supremo de autoridade. Desta forma, estão resumidas tanto a sua *humilhação* quanto a sua *exaltação* (Is 52.13—53.12; Fp 2.9) e desta forma também está confirmada a sua *divindade essencial*, como cada judeu devoto perceberia (Sl 108.5).

Por causa das suas qualificações pessoais de caráter, Ele **não** necessitava, **como os outros sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente, por seus próprios pecados e, depois, pelos do povo** (27). Aqui há uma orientação segundo a qual o ritual diário de sacrifícios era um suplemento necessário para o grande Dia da Expição por causa do pecado diário repetido, bem como a eficácia insuficiente da expiação anual. Mas a ênfase aqui é que, no tocante a Jesus, esta repetição diária era desnecessária. **Porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo**. A palavra **isso** deveria ser construída com o segundo sacrifício do sumo sacerdote, i.e., para o povo, visto que o primeiro, i.e., **por seus próprios pecados**, não era necessário. E **uma vez** era suficiente, visto que o Sacrifício era ele próprio. (Cf. 9.24—10.18.)

Porque a lei constitui sumos sacerdotes a homens fracos (28). Os hebreus já foram lembrados desse aspecto (5.1-3). A palavra **fracos** (“fraqueza”, ARA; *astheneian*) aqui, como em 4.15; 5.2 e 11.34, tem uma nuance moral e fala basicamente das fraquezas que exigiam que aqueles outros sumos sacerdotes oferecessem primeiro sacrifícios pelos seus próprios pecados. É a inclinação para o pecado, que podemos identificar como pecado original. *Ter fraqueza*, observa Vincent, é mais forte do que o termo *fraqueza*, que isolado “pode inferir somente mostras de fraqueza, enquanto *ter fraqueza* indica uma característica geral”.²⁷ Isto é o melhor que a lei pode fazer — deixar que pecadores ministrem de uma maneira confusa a pecadores — porque até a chegada de Jesus não havia outra escolha.

Mas a palavra do juramento, sobre a qual temos exposto, **que veio depois da lei**, superou-a e a tornou antiquada e **constitui ao Filho, perfeito para sempre** (28). O grego é elíptico aqui, mas a ARC está correta em deixar que o verbo **constitui** sirva para os dois casos. Literalmente, a tradução seria: “Filho, que foi aperfeiçoado”. Será que quer dizer “foi aperfeiçoado para sempre” (NT Ampl.), ou o Filho foi constituído Sacerdote para sempre porque foi aperfeiçoado? Mueller traduz este texto da seguinte forma: “... a lei (constituiu) um Filho, tendo sido aperfeiçoado para sempre”. Logicamente a perfei-

ção de Cristo deveria ser vista como a antítese da “fraqueza”. Encontramos comparações e contrastes aqui, como mostra a palavra **mas**. Sua superioridade como sumo sacerdote consistia, em parte, no fato de que Ele estava livre do tipo de fraqueza que desqualificava os sumos sacerdotes araônicos de um ministério sacerdotal perfeito (e, conseqüentemente, permanente). Mas não devemos fazer a antítese tão precisa a ponto de construir o tempo perfeito do particípio (tendo sido aperfeiçoado) como significando que em certa época em sua vida nosso Senhor foi liberto ou purificado da fraqueza pecaminosa. Em vez disso, o conteúdo exato do seu aperfeiçoamento deve ser entendido à luz de 5.7-9. Pelo sofrimento e pela obediência Ele foi qualificado perfeitamente para ser o sumo sacerdote definitivo e eterno.

É evidente que o autor aos Hebreus está avançando passo a passo até o coração da obra e ministério de Cristo por nós. Suas unidades de pensamento parecem correntes entrelaçadas, salvo pelo fato de haver, com freqüência, várias correntes sendo formadas simultaneamente. Observando isso de outro ponto de vista, seu desenvolvimento parece telescópico. Em cada nova seção o autor introduz uma nova verdade, que ele então destaca e elabora na seção seguinte. Foi mostrado que Cristo é superior aos anjos como Filho, superior a Moisés como Príncipe, superior a Arão como Sacerdote, superior mesmo a Abraão; e agora esta superioridade é mostrada na inauguração de uma aliança (concerto) superior. Tendo expressado este conceito no capítulo 7, ele prosseguirá no capítulo 8 a trabalhar na análise lógica e na natureza desta nova aliança.

SEÇÃO III

A PAIXÃO DE CRISTO É DEFINITIVA

Hebreus 8.1—10.25

A. CRISTO E A NOVA ALIANÇA, 8.1-13

1. *Introdução* (8.1-2)

O versículo de abertura é um sinal óbvio de que o autor completou um estágio em sua discussão e está pronto para mudar para o próximo. Ele resume **a suma do que temos dito** em uma proposição tríplice: *a)* **Temos um sumo sacerdote tal**. A palavra **tal** (*toiouton*) é um pronome qualitativo. Chamberlain acredita que neste caso ele serve como o antecedente de **que**;¹ mas é mais provável que seja relativo à descrição que acabara de ser completada (7.26-28). Ele está unindo o que acabou de ser dito com aquilo que segue. Agora *b)* é este mesmo sumo sacerdote **que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade** (cf. 1.3, 13; 2.9; 4.14; Mt 26.64). Ele foi exaltado pelo Pai para ser o co-regente do universo.² Isso é a eminência absoluta. E, terceiro, *c)* este sumo sacerdote é **ministro do santuário** (2). Aqui está o versículo de transição. O autor acabou de estabelecer a nomeação e as qualificações do sumo sacerdote; agora ele está pronto para examinar a natureza do seu ministério. Um sacerdote exerce um cargo e cumpre uma função. O que faz Jesus? Onde está o foco do seu ministério? De que maneira Ele o cumpre? O que o seu ministério realiza a nosso favor? Estas são perguntas a serem respondidas nos capítulos 8—10, onde o campo de atenção é mudado das suas credenciais para o seu trabalho.

O substantivo **ministro** (2) está em oposição a **que** (1), e o artigo indefinido “um ministro” (de acordo com a KJV) não deveria ser usado, visto que Ele não é um ministro entre muitos. Ele é Jesus Cristo, **ministro do santuário**. A designação é uma palavra

composta (*leitos*, “público” e *ergon* “trabalho”) e seu significado principal é uma pessoa de caráter que realiza um dever ou serviço público por conta própria — particularmente verdadeiro em relação a Jesus. No NT, isto significa oficiais ou funcionários oficiais, administradores servindo a outros (Rm 13.6; cf. *diakonos*).

Literalmente, **santuário** está no plural, *ton hagon*, e deveria ser traduzido por “os santos”, possivelmente com referência ao santuário externo e ao mais santo de todos; entretanto, se isto está no feminino, este termo tem uma referência especial ao que foi mencionado por último (Vincent). Mas, em todo caso, o lugar da sua ministração é o **verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem** (2). O **tabernáculo** (lit., “tenda”) é o lugar onde Deus encontra o homem e o homem encontra Deus. O termo também fala metaforicamente do método em que esta comunhão é arranjada e completada. O tabernáculo celestial corresponde a “coisas celestiais” (v. 5); este é o **verdadeiro tabernáculo** (9.24) no sentido de que é real e definitivo, enquanto o Tabernáculo terreno, embora fisicamente real e visível, era no âmbito espiritual somente típico e temporário. Ele era para a verdade o que a sombra é para a substância. “Coisas celestiais” é uma expressão não tanto de um lugar como de um estado. O tabernáculo celestial está em contraste com o terreno, como o espiritual está em contraste com o material. O Tabernáculo terreno era rico em seu apelo material, mas pobre em sua habilidade de mudar ou satisfazer a alma em seu relacionamento pessoal com Deus. O Tabernáculo celestial, em contraste, é privado de esplendor terreno e materialidade, mas completo em sua substância espiritual. O homem pode fabricar o que é exterior e visível, tornando-o muito impressionante e estético; mas Deus estabelece — ou provê — o que é espiritual.

2. Um “ministério tanto mais excelente” (8.3-6)

Visto que um sacerdote é ordenado com o propósito de realizar um ministério sacerdotal, requer-se, se é que deve cumprir o papel de sacerdote, que **também tivesse alguma coisa que oferecer** (3). Mas não pode ser material quanto à sua natureza. **Ora, se ele estivesse na terra**, i.e., pertencendo à ordem terrena das coisas, **tampouco sacerdote seria**, visto que a ordem terrena já está provida de sacerdotes ocupados **que oferecem dons segundo a lei** (de Moisés; v. 4). Jesus não pertence a este grupo de sacerdotes.

Estes homens em Jerusalém **servem de exemplar [...] das coisas celestiais** (5). É, pois, apropriado diminuir o sistema terreno ao chamá-lo de modelo e sombra. Podemos verificar isto pela admoestação de Deus a Moisés: **Olha, faz tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou. Modelo** aqui é *typon*, “tipo” ou “disposição”; neste caso “projeto” ou “plano”. O projeto dado no monte era fundamentado no protótipo espiritual, escondido em Deus como um mistério divino, a ser revelado em Cristo. Isto significa que o Tabernáculo construído por Moisés em conformidade exata com o projeto celestial era uma cópia-modelo (*hipodeigmati*), i.e., uma cópia do modelo, mas somente no sentido de uma sombra projetada na terra pela realidade celestial. Se é uma cópia fiel, tanto a estrutura quanto o ritual têm sua contrapartida em Cristo. Esta é exatamente a suposição do autor e será a base da sua exegese mais tarde.

Não é de admirar então que Jesus Cristo não se encaixaria de forma alguma nesta estrutura sombra-cópia, porque sua tarefa é transformar a sombra em substância. **Mas agora alcançou ele ministério mais excelente** (6). Independentemente da excelência do ministério araônico, por causa das suas origens divinas, o ministério de Cristo é

“ainda mais excelente” (Mueller). **Quanto** (*hoso*) simplesmente indica que a medida dessa excelência maior é o grau de superioridade do novo concerto (aliança).

Seis vezes no NT Jesus é conhecido como o **mediador** (*mesites*) de um novo concerto; três dessas ocasiões são encontradas aqui em Hebreus (8.6; 9.15; 12.24). No sentido pretendido nesta epístola, a ênfase não está na reconciliação, mas na negociação e instituição. Mas Jesus era mais do que um negociador verbal ou um agente de comunicação. O significado mais profundo do seu ofício de **mediador** será percebido em 9.15. A atenção agora deveria estar focada no **melhor concerto**, melhor **porque está confirmado em melhores promessas**. As promessas não são melhores no sentido de serem mais confiáveis, mas melhores no sentido de terem um conteúdo superior. Deus promete uma substância melhor e termos melhores no novo concerto do que havia sido prometido no antigo. Esta substância melhor é agora indicada.

3. Um Concerto Melhor (8.7-12)

Os dispensacionalistas, às vezes, vêem inúmeros concertos (alianças ou pactos) feitos por Deus com seu povo, mas o NT reconhece essencialmente dois: primeiro, aquele que prevaleceu antes de Cristo e, segundo, aquele que prevalece desde Cristo. O AT registra a história e operação da economia do antigo concerto, enquanto o NT expõe o novo. Hebreus é a exposição por excelência, e poderíamos defender a proposta de que seu tema básico é o novo concerto — seu significado, seus recursos e o Mediador. O antigo concerto foi inaugurado (oficial, plena e conclusivamente) por Moisés (9.19,20); o novo, por Cristo.

O conceito do **concerto** humano-divino (*diatheke*) não é tão complexo para ser prontamente entendido. É um relacionamento que Deus inicia com seu povo, mas que o povo deve ratificar. É um relacionamento especial, separando o povo do concerto de todos os outros, possibilitando a Deus dizer: **eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo** (10). Isto envolve da parte do povo não somente certos privilégios mas obrigações definidas, que eles aceitam. Deus promete certas bênçãos, mas de acordo com termos específicos; assim, o concerto assume (somente em um sentido deduzível) a natureza de um contrato, concordado e assumido mutuamente (veja comentários em 7.20-22 e 9.15,16).

a) *A necessidade de um concerto melhor* (8.7-9). Antes de descrever o novo concerto, o autor justifica-o ao lembrar-nos das limitações do antigo: **Porque, se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo** (7). Em outras palavras, o fato de Deus prometer um novo concerto prova que o antigo era insatisfatório. Se tivesse sido intrinsecamente adequado para os propósitos de Deus, Ele simplesmente o teria renovado, em vez de tê-lo substituído (v. 13). Mas o fato é que nas Escrituras hebraicas há promessas de uma nova ordem. **Porque, repreendendo-os, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei um novo concerto** (8; Jr 31.31). No versículo 7, ele infere imperfeição no concerto; agora, no versículo 8, ele atribui imperfeição ou culpa ao povo. No primeiro caso, a idéia é de prováveis limitações inerentes; i.e., havia uma eficácia limitada no primeiro concerto, por causa da sua natureza preparatória. Mas o uso da palavra “falta” (NVI) no versículo 8 indica culpa, como é mostrado no versículo seguinte: **não segundo o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; como não permaneceram naquele meu concer-**

to, eu para eles não atentei, diz o Senhor (9). Suas limitações eram inerentes, como Deus já sabia desde o princípio, mas o seu completo colapso era culpa deles.

Que figura primorosamente meiga é a frase: **que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito!** Certamente a falta não era de Deus! Como um pai solícito, que com cuidado meigo toma conta pessoalmente dos seus pequeninos, e aninha suas pequenas mãos na mão poderosa dele para guiá-los por perigos e dificuldades, assim Deus protegeu e abrigou os filhos de Israel. Mas isto apenas aumentou sua culpa. A culpa também aumentou porque não tinham a desculpa de serem crianças. Eles eram um povo maduro que, embora tivesse sofrido muito, tinha exigido muito, recebido muito e prometido muito.

Sua rebelião crucial em Cades-Barnéia foi o início do fim do concerto; no entanto, esta foi apenas uma de muitas deserções nas gerações que se seguiram. Uma tradução melhor do versículo 9b seria: “Visto que não permaneceram fiéis ao meu concerto, eu também me afastei deles”. Eles não permaneceram em casa, debaixo do teto nupcial, mas violaram seus votos como uma mulher rebelde e persistentemente imoral (Jr 31.32). Portanto, chegou o tempo em que Deus também os rejeitou.

b) *A essência de um concerto melhor* (8.10-12). No versículo 6, encontramos a declaração de que o novo concerto estava fundamentado em “melhores promessas”. O significado possível do plural vai chamar a nossa atenção mais tarde (9.15). Mas aqui somente uma promessa chama a nossa atenção — Jeremias 31.31-34. Citado da LXX, Hebreus está essencialmente em concordância com o texto hebraico de Jeremias, embora a versão do AT seja mais rica em alguns detalhes. Em alguns detalhes também o texto grego usado na epístola de Hebreus está mais próximo do nosso AT do que algumas traduções como, por exemplo, a KJV. Observe as seguintes comparações:

<i>Jeremias (texto hebraico)</i>	<i>Hebreus (ARC)</i>	<i>Texto grego (LXX)</i>
(31) Farei...	igual	Consumarei
(31) com a casa de Israel [...] Judá	igual	sobre a casa de Israel [...] Judá
(32) invalidaram o meu concerto	como não permaneceram	não permaneceram
(32) apesar de eu os haver desposado	eu para eles não atentei	também os desprezei
(33) o concerto que farei	igual	o concerto (pacto) que farei
(33) a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR...	depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor	igual à ARC
(33) porei a minha lei no seu interior	porei as minhas leis no seu entendimento	igual à ARC
(33) e a escreverei no seu coração	e em seu coração as escreverei	grave-as (pl.) no seu coração
(33) e serei o seu Deus, e eles serão o meu povo	e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo.	Serei Deus para eles e eles serão povo para mim
(34) não ensinarão mais	E não ensinará	e não ensinará de forma alguma

<i>Jeremias (texto hebraico)</i>	<i>Hebreus (ARC)</i>	<i>Texto grego (LXX)</i>
(34) a seu próximo	igual	ao seu compatriota
(34) todos me conhecerão	porque todos me conhecerão	me conhecerão [tempo perfeito]
(34) perdoarei a sua maldade	Porque serei misericordioso	serei misericordioso para com
(34) nunca mais me lembrarei dos seus pecados	para com as suas iniquidades e de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais.	as suas iniquidades e de seus pecados não me lembrarei de forma alguma

O leitor terá de decidir se essas variações têm pouca ou muita importância. Possivelmente, a discrepância mais radical está no versículo 32, em que a LXX e Hebreus não mencionam o relacionamento de Deus com a nação como Marido, mas substituem a declaração severa de rejeição — “para eles não atentarei”. Outras nuances serão observadas abaixo, mas nenhuma dessas variações altera os elementos básicos. As partes envolvidas nos dois concertos são as mesmas: Javé de um lado e Israel e Judá do outro. Aqui está uma bela sugestão da unidade essencial dos descendentes de Jacó, apesar da ruptura dos reinos do Norte e do Sul que ainda prevalecia quando Deus transmitiu este oráculo por meio de Jeremias.³ A designação do povo hebreu como destinatário da promessa não exclui, é claro, os gentios que, pela fé, são enxertados no verdadeiro Israel (Rm 11.17-20). Mas esta não é a preocupação do autor aqui. É importante que estes cristãos hebreus entendam que Deus tem um novo plano para eles.

(1) *Santificação. Porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei* (10). Aqui está um poder redentor não presente no antigo concerto. Debaixo do concerto antigo Deus prometeu abençoar o povo e eles prometeram obedecer às suas leis. Mas a promessa deles, embora sincera, não condizia com sua ilegalidade interior. Como em uma democracia leis sem o apoio da população não podem ser impostas com sucesso, assim as leis sem apoio do coração não serão obedecidas. O antigo concerto provou ser formal e exterior, porque as leis estavam gravadas nas tábuas de pedra e não nas tábuas de carne do coração. A consciência obrigava um acordo verbal, porque o povo sabia o que deveria fazer; mas em muitos pontos o padrão da lei chocava-se com os seus fortes desejos e tendências interiores.

Uma santidade que é meramente exterior e formal não pode satisfazer nem a Deus nem ao homem. Deve haver não apenas uma conformidade completa com as leis de Deus, mas também uma afinidade entre elas nas profundidades mais secretas do ser humano. Então o concerto será guardado; e o melhor de tudo, guardado com alegria. Em contraste com isso, as leis que foram formalmente aceitas mas são incompatíveis com a natureza se tornam detestáveis e precisam ser reforçadas pela autoridade legal. Sanções e sacerdotes são necessários para forçar um certo grau de obediência exterior. Isto cria uma tensão e uma impressão imprópria de que a justiça é maçante enquanto a injustiça é “divertida”. As pessoas deixam de ver que a falta não está na lei mas no coração humano.

Fílon ensinou em Alexandria que a lei moral apoiada pela lei sacrificial tinha o poder de purificar a alma e produzir o caráter que ela requeria.⁴ Hebreus é uma refutação completa desta posição. A lei somente especifica o que se deve fazer; ela não pode provocar o desejo de fazê-lo. A lei pode induzir à obediência por medo, mas não à obediên-

cia por prazer. É por isso que Deus, por meio de Jeremias, fala no pronome pessoal: [Eu] **porei as minhas leis [...] em seu coração**. Ele não diz que estabelecerá um outro sistema legal que provará ser mais eficiente. Em vez disso, Ele operará diretamente no adorador individual e alterará, de maneira sobrenatural, a sua natureza (cf. Dt 30.6). A isso chamamos de graça santificadora, e ela é a essência do novo concerto.

Quais são as leis que Deus inculcará? A resposta só pode ser os padrões básicos de certo e errado. Estes padrões eram o que a natureza humana repelia, e a lei sacrificial provia expiação somente para as violações. No AT, os padrões são compendiados no Decálogo. No NT, estes fundamentos são esclarecidos, aplicados, ampliados e resumidos (cf. os grandes mandamentos e o Sermão do Monte), mas não essencialmente alterados e nunca cancelados. São as **leis** de Deus que continuam preocupando o homem, e isto é verdade tanto no novo quanto no antigo concerto.

Pode ser difícil provar uma diferença significativa entre **entendimento** e **coração** na epístola aos Hebreus. Em 10.16, os dois termos são invertidos; isto sugere que o autor entende as duas orações como um simples paralelismo e *entendimento* e *coração* como sinônimos. Em 8.10, as leis são impressas no coração enquanto são postas no entendimento; mas em 10.16 elas são impressas no entendimento e postas no coração. Evidentemente, o autor está ressaltando meramente a internalização da lei. Ela deve ser completamente impregnada no ser moral e espiritual do homem, até que a lei de Deus faça parte dele e que, na verdade, até se possa dizer que a lei é dele mesmo. Quando isso ocorrer, será tão natural obedecê-la como era natural desobedecê-la no passado.

(2) **Adoção. E eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo** (10). Este era, até certo ponto, o relacionamento debaixo do antigo concerto. Mas era mais um ideal do que uma verdade real. Muitas vezes o relacionamento foi interrompido por infidelidade e entristecido pelo julgamento divino. Mas agora será saudável e estável.

Aqui está um privilégio incrível, o de estar entre aqueles de quem Deus se agradou em chamar “meu povo” (Jr 31.33) e poder dizer com intimidade amorosa: “meu Deus”. Este é um relacionamento verdadeiramente pessoal, horizontalmente coletivo, mesmo que individualmente realizado e igual. Neste novo concerto, há respeito mútuo, amor sensível, a alegria de pertencer e a alegria de possuir. Fazer parte do povo de Deus significa não apenas “possuir” Deus mas também seu povo, de tal forma que o relacionamento é triangular. Podemos não somente dizer: “Meu Deus!”, mas também: “Meu povo!”. No novo concerto, este ideal sagrado será preciosa e gloriosamente real.

(3) **Regeneração**. Por que tanta certeza em relação a este relacionamento familiar estável e satisfatório? Porque ele não consiste em um contrato meramente legal, mas em um conhecimento pessoal. **E não ensinará cada um ao seu próximo** (compatriota), **nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior** (11). Embora a promessa seja feita ao Israel racial, a essência da promessa é tal que o seu cumprimento constituirá uma nova raça (Ef 2.11-22), cuja participação não dependerá do antigo nascimento, mas de um novo nascimento. Somente aqueles que “conhecem” o Senhor por meio da experiência pessoal (Rm 2.27) fazem parte deste Israel reconstituído. Fica claro que a participação é baseada na regeneração e preservada pela santificação.

Exatamente neste ponto ocorria uma das “falhas” do antigo concerto. Sua transmissão ocorria via ritual comunitário e uma linhagem racial, em vez de ocorrer pelo Espírito Santo. A perpetuação do ritual dependia de um sistema de ensino altamente eficiente e elaborado — os filhos recebiam dos pais, os vizinhos dos vizinhos. Era, assim, mais uma tradição coletiva do que uma posse pessoal. O conhecimento de Deus era mais *sobre* do que *de*; era o tipo de conhecimento que podia ser ensinado. Este tipo de conhecimento é de segunda mão, distante e insatisfatório. Não é algo muito confortante quando o indivíduo é tirado do abrigo de uma situação socialmente coesa e transplantado para um solo hostil e estranho. Alguns em cada geração certamente alcançavam uma certa medida de familiaridade e comunhão com Deus, mas a vasta maioria dos israelitas (debaixo da antiga ordem) não passava de meros seguidores de acampamento, espiritualmente falando. Agora, debaixo da nova ordem, **todos** (do verdadeiro Israel) conhecerão o Senhor, **desde o menor deles até ao maior**.

Tragicamente, grande parte da religião moderna é de segunda mão e formal. Nações inteiras hoje, bem como comunidades e famílias, fazem parte de um “cristianismo” nominal, ligadas somente pelas pressões e laços de rituais religiosos sociais com suas tradições, costumes e ritos sagrados. A vasta maioria desses grupos homogêneos na realidade não conhece o Senhor melhor do que Samuel o conhecia como menino no Tabernáculo. Quando estes indivíduos são arrancados de suas raízes religiosas e culturais e colocados em uma cidade ímpia ou em uma universidade secular, seus ideais morais logo evaporaram e suas práticas religiosas são abandonadas.

(4) *Justificação*. Deus também será **misericordioso para com as suas iniquidades**. Jeremias disse claramente “perdoarei”. A frase seguinte expressa a eficácia deste perdão: **de seus pecados e de suas prevaricações não me lembrarei mais** (12). **Não [...]** **mais** (ou *me*, negativo duplo) acrescenta uma ênfase vigorosa a esta declaração. Os pecados destes que conhecem a Deus e que foram trazidos para um estado de harmonia com a sua lei são perdoados completamente e nunca mais serão cobrados deles. Seria incompatível com Hebreus como um todo, e certamente com a estrutura interior deste novo concerto, entender este perdão como uma indulgência geral para continuar na prática do pecado. Trata-se, na verdade, de um perdão que é moralmente absoluto porque está fundamentado no sangue de Cristo. Portanto, ele não é nenhum alívio experimental fundamentado nos sacrifícios de animais, e sujeito à repetição vitalícia destes sacrifícios. Este contraste será o assunto da exegese seguinte, e a essência será dupla: *a*) que o sangue de touros e de bodes nunca pode tirar os pecados de fato; e *b*) estes sacrifícios nunca podem trazer completa segurança à consciência do adorador de que seus pecados foram totalmente cancelados. Mas o perdão genuíno acompanhado de uma consciência purificada faz parte do novo concerto, junto com a comunhão do conhecimento pessoal e o poder da santidade pessoal.⁵

Aqui estão os quatro privilégios providos pelo novo concerto: santificação, adoção, regeneração e justificação. Embora correlacionados e interdependentes, fica claro que o âmago e a glória máxima do NT é a santificação, sem a qual os outros aspectos não podem ser preservados e corrompem todas as outras bênçãos do AT. Esta santidade íntima é o ideal e alvo de toda religião; mas é somente em Cristo e por meio do novo concerto que a institui que ela é colocada em prática.

4. *Um Concerto Substituto* (8.13)

Outra doutrina de Fílon, vigorosamente promulgada entre os judeus alexandrinos, dizia que o concerto mosaico era eterno. O autor aos Hebreus refuta meticulosamente este ponto. Ele confia na simples lógica do adjetivo **novo**. Ao dizer **novo concerto** (o grego somente traz **novo**, *kainen*), Deus está automaticamente tornando **velho o primeiro**. Literalmente, Ele o está tornando obsoleto. Todo sistema judaico é agora obsoleto e útil somente para as lojas de antigüidades e para a pesquisa dos estudiosos. **Ora, o que foi tornado velho e se envelheceu perto está de acabar**. Mueller é mais literal: “Mas, aquilo que é antiquado e decadente (desvanecendo com o tempo) está prestes a desaparecer”. Se este antigo concerto está obsoleto, quer dizer que um dia foi útil. Chegou a hora de um fim silencioso e um sepultamento respeitável. Não tem mais sentido continuar procurando abrigo debaixo de uma árvore morta, prestes a cair, ou multiplicar pedaços de madeira para escorar algo velho e gasto. A frase **perto está de acabar** é provavelmente profética acerca do completo desaparecimento do sistema religioso do Templo judaico em 70 d.C., e, assim, possivelmente a data desta epístola é anterior a esse colapso.

B. A NOVA ALIANÇA E O SANGUE DE CRISTO, 9.1-28

A natureza definitiva do sacerdócio superior do nosso Senhor e do seu ministério essencial em substituir o concerto antigo por um novo foi estabelecida. Agora o autor examina em detalhes como o ministério do nosso Senhor foi cumprido e como exatamente ele provê. O modo encontra sua singularidade dramática no fato de que Jesus não era somente sumo sacerdote, mas sacrifício; não apenas ofertante, mas oferta.

1. *O Antigo Padrão do Serviço Divino* (9.1-10)

Além do sacerdócio araônico, o primeiro **concerto** (embora não conste no original grego, **concerto** está inferido pelo versículo anterior) tinha dois outros componentes essenciais: *a*) **ordenanças de culto divino**; e, *b*) **um santuário terrestre** (1). Havia ritos prescritos para a adoração deles e regras que governavam cada mínimo detalhe. Não só a forma de adoração era prescrita, mas o local onde ocorria esta adoração. O local é discutido primeiro (veja quadro A).

a) *O santuário terrestre* (9.1-5). O local era **terrestre** no sentido de que era visível, material e terreno, adequado para esta ordem terrena (Jo 4.20-24).

(1) *O santuário externo* (9.2). Este local designado era um **tabernáculo** (tenda). Na verdade, o texto indica dois tabernáculos. No **primeiro** [...] **ao que se chama o Santuário** (2; lit., “chamado santo”) ficavam **o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição**. Os **pães da proposição** eram doze bolos representando as doze tribos de Israel, mantidos sempre na mesa como um memorial perpétuo ou uma lembrança do concerto de Deus com seu povo. Acreditava-se também serem um tipo de Cristo, o Pão do céu, a ser comido pelos sacerdotes (todos os crentes). Do lado oposto da sala ficava **o candeeiro**, a única fonte de iluminação, visto que não havia janelas. Encon-

tramos aqui uma bela figura do coração justificado: a luz interior, alimentada pelo óleo do Espírito Santo, e o pão diário de Cristo no interior, pelo qual vivemos.⁶

(2) *O santuário interno* (9.3-5). O segundo **tabernáculo**, ou uma divisão da estrutura total, era uma câmara quadrada de cerca de cinco metros **que se chama o Santo dos Santos** (3). O véu separando este lugar do santo lugar é chamado de **segundo véu** porque o lugar santo estava separado do pátio externo por um outro véu que, se alguém se aproximasse desta tenda à porta do pátio, seria naturalmente o primeiro véu. **O Santo dos Santos [...] tinha o incensário de ouro** (melhor, “altar”) **e a arca do concerto** (4). Somente Hebreus registra os três itens na arca: **o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto**.⁷ Mais tarde veremos que a arca representa o coração santificado que habita na presença de Deus (10.18-22). Neste coração santo há três bênçãos do novo concerto: *a*) a lei de Deus (8.10; 10.16) significa a entronização do estatuto de Deus e a completa submissão da natureza moral deste estatuto. Isto envolve a reconstrução da imagem moral de Deus que foi perdida na Queda, tornando possível e favorável a justiça da vida. *b*) o fruto sobrenatural do Espírito, agora florescendo e que antes era uma vara sem vida, é simbolizado pela **vara de Arão, que tinha florescido**. *c*) A força interior permanente do Cristo vivo que habita no interior do crente é representada pelo vaso de **maná** (Jo 6.48-51; Ef 3.14-21).

I. M. Haldeman acredita que a arca é um tipo de Cristo,⁸ mas há razões para acreditar que o **propiciatório** (*hilasterion*) mais particularmente representa nosso Senhor. Quando lemos que Cristo “propôs para propiciação pela fé no seu sangue” (Rm 3.25), encontramos a mesma palavra, *hilasterion*, que pode significar ou o meio da propiciação ou o lugar da propiciação.⁹ Visto que o lugar da propiciação era a cruz e o meio era o sangue de Cristo, os dois significados da palavra convergem nele. Como **os querubins da glória** (presença de Deus) faziam **sombra no propiciatório** (5), assim o propiciatório cobria e completava a arca (i.e., a tampa da arca, que se encaixava perfeitamente). Assim a alma santa encontra sua plenitude somente debaixo do propiciatório. Mas o **propiciatório** também é uma parte estrutural dos **querubins da glória**; ele é, portanto, o meio de unir Deus e a alma e trazer a alma debaixo do abrigo das asas divinas. Assim como esta união depende da união perfeita com o propiciatório, assim a santidade da alma e o abrigo divino dependem de ser ao mesmo tempo perfeitamente unidos e perfeitamente subordinados a Cristo. Mas esta linha de pensamento não pode ser forçada demais aqui, visto que Hebreus deixa de fazê-lo: **das quais coisas não falaremos agora particularmente**. O autor não está planejando ressaltar os detalhes tipológicos da mobília.

b) As ordenanças terrenas (9.6-10). O alvo imediato do autor é mostrar que o ministério sacerdotal ordenado para este Tabernáculo terreno no deserto não supria todas as necessidades. Ele era inadequado. **A todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços** (6). Esta era uma esfera determinada da sua ministração regular e era a esfera de justificação legal e adoração ritualista. Ela era externa e formal, de forma nenhuma semelhante à intimidade do “Santo dos Santos”, tal como na ocasião em que Deus falou a Moisés “face a face”. Moisés foi aceito, mas os sacerdotes não podiam entrar; naquele lugar mais santo entra **só o sumo sacerdote, uma vez no ano** (7), no décimo dia do sétimo mês (Tisri, setembro-outubro no nosso

calendário). Este dia é hoje conhecido como Yom Kippur pelos judeus. Mesmo assim, a forma de entrada do sumo sacerdote era minuciosamente prescrita, e o cumprimento destes detalhes continha alto risco, a ponto de este dia ser considerado um dia de medo em vez de um dia de alegria. Ele não se atrevia a entrar **sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas** — pecados de ignorância — **do povo** (cf. Levítico 16). O fato de o sumo sacerdote araônico ser mais limitado do que Moisés com respeito ao Santo dos Santos certamente implicaria que a ordem araônica não era o caminho planejado por Deus para quebrar a barreira da participação das bênçãos além do véu — **dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário** (Santo dos Santos) **não estava descoberto** (8).

A ordem levítica que determinava estes detalhes não foi invenção dos sacerdotes pós-exílicos, mas um segmento autêntico da revelação divina, de autoria do próprio Espírito Santo. As restrições e mistério que envolviam o **Santuário** eram parte da lição. Por meio desta lição, o Espírito Santo “quer nos fazer entender” (Phillips) que todo o sistema levítico-mosaico era um sistema incompleto e permaneceria como tal **enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo**, ou literalmente, “enquanto continuar erguido”, i.e., enquanto estiver intacto e mantiver a sua dignidade. Naturalmente a tenda literal já não estava em pé havia muito tempo, mas este não é o sentido pretendido aqui. O termo **tabernáculo**, ou “tenda”, é usado figuradamente referindo-se a todo o sistema, que tinha uma permanência válida e autoridade divina até a morte de Cristo. Durante toda esta era o mistério do Santo dos Santos (**Santuário**) era um livro fechado. E isto que estava sendo praticado, tanto diária quanto anualmente, era **uma alegoria** (9), i.e., uma parábola ou comparação, **para o tempo presente** ou “para o tempo atual” (Mueller). Em Cristo, tanto o significado real quanto o cumprimento real são revelados.

Nesta **alegoria**, ou parábola, era apropriado oferecer **dons e sacrifícios** a Deus. Mas estes não tinham o poder de fazer disso algo que precisava ser feito; eles, **quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço** (os adoradores). Eles não alcançavam o fim desejado em purificar a consciência da intranquilidade e culpa. Os adoradores continuavam necessitando daquilo que todos os adoradores em todo lugar anelam — paz e segurança. Havia uma impotência inerente nos sacrifícios de animais. A perfeição mais precária que podia ser alcançada debaixo deste modelo parabólico consistia¹⁰ **somente em manjares, e bebidas, e várias abluções** (10). Mesmo com o cumprimento meticuloso das regras sacrificiais e cerimoniais havia pouca satisfação. Paulo descobriu que tudo isso era infrutífero e insatisfatório (Fp 3.4-6).

Qual era o propósito deste sistema? Prognosticar, como um tipo parabólico, o sistema melhor, agora encontrado em Jesus, como já foi mostrado nesta epístola. Conseqüentemente, não se podia dizer realmente que o antigo tinha falhado; ele servia a este propósito (Gl 3.24) e nunca tinha sido planejado para fazer mais. Todo o sistema era um conjunto de **justificações da carne, impostas até ao tempo da correção**.¹¹ Mueller traduz esta frase da seguinte forma: “até um tempo de completa retificação”. Isto, no entanto, não é uma correção do sistema antigo. Antes, é uma alusão àquele tempo quando a retificação interior pessoal, que não é possível em uma medida profunda e completa por meio de rituais externos, se tornou possível para todos os adoradores por meio do concerto (aliança) melhor de Cristo. A santidade que era apenas prefigurada anteriormente torna-se real em Cristo.

2. O Serviço Contrastante em Cristo (9.11-15)

a) *Sua ação contrastante* (9.11-15). **Mas vindo Cristo** — é Ele que faz a grande diferença, tanto no contraste da sua ação como na superioridade da sua pessoa. Ele tinha vindo como **o sumo sacerdote dos bens futuros**.¹² Seu serviço divino como sacerdote é diferente do serviço levítico, tanto no que diz respeito ao lugar como no sangue sacrificial usado.

Em relação ao lugar (o primeiro ponto de contraste), seu ministério ocorre em **um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos** (11). Imediatamente, segue-se o comentário explanatório: **isto é, não desta criação**. O santuário com o qual Cristo e seus filhos têm de lidar não é material, visível, local e destrutível; ele, na verdade, é de uma ordem espiritual. Embora a morte de Cristo fosse física e visível, seu significado interior era relevante para uma estrutura invisível de realidade, o Reino de Deus. Este é **mais perfeito** em muitos sentidos, mas certamente não menos importantes são sua permanência e acessibilidade universal.

O segundo ponto de contraste é o sangue que foi usado — não de **bodes e bezerros, mas [...]** **seu próprio sangue** (12). Aqui também encontramos um terceiro contraste na sua natureza e suficiência definitivas da sua entrada singular — **entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção**. Mueller traduz: “Tendo revelado uma redenção eterna”. A redenção eterna não é obtida incondicionalmente, mas tornada possível.¹³ O tempo do verbo também apresenta um problema. **Havendo efetuado** coloca a transação crucial antes da entrada no **santuário** (“Santo dos Santos”, ARA). Neste caso, a expiação deve estar associada rigorosamente à morte de Cristo no altar do sacrifício, enquanto no plano levítico a expiação era não apenas pela morte de animais, mas em levar o sangue até o Santo dos Santos (v. 7). A tradução da RSV harmoniza melhor com o tipo: “desta forma garantindo (assegurando) eterna redenção”. Em outras palavras, a redenção é efetuada pela sua entrada no Santo dos Santos como uma parte culminante e integral do ato redentor total. Robertson diz que este **santuário** (Santo dos Santos) fica no céu. O versículo 24 apóia esta interpretação, mas a ênfase é o céu no sentido de representar “a presença de Deus” (v. 24). Esta idéia está mais próxima do simbolismo real do “Santo dos Santos” terreno, que significava, não céu, mas a presença gloriosa de Deus e um relacionamento desimpedido com Deus em sua presença. Jesus entrou nesta presença com **seu próprio sangue**, não sangue literal, mas com os direitos que este sangue proporcionou, ao morrer pelos homens. E (o quarto ponto de contraste) Ele **entrou** nesta santa e divina presença a fim de permanecer para sempre — não para apressar a saída, como fazia o sumo sacerdote levítico.

b) *O benefício contrastante* (9.13,14). Não há apenas os quatro pontos de contraste observados até aqui, mas há também o contraste infinito entre a eficácia do sangue de Cristo em comparação ao dos animais (quinto ponto). O valor inerente do sangue de animais seria virtualmente nulo, mas o valor inerente do sangue de Cristo, o imaculado Deus-homem, seria incalculável. No entanto, este quase desprezível sangue de animais assegurava aos adoradores do AT alguns benefícios — **os santificam, quanto à purificação da carne** (13). Esta santificação era uma restauração da sua “pureza exterior” (NEB) e sua aceitabilidade formal por Deus. Eles eram novamente membros sem dolo de

uma raça santa, povo escolhido e consagrado a Deus. Mesmo esta consequência não era devida ao sangue usado, mas ocorria por intermédio do ato de penitência, adoração e obediência em buscar a reconciliação por meio dos sacrifícios prescritos. Portanto, a lógica é: **Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, espargida sobre os imundos** (13; cf. Lv 16.3, 14,15; Nm 19.9, 17) cumprirão esta tão grande bênção, **quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?** (14). A frase **quanto mais** é medida pela distância qualitativa entre criaturas malcheirosas e estúpidas e o próprio Deus, seu Criador. Este sangue sagrado de Jesus Cristo Homem foi elevado a um valor infinito pelo fato de Ele ter realizado sua ação **pelo Espírito eterno**, não o Espírito Santo, mas seu próprio espírito, o Filho eterno.¹⁴

Agora observamos o sexto ponto de contraste. Enquanto os animais sacrificados do AT eram vítimas desamparadas, este Cordeiro de Deus **ofereceu-se a si mesmo imaculado a Deus**. Jesus não foi apanhado numa armadilha que redundou em uma morte prematura e trágica; Ele deu-se a si mesmo de forma voluntária, sabendo o tempo todo que tinha o poder de rejeitar a cruz. Assim, o valor intrínseco de seu sangue foi formado pelo mérito ético do seu ato volitivo.

A bênção vastamente superior oferecida a nós por este sangue santo e precioso é muito mais profunda do que uma purificação ritualista, afetando nossa posição; ela afeta nosso estado interior — **purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo**. A purificação da consciência aqui é semelhante ao aperfeiçoamento da consciência no versículo 9. A impotência do sangue de animais é contrabalançada pela eficácia do sangue de Cristo, mas novamente de forma provisória (forma clássica de *kathario*, tempo futuro, “purificará”). O sangue de Jesus é adequado, mas é uma purificação condicional para todos. Não há uma purificação automática, que ocorre incondicionalmente pelo ato da expiação. A fé se apropria do sangue purificador. Somente a fé no sangue como base para a nossa salvação trará uma percepção completa de libertação.

O que precisa ser purificado é a **consciência** ou a percepção moral (almas — Phillips). Apesar da assídua observância das cerimônias levíticas, um sentimento de culpa e violação continuava controlando a consciência dos adoradores. Mas em Jesus eles podem encontrar paz perfeita. O adorador pode conhecer a doce percepção de um homem de 84 anos que testifica: “Pela primeira vez na vida me sinto puro por dentro”. Somente o Espírito Santo pode lavar de todo o pecado e dar um sentimento pleno de novidade e pureza; mas isto Ele faz com base no mérito expiatório do sangue de Cristo e em resposta à fé neste sangue. Liberto, o crente é agora capaz de adorar o Deus vivo de maneira aceitável. O contraste entre **Deus vivo e obras mortas** é marcante. Obras pecaminosas que trazem morte para a alma nos desqualificam para a comunhão com Deus ou para o serviço ao Deus que é santo. Assim, esta purificação da consciência deve, por necessidade, incluir a regeneração e santificação inicial (Ef 2.1).

c) *O escopo contrastante* (9.15ab). Um concerto completamente novo foi instituído para que fosse possível uma purificação profunda.¹⁵ **E, por isso, é Mediador de um novo testamento** (15). Nesta nova ordem das coisas, a morte de Cristo provê reden-

ção para todas as **transgressões que havia debaixo do primeiro testamento**, cancelando, desta forma, sua reivindicação sobre elas e, por meio disso, justificando seu fim. **Os chamados**, i.e., aqueles que ouvem o evangelho e obedecem, podem, desta forma, escapar da escravidão da ordem antiga e compartilhar com os gentios crentes a promessa da vida eterna.

É altamente significativo que a morte de Cristo era para as transgressões cometidas debaixo do antigo concerto. Um aspecto disso é visto por Robertson: “Aqui, há uma declaração definitiva de que o valor real dos sacrifícios típicos, debaixo do sistema do AT, estava na sua realização na morte de Cristo. É a morte de Cristo que dá valor aos tipos que apontavam para Ele. Assim, o sacrifício expiatório de Cristo é a base da salvação de todos que são salvos antes da cruz e desde então”.¹⁶ Mas isto não é tudo. A palavra **transgressões** (*parabasis*) é a mais forte no NT para uma violação deliberada da lei conhecida, e sempre infere plena culpa e responsabilidade pelo castigo.¹⁷ A palavra é usada somente duas vezes em Hebreus, aqui e em 2.2, onde lemos que debaixo da ordem do AT “toda transgressão e desobediência recebeu a justa retribuição”. O pecador deliberado não podia escapar do castigo por meio de uma oferta casual de um sacrifício de animal. O sistema sacrificial era essencialmente para os pecados de ignorância e omissão, cometidos de forma involuntária pelo israelita que procurava andar na retidão. A situação não era fácil para o pecador que cometia um pecado de mão erguida. Ele precisava ser castigado e, em alguns casos, com a pena de morte. Visto que todos eram culpados destes pecados, mesmo que de forma menos séria, os quais muitas vezes não eram revelados, levando-os a sofrer castigo, é compreensível que o adorador sempre percebesse que um sentimento de condenação o espreitava.

Este realmente é o ponto crucial da culpa e alienação de Deus. Para que essa situação moral desagradável pudesse ser resolvida precisava haver um sangue melhor, um sacerdote melhor, um concerto melhor. E isto pôde ser encontrado em Cristo e na sua morte. Esse é o plano divino maravilhoso que harmoniza justiça e misericórdia na cruz de tal forma que agora a vida pode ser oferecida àqueles que mereciam a morte! A frase **intervindo a morte** indica que a morte de Cristo, embora não um substituto exato para a morte deles, era um preço de redenção aceitável no lugar da morte deles. Encontramos aqui uma nova dimensão de salvação: a misericórdia é estendida para incluir o pecador voluntário e propositado, condenado no antigo concerto. Para ele, o antigo concerto não tinha nada a oferecer além da morte ou era desgraçadamente inadequado. Mas agora ele também pode se qualificar para a promessa da herança eterna. A única condição é que esteja entre **os chamados** (“que obedecem ao chamado de Deus”, Phillips).

3. O Sangue Certificador (9.15c-22)

Agora o autor prossegue ao mostrar que da forma como o sangue de Cristo provê uma purificação melhor dentro da nova ordem, da mesma forma ele serve para prover a ratificação necessária para a nova ordem.¹⁸

a) *A herança prometida* (9.15c). O esteio deste pensamento é a cláusula **recebam a promessa da herança eterna**. O novo concerto está relacionado a uma **herança eterna**, de natureza espiritual e celestial, não a uma herança terrena e nacional à qual os judeus tinham se agarrado tão obstinadamente. O que está em jogo agora é a promessa

desta herança; sua realização completa não ocorre de uma vez, mas no futuro. **Recebam a promessa** significa tomá-la na mão, i.e., tomar posse, em nome de Cristo, das proviões que ela oferece. Mas, ao fazê-lo, o suplicante renuncia a todo direito de poder terreno em troca de uma herança invisível e sobrenatural mas eterna e indestrutível.

b) *A morte do testador* (9.16). A referência à “herança” nos lembra que o concerto que promete esta herança em Cristo vem na forma de um testamento.¹⁹ Há um legado incluído no novo decreto. A morte do nosso Senhor foi, conseqüentemente, não somente uma necessidade sacerdotal mas legal: **Porque, onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador**. Um legado (herança) é disponibilizado somente pela morte do benfeitor que o escreveu no seu testamento. Neste ponto, Aquele que morreu — claramente Cristo — é identificado como o Testador, ou Autor do concerto; no entanto, em outros textos Javé é o Autor (Jr 31.33; Hb 8.8). É óbvio, portanto, que o Cristo que morreu é também o Deus que por meio de Jeremias disse: “Farei um novo concerto”. Como Filho do Homem, é Mediador; como Filho de Deus, é Autor.

c) *Os rituais de sangue do primeiro concerto* (9.17-21). Este princípio não é apenas válido na lei romana — de que um testamento não terá qualquer **valor enquanto o testador vive** (17). Também não era estranho à ordem mosaica, porque **o primeiro** (testamento) **não foi consagrado** (instituído) **sem sangue** (18). Os animais eram mortos no lugar das pessoas, e o sangue testificava que uma morte tinha ocorrido. Este sangue podia ser usado para ratificar o concerto. Quando Moisés declarou os termos do decreto divino, **tomou o sangue [...] e aspergiu tanto o mesmo livro como todo o povo** (19), **dizendo: Este é o sangue do testamento que Deus vos tem mandado** (20). **O sangue do testamento** é o sangue que ratifica (sanciona) o concerto.²⁰

Mais tarde, quando a tenda foi erguida, e Arão e seus filhos foram devidamente empossados, Moisés **aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os vasos do ministério** (21; Lv 8). Este aspergir posterior provavelmente poderia ser considerado parte do primeiro; ele completava o antigo concerto que Deus tinha **mandado** (20; imposto pelo mandamento oficial) a eles.

d) *O coração da verdadeira religião* (9.22). A necessidade de derramamento de sangue, tipificando a doação de vida, é resumida no versículo 22. No que tange à purificação cerimonial, **as coisas**, i.e., o Tabernáculo e seus acessórios de adoração, lemos o seguinte: **E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue**. Mas ainda mais indispensável é o sangue remidor oferecido em favor dos pecadores. **Coisas** requerem o aspergir de sangue quando são consagradas. Mas pessoas requerem perdão; e embora possa haver exceções em relação às coisas, não há exceção no perdão; porque **sem derramamento de sangue** não há **remissão** de forma alguma.²¹ Esta é a grande diferença entre o caminho de Deus e o caminho do homem, entre a verdadeira religião e a falsa. O homem tem uma visão inadequada do pecado e despreza o sangue como inentemente necessário para o perdão. Mas ao exigir sangue, Deus ressalta a excessiva pecaminosidade do pecado; e ao prover o Sangue, Ele revela o seu infinito amor. O sangue do pecador pode ser poupado — mesmo o de animais — porque Deus sacrificou seu próprio “Cordeiro [...] que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

4. O Benefício de Sacrifícios Melhores (9.23-28)²²

O pensamento desta seção alcança um clímax comovente, quando o escritor resume o benefício e a natureza definitiva do sacrifício do nosso Senhor por nós. Em nenhum outro lugar, ele usa contrastes de forma mais impressionante do que aqui. As **figuras** são contrastadas com as **coisas que estão no céu** (23); o **santuário feito por mãos** é contrastado com **a verdade** (24); a repetição da expiação **cada ano** é contrastada com uma vez **na consumação dos séculos** (25-26); e o **juízo** futuro é contrastado com a **salvação** vindoura (27-28).

Mas os detalhes não devem desviar nossa atenção de Cristo. Ele é o Senhor majestoso que se tornou tanto Sacerdote quanto Sacrifício e é o centro das atenções destes versículos, uma vez que obtém benefícios cósmicos e eternos para nós. Neste resumo, somos lembrados que, ao cumprir o seu ministério como Sacrifício-Sacerdote, nosso Senhor estava satisfazendo uma necessidade própria. A necessidade de que **as figuras das coisas que estão no céu assim** (ritos de sangue) **se purificassem** é um reflexo da necessidade mais profunda de que **as próprias coisas celestiais** deveriam ser purificadas **com sacrifícios melhores** (23). A ordem terrena de adoração chamada **figuras** (*hypodeigmata*) não era o modelo original, mas uma cópia simbólica das coisas celestiais, e a palavra deveria neste caso ser assim traduzida. Isto é a sombra, não a essência.²³

Tanto as **figuras** quanto a contraparte, **coisas celestiais**, estão no plural, porque os dois esquemas incluem um tabernáculo como um lugar, ordenanças de serviço ou de adoração, um sacerdócio de um ministério mediador e asseguravam benefícios para o adorador. A forma neutra *ta epourania*, **coisas celestiais**, realmente não se refere tanto a um lugar como a uma dimensão de realidade; por isso, podia ser traduzido por “realidades celestiais” ou coisas espirituais, que correspondem ao novo concerto que está sendo discutido (cf. 8.2, 5; 9.11). O esquema inteiro do novo concerto precisava ser purificado tão certamente quanto o primeiro concerto.

Qualquer plano de redenção envolvendo um Deus santo e um homem pecador deve ser consagrado e qualificado pelos recursos divinamente determinados. Esta não é uma barreira erguida arbitrariamente; há aqui uma retidão profundamente inerente, na verdade, uma necessidade moral. Pois o pecado já é uma barreira, levantada pelo homem, alta e pavorosa. O homem não pode removê-la, ou escalá-la alegremente, ou estabelecer termos vagos e superficiais de reconciliação de acordo com o seu gosto. Somente Deus, o Soberano ferido e desonrado, pode prescrever termos, e eles precisam ser de tal natureza que reflitam a enormidade do pecado por um lado e a santidade tremenda (bem como a misericórdia) de Deus do outro.

Para que o homem e Deus possam ser reconciliados novamente, isto precisa ocorrer numa base integralmente moral. O amor de Deus gera amor, mas em um contexto tão solene quanto o do fogo do Sinai e do sangue do Calvário para que o amor que é gerado nunca seja negligente ou presunçoso, mas repleto de temor e humildade, admiração e penitência. O carmesim vermelho sempre tem sido o padrão redentor de Deus. E mesmo seu plano final em Cristo, chamado de novo concerto, precisa ser ratificado, mas **com sacrifícios melhores do que estes**, que eram aceitos no antigo concerto. Estes sacrifícios melhores são encontrados na morte singular e na entrada no Santos dos Santos desta Pessoa singular, o próprio Cristo. Eles alcançam para nós benefícios incomparavelmente melhores, três dos quais são resumidos de forma bela e concisa nos versículos 24-28.

a) *Agora — uma representação perfeita* (9.24). Os sumos sacerdotes levíticos entravam no **santuário** (a KJV traz “lugares santos”, ou seja, os dois santuários do Tabernáculo) **feito por mãos**, com o propósito de servir em seu ofício mediador como representantes humanos diante de Deus. Mas este Tabernáculo era apenas uma **figura do verdadeiro**, “a contraparte da realidade” (Moffatt). A realidade era o próprio trono de Deus. Aqui Cristo entrou **no mesmo céu**. Isto não é somente uma esfera espiritual ou uma dimensão, mas um lugar definitivo, o assento da administração divina. Foi lá que Cristo nos representou e continua a fazê-lo: **para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus**. A palavra face ou semblante (*prosopo*) traz a noção de que este lugar de representação não é meramente a presença de Deus no sentido de onipresença, ou por meio do Espírito Santo, ou como uma glória especial no Templo, mas a presença máxima e perfeita de Deus como um Indivíduo e como o Governante universal.

Se isto parece localizar ou “antropomorfizar” a Deus, nada podemos fazer. Embora a realidade frustrasse as nossas mentes finitas, só podemos pensar nas categorias que a Mente Divina nos proveu. O tempo aoristo de *emphanisthenai*, **comparecer**, não sugere a intercessão perpétua de Cristo (como em 7.25, onde o verbo está no tempo presente contínuo), mas sua representação oficial como o ápice da sua obra expiatória. Green traz: “apresentar-se”. Tendo acabado a fase terrena da missão, Ele apresentou-se ao Pai como Filho do Homem. Na terra, Ele foi o Representante de Deus para o homem; agora Ele volta como Representante do homem diante de Deus, com cinco feridas descobertas como credenciais. O que o sumo sacerdote fazia na sombra do Santo dos Santos, Jesus fez em essência por nós no céu. E Ele foi aceito. E ao aceitar a Cristo, o Pai nos aceitou.

b) *Uma vez — uma expiação perfeita* (9.25,26). O contraste não é somente entre céu e terra — a realidade e a sombra — mas entre o caráter conclusivo daquele único sacrifício no novo concerto e o caráter não conclusivo dos muitos sacrifícios no antigo. **Nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes** (25) amplia o pensamento do versículo anterior ao afirmar que esta auto-representação crucial diante do Pai não precisa ser repetida, **como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário [terreno] com sangue alheio**. Se o ato mediador do nosso Senhor não era mais conclusivo do que o modelo levítico, então seria necessário **padeecer muitas vezes desde a fundação do mundo** (26). Se a eficácia salvadora do seu ato propiciatório fosse local, superficial ou temporária, então seriam necessários atos repetitivos. A suposição extraordinária é expressa para mostrar o problema incrível que qualquer tentativa de diminuir o valor da obra do nosso Senhor iria criar. Se Ele não fosse absolutamente singular como pessoa, como Sacerdote e como Oferta, e completamente diferente da ordem levítica, seria necessário que Ele morresse repetidas vezes, por mais impensável que isso possa parecer.

Mas, agora (este **agora** é paralelo com o “agora” do versículo 24), **na consumação dos séculos, uma vez** — ou “uma vez por todas no fim dos tempos” (NVI) — **se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo** (26). Enquanto a palavra “comparecer” no versículo 24 se refere à auto-apresentação de Cristo no céu, a palavra **manifestou** aqui se origina de *phanerao*, “tornar manifesto”, e refere-se à sua “automanifestação” na terra. Ele revelou-se ao homem como um Homem para um propósito: **para aniquilar o pecado**. No original, não encontramos um verbo, mas um substantivo, *athetesis*, “anulação, ab-rogação, invalidação”; literalmente “para

a invalidação do pecado”. **Pecado** é aqui usado no sentido de culpa. O direito do pecado sobre nós pode ser cancelado; o objetivo da missão de Cristo era tornar isto possível. Esta realização é precisamente a base da graça precedente, porque esta é uma bênção racial. “O sacrifício de Cristo lidou com o pecado como um princípio; os sacrifícios levíticos tratavam de transgressões individuais”.²⁴

Cristo cumpriu sua obra **pelo sacrifício de si mesmo**, ou “mediante” (*dia* com genitivo, “por meio”). Aqui o sacrifício e a ministração tornam-se um. Os sacerdotes levíticos tinham somente o **sangue alheio** (25). Jesus negociou a expiação com o seu próprio sangue. Os sacerdotes levíticos lutavam pela vida; Ele submeteu-se à morte; tamanho era o seu amor por nós. Isto o coloca à parte para sempre de todos os sacerdotes inferiores. O valor infinito da sua pessoa divina em conjunto com o sacrifício supremo da oferta de si mesmo produzem um potencial redentor absolutamente inesgotável.

c) *Futuro — uma salvação perfeita* (9.27,28). O peso da ênfase neste parágrafo está nas palavras **uma vez** (*hapax*). Cristo apareceu somente “uma vez” com o propósito de realizar a expiação (v. 26). Somente **uma vez** o homem **está ordenado** a morrer, seguindo o **juízo** (27). Se o autor tinha a intenção de ressaltar a morte como o destino inevitável de cada homem, as palavras **uma vez** seriam supérfluas; além disso, nós teríamos sido compelidos a indagar a respeito das exceções, como no arrebatamento (sugerido no versículo seguinte). Há, em vez disso, mais um ponto de comparação aqui: **assim também Cristo, oferecendo-se uma vez** por todas, **para tirar os pecados de muitos** (28). Quando Cristo se ofereceu para morrer pelos pecados, este ato foi definitivo e único, não somente com base na sua suficiência qualitativa mas com base na Encarnação. Se o homem pecador é sentenciado somente a uma morte terrena, então somente uma morte deveria ser requerida do Homem Salvador.²⁵ Esta comparação está baseada no correlato **assim** (*houtos*).

Encontramos mais um contraste de grande impacto nesta comparação. Os homens que morrem sem Cristo somente aguardam o juízo; mas agora que o ato da expiação foi realizado, e que nunca mais precisa ser renovado, aqueles que escolhem crer podem esperar um futuro brilhante além do túmulo. A próxima ação de Cristo será a reunião daqueles que seu sangue redimiu: **aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação**. Três vezes neste parágrafo (vv. 24-28) encontramos três palavras distintas (também no grego) relacionadas à sua aparição: “comparecer”, no v. 24, “se manifestou”, no v. 26 e “aparecerá”, no v. 28 da ARC). Aqui no versículo 28, encontramos o futuro passivo de *horao*, “ver”; o passivo é “ser visto”, revelar-se a si mesmo (Lc 1.11; At 2.3) e certamente inclui a idéia de uma aparição visível (cf. At 1.11).

Esta segunda vinda de Cristo será sem **pecado**. Sua vinda futura não acrescentará nada mais ao Calvário; não oferecerá mais um degrau à possível salvação do pecado. Se queremos ver a salvação completa do pecado devemos olhar para trás, não para frente, porque o pecado não ocorre no ambiente físico nem em corpos físicos mas no coração do homem. A **salvação** prometida, que precisa esperar o retorno do nosso Senhor, não é do pecado no coração do crente. Ela é do pecado terreno e suas conseqüências físicas — a maldição, as manchas, as influências sedutoras, o gemer desta criação escravizada — e da contingência probatória da nossa peregrinação terrena (Rm 8.10-25). A santidade pode ser nossa agora, e a segurança incondicional e eterna virá em seguida. Esta será a etapa final do grande programa de redenção (At 3.19-21; Rm 13.11; 2 Pe 3.10-14).

Mas a salvação final é para uma classe especial: **aos que o esperam para a salvação**. O tempo presente do verbo²⁶ sugere que a prontidão instantânea é evidenciada por uma expectativa constante. Não há encolhimento ou medo, mas confiança e alegria silenciosa. Para os cristãos este é o acontecimento futuro supremo, e sua perspectiva gloriosa ofusca todo o resto. Eles nunca conseguem ficar à vontade em um mundo com um Senhor ausente. Não fica claro então que aqueles que se acomodam confortavelmente nesta era presente, como se fossem ficar por muito tempo e esquecem seu destino e seu Rei vindouro, não estarão entre os receptores da grande salvação? Possivelmente, esta cláusula restritiva irradia luz sobre os **muitos** cuja culpa é tirada. Embora a culpa racial possa ser tirada no sentido de que a graça precedente está operante, os pecados reais são tirados somente dos **muitos**, daqueles cuja paixão está voltada para as coisas “de cima” e que continuam aguardando a volta do seu Senhor.

C. O CAMINHO PARA O SANTUÁRIO, 10.1-22

No capítulo 10, a epístola aos Hebreus se aproxima do clímax. Três idéias principais no capítulo 9 são aqui trazidas ao seu desenvolvimento final e conclusivo. Em primeiro lugar, não devemos perder o alvo de vista, que é o livre acesso ao **Santuário** (“Santo dos Santos”, 9.8). Em segundo lugar, precisamos ver que somente o sangue de Jesus pode qualificar-nos ao purificar nossa **consciência das obras mortas** (9.14). Em terceiro lugar, não podemos perder de vista a validade perpétua e a finalidade definitiva do sacrifício do Senhor (9.26). Embora estes sejam pensamentos importantes no capítulo 9, a ênfase no capítulo 10 está na preparação, não do adorador, mas dos lugares santos. O novo concerto como um testamento precisava ser ratificado, a nova ordem oficialmente instituída e as “coisas celestiais” consagradas. Mostrou-se que tudo isto foi cumprido. Agora o autor inspirado retorna para mostrar que o mesmo sangue precioso que ratificou o novo testamento e consagrou a nova ordem também nos qualifica a entrar no Santo dos Santos. Esta qualificação inclui uma justificação que traz paz e uma santificação (“inicial” e “inteira”) que purifica.

O tom do autor no capítulo 10 se torna dogmático. Ele reúne os fios de evidências que têm tecido e declara seu significado para o adorador em uma série de conclusões afiadas e finais.

1. *A Lei é uma Rua sem Saída* (10.1-4)

O autor primeiro recapitula a total impotência de todo o sistema sacrificial mosaico. **Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam** (1). **Nunca [...] pode!** Isto é claro e inequívoco; portanto, apegar-se esperançosamente ao Templo é algo completamente vão. Esta incapacidade é provada pela repetição dos sacrifícios; se estes sacrifícios aperfeiçoassem o adorador, por que precisariam ser realizados novamente? **Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado** (2).

A purificação aqui explica o aperfeiçoamento no versículo 1. A oferta pelo pecado não aperfeiçoou o adorador; apenas o purificou cerimonialmente. Esta exigência inclui muito

mais do que expiação (embora inclua este aspecto), e certamente muito mais do que purificação cerimonial (a lei era suficiente para isto, 9.13). Ela inclui uma purificação subjetiva do próprio adorador. A palavra é *katharizo* (purificar), e, neste caso, é o particípio passivo perfeito, com *hapax* (uma vez); i.e., “tendo sido purificados uma vez e mantidos puros”. O tempo perfeito indica uma condição permanente baseada em uma ação completa. Somente este tipo de purificação resultaria em **nunca mais ter consciência** (percepção) **de pecado** (“sentimento de pecado”, NEB).

Este não é um pretexto geral para pecar continuamente sem que a consciência perturbe. A consciência não é anestesiada, nem o pecado é tolerado ou a lei moral anulada. Mas a necessidade de uma purificação que traz paz absoluta em relação aos pecados passados e um poder suficiente para evitar o pecar contínuo. Isto a lei mosaica não podia fazer (9.9). Pelo contrário, **nesses sacrifícios, [...] cada ano, se faz comemoração dos pecados** (3). Todo Dia da Expição anual era um lembrete agonizante dos pecados novos e dos pecados antigos. Por quê? Porque **é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados** (4). Não há poder redentor no sangue de animais; acreditar nisto é subestimar grosseiramente a natureza e enormidade do pecado. O rito anual de matar o touro e o bode e enviar o segundo bode para o deserto como uma figura ilustrativa de mandar embora o pecado era uma prefiguração do verdadeiro cancelamento e purificação que um dia poderia ser proporcionada por um Sangue melhor. Persistir em depositar esperança em sangue de animais, que em si é algo completamente inútil, é o cúmulo da insensatez. A salvação simplesmente não é possível desta forma.

2. A Lei é Substituída por um Novo Caminho (10.5-18)

O autor tem recorrido constantemente às Escrituras. Ele aqui introduz uma nova passagem (Sl 40.6-8), mas seu uso é ofuscado pela invocação direta do autor ao Deus Trino e Uno, Pai (vv. 5-10), Filho (vv. 11-14) e Espírito Santo (vv. 15-18). É este Deus Trino e Uno que provê o novo caminho ao Santo dos Santos.

a) *Pela vontade do Pai* (10.5-10). **Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste** (5). No ato de vir ao mundo como Redentor, Cristo está dizendo ao Pai: “Tu não estás satisfeito com os sacrifícios atuais e me preparaste para tornar-me um sacrifício melhor”. O Filho foi encarnado para um propósito redentor: por meio do nascimento virginal, o Espírito gerou no ventre de Maria um corpo físico, Jesus, que se tornaria o instrumento de sacrifício.

Na verdade, a citação é do salmo de Davi (40.6-8); mas Hebreus a interpreta como sendo palavras de Cristo para Deus, em vez de considerá-las palavras de Davi. Ou pode-se dizer que nosso Senhor vê estas palavras cumprindo-se plenamente nele. Além do mais, a citação é uma versão resumida da LXX, não do texto hebraico. Isto explica a substituição de **corpo me preparaste**, em vez de: “meus ouvidos abriste” (Sl 40.6). O abrir de ouvidos por ser entendido como uma sinédoque, em que se usa uma parte para o todo. Em todo o caso, o significado não é essencialmente alterado, mas fortalecido e esclarecido.

Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram (6) é um paralelismo do versículo 5, e, conseqüentemente, um texto explanatório. **Holocaustos**, representando consagração e ofertas **pelo pecado** (*peri hamartias*), não agradam a Deus, mesmo que Ele os tenha ordenado como um meio temporário de adoração e o seu uso esteja de

acordo com a lei (v. 8). Deus não é um Ser sádico que se agrada com a morte das suas criaturas ou de cenas de matança; mas Ele também não se agrada dos resultados do pecado. Muitas coisas desagradáveis e não ideais são necessárias por causa da corrupta e destruidora natureza do pecado, incluindo o repugnante derramar de sangue da época da lei e o infinitamente mais trágico derramar do sangue de Cristo.

A lógica da passagem é simples, e o autor de Hebreus a apresenta de maneira muito clara. O fato de os sacrifícios anuais não agradarem a Deus, junto com o anúncio do Filho: **Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade** (9), redundando na seguinte conclusão: **Tira o primeiro, para estabelecer o segundo**. A ação de Cristo é a vontade completa e final de Deus, diferente do sistema anterior (que não tinha sido a vontade final de Deus). **Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez** (10). Basicamente, isto quer dizer que o sacrifício de uma vez por todas de Cristo como a base e o meio da nossa santificação encontra sua eficiência na vontade de Deus, o Pai. A vontade de Deus é o motivo máximo da nossa santificação. A soberania de Deus sustenta tudo. Procuramos aqui pela fonte original e iniciadora. É a “graça de Deus” que traz salvação (Tt 2.11).

A santificação que é assim provida não é somente cerimonial, mas interior e moral. Não somos meramente consagrados pela morte de Cristo, no sentido de que sua morte nos leva a um relacionamento novo e sagrado com Deus. Isto seria somente uma santidade posicional, que já estava disponível anteriormente. A fraqueza da ordem antiga residia neste ponto — ela não oferecia nada além de santidade posicional.

A natureza mais completa desta santificação pode ser vista por meio de três detalhes exegéticos. 1) O texto não diz que somos santificados por um ato soberano da vontade de Deus, como a ARC pode dar a entender. A preposição é *en*, “em” ou mais apropriadamente “dentro”. É dentro do contexto da vontade de Deus que somos santificados. 2) O texto também diz que somos santificados **pela** morte de Cristo, havendo o uso da preposição *dia*, com o genitivo, com o significado de “por meio de”, no sentido de uma agência secundária. Nossa santificação, então, é da vontade de Deus e se tornou possível pela obra de Cristo. Nossa santificação não ocorreu quando Cristo morreu, mas tornou-se possível neste acontecimento. Subjetiva e imediatamente a obra de santificação é a obra do Espírito Santo (2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2). 3) A forma verbal *hegiasmenoi*, “tendo sido santificados”, está no tempo passado perfeito, que significa que nós, os adoradores, estamos, por meio de Cristo, em um estado de santificação que resulta de um passado santificador. Mas para a maioria destes cristãos hebreus isto ainda não era subjetivamente um fato da experiência. Portanto, podemos chamar isto de um “perfeito profético”, tendo uma força futura. **Pela oblação do corpo de Jesus Cristo** somos provisoriamente santificados e podemos ser pessoal e interiormente santificados.

b) *Cumprida pela obra de Cristo* (10.11-14). A vontade de Deus é implementada por intermédio de um sacerdócio. A tentativa de cumprir esta função mantinha os sacerdotes levíticos **ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios** (11). Não era apenas uma vez por ano no Santo dos Santos que o sumo sacerdote ministrava, mas um batalhão de sacerdotes esgotava-se todos os dias, repetindo a mesma rotina. Seus sacrifícios não eram somente fatigantes, mas ineficientes, como já foi mostrado, e agora reiterado: **que nunca podem tirar pecados** (deveria ser “pecado”, singular). Esta é

mais uma afirmação dogmática. O verbo reflete grande intensidade, *periaireo*, “remover totalmente”. **Mas este** (Jesus), **havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados** (“perpetuamente [pela continuidade ininterrupta]” — Mueller), **está assentado para sempre à destra do trono de Deus** (12). No grego, os versículos 11-12 estão na forma: “por um lado — pelo outro lado”. Por um lado, o autor aponta para o serviço incessante dos inúmeros sacerdotes no Templo; então, por outro lado, Ele aponta para o Sacerdote único — **este** — que por muitos pecados ofereceu um sacrifício, e então se assentou **à destra do Pai**. Os sacerdotes que permaneciam em pé ministrando contrastam com o Jesus **assentado**. Esta é uma figura viva de uma obra nunca acabada em comparação com uma obra plenamente terminada e para sempre. Em um caso, os muitos sacrifícios nunca são completos; no outro, o sacrifício único é tão perfeito que sua eficácia nunca é exaurida. De forma silenciosa, este sumo sacerdote bem-sucedido aguarda esperançosamente “até que os seus inimigos sejam colocados como estrado dos seus pés” (v. 13, NVI).²⁷ A conquista final de todo mal e de toda força opositora emergirá daquele único ato no Calvário. Seu poder é suficiente para a obra completa da redenção.

No versículo 14, a profundidade deste poder para os crentes, disponível agora, é resumida de forma concisa mas abrangente: **Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados** (14). Os tempos dos verbos precisam ser cuidadosamente estudados. “Fomos santificados e continuamos sendo” é a melhor tradução do tempo perfeito do versículo 10. Mas neste versículo, **aperfeiçoado** está no tempo perfeito, enquanto o particípio com artigo *tous hagizomenous*, “que está sendo santificado”, está no tempo presente. A vontade de Deus é que haja uma santificação definitiva e completa, na verdade, um estado já experimentado pelo “nós” (oculto) do versículo 10. Portanto, o particípio presente do versículo 13 deve ser interpretado como um presente freqüentativo; consequentemente, são aqueles que estão sendo santificados de tempo em tempo, um após o outro. Todos os que são santificados em cada geração são igualmente aperfeiçoados **para sempre com uma só oblação**.

Ser aperfeiçoado não significa ser completo em caráter, no sentido de não mais precisar crescer. Significa, sim, ser levado a uma experiência de realidade e um estado de cumprimento em um relacionamento de coração com Deus que a antiga ordem não podia oferecer. É perfeição no sentido de ser levado a um nível intencional e desejado. Este nível é indicado pelo termo *santificação*.²⁸ Ser aperfeiçoado **para sempre** não é estar incondicionalmente estabelecido e seguro nesta “santificação”. A frase simplesmente declara na linguagem mais forte possível que todo aquele que de tempo em tempo é santificado o é perfeitamente por meio deste único sacrifício (oblação). Os efeitos da oblação na alma do adorador são tão perfeitos (completos e satisfatórios) como a própria oblação, e estes efeitos estão disponíveis perpetuamente. “O Sangue nunca perderá o seu poder”.²⁹

c) *Confirmada pelo testemunho do Espírito* (10.15-18). A nossa santificação é a vontade do Pai, e seu aperfeiçoamento é obra do Filho, mas seu cumprimento é a predição do Espírito Santo. **E também** (concernente à perfeição dos santificados) **o Espírito Santo no-lo testifica** (15). Isto, com freqüência, é entendido como o testemunho interior do Espírito Santo ao crente que está buscando a santificação; mas, embora exista este testemunho, este dificilmente é o pensamento aqui. O “testemunho”, na verdade, é a profecia inspirada de Jeremias, já citada (8.8-12), delineando o conteúdo do novo concerto. O

ponto importante deste “testemunho” se encontra no versículo 17: **E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades**.³⁰ A NVI (apoiada por outras versões) traz uma tradução mais clara do que a KJV:

O Espírito Santo também nos testifica a este respeito. Primeiro ele diz:

“Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor.

Porei as minhas leis em seu coração e as escreverei em sua mente”; e acrescenta:

“Dos seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais”.

Onde esses pecados foram perdoados, não há mais necessidade de sacrifício por eles (vv. 15-18).

Fica claro que a parte especial do testemunho do Espírito, especificamente relevante no momento, é o caráter final do perdão de Deus, que confirma o caráter final do sacrifício do nosso Senhor. Literalmente, Deus está sendo citado, dizendo: “Não serei mais lembrado” (Mueller). No antigo sistema “cada ano, se faz comemoração dos pecados” (v. 3). Mas os termos do novo concerto repudiam claramente essas comemorações anuais. “Não quero ser lembrado”, diz Deus. Não há esta necessidade, visto que uma expiação perfeita, adequada para todos os pecados, por meio da cruz, torna possível uma remissão absoluta. Tal remissão torna desnecessária qualquer oferta pelo pecado. O pecado debaixo do sangue de Jesus não precisa de mais sangue.

Assim, ao recorrer ao Espírito, o autor prova em seguida o caráter final e a eficácia do sacrifício realizado uma única vez para aperfeiçoar “aqueles que são santificados”. Mas, enquanto o versículo 17 é o seu clímax em provar este caráter definitivo, a importante relação entre a remissão absoluta no versículo 17 e a santificação interior do versículo 16 não pode ser negligenciada. De quem os pecados são perdoados e esquecidos? Daquelles que permitiram que Deus colocasse as suas leis (pela sua graça) **em seu coração** e seus **entendimentos**. Estes não são mestres presunçosos que persistem no pecado, ou mesmo crentes inconstantes, mas aqueles que lembram da lei e lhe obedecem de coração. Para eles, a lei não é só de Deus, mas agora também faz parte da sua natureza redimida. O perdão ilimitado depende da realidade experimental da retidão interior. Estes, portanto, são os santificados que foram “aperfeiçoados para sempre”. Sua justificação é aperfeiçoada para sempre, bem como a sua santidade. Todos são privilégios perpetuamente disponíveis pelo poder inesgotável deste sacrifício único!

O argumento chegou ao fim. O autor mostrou o caráter definitivo na pessoa, sacerdócio e paixão do nosso Senhor. A natureza e a superioridade do novo concerto foram expostas e o antigo concerto mostrou ser obsoleto e inválido. Agora ele faz uma aplicação exortativa, e, ao fazê-lo, coloca seu dedo no alvo central da nova ordem e o objetivo da sua exposição: o caminho para o Santo dos Santos.

3. Temos, pois, ousadia para entrar (10.19-22)

Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus [...] cheguemo-nos (19, 22a). O predicado principal destes quatro versículos é **cheguemo-nos** (aproximemo-nos”, ARA); tudo o mais é subordinado. Antes desta oração central, tudo o mais é controlado por **Tendo, pois** (19), e aponta para Jesus como o

novo e vivo caminho (20) de acesso para o Santo dos Santos. Depois desta oração principal, a atenção é dirigida às qualificações pessoais necessárias para entrar. Vamos dividir esta parte por versículos.

a) *O véu rasgado* (10.20). É bom lembrar que o autor colocou o seu olhar no caminho para dentro do Santo dos Santos em 9.8, onde declara que “ainda o caminho do Santuário não estava descoberto”. Mas agora o caminho está aberto e revelado. Este caminho é **novo** no sentido de que foi feito novo recentemente. **Novo** (*prospaton*) literalmente significa “morto recentemente”; aqui há um caminho de entrada que nunca fica velho. Este caminho é **vivo** no sentido de que é válido perenemente, nunca é antiquado; mas especialmente no sentido de que é eficaz.³¹

Dessa forma, **ele nos consagrou** (20). O ato de instituir (aoristo) é a ação que o autor tem discutido. Mas Cristo instituiu este caminho **pelo véu, isto é, pela sua carne**. Véu é *katapetasmatos*, “cortina”, de *katapetannumi*, “expandir”. O **véu**, portanto, é um tipo de “cortina de ferro” que não só separa mas “expande”, no sentido de ressaltar a distância entre Deus e o homem. O tipo original no Tabernáculo é mencionado em 9.3, enquanto o protótipo espiritual é mencionado em 6.19. Lá, a entrada “até o interior do véu” é descrita como a “esperança proposta”, e Jesus entrou por nós como “nosso precursor”. A cena foi assim confirmada, mas o autor ainda não estava pronto para expor o caminho que transformaria esperança em fé e esta em fato. Neste versículo-chave, no entanto, Jesus não é simplesmente o “precursor” através do véu, mas a **sua carne** (natureza humana) é o **véu**. Este é um conceito radicalmente novo, e altamente figurado, cuja interpretação precisa da iluminação de Mateus 27.51: “E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo”.

Uma interpretação entende o **véu** como um tipo de Jesus fundamentalmente. Isto explicaria o fato de que no Tabernáculo o véu era primorosamente belo, com símbolos costurados que representavam a humanidade e a divindade (Êx 26.31-33). Haldeman comenta: “Enquanto Cristo caminhava na terra em sua beleza e humanidade perfeita, Ele excluiu o homem de Deus”.³² Jesus, apenas como Exemplo perfeito traria condenação, não salvação, porque ressaltaria o abismo intransponível entre a pecaminosidade do homem e o requisito de pureza para se ter comunhão com o Deus santo. Se o **véu** deve tornar-se **caminho**, precisa ser sacrificado; precisa ser rasgado. A eficácia salvadora do corpo quebrado e do sangue derramado ocorreu na perfeição da natureza e vida totalmente humanas do nosso Senhor, um substituto apto e aceitável, o “justo pelo injusto”. Mas como o Sangue fala mais da expiação, e é a base da nossa justificação (sua vida física como preço pela nossa vida espiritual), assim o corpo de Cristo (v. 5; Sua natureza humana) é mais particularmente associado ao caminho para dentro do Santo dos Santos. Não fala da sua vida dada por nós, mas da sua natureza humana tornando-se disponível para nós, para que a nossa se torne uma natureza transformada (Tt 2.14). Assim, não há só expiação, mas santificação; não só o caminho para dentro do primeiro santuário, com os direitos de perdão, mas o caminho para dentro do segundo, com os direitos de santidade interior — completa unidade com Deus.

Uma interpretação alternativa (e talvez a preferível) **do véu** é vê-lo como um tipo da pecaminosidade do homem, que o desqualifica a ter acesso ao Santo dos Santos. Neste caso, Jesus foi esta natureza — este **véu** — pela identificação espiritual. Ele assumiu em

seu próprio corpo a desonra desta natureza e a levou para a cruz (Rm 6.6; 8.30). Este corpo quebrado na cruz liberou poder para a salvação da pecaminosidade do homem: 1) “De alto” — os esforços do homem para mudar sua natureza são em vão; 2) “a baixo” — uma destruição completa da natureza pecaminosa é a provisão; o véu não foi rasgado pela metade (Rm 8.4). Independentemente da interpretação, se entendermos Cristo como o **véu**, ou se o **véu** representa a pecaminosidade do homem, ele nos leva ao mesmo lugar: o obstáculo é removido e temos completo acesso ao Santo dos Santos.

b) *O Sacerdote real* (10.21). O rasgar da carne de Jesus como oferta pelo pecado não era o fim, porque Ele ressuscitou e ascendeu à destra do Pai, onde vive “sempre para interceder” por nós (7.25). Temos um **grande sacerdote sobre a casa de Deus**. Este Sacerdote não só provê o “novo e vivo caminho”, mas está próximo para nos acompanhar para dentro e ficar conosco como nossa Garantia. O “caminho” é “vivo” porque o Criador do caminho e Guia do caminho está vivo. O autor já apresentou em 4.14—7.28 o sacerdócio de Cristo e sua relação com a nossa redenção. As grandes verdades da fé cristã requerem ação. Ele se refere a elas como a base do privilégio e obrigação do adorador.

c) *A abordagem certa* (10.22). Por causa da morte de Cristo, tanto para o perdão como para a perfeição, e por causa do seu sacerdócio perpétuo, que é uma certeza de ajuda e misericórdia sempre disponível, o autor faz de uma forma exaltada e ansiosa sua súplica comovida: **cheguemo-nos** (22).

Mas a exortação não é indiscriminada. Ela é tão verdadeira como sempre foi — de que existe um caminho prescrito para entrar, e o privilégio está restrito a adoradores qualificados. O “novo [...] caminho” requer uma maneira certa de usá-lo. 1) Deve haver um **coração purificado**. Isto quer dizer uma dedicação simples e sincera à perfeita e completa vontade de Deus. Um coração dividido, inflexível ou morno será repellido. 2) Também deve haver **inteira certeza de fé**. A palavra *plerophoria* significa “convicção completa”, “persuasão firme”, “produzida pela fé”.³³ Estas grandes verdades fundamentais do evangelho precisam ser cridas tão profundamente que nossa aproximação ao Santo dos Santos seja com ousadia e confiança, sem hesitação.³⁴ A fé vacilante é o tendão de Aquiles destes cristãos hebreus. Para curar esta fragilidade a maior parte da epístola é devotada a ela. Mas estas duas exigências — consagração e fé constante — são as condições humanas que devem ser satisfeitas na crise da completa santificação. 3) Mas em correspondência com essas duas exigências gêmeas para uma entrada imediata existem duas qualificações importantes: **Tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa**. Estas frases altamente simbólicas falam de justificação e regeneração, sem as quais não somos qualificados para entrar no Santo dos Santos. Implícito aqui está o sacerdócio de todos os crentes. Nenhum sacerdote se atreveria a entrar no santuário interior sem ter passado pela purificação do sangue, derramado no altar e um cuidadoso lavar no vaso de bronze. O sangue servia para a expiação de pecados e a água para a purificação da imundície. Haldeman diz: “O vaso à porta do Tabernáculo é o símbolo de regeneração”.³⁵ Mas agora, embora seja usada linguagem figurada, aqueles que entram como “sacerdotes” ministradores e adoradores precisam ter a essência, não a sombra. No sistema antigo, o aspergir com sangue era externo (9.13, 19, 21); aqui ele é interno, no coração (1 Pe 1.2). O lavar dos

nossos corpos com água pura é tão figurativo quanto o aspergir; portanto, isto não pode se referir à água do batismo. Isto seria uma volta à antiga camisa de força exterior da qual Cristo nos libertou. Enxergar nada além de água material aqui é continuar preso ao sistema judaico. Nenhuma água é pura o suficiente para purificar a depravação da nossa vida terrena.

É necessário agora compreender um aspecto básico que para algumas mentes pode ainda parecer incerto. Desenvolveu-se uma interpretação que entende o Santo dos Santos como fundamentalmente uma santidade de coração em vez de o céu como uma habitação futura. O céu não é apenas um lugar, mas uma esfera de graça divina, e semelhantemente ao Reino de Deus (Lc 17.21), está “entre vós”. Hebreus indica que o “céu” é um correlativo espiritual do Tabernáculo terreno (os dois santuários, 9.24, KJV). No entanto, de acordo com Paulo, agora podemos sentar em “lugares celestiais” (Ef 1.3; 2.6). A epístola aos Hebreus também nos admoesta a chegarmos “com confiança ao trono da graça”, o mesmo trono compartilhado pelo Filho, e a mesma presença majestosa à qual Cristo entrou além do véu. A única maneira de os sacerdotes se aproximarem da “figura” do Tabernáculo deste trono era entrar no interior do véu. De que maneira chegamos “com confiança” a este trono? Pela oração e fé, o que sugere que tempo e espaço não são barreiras na esfera celestial. O trono de Deus está onde está o suplicante. Pelo Espírito, o Pai e o Filho estão unidos. O desdobramento da exposição do autor indica fortemente que, para o crente, o Santo dos Santos não é um estado futuro ou um lugar distante, mas um lugar permanente na companhia do Deus Trino e Uno no qual podemos entrar agora e no qual podemos viver. Observe:

(1) A arca refere-se às tábuas da lei; e a essência do novo concerto é a gravação desta lei em nosso coração (cf. Rm 8.2-4).

(2) Há também a vara que florescia e o vaso de maná, emblemas da habitação de Cristo e do fruto do Espírito, que são a norma característica da santidade cristã agora (Ef 3.16-20).

(3) Há também o assento de misericórdia e as asas protetoras da presença divina. Este lugar secreto com Deus pode se tornar o lar das nossas almas agora.

(4) O clímax de Hebreus é a afirmação de que temos “ousadia para entrar no Santuário” (v. 19), ou “plena confiança para a entrar no Santo dos Santos” (NVI). Vincent diz: “Lit. *para a entrada no Santo dos Santos* [...] *Eisodos* no NT habitualmente significa o ato de entrar”.³⁶

(5) Visto que o peso da evidência indica que “ousadia” é nosso direito adquirido para a entrada imediata, devemos entender **cheguemo-nos** neste contexto. Não seria muito razoável que a entrada confiante realçada no versículo 19 fosse reduzida a uma abordagem respeitosa e esperançosa, como seria o caso se um futuro céu fosse o Santo dos Santos. Além disso, o grego não sugere essa hesitação. A palavra *proserchometha*, “cheguemo-nos”, é exatamente a mesma usada em 4.16: “Cheguemo-nos, pois, com confiança ao trono da graça”. Este trono fica simbolicamente além do véu, não do lado de fora; e não devemos meramente nos “aproximar”, parando esperançosamente a uma certa distância, mas “chegar-nos” (veja também 7.15; 12.18, 22).

Há motivo suficiente para acreditar que a exortação **cheguemo-nos** é um clamor urgente para entrar imediatamente nesse relacionamento íntimo com Deus e nesse estado de retidão e santidade interior que não era a norma do antigo concerto, mas que agora

está disponível livremente para todos os adoradores qualificados. É isto que constitui a realização pessoal e experimental do cerne do novo concerto. O apelo perderia a sua verdadeira urgência se a verdadeira intenção se resumisse a uma mera contemplação do céu. Para entendermos de maneira correta o tom de urgência é necessário observar sua conexão com um apelo semelhante em 4.11: “Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência.”³⁷

D. AS OBRIGAÇÕES DO SANTO DOS SANTOS, 10.23-25

Enquanto o sumo sacerdote judeu “se achegava” somente uma vez ao ano, e nunca com “ousadia”, é um privilégio para os crentes habitarem no Santo dos Santos. Mas não é um privilégio sem exigências, e não é uma “experiência” definitiva e perfeita. Seus termos precisam ser mantidos e suas obrigações cumpridas. (Observe o esboço homilético dos itens 1, 2 e 3.)

1. *Uma Confissão Resoluta* (10.23)

Ao sermos exortados para que **retenhamos firmes a confissão da nossa esperança**, somos lembrados que uma identificação aberta e pública com o plano de Deus em Cristo nunca deve ser renunciada. O tempo presente sugere a necessidade de continuar a expressarmos a nossa fé, sem nos tornarmos apologeticos ou hesitantes. Não podemos esquecer que as pessoas precisam ser influenciadas pela nossa firmeza e constância. Além disso, a manutenção da nossa própria vitória está em jogo. Quando honramos a Deus ao afirmar a nossa confiança em sua integridade, Ele nos honra ao aprofundar a nossa segurança.

A palavra costumeira na epístola para “fé” é *pistis*, mas a palavra usada aqui é *elpis*, que significa “esperança”. De acordo com Thayer, esta palavra era o equivalente na LXX da palavra hebraica “confiança”, e no NT chegou a ter o sentido cristão de “uma expectativa alegre e confiante na salvação eterna”.³⁸ A fé necessária para entrar no Santo dos Santos (v. 22) pode ser entendida como a fé de *apropriação*, enquanto *elpis* é a fé de *expectativa* ou *esperança*. A promessa, a do novo concerto, é cumprida à medida que a apropriação se torna realização. Mas ainda havia muita coisa não realizada. A promessa da Segunda Vinda (9.28) ainda estava para se cumprir. Eles precisavam continuar confessando a confiança nessa promessa específica — **porque fiel é o que prometeu**.

2. *Uma Provocação Contínua* (10.24)

O verdadeiro Santo dos Santos, desfrutado agora pela fé, envolve uma certa responsabilidade coletiva e social. Os sacerdotes antigos nunca entravam em grupos ou em dois, mas sempre sozinhos. É no isolamento solitário, com Deus do lado de dentro e o mundo do lado de fora, que somos completamente santificados. Somos santificados como indivíduos, e no Santo dos Santos aprendemos a encontrar o sustento para a nossa alma em Deus, não nas pessoas. Todavia, essa dependência em Deus não pretende fomentar um distanciamento dos nossos irmãos. Há um individualismo moral importante, que faz parte da essência da verdadeira santidade; mas o tipo de individualismo que é desatencioso, e não pode trabalhar com outros, não é apenas uma caricatura, mas uma

falsidade. Além da nossa inabalável confissão de fé, **consideremo-nos** (tempo presente — continuar considerando) **uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras** (24). Vamos nos conhecer mutuamente com o propósito de inspirar e estimular amor e boas obras. Quando provocamos tristeza, raiva e desânimo um no outro, como a negligência de boas obras, é porque não mostramos consideração suficiente. Fomos descuidados em vez de atenciosos. Não demos atenção devida às necessidades do outro e à fineza da nossa forma de agir. É impressionante observar a maneira em que alguns cristãos inspiram seus irmãos para fazer o melhor e fazer sempre mais, enquanto outros mantêm as pessoas ao seu redor em um estado quase constante de irritação e obstinação. Na verdade, o cristão santificado deveria mostrar esta consideração agora, porque ele está num estado de graça, em que pode realmente esquecer-se de si mesmo e mostrar interesse e preocupação pelos outros.

3. *Uma Prática Constante* (10.25)

A esta exortação de consideração mútua constante o autor acrescenta: **não deixando a nossa congregação**. A preservação fiel desta comunhão que pode desenvolver-se somente na adoração coletiva é um dos meios de “estimular” um ao outro. Portanto, devemos prestar atenção à graça regularmente, se por nenhuma outra razão, ao menos por “consideração” pelos outros. Mas esta fidelidade é também uma das “boas obras” às quais devemos encorajá-los — e, certamente, não há um meio melhor de fazê-lo do que pelo exemplo. O triste reconhecimento: **como é costume de alguns** sugere que alguns desses cristãos hebreus não achavam necessário participar dos cultos da igreja. Isto pode ter sido motivado por uma piedade falsa, que supunha que a adoração solitária era melhor; ou uma presunção religiosa, que achava que a necessidade para a adoração coletiva era coisa do passado; ou um declínio do fervor espiritual, que resultou em uma indiferença crescente. Mas, independentemente do motivo, a negligência no que diz respeito à frequência nas reuniões pode ser fatal, tanto para a nossa influência quanto para a nossa própria alma. A entrada no Santo dos Santos não anula nossa necessidade da igreja, nem nos garante privilégios especiais que nos isentam das nossas obrigações coletivas. A prática de se reunir regularmente não é dispensável, mas indispensável para a santidade.

Somente ao nos reunirmos podemos cumprir o dever positivo contido na expressão **admoestando-nos uns aos outros**. A palavra *parakaleo*, “exortar”, tem muitos sinônimos: convidar a vir, chamar, invocar, admoestar, persuadir, rogar, implorar, encorajar e consolar. Que ministério gracioso e multiforme! Não somos chamados para ir à igreja para criticar, raramente para repreender e sempre para encorajar. Do púlpito deveria vir esta nota confortadora e encorajadora; e esta deveria ser a nota do nosso testemunho público e saudação pessoal. Para isso não precisamos de uma “licença para exortar!”.

Esta preocupação afável e fiel de uns para com os outros aumenta à medida que contemplamos a Segunda Vinda: **e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia**. Quanto mais cremos que a sua vinda está próxima, maior é a nossa responsabilidade de um para com o outro. A apostasia dos nossos dias deveria nos alertar contra a negligência e relaxamento tanto em nós como em nossos irmãos.

SEÇÃO IV

A NOSSA CONFISSÃO DE FÉ É DEFINITIVA

Hebreus 10.26—13.25

A. A ALTERNATIVA PARA A FÉ, 10.26-39

A tríplice exortação do parágrafo anterior é o clímax da epístola, visto que a exposição doutrinária foi sendo desenvolvida até este ponto culminante. A partir daqui as implicações e obrigações práticas e pessoais são realçadas para os leitores. O caminho de Cristo é, no presente, um caminho de fé, em contraste com o culto visível e colorido do passado, com seu apelo ao sentimento, e o Reino visível e concreto do futuro. Esse caminho de fé é um intervalo entre uma visão do passado (que apenas atormenta) e uma visão do futuro (que consumirá tudo). Mas o caminho de fé, se aceito plenamente, será inteiramente satisfatório, já que traz bênçãos espirituais imediatas no Santo dos Santos, e estimula a fé para o Dia que se aproxima (v. 25).

1. *Devoção ou Desastre* (10.26-31)

As exortações sérias de “chegar-se”, de “reter firme” e de “estimular” um ao outro no amor, e de fazê-lo com um fervor acelerado à medida que vemos “se aproximando aquele Dia”, se não obedecidas, terão conseqüências horripilantes. **Porque, se pecarmos voluntariamente** (deliberadamente), **depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados** (26). Deus não tem outro meio de expiação de reserva, para o benefício daqueles que escolheram rejeitar a Cristo. Os sacrifícios levíticos são obsoletos e já não são mais aceitáveis. O sacrifício de Cristo não será repetido, e não há um terceiro caminho para o céu. E todas as religiões estão descartadas, como ocorre com toda forma de dádivas humanistas culturais ou rituais. Nenhum

substituto do sacrifício de Cristo tem algum valor. O pecado propositado contra o qual somos advertidos é uma falha contra todas as obrigações de discipulado depois de conhecermos a verdade do novo concerto e a salvação em Cristo. Quem pensa que existe um substituto para o sacrifício de Cristo entende que Cristo é apenas *um* caminho e não o *único* caminho, que podemos encontrar outra cobertura para o nosso pecado, e que a nossa falha em obedecer às admoestações dos versículos 22-25 realmente não importam.

Mas isto é impossível. A única coisa remanescente, i.e., “agora deixada”, é **uma certa expectativa horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários** (27). Esta é uma expectativa certa e definitiva do julgamento apavorante e ardente da ira de Deus. “Quando Deus prepara um martelo, ele não será feito de seda”. No Egito houve um lamento à meia-noite em cada lar que havia desprezado o sangue. Mais tarde, a pena de morte se tornou inevitável quando alguém desprezava a lei de Moisés. Deus anulou esta pena por meio de Cristo (7.18), mas o homem não tinha o direito de fazê-lo, e aqueles que tentaram fazê-lo, seguindo “outros deuses”, eram apedrejados “até que morram” (Dt 17.1-7), totalmente **sem misericórdia** (28). Se a rejeição a Moisés e sua lei era tão séria, de **quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que** apostata de Cristo? (29). Visto que o autor aos Hebreus tem mostrado de forma tão convincente e cabal a infinita superioridade de Cristo e seus atos, ele desafia os leitores a chegar à conclusão por conta própria. Se eles refletirem de maneira sóbria, saberão que ex-cristãos, para quem foi realizado tanto mais, e que tem tanto mais em jogo, merecerão um castigo muito pior do que uma rebelião contra Moisés, visto que Cristo é mais digno de lealdade do que Moisés.¹

Esse merecimento de castigo é visto na sua verdadeira magnitude quando reconhecemos o que o apóstata fez. Em primeiro lugar, ele **pisou o Filho de Deus** (29). Esta é uma figura de extremo escárnio. Nós pisoteamos o que consideramos sem importância. O apóstata se une a este mundo para pisar não somente Jesus de Nazaré (como talvez esteja pensando), não somente o Homem da Galiléia (como também pode estar supondo), mas o eterno Filho de Deus. Em segundo lugar, ele **profanou o sangue do testamento, com que foi santificado**. A KJV acrescenta: “uma coisa profana”, que traz a idéia de comum e ordinário, ou seja, não melhor do que qualquer outro sangue. Este Sangue do novo concerto, por meio do qual havíamos sido feitos santos no passado, é agora negado. “Como caíram os valentes!” (2 Sm 1.19). Podemos despencar da eminência espiritual mais elevada até profundezas incríveis. Mas, quer apóstatas ou ainda pagãos, quer pregadores ou teólogos que declaram que o sangue de Jesus não era diferente em seu valor eterno e poder salvador do sangue de qualquer outro homem são culpados deste sacrilégio. Em terceiro lugar, o apóstata fez **agravo ao Espírito da graça**. Ele “insultou” (Phillips), “assim profanando” (NT Ampl.), o Espírito. A frase **o Espírito da graça** (*to pneuma tes charitos*) provavelmente não é um genitivo subjetivo, mas um genitivo objetivo, significando que é o Espírito que concede graça (NT Ampl.). Todo o mover interior do nosso espírito em direção a Deus por intermédio dos anos da graça antecedente, toda a liberação e purificação e poder da justificação e da santificação, toda alegria espiritual e renovação e ardor do favor divino e a capacitação divina são a obra miraculosa interior do Espírito Santo. Insultá-lo seria o mesmo que cometer suicídio (6.4; Mc 3.28-30).

Como o homem muda de maneira tão deplorável? Em primeiro lugar, pelo fracasso espiritual — fracasso em entrar no Santo dos Santos, em se firmar na sua profissão de fé,

em estimular ao amor e às boas obras e em reunir-se para adoração e comunhão (vv. 19-25). Em seguida, a decadência doutrinária é o próximo passo inevitável. O intelecto segue o coração. Um coração alienado produzirá uma mente traiçoeira e desleal. Quando a alma é obscurecida pelo pecado, a mente ficará obscurecida pela confusão e incerteza. A apostasia incrível descrita no versículo 29 implica na negação da doutrina do Filho de Deus, da doutrina do Sangue santificador e da doutrina do Espírito da graça; pois o cristianismo é tanto doutrina como experiência. É fatal separar estes dois aspectos ou exaltar um em detrimento do outro. E é perigoso mexer com a “fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 3; também Gl 1.23; 3.23; Fp 1.27). A apostasia completa nunca é esperada; ela gradualmente toma conta daquele que começa a apostatar em algum aspecto. Quando reduzimos o evangelho gradativamente, chegará um momento em que não sobrará muita coisa dele.

A mortalidade desse tipo de pecado precisa ser claramente vista por estes cristãos hebreus, **Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor** (Dt 32.25). **E outra vez: O Senhor julgará o seu povo** (30; Dt 32.36; Sl 135.4). Eles estão lidando com o Deus das suas Escrituras, o Deus em quem professam crer. Além disso, eles alegam ser seu povo, que os deixa totalmente sem desculpas. Então vem uma exclamação solene: **Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo** (31), i.e., um julgamento adverso. Não haverá escape das mãos de Deus nem apelo para instâncias superiores. O Deus cujas mãos conduziram os filhos de Israel no deserto (8.9), que estendeu suas mãos diariamente “a um povo rebelde e contradizente” (Rm 10.21), cuja mão “não está encolhida, para que não possa salvar” (Is 59.1), humilhará, por estas mesmas mãos, o orgulhoso, e desarraigará o poderoso e expulsará o ímpio da sua santa presença para a escuridão eterna. A ira de Deus é sua repugnância eterna e santa do pecado. Seu amor proveu um escape (salvação) do pecado e, portanto, um escape da ira. Se este escape é rejeitado, não há outro: a ira precisa esgotar-se. O amor pode oferecer o Calvário, mas não pode alterar a separação entre a santidade e o pecado. Se Deus não pode alcançar-nos por meio do Calvário, será que nos salvará pela força? Não. Se não formos salvos pelas mãos furadas pelos pregos, não poderemos ser salvos da mão com a espada desembainhada. “Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11.22).

2. *Lembre-se da Firmeza Passada* (10.32-34)

O tom muda abruptamente da advertência severa para um apelo pessoal, baseado em uma recordação nostálgica de dias melhores: **Lembraí-vos, porém, dos dias passados, em que, depois de serdes iluminados, suportastes grande combate de aflições** (32). Seguindo sua iluminação espiritual, que incluía uma confissão aberta de Cristo, eles foram amargamente contestados por inimigos demoníacos e humanos. **Suportastes** significa que não somente sofreram essa provação, mas a sofreram pacientemente e saíram vitoriosos. Esses sofrimentos eram pessoais e vicários. Eles eram, às vezes, publicamente “expostos a insultos e tribulações” (NVI), e em outros momentos compartilhavam experiências semelhantes com seus companheiros cristãos: “fizeram-se solidários com os que assim foram tratados” (v. 33, NVI). Eles, literalmente, carregavam o fardo um do outro e prestavam apoio e encorajamento mútuo. Eles se compadeciam (sofriam com, demonstravam simpatia) especificamente com aqueles que estavam encarcerados devido à sua fé (v. 34).² Embora eles mesmos não tivessem sido lançados na prisão, seus bens materiais haviam sido saqueados e confiscados. Mas o seu fervor espi-

ritual era tão grande que **com gozo** permitiam esta perda, **sabendo que, em vós mesmos, tendes nos céus uma possessão melhor e permanente** (34; Mt 6.19,20). Sua segurança interior pelas realidades espirituais era forte o suficiente para desfazer-se destes vínculos mundanos. Quando nosso único tesouro está no “aqui e agora”, e nossa fé no futuro é insegura, não conseguimos nos alegrar quando a perseguição se apodera de nós. Eles não se regozijavam porque seus haviam sido tomados, mas porque seus bens materiais não constituíam sua verdadeira riqueza; isto estava reservado para aqueles que estavam em perfeita segurança, imaculados pelo tempo e intocados pelos opressores.

Mas, evidentemente a situação agora havia sido atenuada. Em vez de prosperar espiritualmente como era o caso das igrejas palestinas (At 9.31), sua prosperidade foi acompanhada por um declínio espiritual. O autor espera que uma recordação desses dias melhores do passado, quando a sua fé custava mais, mas a sua comunhão era mais íntima e suas almas mais radiantes, desperte um avivamento espiritual.

3. *O Caminho da Fé não é Opcional* (10.35-39)

Em vista das *a*) conseqüências terríveis da apostasia e *b*) dos triunfos da fé no passado, não é razoável desistir agora. **Não rejeiteis, pois, a vossa confiança** (35). **Confiança** (*parresian*) é a mesma palavra que foi traduzida por “ousadia” no versículo 19 (cf. também 3.6; 4.16). Sua ousadia passada em confissão leal de Jesus e sua ousadia dada por Deus para viver no Santo dos Santos não deveria ser abandonada por vantagens sociais ou temporais. Nada neste mundo pode ser igualado ao **grande e avultado galardão** (no mundo vindouro) que pertence à sua ousada fidelidade. Deus vai compensar: **Porque necessitais de paciência** (perseverança; cf. 12.1), **para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa** (36). A **vontade de Deus** que deve ser feita (tempo aoristo) é explicada nos versículos 19-25. Em vez de retroceder, eles deveriam avançar com ousadia para dentro do Santo dos Santos e perseverar nisso. No Santo dos Santos, experimentarão por fé o cumprimento de “melhores promessas” (8.6) com relação ao novo concerto, e desfrutarão completa renovação pela lei gravada no coração. Somente estes crentes receberão o cumprimento desta outra promessa do retorno de Jesus (9.28; Jo 14.1-3; *et al.*). Fica claro que a obediência em relação ao Santo dos Santos é indispensável se alguém quiser qualificar-se para encontrar o Senhor.³

Que a promessa agora em mente trata-se da vinda do Senhor é ao menos sugerido no seguinte versículo: **Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará** (37).⁴ Esta aplicação harmoniza com o versículo 25 e com a segunda parte da citação: **Mas o justo (meu justo) viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele** (38).⁵ Apesar da certeza, expressa em termos de proximidade, os cristãos devem andar “por fé e não por vista” (2 Co 5.7), enquanto aguardam a vinda de Cristo. Independentemente dos privilégios preciosos e empíricos que o Santo dos Santos possa apresentar, a vida santa continua sendo uma vida de fé. As glórias futuras da redenção em Cristo continuam futuras e, portanto, invisíveis. Para pessoas de carne e osso, esta invisibilidade é um teste constante, porque a terra presente, por contraste, é absolutamente visível e próxima. É fácil “retrair-se” (Phillips) de uma vida que em tantos momentos rejeita uma terra que pode ser vista para qualificar-se para um mundo que não pode ser visto.⁶ Mas Deus **não tem prazer** naquele que **recuar**, porque esta é a ação da mentalidade mundana e da descrença.

A fé acredita na realidade do invisível, no valor maior do que é espiritual e no Deus que prometeu que em Cristo o invisível se tornará visível e o espiritual se tornará concreto. É este tipo de fé que torna a comunhão no Espírito possível. De forma determinada e esperançosa, o autor admite a unidade resoluta deles com ele: **Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêm para a conservação da alma** (39). Não fazemos parte dos hipócritas ou daqueles que “se afastam secretamente” (Robertson). Isto seria às custas da nossa alma eterna. Somente aqueles **que crêm** (*pisteos*), i.e., aqueles que fazem parte dos crentes (genitivo), vão finalmente ser salvos. Claramente, de acordo com esta passagem, não podemos ser apóstatas e crentes ao mesmo tempo.

B. AS CREDENCIAIS DA FÉ, 11.1-40

Seria natural para os cristãos hebreus questionar se o caminho de fé era necessário ou mesmo válido. Suas esperanças judaicas pelo reino messiânico não foram erradicadas pela aceitação de Jesus, mas foram transferidas para Ele. Visto que o conceito materialista deles não foi cumprido pela sua primeira vinda, ficou vinculado à sua segunda vinda. Enquanto esperavam que isto pudesse ocorrer muito em breve — certamente durante a vida deles — eles tinham nesta esperança incentivo suficiente para suportar pacientemente perseguição e perda, visto que logo seriam vingados, vindicados e restaurados ao poder terreno. Mas, à medida que o tempo ia passando e com o agravamento das tribulações, sem qualquer sinal da sua vinda, eles começaram a experimentar apreensão. Será que Jesus era, de fato, o Messias? Valia a pena todo esse sacrifício? Inevitavelmente é mais fácil chegar a um acordo com o mundo quando paramos de ter certeza da razão do conflito com o mundo.

Esta esperança para um futuro glorioso, embora perfeitamente válido, estava misturada com resquícios do nacionalismo judaico e outras divergências sérias. Jesus, e mais tarde Paulo, tinham tentado tirar da mente dos discípulos esses enganos. Eles ensinaram, primeiro, que as glórias futuras eram essencialmente espirituais, e que a razão real para seguir a Jesus era a salvação eterna da alma, não um desejo egoísta de estar no poder quando o seu governo mundial fosse estabelecido. Segundo, que o retorno de Cristo em poder não deveria ser esperado imediatamente, mas que haveria um período de duração indefinida. Durante esse tempo sua atenção deveria estar voltada, não para a esperança da Segunda Vinda, mas para a evangelização do mundo.

O Pentecostes mudou completamente o entusiasmo da Igreja Primitiva de um governo terreno e visível para a pregação do evangelho, de que Cristo habitaria no coração das pessoas pela fé. Eles nunca perderam de vista a “esperança”, mas ela se tornou mais espiritualizada e certamente mais subordinada à sua tarefa imediata. O Pentecostes substituiu a visão materialista por um conceito espiritual enérgico e eficaz. Eles viram agora que a arena da sua luta era moral e espiritual, não política ou material; que o pecado e Satanás eram os verdadeiros inimigos, e a santidade (agora) e o céu (mais tarde) eram os verdadeiros objetivos; que o poder não era nem a espada nem o discurso, mas a Palavra, o Sangue e o Espírito.

De alguma forma, essa compreensão mais abrangente não tinha alcançado estes cristãos hebreus. Seu Pentecostes não tinha chegado. Eles continuavam inconstantes.

Neste estado, havia uma forte tentação de desprezar o caminho de fé, que parecia ineficaz. Jesus não era mais visível, e a promessa do seu retorno não havia sido cumprida. Não seria melhor andar por vista em vez de por fé? Não seria melhor voltar a Moisés e ao Templo? Seria melhor ter alguma coisa concreta e visível do que apegar-se obstinadamente a uma fé no que parecia o país das maravilhas mas de uma certeza e esperança nebulosas. No meio dessas dores de parto, eles estavam em perigo de repetir o erro dos seus pais (Êx 32.1).

A necessidade elementar da fé, como parte integral do plano divino, tem estado implícita em toda a epístola, vindo à tona ocasionalmente. Mas agora o autor se volta a este tema com atenção exclusiva. Ele precisa mostrar que o caminho da fé é superior, não inferior, e que é eficiente, não ineficiente. Para fazê-lo, ele desenvolve no capítulo 11 as credenciais da fé, ao explicar sua natureza e ao mostrar que como uma exigência divina o caminho de fé não é novo, mas tão antigo quanto a história do povo de Deus. Por meio deste caminho de fé, os justos no decurso da revelação especial foram o que foram. Se não tivessem sido homens de Deus, a geração presente não poderia desfrutar da rica herança hebraica.

1. O Significado da Fé (11.1)

O autor inicia com uma proposição geral em relação à natureza da fé. **Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem.** A palavra **fé** (*pistis*) pode significar crença, confiança, fidelidade, persuasão firme ou convicção firme. Mas na Bíblia ela sempre encontra seu propósito em Deus. Fé bíblica não é crer em si mesmo ou no homem, mas em Deus. O uso constante do dativo de instrumento (“pela fé”) neste capítulo não atribui nenhum poder mágico à fé, mas simplesmente mostra que a fé é o meio pelo qual recebemos *de* Deus, a fonte do nosso serviço *para* Deus e a única base aceitável de um relacionamento satisfatório *com* Deus.

Portanto, a proposição do versículo 1, embora não defina **fé** exatamente, mostra *a)* sua relação com a esperança e *b)* sua relação com o invisível. A palavra **fundamento**, no grego *hypostasis*, traz a idéia de “colocar por baixo”. Neste caso, esta palavra traz a idéia da confiança de que as nossas esperanças são válidas e o fundamento para que se realizem. A fé fica na base das **coisas que se esperam** e as preserva para nós. Se perdermos a nossa fé, nossas esperanças não se materializarão. Alguém disse: “Fé é o documento de propriedade ou a escritura definitiva”. O mero *sentimento* de segurança, no entanto, pode não ser uma escritura definitiva, mas sim esta segurança plena na promessa de Deus, independentemente do sentimento pessoal.

A proposição também indica a relação entre a fé e a ordem invisível da realidade. Mais uma vez, a tradução da palavra **prova** pode ser enganosa, porque a fé em si não prova nada. Estritamente, é verdade, a palavra *elengchos* significa **prova**. Mas aqui ela é usada no sentido de uma “persuasão completa”, tão completa que não é necessária uma prova complementar. Vemos as coisas pela fé e não com os olhos naturais. Phillips capta o sentido na sua simplicidade. “Ela [a fé] significa estar certo das coisas que não podemos ver”. Fé, portanto, é muito mais do que um pensar desejoso ou um esperar anelante.

2. A Certeza da Fé (11.2-3)

Foi com esse tipo de fé que **os antigos** (os pais antigos) **alcançaram testemunho**, i.e., “obtiveram afirmação” (v. 2). A atestação mais básica recebida pela fé (por

eles, mas compartilhada por nós) é nossa compreensão de **que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente** (3). Está inferido aqui o princípio epistemológico de que a fé é uma forma de alcançar conhecimento. Muito do nosso conhecimento vem pela fé em uma pessoa ou fonte autorizada de informação, em vez de por uma presença e prova pessoal. Estamos certos da criação divina, mas não estávamos lá para vê-la. Ainda mais ligado à defesa da fé do autor está o fato metafísico expresso não somente de que o “universo foi formado pela palavra de Deus” (NVI), mas que neste ato criativo o “o visível foi feito a partir do invisível” (NEB). Portanto, o mundo real, o sentido máximo de realidade, não está na ordem dos fenômenos, mas na ordem invisível. O que parece real para o nosso sentido físico é, na verdade, somente um produto daquilo que parece irreal em nossos sentidos. A fé, portanto, não é um pensamento ilusório em um mundo imaginário, mas exatamente o oposto; ela penetra através do mundo superficial da aparência para apoderar-se da realidade fundamental e eterna por trás das aparências. A fé, portanto, não é um assentimento da religião no nível de jardim de infância, mas é um integrante da religião madura e está no coração de uma filosofia saudável.⁷

3. *A Justiça da Fé* (11.4,5)

a) *O caminho da fé da justiça* (11.4). Não somente obtemos conhecimento por meio da fé, mas a fé também é o meio de recebermos certeza da aprovação divina. Abel ilustra a obtenção da justiça pela fé e do testemunho de Deus, enquanto Enoque ilustra a preservação pela fé deste relacionamento com Deus até o fim da vida. **Pela fé, Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo, dando Deus testemunho dos seus dons** (4). O testemunho de Deus para Abel de que ele era justo foi uma evidência (testemunho) da aceitabilidade das suas ofertas. **Pelo qual** refere-se não à fé mas ao **sacrifício**. Era o **maior sacrifício** que se tornou a base da aceitação. Por este ato, **depois de morto, ainda fala**; assim somos lembrados que a fé simplesmente na bondade de Deus não justifica ninguém. A fé justifica indiretamente, não diretamente. Ela se achega a Deus por meio de um sacrifício. A fé é ativa em sua percepção de Deus e do pecado, e na sua convicção de que Deus está ávido por ser propiciado. A fé está, portanto, depositada no sacrifício como um acesso válido e também na disposição de Deus de aceitar o sacrifício; mas a fé não supõe que Deus é indiferente ao modo de acesso.

A fé do humanismo entende que o sacrifício não é necessário, mas ela não traz a paz. Esta é a fé do orgulho e da presunção. A fé evangélica se aproxima de Deus por meio do Calvário. A superioridade do sacrifício de Abel⁸ estava fundamentada tanto no seu espírito humilde quanto no conteúdo que foi oferecido (Gn 4.3,4). Os “Cains” de hoje também precisam saber que as ofertas sem derramamento de sangue realizadas por homens farisaicos, o trabalho de mãos humanas e as realizações da cultura humana não compram o acesso ao Pai. O pecado tornou tudo isto inválido como base para a “unidade” divino-humana. Deve haver sangue, e somente o sangue do Cordeiro santo de Deus é válido. Vamos oferecê-lo pela fé e nós também conheceremos o testemunho interior da justiça.

b) *O caminho da fé da justiça* (11.5). De Enoque aprendemos que é possível e necessário manter este relacionamento de fé ao longo da experiência terrena. **Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte.**⁹ A palavra **trasladado** (*metetethe*) significa literalmente “transportar”, de um nível mais baixo para um mais alto (mesma palavra usada em 7.12). Em Atos 7.16, esta palavra é usada referindo-se à transferência dos ossos de Jacó do Egito para Siquém, em Canaã. A afirmação de que **não foi achado** sugere que por dias sua família e amigos procuraram por ele, mas em vão, porque Deus o havia trasladado para uma posição celestial. Mas a transposição exterior foi justificada pela transformação interior. Por trás do “dom das asas” havia um caminhar devoto (Gn 5.24). Este não era o arrebatamento de um pecador, mas de um santo, que, **antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus**. O Espírito de Deus testemunhou que tudo estava bem; nenhum ajuste de última hora foi necessário. Aqui novamente o papel da fé foi indireto — a fé, em si mesma, não pode trasladar ninguém para o céu. Mas o caminhar de Enoque com Deus foi por fé e a trasladação foi a recompensa soberana de Deus pela sua fidelidade nessa caminhada.

4. A Essência da Fé (11.6)

Agora um grande princípio da fé está claramente expresso. Primeiramente, vemos este princípio exposto de forma negativa: **Ora, sem fé é impossível agradar-lhe**. Se Enoque não continuasse crendo, ele não teria recebido a certeza contínua de que estava agradando a Deus. Esta é uma lei simples, mas inescapável do Reino. Deus deve ter súditos que confiam nEle como Deus — e isto inclui sua sabedoria, sua bondade e seu poder. Duvidar é difamar. Confiar é honrar. Todos os outros tributos são insultos se o tributo da fé está faltando. Não somos guardados pelo sentimento, mas pela fé, porque somente ao crermos em Deus podemos agradar-lhe.

O princípio é então ampliado de forma positiva: **porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe** — este é um ponto de vista intelectual do teísmo. É um teísmo personalista — **aquele que**, não “o ser” que. Mas o homem pode acreditar que Deus existe e não ter comunicação nem comunhão com Ele. Portanto, o teísmo teórico deve tornar-se a confiança humilde de **que ele existe e [...] é galardoador dos que o buscam**. Aqui está uma confiança dupla: primeiro, na atenção de Deus em buscar o homem, e, segundo, na integridade e benevolência do caráter de Deus. Ele vai galardoar aquele que o busca, e o galardão vai ser de acordo com a necessidade (Lc 11.9-13). Somente esta confiança torna possível um relacionamento significativo e pessoal. Mas esta confiança está vinculada a um busca diligente. Os galardões de Deus da graça divina não são espalhados de maneira promíscua e indiscriminada. O relacionamento deve ser interpessoal — de duas vias. O homem deve querer Deus, não somente seus dons, mas para o seu próprio bem, e querê-lo a ponto de procurá-lo. O homem também deve tomar a iniciativa, como evidência de um desejo sincero.

No versículo 6, vemos “Como Obter Algo de Deus”: 1) Pureza de motivo: **o buscam** — sua presença, sua vontade, sua glória. 2) Deve haver sinceridade de propósito. Esta busca deve ser diligente — sincera, aberta e persistente. 3) Deve haver simplicidade de fé: **creia que ele existe e que é galardoador** — uma fé refletida na busca diligente, uma fé que aposta tudo na integridade de Deus, uma fé que se afirma a si mesma.

5. A Obra da Fé (11.7)

Pela fé Noé [...] preparou a arca (Gn 6.8,9, 13-22; 7.1). No entanto, a iniciativa não foi humana, mas divina: **divinamente avisado**. O nome de Deus não é citado, mas inferido pelo participio, *kramatistheis*, “tendo sido divinamente avisado e advertido” (cf. 8.5). **Temeu** indica a motivação interior. De que maneira a fé é compatível com o temor? Simplesmente, pelo fato de que o temor foi gerado pela sua confiança implícita na Palavra de Deus. Ele creu que uma enchente viria e foi estimulado a agir por causa da perspectiva assustadora de ser apanhado despreparado. O resultado da sua fé-ação foi a **salvação da sua família**. Quando o homem crê em Deus e age de acordo, obtém a salvação, tanto física quanto espiritual, na vida dos outros.

6. A Obediência da Fé (11.8)

Quando o “pai da fé” foi **chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança**. Isto também ocorreu **pela fé** visto que *a)* havia um pano de fundo de fé-familiaridade com Deus; *b)* ele cria que esta impressão (este chamado) era a voz de Deus; *c)* ele cria que existia este lugar se Deus havia dito; *d)* ele cria que Deus o protegeria durante a viagem e depois da sua chegada; *e)* ele cria que Deus identificaria o lugar à sua maneira e a seu tempo e *f)* ele cria que a promessa de Deus de dar a ele a terra certamente se cumpriria (Gn 12.1-4). Este é o tipo de fé que instiga a obediência e é provada por ela. Atuar pela fé, realizando grandes coisas para Deus, sempre é uma simples questão de obediência, em que Deus toma a iniciativa. Mas a fé deve ser forte o suficiente para obedecer mesmo quando Deus mantém em segredo alguns detalhes que gostaríamos de saber. Abraão não sabia para onde estava indo. Ele conhecia apenas a direção. Nenhum mapa topográfico foi-lhe apresentado, somente a promessa: “Eu te mostrarei” (Gn 12.1). Algumas pessoas nunca alcançam nada para Deus porque não querem obedecer um passo por vez; elas querem muita informação adiantada. Elas querem eliminar da obediência todo mistério, incerteza e risco aparente. Mas isto também significaria a eliminação da própria fé.

7. A Peregrinação da Fé (11.9,10)

Depois que Abraão chegou, **habitou na terra da promessa** (9); literalmente, “ele tornou-se um peregrino”. Ele instalou-se na terra, não como dono ou conquistador, mas como estrangeiro, **como em terra alheia**; i.e., não sua própria terra, mas como pertencendo a alguém outro. Ele não brandiu a espada e proclamou o seu governo; ele não tomou nada em suas próprias mãos. Este também é o caminho da fé: deixar Deus cumprir suas promessas no seu tempo e à sua maneira. Não precisamos forçar as coisas ou provocar guerras para cumprir a sua vontade. Uma fé fraca sempre rói as unhas.

Exigiu-se de Abraão uma confiança calma e paciente por um longo tempo, e não somente dele, mas do seu filho e do neto, Isaque e Jacó, **herdeiros com ele da mesma promessa**. Três gerações de herdeiros, vivendo **em cabanas** (tendas), não cidades ou casas, mas como estrangeiros em sua própria terra! Será que eles foram tentados a questionar se não haviam se enganado, ou se Deus tinha esquecido, ou estava demorando demais? Na ordem das coisas de Deus, a verdadeira situação muitas vezes está oculta. Davi era rei na “mente” de Deus muitos anos antes que se tornou rei na mente das

pessoas. Mas a fé sabe esperar, porque vê os fatos por trás das circunstâncias. Ela não precisa gritar; também não tem necessidade de abandonar a esperança e entrar no desespero. O exemplo de Abraão talvez foi apresentado para envergonhar estes cristãos hebreus que estavam entrando em pânico porque nem todas as promessas de Cristo haviam se concretizado.

Abraão talvez tenha admirado as cidades cananéias, mas não as invejou — **Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus** (10). “Pois ele esperava a cidade que tem alicerces [de realidade eterna], cujo arquiteto (*mestre de obras*) e edificador (*empreiteiro*) é Deus” (NVI). Ele podia esperar; porque muito tempo depois que as cidades cananéias tivessem se transformado em pó, a cidade de Deus permaneceria em pé. Nós também podemos nos dar o luxo de esperar.

8. *A Descendência da Fé* (11.11,12)

A fé também era a chave para a concepção miraculosa de Sara: **porquanto teve por fiel aquele que lho tinha prometido** (11). É verdade, quando ouviu pela primeira vez a predição, “riu-se Sara consigo” (Gn 18.12), porque na sua idade avançada ela sabia que no mundo natural a idéia era absurda. Mas seu riso dócil de deleite se transformou em uma fé firme quando o Senhor a repreendeu e no final tornou-se um riso de alegria santa (Gn 21.6). Sua confiança em Deus capacitou-a a receber uma força sobrenatural para esta experiência.

Por meio da fé de Sara e Abraão, Deus foi capaz de fazer suas promessas, dadas antes de Isaque nascer e então reafirmadas depois que Abraão foi provado no monte Moriá (Gn 15.5; 22.17). **Pelo que também de um, e esse já amortecido** (lit., já impotente), **descenderam tantos, em multidão, como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar** (12). Mas não somente a raça hebraica é a descendência da fé, mas os crentes gentios também, visto que “os que são da fé são filhos de Abraão” (Rm 4.9-25; Gl 3.7-9).

9. *A Confissão de Fé* (11.13-16)

A fé bíblica sempre olha para frente bem como para cima, e abrange a eternidade, bem como o tempo. O autor descreveu de maneira sucinta a vida de fé dos patriarcas, a quem as promessas foram dadas. Agora ele nos lembra que eles não abandonaram a fé só porque as promessas não se materializaram da noite para o dia. **Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas** (13). Naturalmente, a forma muda de *pistei*, “pela fé”, para *kata pistin*, “na fé”. Eles não morreram pela fé, mas **na fé**, crendo em Deus até o seu último respirar. Eles receberam **as promessas**, mas não haviam recebido o cumprimento (a mesma palavra usada em 10.36). A promessa de um filho (Isaque) havia sido cumprida; evidentemente, portanto, **as promessas** nas quais mantinham os seus olhos e pelas quais viviam e morriam eram maiores do que esta promessa específica. O nascimento de Isaque era apenas um símbolo da plenitude futura.

Nos versículos 13-16, vemos que “A Confissão de Fé” inclui:

a) *A posse da visão* — **mas, vendo-as de longe**. Este era o discernimento do profeta ou vidente em relação ao futuro. Eles sentiam que a visão que Deus tinha dado era para um dia distante. Mas eles eram grandes o suficiente para ver o todo, não apenas as

partes e ver adiante, não apenas o presente; eles estavam dispostos em ser pequenas peças no plano maior de Deus. Eles sabiam que o Deus que tinha dado a visão não iria morrer quando eles morressem.

b) *Uma persuasão de valor — e crendo nelas, e abraçando-as.* Eles não só estavam convencidos de que as promessas eram “boas”, mas entregaram-se completamente aos valores superiores que representavam. As duas frases são uma tradução dupla de uma palavra, *aspasamenoi*, “tendo saudado”, e significa neste caso “tendo abraçado mentalmente”, tendo recebido “no coração ou no entendimento”.

c) *Uma profissão de peregrinação — confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra.* Aqui estão reveladas a profundidade e a grandeza da visão dos patriarcas, nem sempre reconhecidas. Sua visão ia além de Canaã. Eles não eram apenas viajantes na terra prometida da Palestina, mas **estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que isso dizem claramente mostram que buscam uma pátria** (14) e, obviamente, eles não têm em mente Canaã ou a terra dos seus ancestrais, a Mesopotâmia, quando se referem a esta verdadeira pátria. Certamente, **se lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar** (15). O significado do tempo imperfeito nos dois verbos principais não é observado na KJV (a idéia do subjuntivo não faz parte do texto grego). A tradução deveria ser a seguinte: “E se eles realmente tivessem lembrado daquela (terra) de onde tinham saído, eles teriam tido continuamente a oportunidade de voltar”.¹⁰ O olhar crônico para trás produz também pés voltados para trás. Quando o homem deseja voltar atrás (*anakampsai*), seus olhos descobrirão uma série de maneiras e razões. **Lembrassem** significa “fixar os pensamentos em algo”, referir-se, falar de. Se as pessoas não querem apostatar, é melhor manter o seu passado fora da sua imaginação e conversa. Se Deus está disposto a esquecer, é melhor que também estejamos.

Os santos do AT, no entanto, não tinham nenhum interesse em olhar para trás; eles estavam enamorados demais com o futuro. **Mas, agora, desejam uma melhor, isto é, a celestial** (16). Literalmente, “eles se esticam”, tão intensa é a sua devoção. Que os patriarcas tinham uma idéia do céu — ou pelo menos uma teocracia espiritual — é claramente expresso, porque o contraste não é somente com a terra antiga, mas com a pátria onde agora estavam caminhando como nômades. Canaã era agradável, mas não preenchia a revelação interior que Deus tinha dado a eles. Eles podem ter visto na terra um tipo de Reino, como viram em Isaque um tipo do Messias e uma expectativa da bênção que deveria vir sobre todas as famílias da terra. Possivelmente, esta é a razão por estarem dispostos a ser contados como estrangeiros na terra; eles de qualquer maneira nunca se sentiram em casa jeito. É triste que seus descendentes perderam a visão (o mesmo perigo que estes cristãos hebreus estavam correndo), e se acomodaram com esse apego intenso a esta terra. Peregrinos não estão demasiadamente preocupados com posses e possuidores avaros logo deixam de ser peregrinos. Como C. S. Lewis diz: “Muitas pessoas pensam que estão encontrando seu lugar no mundo, quando, na realidade o mundo está encontrando seu lugar nelas”.

Por causa da atitude espiritual deles, **Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade.** Alguns que professam crer em

Deus são uma desonra para Ele devido às suas almas miseravelmente presas à terra. Mas este não era o caso de Abraão, Sara, Isaque e Jacó (Ex 3.3-16); deles Ele recebia com alegria o título **Deus**. Ele, em Cristo, preparou a cidade — uma moradia eterna e segura (Jo 14.1-4; Ap 21.2). Visto que olhavam para o futuro com fé, eles são tão favorecidos por Cristo como nós que também olhamos para o futuro com fé, embora nossa fé seja reforçada com o conhecimento adicional do Calvário, que nos deixa sem desculpa para deixar escapar a Cidade Santa.

10. *O Teste da Fé* (11.17-19)

Há uma confiança sublime e ao mesmo tempo pungente na fé perfeita, como é revelada em Abraão quando ele, sendo **provado** (colocado à prova), **ofereceu** [...] **a Isaque** (17). O autor deliberadamente ressalta a severidade intensa deste teste: **aquele que recebera** (acolhera, recebera com alegria) **as promessas ofereceu** (estava no ato de oferecer) **o seu unigênito** — de quem foi **dito: Em Isaque será chamada a tua descendência** (18). Para alguém com menos fé, isto poderia parecer um completo despedaçar de esperanças. Mas o equilíbrio de Abraão tinha uma simples explicação: **Considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar. E daí também, em figura, ele o recobrou** (18-19). Isto é, figuradamente falando, Isaque era um dom da vida a partir da morte; o Deus que fez um milagre quanto ao cumprimento da promessa poderia realizar mais um. A expressão **era poderoso** não atribui a Abraão a certeza de que Deus *faria* mas que Ele *poderia fazer*. Esta era a única solução que Abraão conseguia enxergar; mas a sua confiança era tão grande na integridade de Deus que sentiu-se perfeitamente seguro de obedecer absolutamente e deixar os caminhos e meios para Deus. É importante observar que Abraão venceu esta prova porque Isaque nunca havia se tornado um ídolo.

Nesta passagem vemos “A Fé Testada e Triunfante”. 1) A fé é testada (a) quando os sacrifícios exigidos parecem excessivos, (b) quando os mistérios da providência permanecem insolúveis, (c) quando a promessa de Deus parece irrealizável. 2) A fé triunfa porque (a) ela acredita na grandeza de Deus, apesar das dificuldades, (b) confia na bondade de Deus apesar das aparências, (c) obedece às ordens de Deus apesar das conseqüências.

11. *A Confiança da Fé* (11.20-22)

A fé dá ao seu possuidor os olhos de um vidente (profeta), e uma confiança no futuro do povo de Deus. Isto é demonstrado em Isaque, que pela **fé** [...] **abençoou Jacó e Esaú, no tocante às coisas futuras** (20; cf. Gn 27.27-29, 39,40). Ela também é vista em **Jacó** que **abençoou cada um dos filhos de José** no leito da morte (21; cf. Gn 48.11-20).¹¹ José amplia este aspecto ainda mais: **Pela fé, José, próximo da morte, fez menção da saída dos filhos de Israel e deu ordem acerca de seus ossos** (22; cf. Gn 50.24,25). Ele não queria que seus restos mortais ficassem no Egito. Nos três exemplos, a confiança no futuro era baseada na fé acerca da integridade das promessas de Deus. Aqui era a visão que transcendia seu próprio destino e sua própria geração. Eles se enxergavam fazendo parte de um grande plano, como elos da corrente da história divina.¹² Sua fé não foi alterada pelo não cumprimento durante a vida deles. Isto também servia de repreensão para estes cristãos hebreus hesitantes!

12. *A Coragem da Fé* (11.23)

Foi a fé que capacitou Anrão e Joquebede a esconder **Moisés, já nascido [...]** **três meses [...]** **porque viram que era um menino formoso; e não temeram o mandamento do rei** (Êx 2.2ss). A ordem era que cada infante masculino fosse lançado no rio (Êx 1.22). Mas os pais perceberam que este menino era **formoso**, i.e., bonito. O adjetivo principesco ou magnífico transmite melhor a idéia do original. Todos os pais têm orgulho de seus filhos e acham que são especiais; há uma dica aqui, no entanto, de uma percepção profética de que esta criança tinha um destino especial. Esta visão e fé deram aos pais a coragem de crer que Deus os ajudaria a frustrar a ordem do rei. Eles **não temeram** (lit., não estavam apavorados ou intimidados). Quando o bebê se tornou tão barulhento aos três meses que se tornou impossível manter a sua presença em segredo, prepararam um berço flutuante e designaram sua irmã maior a cuidar do menino. Em vez de lançá-lo no rio, eles o colocaram sobre o rio, crendo que se Deus tinha um plano especial para Moisés, Ele poderia de alguma forma preservá-lo. E Ele o fez, de tal forma que se tornou uma história mais interessante do que as melhores histórias de ficção.

13. *A Escolha da Fé* (11.24-26)

Os primeiros anos, normalmente, são mais importantes do que os anos posteriores na vida da criança. Felizmente, a mãe de Moisés esteve com ele quando ele era mais moldável e deve tê-lo educado bem no conhecimento do único e verdadeiro Deus. Como jovem, ele ponderou cuidadosamente a vida do povo simples e temente a Deus da sua mãe e a vida resplandecente, mas corrupta da corte. **Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó** (24). Foi um repúdio claro e definitivo, como o tempo aoristo sugere. Ele rompeu com a realza egípcia de uma vez por todas, **escolhendo** (lit., tendo escolhido), **antes, ser maltratado com o povo de Deus** (25). A rejeição exterior foi o resultado de uma decisão interior prévia. A habilidade de tomar decisões e de escolher sempre o lado certo é a marca do caráter forte. Outra vez, o autor está envergonhando estes cristãos hebreus em virtude da forma vacilante e indecisa de eles se comportarem.

Moisés conhecia bem a opressão cruel e a privação sofridas por este povo; ele não era ignorante ou ingênuo. Mas ele pesou o sofrimento deles com **o gozo do pecado**, porque percebeu que aqueles que sofriam eram o **povo de Deus**, portanto, interiormente superiores, e se saíam melhor no final, porque **o gozo do pecado** era apenas por **um pouco de tempo**. Assim, as vantagens da corte egípcia eram vistas como sendo superficiais e temporárias. Sua escolha, portanto, era inspirada pelo seu modelo de valores: **tendo, por maiores riquezas, o vitupério de Cristo** (“o estigma que está sobre o Ungido de Deus”, NEB) **do que os tesouros do Egito**. O estigma continua presente! Muitos estudiosos modernos tentam de todas as maneiras possíveis desfazer e desacreditar o caminho cristão, mas podemos estar certos de que na medida em que tiverem êxito em tornar Cristo palatável ao homem natural, nessa mesma medida moldaram um Cristo falso e imaginário. Que conceito Moisés tinha de **Cristo** (lit., o Cristo)? Provavelmente o seu conceito não era claro, mas seu conhecimento de que os hebreus eram o povo de Deus indubitavelmente incluía um conhecimento vago de um Ungido prometido (1 Co 10.1-4). Embora sua mente possa ter estado nebulosa quanto a detalhes, sua fé estava segura, tão segura que por causa dela ele estava disposto a arriscar seu presente e seu futuro.

O autor continua mostrando que o sistema de valores de Moisés estava baseado em grande parte na sua habilidade de olhar para o futuro: **porque tinha em vista a recompensa** (26). Literalmente, a palavra *apeblepen*, “ele estava olhando”, significa “desviar o seu olhar de todos os outros objetos e olhar para um único”. O tempo imperfeito indica que este não era um interesse romântico ou caprichoso, mas um olhar fixo. Ele continuou olhando com uma atenção fixa e séria; inevitavelmente o resplendor egípcio dissipou-se completamente de sua mente. O segredo de escapar do encanto sedutor do mundo é olhar tão longe para o futuro para perceber duração e consequência.

Pela fé, portanto, Moisés foi capaz de perceber os verdadeiros problemas da vida. Na superfície parecia que ele estava escolhendo entre dor e prazer, mas, na realidade, era entre piedade e pecado. Superficialmente, parecia ser uma escolha entre sua mãe e a filha de Faraó, mas, na realidade, era uma escolha entre Cristo e o mundo. Parecia que ele estava escolhendo entre pobreza e os tesouros do Egito; mas, na verdade, era uma escolha entre céu e terra. Parecia uma escolha entre o deserto e o trono; mas, na realidade, era entre a imortalidade e o esquecimento.

Além disso, **pela fé**, ele foi capaz de distinguir o passageiro do permanente. O *passageiro* incluía 1) o sofrimento do povo de Deus, 2) **o gozo do pecado**, 3) **os tesouros do Egito**, 4) **o vitupério de Cristo**. O *permanente* incluía 1) **o povo de Deus**, 2) a pessoa de **Cristo**, 3) o pagamento da **recompensa**.

Nos versículos 24-26, vemos “As Qualidades da Fé Duradoura”. 1) Ela percebe a superioridade dos valores morais e espirituais sobre os prazeres temporais e carnis, vv. 25,26. 2) Ela está certa de que os valores duradouros estão do lado de Cristo e do povo de Deus, vv. 24,26. 3) Ela escolhe renunciar a uma vantagem passageira para obter um ganho permanente, vv. 25,26.

14. A Persistência da Fé (11.27)

Pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei (27). De acordo com Êxodo 2.11-15, o êxodo juvenil de Moisés foi, na verdade, uma fuga, instigada pelo medo. Portanto, é mais provável que Hebreus esteja se referindo aqui à saída dignificada e deliberada 40 anos mais tarde. A palavra *katelipen*, **deixou**, simplesmente significa deixar para trás e não necessariamente sugere fuga. Em sua mocidade, a fé que Moisés tinha era forte o suficiente para fazer a escolha básica e final, mas ela precisava da maturação do deserto e da sarça ardente para tornar-se à prova de pânico. O segredo do seu equilíbrio foi que ele **ficou firme, como vendo o invisível**. Ele suportou resolutamente as ameaças e a duplicidade de um Faraó colocado contra a parede e foi fortalecido porque a fé vê o **invisível**; não somente a ordem invisível como tal, mas o “Invisível” (masculino singular). A fé tem um radar espiritual que a descrença não tem (2 Rs 6.16-17; Dn 3.23-25). Mas a grande marca distinta da fé bíblica é que ela está firmada num Deus pessoal, não numa lei ou poder impessoal.

15. O Êxodo da Fé (11.28-31)

A verdadeira fé sempre sai do Egito. Ela nunca fica. Na verdade, o versículo 27 é tanto um prefácio como uma apresentação prévia desta seção, que consiste em esboçar os pontos altos da migração do Egito para Canaã. A história aqui não é de todo brilhante; uma descrença vergonhosa tornou a história acidentada, com consequências trágicas.

Os cristãos hebreus têm sido lembrados deste fato com muita intensidade. Mas a atenção agora está no fato de que a nação nunca teria sido liberta da escravidão, e nunca teria entrado em Canaã, se não fosse por aqueles que tiveram fé. Cada passo importante era uma vitória da fé. Mas a dúvida nunca registrou avanços.

a) *A Páscoa* (11.28). O primeiro passo preparatório essencial no Êxodo foi a Páscoa. **Pela fé, celebrou a Páscoa e a aspersão do sangue.** O objetivo era escapar da espada do **destruidor dos primogênitos**. Este ato de julgamento divino não era somente necessário e justificado pela teimosia egípcia, mas foi simbólico da morte eterna que é endêmica do Egito espiritual. Semelhantemente, o cordeiro morto era simbólico do futuro Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo (Jo 1.29). Não há escape, quer da escravidão egípcia ou da escuridão ou morte egípcia, sem o aspergir do sangue. Mas note bem, a vida não depende apenas do sangue derramado, mas do sangue aplicado. Somente o derramar do sangue não teria protegido ninguém. Havia salvação somente à medida que o sangue era aspergido individualmente na verga da porta e em ambas as ombreiras das casas (Êx 12.23). A verdade aplica-se igualmente ao sangue do Cordeiro de Deus. Somente quando a fé toma posse e o Espírito opera que o Sangue salva.

b) *O mar Vermelho* (11.29). **Pela fé, passaram o mar Vermelho, como por terra seca.** Para maiores detalhes, leia Êxodo 14.22-27. A fé agora é atribuída ao povo, bem como a Moisés. Neste acontecimento, vemos a diferença entre fé e presunção. A fé não depende do que é feito, mas com que autoridade. Israel agiu de acordo com a ordem divina, mas o intentar (lit., tentar) dos **egípcios** em fazer a mesma coisa causou o seu afogamento. A mesma ação pode ser apropriada e bem-sucedida ou presunçosa, fanática e desastrosa, dependendo da presença ou ausência de Deus. “Com Deus, ando sobre o mar; sem Ele, nem saio pela porta”.

c) *Os muros de Jericó* (11.30). Moisés está morto; os israelitas já não podem mais depender da fé dele. Mas esta fé foi compartilhada pelo seu “afiliado” Josué e, até certo ponto, por toda a nação. Esta era uma nova geração, que tinha se beneficiado, pelo menos em parte, da ruína dos seus pais. Apesar do rio Jordão ter sido atravessado, Jericó bloqueava o caminho para o portão de entrada da Terra Prometida, na realidade mais temível do que os medos de Cades-Barnéia. Mas, pela **fé, caíram os muros de Jericó**. De que maneira a fé pode derrubar muros? Efeitos psicológicos e subjetivos da fé são explicáveis, mas a fé não envia ondas de pensamentos contendo um poder real e físico. A fé alcança seu objetivo indiretamente, por intermédio da 1) obediência humana e 2) do poder de Deus. Os muros, portanto, ruíram somente depois que se marchou em volta deles sete dias.¹³ “A fé sem obras é morta” (Tg 2.26). Mas as “obras” devem ser determinadas por Deus, não pelo homem.

d) *A convertida Raabe* (11.31). De acordo com o próprio testemunho dos espias enviados por Josué (Js 2.1-21), seu povo conhecia a história recente dos israelitas, e por causa disso o seu coração ficou paralisado de medo. O que no seu medo foi transformado em fé? 1) Ela percebeu o plano de Deus; 2) ela aceitou o plano de Deus e se ajustou a ele; 3) ela agiu de acordo com a sua nova lealdade, mesmo arriscando a própria vida; 4) ela

reuniu sua família e amarrou o cordão de fio de escarlata (Js 2.18; 6.25). No fio de escarlata que foi dado a Raabe podemos ver um tipo do “fio de escarlata” mais longo que corre desde o Gênesis até o Apocalipse, ou seja, o símbolo do povo de Deus. Tiago cita Raabe como um exemplo de justificação “pelas obras” (Tg 2.25). Não há a menor incongruência aqui. Todo aquele que verificar a verdadeira natureza da fé bíblica chegará a esta conclusão. O princípio de ação na fé é ilustrado aqui como no versículo 30.

16. *A Conquista da Fé* (11.32-35a)

E que mais direi? Será que é necessário continuar detalhando os grandes homens da fé para reforçar estes cristãos hebreus? Provavelmente, devido ao espaço desta epístola, o autor condensa as façanhas do AT em um resumo compacto. Sem se delongar, ele menciona **Gideão [...] Baraque [...] Sansão [...] Jefté [...] Davi [...] Samuel** e os **profetas** (32). Todos eram heróis de Israel. Nem todos foram igualmente dignos de honra, mas todos alcançaram a imortalidade porque na hora da crise se levantaram como homens de fé. Deus pode fazer mais com 300 homens de fé (o bando de Gideão) do que com 32.000 homens cujos corações tremiam de medo e dúvida. Tendo enumerado alguns nomes famosos, o autor enumera alguns dos atos poderosos praticados pela fé: **venceram reinos, praticaram a justiça** (elaboraram soluções justas), **alcançaram promessas** (33). Neste caso, intenta-se o *cumprimento* das **promessas** (mesma palavra em 6.15; Rm 11.7). **As mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos** (35a). Era a fé triunfando sobre a morte.¹⁵ Os versículos 33b-34 registram algumas das façanhas mais dramáticas e sensacionais, mas facilmente omitida está a conquista de fé mais importante: **da fraqueza tiraram forças** (“fortalecidos com poder” — Mueller). Mas o leigo, o pregador, o missionário, a igreja e a nação devem primeiro sentir e reconhecer sua fraqueza, então olhar resolutamente e exclusivamente para Deus. Neste ponto, Ele pode inspirá-los com poder (1 Sm 14.6; Tg 4.6-10), e usar um “bichinho” para esmigalhar os montes (Is 41.14-15). Mas, sem dúvida, a fraqueza mais profunda e a montanha mais elevada estão na área moral. Quando um caráter fraco é transformado em um gigante espiritual e moral pelo poder da fé — esse é o grande milagre.

17. *O Triunfo da Fé* (11.35b-38)

No meio do versículo 35, ocorre uma mudança brusca por meio das seguintes palavras: **uns foram torturados, não aceitando o seu livramento**. O autor tem relatado os feitos heróicos da fé; agora ele se volta aos seus sofrimentos pacientes. Este é um acorde-chave na sinfonia da fé, embora o tom seja silencioso e reverente. A alusão nestes versículos é a homens e mulheres da história do povo de Deus que poderiam ter salvado suas vidas ao renunciar à sua fé. Eles preferiam renunciar a suas próprias vidas, mesmo diante de muita agonia, **para alcançarem uma melhor ressurreição**. Esta é a marca suprema da fé autêntica: ela está mais preocupada com o que acontece do outro lado do que o que acontece deste lado da morte. A verdadeira fé vai além de toda negação presente e atravessa toda barreira terrena. Sua força não está em provas visíveis e libertações miraculosas, mas é fruto da comunhão com Deus. Portanto, ela transcende a necessidade de auxílio sensorial. Porque a fé em Deus por meio de Cristo está segura do resultado final. Somente a fé fraca não crerá a não ser por meio de sinais e milagres (Jo 4.48).

Muitas vezes acabamos falando: “As coisas estão melhorando, minha fé está crescendo”. A verdadeira fé se apóia na integridade de Deus quando as coisas pioram em vez de melhorar. O teste supremo é o momento de agonia quando sabemos que Deus poderia nos libertar se lhe aprouvesse, mas não o faz; quando o chicote atinge as costas desnudas, quando as portas da prisão são trancadas, quando a serra dilacera a carne macia — e Deus permite. A fé em tempos prósperos logo desaparece diante do assalto violento das tempestades que abalam a alma. Se a fé é relevante somente para ser feliz e próspera neste mundo, ela não passa de uma muleta débil e inútil de um mundanismo egoísta. A verdadeira fé cristã, por outro lado, encontra seu maior triunfo, não nos feitos visíveis, mas numa confiança e equilíbrio interior quando não existem circunstâncias encorajadoras. A fé mais brilhante é uma fé que é brilhante quando o certo é derrotado e o errado está no trono, quando a vida parece completamente irracional. Certamente, é isto que se pode dizer destes santos do AT: **dos quais o mundo não era digno** (38).

18. *O Testemunho da Fé* (11.39,40)

Todos os nobres vitoriosos, **tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa** (39). O NT Amplificado traduz: “Embora herdassem a aprovação divina pela [ajuda da] sua fé, [eles] não receberam o cumprimento da promessa”. A mesma afirmação foi feita acerca dos primeiros patriarcas no versículo 13. O motivo para o atraso é então expresso: **provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados** (40). Esta **coisa melhor** não pode referir-se ao céu, porque eles vão compartilhá-lo conosco numa base igual.

A **coisa melhor** pode referir-se somente à provação e privilégio. Nossas vantagens pós-Pentecostes estão no “repouso”, “perfeição”, “santificação” e acesso ao Santo dos Santos que o autor descreveu. A epístola é inequivocamente clara no ensino de que um nível e qualidade da salvação pessoal se tornam possíveis pelos acontecimentos da Sexta-Feira Santa, Páscoa e Pentecostes, que não estavam disponíveis antes. A dispensação do Espírito Santo é um avanço real, não somente no método da obtenção da redenção e na revelação da verdade, mas na área do alcance espiritual acessível. Tal profundidade de redenção, obtida no novo concerto, foi predita debaixo do antigo regime, mas agora é desfrutada. Isto foi, evidentemente, o preço da sua fé. Mas, de forma simultânea, com nossas bênçãos espirituais atuais, eles agora nos alcançaram e desfrutaram delas no céu. Neste sentido, eles agora são **aperfeiçoados**; a libertação das suas almas está agora consumada. Mas, enquanto a fé deles buscava obter bênçãos além tûmulo, nossa fé deve se apossar pelos menos da seriedade dessas bênçãos agora, ainda em vida. Tem sido o alvo de toda epístola estimular estes cristãos hebreus a fazê-lo.

C. A PERSEVERANÇA DA FÉ, 12.1-29

1. *Recursos em Cristo* (12.1-4)

O autor, tendo provado de maneira tão eloqüente que a necessidade de viver pela fé não é motivo de autopiedade, mas, na verdade, é um caminho trilhado pelos seus heróis ancestrais, agora ressoa com um retumbante **Portanto** (*toigaroun*). Esta é uma forma duplamente reforçada da partícula *toi*, combinando *toi*, *gar* e *oun*: “Bem então!” (Ela é

usada somente aqui e em 1 Ts 4.8). O autor esteve apontando para os seus pais; agora ele aponta diretamente para eles (mas na primeira pessoa do plural): **nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas**, estamos debaixo da obrigação imediata de mudar tanto a nossa atitude quanto a nossa ação. A palavra **também** nos associa com aqueles em 11.39. As **testemunhas** não são meros observadores na tribuna, curiosos para ver como vamos nos sair, mas pessoas que alcançaram êxito, por isso nós também poderemos ter êxito. Eles são uma vasta **nuvem** de incentivadores, um grande “grupo de encorajadores”. A figura é de um grande anfiteatro. Os espectadores são todos amigos, e somos desafiados por eles a ter sucesso na corrida. Nós podemos, se nos dispusermos a fazer algumas coisas básicas. **Deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia**. Esta é uma admoestação negativa e um pré-requisito para alguém qualificar-se para a corrida. Dificuldades desnecessárias que vão nos esgotar e diminuir o nosso ânimo, independentemente de quão inocentes possam ser, devem ser “despidas”, da mesma forma que um corredor se livra de roupa supérflua.

Também é imperativo desfazer-se do *ten euperistaton hamartian*, o “pecado que tão facilmente e constantemente envolve”. O adjetivo somente é encontrado aqui no NT. A frase da RSV: “pecado que se agarra tão de perto” é apropriada, mas a não inclusão do artigo (seguindo Moffatt) não é justificável, porque na mente do autor havia um pecado específico (NT Ampl.). Transformar o singular em plural (“pecados”), como ocorre nas *Cartas Vivas*, é forçar a interpretação. Não se tem em mente aqui a prática habitual de pecar; é, na verdade, uma tendência de que é difícil se livrar, mas que representará a derrocada final se não o fizerem. Robertson identifica isto como apostasia de Cristo; mas se este é o caso, só podia ser uma apostasia no seu estágio inicial. Uma tendência crônica de descrença, que constantemente os expunha à apostasia, é mais compatível com o capítulo anterior e, na verdade, com toda a epístola. Mas esta tendência é simplesmente uma evidência da mente carnal e uma de suas manifestações características. Evidentemente, isto pode e deve ser afastado completa e inteiramente. Isto difere de um corredor humano, que espera voltar e colocar sua roupa e reaver suas posses novamente. Este deixar de todo embaraço e pecado significa um despojamento definitivo, porque na corrida cristã não há linha de chegada deste lado do túmulo.

A instrução positiva é: **e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta** (1). A palavra grega é *trechomen*, **corramos**. A primeira parte está no particípio aoristo *apothemenoi*, e deveria ser traduzida da seguinte forma: “Tendo deixado [...] corramos”. Além disso, em contraste com a determinação e finalidade do “deixar”, o correr (tempo presente) deve ser sem cessar — “continuemos correndo”. Paciência (*hypomones*) significa “constância, perseverança”. O prêmio não é para aqueles que começam bem, mas para aqueles que terminam bem. Um início de corrida veloz não habilita o cristão a tirar uma soneca logo mais adiante. A **carreira que nos está proposta** (“que está diante de nós”, Mueller) engloba a vida toda e é uma disputa para acabar com o pecado, a carne e o diabo. Felizmente, é uma disputa que não somente uma pessoa mas cada participante pode vencer.

Para esta corrida da vida, e para o descartar decisivo do pecado que devemos efetuar agora, se queremos ter alguma chance de vitória no final, há uma graça apropriada ao olhar **para Jesus** (2), nosso Salvador Vivo. Ele é nosso Recurso sempre presente e disponível para dar força e firmeza. Aqui está um outro particípio, também dependen-

te de **corramos**; ele nos relata, portanto, como ser bem-sucedido na corrida. E, visto que está no tempo presente, sabemos que esta é uma condição que devemos continuar satisfazendo ao longo do caminho. Quando nossos olhos se desviam de Jesus, nossos pés vacilam e se afastam do curso predeterminado. A palavra é “desviar o olhar” (a mesma que em Fp 2.23) de outras pessoas, de outras coisas, mesmo da “nuvem de testemunhas”, e olhar somente para Jesus.

A lógica deste olhar constante é o fato de que Cristo é o **autor e consumidor da fé**. Todo este plano e método da fé encontram em Jesus seu **autor** principal, ou “Comandante de destacamento” (cf. 2.10; traduzido por “Príncipe da vida”, At 3.15). Ele não é o **autor [...] da fé** no sentido de tê-la criado e implantado pela operação unilateral do Espírito Santo. Mas pode-se dizer que Ele é o Autor da nossa fé pessoal no sentido de ser seu Objeto, sua Inspiração, seu Fundamento, o que seria impossível sem a total ação redentora do Filho. O sentido de Príncipe (como em 2.10) também deve ser incluído, em levar a imagem de uma raça. Ele é o Príncipe da equipe; olhamos para Ele para receber ordens e liderança.

Ele também é o **consumador** (*teleiōten*) da fé. Ele foi aperfeiçoado pelo sofrimento (2.10); o caminho de fé (e, conclusivamente, nossa fé) é aperfeiçoado por este Salvador aperfeiçoado. Em um sentido, Ele aperfeiçoou este caminho no Calvário; em outro sentido, pela Ressurreição; em nós Ele o aperfeiçoou pela correção (v. 5ss) e pela santificação (v. 14ss); em última análise, Ele consumirá a fé por meio da sua segunda vinda e nossa glorificação. Ele aperfeiçoa ao preencher, completar, suprir todas as partes, em cada estágio que o aperfeiçoamento se fizer necessário. Ele aperfeiçoa nossa regeneração, nossa santificação, nossa maturidade cristã e nossa salvação final.

O poder do seu exemplo e sua suficiência como fonte da graça são agora expostos mais especificamente: **o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta**. O opróbrio da cruz, sua vergonha e estigma social, estavam se tornando um embaraço para estes cristãos; seu Messias havia morrido em uma odiada cruz romana como criminoso comum. Mas Aquele que sofreu a maior vergonha — o próprio Jesus — desprezou-a por completo. Ser esmagado pela sombra social da cruz era perder a verdadeira perspectiva. Ele foi capaz de suportar e desprezá-la por causa do resultado certo — a alegria que seguiria os sofrimentos. A confiança no amanhã é o sustento para hoje. Esta é a atitude que estes hebreus deveriam ter. Eles deveriam estar muito mais envergonhados da sua fuga da cruz do que do fato de Jesus ter carregado a cruz. Visto que agora Ele é Senhor, assentado **à destra do trono de Deus**, há um futuro absolutamente seguro, se crerem — mas um julgamento igualmente seguro se eles se tornarem desertores.

Ele então os estimula a ficar firmes, dizendo: **Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo** (3) — i.e., “tal oposição e hostilidade amarga” (NT Ampl.) — **para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos** (almas). As provações e perseguições deles não podiam ser comparados com as dele. **Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado** (4). Isto deveria tê-los deixado muito assustados. Evidentemente, estes cristãos hebreus tinham passado pelas perseguições com pouca perda. Eles podem ter perdido posses (10.34), mas não tinham perdido sangue, como ocorrera com Jesus, e com alguns daqueles citados no capítulo 11.

2. *Estímulo na Correção* (12.5-11)

O autor agora se volta às Escrituras, para desenvolver uma filosofia de sofrimento cristão. A sua tese básica é que os sofrimentos deles deveriam ser interpretados como correção e como evidência de filiação e favor divino — portanto, não uma ocasião para desânimo, mas para encorajamento.

a) *A premissa bíblica* (12.5-8). Debaxo da pressão das circunstâncias adversas é fácil esquecer os textos relevantes da Palavra de Deus, que servem para nos confortar e firmar em tempos de necessidade (SI 119.49-52, 105-107). **E já vos esquecesteis da exortação que argumenta convosco como filhos**, ele repreende. A admoestação seguinte é de Provérbios 3.11,12 (LXX; cf. Ap 3.19): **Filho meu, não desprezes a correção do Senhor e não desmaies quando, por ele, fores repreendido** (5). Em geral, **correção** (*paideias*) refere-se à disciplina, treinamento e instrução (pediatria e pedagogia são termos modernos baseados no termo grego *pais*); neste contexto, o lado desagradável da disciplina está na mente do autor. No versículo 6, o castigo é especificado, significando castigo corporal — ou seja, o uso da vara. Nosso Pai celestial sabe dos benefícios do conselho que deu aos pais humanos na Palavra (Pv 13.24). A pedagogia moderna, que eliminou a vara, não produziu crianças melhores. Alguém disse: “Se a psicologia da permissividade estivesse certa, seríamos uma nação de santos”. Desprezar isto significa “negligenciar, considerar levemente, dar pouca importância”. Se tivermos uma atitude errada em relação à disciplina, perderemos o seu benefício.

Esta correção não é uma expressão do desprazer de Deus, mas do seu favor. **Porque o Senhor corrige o que ama** (6). Se você está experimentando a correção de Deus, deveria sentir-se confortado pelo fato de que Deus está simplesmente nos tratando **como filhos** (7). Que privilégio elevado ser tratado por Deus como seus filhos! Antes ser corrigido por Deus do que ser mimado pelo diabo! A pergunta retórica: **porque que filho há a quem o pai não corrija?** Subentende-se aqui que já que isto é esperado dos pais humanos como um padrão normal de educação, não deveríamos estar surpresos quando Deus, como Pai, age de acordo com o seu papel característico. Também subentende-se que todos os filhos humanos são imperfeitos, tanto assim que uma ausência de correção pode sugerir uma falta do interesse verdadeiramente paternal ou de laços paternais: **Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos**. Prosperidade demais e lisonja podem ser um mau sinal. Isto deveria ser lembrado quando os charlatões modernos pregam uma religião de “saúde, riqueza e prosperidade”. Deus está interessado em salvar almas e desenvolver um caráter forte, não em cuidar para que “todos tenham um tempo agradável”. O que podemos concluir até aqui?

(1) Que os reveses e adversidades da vida são enviados ou permitidos por Deus como um valor disciplinar.

(2) Todos nós precisamos desta disciplina; portanto, ela deveria ser aceita com humildade e gratidão, em vez de com ressentimento e inquietação.

(3) Que não estamos sozinhos nessas experiências, porque elas são universais para os filhos de Deus e deveriam ser esperadas.

(4) Que elas são a evidência mais segura possível, não do desinteresse de Deus, mas do seu profundo interesse e preocupação por nós como indivíduos — membros da família real.

b) *O exemplo dos pais* (12.9,10). Além disso, o autor pergunta, visto que temos este tipo de correção de nossos pais humanos e **os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos?** (9) O dever dos pais no treinamento cuidadoso e firme dos filhos era universalmente reconhecido entre os judeus. O desrespeito e a rebelião eram quase desconhecidos. Certamente, eles não deveriam ter dificuldades em ver uma adequação lógica ainda maior em aceitar a mesma coisa de Deus, o **Pai dos espíritos**, de quem nossa vida eterna é derivada. Homens são pais biológicos; Deus é nosso Pai espiritual (Jo 1.12). Esse relacionamento familiar é espiritual, embora tão real quanto o relacionamento físico com um pai humano. Esta frase não necessariamente infere apoio bíblico ao “criacionismo” como uma teoria para a origem das almas individuais. Ela é simplesmente uma afirmação de que o nosso relacionamento com Deus é mais essencial para o homem interior e mais eterno em natureza do que o nosso relacionamento com nossos pais humanos.

Há ainda uma outra razão para conceder a Deus um respeito ainda maior: Nossos pais humanos eram faltosos na administração da disciplina, mas tal coisa nunca pode ser atribuída a Deus. **Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia** (10); ou “segundo lhes parecia melhor”.¹⁶ O versículo não infere que eles castigavam apenas para sentirem-se melhor, mas de acordo com o que julgavam ser certo na época; e, muitas vezes seus métodos não eram os mais conducentes com o fim desejado. Tal falha não pode ser atribuída a Deus: **mas este, para nosso proveito** (*epístola to sumpherom*); a frase deveria provavelmente ser traduzida da seguinte forma: “de acordo com o que é apropriado”.

A finalidade exata é expressa: **para sermos participantes da sua santidade** (lit., “para a participação da sua santidade”). Este é o alvo e desejo supremo de Deus para o homem e é o objetivo de todos os seus atos redentores. Podemos não compartilhar dos atributos naturais de Deus que pertencem somente à divindade — como onisciência, onipotência etc. Mas podemos ser semelhantes a Ele na santidade, visto que esta é uma qualidade moral possível (por meio da graça) para todos os agentes morais pessoais. E esta é a única base suficiente de comunhão (1 Pe 1.14-16).

c) *O “fruto pacífico”* (12.11). A santidade é o alvo, e a correção parece um dos métodos de Deus. Mas o alvo do método não é sempre óbvio; nem a eficiência do método é sempre imediatamente evidente. **E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza.** Quando estão no meio da agonia do sofrimento, os cristãos têm dificuldades em ver alguma coisa em que se alegrar. Eles podem ser incapazes de perceber qualquer lógica em tudo que está acontecendo, e somente uma fé firme pode dar graças em tudo (Rm 5.1-5; Fp 4.4-6; 1 Ts 5.18; Tg 1.2-4; 1 Pe 1.5-7). Mas, embora o completo significado do nosso sofrimento nunca venha a ser revelado nesta vida, o benefício espiritual no nosso interior se tornará gradualmente aparente: **depois, produz um fruto pacífico de justiça** — não para os não participantes ou teóricos acadêmicos, mas para aqueles que são **exercitados por ela**. Somente aqueles que compartilham do sofrimento também compartilharão das bênçãos pessoais. O tempo perfeito de **exercitados** indica ação completa: a provação é coisa do passado; a lição acabou. Deus nos leva para *dentro*, mas também está conosco *durante* a correção — embora alguns túneis sejam mais longos do que outros. Diferentemente de **exercitados**, o termo **pro-**

duz está no tempo presente, sugerindo um amadurecer contínuo de benefícios. A palavra significa devolver, restituir. Ela é, portanto, o retorno de um investimento ou a colheita da semente semeada. **Justiça** (“santidade”, v. 10) é o próprio **fruto pacífico** (mesma palavra, Tg 3.17). O **fruto da correção**, que é **justiça**, é **pacífico** no sentido de que concede paz e pertence à paz (Rm 14.17).

Admitindo que **justiça** e “santidade” são sinônimos nestes versículos, podemos concluir que a *participação* (v. 10; infinitivo aoristo — pontual, indicando a posse definitiva) de santidade é obtida por meio da correção.¹⁷ Há aqui uma inferência significativa, mas também uma ou duas perguntas. A inferência é que esta santidade é um estado subjetivo de caráter, não meramente uma imputação. Uma justiça (ou santidade) atribuída pertence à justificação e é aferida somente com base no Sangue expiatório e na fé apropriada. Ela absolutamente não depende da influência purificadora dos sofrimentos.

As perguntas são: 1) Até que ponto devemos compartilhar da santidade de Deus? Obviamente, somente em um sentido progressivo, à medida que a “buscamos” (v. 14) e caminhamos na luz. Mas a santidade completa deve ser almejada pelo menos no sentido da exclusão de pecado (v. 1). 2) Porventura a correção é o único meio de produzir santidade em nós? De forma alguma. Há um grau de santidade que ocorre na regeneração; subseqüentemente, há um outro grau, concedido pelo Espírito, no cumprimento do novo concerto (10.10-17). Nenhum sofrimento prolongado irá produzi-lo. Esta é, na realidade, a comunhão de santidade — essa vida “próxima do coração de Deus” no Santo dos Santos — no qual podemos entrar pela fé (10.19-25). Essa santidade, que é o alvo da correção, está particularmente relacionada à maturidade em vez da pureza.¹⁸ 3) Finalmente: de que maneira o sofrimento pode nos tornar mais santos? Ele não pode fazê-lo de maneira direta. Ele só o faz de maneira indireta, à medida que permitirmos que a graça de Deus santifique o sofrimento e o usa para aprofundar nossa compreensão, aumentar nossa compaixão, fortalecer nossa fé, estabilizar nosso propósito, espiritualizar nossas perspectivas, suavizar e amadurecer nossas atitudes e, assim, nos tornar mais parecidos com Cristo em caráter e personalidade. Os benefícios da correção não são automáticos. Eles podem nunca ocorrer — certamente não ocorrerão se nos rebelarmos e apostatarmos. Devemos “confiar e obedecer”; devemos submeter-nos à mão moldadora do Oleiro se queremos nos beneficiar da correção.

3. *Diligência na Santidade* (12.12-17)

O autor explicou que a correção é motivo de exultação, não de tristeza. Agora ele exorta os cristãos a agirem de acordo.

a) *Santidade na vida* (12.12,13). **Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados** (12). Saia da postura (tanto literal quanto figuradamente) de desânimo. Levante as mãos em louvor, estenda-as aos necessitados e coloque-as debaixo dos fardos da vida. Há trabalho para realizar. Não permita mais que os joelhos tremam de medo e levante-se como homem (Ef 6.10-13). **E fazei veredas direitas para os vossos pés** (“direitas, *orthas*, rastro de rodas” — Robertson) **para que o que manqueja se não desvie inteiramente** (13; cf. Pv. 4.26, LXX; Is 35.3). Não está totalmente claro se o que **manqueja** (*to cholon*) se refere à fraqueza pessoal do pé espiritual do crente que está em perigo de se desviar (*ektrape*) (como é interpretado por algumas ver-

sões) ou se é um cristão fraco, como membro do corpo de Cristo, que está correndo risco de se desviar completamente em virtude dos caminhos tortuosos dos crentes mais antigos. Alguns interpretam a passagem como se referindo a indivíduos: “Não permitam que almas mancas sejam perturbadas, em vez disso, endireitem-nas” (Moffatt); “Um quadro ilustrativo de preocupação pelo fraco” (Robertson). Por outro lado, o gênero neutro singular sugere o impessoal **o que**; *ektrape*, **desvie**, é interpretado por alguns como (neste caso) um termo médico significando: “para que o que é manco não seja deslocado”.¹⁹

Independentemente do caso, é melhor não perder de vista a natureza altamente metafórica deste versículo, como que se referindo, não a pessoas, mas a aspectos da vida cristã. Como as mãos são uma metáfora de serviço, e joelhos são uma figura de atitude (quer corajosa ou ansiosa), assim os pés são uma figura do caminhar cristão diário. Se este caminhar é cambaleante e tortuoso, nossa fraqueza se tornará pior e nossa influência sobre os outros será prejudicada. Deus deseja a cura; mas nem as nossas próprias almas nem a nossa influência serão curadas a não ser que estejamos dispostos a corrigir o que está errado em nossas vidas. O arrependimento é o pré-requisito para a cura da alma.

b) *Santidade no coração* (12.14). O versículo 14 amplia o pensamento e explica-o de maneira mais ampla; não há quebra no modo ou na ênfase. **Segui a paz com todos** (cf. Sl 34.14). O imperativo **seguí** (*diokete*) significa neste caso correr rapidamente para alcançar o alvo. A referência não é primeiramente a um caminho ou uma vereda a ser seguida, mas a uma certa intensidade de energia em fazer o que precisa ser feito naquele momento. A mesma palavra é traduzida por “prossigo” em Filipenses 3.12, 14, em que se visa um alvo final (o “prêmio” no final da corrida). Aqui em Hebreus visa-se um alvo imediato.

O primeiro alvo imediato é **paz com todos**. Se nosso alvo é levantar mãos cansadas, joelhos desconjuntados e endireitar nossa maneira de viver, devemos começar com os relacionamentos pessoais desordenados. Esta certamente não é uma admoestação geral para seguir uma política de apaziguamento com o mau ou fraternização com o ímpio, mas em buscar imediatamente um estado de reconciliação onde relações pacíficas foram rompidas de maneira pecaminosa, e manter este estado de paz interpessoal que faz parte da justiça.

E a **santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor**, indica que a paz que é buscada deve ser compatível com a santidade. Certamente, uma acomodação com o mal não satisfaz esta exigência. O grego deixa claro que a cláusula **sem a qual** está associada à **santidade**, não à **paz**. Na medida em que estar em paz com os homens faz parte de tornar-se santo, a paz pode ser incluída. Mas nossos esforços honestos em procurar a paz podem ser frustrados pela obstinação da outra pessoa; portanto, o sucesso nesse esforço não é uma necessidade absoluta para ver a Deus, mas o sucesso em obter santidade.

É impossível limitar a visão de Deus que está em jogo aqui a uma compreensão espiritual momentânea, embora isto esteja incluído. A palavra **verá** (*opsetai*, tempo futuro de “ver com os olhos”) metaforicamente se refere, neste caso, a fazer parte da comunhão íntima e abençoada com Deus em seu reino futuro (cf. Thayer, Mt 5.8). Moffatt diz que sem ela “ninguém jamais verá o Senhor”. Não vamos nos enganar: nossa salvação final depende da santidade. Portanto, está perfeitamente claro que este deve ser um tipo de santidade que é possível agora, visto que a morte pode bater na nossa porta na hora

seguinte. A busca da santidade não é um esforço vitalício nunca plenamente alcançável. Isto poderia ser o caso se o grego tivesse tornado o “ver” dependente do “seguir”; mas o ver depende da santidade. A implicação é que o tipo certo de esforço levará à indispensável santidade; uma falta de santidade persistente provará que a ordem de “seguir” não foi obedecida como deveria.

Como podemos descrever esta **santidade** (*ton hagiason*)? Ela difere de *hagiotetos*, “santidade” (de Deus) no versículo 10, a qual compartilhamos por meio da correção. Este é o genitivo singular de *hagiotetes*, que é um substantivo de qualidade, significando que a qualidade de santidade é inerente à natureza de Deus.²⁰ No versículo 14, no entanto, a palavra vem de *hagiasmos*, um substantivo de ação, significando o estado resultante de uma ação, um “ser feito santo” ou um “tornar-se santo” (Arndt e Gingrich), e é uma palavra peculiar na literatura bíblica e cristã. Somente o cristianismo tem o conceito de tornar-se santo neste sentido. No NT, a palavra é usada de forma coerente em referência a um estado de graça disponível aos crentes.²¹ Em cinco casos, ela é traduzida por “santidade”, e cinco vezes por “santificação”. A forma do substantivo é usada somente aqui em Hebreus, mas diferentes formas do verbo *hagiazô*, “santificar”, aparecem sete vezes (2.11, duas vezes; 9.13; 10.10, 14, 29; 13.12). Deus é santo, mas o homem caído precisa *tornar-se* santo. A santidade é original de Deus e pode ser concedida por Deus. O homem obtém a santidade de Deus e depende da sua graça.

(1) É uma obra definitiva da graça, como um estudo destes tempos verbais vai indicar.

(2) É um estado compreensível, pessoal e subjetivo (em vez de simplesmente um estado imputado) ou a ordem de segui-la não teria sentido. No capítulo 10, a santidade é apresentada em relação à obra sumo sacerdotal de Cristo e em relação ao novo concerto; no capítulo 12, ela é apresentada do lado da responsabilidade humana quanto à sua obtenção.

(3) É o fruto da entrega definitiva na vida do crente (Rm 6.19, 22).

(4) É a vontade imutável de Deus (1 Ts 4.3).

(5) É a obra da graça de Deus por meio da qual os crentes são capacitados a manter a pureza moral (1 Ts 4.4, 7).

(6) Sua fonte é Jesus Cristo e seu sangue (13.12; 1 Co 1.30).

(7) Sua realização é o ministério principal do Espírito Santo (1 Ts 4.18; 2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2).

(8) Se esta santidade está relacionada ao Santo dos Santos e seu antítipo, então o exercício da fé está incluído na sua busca (10.22).

(9) Esta santidade inicia na regeneração, visto que *a*) o arrependimento acompanha o princípio e a prática do viver santo; *b*) um acompanhamento da regeneração é a purificação e santificação inicial da depravação adquirida; *c*) a vida espiritual recebida na regeneração é, em si, santa; *d*) o crente é santificado e consagrado devido ao seu relacionamento com Deus como Pai e Cristo como Salvador: por esta razão pode-se dizer que ele é santo de forma ética, inicial e posicional.

(10) Mas a santidade do crente não pode ser completa, i.e., perfeita, até que tudo aquilo que não é santo seja excluído. A ordem do versículo 14 é buscar uma santidade completa. Mas esta busca envolve: *a*) desfazer-se imediatamente do excesso de peso e do pecado envolvente, 12.1; *b*) fé perfeita em Jesus como o único Consumador e Autor da “fé” (12.2); *c*) submissão à vontade de Deus, incluindo a correção (12.5-11; Rm

6.13; 12.1-2); *d*) correção das nossas atitudes, relacionamentos e maneira de viver, naquilo que estiver ao nosso alcance (12.12-14a; 2 Co 6.17—7.1).

c) *Santidade na Igreja* (12.15-17). A ordem de *seguir* é o verbo principal dos versículos 14-16 e gramaticalmente rege o todo. **Tendo cuidado** é um particípio presente ativo, em que a ação de *ter cuidado* coincide com a ação de *seguir*. Isso também está no tempo presente; i.e., o buscar da santidade, sua obtenção, sua manutenção e sua vivência é uma obrigação contínua do crente, tanto como indivíduo quanto como igreja. Enquanto buscamos nossa própria santidade, também devemos estar constantemente preocupados com a guerra espiritual dos que estão ao nosso redor em nossa comunhão. **Tendo cuidado** (*episkopountes*) é a tarefa principal dos presbíteros (1 Pe 5.2, mesma palavra usada), mas num sentido menor em relação a toda a igreja. A palavra presbítero é derivada de *episkope* (“episcopal”), relacionada a “inspeção, investigação, visitação”. Temos a responsabilidade uns pelos outros. O amor cristão não exige um policial excessivo, mas também não inclui uma confiança presunçosa que nunca diz: “Como está a sua alma?”.

Por outro lado, o particípio **tendo cuidado** governa três cláusulas subjuntivas subordinadas,²² cada uma começando com **de que**. Cada perigo advertido representa um avanço na degeneração e apostasia, sendo que o segundo e o terceiro são decorrências do primeiro.

(1) Devemos ter cuidado, primeiro, **de que ninguém se prive da graça de Deus** (15). Este é o perigo fundamental e a falha fundamental. Às vezes, esta falha (ou privação) é interpretada como sendo o cair da graça de Deus. Neste caso a advertência seria contra a apostasia. Mas aqui a palavra *hysteron* vem de *hystereo*, “estar atrás” (4.1 — “ficar para trás”). Thayer diz o seguinte acerca deste versículo: “fracassar em tornar-se participante” da santidade, que é o *sine qua non* para ir ao céu. O perigo destacado aqui não está numa rebelião aberta, mas numa obediência parcial. No versículo 14, a ordem é esforçar-se. Pessoas bem intencionadas podem não atingir o objetivo da santidade por não se esforçarem. Samuel Brengle disse: “A santidade não tem rodas”; ela não virá a nós. Devemos dedicar-nos à sua obtenção com um desejo sincero e uma determinação resoluta. Cristãos preguiçosos que podem ser facilmente rejeitados serão rejeitados.

(2) O perigo que desponta nessa falha básica é expressa nas palavras de Deuteronômio 29.18 da LXX: **de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe**. A **amargura** é mais do que alguma coisa desagradável; ela é venenosa. A **raiz** é a pessoa que não alcança a santidade e que ameaça a saúde da igreja. Mas também é a **raiz de amargura** dentro dela, que é a natureza carnal. Ninguém pode ser uma **raiz de amargura** nos relacionamentos da sua igreja, a não ser que tenha uma **raiz de amargura** em seu coração. É este espírito de egoísmo, maldade e mau humor, muitas vezes escondido por trás de uma fachada de amabilidade, que constitui a disposição carnal do crente. O objetivo específico na ordem urgente de seguir a santidade é a remoção deste espírito. Cada crente que fracassa em se esforçar para alcançar a santidade é uma ameaça ao bem-estar da igreja: **e por ela muitos se contaminem**. Um cristão carnal pode espalhar veneno e causar uma devastação em todo o corpo. A palavra **brotando** no grego retrata um “processo rápido” (Robertson). Mueller traduz “crescendo muito”. Sempre há o perigo de uma erupção da parte dos crentes insatisfeitos, causando uma interrupção de comunhão e culto.

(3) Mas a carnalidade tolerada, em vez de erradicada, sempre cresce, em uma direção ou outra. **E ninguém seja fornicador ou profano, como Esaú, que, por um manjar, vendeu o seu direito de primogenitura** (16). O cristão amargo é tipificado pelo “irmão mais velho” da parábola do filho pródigo. Esaú, por outro lado, tipifica manifestações grosseiras de carnalidade. O cristão que não é santificado pode degenerar do tipo irmão mais velho para o tipo Esaú — o que ocorre com frequência. Ou ele pode permanecer na igreja como um membro respeitado, cuspidando veneno por um espírito mau. Seus pecados não serão tanto da carne quanto do espírito (Tg 3.8-18; 3 Jo 9). É possível que o cristão que fracassa em esforçar-se para viver em santidade nunca passe do estágio da amargura, mas gradualmente é enredado pela venda trágica do direito da primogenitura de Esaú.

Quando alguém negligencia a santidade, acaba desprezando e, finalmente, vendendo-a por uma autogratificação. Uma forma de autogratificação é indicada por **fornicador**, mais precisamente, um “prostituto”; mas, neste caso, inclui todo aquele que é promíscuo e auto-indulgente na atividade sexual. O autor pode ter usado **fornicador** num sentido figurado de idolatria, tão comum no AT. Em todo o caso, o colapso completo de Esaú na crise foi o resultado da auto-indulgência habitual antes da crise. A outra forma de autogratificação é o *secularismo*. O pecado de Esaú não foi profanação (necessariamente) como usamos este termo hoje em dia, mas o pecado de tratar de coisas sagradas como se fossem comuns. **Profano** (*bebelos*) vem de *belos*, “soleira de porta”, aquilo em que pisamos quando entramos e saímos, meramente um instrumento de conveniência. Quando pessoas querem usar Deus em vez de serem usadas por Deus, quando transformam a igreja em uma ferramenta para proveito pessoal, elas estão se aproximando perigosamente da posição de Esaú. O pecado completo é alcançado quando elas finalmente trocam valores espirituais por valores materiais, quando a igreja e a espiritualidade vital são sacrificadas para satisfazer sua cobiça por mais coisas e por mais prazer. O adepto do secularismo e o materialista são gêmeos. Ambos colocam valores materiais e carnis acima de valores espirituais e eternos.

Nos versículos 15-16, encontramos a seguinte situação: “Santidade, a Salvaguarda”. Somente por meio da santidade a igreja será protegida: 1) Da quebra da comunhão (v. 15). 2) Da corrupção da moralidade (v. 16a). 3) Da destruição da religião (v. 16b). A semente de tudo isso — amargura, fornicção, mentalidade carnal — está em todo coração não santificado. Portanto, uma ênfase constante de santidade não é apenas justificada, mas exigida pelo simples fato de sermos humanos.

Em relação à destruição da religião, o termo “destruir” é definido como “reduzir, anular ou eliminar os poderes e funções de algo, tornando a restauração impossível” (*The New Century Dictionary*). Que grande verdade em relação a Esaú! **Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com lágrimas, o buscou** (17). Esaú pode ter alcançado arrependimento para a salvação eterna, mas não readquiriu seu direito de primogenitura.²³ Alguns procedimentos são irreversíveis. Há um ponto em que não é mais possível retornar. Isto também vale para as coisas espirituais. Nesse caso, as lágrimas são impotentes para realizar mudanças. O bocado de carne logo desaparecerá, mas as conseqüências da escolha jamais. Para o crente, a morte é a linha divisória final, o selar do procedimento irrevogável. Persistir em vender santidade, que é o nosso direito de primogenitura, pelo prato de lentilhas que este mundo oferece vai

finalmente selar nossa condenação. Há esperança para o relapso, mas não há esperança para o apóstata absoluto, e não haverá uma “segunda chance” após a morte.

4. *Um Ultimato Terrível* (12.18-29)

A palavra enfática é **gar, porque**. Esta é a explicação para o tom da urgência e o pronunciamento da finalidade na seção anterior. Pense com o que e com quem você está lidando e a racionalidade do pedido se tornará evidente! Há uma mudança de exortação para uma advertência solene. O argumento está novamente na forma de contraste; primeiro negativo, depois positivo — **não chegaste** (18-21), **chegaste** (22-29).

a) *Não o monte Sinai* (12.18-21). Desta vez a confrontação não é com o Legislador do Sinai — tão assustador quanto possa ter sido, acompanhado do **sonido da trombeta**, e da **voz das palavras** (19), com as horrendas ameaças, a ponto de Moisés exclamar: **Estou todo assombrado e tremendo** (21). Este era o **monte palpável** (18), simbolizando uma teocracia terrena e visível, dada como um pedagogo ou mestre para preparar a nação para Cristo. Era uma ordem temporária e preparatória. Mas, independentemente disso, embora fosse temporário, justificava o apedrejamento até a morte. Toda narrativa histórica você encontra em Êxodo 19.1-25.

b) *Mas o monte Sião* (12.22-29). Mas **chegaste** para esta ordem permanente do reino de Deus entre os homens do qual o monte Sinai era um aviso prévio. Lá a lei foi dada; aqui ela é cumprida perfeitamente. Lá Deus era o Legislador; aqui Ele é o Administrador da Lei, por meio de uma soberania absoluta desimpedida. Toda vontade recalcitrante será removida. Sem santidade não nos encaixaríamos neste regime de controle absoluto; esta é a implicação. Nesta ordem celestial toda maldade é instantaneamente repelida.

A imagem é majestosa, mas reflete a realidade. Todas as verdades cuidadosamente desenvolvidas na epístola são aqui reunidas em um grande crescendo sinfônico. O lugar é a **cidade do Deus vivo**, a **Jerusalém celestial** (22). A orquestra é formada de **muitos milhares de anjos**, e o coral, cantando o hino do Cordeiro, é formado pela **universal assembléia e igreja dos primogênitos**, incluindo os **espíritos dos justos aperfeiçoados** (23; homens santos glorificados no céu). No trono está **Deus, o Juiz de todos**, e ao seu lado está **Jesus, o Mediador de uma nova aliança**. Os redimidos também tiveram acesso **ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel** (24). Realmente melhor! **O sangue** de Abel aqui não se refere ao seu próprio (derramado por Caim), mas ao sangue que ele ofereceu, por meio do qual “alcançou testemunho de que era justo” e por meio do qual “depois de morto, ainda fala” (11.4). Seu sangue, portanto, falou de justificação pela fé, mas o sangue de Cristo fala não somente de justificação mas de santificação.

Portanto, **Vede que não rejeiteis ao que fala** (25). Não rejeite as “coisas melhores” das quais Ele fala, porque ao rejeitá-las, você estará rejeitando a Ele. Perceba a ordem categórica. O autor deixa de lado o seu falar mais brando e fala agora de forma categórica e direta. Está mais do que na hora de pararem com sua insensatez perigosa, **porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele** (e da sua oferta de santidade) **que é dos céus**. Quando Ele falou no Sinai a terra foi abalada, mas em Ageu 2.6 Ele promete: **Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu** (26). Haverá um

peneiramento, classificação e rearranjo de todo o universo. Tanto o domínio material quanto o espiritual serão avaliados para destruição ou reforma. **Ainda uma vez** (final da história), **mostra a mudança das coisas móveis** (i.e., as coisas “abaláveis” da criação), **como coisas feitas** (fabricadas para a ordem deste mundo), **para que as imóveis permaneçam** (27). Deus, Cristo, a Igreja, a santidade, o amor — estas coisas são inabaláveis. Elas permanecerão eternamente, e aquele que se apropriou delas pela graça e que as incorporou (não de maneira panteísta, mas espiritualmente), também permanecerá.

Nesta época, às vezes chamada de “pós-cristã”, quando os valores antigos são desafiados e instituições respeitáveis estão se desintegrando, é imperativo que o cristão lembre que, quando as nações se enfurecem e buscam destronizar o próprio Deus, “Aquele que habita nos céus se rirá” (SI 2.4). Nada é mais irônico, e ao mesmo tempo trágico, do que a provocação insignificante do homem, cujo orgulho estúpido é motivo de escárnio devido a sua fragilidade. Um manuscrito incompleto foi encontrado depois da morte do autor Albert Payson Terhune. Este manuscrito terminava com uma palavra profética: “Deus escreverá a sentença final”. E esta sentença final não será o epitáfio da Igreja, mas a confirmação do pronunciamento do nosso Senhor de que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça (lit., continuemos retendo a graça) — tudo que Deus disponibiliza para nós (4.16) — **pela qual** (assim) **sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade** (28). Não pode haver um culto aceitável se deixarmos de apropriar-nos da graça justificadora, santificadora e mantenedora que é nossa por meio do sangue de Jesus. **Porque o nosso Deus é um fogo consumidor** (29; cf. 10.31; Dt 4.24). Ou Ele consumirá o pecado em nós ou nos consumirá em nosso pecado.

D. O CAMINHO DA FÉ, 13.1-19

O caminho de fé da religião cristã certamente inclui perseverança na santidade por parte do crente. As conseqüências em falhar quanto a essa perseverança são derradeiras e definitivas. A epístola tem pronunciado solenemente a advertência máxima. O último capítulo agora é uma espécie de desenredo. Ele não contém novas advertências, mas reúne diversos elementos de admoestação final, tanto práticos quanto doutrinários. Uma leitura casual pode dar a impressão que se trata somente de um agrupamento de diversas idéias com um pouco de coerência. Mas um estudo mais detalhado mostrará uma ênfase ética dividida por um interlúdio doutrinário pertinente (vv.8-15) e, em seguida, uma conclusão que contém não somente algumas observações pessoais, mas uma oração abençoadora culminante e apropriada.

1. *Um Caminho de Santidade Prática* (13.1-7)

a) *Amor em relação aos irmãos* (13.1). A sentença que retrata o tópico deste parágrafo é a admoestação inicial: **Permaneça a caridade fraternal**. Este termo **caridade fraternal** (*philadelphia*; “amor fraternal”, ARA) foi escolhido por William Penn para expressar o princípio fundamental da sua colônia e tornou-se o nome da quarta maior

cidade dos Estados Unidos. Esta é uma expressão social de *ágape* — a comunhão genuína e a camaradagem alegre que é coerente com o amor *ágape* que Deus colocou no seu coração (Rm 12.10; 1 Ts 4.9; 1 Pe 1.22; 2 Pe 1.7). Este amor precisa “permanecer” (*meneto*, continuar) a todo custo. Independentemente de perdas ou ganhos, este tipo de amor precisa fazer parte da vida deles.

b) *Bondade para com o estrangeiro* (13.2). A mesma palavra *philia*, “amor”, que no versículo 1 está associada com “irmãos”, está aqui associada com *zenos*, “estrangeiro”. Não permitam que o calor da sua afeição e hospitalidade seja uma coisa exclusiva, limitada ao seu círculo imediato de amigos crentes; portanto, **não vos esqueçais da hospitalidade** (6.10), **porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos** (Gn 18—19). Isto não significa que devemos tratar cada maltrapilho que passa como um convidado de honra, mas significa que há recompensas inesperadas e escondidas em um espírito de hospitalidade generoso, que vale para os de fora bem como para os de dentro. Nossa bondade pode não descobrir anjos, mas pode contribuir para a formação de santos.

c) *Compaixão pelos que sofrem* (13.3). Também devemos lembrar **dos presos**, como se estivéssemos presos com eles. Não pode haver verdadeira empatia se nos restringirmos a lágrimas de crocodilo em casa. Devemos entrar no sofrimento dos outros por meio da oração, da escrita, da visitação, às vezes por meio de ajuda jurídica ou financeira. Muitos estão **presos** pela doença em hospitais ou inválidos em casa. Estes também precisam ser lembrados. Devemos ser atenciosos com todos que sofrem adversidades, de qualquer tipo, como se nós mesmos estivéssemos sendo maltratados **no corpo**. Se no momento não estamos passando por tribulações semelhantes isto não deve ser motivo de presunção e, certamente, nenhuma evidência de favoritismo divino; nem é uma garantia para o futuro. Estar **no corpo** é ser igualmente exposto a todos os riscos que pertencem à vida na terra. Os cristãos muitas vezes são protegidos sobrenaturalmente, mas nem sempre. Eles não estão imunes a doenças ou isentos de sofrimento. Por que Deus permitiu que Tiago fosse morto por Herodes, mas poupou Pedro de maneira miraculosa? Por que Ele permite todas as outras injustiças aparentes? Isto é um mistério que está escondido em sua soberania inescrutável e perfeita.

d) *Cuidado em relação a padrões morais* (13.4). O grego não traz um verbo aqui; assim o texto deveria ser literalmente entendido da seguinte maneira: “matrimônio honrado entre todos”. A segunda frase (também sem um verbo) podia ser um paralelismo qualificador: **e o leito sem mácula**. O único matrimônio honrado é o matrimônio que não é manchado pela infidelidade. Em vez de **porém**, deveria ser: **pois aos que se dão à prostituição** (fornicadores não casados) **e aos adúlteros** (fornicadores casados) **Deus os julgará**, tanto nesta vida como na próxima. O prazer proibido acabará custando caro no final. Não podemos agradecer a Deus sem observarmos o padrão cristão de pureza sexual e fidelidade matrimonial de maneira rigorosa e completa.

e) *Independência em relação ao dinheiro* (13.5,6). **Sejam vossos costumes** (lit., maneira de vida) **sem avareza**. A palavra *aphilargyros* não é o termo comum para **avareza** e literalmente significa “sem amor ao dinheiro” (mesma palavra, 1 Tm 3.3). O as-

pecto do amor é essencial na santidade cristã! Dois tipos de *philia*, “afeição”, são *ordenados* nos versículos 1-2. Aqui está um tipo que deve ser zelosamente *evitado*. “Mantenham sua vida livre do amor ao dinheiro” (RSV) e às coisas que o dinheiro pode comprar. Em vez disso, **contentando-vos** (estar satisfeito) **com o que tendes** (cf. 1 Tm 6.5-11; a Bíblia tem muitas advertências deste tipo). Olhos impacientes e desejos não-controlados são incompatíveis com o repouso ou descanso da alma e incongruentes com uma vida de santidade. Se estivéssemos satisfeitos com menos coisas e com casas menos ostentosas, teríamos mais equilíbrio, mais quietude de espírito, mais felicidade interior e, certamente, mais tempo de oração, adoração, culto e o cultivo de valores de vida mais nobres. Mesmo os cristãos, com muita frequência, não são muito melhores do que bárbaros opulentos e bem nutridos, com pouca apreciação pela cultura da mente e alma.

A chave é a profundidade do nosso amor por Deus e a fé nele. Os cristãos podem aprender a estar contentes com vantagens materiais limitadas se realmente crêem em sua palavra que diz: **Não te deixarei, nem te desampararei.**²⁴ Devemos realmente preferir a posse da sua presença à posse de coisas. A convicção da presença divina é a melhor garantia de segurança. E, **assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem** (6; cf. Sl 118.6). O antídoto do medo é o seguinte: não é a ousadia forçada de alguém “assobiando no escuro”, mas uma firme confiança de alguém que está disposto a levantar-se e declarar a sua fé.

f) *Atitude de honra em relação a líderes falecidos* (13.7). A KJV sugere uma situação de tempo presente, mas virtualmente todas as versões modernas interpretam isto como uma referência a líderes passados. O aoristo de *elalesan*, **falaram**, bem como outras nuances em palavras e na fraseologia confirmam isto. Literalmente, o versículo deve ser traduzido da seguinte maneira: “Sempre sejam atenciosos com aqueles que governaram vocês, cuja fé vocês deveriam continuamente imitar, examinando cuidadosamente o resultado da maneira de viver (deles)”.²⁵ Sua maneira de viver é um caminho de fé, e um caminho de santidade prática — aquilo que o autor está agora delineando. O resultado final da sua maneira de viver foi fruto bom e não ruim. A igreja não precisa de memoriais ou mesmo de memórias que são arquivados e esquecidos. A igreja está constantemente necessitando de um estudo cuidadoso das vidas e ensinamentos de líderes do passado para que a sua maneira de viver e a fé que a sustentou sejam transmitidas às gerações seguintes. Muitos acham que é inteligente desprezar ou depreciar o passado. Mas, somente quando nos alinhamos com os nossos fundadores podemos dirigir um percurso reto para o futuro. Em vez de desprezá-los, deveríamos ser inspirados pela sua devoção, e assiduamente esforçar-nos a seguir o exemplo deles em grandeza de alma.

2. Uma Forma de Lealdade Absoluta (13.8-16)

O versículo 8 é uma frase de transição, introduzindo uma digressão doutrinária importante.

a) *Jesus, o Cristo* (13.8,9). Esta seção nos lembra mais uma vez que, em todo o nosso viver santo e nossas atividades religiosas, **Jesus Cristo** é a Fonte e o Centro. Jesus não é “o fim [ou o objeto] da conversa deles”, porque temos estudado que “fim” significa “resultado” e “conversa” significa “modo de vida”. Ele é o Objeto e Foco constante da sua fé;

devemos seguir a Ele. A fé pela qual vivemos não deve em momento algum ou em qualquer grau ser deslocada de Jesus para qualquer outra coisa. Não devemos nos voltar para um novo ascetismo ou ao ritualismo antigo e, certamente, não devemos ser enganados por doutrinas novas.

A santidade cristã verdadeira é plenamente centralizada em Cristo. Porque somente Jesus é imutável e eterno — **o mesmo ontem, e hoje, e eternamente** (8). Primeiramente, Jesus de Nazaré foi o Cristo. Isto precisa estar firmado em nosso pensar. Então o que **Jesus Cristo** foi **ontem** nos dias da sua carne (2.3; 5.7), e o que Ele é **hoje** à direita do Pai, Ele será **eternamente**. Como Revelação de Deus, Ele é final e nunca “será suplantado” (Moffatt). Visto que temos em Cristo o Fundamento, a Pedra de Esquina, o Refúgio certo, não devemos nos deixar **levar em redor por doutrinas várias** (diversas) e **estranhas** (“desconhecidas”, 1 Pe 4.12; v. 9). **Levar em redor** (*parapheresthe*) significa ser “impelido” (Jd 12), levado, desencaminhado, seduzido. Cristãos não consagrados e imaturos, especialmente supostos intelectuais jovens, ficam facilmente impressionados com o novo e heterodoxo. Qualquer coisa nova os desperta; o antigo os entedia. Entretanto, Jesus é antigo, mas sempre novo; se eles cavarem fundo o suficiente, espiritualmente falando, encontrarão nele uma Fonte perene de estímulo. Ele é a Verdade. Qualquer doutrina que enfraquece sua influência no coração deles, ou sua autoridade sobre suas mentes, é uma inverdade.

Porque bom é que o coração se fortifique com graça, i.e., seja constante e resoluto por intermédio da (dativo) **graça**. A graça de Deus, que é o favor de Deus concedido por meio da expiação e a habilidade divinamente dada para ser santa, é mediada somente por meio de Jesus Cristo. Afastar-se de Cristo é perder o direito à graça (Tt 2.11-14). A alternativa específica para o caminho da graça que atraiu estes hebreus foi a tentativa de tornar-se moralmente e espiritualmente fortes **com manjares** ou “regras de dieta” (Phillips). A referência é ao complexo sistema alimentar (cerimonial) do judaísmo, que alguns sentiam que os cristãos ainda eram obrigados a obedecer. Mas o autor os lembra da futilidade e impotência destas observâncias legalistas ao ressaltar **que de nada aproveitaram aos que a eles se entregaram**, i.e., que obedeciam a estas normas rigorosas. A incapacidade do ascetismo em consagrar pessoas está historicamente comprovada (Gl 3.3; 4.9,10; Cl 2.16-23).

b) *Jesus, o crucificado* (13.10-14). O grande altar à porta do santuário (veja Diagrama A) era o ponto central do judaísmo, onde eram realizados os sacrifícios de animais. Este altar, portanto, simbolizava todo o sistema mosaico, incluindo as regras dos alimentos cerimoniais. Nos dias do Tabernáculo, depois no Templo de Salomão, de Zorobabel, e finalmente, de Herodes, o altar representava o único caminho para aproximar-se de Deus, a única esperança de perdão e vida. Agora, o escritor os lembra: Nós também **temos um altar**, a cruz, no qual Jesus foi oferecido como o Cordeiro sacrificial. Mas, nosso **altar** não pode ser dividido com o altar de Herodes: **de que não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo** (10). O **comer** é metafórico, semelhantemente ao altar; assim, a idéia é tomar parte.

O **direito** é negado a todos que adoram no Templo. Esse direito deve ser entendido no sentido de permissão e competência. Visto que a cruz cumpriu e aboliu o Templo, a persistência na adoração no Templo significa rejeitar a cruz. Alguns judeus achavam que

podiam ter os benefícios de Jesus sem descontinuar suas antigas práticas no Templo e, por um tempo, era possível tolerar as duas práticas. Mas, intrinsecamente, os dois são incompatíveis, e uma falha em perceber isto mostra que o significado da cruz não foi entendido. Significa reduzir a cruz a um complemento do altar mosaico, quando, na verdade, isto representa uma completa rejeição. Portanto, o autor é dogmático: é necessário escolher um ou outro.

A epístola tem mostrado cuidadosamente que a morte de Jesus substitui as ofertas pelo pecado. Agora uma identidade adicional é especificada: **Porque os corpos dos animais cujo sangue é, pelo pecado, trazido pelo sumo sacerdote para o Santuário, são queimados fora do arraial** (11; cf. Lv 4). Nada era comido. Ocorria um remover total. A função principal deste sacrifício era a absoluta separação do pecado — tanto da culpa quanto da presença do pecado. Nosso Senhor também cumpriu os detalhes da expiação típica: **E, por isso, também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta** (12). Ele sofreu até a morte, indo voluntariamente até o Gólgota, não somente porque foi rejeitado em Jerusalém, mas porque Jesus e seu Pai desejaram que Ele fosse uma Oferta de Pecado aperfeiçoado. Seu corpo foi “queimado” **fora da porta**. Ele sofreu essa separação da cidade — i.e., esta quebra total com todos os poderes e sistemas terrenos, inclusive judaicos — **para santificar o povo pelo seu próprio sangue**.

A conexão entre sua competência de santificar e seu sofrimento **fora do arraial** (13) é, provavelmente, não mais do que seu cumprimento deliberado das exigências completas da oferta pelo pecado. Em outras palavras, Ele desejou qualificar seu próprio sangue como o agente santificador em todos os sentidos possíveis. O objetivo glorioso da santificação já foi exposto. A santificação envolve mais do que consagrações e purificação cerimonial, que era possível debaixo da ordem antiga. Ela incluía a completa renovação do adorador, uma purificação que representava a essência da nova aliança. Mueller diz: “tornar as pessoas santas”. Isto é efetuado “com” (não “pelo”) seu sangue, deixando claro que a expiação deveria ser incondicional. **Pelo** (por meio) é indicado por *dia* com o genitivo, expressando uma atividade secundária. O Sangue é a causa mediadora da atividade santificadora do Espírito Santo. O **povo** seria instantaneamente reconhecido por estes leitores hebreus como o povo de Deus, porque um paralelo está sendo traçado entre o altar cristão e o judaico. Da forma como apenas os circuncidados podiam beneficiar-se do altar judaico, assim somente aqueles iniciados na casa de Deus pelo arrependimento e fé podiam ser elegíveis para o benefício pleno e santificador de Cristo.

Assim como Jesus rompeu com a Jerusalém judaica (uma das suas tentações no deserto) para tornar-nos santos, assim devemos romper com cada vestígio do judaísmo se queremos ser feitos santos.

No que diz respeito à separação, o custo de apropriar-se da santidade não pode ser inferior **ao custo em provê-la. Saiamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério** (13). Devemos nos identificar com Jesus em sua vergonha e opróbrio, se queremos ser identificados com Ele em seu reino futuro. Uma vez que Jesus desprezou a vergonha, nós também devemos fazer o mesmo (12.2). Não há mais santidade na Jerusalém dos sistemas religiosos obsoletos do que na Atenas da filosofia humana ou na Roma das leis humanas. A fonte da santidade é a cruz. Devemos nos dirigir a ela. Chega um tempo em cada vida cristã quando a pessoa precisa se separar da segurança das paredes

humanas e do consolo do conforto humano e da esperança de templos humanos e entregar-se somente à cruz de Cristo. Mas não uma cruz abstrata. A entrega não deve ser à cruz, mas a **ele**. A cruz sem o Cristo morto e vivo é somente um sentimento. Mas vamos nos agarrar nele e com Ele vamos permanecer (Gl 6.14).

*Na cruz de Cristo me glorio,
Elevando-me acima das ruínas do tempo.*

Olhar para Jerusalém e buscar segurança nela é algo vão: **Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura** (14). Os judeus acreditavam que Jerusalém era eterna (mal interpretando certas promessas), mas logo seria destruída por Tito (70 d.C.).²⁶

O sentimento e a esperança depositados em uma cidade ou cultura ou sistema da ordem deste mundo são mal aplicados. Mas “buscamos a que há de vir” (NVI). Quanto mais ocupados estivermos nesta busca, tanto menor será o nosso interesse pelas cidades presentes, que tendem a se tornar cidades de Babel modernas.

c) *Deus, o Autor de tudo* (13.15-16). Como ocorreu com os versículos 13-14, os versículos 15-16 são complementares. Estes versículos lembram a estes hebreus que, enquanto os sacrifícios de animais sobre o altar antigo não são mais obrigatórios, existem sacrifícios que peculiarmente pertencem à identificação dos crentes com o altar novo. Primeiramente, *o sacrifício de louvor*: **Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome** (15). “Ofereçamos continuamente [tempo presente] louvor”. Sempre estamos em dívida com Deus e sempre deveríamos ser gratos. Mas esta gratidão deve ser expressa. Como uma esposa amorosa quer ouvir do seu marido que a ama, assim Deus espera que expressemos nossa gratidão e devoção. A segunda parte do versículo explica a primeira. O louvor é o **fruto** apropriado — o produto natural e apropriado — dos **lábios** que confessam Jesus como Senhor. Se confessamos o nome de Cristo, i.e., se professamos que somos cristãos, o mínimo que podemos fazer é demonstrá-lo por meio da ação de graça aberta e habitual (Sl 50.14, 23). Esta é uma razão suficiente para a realização de reuniões de testemunho público. Os cristãos que recebem mas não respondem por meio do louvor oral, tanto em público quanto em particular, logo se tornam um mar Morto espiritual, salgado e venenoso. Uma lealdade silenciosa e secreta a Jesus não é aceitável.

Em segundo lugar, *o sacrifício de boas obras*. Na conjunção **e** (*de* no original grego) existe uma advertência de não presumir que expressões verbais de louvor constituem uma obrigação total de oferecer sacrifícios na nova ordem. Há uma obrigação exterior e uma interior. A piedade e a caridade devem andar lado a lado (Tg 1.27). **E não vos esqueçais da beneficência e comunicação** (16; ARA: “a prática do bem e a mútua cooperação”). A palavra **comunicação** (*koinonias*) aqui é um substantivo e geralmente significaria: “Não se esqueçam de ter comunhão” (Mueller). Isto é compatível com o conselho geral do autor em outra parte da epístola (10.25); mas nesse contexto, como em 2 Coríntios 9.13, a idéia pretendida é uma preocupação amorosa pelos companheiros crentes que resulta em ajuda prática e monetária (Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17). Isto também faz parte da nossa lealdade absoluta a Jesus.²⁷ No entanto, quando o autor conclui com a

cláusula: **porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada**, a palavra **tais** provavelmente inclui o sacrifício de louvor bem como o sacrifício de ações benevolentes. Deus estava completamente enfadado com os sacrifícios de animais, mas ele nunca se cansará das expressões cristãs de gratidão e amor.

3. *Um Caminho de Submissão Humilde (13.17-19)*

O versículo 16 é de transição, porque o pensamento muda de maneira serena da discussão doutrinária parentética (vv. 8-16) para a linha principal da ênfase do caminho de fé da santidade prática (vv. 1-7). Como o versículo 7 os instruiu a manter uma atitude de honra apropriada aos líderes passados, o versículo 17 claramente ordena a obediência aos líderes presentes. **Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles**. A palavra **obedecer** aqui tem um sentido peculiar no sentido de permitir ser persuadido (lembra a marca de Tiago acerca da verdadeira sabedoria: “fácil de ser pedida”). **Sujeitai** (*hupeikete*) transmite uma idéia similar: “ceder, submeter-se à autoridade de alguém” (Arndt e Gingrich). Nem sempre concordamos com os líderes; podemos até debater uma diferença com eles. Mas, se eles são insistentes, mesmo duros, o seguidor é aquele que deve ceder. Da mesma forma que ceder a vez ao outro no tráfego é o melhor a se fazer, assim submeter-se aos nossos líderes chamados por Deus e ordenados por Deus é a parte melhor da religião. A habilidade de submeter-se graciosamente, sem revolta, rabugice ou altivez, é a verdadeira marca da grandeza. E também é uma marca da vida cheia do Espírito (Ef 5.18-21).

A razão desta tarefa de submissão humilde é observada na natureza da responsabilidade dos nossos líderes: **porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas**. “Porque eles estão contínua e incessantemente envolvidos na luta espiritual de vocês, porque Deus esperará uma prestação de contas deles” (paráfrase). Phillips diz: “Eles são como homens que vigiam sobre seus bens espirituais e tem grande responsabilidade”. Nossos líderes também estão debaixo de sujeição e liderança. Não foram eles que pediram para pastorear nossas almas. Eles receberam esta responsabilidade por parte de Deus. Se ignoramos esses pastores estamos impedindo que cumpram a sua missão, e contribuímos para que sua tarefa seja feita com gemidos (cf. Rm 8.26) e não **com alegria**. A tarefa deles já é bastante pesada! Não vamos colocar um peso maior sobre os seus ombros. Ainda mais sério do que desprezar os pastores é desprezar a Deus, que colocou esta responsabilidade sobre eles. Os leigos dos nossos dias, que desejam minar a autoridade dos líderes e que estão buscando eliminar a linha entre clero e laicato, deveriam ler cuidadosamente esta passagem e lembrar que a ordem eclesiástica que estabeleceu o clero na Igreja não foi inventada por eles; foi estabelecida por Deus.

Mas a passagem faz um adendo. A obediência é requerida somente aos líderes que verdadeiramente são chamados por Deus, que **velam por** nossas **almas** e cuja causa principal de alegria ou tristeza é a luta espiritual do seu povo. Clérigos que apenas trazem o nome de pastor, cuja preocupação principal é com o seu próprio bem-estar, que estão mais empolgados com brincadeiras do que com almas, e que não gemem pelos perdidos e os errantes, não possuem o direito divino conferido ao verdadeiro ministério cristão.

Os dois versículos seguintes são verdadeiramente marcantes. O autor apresenta o outro lado da moeda. Pregadores não são super-homens, mas humanos e frágeis, incapazes de levar a tremenda responsabilidade com suas próprias forças. Eles não só têm direitos mas necessidades, e uma delas é o apoio em oração e a confiança amorosa da

Igreja, bem como a sua obediência. **Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente** (de maneira honrosa; v. 18). Independentemente de quem tenha escrito essa passagem, é impossível lê-la sem pensar em Paulo (2 Co 1.11ss; 17ss; 1 Ts 2.18). Há aqui um medo de ser rejeitado, um medo de que a sua obra possa ser refutada por causa do preconceito alimentado por relatos difamatórios. Paulo nunca foi muito popular com os judaizantes, que pareciam estar no comando dessa congregação hebraica. **E rogo-vos, com instância** (“com muito empenho”, ARA), **que assim o façais para que eu mais depressa vos seja restituído** (19). Ele crê que as orações deles farão diferença no tempo da sua libertação. Se os pastores têm uma obrigação para com os leigos, o mesmo vale para os leigos em relação aos pastores! Porque suas orações têm poder para acelerar a obra do ministério ao fortalecer as mãos do ministro.

E. CONCLUSÃO, 13.20-25

1. A oração abençoadora (13.20,21)

Não há oração mais sublime do que esta, constituindo um epítome reverente e ao mesmo tempo exultante da epístola. **Ora, o Deus de paz,²⁸ que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas (20), vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém!** (21). O período abrange os dois versículos, mas no versículo 20 encontramos o sujeito (com modificadores), enquanto no versículo 21 temos o predicado. Uma paráfrase condensada podia ser a seguinte: *a*) Que o Deus que agiu tão maravilhosamente por nós (v. 20), *b*) aja proporcionalmente dentro de nós (v. 21), *c*) por meio de Jesus Cristo.

a) **Deus** é o sujeito da sentença e o Agente da petição inferida. O Deus a quem se dirige de forma indireta é Aquele que trouxe de volta à vida (mesma palavra em Rm 10.7) o **grande** (forte ênfase, cf. 4.14; 10.21) **Pastor de ovelhas** (20).²⁹ A expressão **pelo sangue do concerto eterno** claramente modifica **tornou a trazer**, em que a preposição *en* é corretamente traduzida por “em” ou **pelo** (por meio de). A Ressurreição ocorreu “na esfera de” ou no contexto total do **sangue do concerto eterno**. Se o sangue de Cristo não tivesse sido o **sangue do concerto** não teria havido Ressurreição. É digno de nota que o autor não procurou provar a Ressurreição na sua epístola e então trabalhar a partir daí. Em vez disso, ele provou a identidade de Jesus como Filho e Sumo Sacerdote, cujo sangue inaugurou o novo concerto, expiado pelo pecado, e fez os preparativos para todas as bênçãos da redenção. A aceitação da Ressurreição segue naturalmente. Na teologia histórica, é questionável se uma negação da Ressurreição chegou a ser associada a uma percepção evangélica do Sangue remidor.³⁰

b) A oração é que este Deus **vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus** (21). No versículo 16, lemos acerca do tipo de sacrifícios que agradam a Deus. Aqui o autor refere-se a uma obra interior da graça que é agradável a Ele. Deus se agrada em

receber o tipo certo de culto da nossa parte, mas também a realizar uma obra em nós (Rm 12.2). O que Deus faz deve servir de fundamento para o que nós fazemos. O particípio **operando**, (*poion*) está no presente, sincronizando com a ação do verbo principal: **vos aperfeiçoe**. Mas se ele é somente explanatório ou suplementar depende de se “nós” é a tradução certa ou se deveria ser **vós**. Em outras palavras, será que o texto quer dizer: **vos aperfeiçoe [...] operando em vós** (ARC), ou ele quer dizer: “vos aperfeiçoe [...] operando em nós...” (NEB, Mueller, Goodspeed, NVI)? O texto de Nestle traz *hemin*, “nós” e o apoio textual para isso parece esmagador. Se este é o caso, então a NEB faz muito sentido: “vos aperfeiçoe em toda bondade para que possam fazer a sua vontade e que Ele faça de nós o que quer que sejamos”. Isto supõe duas orações em uma: uma pelo aperfeiçoamento deles e outra pela Igreja toda.

A oração pelo aperfeiçoamento deles deve agora ser destacada. Chamberlain diz que **aperfeiçoe** (*katartisai*) é um modo optativo volitivo, que dá o sentido de uma oração: “Que (Deus) ajuste plenamente”. Geralmente, em Hebreus, “perfeito” é uma tradução de *teleios* em alguma forma. A palavra *katartizo*, no entanto, é usada na epístola somente aqui e em 10.5 (“mas corpo me preparaste”) e em 11.3 (“os mundos [...] foram criados”). A RSV e Phillips trazem “equipar”; Mueller traduz “preparar (equipar de novo)”; Goodspeed diz “ajustar”. Observe a tradução da RSV: “vos equipe com todo o bem para que possais fazer a sua vontade”. Claramente, este é uma capacitação espiritual para a realização plena e desimpedida da vontade de Deus. “Com todo o bem!” — um coração puro pelo presença do Espírito Santo; e o tempo aoristo sugere uma ação divina plena e completa. Que descrição apropriada de uma santificação completa como uma segunda obra definitiva da graça! E esta bênção é **por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém!**

2. Saudações pessoais (13.22-25)

Após a nobre oração, o autor prontamente leva a epístola ao término. Em primeiro lugar, seu comovente pedido pessoal por aceitação expresso nos versículos 18 e 19 é renovado, agora de maneira mais direta: **Rogo-vos, porém, irmãos, que suporteis a palavra desta exortação** (22). Ele roga pela paciência deles ao acrescentar que “na verdade é uma carta breve” (NEB). Então ele traz algumas boas-novas quanto à soltura de Timóteo e promete: **com o qual (se vier depressa) vos verei** (23). Evidentemente, Timóteo teria de viajar uma longa distância para unir-se ao autor; e o autor está planejando ver os destinatários da sua carta, que parece sugerir uma congregação específica ou pelo menos uma localidade definida. Eles são orientados a saudar todos os seus líderes e **todos os santos** (24). **Os da Itália vos saúdam** (veja Introdução).

Finalmente: **A graça seja com todos vós. Amém!** (25). Este autor, semelhantemente a Paulo, vê a graça como o *summum bonum* do homem. Não há dom maior que ele possa desejar aos seus leitores em sua saudação final.³¹

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (2ª ed.; Londres: Macmillan & Co., 1892), pp. 63-4.
- ² *Ibid.*, p. 64.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ *Ibid.*, pp. 65-6.
- ⁵ Eusebius, *Ecclesiastical History*, traduzido por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955 [reimpressão]), p. 234 (VI.14).
- ⁶ *Ibid.*, p. 246 (VI.25).
- ⁷ *Op cit.*, p. 71.
- ⁸ Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction*, trad. J. Cunningham (Nova York: Herder and Herder, 1960), p. 467.
- ⁹ *Ibid.*, p. 469.
- ¹⁰ Paul Feine e Johannes Behm, *Introduction to the New Testament*. Completamente reeditado por W. G. Kuemmel e traduzido por A. J. Mattill, Jr. (Nashville: Abingdon Press, 1966), p. 282.
- ¹¹ *Op cit.*, p. 42.
- ¹² *Op. cit.*, p. 468.
- ¹³ "The Epistle of the Hebrews", *Introduction to the New Testament*, ed. A. Robert and A. Feuillet, traduzido do francês por P. W. Skehan, et al. (Nova York: Desclee Co., 1965), p. 529.
- ¹⁴ *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation* (Chicago: InterVarsity Press, 1962), p. 29.
- ¹⁵ *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 351.
- ¹⁶ *Op. cit.* p. 30.

SEÇÃO I

- ¹ Herman Edwin Mueller, *The Letter to the Hebrews, a Translation* (2ª ed.; Jennings Lodge, Oregon: The Western Press, 1945).
- ² "Este ponto central na história, pelo qual o AT aguardava e para o qual o autor olha em retrospectiva, dividiu a *Heilsgeschichte* em duas partes. Ao dizer: '[Deus] falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho' (1.1b), o autor de Hebreus quer dizer que na revelação por meio do Filho o período pré-escatológico chegou ao fim e um novo período na *Heilsgeschichte* começou. Também é possível que H. L. MacNeill esteja certo ao argumentar acerca da última parte de 1.2. Ele diz que quando Deus, por meio do Filho, 'fez *tous aionas*', ele não está pensando no mundo (cf. 11.13; 9.26), mas nas duas eras, em que Cristo é o ponto central. Frases tais como o 'tempo da correção' (9.10) e o 'tempo presente' (9.9) distinguem esta era da anterior" (Sidney G. Sowers, *The Hermeneutics of Philo and Hebrews* (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1965), pp. 92-3).
- ³ O acréscimo de **por si mesmo** (na KJV) é justificada pela voz média do participio. Mas **nossos** (**nossos pecados**) não é gramaticalmente justificado.
- ⁴ Cf. João 1.13; 1 Co 8.6; Cl 1.16-17.

- ⁵ Literalmente, o versículo 2 diz que Deus tinha falado *em um Filho*, ou *no Filho*. Chamberlain comenta: “Uma força qualitativa é muitas vezes expressa pela ausência do artigo: *em tois prophetais* (Hb 1.1), ‘nos profetas’, chama a atenção para um grupo particular, enquanto *en huio* (Hb 1.2) ‘no Filho’, chama atenção para a posição do Filho como ‘porta-voz’ de Deus. A ARV procura ressaltar a força desta frase e a traduz da seguinte forma: ‘em seu Filho’, grifando ‘seu’” (William Douglas Chamberlain, *An Exegetical Grammar of the Greek New Testament* [Nova York: Macmillan Company, 1960], p. 57).
- ⁶ Thayer traduz “reflete”. Chamberlain diz: “o substantivo *apaugasma* (He 1.3), de *apaugazo*, poderia significar ‘um raio de luz refletiu de volta como um reflexo’, ou ‘um raio de luz brilhando de um objeto como uma emissão de luz’. O problema do intérprete então é: acaso o autor queria dizer que Jesus é o ‘esplendor’ da glória de Deus, ou a ‘refulgência’? Somente o uso pode decidir este ponto. O uso de *Fílon* é dividido. Calvino achava que se tratava de ‘refulgência’. Os pais gregos foram unânimes na sua interpretação. Eles acreditavam tratar-se de ‘brilho’ ou ‘esplendor’, nesta passagem” (*op. cit.*, p. 135).
- ⁷ O versículo 3 é uma extensão do conceito Logos, mencionado em referência ao versículo 2. Esta idéia não era nova para os judeus, pelo menos para a escola Alexandrina. Declarações paralelas em *Fílon* são muito marcantes, como mostra Sowers, *op. cit.*, pp. 66ss. No entanto, é muito significativo que, embora o conceito Logos esteja presente, o autor não usa em lugar algum este termo para Jesus; na verdade, parece que ele procura evitar cuidadosamente esta relação. Seu título identificador é Filho, não Logos.
- ⁸ Sowers diz: “Sentar no trono de Deus na literatura pseudo-epígrafe significa participar no julgamento de Deus sobre o mundo” (*op. cit.*, p. 82).
- ⁹ A importância vinculada a isto e o vigor com que o argumento é apresentado são fortes indícios de que esta congregação hebraica devia estar fascinada pela tentação de designar a Jesus um lugar na ordem angelical. Isto pode indicar uma contaminação gnóstica, à qual a congregação alexandrina, ou qualquer congregação helenística de cristãos judeus, estaria mais provavelmente exposta. Seria uma tentativa de preservar um rigoroso monoteísmo mas em detrimento da pessoa do Salvador. O autor inspirado desta epístola não concorda com esta hipótese. Ele entende que se o Salvador é meramente um anjo encarnado, independentemente da sua posição, Ele era essencialmente uma criatura e nunca poderia estar associado à divindade. Ele percebe uma grandeza e majestade na pessoa de Jesus, que são necessárias para lhe conferir poder redentor por meio do seu sangue, e que não pode ser interpretado legitimamente à parte de uma identificação corajosa e radical com o Logos eterno, visto não como um demiurgo, mas como uma hipóstase na verdadeira divindade.
- ¹⁰ Mais uma referência provável à encarnação. Por intermédio da virgem Maria, Deus literalmente gerou o Deus-homem. As muitas referências ao “início” de Cristo não estão relacionadas ao seu lugar eterno na divindade como o Logos. Hedegard diz: “Um conhecido estudioso bíblico alemão escreveu há muitos anos: ‘Ninguém pode *tornar-se* Deus — ou ele é Deus ou não é’. Este tipo de declaração deveria ser ponderado por aqueles que defendem visões adocionistas e que acham que a personalidade de Jesus foi inteiramente humana, mas que foi divinizado depois da sua carreira terrena e, portanto, não deveria ser adorado” (David Hedegard, *Ecumenism and the Bible* [Londres: Billing and Sons, Ltd., 1964], p. 13).
- ¹¹ Apoiado por Alford, *Expositor's Bible*, Vincent, Wuest.
- ¹² Salmos 45.6-7; 104.4.
- ¹³ Sowers diz que **a palavra falada pelos anjos** (v. 2) “só pode significar a lei [...] Gálatas 3.19 e Atos 7.38 ratificam a crença judaica de que a lei foi mediada por anjos no Sinai. Veja o comentário de Strack-Billerbeck acerca de Gálatas 3.19 por mais evidências desta crença na religião judaica” (*op. cit.*, p. 77).

- ¹⁴ A cláusula **o constituíste sobre as obras de tuas mãos** está no salmo, e incluído na ARC, mas não se encontra no texto grego.
- ¹⁵ Eric Sauer apresenta uma posição semelhante, alegando que a missão suprema do homem era arrancar o controle deste pedaço do universo do Adversário e restaurá-lo para Deus. Veja *The King of the Earth* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1962), pp. 92-100.
- ¹⁶ Desde que Jesus ascendeu ao céu eles não conseguiam ver Jesus da maneira como os apóstolos o tinham visto; o tempo presente do verbo sugere uma clara visão mental de uma Pessoa recente, totalmente histórica e intimamente conhecida; possivelmente o autor e alguns da congregação tinham sido testemunhas oculares da “sua majestade” (2 Pe 1.16).
- ¹⁷ Sowers nos lembra: “O cumprimento do Salmo 8 em Jesus ocorreu porque Ele foi coroado com glória e honra em seu sofrimento, e não porque tem todas as coisas sujeitas a Ele. Essa sujeição ocorrerá no ‘mundo futuro’ (2.5)” (*op. cit.*, p. 81). Além disso, a KJV conecta a frase **por causa da paixão da morte** com a cláusula anterior, expressando desta forma o propósito da encarnação. Uma exegese mais acurada conecta a frase à cláusula seguinte, indicando, assim, que precisamente a sua morte é a base para sua glória e honra atual (Fp 2.8-9).
- ¹⁸ “The Epistle to the Hebrews”, *The Expositor’s Greek Testament*, ed. W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, sem data), vol. IV, p. 263.
- ¹⁹ Uma discussão da santificação a esta altura não é exatamente adequada, como a referência é subordinada à corrente principal de pensamento, que visa a estabelecer a necessidade da encarnação, se o Salvador deve ser qualificado para fazer e ser tudo que é exigido.
- ²⁰ Nenhum dos três textos é citado em outro lugar no NT, e a aplicação, especialmente das frases de Isaías, parece arbitrária. No entanto, o conteúdo das duas passagens era amplamente reconhecido pela Igreja Primitiva como sendo messiânico. Veja Sowers, *op. cit.*, p. 86.
- ²¹ **Império**, *kratos*, aqui significa domínio, de acordo com Thayer. A. T. Robertson comenta: “Cristo quebrou o poder [...] do Diabo sobre a morte (por mais paradoxal que possa parecer), certamente por causa do medo da morte que o homem tinha. De alguma forma inexplicável Satanás tinha influência sobre o reino da morte (Zc 3.5 ss.)”. (*Word Pictures in the New Testament* [Nova York: Harper & Brothers, 1932], vol. V, p. 349).
- ²² **Cristo** não se encontra no texto grego.
- ²³ Chamberlain diz: “O uso de um só artigo para ‘apóstolo’ e ‘sumo sacerdote’ chama atenção para o fato de que os dois ofícios estão ligados à mesma pessoa. ‘Jesus’ está em aposição explanatória para deixar claro quem essa pessoa é” (*op. cit.*, p. 55).
- ²⁴ Robertson diz: “Esta nota de contingência e dúvida ocorre repetidas vezes ao longo desta epístola [...] O autor não faz nenhum esforço para reconciliar esta advertência com o propósito eletivo de Deus. Ele não está exortando a Deus, mas estes cristãos oscilantes. Todas elas são palavras paulinas” (*op. cit.*, p. 355).
- ²⁵ Veja o título do sermão expositivo e seu desenvolvimento em *a*, *b* e *c*.
- ²⁶ Nestes dois versículos, o verbo *erchomai*, “ir”, é um infinitivo aoristo — definitivamente pontiliar — e é seguido pela preposição *eis*, “para dentro”. Portanto, isto possivelmente não pode ser uma exortação para esforçar-se “em direção a”, como alguns a interpretam. Observe também os quatro subjuntivos exortativos neste capítulo: vv. 1, 11, 14, 16. Veja Chamberlain, *op. cit.*, p. 83.
- ²⁷ Note que o repouso não é algo que procuramos e encontramos ou lutamos para obter, mas alguma coisa na qual entramos, como os hebreus na terra de Canaã. Este repouso deve, portanto, ser entendido como uma esfera de ser e uma maneira de vida, um verdadeiro repouso sabático; não tanto aquilo que nós possuímos, mas aquilo que nos possui.

- ²⁸ Sowers está provavelmente errado ao supor que o versículo 12 é uma referência ao Logos eterno (de acordo com o estilo de Philo); no entanto, esta é uma referência ao Filho encarnado (*op. cit.*, p. 67).
- ²⁹ Sowers observa: “O autor de Hebreus está evidentemente se à divisão da alma na qual, de acordo com Philo, o Logos penetra até alcançar a ‘alma da alma’, cuja essência é o espírito” (*op. cit.*, p. 69).
- ³⁰ O infinitivo *sunpathesai*, de *sunpatheo*, “sofrer com”, é ativo, não passivo. Jesus tem um sentimento de companheirismo por nós.
- ³¹ Ou “por ajuda oportuna” (Mueller). O uso duplo de **graça** (*charitos*) ilustra seu significado duplo; o trono do *favor divino imerecido* é o lugar para onde nos dirigimos com ousadia; lá obtemos *energia divina* ou força moral.

SEÇÃO II

¹ Veja Sowers, *op. cit.*, p. 120.

² A distinção entre **dons** e **sacrifícios** não é clara. O texto podia ser traduzido da seguinte forma: “dons e também sacrifícios pelos pecados”. Neste caso o sacerdote deveria liderar a adoração, oferecendo os dons da consagração e louvor e também oferecendo sacrifícios propiciatórios, para que os pecados pudessem ser perdoados e a consciência aliviada.

³ *Op. cit.*, p. 121.

⁴ É bastante questionável se esta frase pode, de maneira apropriada, ser interpretada como “foi ouvido quanto ao que temia”, como também é entendido por Berkeley, Phillips e outros. Arndt e Gingrich reconhecem que esta interpretação é possível, mas não concordam com ela. Visto que somente o autor de Hebreus usa a palavra *eulabeias*, “medo”, e em outra ocasião (11.7), ela obviamente significa “reverência”. É bastante improvável que signifique “medo” neste texto.

⁵ Veja uma excelente discussão das várias interpretações deste versículo em H. Orton Wiley, *The Epistle to the Hebrews* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1959), pp. 180-6.

⁶ **Ainda que** (*kaiper*; v. 8) simplesmente duplica a intensidade da ênfase que começa na cláusula anterior.

⁷ Cf. Sowers, *op. cit.*, p. 113. Também é um erro ver na morte de Cristo uma similaridade tipológica com os sacrifícios de animais por meio dos quais Arão e seus filhos eram consagrados, como faz Sowers. Em vez disso, uma tipologia mais próxima da sua morte era o cordeiro pascal (Êx 15.5; Jo 1.29; 1 Co 5.7). Este cordeiro era tornado perfeito ao ser morto no sentido de que seu propósito era assim cumprido; mas também precisava ser perfeito no sentido de ser “sem mancha” como uma qualificação prévia para seu uso aceitável como sacrifício pascal. Acreditamos que é neste sentido que Hebreus está se referindo ao aperfeiçoamento de Cristo.

⁸ Cf. Sowers, *op. cit.*, p. 92.

⁹ **Palavras** significa palavras faladas (cf. 4.12-13) e provavelmente correspondem aqui à “palavra” de 6.1 — os ensinamentos fundamentais do evangelho, incluindo os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos e a exposição cristológica do AT.

¹⁰ Neste caso, Hebreus também é paulino, porque para Paulo o discernimento é uma marca de maturidade espiritual (1 Co 2). Cf. Sowers, *op. cit.*, p. 78, nota de rodapé.

¹¹ Thomas Hewitt escreve: “Uma exortação é agora dada estimulando os leitores a saírem da infância espiritual e a prosseguirem para a maturidade espiritual” (*The Epistle to the Hebrews*, “Tyndale Bible Commentaries” [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960], p. 103).

¹² Chamberlain, *op. cit.*, p. 121.

¹³ O subjuntivo de exortação (**prossigamos**), em que o autor se identifica com eles, pode ser entendido como uma forma educada de falar.

¹⁴ Alguns interpretaram este texto da seguinte maneira: “renová-los mais uma vez para (ou sem) arrependimento”. Mas não há apoio textual e exegético para esta interpretação. A. T. Robertson diz que este texto “nega completamente a possibilidade de renovação para apóstatas de Cristo (cf. 3.12—4.2). Esta é uma figura terrível e não pode ser diminuída” (*op. cit.*, p. 375).

¹⁵ Marvin R. Vincent vê o **dom celestial** como sendo o Espírito Santo, que é, assim, o objeto tanto do provar quanto do participar (*Word Studies in the New Testament* [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946], vol. IV, p. 445).

¹⁶ Um aspecto importante a ser ressaltado é a frequência de vezes em que o verbo aparece no tempo presente. Aqui está uma terra que repetidas vezes recebe chuva do céu, e a bebe — repetidas vezes absorvendo-a de maneira egoísta — e repetidas vezes é adornada pelo trabalhador (profetas e sacerdotes), no entanto, repetidas vezes e persistentemente não produz nada. Esta terra somente pode merecer ira no final.

¹⁸ Seu conceito das Escrituras como as “palavras de Deus” ou “oráculos de Deus” (5.12) significa simplesmente que “Deus é visto [ou em algumas passagens o próprio Cristo] como o locutor direto nas passagens das Escrituras citadas em 1.5, 6, 7, 13; 4.3; 5.5; 6.14; 7.17, 21 (cf. 5.6); 8.5, 8-12; 10.30, 37, 38; 15.4” (Sowers, *op. cit.*, p. 76). Isto pode explicar porque ele não cita normalmente o autor humano ou a referência. Também cf. Sowers, *op. cit.*, pp. 82, 124.

¹⁹ *Op. cit.*, p. 79.

²⁰ Sowers entende que Hebreus atribui o termo “eterno” de Salmos 110.4 literalmente a Melquisedeque bem como a Cristo. “Diferentemente de sacerdotes mortais, Melquisedeque ‘vive’ (7.8)” (*op. cit.*, p. 124). Mas supor que o homem histórico que encontrou Abraão era literalmente sem início ou fim de dias seria o mesmo que torná-lo divino. Não é necessário que interpretemos a epístola desta forma. (cf. Wiley, *op. cit.*, p. 232).

²¹ *Op. cit.*, p. 173.

²² Sowers, *op. cit.*, p. 100.

²³ *Op. cit.*, p. 463.

²⁴ Vincent diz que a etimologia clássica de *enguos*, **fiador**, significa alguém que dá segurança, e em referência a uma esposa, alguém que é comprometida. “A idéia essencial [...] é colocar algo na mão de alguém [...] como fiança” (*op. cit.*, p. 464).

²⁵ Acerca da intercessão do nosso Senhor, Vincent diz: “A idéia não é intercessão, mas intervenção” (*op. cit.*, p. 465). Westcott comenta: “Qualquer coisa que o homem precisar, como homem ou como homem pecador, em cada circunstância de esforço e conflito, sua carência encontra a interpretação (por assim dizer) feita pelo Espírito e a defesa efetiva de Cristo nosso (sumo) sacerdote [...] em João 17 encontramos a substância das nossas maiores necessidades e da intercessão de Cristo [...] a defesa de Cristo é tanto social quanto pessoal: a favor da igreja e a favor de cada crente” (*op. cit.*, p. 192).

²⁶ A palavra **perfeitamente** deriva-se de *pas*, “todo”, e *telos*, “perfeito”, significando perfeito e completo. A palavra é usada aqui e em Lucas 13.11, em que se encontra no negativo. Esta palavra composta é a expressão mais forte para perfeição. Ela também pode ser traduzida por “capaz para salvá-los perfeitamente”, referindo-se não somente à sua durabilidade, mas à sua imediata eficácia e perfeição. A capacidade de Cristo se estende até o fundo do coração

bem como até a eternidade; Ele é capaz de salvar do pecado agora bem como do inferno mais tarde, limpar completamente e sustentar. Vincent diz de maneira enfática: “totalmente completo [...] Não perpetuamente, mas perfeitamente” (*ibid*).

Westcott diz: “Se o sacerdócio de Cristo tivesse falhado em algum aspecto então a provisão teria sido feita para alguém outro. Mas, como está, a salvação obtida por Cristo alcança o último elemento da natureza e vida do homem [...] o pensamento aqui não é ‘do mundo’ (João 3.17), mas de crentes: não da salvação em seu sentido mais amplo, mas na realização da salvação até a perfeição naqueles que receberam o evangelho. Assim, o tempo presente (*sozein*), diferenciado do aoristo (*sosai*), ressalta a força plena. O apoio vem em cada momento da provação”. Ao referir-se à frase *eis to panteles* comenta: “Os antigos comentaristas estranhamente explicavam esta frase como se fosse *eis to dienekes* — perpetuamente” (*ibid*, p. 191).

²⁷ *Op. cit.*, p. 467.

SEÇÃO III

¹ *Op. cit.*, p. 48.

² Wiley diz: “Conseqüentemente, temos o trono, a Majestade e os céus representando a sua autoridade real; e intimamente relacionado com isso, suas funções sacerdotais no verdadeiro tabernáculo, como ocorre nos céus. A palavra ‘está assentado nos céus à destra do trono’ sugere um ato voluntário, de Alguém que toma seu lugar pelo mérito de uma tarefa cumprida ou um propósito completamente alcançado; enquanto a ‘destra’ sugere o lugar de honra e poder, bem como de satisfação e prazer” (*op. cit.*, p. 262; cf. Sowers, *op. cit.*, p. 82).

³ No versículo 10, **Israel** deveria ser entendido como representando todo o povo.

⁴ Veja Sowers, *op. cit.*, pp. 100-1.

⁵ A palavra **Porque** (*hoti*) que introduz o versículo 12 torna-o subordinado. Portanto, acredita-se haver um relacionamento entre a comunhão envolvida em conhecer a Deus e a certeza do perdão dos pecados. A comunhão perfeita é impossível enquanto existirem situações não resolvidas. Ou o *fato* ou o *sentido* da culpa interferirá como uma nuvem escura e encobrirá a face de Deus. O perdão, portanto, não é somente um acompanhante da vida regenerada mas indispensável a ela como o seu fundamento lógico.

⁶ De acordo com Êxodo 40.26, o altar dourado de incenso também ficava no primeiro santuário, enquanto Hebreus o localiza no segundo (v. 4). Para um estudo mais aprofundado veja Êxodo 25—26; 30; 40; *The International Standard Bible Encyclopaedia*, vol. V, p. 2887; e H. Orton Wiley (*op. cit.*, pp. 282-3), que conclui: “Conseqüentemente, o altar de ouro ficava no lugar santo, mas em suas participações rituais ele ‘pertencia’ ao Santo dos Santos”. Veja também NT Ampl., nota de rodapé.

⁷ Êxodo 16.33-34; 25.16; 26.34; 40.20 e Números 17.1-11 sugerem a presença do vaso de maná e a vara de Arão com as tábuas da lei.

⁸ *The Tabernacle Priesthood and Offerings* (Westwood, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1925), pp. 166ss.

⁹ W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), p. 376.

¹⁰ **Consistindo**, em itálico na ARC, não é justificado (veja A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 397).

¹¹ As **justificações da carne** (*dikaionata sarkos*) não é o terceiro item da série, como a KJV coloca. Em vez disso, esta frase (não deveria constar a palavra *e*) é uma justaposição aos “dons e sacrifícios” (Robertson). Todo o sistema sacrificial e cerimonial foi imposto como uma medida temporária.

- ¹² Nestle (1958) traduziu o termo grego *genomenon* da seguinte maneira: “tendo vindo” (ou “que estavam por vir”, conforme a nota de rodapé da NVI). Isto tornaria a chegada da nova ordem de bens futuros sincronizada com a chegada de Cristo.
- ¹³ A voz média de *heurisko* pode significar “achar (para mim mesmo), obter” (Arndt e Gingrich), mas se esta é a intenção, aqui então deveria ser traduzido: “tendo obtido redenção eterna por ele mesmo”. Phillips traduz: “tendo conquistado”.
- ¹⁴ A. T. Robertson diz: “O próprio espírito de Cristo que é eterno como Ele é”, *op. cit.*, p. 400.
- ¹⁵ **Novo** (*kainos*) significa um tipo novo, maravilhoso, nunca ouvido antes. Desta forma, o novo concerto é bem diferente do antigo.
- ¹⁶ *Op. cit.*, pp. 400ss.
- ¹⁷ Atos 1.25; Romanos 2.23; 4.15; 5.14 Gálatas 3.19; 1 Timóteo 2.14; 2 João 9, *et al.*
- ¹⁸ No capítulo 7, a vida sem fim de Jesus como sumo sacerdote constitui a garantia de um concerto novo e melhor. No capítulo 8, este concerto melhor está fundamentado em promessas melhores. No capítulo 9, vemos o custo deste novo concerto — o próprio sangue de Cristo. O autor se move em círculos convergentes em direção à cruz.
- ¹⁹ A palavra *diatheke*, “concerto” (aliança), significa última vontade e **testamento**, bem como um plano decretado. Somente em um sentido menor e geralmente não bíblico, o termo significa um contrato ou pacto entre iguais (veja Arndt e Gingrich).
- ²⁰ O **livro** que Moisés aspergiu era o “livro do concerto” que ele escreveu e, em seguida, leu para o povo. Depois de recitá-lo para o povo, ouviu a resposta unificada deles: “Todas as palavras que o SENHOR tem falado faremos” (Êx 24.3-8). Os termos foram deixados claro duas vezes antes que o sangue selasse o concerto. O conteúdo do livro foi provavelmente Êxodo 20—23. Imediatamente depois da instituição deste concerto, Deus chamou Moisés para o monte Sinai novamente, desta vez para dar-lhe o modelo do Tabernáculo e o sistema sacrificial levítico (Êx 24.12ss).
- ²¹ A palavra *haimatekchusias*, “derramamento de sangue”, é uma palavra composta encontrada somente aqui no NT. O verbo nesta oração é *ginetai*, “tornar-se”. Sem derramamento de sangue não ocorre perdão.
- ²² Observe as possibilidades homiléticas de 9.23-28: “As Maravilhas da Redenção de Deus”. O tema é desenvolvido debaixo de *a*, *b* e *c*.
- ²³ Cf. 8.5, em que a palavra *hypodeigma* é traduzida por “exemplar”; a palavra “modelo” é uma tradução de *typon*, “tipo”.
- ²⁴ Vincent, *op. cit.*, p. 492.
- ²⁵ A frase **para tirar os pecados de muitos** é uma citação de Isaías 53.12, e claramente identifica Jesus com o Servo Sofredor. A palavra *anenegkein* é o infinitivo aoristo de *anaphero*, “pagar, assumir”; neste caso “mais no sentido de tirar” (Arndt e Gingrich). Este é um termo técnico do sistema levítico; “tirar pecado” significava sofrer a completa responsabilidade e castigo (Lv 20.20; 22.9; 24.15; Nm 9.13). Mas o pecado da congregação era levado embora pelo bode vivo usado no Dia da Expição: “Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles” (Lv 16.22). A mesma palavra é usada em 1 Pedro 2.24 em relação ao sofrimento vicário de Jesus. Ele foi tanto o bode que era morto como o bode vivo. Como bode morto, Ele proporcionou o Sangue para a expiação. Como bode vivo, Ele levou nossos pecados “ao deserto” — significando que nossa culpa foi tirada. O fato de “pecado” estar no singular, no versículo 26, e **pecados**, no plural, no versículo 28, não altera o significado, desde que entendamos que em ambos os casos a referência é à culpa. Se levarmos nossos pecados, não há esperança. Jesus os tirou por nós, de maneira vicária, e, desta forma, tirou a culpa de nós.

²⁶ *Apekdechomenois*, participio articular, presente médio de *apekdechomai*, “aguardar, esperar, antecipar” — a palavra exata usada por Paulo em Filipenses 3.20. Veja também Romanos 8.19, 23, 25; 1 Co 1.7; Gl 5.5.

²⁷ Mais uma citação de Salmos 110.1. Veja também 1.3, 13; 8.1.

²⁸ Não existe descrição melhor do conteúdo da santificação do que Efésios 1.4 e 1 Tm 1.5 (RSV).

²⁹ Para uma discussão completa e útil do versículo 14 veja Wiley, *op. cit.*, pp. 324-8.

³⁰ Isto está inferido pela preposição *meta*, **depois**, seguida pela elipse entre os versículos 16 e 17; mas é tornado ainda mais claro no versículo 18 pela importância vinculada à sentença de perdão (veja Robertson, *op. cit.*, pp. 409-10).

³¹ Dods diz: “...não como um caminho que permanece (Chrys., etc), nem como um caminho que leva para a vida eterna (Grotius, etc), nem como um caminho que consiste em ter comunhão com uma Pessoa (Westcott), mas como um caminho eficaz, que leva os seus seguidores ao seu alvo” (*op. cit.*, p. 346; cf. 4.12).

³² *Op. cit.*, p. 127. Veja também pp. 123-40.

³³ Vincent, *op. cit.*, p. 501.

³⁴ Veja uma frase grega semelhante em 6.11.

³⁵ *Op. cit.*, p. 236. Veja também João 15.3; Efésios 5.25-26; Tito 3.5; 1 João 3.5.

³⁶ *Op. cit.*, p. 499.

³⁷ Veja Wiley, *op. cit.*, pp. 331-4.

³⁸ *Op. cit.*, p. 205.

SEÇÃO IV

¹ Robertson chama isto de argumento “do menor para o maior” e cita Moffatt que diz que este tipo de argumento “é a primeira das sete regras de exegese de Hillel” (*op. cit.*, pp. 413-4).

A inferência aqui é que o castigo para a rejeição de Cristo será muito mais severa do que a rejeição de Moisés. Naturalmente surge uma pergunta aqui. O que seria pior do que morrer “sem misericórdia”? Se alguém pecasse tão deliberadamente a ponto de ser condenado à pena de morte, esse castigo supostamente seria infligido sem benefício da mediação sacerdotal e sacrificial; conseqüentemente, o transgressor morreria sem perdão — morrer, i.e., sem a misericórdia divina e sem a misericórdia humana. E se ele morria como alma perdida, será que a sua perdição era menor do que alguém que rejeitou a Cristo? Será que há graus de “perdição”? Existem três respostas possíveis. Primeira, Jesus claramente ensinou graus de castigo, com base no grau de luz e oportunidades (Lc 12.46-48). Segunda, Ele também ensinou que rejeitar o Filho do Homem excedia em pecaminosidade toda rebelião e impiedade passada e precipitaria uma ira maior (Mt 11.20-24; 12.41,42; 21.33-41; 23.34-38). Mas, terceira, podemos estar dando ao castigo do AT um significado definitivo e eterno que não está lá. A pena de morte podia ter sido uma necessidade pública, não um testemunho de destino eterno. O arrependimento pessoal pode ter sido possível com ou sem sacrifícios expiatórios. Possivelmente Hebreus 9:15 é relevante aqui, bem como Mateus 10.28 e possivelmente 1 Pe 3.18-22.

² **Dos que estavam nas prisões** é uma tradução melhor do que a tradução da KJV que traz: “Vos compadecestes de mim em minhas algemas”.

³ É possível ver *poiesontes*, “tendo feito”, como aoristo constatativo, em que a obediência exigida para qualificar-se para ver o Senhor inclui a vida cristã completa, desde a conversão inicial

até o fim da provação, e inclui não somente entrar no Santo dos Santos, mas a posse da paciência ali. Isto certamente elimina a obsessão por segurança em virtude de um ato inicial de obediência.

- ⁴ O versículo 37 apresenta um problema complicado. O autor está aqui juntando uma breve frase temporal de Isaías 26.20 com idéias de Habacuque 2.3, seguindo a LXX, como de costume. O uso da frase **um pouquinho** não é interpretativa de Isaías 26.20, mas é simplesmente aplicado ao acontecimento específico descrito por Habacuque. Aquela profecia parece mais pertinente à primeira vinda de Cristo do que à segunda. Além do mais, *mikron hoson hoson*, **um pouquinho**, coloca mais fogo na lenha, visto que literalmente significa “breve, muito em breve” (NVI). A ênfase deliberada está na extrema brevidade. Se a referência é, na verdade, à Segunda Vinda como é aceito acima, é necessário entender **um pouquinho** como um princípio eterno ou um ponto de vista constantemente válido. O autor, como homem, pode ter mal-interpretado este texto e esperado o retorno imediato do Senhor. Mas o Espírito, que inspirou a adoção dessa frase, tencionava que essa fosse uma expectativa instantânea de cada geração. Assim, a sua vinda é sempre “iminente”. E, do ponto de vista de Deus, para quem “mil anos [são] como um dia” (2 Pedro 3.8), e do ponto de vista da eternidade, o atraso é, na verdade, um momento no tempo.
- ⁵ O singular *dikaïos mou*, “meu justo”, nos lembra que a Igreja não vive uma fé coletiva, mas pela fé individual dos seus membros. A voz média, *zesetai*, “viverá”, sugere a seguinte tradução: “O justo manterá a vida dentro dele por meio da sua fé”.
- ⁶ A expressão também se refere àqueles que ocultam seu testemunho como cristãos. Cf. Atos 20.20, 27, em que Paulo testifica que não se calou nem se refreou em anunciar publicamente qualquer verdade devido à covardia. O fato de alguém **recuar** é uma condição de terceira classe que indica que recuar, embora não certo, é uma possibilidade. Hebreus não está desperdiçando palavras em relação a possibilidades hipotéticas que Deus nunca permitiria que se tornassem reais.
- ⁷ A preposição **pela** no início do versículo 3 é a tradução de uma palavra grega diferente da preposição geralmente usada neste capítulo, mas que não apresenta um significado diferente no grego.
- ⁸ Lit., “mais sacrifício”. Sua excelência maior é sugerida no grego, em vez de declarada.
- ⁹ O uso de *tou* com o infinitivo neste caso não significa propósito, mas resultado. Deus não o transladou para libertá-lo da morte, mas a sua “isenção” da morte foi o resultado da ação de Deus. Veja Robertson, *op. cit.*, V. p. 420.
- ¹⁰ Chamberlain, *op. cit.*, p. 197.
- ¹¹ A próxima frase deveria ser: “e adorando sobre a extremidade do seu bordão”, da LXX. Isto corresponde a Gênesis 47.31: “e Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama”. A LXX traz a idéia de inclinar, enquanto o texto hebraico apresenta a idéia de adoração. Quer o texto se refira a **bordão** ou “cama”, Robertson diz: “A palavra hebraica permite os dois significados com diferentes vogais” (*op. cit.*, p. 425).
- ¹² A pessoa que tem a intenção de escrever a respeito da filosofia cristã da história deveria começar com este capítulo.
- ¹³ Para mais detalhes acerca de Jericó, veja o artigo de George Frederick Wright em *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. III, p. 1592.
- ¹⁵ As mães de 1 Reis 17.17ss e 2 Reis 4.8-37 testemunharam *anastaseos*, uma ressurreição, mas a fé olha mais adiante para uma *kreittonos*, “ressurreição melhor”. Qualquer ressurreição agora seria temporária e meramente física. Mais adiante do crente está uma ressurreição que é total, permanente e celestial (1 Co 15).

¹⁶ Robertson, *op. cit.*, p. 436; cf. Phillips.

¹⁷ Não há contradição aqui. A idéia pontual é de precisão e inteireza, mas nem sempre significa instantaneidade.

¹⁸ Veja Wiley, *op. cit.*, pp. 390-3.

¹⁹ Arndt e Gingrich. Cf. RSV, Phillips, NEB, Vincent.

²⁰ O único uso desta palavra no NT (2 Co 1.12) fora de Hebreus traz dificuldades textuais.

²¹ Romanos 6.19, 22; 1 Coríntios 1.30; 1 Ts 4.3,4, 7; 2 Tessalonicenses 2.13; 1 Timóteo 2.15; Hebreus 12.14; 1 Pedro 1.2.

²² A terceira é subjuntiva no sentido, embora a forma verbal esteja omitida.

²³ Uma interpretação alternativa é: “impossível de mudar a posição do pai”.

²⁴ “Uma paráfrase livre de Gênesis 28.15; Deuteronômio 31.8; Josué 1;5; 1 Crônicas 28.20” (Robertson, *op. cit.*, p. 445).

²⁵ Acerca de **lembrai** (mnemoneuete) cf. uso da mesma palavra em 11.15, 22.

²⁶ “Vincent argumenta acertadamente que a epístola deve ter sido escrita antes da destruição de Jerusalém” (A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 449).

²⁷ A “comunicação” sistemática aos pobres fazia parte do início do Metodismo. Mas não devemos limitar a idéia somente à caridade, porque os cristãos são obrigados a “comunicar” a todas as necessidades da Igreja cristã. Ofertas públicas são tão aceitáveis e agradáveis a Deus quanto os cultos públicos de louvor. Quando o pastor diz: “Vamos adorar ao Senhor com nossos dízimos e ofertas”, ele está pisando em sólido terreno bíblico.

²⁸ Uma frase paulina usada seis vezes (Rm 15.33; 16.20; 2 Co 13.11; 2 Ts 3.16; Fp 4.9).

²⁹ Uma figura profética bastante conhecida desses hebreus que criam na Bíblia (Sl 23.1; 80.1; Is 40.11; Jr 31.10; Ez 34.23; 37.24).

³⁰ A maneira de expressar a frase não só na KJV mas também em outras versões parece vincular a frase **pelo sangue a vos aperfeiçoe** do versículo seguinte, inferindo que Deus nos aperfeiçoa por meio do Sangue. Embora em certo sentido isso certamente seja verdade, a outra interpretação dessa passagem, dada acima, parece estar mais em conformidade com a ordem das palavras no grego. O **grande Pastor** é declarado pelo nome na frase apositiva: **nosso Senhor Jesus**, lit., “o Senhor de nós, Jesus”. No grego, essas palavras não seguem a frase **tornou a trazer dos mortos**, como ocorre na ARC, mas aparece no final deste versículo. O Deus que é o único que pode agir de forma redentora, portanto, é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e o que o Pai faz por nós e em nós é feito por meio de Cristo como o Cordeiro sacrificial e o Pastor vivo. Veja Wiley, *op. cit.*, pp. 428-9.

³¹ A subscrição: “Escrito aos Hebreus por Timóteo da Itália”, não faz parte do texto.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALFORD, Henry. *The New Testament for English Readers*, vol. II, Londres: Rivingtons, 1866.
- BARCLAY, William. *The Epistle of Hebrews*. The Church of Scotland, sem data.
- BROWN, John. *An Exposition of Hebrews*. Londres: The Banner of Truth Trust, 1961 (reimpressão).
- DODS, Marcus. "The Epistle to the Hebrews", *The Expositor's Greek Testament*, vol. IV. Ed. W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, sem data (reimpressão).
- HEWITT, Thomas. *The Epistle to the Hebrews*, "Tyndale Bible Commentaries". Ed. R. V. G. Tasker. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- MOULTON, W. F. *Hebrews*, "Layman's Handy Commentary". Ed. Charles John Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 (reimpressão).
- MURRAY, Andrew. *The Holiest of All*. Londres: Oliphants Ltd., 1962 (reimpressão).
- PINK, Arthur W. *An Exposition of Hebrews*, 2 vols. Grand Rapids: Baker Book House, 1963.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*, vol. V. Nova York: Harper and Brothers, Publishers, 1932.
- ROBINSON, Theodore H. "The Epistle to the Hebrews", *The Moffatt New Testament Commentary*. Ed. James Moffatt. Londres: Hodder and Stoughton Limited, 1953 (reimpressão).
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, vol. IV. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946 (reimpressão).
- WEISS, Bernhard. *A Commentary on the New Testament*, vol. IV. Trad. George H. Schodde e Ephphanius Wilson. Nova York: Funk & Wagnalls Company, 1906.
- WILEY, H. Orton. *The Epistle to the Hebrews*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1959.

II. OUTROS LIVROS

- The Analytical Greek Lexicon*. Nova York: Harper and Brothers, sem data.
- ARNDT, W. F. and Gingrich, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.
- CHAMBERLAIN, William Douglas. *An Exegetical Grammar of the Greek New Testament*. Nova York: The Macmillan Company, 1960.
- HALDEMAN, I. M. *The Tabernacle Priesthood and Offerings*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1925.
- MUELLER, Herman Edwin. *The Letter to the Hebrews, a Translation*. Jennings Lodge, Oregon: The Western Press, 1940.
- SAUER, Eric. *The King of the Earth*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1962.
- SOWERS, Sidney G. *The Hermeneutics of Philo and Hebrews*. Richmond: John Knox Press, 1965.
- THAYER, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1963 (reimpressão).
- THIESSEN, Henry Clarence. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1943.

A Epístola de
TIAGO

A. F. Harper

Introdução

A Epístola de Tiago é conhecida como uma das Epístolas Gerais do Novo Testamento. Esses livros receberam esse nome porque foram escritos como cartas circulares para serem lidas em várias igrejas. Esse aspecto está em contraste com a maioria das Epístolas Paulinas, que eram endereçadas a igrejas específicas ou a indivíduos.

A. Autoria

O autor identifica-se somente como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1.1). Havia vários homens importantes no Novo Testamento que se chamavam Tiago. No entanto, há uma forte evidência, defendida por muitos estudiosos da Bíblia, de que o autor era o líder da igreja em Jerusalém (At 15.13). Paulo se refere a ele como “Tiago, irmão do Senhor” e o inclui entre os “apóstolos”¹ (Gl 1.19). Em Gálatas 2.9, ele caracteriza Tiago como um dos “pilares” da Igreja.

Este Tiago é mencionado duas vezes nos evangelhos (Mt 13.55; Mc 6.3). Nas duas passagens ele é identificado como um dos irmãos de Jesus. Ele somente se tornou um seguidor do nosso Senhor após a Ressurreição. Ele estava entre os discípulos primitivos que, no cenáculo, esperavam pela descida do Espírito Santo e “perseveravam unanimemente em oração e súplica” (At 1.14).

A habilidade e fé de Tiago logo o colocaram num lugar de proeminência entre os cristãos primitivos. Quando Pedro deixou a Palestina (At 12.17), tudo indica que Tiago assumiu a liderança da igreja de Jerusalém. Três anos após a conversão de Paulo, ele visitou os líderes de Jerusalém e lá viu “Tiago, irmão do Senhor” (Gl 1.19). Em Atos 15, na assembléia que discutia a admissão dos gentios na Igreja, Tiago era o ministro que presidia a reunião. Na mesma visita a Jerusalém, “Tiago, Cefas e João” estenderam a destra da comunhão a Paulo e Barnabé (Gl 2.9). Na sua última visita a Jerusalém, quando Paulo apresentou seu relatório, “Tiago, e todos os anciãos vieram ali” (At 21.18).

De um homem nessa posição de responsabilidade e autoridade haveríamos de esperar uma carta pastoral de conselhos práticos concernentes a questões que afetavam a vida espiritual da Igreja. É isso que encontramos nesta epístola.

B. Destino

Tiago dirige sua carta “às doze tribos que andam dispersas” (1.1). Estes provavelmente eram cristãos que em tempos passados haviam sido judeus e que foram espalhados pelas primeiras perseguições à Igreja. É bem possível que a saudação também incluísse os cristãos judeus ganhos para Cristo por Paulo e outros missionários onde foram estabelecidas igrejas em cidades gentias. Na maioria dessas igrejas havia pelo menos um núcleo de crentes judeus que aceitaram Cristo como resultado da pregação em suas sinagogas.

C. Data

Não há evidência na epístola ou de fontes externas que ajudem a determinar exatamente a data em que foi escrita esta carta. Alguns estudiosos conservadores argumentam que esta carta pode ter sido escrita em 45 d.C., outros já acreditam que ela foi escrita em 62 d.C. As datas mais precoces se baseiam no fato de que na epístola o autor não faz nenhuma menção do problema da admissão de gentios na Igreja. Sabemos que Tiago estava profundamente preocupado com esta questão numa época posterior. Aqueles que propõem uma data posterior ressaltam a condição relativamente estabelecida da Igreja refletida na epístola. Tiago não parece estar muito preocupado em colocar os fundamentos e ressaltar doutrinas evangélicas para uma Igreja que está dando seus primeiros passos na fé. Isto favorece a idéia de a epístola ter sido escrita numa data posterior. Assim, o conteúdo sugere que esta carta foi escrita numa data posterior às cartas aos Gálatas e aos Romanos, nas quais o autor tratou de assuntos doutrinários fundamentais. O aspecto-chave não é o ano exato, mas o período. Se, como tudo indica, Tiago foi martirizado em 63 d.C., a epístola obviamente foi escrita antes dessa data.

D. Propósito e Natureza

A epístola foi destinada a fomentar o viver cristão prático, como era o caso das seções éticas das cartas de Paulo. Já havia se passado um longo período desde os primeiros dias da Igreja, e atitudes e práticas corrosivas estavam começando a aparecer. Tiago fala contra esses males com seriedade e uma severidade santa, exortando os cristãos em toda parte a permanecerem fiéis aos ensinamentos e práticas da fé.

Observa-se com frequência que Tiago é o livro com uma característica judaica mais marcante do Novo Testamento. Por causa desse aspecto e por causa da ênfase em um comportamento piedoso, o livro pode ser comparado à literatura sapiencial do Antigo Testamento. Devido à sua preocupação com a justiça social, Tiago é frequentemente chamado de o Amós do Novo Testamento. Há também nessa epístola uma similaridade marcante com os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte. Isso talvez faça sentido já que Tiago foi criado na mesma família de Jesus e estava próximo dele durante os anos anteriores ao ministério público do nosso Senhor. Hayes escreve: “Tiago diz menos acerca do Mestre do que qualquer outro autor do NT, mas o seu discurso é mais parecido com o do Mestre se comparado ao discurso deles”.²

A profunda preocupação com os resultados práticos da fé cristã parece às vezes torná-lo um oponente à ênfase de Paulo no que tange à salvação somente pela fé. Foi essa ênfase de Tiago que fez com que Martinho Lutero denominasse o livro de Tiago de “epístola de palha”. Mas Lutero estava errado. A posição de Tiago não é um ataque à salvação pela fé; ela é um protesto contra a hipocrisia. Tiago quer que o mundo saiba que a fé é uma força transformadora. A salvação pela fé resulta em um viver santo. Isto não contradiz o ensino de Paulo — ele o complementa. As duas ênfases compreendem as duas facetas de uma fé cristã completa — redenção e vida santa.

Tasker apresenta uma avaliação apropriada da função singular do livro:

Esta epístola tem um valor especial para o cristão individual durante o que podemos chamar de segundo estágio do seu progresso como peregrino. Depois de ser levado a aceitar o evangelho da graça e vir a ter a certeza jubilosa de que é um filho de Deus redimido, se ele deseja avançar no caminho da santidade, e para que as implicações éticas da sua nova fé possam ser traduzidas em realidades práticas, então ele precisa do estímulo e desafio da epístola de Tiago.³

Esboço

I. INTRODUÇÃO, 1.1

II. FIRMES NA FÉ, 1.2-27

- A. A Atitude Cristã em Relação às Provas, 1.2-4
- B. A Oração pelo Melhor de Deus, 1.5-8
- C. Verdadeiras Riquezas, 1.9-11
- D. Entendendo Prova e Tentação, 1.12-18
- E. Obedientes à Verdade Divina, 1.19-27

III. PADRÕES DE VALORES CRISTÃOS, 2.1-13

- A. A Falsa Medida dos Homens, 2.1-4
- B. A Verdadeira Medida dos Homens, 2.5-7
- C. A Lei que Está Sempre Certa, 2.8-13

IV. OBRAS SEGUEM A FÉ VERDADEIRA, 2.14-26

- A. Quando a Fé Não é Fé, 2.14-17
- B. Uma Objeção Respondida, 2.18-19
- C. Provas da História Hebraica, 2.20-26

V. DISCURSO CRISTÃO, 3.1-12

- A. Responsabilidade dos Mestres, 3.1,2a
- B. O Uso Correto da Língua, 3.2b-5a
- C. Tragédias da Língua, 3.5b,6
- D. A Língua Indomável, 3.7,8
- E. Purifique o Coração para Controlar a Língua, 3.9-12

VI. A SABEDORIA DE DEUS, 3.13-18

- A. A Sabedoria é o que Sabedoria Faz, 3.13
- B. Sabedoria Carnal, 3.14-16
- C. Sabedoria do Alto, 3.17,18

VII. CHAMADO À SANTIDADE CRISTÃ, 4.1-17

- A. A Causa Interior de Conflito, 4.1-4
- B. Deus Quer um Povo Santo, 4.5-10
- C. O Mal de Falar Mal, 4.11,12
- D. Reconheça a Presença de Deus, 4.13-17

VIII. JULGAMENTO DOS RICOS OPRESSORES, 5.1-6

- A. O Ai Pronunciado, 5.1
- B. Acúmulo Egoísta, 5.2,3

- C. Acúmulo Desonesto, 5.4, 6
- D. Satisfação Egoísta, 5.5

IX. A SEGUNDA VINDA, ESPERANÇA DOS CRISTÃOS, 5.7-12

- A. Cristo Está Voltando, 5.7,8
- B. A Pressão nos Induz à Impaciência, 5.9
- C. Exemplos de Paciência, 5.10,11
- D. O Juramento é Proibido, 5.12

X. ORAÇÃO, FÉ E RESTAURAÇÃO, 5.13-20

- A. Oração e Louvor, 5.13
- B. Oração e Fé por Cura, 5.14-18
- C. Restaurando o Apóstata, 5.19,20

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

Tiago 1.1

A. O AUTOR, 1.1

As cartas no primeiro século geralmente iniciavam com o nome do autor, seguido pelo nome do receptor e uma fórmula de saudação na mesma ordem que aparecem nesta carta. O autor identificou-se simplesmente como **Tiago**. Provavelmente, nenhuma outra explicação era necessária para os cristãos daquela época. Eles logo compreendiam tratar-se de Tiago de Jerusalém, o reconhecido líder da Igreja. (Veja Int., “Autoria”).

B. AS CREDENCIAIS DO AUTOR, 1.1

Com um verdadeiro espírito cristão, Tiago apresentou-se aos seus leitores, não como o líder da Igreja, mas como **servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo**. O termo **servo** (*doulos*) é literalmente um servo cativo ou escravo. O termo escravo era entendido quando usado em relação ao homem. No entanto, quando esse termo era usado em relação a Deus, os leitores judeus compreendiam tratar-se de um adorador.¹

Às vezes trata-se de maneira negativa o fato de Cristo ter sido mencionado somente três vezes nesta epístola (1.1; 2.1; 5.8). Pode-se supor que a razão não era um desinteresse por parte de Tiago, mas sim que os leitores cristãos conheciam o fundamento da sua mensagem. Em todo caso, há uma evidente declaração da suprema lealdade cristã na frase de abertura do apóstolo. **Servo de Deus** era uma frase comum do Anti-

go Testamento. Tiago acrescenta a ela a dimensão distintamente neotestamentária — um adorador do **Senhor Jesus Cristo**. O autor desta carta é um homem que serve a Deus e aceita a divindade de Jesus.

C. OS RECEPTORES, 1.1

A carta é endereçada às **doze tribos que andam dispersas**. Em termos judaicos as **doze tribos** significavam Israel como um todo. Da maneira como Tiago usou o termo, ele referia-se aos cristãos judeus. (Veja Int., “Destino”). Parece provável que embora Tiago tivesse como foco da sua atenção os judeus convertidos, estas palavras incluíam todo Israel espiritual, i.e., os cristãos em toda parte.

D. A SAUDAÇÃO, 1.1

Saúde (*chairein*; lit., regozijar-se) era a saudação comum nas cartas do primeiro século, como foi o caso de Cláudio Lísias a Félix (At 23.26). Essa forma de saudação é usada somente mais uma vez no Novo Testamento, na carta de Tiago após a assembléia de Jerusalém (At 15.23). Esse fato serve como prova de que Tiago (irmão de Jesus) escreveu esta epístola que leva o seu nome.

SEÇÃO II

FIRMES NA FÉ

Tiago 1.2-27

A. A ATITUDE CRISTÃ EM RELAÇÃO ÀS PROVAS, 1.2-4

Meus irmãos (v. 2) era uma expressão que os cristãos primitivos lembravam do seu contexto judaico. Neste caso, **irmãos** incluiria os cristãos judeus e os cristãos gentios. A palavra que fecha o versículo 1, “saúde” (regozijar-se), é retomada no versículo 2, por meio da palavra **gozo**. É como se Tiago estivesse dizendo: “Desejo a vocês *gozo*; e vocês devem considerar puro *gozo* todas as dificuldades que podem lhes sobrevir”.¹ **Tentações** (*peirasmoi*) é uma palavra que tem um sentido duplo de provações exteriores e tentações interiores. Neste contexto, a melhor tradução é “provações” (ARA).

Não podemos escolher ter ou não ter provações; provavelmente Deus não podia deixar que escolhêssemos quanto ao que é bom para nós! Não cabe a nós decidir se vamos ter ou não provações; apenas podemos escolher qual será a nossa atitude em relação a elas. Aqui recebemos o conselho de Deus: “Quando as provações e tentações se acumulam em suas vidas, meus irmãos, não as vejam como intrusas, mas recebam-nas como amigas!” (Phillips). No entanto, as dificuldades não devem surgir por iniciativa nossa. Não é quando infligimos sofrimento a nós mesmos, mas quando “caímos” nas dificuldades, é que podemos considerar que foram colocadas em nosso caminho por Deus e devem ser vistas como uma fonte de alegria em vez de tristeza.²

Estar alegre no meio da aflição é uma tarefa difícil! Mas este é o conselho de Deus aqui, e o autor se apressa em explicar a razão (cf. Rm 5.3-5; 1 Pe 1.6-7). O “sangue, suor e lágrimas” da vida cristã têm um propósito. Eles são um dos meios para o nosso cresci-

mento rumo à semelhança com Deus. O atleta pode encontrar gozo no rigor do seu treinamento enquanto mantiver em mente a sua meta de vencer a corrida. O cristão pode encontrar gozo, até mesmo nas provações, quando percebe que essas provações são um meio para tornar-se mais semelhante a Cristo. Ele pode, em certos momentos, estar tão próximo de Deus que pode considerar a provação um **grande gozo**. Nesse conselho, Tiago está ecoando o ensinamento do nosso Senhor (Mt 5.11-12).

Ter **grande gozo** parece não harmonizar com **várias tentações**. Se as provações são múltiplas (ASV), a graça triunfante de Deus é ainda mais abundante. A atitude cristã deve ser mais do que mera tolerância; ela deve ser triunfante. Se obstinadamente enrijecermos nossos queixos, rangermos os dentes e agüentarmos com um espírito decaído, ainda não alcançamos a atitude que a Palavra de Deus requer de nós aqui. Nossos fardos podem ser pesados, mas não devemos permitir que toda nossa energia e esforços sejam despendidos em suportar o que precisamos suportar. Se nossas dificuldades não nos fazem bem, elas nos fazem mal. Enquanto levamos nossos fardos de maneira corajosa, podemos experimentar o gozo do Senhor: gozo apesar de todos esses fardos; uma felicidade profunda à medida que percebemos que os fardos não podem nos subjugar; uma clara percepção de comunhão com Cristo à medida que Ele carrega a parte mais pesada do nosso fardo; gozo real no fato de que por meio dessas provações gozamos da “comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3.10) e estamos sendo moldados à sua semelhança.

A prova da nossa fé (v. 3) fortalece nossa paciência. Jesus disse: “É na vossa paciência que ganhareis a vossa alma” (Lc 21.19, ASV). Tiago não nos dá este conselho com base na sua autoridade pessoal. **Sabendo que** significa: “Descubram por conta própria”. O tempo do verbo sugere uma ação progressiva e contínua — descobrindo continuamente. O apóstolo diz, na verdade: “Procurem ser alegres e perseverantes e vejam se não é a melhor maneira de lidar com as suas provações”.

E por que deveríamos continuar provando? Tasker responde: “Para que os cristãos sejam **perfeitos e completos**, avançando até alcançar a vida equilibrada de santidade perfeita e íntegra”.³ Essa é a vontade de Deus para o cristão. A exortação aponta para uma santidade representando o alvo mais elevado da maturidade cristã. Mas essa maturidade não deve estar dissociada do cumprimento do mandamento do nosso Senhor e da sua provisão para alcançar esse elevado nível de santidade. A palavra **perfeitos** é a mesma que Jesus usou quando instruiu seus seguidores: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.48).

Em Tiago 1.2-6, encontramos alguns dos frutos que crescem quando procuramos desenvolver “Gozo no Meio da Provação”: 1) **Paciência** (v. 3); 2) Oração — pedir **a Deus** (v. 5); 3) **Fé** (v. 6).

B. A ORAÇÃO PELO MELHOR DE DEUS, 1.5-8

No pensamento final do versículo 4, encontramos a palavra “faltar”. Essa mesma palavra aparece novamente no versículo 5. E há mais uma conexão. Tiago acabou de dar aos seus companheiros cristãos uma tarefa excessivamente difícil: “Prezados irmãos, acaso a vida de vocês está sendo cheia de dificuldades e tentações? Então estejam felizes” (1.2. LL). Bede interpreta a conexão entre esses versículos como a pergunta natural do

crente: “Como posso entender a provação desse ponto de vista? Necessita-se de uma sabedoria mais elevada”.⁴ Tiago conhece a resposta para essa pergunta: **E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus** (v. 5).

1. *A Natureza da Sabedoria* (1.5)

Que tipo de sabedoria Tiago exorta seus irmãos em Cristo a pedir? É mais do que conhecimento e vai além de qualquer realização humana natural. Robertson escreve: “Em Tiago, a sabedoria é o uso correto das oportunidades no viver santo. É viver como Cristo viveu, de acordo com a vontade de Deus”.⁵ Mayor compara essa oração pela sabedoria à oração de Paulo pelo Espírito.⁶ Moffatt diz o seguinte acerca dessa sabedoria: “Essa sabedoria significava uma vida que interpretava a lei divina como a regra de fé e moral; a ênfase recaía na exigência moral e espiritual [...] O que Tiago quer dizer com a sabedoria é que ela é o dom da alma por meio da qual o crente reconhece e percebe a regra divina de vida chamada justiça”⁷ (cf. 1.20; 3.17-18). Knowling é mais específico em sua interpretação: “Tiago [...] atribui este elevado lugar à sabedoria ao conhecê-la não somente no livro da Sabedoria [...] mas em homens ‘cheios do Espírito Santo e de sabedoria’ (At 6.3), e como deve tê-la percebido nEle, ‘que é maior do que Salomão’ [...] descrito como ‘cheio de sabedoria’ (Lc 2.40)”.⁸ Knowling cita Beyschlag que interpreta a **sabedoria** no pensamento de Tiago como “o dom de Deus que prepara o homem para toda boa obra [...] não sendo essencialmente diferente daquilo que é conhecido numa passagem paralela de o dom do Espírito Santo (Lc 11.13)”.⁹

2. *O Dom de Deus* (1.5)

A evidência certamente aponta para a idéia de que esta **sabedoria** da qual Tiago escreve é o melhor dom (presente) que Deus tem para dar ao seu povo. Na verdade, trata-se dEle próprio por intermédio do seu Espírito Santo. Jesus concluiu: “E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? [...] se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11.11, 13). A **sabedoria** que um seguidor de Cristo deve pedir — este “uso correto das oportunidades no viver santo”, este “dom da alma por meio do qual o crente reconhece e percebe [...] justiça” — o autor acredita ser o dom prometido do Espírito Santo.

A sabedoria por todas as decisões futuras da vida cristã não é dada em um único momento, mas Aquele que é a Fonte de todas as escolhas cristãs sábias é prometido como um dom de Deus para aqueles que pedem pela sua presença. Jesus disse o seguinte acerca do Espírito Santo prometido: “Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 16.13). Se faltar ao homem aquilo (sabedoria) que precisa para viver a vida cristã, ele deve pedir a **Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada** (v. 5). Quando Tiago falou da generosidade divina, pode ter lembrado das palavras do nosso Senhor: “porque ele dá o Espírito sem limitações” (Jo 3.34, NVI).

3. *Um Dom Recebido pela Fé* (1.6a)

Se alguém sente falta de poder para enfrentar suas provações com gozo, precisa pedi-la a Deus. **Peça-a, porém, com fé.** Para que o nosso pedido seja concretizado, precisamos ser absolutamente sinceros. Será que realmente queremos o tipo de ajuda

que Deus escolhe dar-nos ou secretamente esperamos encontrar um caminho mais fácil? Temos fé suficiente na sabedoria e no amor de Deus para permitir que nos transforme em pessoas semelhantes a Ele, por meio do dom da sua própria vida? Esse dom, semelhantemente a todo dom espiritual de Deus, vem pela fé: “É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam” (Hb 11.6). **Com fé** “implica oração [...] que pede por sabedoria [...] e que por meio dela o que pede se torna o cristão completo que deve ser”.¹⁰

4. O Dom de uma Alma Unificada (1.6b-8)

O coração dividido não é caminho para triunfar na provação. Se estivermos com o coração dividido, vamos receber somente a metade — ou menos! Seremos como a **onda do mar** (v. 6), que em um momento apressa-se em direção à praia da fé e esperança e no momento seguinte volta-se para o oceano da descrença. Em nosso comportamento em relação a Deus não deve haver inconstância, em que queremos que parcialmente as coisas ocorram do nosso jeito e parcialmente do jeito de Deus. Esta instabilidade é a marca de um **homem de coração dobre** (v. 8; gr., *dipsychos*, lit., dupla alma), um homem de afeições divididas e uma vontade não subjugada, desejando segurar os dois mundos.¹¹ É essa inconstância que não permite que uma pessoa encontre o gozo em suas provações e é essa mesma disposição que vai bloqueá-la de receber a ajuda que precisa de Deus. Uma pessoa deve crer de toda sua alma que há ajuda em Deus. Com base nessa fé resoluto é que uma pessoa pode esperar o dom que está procurando — **ser-lhe-á dada** (v. 5). E o dom é a singeleza de coração que procuramos manifestar no pedido:

*Um coração conformado, submisso, meigo,
O trono do meu grande Redentor,
Onde somente Cristo fala,
Onde Jesus reina soberano. (Charles Wesley)*

C. VERDADEIRAS RIQUEZAS, 1.9-11

Os versículos 9-11 não apresentam uma conexão direta com os versículos 5-8, mas estão relacionados com o tema dos versículos 2-4. Entre as provações que o cristão do primeiro século enfrentava constavam as privações da pobreza, junto com a exploração pelos ricos e poderosos. **O irmão abatido** (v. 9) é um cristão infligido pela pobreza, um dos “meus irmãos” (v. 2) e não apenas um pobre qualquer. **O rico** (v. 11) parece o homem que confia em suas riquezas e não é, portanto, um verdadeiro seguidor de Cristo. No entanto, comentaristas diferem nesse ponto. Se o rico é uma pessoa abastada e impiedosa, então os versículos 10-11 são uma advertência severa ao fim trágico de uma vida impiedosa. Se, por outro lado, **o rico** (v. 10) é um cristão abastado, esses versículos são uma advertência igualmente severa aos convertidos que dependem da sua riqueza material.

1. Origem da Verdadeira Alegria (1.9-10a)

O irmão cristão (v. 9) pode regozijar-se mesmo debaixo da opressão da pobreza. Ele não tem prazer nas suas privações, mas possui a fonte da verdadeira alegria que eleva o

seu espírito acima das limitações materiais. A exaltação é o que a comunhão com Cristo faz pelo sentimento de dignidade de uma pessoa diante de Deus. Quando um homem sabe que pertence a Cristo e aprendeu a valorizar os valores espirituais da vida, não precisa de muitas vantagens materiais para ser um homem satisfeito e alegre (Cf. Fp 4.10-13).

2. O Fracasso da Segurança Falsa (1.10b-11)

Semelhantemente, o único motivo da verdadeira alegria para **o rico** (v. 10) é que ele experimentará **abatimento**. Essa humilhação é a reorientação de valores que o rico experimenta quando ele segue a Cristo. O rico que se torna um discípulo logo aprende o que seu Mestre ensinou: “A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui. Mais é a vida do que o sustento, e o corpo, mais do que as vestes” (Lc 12.15, 23).

Tiago ilustra a segurança a curto prazo de todos os recursos materiais e meramente humanos com uma figura bíblica familiar (cf. Is 40.6-8; 1 Pe 1.24). **A flor da erva** provavelmente refere-se às esplendorosas flores silvestres da Palestina que cresciam nas pastagens (cf. “lírios do campo”, Mt 6.28). **O sol com ardor** (v. 11) era uma figura conhecida para todos que habitaram na Palestina. O vento leste quente do deserto da Síria (veja mapa 2) podia transformar os pastos verdes em pastos secos em um único dia. **A formosa aparência do seu aspecto perece** é graficamente traduzido da seguinte maneira: “A flor murcha, suas pétalas caem e o que era encantador aos olhos, perde-se para sempre” (NEB). Tiago deixa seu ponto claro: **assim se murchará também o rico**. A expressão **em seus caminhos** implica que se refere ao rico impiedoso que confia em suas riquezas. As palavras podem referir-se às jornadas de um comerciante rico e suas atividades desassossegadas em acumular riquezas.

Sabe-se que Paulo extraía suas metáforas das ocupações humanas — construção, agricultura, disputas atléticas e lutas. Tiago, por outro lado, semelhantemente a Jesus, prefere cenas da natureza: “onda do mar” (1.6), “flor do campo” (1.10), “curso da natureza” (3.6), “toda a natureza, tanto de bestas-feras como de aves” (3.7), “fonte” (3.11), “a figueira” (3.12), “o precioso fruto da terra” (5.7) e “o céu deu chuva” (5.18).

D. ENTENDENDO PROVA E TENTAÇÃO, 1.12-18

A palavra **tentação** (v. 12) tem dois significados gerais. Um desses significados refere-se a aflições, perseguições ou provações diante de circunstâncias providenciais. É nesse sentido que Tiago usa a palavra mais no início desse capítulo e no versículo 12. Temeiroso com a possibilidade de que seus leitores pudessem achar que a **tentação interior** tivesse o mesmo significado das provações exteriores, Tiago discute nos versículos 13-18 o significado mais amplo do termo como um convite para o pecado.

1. Recompensa pela Perseverança (1.12)

O versículo 12 não está intimamente relacionado com o versículo 11, mas continua a discussão acerca das provações vista nos versículos 2-4. Tiago afirma nesse ponto que o homem que enfrenta provações com coragem e gozo é um homem **bem-aventurado** (feliz, cf. 5.11). A palavra nos lembra das Bem-aventuranças (Mt 5.10-12) e é encontrada freqüentemente no Antigo Testamento (e.g., Sl 1.1-3) bem como em 1 Pedro 3.14; 4.14. **A**

coroa era usada pelos judeus para representar a felicidade suprema. Aqui a **coroa da vida** pode referir-se a alguma passagem específica do Antigo Testamento, e.g., a tradução da Septuaginta de Zacarias 6.14: “A coroa será dada àqueles que perseverarem”. **Sofre a tentação** (“persevera na provação”, NVI; “suporta, com perseverança, a provação”, ARA) deve ser entendido como enfrentando as provações de acordo com a recomendação dos versículos 2-4. **Quando for provado** traz consigo o significado de “depois de ter sido aprovado” (ARA; cf. Rm 14.18; 16.10; 2 Tm 2.15). O alvo final do cristão é a vida eterna. É uma qualidade de vida que começa aqui e agora, mas o clímax encontra-se além do túmulo. Esse alvo é aqui chamado de **a coroa da vida**, um símbolo que é expresso da seguinte maneira em Mateus 25.21: “Bem está, servo bom e fiel”.

2. A Tentação não Vem de Deus (1.13)

As dificuldades da escolha moral trazem a “coroa da vida” quando as enfrentamos com perseverança, mas elas também podem suscitar perguntas na mente. Quando isso ocorre, passamos da área das provações para o campo da tentação. Tiago tem em mente um homem que busca uma desculpa pelos seus fracassos em ser perseverante. Esse homem diz: “Essa tentação é pesada demais para mim; a culpa é de Deus”.

O autor deixa claro que nenhum homem que sente um impulso de pecar deve dizer: **De Deus sou tentado** (v. 13). Deus permite as provações para tornar-nos fortes, mas Ele nunca nos incita a fazer o mal. Deus é um Deus santo; seu plano de redenção foi planejado para destruir o pecado. Por causa da sua natureza, Deus não pode ser tentado pelo mal; incitar uma das suas criaturas a pecar seria uma violação do seu propósito ao enviar o seu único Filho. Deus permite a possibilidade do mal nas suas formas atraentes no mundo moral, mas Ele não quer que caiamos em tentação.

3. A Tentação Vem de Dentro (1.14)

Tiago conhecia os poderes sobrenaturais do mal que agiam no mundo (cf. 3.6), mas aqui ele procura ressaltar o envolvimento e a responsabilidade pessoal do homem ao cometer pecados. O engodo do mal está em nossa própria natureza. Ele está de alguma forma entrelaçado com a nossa liberdade. A questão é: “Será que eu preferiria ser livre, tentado e ter a possibilidade de vitória ou ser um ‘bom’ robô?” O robô está livre de tentação, mas ele também não conhece a dignidade da liberdade ou o desafio do conflito e não conhece nada acerca da imensa alegria quando vencemos uma batalha.

Tiago diz que **cada um é atraído e engodado pela sua própria concupiscência**. Essa palavra *epithumia* (“desejo”, RSV) pode ter um significado neutro, nem bom nem mal. Assim, H. Orton Wiley escreve: “Todo apetite é instintivo e sem lógica. Ele não identifica o erro, mas simplesmente anela pelo prazer. O apetite nunca se controla, mas está sujeito ao controle. Por isso o apóstolo Paulo diz: ‘Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado’ (1 Co 9.27)”.¹² Este talvez seja o sentido que Tiago emprega aqui.

No entanto, na maioria dos casos no Novo Testamento, *epithumia* tem implicações maléficas. Se for o caso aqui, quando um homem é seduzido para longe do caminho reto, isso ocorre por causa de um desejo errado. Tasker escreve: “Este versículo, na verdade, confirma a doutrina do pecado original. Tiago certamente teria concordado com a declaração de que ‘a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice’ (Gn 8.21).

Desejos concupiscentes, como nosso Senhor ensinou de maneira tão clara (Mt 5.28), são pecaminosos mesmo quando ainda não se concretizaram em ações lascivas”.¹³ Se essa interpretação for verdadeira, há aqui mais uma dimensão na origem da tentação. Desejos errados podem ser errados não somente porque são incontrolados, mas porque, à parte da presença santificadora do Espírito, eles são carnaís.

4. *A Tragédia do Desejo Consumado* (1.15)

No versículo 14, **concupiscência** provavelmente refere-se a qualquer atração para o mal. A linguagem, no entanto, é mais comumente associada à indução ao pecado sexual. Tiago usa essa figura no versículo 15 para traçar o curso do mal, iniciando com um pensamento errado, que resulta em um ato pecaminoso e termina com o julgamento de Deus. Um pensamento errado **dá à luz** quando lhe damos o consentimento da vontade. Segue-se então o ato em si. **Sendo consumado** não se refere tanto ao ato completado do pecado, mas sim ao acúmulo de atos maus que constitui uma vida pecaminosa. Phillips associa este versículo ao versículo 16 e o interpreta da seguinte forma: “E o pecado com o tempo significa morte — não se enganem, meus irmãos!”.

5. *Deus Dá somente Coisas Boas* (1.16-17)

O versículo 16 é com frequência tratado como uma transição do pensamento dos versículos 13-14 para os versículos 17-18. A mudança é brusca: **Não erreis**. Não vagueiam tanto no seu pensamento a ponto de acreditar que qualquer provação ou tentação, com um propósito mal, vem de Deus. Deus somente dá o que é bom — e Ele é a Fonte de todas as coisas boas. Deus nos fez o tipo de pessoas que somos e quando a criação estava completa Ele viu que tudo “era muito bom” (Gn 1.31). Moffatt traduz a primeira parte do versículo 17 da seguinte maneira: “Tudo que recebemos é bom e todos os nossos dons são perfeitos”.

Pai das luzes (v. 17) indubitavelmente tem um duplo sentido. Este termo se refere a Deus como o Criador das luzes do universo físico — sol, lua e estrelas. Mas Ele também é o Pai de toda nossa iluminação espiritual e de todas as bênçãos. Tiago contrasta aqui as mudanças de hora em hora no sol e lua com o caráter imutável de Deus. As luzes nos céus podem mudar de hora em hora e lançar sombras onde previamente haviam lançado luz. Mas no caráter de Deus “não há variação, nem sombra de mudança” (ASV). Ele é imutável. Segue-se como consequência certa do caráter imutável de Deus de que em seu tratar conosco “não há a menor variação ou sombra de inconsistência” (Phillips).

6. *A Glória do Plano de Deus* (1.18)

Quando o autor menciona **nos**, a quem ele se refere: aos leitores em geral ou aos cristãos? Os comentaristas têm pontos de vista divergentes. A verdade é significativa em qualquer um dos casos. Se entendermos **nos** como que significando homens criados à imagem de Deus, o significado é claro. Deus nos fez da maneira que somos — **segundo a sua vontade**. A razão para nossa liberdade, provas, perplexidades e problemas morais envolvendo escolha é que deveríamos ser semelhantes a Ele — **como primícias das suas criaturas**. Ele nos criou com liberdade para escolher o mal ou com liberdade para escolher o bem para que fôssemos em certo sentido os criadores do nosso próprio espírito, a glória coroada da sua **palavra** criativa (cf. Hb 11.3).

Podemos, no entanto, com sólidas evidências exegéticas entender **nos** como que referindo-se à Igreja cristã. Robertson coloca o seguinte título para esse versículo: “O Novo Nascimento”. Deus, que é nosso Pai por meio da criação, é também nosso Pai por meio da redenção. Homens redimidos do pecado são a glória coroada dos propósitos de Deus para a vida humana — “os primeiros espécimes da sua nova criação” (Phillips). A **palavra da verdade** é a verdade do evangelho. Knowling vai mais adiante e afirma: “Não podemos esquecer que o nosso Senhor (Jo 17.17-19) fala da ‘palavra’ que é verdade, por meio da qual os discípulos devem ser santificados”.¹⁴ O propósito final de Deus é conduzir-nos à vitória por meio dos nossos testes para tornar-nos semelhante a Ele em santidade e amor.

E. OBEDIENTES À VERDADE DIVINA, 1.19-27

No versículo 18, Tiago havia mencionado a “palavra da verdade” por meio da qual os homens são nascidos em Deus. Visto que esta Palavra divina nos trouxe para Deus, devemos continuar sendo guiados por ela à medida que vivemos para Ele. Um espírito aberto e receptivo para a Palavra de Deus e para a orientação do seu Espírito Santo sempre é o caminho para fazermos progresso nas coisas de Deus. Um espírito rebelde, combativo e queixoso **não opera a justiça de Deus** (v. 20). Essa receptividade contínua em relação à verdade de Deus é o elo que liga as exortações dos versículos 19-27.

1. *Abandone a Pressa no Falar* (1.19abc)

Hayes nos lembra que Tiago não tem muito a dizer a respeito de pecados da carne, tão característicos dos gentios do primeiro século. Em vez disso ele nos adverte em relação aos pecados que os judeus estavam mais inclinados a praticar — orgulho, impaciência e outros pecados do temperamento e da língua.¹⁶ Dessa forma, o apóstolo cita três preceitos que provavelmente eram conhecidos aos seus leitores: **Todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar** (v. 19). Visto que ele está prestes a apresentar uma advertência severa, Tiago inicia suas palavras com uma expressão de profunda afeição e nela identifica-se com os seus ouvintes — **meus amados irmãos**. Parece mais certo considerar o ouvir e o falar em um sentido geral, em vez de restringir o significado (como alguns fazem) ao ouvir e falar a mensagem do evangelho. Tiago mais tarde (vv. 21-25) trata especificamente do relacionamento do homem com a “palavra” salvadora.

Zeno ressalta que um homem tem dois ouvidos mas somente uma boca; ele, portanto, deveria ouvir duas vezes mais do que falar. Há uma conexão íntima entre o ouvir e o falar; também entre o falar e a ira. Aquele que ouve mais atentamente entende melhor o seu próximo; entender leva a um falar ponderado e a uma resposta branda que “desvia o furor”. O falar impensado, por outro lado, com frequência produz a palavra pesada que “suscita a ira” (Pv 15.1).

2. *Abandone a Ira* (1.19d,20)

A ira quase sempre machuca tanto o nosso próximo como a nós mesmos. A ira carnal sempre machuca. Portanto, **todo o homem** deve ser **tardio [...] para se irar** (v. 19). Ele deve abandonar a ira que **não opera a justiça de Deus** (v. 20). A **justiça de Deus**

significa conduta certa, i.e., fazer o que Deus quer (cf. Mt 6.33). A ira carnal não só nos leva a uma conduta sem amor e a desagradar a Deus, mas esse comportamento irado em um cristão professo levanta dúvida na mente dos observadores e, dessa forma, diminui o progresso do Reino de Deus. Poteat comenta: “A única ira que o homem pode ter é uma ira que Cristo sentiu (cf. Mc 3.5). Esse tipo de ira não é a expressão de uma petulância particular mas de um ressentimento público contra o comportamento e as ações que levam outros a sofrer sem culpa da pessoa irada”.¹⁷

Robertson esboça a verdade do versículo 19 da seguinte forma: 1) Ouvir brilhante (v. 19a); 2) Silêncio eloqüente (v. 19b); 3) Ira insensível (v. 19c-f).¹⁸

3. *Abandone todo o Mal* (1.21)

Pelo que dá a entender que há uma ligação com o texto anterior. Tiago acabou de falar da ira e de sua relação com a vontade de Deus. Sua mente agora se move agora para o contexto mais amplo da vontade de Deus e o mal do homem. **Toda imundícia e acúmulo de malícia** não transmite uma verdade clara para o leitor de hoje. Phillips traduz esse texto da seguinte maneira: “Livrando-se, portanto, de toda impureza e de todo tipo de mal”. A NASB traduz: “Colocando de lado toda imundícia e toda impiedade”. **Rejeitando** (*apothemenoi*) está no tempo aoristo e sugere uma clara quebra com tudo que é contrário à vontade de Deus. Robertson compara o significado deste texto com a figura de Paulo de despojar-se do “velho homem” de pecado e revestir-se do “novo homem” de justiça (Ef 4.2; Cl 3.8). Ele comenta: “Certamente o mal aumenta se não for checado e arrancado pela raiz”.¹⁹ **Acúmulo de malícia** (*kakia*, maldade) não deve ser entendido como “mais do que necessário”. A maldade “por ínfima que seja já é excesso”.

O despojar de todo o mal é a condição para a recepção subsequente da **palavra** [...] **enxertada** (melhor, “implantada”, NVI). Moffatt apresenta a figura da semente e do solo. Ele interpreta: “Prepare um solo de modéstia humilde para com a Palavra que lança suas raízes no interior com poder para salvar a sua alma”. Knowling observa que “a palavra’ descrita dessa forma é raramente distinguível do Cristo que habita em nós”.²⁰ Essa é a palavra **a qual pode salvar a vossa alma**. “Ela traz uma salvação presente aqui e agora (Jo 5.34); é uma nova vida de pureza. Ela ajuda na salvação progressiva do homem completo na sua batalha com o pecado e no crescimento na graça (2 Tm 3.15). Ela leva à salvação final no céu com Cristo em Deus (1 Pe 1.9). O evangelho é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16)”.²¹

4. *Aja de Acordo com a Palavra* (1.22-25)

Tiago em nenhum lugar chega mais próximo dos ensinamentos do seu Irmão e Senhor do que na ênfase dessa passagem. Jesus declarou: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). Tiago ecoa esse ensinamento na forma imperativa²²: **E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos** (v. 22). Tiago provavelmente tinha em mente o cenário de uma típica congregação cristã primitiva com o seu estilo de adoração típica da sinagoga. O líder lia textos do Antigo Testamento e do Novo Testamento para a edificação dos ouvintes. Mayor sugere que o imperativo aqui não significa simplesmente “sede”, mas sim, “mostrem-se cada vez mais”.²³

O homem que ouve a verdade, mas não a aceita, e molda sua vida de acordo com essa verdade, é semelhante a um homem que olha para sua imagem no **espelho** (v. 23), mas não presta atenção naquilo que vê. O propósito do espelho é mostrar-nos o que somos — para revelar-nos qualquer mancha de sujeira que precisa ser limpa ou sinais de doenças que precisam ser curadas. **Seu rosto natural** é literalmente “o rosto do seu nascimento”. Ross observa: “O espelho da Palavra de Deus revela o homem como ele é; ele mostra que há algo seriamente errado com a natureza que trouxe para o mundo com ele”.²⁴

No versículo 25, Tiago continua descrevendo a figura de um espelho, mas sua imagem não pode transmitir toda a verdade. Um espelho reflete somente o rosto que está diante dele, mas a Palavra de Deus nos mostra tanto o que é a nossa natureza humana quanto o que é o ideal divino para nós. **A palavra** no versículo 22 é no versículo 25 chamada de **a lei perfeita da liberdade**. A lei de Deus para o homem não é reforçada pela compulsão externa, mas é livremente aceita como o desejo e alvo daqueles que são guiados por ela. Somos assegurados que aquele **que atenta bem [...] e nisso persevera [...] será bem-aventurado**. Phillips diz: “O homem que olha [...] e torna isso um hábito [...] alcança a verdadeira felicidade”. À medida que continuamos a nos concentrar na “glória do Senhor” revelada em sua Palavra, Paulo declara que “somos transformados de glória em glória” (2 Co 3.18).

5. *Religião — Falsa e Verdadeira* (1.26,27)

Nos versículos 22-25, temos observado as obrigações do cristão para realizar toda a vontade de Deus. Aqui temos uma aplicação particular. O versículo 26 volta ao tema do controle da fala introduzido no versículo 19 e discutido mais detalhadamente em 3.1-18. A frase **Se alguém entre vós cuida ser religioso** (v. 26) pode dar uma impressão errada. O grego *dokei* significa “de acordo com a sua avaliação”. Não é ao hipócrita mas ao auto-iludido que Tiago está escrevendo; a próxima cláusula **engana o seu coração**, deixa isso claro. A palavra **religioso** (*threskos*) refere-se à religião nas suas formas e cerimônias exteriores. O autor está preocupado com aqueles cuja religião consiste de rituais mas carece de santidade. *Cartas Vivas* apresenta uma paráfrase impressionante: “Se alguém diz que é cristão, mas não controla a sua língua afiada, está apenas enganando-se a si mesmo e a sua religião não vale nada”.

No versículo 26, o problema está na língua descontrolada. No versículo 27, o problema está na indiferença à necessidade humana e “o contágio da lenta mácula do mundo”. Tiago não está dando aqui uma completa definição da religião cristã. O que ele discute não é o todo, mas sim as duas partes indispensáveis da **religião pura e imaculada** (v. 27). A preocupação social e a conduta santa são o corpo no qual o Cristo vivo é a Alma vivente. Knowling²⁵ ressalta que os dois títulos equilibram de maneira apropriada as duas cláusulas que se seguem:

Para com o Pai — visitar os órfãos e as viúvas.

Para com Deus — guardar-se da corrupção do mundo.

Tiago usa o termo **mundo** num sentido empregado em outros textos do Novo Testamento. Este mundo é a “ordem” ou esfera da vida humana separada de Deus porque já não é mais uma expressão da sua vontade.

SEÇÃO III

PADRÕES DE VALORES CRISTÃOS

Tiago 2.1-13

Nesta seção, Tiago retorna a um tratamento mais abrangente da sua preocupação, expressada em 1.9-11, no que diz respeito à atitude cristã apropriada em relação às riquezas. Sua advertência está claramente em concordância com a própria ênfase de Jesus no sentido de não podermos ao mesmo tempo ser servos de Deus e servos do dinheiro (cf. Mt 6.24). A advertência de Tiago também é sustentada por Paulo: “Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males” (1 Tm 6.10). O problema é tão antigo quanto o homem, mas a admoestação de Tiago também é tão relevante hoje como os conselhos de um médico quanto a exames médicos regulares para detectar os primeiros sintomas de um câncer.

A. UMA FALSA MEDIDA DOS HOMENS, 2.1-4

A preocupação específica de Tiago é que uma congregação cristã não deve cortejar o favor dos ricos *por causa da sua riqueza*. Será que essas palavras não podiam ser dirigidas diretamente a uma igreja de classe média de um bairro nobre? É possível que essas palavras tenham sido dirigidas a uma nova congregação buscando conquistar seu espaço na comunidade? Elas falam a nós quando estamos procurando atrair pessoas que podem pagar os nossos orçamentos? Todos esses alvos são dignos, mas a Bíblia nos ordena a tomar cuidado! Tiago nos adverte para não sermos parciais com pessoas da classe mais

abastada quando vêm à nossa congregação, nem dar-lhes um tratamento preferencial *nos nossos esforços para ganhá-los*. Se o fizermos, não estamos seguindo os ensinamentos de Jesus.

1. O Mandamento (2.1)

O versículo 1 deveria ser lido como um mandamento para estar em concordância com a natureza imperativa da epístola.¹ Mas Tiago começa sua palavra de repreensão onde toda repreensão eficaz deve começar — ele identifica-se com aqueles que repreende. Ele escreve aos **meus irmãos** (v. 1) e “meus amados irmãos” (v. 5). Como um sábio líder de igreja, Tiago pede aos seus leitores que avaliem a conduta deles em relação à sua lealdade cristã suprema — **a fé de nosso Senhor Jesus Cristo**. A expressão **não tenhais a fé** é uma referência à fé que eles cultivavam e à forma em que deveriam fazê-lo. Tiago estava escrevendo a homens e mulheres cristãos. Eles estavam bem cientes do significado da fé cristã — a religião que Cristo tinha trazido ao mundo. **Aceção de pessoas** significa parcialidade; a exortação é: “Não mostrem nenhum tipo de preconceito e de parcialidade” (NT Ampl.). Phillips coloca a exortação de maneira ilustrativa: “Meus irmãos, jamais procurem misturar esnobismo com fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo!”.

2. A Ilustração (2.2-4)

Esses versículos são um tipo de ética cristã para os “introdutores da igreja”. No entanto, na Igreja do primeiro século, eles foram provavelmente dirigidos, não aos introdutores, mas a qualquer membro da congregação que tinha um assento especial no culto. Talvez Tiago tivesse observado este tipo de tratamento preferencial na igreja de Jerusalém ou em alguma congregação vizinha que havia visitado. **O ajuntamento** (v. 2; gr., *synagogue*) seria o lugar onde os cristãos — provavelmente um grupo misto de convertidos judeus e gentios — se reuniam para adorar. É o mesmo termo usado para as sinagogas judaicas. Esta era uma palavra e uma forma de adoração que a Igreja Primitiva tomou emprestadas diretamente dos seus ancestrais hebreus. Deveria ser mencionado, no entanto, que esse é o único texto no Novo Testamento em que uma congregação cristã é chamada de “sinagoga”.

Presumimos que o **homem com anel de ouro** e o **pobre** eram visitantes e não membros regulares. Há divergência de opinião se esses eram visitantes cristãos ou não-cristãos. Isso, no entanto, não muda a verdade espiritual do texto. A atitude mostrada aos homens era errada em ambos os casos. E se o homem bem vestido era o tipo de pessoa descrito nos versículos 6,7, mesmo sendo membro, sua mudança de religião não havia transformado seu interior. O ato não cristão imediatamente julgaria o valor do homem pela aparência do seu traje. O **anel de ouro** indicava que esse homem era do Senado ou um nobre romano. Durante os primeiros anos do império, somente homens nessa posição tinham o direito de usar esse tipo de anel. **Sórdida vestimenta** significa uma toga branca. Essa vestimenta era usada freqüentemente por candidatos a um ofício político.² **Atentardes** (v. 3) deveria ser entendido como prestar atenção especial ao homem de aparência próspera. As cadeiras da sinagoga, ou outros assentos, eram geralmente guardados para os anciãos e escribas. Um lugar de honra nesses assentos seria oferecido a uma pessoa de posição. Pessoas de uma posição inferior ficavam em pé ou sentavam no chão. **Abaixo do meu estrado** pode ser entendido “aos meus pés” (RSV).

Porventura não fizeste distinção dentro de vós mesmos? (v. 4) tem duas interpretações possíveis. Alguns entendem que este texto faz distinções entre membros e, dessa forma, está dividindo a igreja. O NT Amplificado traduz da seguinte forma: “fazendo discriminação entre vós mesmos”. Outros interpretam a frase como sendo simplesmente um pensamento paralelo à última parte do versículo. A NEB traduz esse versículo da seguinte maneira: “Vocês estão percebendo que estão sendo incoerentes e julgam de acordo com padrões falsos?”. **Juízes de maus pensamentos** é melhor traduzido por: “juízes com pensamentos maus” (RSV), i.e., tendo pensamentos com motivações erradas. Esses juízes estavam usando padrões errados. Que tipo de pensamentos maus esses cristãos mal-orientados estavam tendo? 1) Que a vestimenta fina era a marca de homens finos e que roupa comum significava caráter comum. 2) Que a riqueza é um marco do valor das pessoas. 3) Que a posição financeira fazia diferença na aceitação na igreja. 4) Que “sistemas de castas” sociais e econômicas são aceitáveis para Cristo e apropriadas para sua Igreja.

B. A VERDADEIRA MEDIDA DOS HOMENS, 2.5-7

Os textos de Tiago são variados em estilo. Frequentemente ele escreve sentenças curtas que nos lembram os provérbios. Mas aqui ele é tão cuidadoso quanto Paulo em alinhar sua sequência de argumentos.

1. *Deus Escolhe os Pobres* (2.5,6a)

Ouvi (v. 5) é um imperativo que significa: “Espere um minuto; preste atenção”. Esse termo é comparável ao uso de Jesus de “na verdade, na verdade” (cf. Jo 3.5). Tiago aqui reprova seus companheiros cristãos, mas é a repreensão amorosa aos **meus amados irmãos**. Ele é sensível aos maus tratos dados **aos pobres** e às ações muitas vezes insensíveis e desumanas dos ricos (cf. 5.1-6). Mas ele não defende os pobres por causa da sua pobreza, nem ataca os ricos por causa da sua riqueza. Em vez disso, sua defesa e ataque são baseados em outros fatos. Admitidamente, ele reconhece esses fatos como geralmente verdadeiros nas respectivas classes.

O argumento de Tiago é que **vós desonrastes** (v. 6) aqueles que **Deus** escolheu (v. 5). “Não é que Deus limitou sua escolha aos pobres, mas de acordo com a história, eles foram a sua primeira escolha (veja Lc 1.52; 1 Co 1.26)”.³ A escolha de Deus também não foi arbitrária. É simplesmente um fato que o pobre e o oprimido são mais responsivos ao evangelho do que os ricos que dependem do poder do seu dinheiro. Em todo caso, Tiago deixa claro que os pobres de quem ele fala são aqueles que são **ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam**.

2. *A Pobre Escolha dos Ricos* (2.6b,7)

Favorecer os ricos e desprezar os pobres simplesmente não faz sentido para os cristãos. João Calvino comentou que é estranho honrar nossos algozes e ao mesmo tempo ferir nossos amigos! Provavelmente Tiago estava se referindo a judeus ricos. Na Palestina, ele havia visto os ricos saduceus oprimirem a Igreja (At 4.1-4). Ele também podia estar familiarizado com as experiências de Paulo nas cidades gentias.

As três acusações específicas são dirigidas contra os ricos, das quais a igreja procurava obter favor. Opressão e julgamentos no tribunal são as primeiras duas acusações; blasfêmia é a terceira. Em todas elas, Tiago apela ao conhecimento e conveniência do leitor. “Não são os ricos que oprimem vocês e pessoalmente [lit., eles próprios] os arrastam para os tribunais? Não são eles que blasfemam o bom nome que sobre vocês foi invocado?” (NASB). A referência aponta para a experiência do batismo no qual **o bom nome**, i.e., o nome de Cristo, foi invocado sobre eles. O uso de **o [...] nome** em vez de Deus ou Cristo por parte do autor, parece refletir seu treinamento judaico no qual sempre havia uma reverência muito grande pelo nome de Deus, ao ponto de hesitar-se mencioná-Lo.⁴

C. A LEI QUE ESTÁ SEMPRE CERTA, 2.8-13

1. A Lei Real (2.8)

Nesse parágrafo (vv. 8-13) Tiago nos leva de volta, como sempre deve ocorrer quando avaliamos o caráter da nossa conduta, à regra básica para o cristão — **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (v. 8). Sempre “faremos bem” se fizermos aquilo que gostaríamos que os outros fizessem a nós se as condições fossem desfavoráveis.

Essa lei, que orienta a conduta cristã, está **conforme a Escritura**. Ela foi extraída do Antigo Testamento (Lv 19.18) e reafirmada nos ensinamentos de Jesus (Mt 22.39). Ela é **a lei real** porque é a palavra do nosso Senhor. Ela é **a lei real** porque se a guardarmos em ato e em verdade, não podemos quebrar nenhuma das leis de Deus que regem nossos relacionamentos com nosso próximo. Guardar essa lei é guardar toda a lei.

2. A Parcialidade é Pecado (2.9-11)

O autor está se aproximando da conclusão do seu argumento: se os cristãos observarem a lei do amor estarão agradando a Deus, mas quando mostrarem parcialidade estarão cometendo pecado. Nos versículos 9-11, ele antecipa uma objeção possível. “Por que fazer um alarde tão grande quanto ao respeito às pessoas? É apenas uma ofensa isolada e certamente não deve ser levada tão a sério”.⁵ Tiago refuta essa objeção ao ressaltar que a quebra de qualquer parte da lei é quebrar toda a lei.

a) *Qualquer pecado quebra a lei de Deus* (2.10). O que Tiago quer dizer quando afirma que se o homem **tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos** (v. 10)? Ele certamente não quer dizer que quebrar um mandamento é tão ruim em suas conseqüências quanto quebrar todos os dez. Ele também não quer dizer que as conseqüências de uma falha pequena são tão sérias quanto os resultados de um pecado flagrante. Alguns dos estóicos mais extremos declaravam que o roubo de um centavo era tão sério quanto matar os pais. Mas Tiago era um cristão e não um estóico. Jesus ensinou que um homem deve amar a Deus de todo o coração. Qualquer pecado é uma evidência de que o meu amor por Deus é algo menos do que completo. Um pecado é, portanto, tão mal quanto outro no sentido de quebrar minha comunhão com Deus. Se este pecado não é perdoado e a comunhão não é restaurada, a pessoa acaba rompendo sua união vital com Deus. Nesse sentido, um homem é **culpado de todos**: guardar todos os outros

mandamentos não tem valor alguma em satisfazer a Deus, se rejeito a sua vontade para a minha vida em algum ponto. Nesse sentido um homem é “culpado de todos ao violar *toda a lei*, embora não viole a lei *no seu todo*, porque [ele] transgride o *amor*, que é o cumprimento da lei”.⁶ Uma pessoa não pode cometer o pecado de voluntariamente desprezar a personalidade humana e ser agradável a Deus, da mesma forma que não pode violar um outro mandamento e continuar mantendo o favor de Deus.

b) *A parcialidade é uma questão séria* (2.11). No versículo 9, Tiago disse que se mostrarmos parcialidade somos **redargüidos** (condenados) **pela lei como transgressores**. Ele agora procura mostrar a seriedade dessa transgressão. O mesmo Deus que disse: “Não adulterarás”, ordenou “Não matarás” — e esse tipo de destruição da individualidade é assassinato (cf. Mt 5.21-22). Ficar irado contra um homem é algo devastador; quem despreza uma pessoa, aos olhos de Deus, está cometendo assassinato. Uma pessoa pode ser destruída por uma atitude errada tanto quanto por um golpe físico.

3. *A Vida à Luz do Julgamento de Deus* (2.12,13)

Não podemos agradar a Deus nessa vida se a nossa conduta viola a lei real. Quando enfrentarmos o Dia do Julgamento, a mesma lei estará em vigor. Por isso, Tiago exorta: **Assim falai e assim procedei, como devendo ser julgados pela lei da liberdade** (v. 12).

O cristão não está debaixo da lei de Moisés. Desde que Cristo veio, estamos debaixo da **lei da liberdade** (v. 12). Somos libertos dos detalhes triviais da antiga lei, mas seremos julgados pela lei de Cristo — “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.37, 39). Essa lei é mais rigorosa e, ao mesmo tempo, mais branda do que a lei mosaica.

Será um julgamento mais profundo do que o julgamento do homem, porque não será contido por preceitos particulares ou mesmo pela ação exterior, qualquer que seja o caso, mas penetrará na motivação interior. Por outro lado, ela varrerá todo questionamento ansioso quanto ao cumprimento exato de cada preceito em particular. Se o verdadeiro espírito do amor a Deus e ao homem está em você, isso é aceito como o real cumprimento da lei”.⁷

O lado rigoroso do julgamento do Novo Testamento é claramente mencionado: **Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não teve misericórdia** (v. 13). Jesus confirma essa posição em Mateus 6:15: “Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas”. Mas, mesmo nesse caso, Deus continua sendo um Deus de misericórdia e **a misericórdia triunfa sobre o juízo** (v. 13).

À luz dessas verdades, só nos resta orar: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau” (Sl 139.23,24). Não permita que eu peque, sendo parcial para com os ricos ou desprezando os pobres, mesmo que para isso eu use nomes mais agradáveis. Ensina-me a julgar minha conduta à luz da tua Palavra. Ajuda-me a não ser guiado pelos meus medos ou pelos preconceitos dos dias em que vivo. Guia-me pelos caminhos que devo trilhar; então poderei chegar diante de Ti sem medo. Em nome de Jesus, eu oro. Amém.

SEÇÃO IV

OBRAS SEGUEM A FÉ VERDADEIRA

Tiago 2.14-26

Essa seção tem levantado dúvidas na mente dos leitores da Bíblia porque parece contradizer o ensinamento do apóstolo Paulo referente à questão de fé e obras. Nas suas epístolas aos Romanos e Gálatas, Paulo ensina que não podemos ser salvos pelas obras; recebemos a salvação somente pela fé. Nessa passagem, Tiago afirma que somente a fé não é suficiente para a salvação. Para que ocorra a salvação, a fé precisa estar acompanhada de obras.

A contradição é apenas aparente. Os estudantes da Bíblia concordam que os dois autores inspirados estavam dando significados diferentes às mesmas palavras. Quando Tiago usa a palavra fé, ele se refere a um consentimento meramente intelectual. Quando Paulo fala de fé, ele se refere à convicção que traz consigo o consentimento da vontade. Quando Paulo fala de obras, ele se refere às obras da lei, i.e., as obras do legalismo judaico que nunca podem salvar a alma. Quando Tiago fala das obras ele se refere às boas ações que fluem naturalmente de um coração cheio de amor para com Deus e o próximo.

É evidente que Paulo concorda substancialmente com os ensinamentos de Tiago, porque ele também enfatiza que o conhecimento sem ação é inútil. Ele escreve: “Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados” (Rm 2.13). Tem sido argumentado que o ensino de Paulo de que a salvação é somente pela fé e o de Tiago que inclui também as obras, não estão face a face, lutando um contra o outro, mas de costas um para o outro, combatendo inimigos opostos; os dois ensinamentos estão do mesmo lado, embora possa parecer que sejam contrários.

Nessa seção, Tiago trata da interação da fé com as obras na vida cristã. Sua tese básica é a seguinte: se alguém declara ter fé, mas esta fé não vem acompanhada de obras, ela é inútil. Essa seção, semelhantemente a 2.1-13, é uma apresentação meticulosamente argumentada. A tese é explicada nos versículos 14-17; nos versículos 18-20, Tiago responde a uma objeção; nos versículos 21-25, ele fornece provas bíblicas e, no versículo 26, apresenta um resumo.

A. QUANDO A FÉ NÃO É FÉ, 2.14-17

1. *Confissão Inútil* (2.14)

Como em 2.1, Tiago suaviza sua exortação ao identificar-se com seus leitores. Ele escreve aos **meus irmãos** (v. 14). A fé que Tiago rejeita não é reconhecida por ele como fé verdadeira. Ela é uma confissão ou declaração, mas não uma realidade. **Que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo?** Phillips apresenta o sentido correto da segunda pergunta: “Porventura esse tipo de fé poderia salvar a alma de alguém?”.

2. *Uma Parábola* (2.15-17)

Os versículos 15-16 têm sido descritos como uma “pequena parábola” com a aplicação dada no versículo 17. João usa um argumento similar: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 Jo 3.17, ARA). A intolerância de Tiago com a fé sem prática aparece de forma aguda na seguinte paráfrase: “Se vocês tiverem um amigo que está necessitado de alimento e vestuário, e lhe disserem: ‘Bem, adeus, e que Deus o abençoe; aqueça-se e coma bem’, e depois não lhe derem roupas ou alimentos, que bem faz isso?” (A Bíblia Viva). Clarke comenta: “Ao falar isso para eles, sem lhes dar nada, o proveito deles será igual à sua fé professada. Sem essas obras, que são os frutos genuínos da verdadeira fé, qual será o seu proveito no dia em que Deus virá sentar e julgar a sua alma?”.¹

Essa fé é **morta** (v. 17) — interiormente morta, bem como exteriormente inoperante. Ela não é apenas infrutífera, mas não tem uma vitalidade própria capaz de produzir frutos de justiça. Essa fé é morta **em si** mesma, ou seja, não há obras que a acompanham.

A menção específica de **irmã** (v. 15) é entendida por Ross como uma evidência contra a teoria defendida por alguns, de que temos em Tiago um documento pré-cristão de origem judaica. Ele escreve: “‘Irmãs’ devem receber um tratamento igualitário em relação aos irmãos na Igreja dEle, onde não há homem nem mulher (Gl 3.28)”.²

Nus (*gumnoi*) deve ser entendido como mal-vestido (cf. Mt 25.36).

B. UMA OBJEÇÃO RESPONDIDA, 2.18-19

Nesse ponto, Tiago introduz a visão de um oponente imaginário que rejeita a idéia de que a fé possa existir sem obras. **Mas dirá alguém** (v. 18) implica que um argumento bem conhecido está sendo apresentado. Tiago não argumenta a favor da proeminência

das obras sobre a fé; ele apenas insiste em que a fé cristã não é válida se não for acompanhada de obras de justiça. O apóstolo diz: “Eu reivindico fé *bem como obras!*”. Para aquele que diz que fé e obras podem existir independentemente Tiago apenas pode responder: “Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras” (NVI).

No versículo 19, Tiago cita corretamente a crença num Deus único e verdadeiro como o princípio central da fé mantido pelo seu oponente. Isso era básico para a fé judaica conforme é mostrado por um dos seus escritores: “Aquele que prolonga a expressão da palavra Um (Dt 6.4) verá seus dias prolongados”. Mas, crer em Deus também é o fundamento da fé cristã (cf. 1 Co 8.6; Ef 4.6).

Algumas versões colocam a primeira parte do versículo 19 em forma de pergunta (como ocorre na ARC): **Tu crês que há um só Deus?** Tiago responde: **Fazes bem** (v. 19). Até aqui, tudo bem — mas isso não é suficiente: **também os demônios** (*daimonia*) **crêem e estremecem**. Apenas fé — no sentido de reconhecer Deus sem responder a Ele em ação obediente — é uma religião que mesmo os demônios professam (cf. Mt 8.29; Mc 1.24). Mas essa fé não é uma fé salvadora; eles apenas **estremecem** (“tremem”, NVI). “A fé que eles têm é mostrada pelo seu terror, uma emoção de interesse próprio, mas isso não os salva”.³ João Wesley comenta acerca daqueles que têm uma fé tão limitada: “Isso prova somente que vocês têm a mesma fé dos demônios [...] eles [...] tremem com a expectativa terrível do tormento eterno. Essa fé certamente não pode justificá-los nem salvá-los”.⁴

C. PROVAS DA HISTÓRIA HEBRAICA, 2.20-26

Tiago agora volta-se para as provas que deveriam ter o maior peso para os seus leitores — evidências das Escrituras, que eles aceitavam como autorizadas. Nos dois exemplos, as pessoas do Antigo Testamento foram levadas a agir de acordo com a sua fé em Deus, em vez de meros sentimentos de bondade humana natural.

1. Introduzindo a Evidência (2.20)

A expressão: **queres tu saber?** (v. 20, lit., você gostaria de saber?), introduz esse novo rumo na argumentação. A pergunta parece inferir uma relutância que beira a perversidade no homem questionado. O sentido correto seria: “Você realmente quer uma prova irrefutável?”. **Ó homem vão** significa “insensato” (NVI) ou “de cabeça vazia”. Trench diz que esse tipo de homem “é alguém em quem a sabedoria superior não encontrou espaço, mas que está inchado com uma vaidade vã do seu próprio discernimento”.⁵ Tiago repete aqui sua premissa básica de que **a fé sem as obras é morta** (“inútil”, NVI; lit., sem obras, inativa). Essa fé sem vida não produz nada de importante.

2. O Argumento de Abraão (2.21-24)

O versículo 21 fala de **Abraão** como sendo **justificado pelas obras**. Isso parece estar em contradição direta com Paulo, que escreveu: “Creu Abraão [tinha fé] em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça” (Rm 4.3; cf. Gl 3.6). Tanto Tiago quanto Paulo recorrem à verdade em Gênesis 15.6 para suportar seus argumentos. A reconciliação pode ser encontrada nos eventos específicos na vida de Abraão à qual Paulo e Tiago se referem; também no sentido em que usaram o termo **justificado** (v. 21).

Paulo refere-se à fé do patriarca Abraão no tempo em que Deus prometeu dar-lhe um filho (Gn 15.1-6). A sua fé era uma fé que aceitava a promessa de Deus sem ter provas concretas. Tiago, por outro lado, referiu-se à fé do patriarca quando **ofereceu sobre o altar o seu filho** (Gn 22.1-19). “Tiago não está falando da imputação original de justiça a Abraão em virtude da sua fé, mas da prova infalível [...] de que a fé que resultou nessa imputação era uma fé real. Ela se expressava em uma obediência tão completa a Deus que 30 anos mais tarde Abraão estava pronto, em submissão à vontade divina, para oferecer **o seu filho Isaque**. O termo **justificado** nesse versículo significa na verdade ‘revelado para ser justificado’”.⁶

A interação inseparável entre a fé cristã e a ação é deixada clara em uma tradução mais recente do versículo 22: “Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras” (NVI). Se aceitarmos a evidência de Tiago, devemos aceitar sua conclusão: “Vocês vêem, portanto, que um homem é salvo pelo que ele faz, tanto como pelo que ele crê” (v. 24, A Bíblia Viva).

A expressão **Abraão, o nosso pai** (v. 21) é, às vezes, usada para apoiar o argumento de que os receptores dessa epístola eram judeus ou pelo menos de origem judaica. Mas o conceito de Abraão como o “pai dos fiéis” — gentios e judeus — era um conceito cristão do primeiro século (cf. Rm 4.16; Gl 3.7-9).

Em apoio à realidade da justiça de Abraão, Tiago ressalta que ele **foi chamado o amigo de Deus** (v. 23). Em 2 Crônicas 20.7, Abraão é chamado de “amigo [de Deus], para sempre”; e em Isaías 41.8, Deus chama Israel de “semente de Abraão, meu amigo”. Essa expressão **“amigo de Deus”** parece significar “que Deus não escondeu de Abraão o que propôs fazer (veja Gn 17.17). Abraão foi privilegiado em ver alguma coisa do grande plano que Deus estava realizando na história. Ele exultou em ver o dia do Messias (veja Jo 8.56)”.⁷

3. A evidência de Raabe (2.25)

Tiago escolheu **Raabe, a meretriz** (v. 25) para seguir o exemplo de Abraão, o fiel, em sua exposição de provas do Antigo Testamento, de que a fé não funciona sem obras. Nesse caso, recebe o apoio do autor aos Hebreus (cf. Hb 11.17-19, 31). Tiago parece enfatizar que o princípio que ele tem defendido é universal e que não há espaço para exceções. Ele cita Raabe, que era “gentia, mulher e prostituta”.

Em Hebreus, o autor ressalta que a ação de Raabe era “por fé”. Tiago não nega isso, mas insiste que ela foi **justificada pelas obras**, no sentido de que suas ações eram uma prova da sua fé. “Ela cria em Deus e evidenciou a sua fé pelo transtorno que enfrentou ao receber os espiões e auxiliá-los a escapar, arriscando a sua própria vida. Certamente, essa não era uma fé comum!”.⁸

4. O Resumo Conclusivo (2.26)

Semelhantemente a um advogado diante do júri ou um debatedor diante de um auditório, Tiago apresenta um resumo do argumento que desenvolveu nos versículos 14 a 25. “Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé está morta sem obediência” (v. 26, Weymouth). Quando corpo e espírito estão separados, ocorre decadência e morte. Similarmente, quando a fé e suas “obras de obediência” (NT Ampl.) estão separados, a fé morre. Moffatt observa a relação próxima entre a verdade aqui declarada e o princípio que Tiago estabelece em 4.17: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado”.

SEÇÃO V

DISCURSO CRISTÃO

Tiago 3.1-12

Essa seção é completa em si mesma e trata do problema prático do cristão e seu uso da língua. Embora esses versículos sejam completos, eles também estão relacionados ao restante da epístola. A abordagem ampla de Tiago acerca do comportamento cristão inclui o tema relacionado à fala. O autor volta a abordar de maneira mais detalhada uma das idéias apresentadas em 1.19: “Todo o homem seja [...] tardio para falar”. A transição do tema de 2.14-26 ocorre de maneira natural; Tiago está preocupado com as *palavras* bem como com as *obras* do cristão.

A. RESPONSABILIDADE DOS MESTRES, 3.1,2A

O sentido do versículo 1 está claramente expresso por Moffatt: “Meus irmãos, não insistam em tornar-se mestres; lembrem-se: nós mestres seremos julgados com mais rigor”. Aparentemente a ânsia entre os primeiros cristãos de assumir o papel de **mestres** (professores) motivou Tiago a escrever essa seção da sua carta. Para uma melhor compreensão dessa passagem, Lenski argumenta que “deveríamos lembrar que nas primeiras igrejas qualquer membro podia falar nas reuniões. O texto de 1 Coríntios 14.26-34 é instrutivo: qualquer irmão pode contribuir com alguma palavra. No entanto, Paulo coloca restrições: essa contribuição deve ocorrer apenas com o propósito da edificação; ela deve ocorrer com a devida ordem; somente dois ou três devem falar e as mulheres devem manter o silêncio. Tiago apresenta as mesmas idéias”.¹

Mais uma vez, Tiago identifica-se com os seus leitores: **Meus irmãos**. Essas admoestações não têm a intenção de proibir qualquer cristão de fazer o que for possível para orientar outras pessoas na vida e conduta cristã. Elas visam lembrar-nos das nossas responsabilidades em vez de impedir-nos das nossas obrigações. A advertência é dirigida às pessoas teimosas e àqueles que estão procurando fama (cf. Mt 23.8-10). Tiago está dizendo: Não sejam ansiosos por dirigir a vida dos outros, porque essa tarefa requer uma grande responsabilidade. Presume-se que o mestre tenha um conhecimento maior; essa luz adicional requer vida mais intensa. Se falharmos, **receberemos mais duro juízo** porque temos menos desculpas para errar.

O apóstolo nos lembra que **todos tropeçamos em muitas coisas** (v. 2). Uma tradução mais correta seria: “Todos nós cometemos erros” (RSV). Todos nós podemos tropeçar (cf. 1 Co 10.12); todos nós temos grandes chances de cometer equívocos e somos propensos a errar; por isso, corremos sérios riscos ao assumir voluntariamente o papel de guia. Wesley comenta: “Não coloque mais sobre as suas costas do que Deus confiou a vocês, visto que é tão difícil não ofender ao falar muito”.²

B. O USO CORRETO DA LÍNGUA, 3.2B-5A

Tiago começou sua discussão do falar cristão em conexão com as responsabilidades dos mestres. Aqui, com a frase “**se alguém**”, ele estende a aplicação para todos os cristãos.

1. *Um Princípio Orientador* (3.2b)

Tiago usa o artifício da repetição de palavras para aumentar a ênfase. “Tropeçamos” em 2a é seguido de **tropeça** em 2b. Ele diz que se **alguém não tropeça em palavra** — se não cometemos erro no falar — podemos ser considerados homens perfeitos. Aquele que controla suas palavras pode **refrear** (guiar ou controlar) toda a sua conduta. Isso provavelmente não é um termo literal porque um homem poderia manter sua fala sob controle e mesmo assim pecar de outra forma. Tiago está usando um tipo de provérbio — uma generalização para enfatizar o lugar-chave da fala na vida cristã. Ela é comparável à afirmação de Jesus: “Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado” (Mt 12.37).

O que Tiago quer dizer com **varão [...] perfeito**? O adjetivo **perfeito** (*teleios*) normalmente refere-se ao propósito ou função do substantivo modificado. Nesse contexto, poderia significar: “aqueles que alcançam plenamente o seu elevado chamado”.³ O cristão que é cristão no seu falar está agradando plenamente a Deus. Ele é **varão [...] perfeito**, no sentido que Jesus ordenou aos seus discípulos a usar um falar franco e direto (Mt 5.37) e então acrescentou: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5.48). À luz dessa verdade um cristão apenas pode se unir à oração do Salmista: “Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, rocha minha e libertador meu!” (Sl 19.14).

2. *Algumas Ilustrações* (3.3-5a)

A palavra “refrear” (v. 2) levou Tiago a usar a ilustração do **freio nas bocas dos cavalos** (v. 3). **A língua é um pequeno membro** (v. 5), mas ele nos lembra que o

tamanho do instrumento não é a verdadeira medida da significância das nossas palavras. Três figuras marcantes são usadas para chamar a atenção do leitor para essa verdade. As primeiras duas ilustram os valores positivos do falar controlado. O **freio nas bocas dos cavalos** (v. 3) é uma coisa pequena, mas ao usar o freio, literalmente ao controlar a língua do cavalo, guiamos o animal e atingimos os nossos propósitos. O **leme** (v. 4) é **bem pequeno** em comparação com o navio, mas ao controlar o leme, o piloto guia o navio de maneira segura.

Nas duas ilustrações, o autor mostra que algumas coisas muito pequenas podem produzir resultados bastante significativos. O mesmo ocorre com a nossa fala: “É isto que acontece com a língua: mesmo pequena, ela se gaba de grandes coisas!” (NTLH).⁴ Embora os efeitos do falar estejam, com frequência, fora de proporção em relação ao tamanho da língua, esses efeitos podem ser salutares e construtivos. A chave é o controle, e esse controle é nosso dever cristão.

C. TRAGÉDIAS DA LÍNGUA, 3.5B,6

A terceira figura de Tiago que contrasta a magnitude da causa e a extensão dos efeitos também introduz a idéia dos resultados trágicos do falar incontrolado: **Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo** (vv. 5-6). Tiago agora descreve a língua perversa. Easton traduz: “Neste mundo de injustiça, a língua é colocada entre os nossos membros”.⁵ Esse fogo destrói com o seu calor e **contamina todo o corpo** (v. 6) com sua fumaça. O incêndio inflamado por uma língua descontrolada é causado pelo Diabo; **é inflamada pelo inferno**. O **curso da natureza** é interpretado da seguinte forma: “O curso normal dos afazeres humanos é inflamado — tornando-se destrutivo para a humanidade — por línguas perversas”.⁶

“Você e eu não existimos meramente como entidades separadas. Cada um de nós não é como uma casa separada da outra [...] Tiago nos vê como casas que estão reunidas em uma grande cidade. Um fogo que acende uma casa, logo se espalhará e se tornará um grande incêndio destrutivo”.⁷ O sentido do versículo todo é bastante claro na Bíblia Viva: “E a língua é uma chama de fogo. Está cheia de maldade e envenena todos os membros do corpo.⁸ E é o próprio inferno que atea fogo à língua, que pode transformar toda a nossa vida numa chama ardente de destruição e desastre”.

D. A LÍNGUA INDOMÁVEL, 3.7,8

A figura do fogo enfurecido e fora de controle sugere uma nova comparação. A palavra **porque** (v. 7) indica uma explanação adicional dos resultados trágicos da fala descontrolada. Feras selvagens de todo tipo têm sido domadas e submetidas a servir o homem, **mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear** (v. 8). A referência à domesticação de animais selvagens parece uma alusão “ao domínio dado originalmente ao homem sobre as criaturas inferiores, que não foi perdido, como infelizmente aconteceu com o controle da língua”.⁹ No versículo 7, o autor novamente mostra o seu prazer pela repetição e aliteração: **toda natureza** (*physis*) **de bes-**

tas-feras foi domada pela natureza humana. A língua teimosa **está cheia de peçonha mortal** (cf. Sl 58.4; 140.1-3). Alguns intérpretes entendem que esse texto quer dizer que uma pessoa não pode controlar a língua de outra. No entanto, todo contexto parece mostrar claramente que Tiago está falando de autocontrole. **Nenhum homem** pode **domar** sua própria língua porque sua motivação para o mal vem de impulsos poderosos não por escolha própria — a língua é incendiada pelo inferno.

E. PURIFIQUE O CORAÇÃO PARA CONTROLAR A LÍNGUA, 3.9-12

Nos versículos 3-8, Tiago escreveu a respeito da língua e a natureza humana do homem caído. No versículo 9, uma nova dimensão é introduzida enquanto o apóstolo discute o falar dos crentes — **Meus irmãos** (v. 10). “A língua é a expressão dos pensamentos do homem e a revelação se ele está dominado pela vontade própria ou pela obediência à vontade de Deus”.¹⁰ A língua dobre é tão incongruente no cristão quanto uma fonte de onde manam água doce e água amarga (v. 11) ou como uma **figueira** (v. 12) que produz azeitonas.

1. *Uma contradição moral* (3.9,10)

Lenski escreve o seguinte acerca da expressão **Com ela bendizemos a Deus** (v. 9): “Os leitores, sem dúvida, continuavam seguindo o costume judaico de acrescentar ‘Bendito seja Ele!’ sempre que mencionavam o nome de Deus”.¹¹ Essa era uma expressão apropriada de reverência para cada cristão primitivo. No entanto, o que estava acontecendo entre eles? Esquecendo o segundo grande mandamento do nosso Senhor (Mt 22.36-39), e provocados pela ira, eles estavam amaldiçoando os seus irmãos, que foram **feitos à semelhança de Deus**, i.e., feitos à imagem de Deus (cf. Gn 1.26,27).¹² O Novo Testamento ensina que mesmo uma maldição murmurada ou qualquer disposição irada contra o próximo é uma contradição da nossa fé cristã (cf. Mt 5.22). **Não convém que isto se faça assim** (v. 10) entre os cristãos, porque essas atitudes e atos são contrários a Deus.

2. *Uma Condição Desnatural* (3.11,12)

Essa contradição na conduta é tão desnatural quanto imoral. A palavra **Porventura** (v. 11, *meti*) espera um claro “não” como resposta. O sentido é: “Você certamente não espera isso, espera?”. Ninguém que visita fontes salgadas, como as que podem ser encontradas próximo ao Mar Morto, esperaria encontrar água salgada e água doce vindo da mesma fonte. E se isso ocorresse, a água salgada estragaria a doce; a má estragaria a boa.

O pomar e a vinha ensinam a mesma verdade. “Conhece-se o fruto pela árvore”. Jesus lembrou aos seus ouvintes que não se colhem “uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos” (Mt 7.16). Tiago faz eco a essa verdade quando pergunta: **pode também a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos?** (v. 12).

3. *Um Remédio Divino*

Quando Tiago declara: “Meus irmãos, não convém que isto se faça assim” (v. 10), ele sabe que há uma solução para essa condição não natural e confusão moral. Essa solução é encontrada na “sabedoria que vem do alto” (v. 17); ela é encontrada na liber-

tação da inconstância que ocorre quando o homem pede “com fé, não duvidando” (1.5-8). Tiago está falando a verdade quando diz que nenhum homem pode domar sua própria língua — mas Deus pode domá-la! Jesus perguntou: “Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mt 12.34-35). Em outro texto, o conselho do nosso Senhor é claro: “Limpa primeiro o interior [...] para que também o exterior fique limpo” (Mt 23.26). Quando a vida interior está limpa e controlada pelo Espírito Santo, o falar do cristão pode ser disciplinado de tal maneira que agrade a Deus. A língua, apesar de teimosa e rebelde, está enjaulada na boca e Deus pode dar graça para fechar a jaula quando precisar ser fechada!

As linhas abaixo concluem de maneira oportuna essa seção:

*...Faça-a passar,
Antes de falar, por três portões de ouro:
Esses estreitos portões. Primeiro: “É verdade?”
Então: “É necessário?”. Em sua mente
Responda com honestidade. E o seguinte
É o último e o mais estreito: “É amável?”
E se para finalmente alcançar seus lábios
Ela passar por esses três portões,
Então você poderá contar a história, sem ter medo
Do resultado do seu falar (Beth Day).¹³*

SEÇÃO VI

A SABEDORIA DE DEUS

Tiago 3.13-18

A. SABEDORIA É O QUE A SABEDORIA FAZ, 3.13

Essa seção tem somente uma conexão vaga com os versículos precedentes. Talvez o **sábio** (v. 13) pode ser comparado à fonte de água doce, não misturada com a amarga (v. 11), ou à árvore cuja natureza é tal que produz “bons frutos” (vv. 12, 17). Mas fundamentalmente, o pensamento do autor tem conexão com os versículos 1-2a em que apresenta conselhos aos mestres cristãos — ou pretendentes a mestres — na Igreja. O sempre prático Tiago aplica o teste da bondade aos líderes cristãos e mais amplamente a todos que se chamam cristãos. Sêneca disse: “A sabedoria nos ensina a fazer, bem como a falar”. *The New English Bible* reflete de forma correta o significado do versículo 13: “Quem entre vós é sábio ou inteligente? Que o demonstre por sua conduta correta, mediante obras práticas, com modéstia que provém da sabedoria”.

O verdadeiramente **sábio e inteligente** (*epistemon*) é aquele que conhece a Deus. O sábio do Antigo Testamento escreveu: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e a ciência do Santo, a prudência” (Pv 9.10). Este é o significado que Tiago emprega aqui (cf. 1.5). O **bom trato** é “seu bom procedimento” (NVI). **Suas obras** seriam os resultados específicos ou ações que brotam da sua vida reta. Todas essas ações devem ser realizadas **em mansidão de sabedoria**, i.e., com a humildade que é decorrente de ser semelhante a Cristo.

B. SABEDORIA CARNAL, 3.14-16

A transição para o versículo 14 pode ser encontrada na idéia da “mansidão” (v. 13). Aqueles que têm **amarga inveja e sentimento faccioso no coração** (v. 14) não são humildes. Essa falha indica que eles não têm a **sabedoria** de Deus da qual brota a mansidão. Essa “inveja amarga e ambição egoísta” (NVI) está em **vosso coração** — o âmago da pessoa, de onde se originam as ações (cf. Mt 15.19). Tiago diz: Se você encontrar esse tipo de espírito, “não se glorie disso e dessa forma esteja em rebeldia e contrário à Verdade” (NT Ampl.). O apóstolo pode estar usando **a verdade** no seu sentido costumeiro. No entanto, em vista do significado específico que ele dá a esse termo em 1.18 e 5.19, ele pode ser entendido como sendo sinônimo da palavra evangelho. Assim “as pessoas são advertidas contra expressões e ações que contradizem ‘a fé do nosso Senhor Jesus Cristo’” (2.1).¹

Essa [...] **sabedoria** (v. 15) — o espírito errado que Tiago descreve no versículo 14 — não **vem do alto**. Inveja e ambição egoísta não são os frutos de uma vida cheia de Deus. Há uma progressão decrescente na descrição do apóstolo acerca da origem dessas atitudes. Essa sabedoria é **terrena** em contraste com a celestial. Ela reflete uma preocupação com os valores passageiros em vez da preocupação com as coisas de Deus (cf. Jo 8.23; Fp 3.19). Esse espírito é **animal**. A KJV traz “sensual” e a ASV traz “natural” na margem. “O grego é *psychikos*, que descreve o homem como ele é em Adão (i.e., ‘natural’) em contraste com *pneumatikos* (‘espiritual’)”.² O termo é, às vezes, entendido como quase equivalente a “carnal” ou “mundano”.³ Tiago alcança o grau máximo na descrição das atitudes más de egoísmo e discórdia quando as chama de **diabólica[s]** (*daimoniodes*), i.e., procedendo de Satanás e assemelhando-se ao espírito de demônios.

Paulo declara que “Deus não é Deus de confusão” (1 Co 14.33). Tiago confirma essa verdade ao destacar que onde as forças satânicas estão agindo, **ai há perturbação** (v. 16). **Inveja e espírito faccioso** confundem o homem que os abriga, até que não consegue mais pensar claramente, nem agir com inteligência. Esses dois males também corrompem e confundem todos os relacionamentos, as atitudes e ações dos homens. Phillips traduz esse versículo da seguinte maneira: “Porque onde você encontrar inveja e rivalidade, também encontrará desarmonia e todo tipo de mal”.

C. SABEDORIA DO ALTO, 3.17,18

Tiago agora retorna à descrição da sabedoria que ele recomenda aos seus leitores no versículo 13. **A sabedoria que vem do alto** (v. 17) é uma expressão encontrada nos escritos rabínicos, mas Tiago a adotou e acrescentou sua própria interpretação a ela. Ela é mais uma palavra para a vida com Deus na alma do homem. Adam Clarke a chama de “a religião pura do Senhor Jesus, comprada com o seu sangue e inspirada pelo seu Espírito”.⁴

Os oito elementos da sabedoria enumeradas no versículo 17 podem ser comparados aos nove aspectos do fruto do Espírito (Gl 5.22-23). Tiago cita a pureza em primeiro lugar, provavelmente porque o dom vem do santo Deus. Tal sabedoria é **pura**, “não misturada com o mal”. Essa pureza divina (cf. 1 Pe 1.22) é, às vezes, entendida como o

equivalente da sinceridade, que excluiria toda inconstância, todo coração dividido (1.8; 4.8) e os olhos maus (Mt 6.22).⁵ Como resultado dessa purificação, a natureza do homem torna-se semelhante à natureza de Deus, da mesma forma com que o finito se assemelhe ao infinito. **Pacífica** olha para o lado de dentro da vida cheia do Espírito; ela descreve o estado mental do cristão, enquanto os traços característicos que se seguem descrevem o que os de fora podem observar.

A primeira dessas manifestações da sabedoria é **moderada** (“amável”, NVI). Não se trata tanto de ternura e sim de um espírito de integridade e imparcialidade contrastando com a irracionalidade. **Tratável** é uma virtude intimamente ligada à moderação; é estar aberto para a persuasão e, conseqüentemente, pronto para ser guiado. No entanto, alguns vêem nessa manifestação um aspecto muito mais positivo, descrevendo o homem que consegue as coisas por meio da bondade. A pessoa de Deus genuína é **cheia de misericórdia e de bons frutos** (v. 17) em contraste com “toda obra perversa” (v. 16) que vem da sabedoria carnal.

Os últimos dois aspectos são negativos em forma. O termo traduzido **sem parcialidade** (*adiakritos*) não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Ele significa “sem ambigüidade” (Moffatt), “sem incerteza” (NVI), “franco” (NEB), “imparcial” (ARA). Em nosso relacionamento com os outros precisamos ser sinceros, sem uma alusão de desonestidade e sem o encobrimento de fatos. Esse aspecto é parecido ao significado da próxima declaração de Tiago, de que o povo de Deus deve ser **sem hipocrisia**.

No versículo 18, o autor promete uma bênção final àqueles que servem a Deus e à sua causa sem egoísmo e sentimento faccioso. A linguagem é difícil e a tradução varia, mas Moffatt apresenta uma interpretação exata e clara: “Os pacificadores que semeiam em paz colherão a justiça”. **Justiça** é o **fruto** da semente que **semeia-se na paz**. O espírito do nosso testemunho cristão é quase tão importante para o progresso do Reino quanto a verdade que proclamamos. O autor aqui ecoa o ensinamento do nosso Senhor quando Ele disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9).

SEÇÃO VII

CHAMADO À SANTIDADE CRISTÃ

Tiago 4.1-17

A nota de abertura do capítulo 4 está em forte contraste com o fechamento do capítulo 3. Ali Tiago fala da paz da sabedoria divina; aqui ele trata do problema do conflito carnal. Moffatt apresenta a seguinte transição: “Mas, como falar de paz a vocês’, Tiago diz às suas igrejas, ‘seu bando de brigões mundanos? Caiam de joelhos diante de Deus!’ O trovejar do seu chamado ao arrependimento pode ser notado ao longo dos primeiros dez versículos”.¹

A. A CAUSA INTERIOR DE CONFLITO, 4.1-4

“Guerras exteriores vêm de guerras interiores”. Aqui está a verdade que Tiago procura deixar claro para os seus leitores. Ele estava tratando de um problema que ocorria no círculo de crentes. Ele continua se dirigindo aos “meus irmãos” (1.2; 2.1; 3.1, 10; 4.11). Esses eram cristãos professos, mas eles não estavam dando um bom exemplo como seguidores de Cristo. Na sua comunhão, havia inveja e sentimento faccioso (3.14). Em um apelo à consciência, Tiago pergunta: **Donde vêm as guerras e pelejas entre vós?** (v. 1). Não são elas guerras travadas em seu próprio espírito?

1. *Desejos Errados e Desastre Espiritual* (4.1,2b)

Tiago dá uma resposta afirmativa à sua própria pergunta, mas ele sabe que é a mesma resposta que seus leitores ouvirão de uma consciência acusadora. Vocês co-

locaram seu coração naquilo que o mundo pode lhes dar e, como resultado, vocês estão em dificuldade. Desejos mundanos conflitam uns com os outros. Esses **deleitantes** (“prazeres”, ARA), **que nos vossos membros guerreiam** (v. 1), perturbam vossa própria paz de espírito, por isso vocês brigam e matam e espalham o conflito aos outros. O principal problema é que vocês permitem que desejos profanos possuam seu espírito. Esses desejos, se impuros e incontrolados, levam ao desastre espiritual.

Se analisarmos esse texto de acordo com 3.14, ele é melhor interpretado por **sois invejosos** (“matam”, cf. KJV e NVI e ARA), **combateis** e **guerreais** de maneira figurativa. Não é provável que essas coisas tenham, na verdade, ocorrido na comunidade cristã. Tanto Tiago quanto seus leitores cristãos estariam familiarizados com a interpretação de Jesus de que abrigar o desejo perverso consistia, na ótica de Deus, na violação dos mandamentos (cf. Mt 5.21-22). A maioria dos tradutores modernos entende que o versículo 2 apresenta duas sentenças equilibradas, ou seja: “Vocês desejam, mas não possuem; por isso cometem assassinato. E vocês são invejosos e não conseguem obter; por isso, lutam e brigam” (NASB).

2. *Recusa em Fazer a Vontade de Deus* (4.2c,3)

Esses cristãos sofreram tensões internas e conflitos externos porque se recusavam a orar. Na sua luta febril de conseguir o que queriam, eles tinham se afastado tanto de Deus que já não separavam mais tempo para falar com Ele a esse respeito. Tiago diz: **nada tendes, porque não pedis** (v. 2). Wesley comenta: “Não é de admirar; porque um homem cheio de desejos maus, de inveja e ódio, não pode orar”.² Mesmo quando realizavam o ritual da oração, Tiago diz: **Pedis e não recebeis, porque pedis mal**. Orações egocêntricas que ignoram a vontade de Deus não resultam em satisfação duradoura. Se tivessem orado com sinceridade, Deus os teria ajudado. Ele teria mudado seus desejos errados. É impossível manter um espírito egoísta na presença de Deus. À medida que nos aproximamos dEle, somos mais inclinados a dizer: “não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42). Mas enquanto não orarmos da forma certa e nos rendermos, continuaremos com a guerra interior, com o conflito exterior e com a completa infelicidade.

3. *Ruptura com o Mundo* (4.4)

As palavras **Adúlteros e adúlteras** não se encontram nos textos gregos mais antigos. Deveríamos interpretar **adúlteras** figuradamente, como Jesus usou esse termo quando chamou as pessoas falsas e infiéis dos seus dias de “geração [...] adúltera” (Mt 12.39). A expressão **não sabeis vós** supõe que os leitores estavam familiarizados com essa verdade mas a estavam ignorando. O **mundo** aqui, como em outras partes do Novo Testamento, significa tudo que as pessoas pensam e fazem que desconsidera Deus e é contrário à sua vontade. Por meio de palavras retumbantes, Tiago declara que o povo de Deus deve tomar uma decisão clara entre Deus e todas as atitudes não-cristãs. Se pertencemos a Deus, a amizade do mundo precisa nos deixar. Se nos agarramos a qualquer caminho errado, nutrindo-o como um amigo, nos tornamos inimigos de **Deus** e não temos mais uma base bíblica para crer que estamos em um relacionamento de salvação com Ele.

B. DEUS QUER UM POVO SANTO, 4.5-10

1. *O Deus que tem ciúmes* (4.5,6)

A interpretação do versículo 5 sempre trouxe dificuldades. A tradução da KJV está gramaticalmente correta, mas não é a única possibilidade. A maioria das traduções modernas e comentários concordam que o verbo **habita** (*katokisen*) é a palavra usada no Novo Testamento para indicar a presença do Espírito de Deus. Eles, portanto, dão ao versículo uma interpretação inteiramente diferente, tal como: “Ele anela de modo ciumento pelo espírito que fez habitar em nós” (RSV). Se essa interpretação está correta, fica claro que Tiago terminou a sua purificação da conduta má e começa o seu apelo ao arrependimento. Quando fomentamos a amizade com o mundo, podemos nos desviar e deixar Deus fora da nossa vida. Mas isso não ocorre facilmente. Deus é um Deus zeloso, que não tolera rivais. Quando nos convertemos, Ele nos deu um novo espírito. Deus se enternece por essa nova vida na alma. Ele procura de todas as formas nos analisar quando começamos a nos descuidar. Ele quer que essa vida cresça, porque deseja que sejamos totalmente seus.

Não há nenhuma passagem específica no Antigo Testamento que corresponda à última parte do versículo 5. As palavras **diz a Escritura**, que Tiago cita, não são uma citação, “mas um resumo dos ensinamentos do Antigo Testamento: Deus quer a pessoa inteira, nossa lealdade completa” (Berk., nota de rodapé).

Deus fica condoído com a nossa simpatia dividida e nossa amizade com o mundo que resulta disso. Ele deseja que a plenitude do seu Espírito controle a nossa vida; Ele nos convida a chegarmos a Ele e nos submetemos ao seu ministério. Deus dá essa ajuda especial àqueles que humildemente a aceitam. Para provar seu ponto, Tiago cita Provérbios 3.34 exatamente como ocorre na Septuaginta (cf. 1 Pe 5.5). A expressão **Antes dá maior graça** (v. 6) é uma tradução melhor do que a tradução da KJV: “Antes dá mais graça”. Knowling comenta: “O melhor significado parece ser que o Espírito de Deus concede, àqueles que se submetem à vontade divina e se rendem completamente a ela, ricas provisões de graça para realizar essa rendição completa aos anelos do amor divino e a considerar todas as coisas como perda em resposta a isso”.³ **Deus resiste aos soberbos**, porque, enquanto tivermos confiança no valor das nossas próprias atitudes não espirituais, mundanas e pecaminosas — enquanto acharmos que elas são satisfatórias — Deus não pode fazer nada por nós. **Deus [...] dá, porém, graça aos humildes**, porque quando somos humildes estamos prontos a admitir nosso espírito de engano e nossa necessidade de ajuda.

2. *O Caminho para a Bênção* (4.7-10)

McNab apresentou um resumo introdutório magnífico dessa passagem:

Tendo contrastado o orgulhoso e o humilde e a atitude divina em resistir a um e conferir graça ao outro, Tiago então descreve o segredo de vitória duradoura na luta contra o mundanismo e o pecado. Esse segredo consiste em duas atividades: submissão a Deus e resistência ao diabo (v. 7). Aqui estão harmonizadas perfeitamente as verdadeiras atividades da fé e das obras. Pela fé nos submetemos a Deus em uma rendição mais completa e profunda à sua vontade e paramos de lutar contra Ele. No ato da submissão, somos preparados para o conflito com o Maligno; e ao mesmo tempo, nossos poderes de resistência são fortalecidos e multiplicados. Veja também 1 Pedro 5.8-9.

Segue-se então uma série de ordens práticas que têm uma aplicação especial àqueles que estão procurando o caminho de Deus mais perfeitamente [...] As mãos limpas simbolizam nossas atividades; o coração puro representa o refúgio da nossa personalidade.⁴

a. *Submeta-se a Deus* (4.7,8a). Deus está ávido em nos afastar do amor do mundo e atrair-nos para um amor profundo e duradouro por Ele. Mas, ávido como possa estar, Deus não pode criar em nós um espírito semelhante ao dEle até que aspiremos pelo seu Espírito. Nessa passagem, somos estimulados a esforçar-nos para alcançar essa vida mais profunda. Tiago usa o modo do imperativo em seus verbos: **Sujeitai-vos** [...] **resistí ao diabo** (v. 7) [...] **Chegai-vos a Deus** [...] **Limpai as mãos** [...] **purificai o coração** (v. 8); “Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai” (v. 9); “Humilhai-vos” (v. 10). Se queremos receber essa “maior graça”, devemos agir.

Sujeitai-vos, pois, a Deus (v. 7) significa buscar a sua vontade para a nossa vida de maneira plena e alegre. Mas se o fizermos, devemos **resistir ao diabo**. “O diabo sabe muito bem que sua maior esperança em afastar os cristãos de uma submissão sincera e voluntária a Deus consiste em apelar ao seu orgulho ferido [...] [Ele] está constantemente dizendo ao cristão: ‘Por que permanecer tão próximo do caminho estreito e da vereda humilde? Por que não ser mais seguro de si? Por que não expressar-se da maneira mais plena possível e encontrar poder e gozo na expressão da própria personalidade?’”⁵

Ross comenta o seguinte acerca de **Chegai-vos a Deus** (v. 8): “Chegai-vos a Deus, como aqueles que anelam ter uma relação mais íntima possível com Ele, em contraste com aqueles que são seus inimigos e que permanecem distantes dEle. Deus então se achegará a vocês, para visitá-los com a sua salvação (Sl 106.4)”.⁶

b. *Mãos limpas e coração puro* (4.8b). De que maneira devemos achegar-nos para alcançar essa preciosa salvação (cf. Hb 7.24,25) que Deus preparou para os seus filhos? Tiago responde: **Limpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai o coração** (v. 8). “Esse termo-chave ‘pecadores’ [...] tem a função de trespassar a consciência do leitor, e essa também é a intenção do outro termo-chave que o equilibra: ‘vós de duplo ânimo’. Os de duplo ânimo, como em 1.8, são aqueles que estão divididos no seu amor entre Deus e o mundo”.⁷ Mãos sujas por atos de pecado necessitam de limpeza; corações manchados de amor pelo mundo precisam ser purificados. Deus tem graça para os dois.

Ao comentar acerca de **purificai o coração**, Knowling escreve o seguinte: “O verbo [...] refere-se à limpeza espiritual: cf. 1 Pedro 1.22; 1 João 3.3”.⁸ Adam Clarke, decano dos comentaristas de Wesley, escreve:

*Separem-se do mundo e consagrem-se a Deus: esta é a verdadeira noção de santificação [...] Há, portanto, duas coisas subentendidas [...] 1. Que ele se separe dos maus caminhos e dos maus companheiros e se devote a Deus. 2. Que Deus separa a culpa da sua consciência, e o pecado da alma, e assim torna-o interior e exteriormente santo [...] Visto que o homem é pecador, ele deve ter suas mãos limpas das obras perversas; visto que ele é de ânimo duplo, ele deve ter seu coração purificado. A santificação pertence ao coração, por causa da poluição da mente; a limpeza pertence às mãos, por causa de atos pecaminosos.*⁹

c. *A porta aberta para Deus* (4.9-10). Nesses dois versículos, Tiago retorna ao tema dos versículos 6-7. Aquele que vai ao encontro de Deus deve vir com o coração arrependido e humilde. A exortação **Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai** (v. 9), mostra a atitude correta em relação à infidelidade passada. Não é pecado ter um bom humor. O **riso** ao qual Tiago se refere “era o riso impróprio e a folia do amigo do mundo, a diversão do tolo”.¹⁰ Ele tem em mente o amante do prazer de 5.5. Todas essas pessoas deveriam transformar sua folia em **pranto**. A palavra **tristeza** (*katepheia*) denota um olhar deprimente e triste. O autor conclama os “pecadores” a adotar a atitude do publicano. Ao publicano só restava confessar que era um pecador. Ele nem ao menos ousou levantar os olhos para o céu (Lc 18.13). Acerca da pessoa de “ânimo duplo” Tasker escreve: “Enquanto [...] o pecado estiver ativo na vida do crente e estiver operando a sua destruição na vida de outras pessoas, o pranto de penitência [...] deve estar entre os sentimentos mais profundos do cristão”.¹¹

A porta para Deus sempre estará aberta para aqueles que seguirem a exortação de Tiago: **Humilhai-vos perante o Senhor** (v. 10). Então experimentamos o efeito da graciosa promessa: **e ele vos exaltará**. A figura vem do comportamento dos pranteadores e penitentes orientais que deitavam no chão e rolavam no pó. Quando eles se sentiam confiantes e perdoados, se levantavam, tiravam o pó e vestiam roupas limpas. “Somos humilhados diante de Deus. Mas esse sentido de humilhação, que nada tem que ver com desespero, é a condição essencial para a nossa exaltação [...] Essa exaltação é uma realidade imediata para o cristão e é ao mesmo tempo distante. Todos aqueles que se submeterem à vontade de Deus em qualquer estágio na sua peregrinação espiritual são *ipso facto* exaltados”.¹² O poeta se regozija:

*Jesus oferece essa limpeza abençoada
Para todos os seus preciosos filhos,
Uma purificação livre e completa,
Expelindo toda dúvida e medo;
Ela vai ajudar você, ó meu irmão,
Quando cantar e quando orar.
Ele está agora pronto para concedê-la;
Ela é para todos nós hoje (L. L. Pickett).*

Em 4.1-10 vemos: “Purificação para Cristãos Carnais”. 1) Evidências de carnalidade (vv. 1-4); 2) Deus anela em dar “maior graça” (vv. 5,6); 3) O caminho da bênção (vv. 7-10).

C. O MAL DE FALAR MAL, 4.11,12

Moffatt coloca esses dois versículos depois de 2.13, “devolvendo 4.11,12 para o que parece ter sido seu lugar originário” (Moffatt, nota de rodapé em 2.13). Há uma certa lógica nesta proposta; porque em 2.8-13, Tiago estava discutindo a “lei real” e suas observâncias. Robertson comenta: “É bem possível que Tiago esteja meramente recorrendo ao assunto da língua solta [...] Ele tem ‘mais uma palavra’ acerca desse importante tópico [...] um assunto extremamente difícil acerca do qual dizer a última palavra”.¹³ A conexão com a passagem precedente é o fato que quando um cristão começa a se afastar de Deus,

começa a ficar mais crítico em relação aos seus irmãos. Três vezes em um versículo Tiago lembra seus leitores das suas obrigações como irmãos cristãos: **Irmãos** [...] **irmão** [...] **seu irmão** (v. 11). Quando o amor diminui, nossos irmãos sofrem.

Tiago nos adverte que aquele que fala mal do seu irmão está em sérias dificuldades diante de Deus. A lei da qual o escritor fala é “a lei real” (cf. 2.8). Quando violo a lei do amor de Deus, estou me colocando como juiz e dizendo, na verdade: A lei de Deus não é uma lei justa. Assim, o verdadeiro mal de falar mal reside em um orgulho pecaminoso que se recusa a aceitar a lei de Deus e obedece-la. No versículo 12, Tiago procura intimidar e envergonhar a pessoa que fala mal mostrando a seriedade do seu pecado: “Só aquele que fez a Lei é que pode julgar corretamente entre nós. Só Ele decide salvar-nos ou destruir-nos. Portanto, que direito têm vocês de julgar e criticar os outros?” (Bíblia Viva). O autor não está condenando aqui o julgamento humano legítimo. No versículo 11, ele deixa claro que julgar mal é falar mal do outro. A admoestação de Tiago ecoa o que Jesus havia dito: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt 7.1).

D. RECONHEÇA A PRESENÇA DE DEUS, 4.13-17

Essa seção está relacionada ao que a precede em relação a uma atitude não-cristã para com o ganho material (v. 2) e à discussão anterior de orgulho e humildade (vv. 6-7, 10). Os judeus da Diáspora (veja Int., “Destino” e comentários acerca de 1.1) estabeleceram-se nas cidades do Império Romano. Nesse ambiente, tornaram-se comerciantes e negociantes. Entre aqueles que se converteram ao cristianismo havia muitas pessoas que ocupavam essas profissões (cf. Lídia, At 16.13-15). Foi provavelmente a esses comerciantes que Tiago dirigiu essa passagem. Eles eram cristãos que haviam falhado em ver, ou que haviam esquecido, o verdadeiro significado da fé cristã na vida e nos negócios. A todas essas pessoas, o apóstolo diz: Reconheçam a realidade de Deus.

1. Ignorando a Deus (4.13-15)

Eia, agora (v. 13) pode ser comparado com a expressão aramaica “Ah! vocês!” (lit.: Ai de vocês). O pecado desses homens não estava em não planejar o futuro, mas em não incluir Deus em seus planos. Somos lembrados do homem tolo na história de Jesus, que disse: “alma, tens em depósito muitos bens, para muitos anos; descansa” (Lc 12.19). Tiago nos lembra que nenhum homem pode deixar Deus de fora e ficar seguro. Se nossas vidas são constantemente submetidas a Ele, vamos procurar seu conselho. Mesmo que não submetamos nossos planos a Ele de maneira voluntária, devemos sempre levar em conta o fato inflexível de que a nossa vida está nas suas mãos.

O apóstolo nos lembra: **não sabeis o que acontecerá amanhã** (v. 14). Moffatt torna esse aspecto enfático: “Vocês que não conhecem nada acerca do amanhã”. Um pequeno coágulo de sangue no cérebro pode causar uma morte instantânea e inesperada. O coração, por ocultar uma debilidade desconhecida ou ao ser forçado demais, pode parar de bater. O salmista escreveu: “Os meus dias são como a sombra que declina” (SI 102.11). Tiago ecoa a verdade: **a vossa vida [...] É um vapor que aparece por um pouco e depois se desvanece**. Vida (*zoe*) significa vida natural. Aristóteles usou os dois verbos **aparece** (*phainomene*) e **desvanece** (*aphanizomene*) para descrever o aparecimento e o desaparecimento de um bando de pássaros passando pelo céu.

Nenhum cristão — na verdade, nenhum pecador inteligente — deve ser presunçoso acerca do amanhã. Um homem cuja vida “está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.3) sempre tem a seguinte atitude: **Se o Senhor quiser, e se vivermos, faremos isto ou aquilo** (v. 15). Alguns cristãos devotos entendem essa passagem de maneira bastante literal e dizem: “Se o Senhor quiser, verei você na próxima semana”. Nas suas cartas, escrevem: “Espero vir, D.V.” (Latim, *Deo volente*, “se Deus quiser”). Este é um costume cristão admirável e deveria ser praticado desde que o façamos de maneira refletida e sincera. Mas mesmo a formalidade pode não acertar o alvo da admoestação de Tiago. Robertson escreve:

Tiago certamente não quer dizer que sempre deveríamos repetir essas palavras. Isso pode acabar se tornando um jargão ou uma conversa vazia. Torna-se repulsivo ouvir alguém usar o nome de Deus de maneira leviana e constante [...] A coisa mais importante é ter a atitude de coração correta em relação a Deus, não a repetição vã de uma fórmula [...] Deus deveria ser um parceiro silencioso em todos os nossos planos e obras, a ser consultado e seguido sempre que a sua vontade se tornar conhecida.¹⁴

Mayor comenta o seguinte acerca de **se viveremos, faremos isto e aquilo**: “O ostentador esquece que a vida depende da vontade de Deus. O sentimento correto é: tanto minha vida como minhas ações são determinadas por Ele”.¹⁵

2. Da Negligência à Oposição (4.16)

Quão longe um homem pode ir em sua negligência a Deus sem passar o ponto de estar em oposição direta? É acerca disso que Tiago trata aqui. Até aqui parece que Tiago tem censurado a negligência e o descuido em vez do pecado consciente. Notamos uma mudança de tom, e ele ressalta o perigo da auto-suficiência. **Mas, agora** (v. 16, *nun de*) significa: vocês precisam incluir Deus em seus planos, mas *os fatos mostram* que vocês não o estão fazendo — e vocês estão, de certa forma, tendo um certo prazer na sua auto-suficiência. Phillips interpreta o significado desse versículo claramente: “Em vez disso, vocês estão mostrando um certo orgulho em planejar o seu futuro com tanta confiança. Esse tipo de orgulho está totalmente errado”.

3. Pecados de Omissão (4.17)

O versículo 17 pode ser entendido como uma exortação conclusiva do tema apresentado nos versículos 13-16. “Aqueles a quem as palavras foram dirigidas tinham, até certo ponto, falhado por meio da negligência; agora que essas coisas foram apresentadas de forma bastante clara, eles estão na posição de saber como agir; se, apesar de saberem agora como agir de forma correta, negligenciarem o curso apropriado, então isso é pecaminoso”.¹⁶ Mas essa verdade também é ressaltada em outras partes da Bíblia. Palavras semelhantes são apresentadas por Jesus: “E o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites” (Lc 12.47). Em um sentido real, o versículo 17 pode ser aplicado a diversos aspectos até aqui na epístola (cf. 1.22; 2.14; 3.1, 13 e 4.11). Phillips apresenta uma excelente paráfrase desse versículo: “Sem dúvida, vocês concordam com a teoria acima. Bem, lembrem-se que se um homem sabe o que é certo e não o faz, essa omissão é considerada pecado real”.

SEÇÃO VIII

JULGAMENTO DOS RICOS OPRESSORES

Tiago 5.1-6

Essa seção, que trata do julgamento de Deus aos ricos, é uma continuação natural de 4.13-17, em que Tiago trata da idéia de fazer negócios e obter ganhos sem incluir Deus nos planos. Há, no entanto, uma mudança marcante na atmosfera da epístola. Em 4.13-17, Tiago se dirige aos mercadores da Diáspora; aqui ele tem em foco os ricos proprietários de terra da Palestina.¹ No capítulo 4, o autor estende esperança e aperfeiçoamento; aqui há apenas um prognóstico de julgamento. Em outra parte da epístola, o autor se dirige aos “irmãos” cristãos; aqui, obviamente ele está se dirigindo aos ímpios.

De que maneira devemos considerar esse interlúdio surpreendente nessa carta? A melhor explanação é que Tiago usa aqui um artifício retórico conhecido por apóstrofe. Ao fazer uso dessa técnica literária, um orador ou escritor parece por um momento se afastar do seu público e dirigir-se diretamente a uma outra pessoa ou coisa. Obviamente, a apóstrofe visa beneficiar o verdadeiro público e não aqueles que estão sendo endereçados de forma imaginativa. A séria advertência do apóstolo aos ricos ímpios tinha a função de encorajar os pobres a quem ele estava escrevendo. Talvez ele também tivesse a intenção de adverti-los em relação à inveja para com os ricos (cf. Sl 73). É possível que Tiago tenha imaginado que sua mensagem escrita pudesse cair nas mãos de algumas pessoas dessa classe de homens ricos e eles seriam, assim, advertidos. Cremos que o Espírito Santo tinha em mente uma influência mais ampla do que a que encontramos em nossa Bíblia — uma influência que certamente ia além do que Tiago imaginava quando foi movido pelo Espírito Santo a lhes escrever.

A. O AI PRONUNCIADO, 5.1

Em nenhum lugar do Novo Testamento os ricos são denunciados simplesmente pelo fato de serem ricos. Em vez disso, Deus adverte contra as tentações que dizem respeito especialmente aos ricos. Tiago não se dirige aos ricos de maneira geral, mas apenas aos ricos incrédulos. Em 1.10, ele tem uma outra mensagem para os cristãos ricos. Os **ricos** (v. 1) estão inclinados a dizer para si mesmos: “Coma, beba e folgue”; mas Deus diz: **chorai e pranteai por vossas misérias, que sobre vós hão de vir**. Quando Deus fala, é bom prestar atenção.

B. ACÚMULO EGOÍSTA, 5.2,3

Tiago aponta agora para o mal das riquezas que são acumuladas de maneira egoísta, em vez de gastas ou investidas para um propósito que Deus aprova. Em um dos livros apócrifos² lemos: “Perca o seu dinheiro para um irmão ou amigo e não deixe que enferruje debaixo de uma pedra” (Siraque 29.10). O julgamento descrito nessa seção não havia se cumprido no tempo em que Tiago estava escrevendo, mas esse julgamento é tão certo que Tiago fala a respeito dele de maneira profética. O significado literal do grego é que essas misérias já estão no processo de se tornarem realidade. **Vossas riquezas** (v. 2) provavelmente referem-se a riquezas agrícolas como grãos, vinho ou óleo, que eram estocadas mas que também estavam sujeitas a se estragar (cf. Lc 12.16-20). **Vestes** caras e moedas eram a principal forma de riqueza oriental. O tecido naturalmente era sujeito à destruição pelas traças. O **ouro** e a **prata** (v. 3) não enferrujavam, mas tinham a tendência de perder o brilho e, dessa forma, evidenciavam claramente um mau uso por meio do acúmulo.

Esses resultados de riquezas acumuladas servem de testemunho contra os proprietários. Os buracos das traças e a perda de brilho diziam de forma eloqüente que aqui havia uma riqueza não sendo usada. Tiago vê essa deterioração do dinheiro se estendendo aos seus donos. Semelhantemente a alguns agentes infecciosos que destroem tanto o metal como o homem, a ferrugem começou sua obra cancerígena nos corpos dos ricos egoístas. A infecção queima sua carne **como fogo**. A expressão **os últimos dias** (v. 3) parece claramente referir-se à consumação do tempo e ao dia do julgamento.³ Na última sentença do versículo 3, parece haver um jogo de idéias e palavras. Os ricos que acumulavam tesouros para os seus próprios “últimos dias” descobrirão que esses tesouros tornaram-se fogo nos **últimos dias** do julgamento final. “Sua ferrugem [...] comerá sua carne, visto que vocês armazenaram fogo” (RSV, nota de rodapé).

C. ACÚMULO DESONESTO, 5.4,6

Deus está tão interessado na forma em que ganhamos e gastamos o nosso dinheiro quanto está com o montante que colocamos na sacola de ofertas. O versículo 4 condena aqueles que se tornam ricos por meio da exploração. Encontramos aqui um paralelo hebraico comum na poesia do Antigo Testamento, no qual o segundo pensamento repete

o primeiro de uma forma levemente diferente. Na primeira cláusula, são **os clamores dos que ceifaram** que **entraram nos ouvidos do Senhor**. A linguagem reflete a lei do Deus do Antigo Testamento para o trabalhador: “Paguem-lhe o seu salário diariamente, antes do pôr-do-sol, pois ele é necessitado e depende disso. Se não, ele poderá clamar ao Senhor contra você, e você será culpado de pecado” (Dt 24.15, NVI). *Jahwe Sabaoth* (**Senhor dos Exércitos**) era um nome israelita para Javé.

O versículo 6 reflete a riqueza desonesta adquirida por meio de ações fraudulentas da justiça. Em 2.6, Tiago refere-se aos ricos que “vos arrastam aos tribunais”. **Ele não vos resistiu** provavelmente significa que o pobre não tinha uma defesa legal adequada. Nos tribunais, os ricos influentes têm “condenado e devastado” (Phillips) o pobre que não tem condições de pagar o salário de um advogado ou o suborno para o juiz. O desamparo da vítima somente aumenta a culpa do opressor. Quando o desejo por riqueza se torna tão intenso a ponto de planejar tirar a vida de outra pessoa, a ganância tornou-se assassina.

D. SATISFAÇÃO EGOÍSTA, 5.5

O mal do versículo 5 é mais uma faceta do espírito egoísta refletido nos versículos 2-3. As riquezas condenam todo aquele que as usa para um prazer puramente pessoal. A Bíblia Viva parafraseia as palavras de forma correta: “Vocês gastaram seus anos aqui na terra divertindo-se, satisfazendo todos os seus caprichos”. Há várias interpretações da frase **num dia de matança** (cf. Jr 12.3). As diferenças dependem do significado da preposição. **Num** (em um) pode significar “em”, “no”, “por meio de”, “para”. Matthew Henry viu nessa frase uma referência às festas judaicas em que muitos sacrifícios eram oferecidos. “Vocês vivem como se cada dia fosse um dia de sacrifícios, uma festa; e, dessa forma, seus corações são engordados e nutridos para a estupidez, imbecilidade, orgulho e insensibilidade, em detrimento da miséria e aflição dos outros”.⁴ De acordo com o contexto parece que a preposição *en* em relação ao dia do julgamento pode ser melhor traduzida por “para”. Uma tradução recente interpreta esse versículo da seguinte maneira: “Vocês viveram na terra luxuosamente, engordando-se como gado — e o dia para a matança chegou”. Moffatt ressalta e aguça o conceito: “*como para o dia de matança*”. A finalidade dessa seção inteira é resumida por Moffatt da seguinte maneira: “Vocês precisam pagar com a sua vida pelo deleite cruel que custou a vida de suas vítimas, as vítimas da sua opressão social e judicial”.⁵

SEÇÃO IX

A SEGUNDA VINDA, ESPERANÇA DOS CRISTÃOS

Tiago 5.7-12

Nessa seção, Tiago dirige-se novamente aos **irmãos** (v. 7). O tema é a providência soberana de Deus aplicada ao cristão. Os versículos nos relatam que Deus finalmente castigará os pecadores não perdoados. Aqui as Escrituras nos asseguram que Ele, no devido tempo, recompensará devidamente o fiel seguidor de Cristo.

A. CRISTO ESTÁ VOLTANDO, 5.7,8

Tiago não tenta provar a doutrina da Segunda Vinda, nem anunciá-la. Para ele, a Segunda Vinda é uma esperança viva para a Igreja Primitiva. Ele cita a iminência e realidade da **vinda** (*parousia*) **do Senhor** como um motivo para os cristãos permanecerem firmes: **Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor** (v. 7).

Dois tipos de paciência são sugeridos. O primeiro diz: **Sede [...] pacientes** (v. 7) — não se apressem em retaliar contra as injustiças cometidas contra vocês por homens descritos nos versículos 1-6. O segundo diz: **Sede [...] pacientes** (v. 8) — aceitando pacientemente a demora de Deus em relação ao retorno do nosso Senhor.

A ilustração da época de plantio e colheita foi tirada da experiência palestina. **O fruto da terra** é a colheita de grãos. Ele era **precioso** porque a vida do lavrador e sua família dependiam dele. Na Palestina, o grão é plantado no outono e recebe a **chuva temporã** no final de outubro. Ele recebe a **chuva [...] serôdia** em março e abril, pouco

antes de estar maduro. Durante todo esse tempo, o agricultor espera pacientemente pela colheita. A razão da sua paciência é sua esperança confiante na colheita.

Tiago interpreta sua própria parábola: **Sede vós também pacientes, fortalecei o vosso coração, porque já a vinda do Senhor está próxima** (v. 8). A vinda do nosso Senhor era uma grande fonte de esperança para os primeiros cristãos. Porventura temos essa mesma expectativa em relação à vinda do Senhor? Tasker escreve:

Se a volta do Senhor parece muito distante, ou se a relegamos a um futuro tão remoto que não exerce nenhum efeito sobre a nossa perspectiva ou nossa maneira de viver, fica claro que deixou de ser para nós uma esperança *viva*. É possível que tenhamos permitido que a doutrina da sua volta em glória para julgar os vivos e os mortos tenha sido abafada pelo ceticismo ou se transformado em algo diferente, talvez como a transformação gradual da sociedade humana por valores cristãos, que parou de exercer qualquer tipo de influência em nossas vidas.¹

Na medida em que permitimos que isso aconteça, cessamos de ser cristãos do Novo Testamento.

B. A PRESSÃO NOS INDUZ À IMPACIÊNCIA, 5.9

O foco aqui muda da paciência com os pecadores fora da igreja para a paciência um com o outro dentro da Igreja. Alguém escreveu o seguinte:

*Caminhar em amor com os santos de cima
Será uma maravilhosa glória;
Mas, caminhar com os santos aqui em baixo,
Bem, isso já é uma outra história!*

Em tempos de dificuldades, a paciência é provada e somos tentados a nos queixar (v. 9; lit., gemer, ou seja, reclamar ou resmungar) **uns contra os outros**. Tiago adverte os cristãos a não apontarem para os erros de outra pessoa, **para que não sejais condenados**. A proximidade da vinda de Cristo serve como advertência contra o fracasso do cristão bem como para a consolidação da sua constância. Além do mais, **o juiz está à porta**. O retorno de Cristo está próximo; Ele será o Juiz de todos os homens; portanto, não devemos assumir o papel de julgar os outros, quer fora quer dentro da Igreja (cf. Mt 7.1-5).

C. EXEMPLOS DE PACIÊNCIA, 5.10,11

Exemplos de piedade e devoção sempre servem de encorajamento para o cristão. Tiago provavelmente tinha as palavras de Jesus em mente: “bem-aventurados sois vós quando vos [...] perseguirem [...] por minha causa. Exultai [...] porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt 5.11-12). É por isso que ele diz: **Eis que**

temos por bem-aventurados (v. 11, “Eis que temos por felizes”, ARA). “Nós, semelhantemente a Jesus, pronunciamos uma bem-aventurança aos profetas que foram homens tão pacientes”.² Tiago nos lembra do nosso privilégio bem como do nosso sofrimento. Se sofremos por Deus, estamos em boa companhia. Por que os profetas, em vez de Jesus (cf. 1 Pe 2.21), foram escolhidos por Tiago como exemplos de paciência? Mayor considera diversas possibilidades, entre elas que “Tiago deseja que eles vejam Jesus como o Senhor da glória em vez de o padrão de sofrimento”.³

Dos profetas que sofriam com paciência e **que falaram em nome do Senhor** (v. 10), Tiago volta-se agora para um homem que tem sido conhecido como “o maior exemplo” de paciência. Essa é a única referência a Jó no Novo Testamento, embora Tiago entenda que seus leitores estejam familiarizados com a história de Jó: **Ouvistes qual foi a paciência de Jó** (v. 11). A paciência dos profetas era uma atitude de longanimidade em relação aos seus compatriotas que os perseguiam. A palavra usada para descrever a **paciência** de Jó (*hypomene*) significa persistência ou tolerância.⁴ A paciência singular de Jó podia ser reconhecida na sua determinação em suportar quaisquer que fossem os infortúnios, sem perder sua fé em Deus. A frase **o fim que o Senhor** significa “o alvo do Senhor”. O apóstolo sabia que o propósito final de Deus sempre é bênção para o homem que suporta com paciência a aflição. Provavelmente, citando dos Salmos, ele conclui: “porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (v. 11, ARA; cf. SI 103.8; também Êx 34.6).

D. O JURAMENTO É PROIBIDO, 5.12

Superficialmente, a admoestação desse versículo não parece estar relacionada com o contexto. Há, no entanto, uma conexão com o pensamento do versículo 9. Debaixo da pressão das circunstâncias, há uma tendência de se falar explosivamente e se usar o nome de Deus em vão com juramentos precipitados e irreverentes. Talvez seja com relação ao versículo 9 que Tiago diz: **Mas, sobretudo** — i.e., acima de todas as formas desprotegidas do falar emocional e queixoso — **não jureis**. Nesse mandamento o autor está parafraseando as palavras de Jesus (Mt 5.34-37; veja CBB, vol. VI).

Nem Tiago nem Jesus tinham a intenção de proibir o juramento sério ou oficial ordenado nas Escrituras (cf. Dt 6.13; 10.20; Is 65.16; Jr 4.2; 12.16). Ambos estavam preocupados com o uso irreverente do nome de Deus e advertiam contra o falar desonesto que requeria um juramento para apoiar cada afirmação. O caminho para evitar ofensa desse tipo é fazer uso de uma linguagem simples e sincera — **que a vossa palavra seja sim, sim e não, não**.

SEÇÃO X

ORAÇÃO, FÉ E RESTAURAÇÃO

Tiago 5.13-20

A continuidade e a relação mútua desses versículos finais da epístola não estão inteiramente claras. Eles são, portanto, interpretados de formas diferentes. Alguns os consideram essencialmente sem conexão e denominam essa seção simplesmente de “Admoestações finais”. Mas uma leitura cuidadosa mostra que há uma progressão lógica, visto que Tiago fala aqui das necessidades espirituais dos cristãos.

A. ORAÇÃO E LOUVOR, 5.13

Nos versículos 7-12, o apóstolo estava exortando seus leitores em relação à conduta cristã diante da aflição. **Aflito** (*kakopatheí*) aqui tem o mesmo significado de “aflição” (*kakopatheias*) no versículo 10. Na provação, como em cada circunstância da vida, o dever mais elevado do cristão bem como o seu privilégio mais nobre é a comunhão com Deus. Por isso, Tiago escreve: **Está alguém entre vós aflito? Ore.** Para que os seus leitores possam ter uma perspectiva correta e lembrar-se de Deus nas horas alegres, ele acrescenta: **Está alguém contente? Cante louvores.** O louvor deveria estar em nossos lábios quando a vida proporciona alegria; e deveria haver louvor mesmo debaixo de pressão quando nos lembramos da bondade de Deus (cf. Ef 5.18-20). **Cante louvores** (“cante salmos”, KJV) é uma tradução do grego restrita demais; ela se tornou a Versão Autorizada provavelmente por causa do costume de cantar salmos na Inglaterra em 1611, quando a KJV foi escrita. Quase todas as traduções mais modernas trazem “cante louvores”. Reicke nos

alerta que há lugar tanto para os cânticos evangélicos mais recentes como para os hinos cristãos tradicionais. Ele diz: “Vale salientar que aqui o cântico cristão é supostamente um meio de expressar os sentimentos alegres bem como os sentimentos mais sérios”.¹

B. ORAÇÃO E FÉ POR CURA, 5.14-18

Uma forma de aflição é a doença, que provavelmente é o tema desse parágrafo.

1. *O Privilégio da Cura Divina* (5.14,15a)

A oração em tempos de enfermidade é nosso dever e nosso privilégio em Cristo. Provavelmente, deveríamos observar essa prática cristã mais do que fazemos. Tiago diz: **Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele.** Os **presbíteros** eram líderes reconhecidos ou apontados na congregação local desde os anos 40-50 d.C. (cf. At 11.30; 14.23). Sua função era um tanto semelhante à do pastor dos nossos dias. Orar **sobre ele** significava orar estando em pé ao lado (“sobre”) do leito do enfermo. Um significado secundário da palavra **sobre** (*epi*) poderia ser orar *junto a* em vez de *sobre* ele.

A prática de ungir **com azeite** em conexão com cura é mencionada somente mais uma única vez no Novo Testamento (Mc 6.13). Para nós essa unção serve como um símbolo de obediência à admoestação da Palavra de Deus e provavelmente como uma forma de encorajamento à fé do doente. Nos tempos do Novo Testamento, esse pode ter sido um tratamento medicinal natural usado em cooperação com a oração. Sabemos que a unção do corpo com óleo era uma prática medicinal comum na Palestina do primeiro século. O verbo **ungindo** (*aleipsantes*) significa literalmente “tendo ungido”. Moffatt entende essa ação como untar o corpo do paciente com óleo. Parece claro, no entanto, que se a unção era um meio natural de cura, ela também tinha um significado espiritual, porque era para ser administrado **em nome do Senhor**. Em todo caso, Tiago nos assegura que é **a oração da fé** (“oração oferecida com fé”, NEB) que **salvará o doente, e o Senhor o levantará** (v. 15).

A Bíblia ensina a doutrina da cura divina e cabe a nós procurar fazer a oração da fé pela cura do doente. No entanto, recursos e intervenções providenciais, quando necessários, não deveriam ser rejeitados. Aqueles que não conhecem a Cristo recorrem à medicina e cirurgia sem oração. Nós que confiamos nEle devemos usar todos os meios salutares que a ciência moderna tem nos oferecido e ao mesmo tempo confiar a nossa cura inteiramente ao seu soberano poder.

Easton comenta: “O autor deixa essa promessa sem qualificação, embora tanto ele quanto seus leitores soubessem perfeitamente bem que nem todos os casos de enfermidade seriam curados; aqui, como em todos os casos, quando a eficácia da oração é ensinada, a condição ‘conforme a vontade de Deus’, deve ser entendida de forma implícita. Contudo, todos sabem que quando existe uma fé viva e profunda, como era o caso na época em que Tiago foi escrito, curas extraordinárias acontecem”.²

2. *Cura e Perdão* (5.15b,16a)

Entre os judeus, a doença geralmente era atribuída ao pecado. Jesus rejeitou essa visão como um princípio universal (Jo 9.1-2), mas em outro texto sugere o que sabemos ser um fato, que em muitos casos o pecado é a causa de uma enfermidade específica (cf. Jo 5.14).

Nesses casos, presume-se que a pessoa que procura a cura também se arrependeu do seu pecado e está procurando o perdão divino. No versículo 16, a ordem da oração está invertida. Aqui a pessoa é admoestada: “Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros *para serem curados*” (v. 16, NVI, grifo do autor). Quando uma pessoa vem sinceramente a Deus com uma necessidade, receberá ajuda. Essa ajuda aumenta sua fé em Deus, e ela provavelmente também encontrará ajuda para outras necessidades.

Easton³ ressalta que a admoestação **Confessai as vossas culpas uns aos outros** (v. 16) não deve ser entendida como uma prática universal cristã mas, sim, ser entendida em seu contexto, ou seja, a confissão sendo feita pelo doente e a oração pelos visitantes. Embora essa pareça uma interpretação razoável, a gramática permite uma exegese mais ampla. É certamente verdade que quando reconhecemos que agimos erradamente e oferecemos orações mútuas de intercessão, isso fortalecerá grandemente toda a vida espiritual da igreja e abrirá o caminho para bênçãos crescentes de Deus.

3. Oração Eficaz (5.16b-18)

Quando devemos esperar que nossas orações sejam respondidas por Deus? Tiago deixa claro que orações desse tipo devem vir de **um justo** (v. 16), i.e., alguém que está num relacionamento correto com Deus e o homem. Uma tradução da última frase do versículo 16 é a seguinte: “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (ARA). A única oração de um injusto que Deus promete ouvir é a oração de arrependimento. Baseado na palavra traduzida por “oração fervorosa” (Bíblia Viva, *energoumene*), Mayor escreve a sua própria interpretação: “Somos tentados a considerar como passivas as formas que geralmente são consideradas médias e dessa forma entender a força aqui de uma oração *operada ou inspirada pelo Espírito*, como ocorre em Romanos 8.26 (Benson traz ‘inspirada’; Macknight, ‘oração entretecida’; Bassett, ‘quando ativada pelo Espírito de Deus’)”.⁴

Cada pessoa que ora sabe que há tempos em que o Espírito Santo a ajuda em sua oração. Mas Tiago deixa claro que as pessoas que têm suas orações respondidas não precisam ser santos sobre-humanos, diferente das pessoas comuns. O autor aqui apresenta um exemplo de oração do Antigo Testamento como já tinha apresentado anteriormente exemplos de fé nos versículos 10-11. “Elias era humano como nós” (v. 17, NVI. Cf. 1 Rs 17.1; 18.1, 42-45).⁵ Ele era um homem exatamente igual a nós — com os mesmos recursos disponíveis de Deus que estão disponíveis para nós. Todo verdadeiro cristão que serve a Deus, como os presbíteros, é encorajado a orar a oração da fé. A admoestação de Tiago para orar por cura do doente e sua ilustração da oração de Elias por chuva nos assegura que Deus responde à oração num domínio natural. A oração não apenas nos transforma, mas por meio dela, Deus também muda as coisas.

C. RESTAURANDO O APÓSTATAS, 5.19,20

Tiago abre a sua exortação conclusiva como havia aberto a sua primeira: **Irmãos** (v. 19); é a última vez que ele usou o seu apelo amoroso em sua carta. Três linhas de pensamentos ligam esses versículos à passagem anterior. 1) Há uma continuidade do tema de pecado e confissão nos versículos 15,16. 2) Lidar com um doente penitente era somente um método de evangelização, porque nem todos os pecados levam à enfermidade física. 3)

Embora não esteja explícito, podemos supor que Tiago compreendia que esse ministério de restauração era realizado com a mesma “oração fervorosa” que havia acabado de escrever.

A epístola apresenta diversas advertências sérias e reprovações fortes, mas é evidente aqui como em outras partes, que o alvo maior do autor é corrigir aqueles que estão em perigo. Para Tiago, um irmão em perigo é um irmão a ser recuperado. Por meio da palavra **Saiba** (v. 20) ele deixa claro a cada cristão a importância dessa tarefa e a extensão das suas consequências. Se uma pessoa **se tem desviado da verdade** (v. 19) significa que ela se afastou da fé em Cristo e da obediência a Ele. Outras passagens que comparam a **verdade** com a fé salvadora são as seguintes: João 1.17 e Romanos 1.18. A cláusula **alguém o converter**⁶ é melhor traduzida por: “alguém o trouxe de volta” (NVI).

Os termos **alguém** (v. 19) e **aquele** (v. 20) deixam claro que esse ministério da evangelização pessoal amorosa é dever e privilégio de todos os cristãos, não apenas para “os presbíteros da igreja”. Quando Tiago fala de **algum de entre vós** (v. 19) e **um pecador** (v. 20), ele nos faz lembrar da preocupação do nosso Senhor com uma ovelha perdida e o filho pródigo. Em todo o seu ensinamento social, Tiago não perde de vista o supremo valor da alma individual. Quando ajudamos um cristão desviado a voltar ao caminho reto, da mesma maneira em que levamos uma pessoa a Cristo, salvamos **da morte uma alma** — da morte espiritual nesta vida e da morte eterna futura (cf. Jo 5.24).

As últimas palavras da epístola: **e cobrirá uma multidão de pecados**, são tiradas de Provérbios 10.12, como ocorre em 1 Pedro 4.8. De quem são esses **pecados** ocultos? As aplicações nesses dois textos dão a dica do significado aqui. Em Provérbios, os pecados cobertos são consequências sociais. Da mesma forma em que o ódio incita à contenda, assim o amor cobre, ou impede, esses resultados perversos. Pedro estimula a caridade (amor) porque o amor cobre ou previne pecados da ira e retaliação em outra pessoa. Nas duas situações, a ação do homem justo é colocada em uma relação direta com os pecados da outra pessoa envolvida. Dessa forma, entendemos aqui que são os pecados do transgressor e os males sociais que resultam dos seus pecados que são tratados. O Novo Testamento ensina de forma clara que nenhum homem é salvo pelas “obras de justiça” — nem pela obra graciosa de trazer de volta a Cristo o desviado. Nossos pecados são cobertos somente pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Mas há graça para nós e para o desviado. Charles Wesley escreveu:

*Graça abundante há em Ti
Graça para cobrir todo o meu pecado.
Que as correntes curadoras afluam;
Tornem-me e mantenham-me puro por dentro.*

A carta termina sem uma saudação de despedida. Moffatt comenta que ela termina “repentinamente, mas não inapropriadamente”. A nota conclusiva de Tiago é uma ênfase culminante na tarefa de evangelização do Novo Testamento. “Nenhum dever do cristão está mais em conformidade com a mente do Senhor, ou expressa melhor o amor cristão, do que o dever de ajudar o desviado a voltar ao caminho reto”.⁷

Doremus Hayes diz o seguinte acerca dessa epístola: “Todo aquele que se delonga na teoria e é limitado na prática, precisa mergulhar no espírito de Tiago; e visto que há esse tipo de pessoas em cada comunidade e em cada geração, a mensagem dessa epístola nunca se tornará obsoleta”.⁸

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ O grego desta passagem é ambíguo (cf. Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. James* [Nova York: Macmillan and Co., 1892], p. 27). Muitos estudiosos acreditam que o verdadeiro significado é que Paulo não viu nenhum outro apóstolo além de Pedro. Ele também viu Tiago, que não era apóstolo.
- ² "James, Epistle of". *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr, et al. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943), vol. III, p. 1964.
- ³ "The General Epistle of James", *The Tyndale New Testament Commentaries*, ed. R. V. G. Tasker (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957), p. 11.

SEÇÃO I

- ¹ W. E. Oesterly, "The General Epistle of James", *The Expositor's Greek Testament*, ed. W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956), vol. IV, 419.

SEÇÃO II

- ¹ Alfred Plummer, "The General Epistle of St. James and St. Jude", *The Expositor's Bible* (Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1903), p. 62.
- ² *Ibid*, p. 63.
- ³ *Op. cit.*, p. 41.
- ⁴ Citado em Mayor, *op. cit.*, p. 35
- ⁵ *Studies in the Epistle of St. James* (Nova York: George H. Doran Co., 1915), p. 63.
- ⁶ *Op. cit.*, p. 36.
- ⁷ "The General Epistle of James, Peter and Judas", *The Moffatt New Testament Commentary*, ed. James Moffatt (Nova York: Harper and Brothers Publishers, sem data), p. 11.
- ⁸ "The Epistle of St. James", *Westminster Commentaries*, ed. Walter Lock (Londres: Methuen and Co., 1910). p. 9.
- ⁹ *Ibid*, p. 9.
- ¹⁰ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James* (Columbus: Wartburg Press, 1946), p. 530.
- ¹¹ Andrew McNab, "The General Epistle of James", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson, et al. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 1119.
- ¹² *Christian Theology* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1943), vol. II, 49.
- ¹³ *Op. cit.*, pp. 46-7.
- ¹⁴ *Op. cit.*, p. 26.
- ¹⁵ *Op. cit.*, vol. III, p. 1.562.
- ¹⁶ "James" (Exposition), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, et al. (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), vol. XII, p. 31.
- ¹⁷ *Op. cit.*, pp. 89-92.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 94.

²⁰ *Op. cit.*, p. 30.

²¹ A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 95.

²² “O autor dessa epístola fala com autoridade [...] Sua posição oficial deve ter sido reconhecida e não questionada. Ele está tão certo da sua reputação em relação aos seus leitores como está em relação à integridade da sua mensagem [...] Encontramos 54 imperativos nos 108 versículos desta epístola” (ISBE, vol. III, p. 1562).

²³ *Op. cit.*, p. 64.

²⁴ “The Espistles of James and John”. *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 40.

²⁵ *Op. cit.*, p. 36.

SEÇÃO III

¹ Cf. nota de rodapé em 1.22.

² Bo Reicke, “The Espistles of James, Peter, and Jude”, *The Anchor Bible*, ed. William Foxwell Albright and David Noel Freedman (Nova York: Doubleday and Company, Inc., 1964) vol. XXXVII, p. 27.

³ Tasker, *op. cit.*, p. 58.

⁴ Oesterley, *op. cit.*, vol. IV, p. 440.

⁵ McNab, *op. cit.*, p. 1.121.

⁶ Amos Binney e Daniel Steele, *The People’s Commentary* (Nova York: Nelson and Phillips, 1898), p. 631.

⁷ Mayor, *op. cit.*, p. 87.

SEÇÃO IV

¹ *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, sem data), vol. II, p. 811.

² *Op. cit.*, p. 51.

³ Moffatt, *op. cit.*, p. 41.

⁴ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941 [reedição]), p. 862.

⁵ Citado em Ross, *op. cit.*, p. 53.

⁶ Tasker, *op. cit.*, pp. 67-8.

⁷ *Ibid*, p. 69.

⁸ Moffatt, *op. cit.*, p. 45.

SEÇÃO V

¹ *Op. cit.*, p. 599.

² *Op. cit.*, p. 864.

³ Oesterley, *op. cit.*, vol. IV, p. 422.

⁴ Essa interpretação do versículo 5a admite que a sentença pertence aos versículos anteriores. Aqueles que a relacionam aos versículos 5b e 6 dão às palavras uma conotação bastante negativa, e.g.: “Ela é uma grande ostentadora” (NEB, margem).

⁵ “The Epistle of James” (Exegese), *The Interpreter’s Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al*, vol. XII (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), p. 47.

⁶ *Ibid*, p. 48.

⁷ Lenski, *op. cit.*, p. 606.

⁸ Alguns interpretam **todo o corpo** no versículo 6 e no versículo 2 como referindo-se à Igreja — todo o corpo de crentes. Embora o contexto geralmente dê a entender a pessoa individual, há claras indicações das conseqüências do falar que alcançam e afetam a vida de outras pessoas.

⁹ Binney and Steele, *op. cit.*, p. 633.

¹⁰ McNab, *op. cit.*, p. 1122.

¹¹ *Op. cit.*, p. 611.

¹² Wesley comenta: “Na verdade, perdemos agora essa semelhança; no entanto, permanece daquele tempo uma nobreza indelével, que devemos reverenciar em nós mesmos e nos outros”. (*op. cit.*, p. 864).

¹³ Escrito em cerca de 1850. Citado por Poteat, *op. cit.*, vol. XII, p. 49.

SEÇÃO VI

¹ Knowling, *op. cit.*, p. 86.

² McNab, *op. cit.*, p. 1124.

³ T. A. Moxon, “Natural”, *Dictionary of the Bible*, ed. James Hastings, *et al*. (Nova York: Charles Schribner’s Sons, 1937), p. 647.

⁴ *Op. cit.*, vol. II, p. 817.

⁵ Knowling, *op. cit.*, p. 88.

SEÇÃO VII

¹ *Op. cit.*, p. 55.

² *Op. cit.*, p. 866.

³ *Op. cit.*, p. 101.

⁴ *Op. cit.*, p. 1.125.

⁵ Tasker, *op. cit.*, pp. 92-3.

⁶ *Op. cit.*, p. 80.

⁷ *Ibid*.

⁸ *Op. cit.*, p. 104.

⁹ *Op. cit.*, vol. II, p. 820.

¹⁰ Knowling, *op. cit.*, p. 105.

¹¹ *Op. cit.*, p. 95.

¹² *Ibid*, p. 97.

¹³ *Op. cit.*, p. 212.

¹⁴ *Ibid*, pp. 220-1.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 141.

¹⁶ Oesterley, *op. cit.*, vol. IV, p. 464.

SEÇÃO VIII

- ¹ Somente na Palestina o trabalho no campo era contratado; em outras partes do Império Romano os campos eram trabalhados por escravos.
- ² Os livros apócrifos na Igreja Primitiva serviam de ajuda ilustrativa e inspiradora, mas não eram aceitos como base para a doutrina.
- ³ Veja um ponto de vista diferente em Adam Clarke, *op. cit.*, vol. VI, p. 824.
- ⁴ *A Commentary on the Holy Bible* (Chicago: W. P. Blessing Co., sem data), VI, p. 1303.
- ⁵ *Op. cit.*, p. 70.

SEÇÃO IX

- ¹ *Op. cit.*, p. 120.
- ² Lenski, *op. cit.*, p. 655.
- ³ *Op. cit.*, p. 151.
- ⁴ *Ibid*, p. 152.

SEÇÃO X

- ¹ *Op. cit.*, p. 57.
- ² *Op. cit.*, vol. XII, p. 71.
- ³ *Ibid*.
- ⁴ *Op. cit.*, p. 165.
- ⁵ Há uma pequena variação na duração da seca. Tiago diz **três anos e seis meses**. Jesus também usou a mesma figura (Lc 4.25). O relato do AT diz: “no terceiro ano” (1 Rs 18.1). A figura dos três anos e meio parece ter se tornado uma expressão popular indicando a duração da dificuldade em ensinamentos apocalípticos (cf. Dn 12.7; Ap 11.2).
- ⁶ A palavra **converter** (*epistrepho*) é a mesma palavra que Jesus usou com Pedro depois que ele havia negado seu Senhor. “Quando te converteres [*epistrepsas*], confirma teus irmãos” (Lc 22.32).
- ⁷ Tasker, *op. cit.*, p. 142.
- ⁸ ISBE, vol. III, p. 1.567.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BINNEY, Amos e Steele, Daniel. *The People's Commentary*. Nova York: Nelson and Phillips, 1878.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II, Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.
- EASTON, Burton Scott. "James" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al. Vol. XII. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.
- HENRY, Matthew. *A Commentary on the Holy Bible*, vol VI. Chicago: W. P. Blessing Co., s. d.
- KNOWLING, R. J. "The Epistle of St. James", *Westminster Commentaries*. Londres: Methuen and Co. Ltd., 1910.
- LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James*, Columbus: Wartburg Press, 1946.
- MAYOR, Joseph B. *The Epistle of St. James*. Nova York: Macmillan and Co., 1892.
- M McNAB, Andrew. "The General Epistle of James", *The New Bible Commentary*, Ed. F. Davidson, et al. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.
- OESTERLEY, W. E. "The General Epistle of James". *The Espositor's Greek Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.
- POTTEAT, Gordon. "James" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al. Vol. XII. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.
- REICKE, Bo. "The Epistle of James, Peter, and Jude", *The Anchor Bible*. Ed. William Foxwell Albright e David Noel Freedman. Vol. XXXVII. Nova York: Doubleday and Doran, 1964.
- ROBERTSON, A. T. *Studies in the Epistle of St. James*. Nova York: George H. Doran Co., 1915.
- ROSS, Alexander. "The Epistles of James and John", *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.
- TASKER, R. V. G. "James", *The Tyndale New Testament Commentaries*. Ed. R. V. G. Tasker. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (reedição).

II. OUTROS LIVROS

- EARLY, Ralph, et al. *Exploring the New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955.
- HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- TENNEY, Merrill C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.
- WILEY, H. Orton, *Christian Theology*. Vol. III. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1943.

III. ARTIGOS

- HAYES, Doremus Almy. "James, Epistle of", *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. James Orr, et al. Vol. III. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943.
- KERR, C. M. "James", *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. James Orr, et al. Vol. III. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943.
- MOXON, T. A. "Natural", *Dictionary of the Bible*. Ed. James Hastings, et al. Nova York: Charles Scribners Sons, 1937.

A Primeira Epístola de
PEDRO

Roy S. Nicholson

Introdução

A Primeira Epístola de Pedro tem sido descrita como “Epístola da Esperança”, “Epístola da Coragem” e “Epístola da Esperança e Glória”. Ela também pode ser chamada de “Epístola da Vida Santa”, porque enfatiza o fato de que a santidade de vida é mais importante do que o livramento do sofrimento. Suas lições mais distintas são: 1) que os verdadeiros filhos de Deus estão sujeitos a sofrimentos imerecidos, mas que apesar dessas perseguições, por meio da graça e do poder de Deus, permanecerão firmes; e, 2) que eles irão se conduzir em santidade, independentemente da situação que tiverem de enfrentar. Pedro lembra que o caminho cristão é um caminho de santidade como foi exemplificado pela vida de Cristo durante sua jornada aqui na terra.

A. Autoria

Esta epístola afirma ter sido escrita por Pedro, o apóstolo, e foi universalmente aceita como tal pela Igreja Primitiva. Renan, citado por Marcos Dods, afirma que a Primeira Epístola de Pedro foi “o livro mais antigo e mais unanimamente aceito como autêntico”.¹ O bispo Thomas A. Horne diz que a veracidade e autenticidade de 1 Pedro “nunca foram contestadas”.² Tanto a evidência externa quanto a interna argumentam fortemente a favor da autoria petrina.³

Com referência à autoria de 1 Pedro, Charles Bigg declara com ousadia: “Não há livro do Novo Testamento que possua um testemunho melhor, mais primitivo e mais forte do que 1 Pedro”.⁴ A maioria dos estudiosos dos nossos dias concorda que Pedro escreveu essa epístola. A principal incerteza, no entanto, diz respeito à parte que coube a Silvano nesse escrito (cf. 5.12).

B. Destinatários

Esta carta “encíclica” foi evidentemente destinada para todo o corpo de Cristo que habitava a região da Ásia Menor, ao norte dos montes Taurus. Eles provavelmente eram convertidos de Paulo e incluíam tanto judeus quanto gentios. Alguns consideram que os judeus formavam a maioria. Outros acham que havia mais gentios do que judeus (cf. 1.14; 2.9-10; 3.6; 4.3). Dods diz que os convertidos gentios ao cristianismo sempre tinham uma certa familiaridade com os ensinamentos do Antigo Testamento e um conhecimento dos seus personagens. Sua conclusão é: “Na verdade, pode-se considerar como certa a idéia de que a carta foi endereçada a todos os cristãos que habitavam aquela região. Também é aceito como certo que as igrejas cristãs dessas regiões eram compostas de gentios e judeus”.⁵

Stephen W. Paine sugere que alguns que tiveram acesso a essa carta podem ter sido gentios que ouviram o sermão de Pedro em Pentecostes (cf. At 2.9) e “sem dúvida voltaram para a terra natal deles como colonizadores espirituais”.⁶ Andrew F. Walls sugere que essa carta foi enviada a essa parte da Ásia Menor que não foi evangelizada por Paulo. Seu ponto de vista toma por certo que a carta de Paulo aos Gálatas foi enviada aos habitantes do sul da Galácia.⁷

A visão de Bo Reicke é que aqueles da região do sul da Galácia não são mencionados porque já eram mais proximamente relacionados à igreja em Antioquia do que à congregação de Roma.⁸ Algumas autoridades teológicas declaram que 1 Pedro foi endereçada às mesmas pessoas às quais Tiago escreveu, visto que elas estavam dispersas e rodeadas por aflições cruéis e tentações impetuosas. Essa epístola pode ter sido escrita antes da perseguição oficial do estado, durante um tempo em que os cristãos estavam se defrontando com um ostracismo social inspirado por judeus fanáticos e pagãos hostis. Parece que esses crentes estavam sofrendo porque: a) eram judeus; b) eram cristãos; e c) eram considerados apóstatas pelos judeus.⁹

John H. Kerr cita Canon Cook ao defender que as orientações gerais e especiais em 1 Pedro justificam igualmente a conclusão “de que mesmo tendo os israelitas em mente, o tolerante batizador de Cornélio apresentou seu pensamento mais profundo e sério a um corpo no qual não há nem judeu nem gentio, porque todos são um em Cristo”.¹⁰

C. Data e Lugar

Há uma ampla divergência de opinião em relação ao tempo e o lugar da composição dessa epístola. Devido à falta de espaço, podemos apenas mencionar as fontes em que esses pontos são considerados em detalhes e citar brevemente as conclusões dos estudiosos conservadores.

W. H. Bennett, depois de considerar meticulosamente as objeções à autoria de Pedro e a data em que ele podia ter escrito a epístola, conclui que “a data provável foi entre 64-66 d.C.”.¹¹ Earle sugere que a data da composição dessa carta ocorreu em 64 d.C.¹² E. G. Selwyn discute a questão da data detalhadamente e a coloca no final do ano 63 d.C. ou no início de 64 d.C.¹³ A conclusão de William Barclay é que ela foi escrita logo após o grande fogo em Roma durante o reinado de Nero e em conexão com a primeira perseguição aos cristãos.¹⁴ Portanto, parece razoável datar o livro entre 63 e 65 d.C.

O lugar de onde o livro de 1 Pedro foi escrito também despertou muita controvérsia. “Babilônia” (5.13) tem sido interpretada de três maneiras. Alguns argumentam que essa epístola foi escrita de uma pequena cidade com esse nome ao norte do Egito e que era o local de um posto avançado do exército romano. Um número razoável de estudiosos zelosos afirma que a epístola foi escrita na Babilônia, junto ao rio Eufrates, na Mesopotâmia. A maioria das autoridades teológicas acredita que ela foi escrita na cidade de Roma, que Pedro envolveu com uma expressão alegórica. O testemunho geral da antiguidade, que tem um peso significativo, é que ela foi escrita naquela cidade. Eusébio, Jerônimo e outros teólogos afirmam categoricamente que 1 Pedro foi escrita em Roma.

Kuhn declarou que essa só pode ser uma referência à capital imperial. Ele cita como razões “a aplicação geral de Roma na exegese primitiva, com apenas algumas poucas exceções; [e] a falta de qualquer evidência de que Pedro chegou a ficar ou trabalhar na terra da Babilônia, em comparação com a sólida historicidade da sua estada e martírio em Roma”.¹⁵ Neare toma o caminho inverso e entende que a epístola foi escrita em uma região à qual é destinada, por um presbítero que usou um pseudônimo.¹⁶ Mas existe um consenso de que 1 Pedro foi escrita em Roma.

D. Natureza e Estilo

Discussões recentes têm se concentrado em torno da questão se 1 Pedro é uma carta, uma liturgia para o culto batismal, uma combinação dessas duas posições ou um discurso batismal.¹⁷ Ela certamente é epistolar na forma. Sua introdução, saudação e conclusão têm marcas comuns de uma epístola.¹⁸ Ela freqüentemente exhibe “digressões, recapitulações, ênfases repetidas e efusões espontâneas na forma de relatos, invocações, e assim por diante”.¹⁹

O estilo da escrita expressa a veemência e fervor do espírito de Pedro. Embora não denuncie nenhuma heresia em especial, a epístola revela o conhecimento completo que Pedro tinha do cristianismo. Ele escreve com uma forte segurança e convicção da verdade dos seus ensinamentos. As referências à vida e ensinamentos de Cristo são discretas, mas claras. A epístola está repleta de referências à experiência pessoal de Pedro; no entanto, esse que era um dos líderes no círculo apostólico exorta e testifica sem parecer estar mandando. Todavia, Merrill C. Tenney chama a atenção a “uma corrente contínua de ordens”, consistindo de 34 imperativos que indicam que Pedro estava “falando do seu coração, não escrevendo um ensaio formal”.²⁰

Joseph Benson cita uma frase de Blackwall ressaltando que Pedro escreveu com “tal rapidez e vivacidade de estilo, com tal omissão nobre de algumas das conseqüências e sutilezas gramaticais formais, ainda que preservando sua verdadeira razão e analogia natural [...] que você malmente consegue perceber as pausas do seu discurso e distinções dos seus pontos finais. Uma excelência nobre e uma liberdade apropriada é o que distingue Pedro: uma pessoa devota e sensata não pode lê-lo sem uma atenção solene e um interesse tremendo”.²¹

Selwyn vê em 1 Pedro uma mistura dos elementos *sacerdotal*, *profético* e *místico* em “uma disposição de autoridade serena” que permeia toda a epístola, e ela “não é menos eficaz por ser discreta”.²²

E. O Alvo da Epístola

Com um tom enérgico, Pedro insta os cristãos dispersos à coragem, paciência, esperança e santidade de vida diante dos maus tratos dos seus inimigos. Merrill C. Tenney expressa de maneira sucinta o alvo da epístola como sendo mostrar aos cristãos “como viver sua redenção em um mundo hostil”.²³ Isso envolve o desempenho apropriado de todos os deveres pessoais, civis e religiosos. Somente dessa forma eles poderiam desfrutar a aprovação divina e refutar as acusações falsas e difamadoras que seus inimigos estavam apresentando contra eles, visto que eles não se comprometiam com as práticas idólatras comuns daqueles que viviam no meio deles.

A lealdade aos princípios de Cristo inevitavelmente faz com que os cristãos sejam perseguidos até certo ponto e, em certos momentos, a perseguição se torna bastante severa. Pedro, ciente de quão violenta e inflamada uma perseguição podia se tornar, os conclama, à luz da glória indubitável além da provação do sofrimento, a manter sua fé cristã apesar da imerecida repreensão, perseguição e mesmo morte. Os cristãos podem ser “triunfantes diante das dificuldades”.

“Pedro sabe disso. Ele quer que seus amigos cristãos na Ásia Menor o saibam — e o demonstrem”.²⁴ A fidelidade aos princípios de Cristo no meio das suas provações impetuosas os firmaria em santidade e os ajudaria a prezar sua herança futura, que é radiante com a glória visível de Cristo. Não há um esforço para negar a perseguição, mas o alvo é lembrá-los de que a perseguição suportada com paciência resulta em bem-aventurança e glória.

F. A Teologia

A teologia de 1 Pedro é muito simples e traz uma semelhança marcante com os sermões do livro de Atos e a teologia do início da Igreja primitiva. A cristologia da epístola está clara. Ela destaca o “Servo” apresentado em Isaías 53, mas não deixa de ressaltar a subsequente exaltação de Cristo. A esperança escatológica é mantida em um foco nítido, com “o horizonte da glória pairando sobre os santos sofredores à medida que continuam sua peregrinação”. Macknight chama nossa atenção a “alguns mistérios profundos”²⁷ encontrados nessa epístola. Esses, no entanto, não obscurecem a beleza marcante dos seus ensinamentos cristãos que provam que o evangelho recebido era “a verdadeira graça de Deus” na qual deveriam permanecer firmes (5.12).

G. Semelhança com as Epístolas de Paulo

Uma fonte de objeção a Pedro como autor dessa epístola é uma certa semelhança de linguagem e estrutura com algumas epístolas de Paulo, particularmente Romanos e Efésios. Há, no entanto, diversas situações bastante claras da individualidade de Pedro. Essa epístola se harmoniza com as características pessoais de Pedro e seus discursos registrados no livro de Atos. A epístola de 1 Pedro apresenta algumas semelhanças com porções dos escritos de João bem como de Paulo, mas não tem sido sugerido que Pedro imitou João.²⁸ O teólogo alemão Gotthard Victor Lechler declarou: “É melhor aderir à opinião de que aqui e ali algumas palavras de Paulo flutuavam diante da mente de Pedro, acreditando que isso é, no entanto, compatível com a independência espiritual de Pedro; porque é apressado tornar semelhanças desse tipo um motivo para admitir imediatamente a falta de independência ou a contradição de perspectivas”.²⁹

Esboço

I. INTRODUÇÃO, 1.1

II. SANTIDADE PROPOSTA, 1.2-12

- A. A Trindade Divina Envolvida, 1.2
- B. Uma Esperança Viva e Bem Fundamentada, 1.3
- C. Uma Herança Gloriosa, 1.4,5
- D. Constância nas Provações, 1.6-9
- E. Um Desafio para Homens e Anjos, 1.10-12

III. SANTIDADE ORDENADA, 1.13-16

- A. Uma Ordem que Requer Atenção, 1.13,14
- B. Uma Ordem Baseada no Caráter de Deus, 1.15
- C. Uma Ordem Reforçada pelo Motivo mais Elevado, 1.16

IV. SANTIDADE PROVIDENCIADA, 1.17-21

- A. Um Padrão de Julgamento, 1.17
- B. Um Preço Infinito, 1.18,19
- C. Um Plano Eterno, 1.20
- D. A Apropriação por Meio da Fé Pessoal, 1.21

V. SANTIDADE EXPERIMENTADA, 1.22-25

- A. Pureza por Meio da Obediência à Verdade, 1.22a
- B. Pureza por Meio de uma Operação do Espírito, 1.22b
- C. Pureza que se Expressa por Meio de um Amor Fervoroso, 1.22c
- D. Pureza Assegurada pela Palavra de Deus, 1.23-25

VI. SANTIDADE EXEMPLIFICADA, 2.1—3.17

- A. Coisas Deixadas de Lado, 2.1
- B. Anseio pela Palavra de Deus, 2.2,3
- C. Oferecendo Sacrifícios Espirituais, 2.4,5
- D. Um Caráter Transformado, 2.6-10
- E. Abstinência dos Desejos Carnais, 2.11,12
- F. Submissão às Autoridades Cíveis, 2.13-16
- G. Cumprindo Todas as Obrigações Éticas, 2.17
- H. Persistência Paciente do Sofrimento Imerecido, 2.18-20
- I. “A Imitação de Cristo”, 2.21-25
- J. Retidão no Relacionamento Matrimonial, 3.1-7
- K. O Cumprimento de Obrigações Sociais, 3.8-14
- L. Um Testemunho Coerente, 3.15-17

VII. SANTIDADE TRIUNFANTE, 3.18-22

- A. O Sofrimento não Impede o Propósito de Deus, 3.18
- B. Um Interlúdio: A Descida de Cristo até o Hades, 3.19,20
- C. Do Sofrimento até a Glória, 3.21,22

VIII. SANTIDADE SUPERIOR, 4.1-19

- A. Dedicção à Vontade de Deus, 4.1,2
- B. Incompreensão Superada, 4.3-6
- C. Sobriedade e Vigilância, 4.7
- D. Caridade para com os Ofensores, 4.8
- E. Demonstrando Hospitalidade, 4.9,10
- F. A Glória de Deus em Todas as Coisas, 4.11
- G. Participando dos Sofrimentos de Cristo, 4.12-16
- H. Sem Medo do Exame de Deus, 4.17-19

IX. SANTIDADE EM AÇÃO, 5.1-9

- A. Relacionamentos Oficiais na Igreja, 5.1-4
- B. Relacionamentos Pessoais em Toda a Comunidade, 5.5-7
- C. Resistência Constante ao Adversário, 5.8,9

X. SANTIDADE E GLÓRIA ETERNA, 5.10,11

- A. Deus Inicia o Chamado à Santidade, 5.10a
- B. O Alvo é a Glória Eterna, 5.10b
- C. Santidade e Esperança Testadas pelo Sofrimento, 5.10c
- D. Um Processo com Vista à Eternidade, 5.10d
- E. Doxologia, 5.11

XI. CONCLUSÃO, 5.12-14

- A. Uma Carta com Propósito, 5.12
- B. Saudações da Igreja, 5.13
- C. O Sinal da Irmandade, 5.14a
- D. Oração pela Paz, 5.14b

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

1 Pedro 1.1

O autor dessa carta identifica-se como **Pedro, apóstolo de Jesus Cristo**. Em 2 Pedro 1.1, ele se autodenomina “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo”. Para um estudo mais aprofundado da designação de Pedro como “Simão” e “Cefas”, cf. João 1.40-42. Doremus A. Hayes descreveu Pedro como “Um homem amável [...] um homem ativo [...] um homem leal [...] uma rocha [...] um homem em crescimento [...] e o apóstolo da esperança”.³⁰

Essa epístola é dirigida **aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia** — todas as províncias localizadas ao sul do mar Negro (veja mapa 1). Esses **estrangeiros** são membros da Igreja cristã que foram chamados (“escolhidos”) desse mundo (cf. Mt 24.22, 24; Rm 8.33). Eles “são forasteiros” (ARA) nos territórios designados. Veja uma discussão mais completa das questões em relação à autoria e destino de 1 Pedro na Introdução.

SEÇÃO II

SANTIDADE PROPOSTA

1 Pedro 1.2-12

A. A TRINDADE DIVINA ENVOLVIDA, 1.2

1. A Questão da Eleição (1.2a)

A questão da eleição apresenta um problema para a Igreja cristã por causa das interpretações conflitantes dos teólogos antigos e modernos a respeito desse assunto. Não se pode negar que a Bíblia ensina acerca da eleição. Benjamin Field³¹ descreve três tipos de eleições nas Escrituras: 1) A eleição do indivíduo para realizar alguma obra especial ou particular (Dt 21.5; 1 Sm 2.27,28; Jr 1.5; Lc 6.13; At 9.15); 2) A eleição de nações ou grupos de pessoas a privilégios religiosos elevados (Dt 4.37; 7.6; 10.15; Is 41.8-9); 3) Uma eleição pessoal de indivíduos para se tornarem filhos de Deus e herdeiros da glória eterna (1.2; 2 Ts 2.13-14). Essa última eleição não implica em uma “exclusão de outros cristãos de bênçãos preciosas semelhantes; nem garante que sua salvação seja irrevogavelmente segura; eles continuam num estado de provação, e sua eleição pode ser considerada inútil [...] por meio da descrença e [pode] resultar em nada”.³²

“A eleição e a predestinação de Deus [...] são sua provisão graciosa e um propósito para salvar todo aquele que crê no Senhor Jesus Cristo, e não uma predeterminação arbitrária daqueles que podem crer”.³³

2. A Santidade Proposta (1.2ab)

A eleição deles era **segundo a presciência de Deus Pai**; i.e.: de acordo com “o conhecimento compreensivo de Deus dos seus próprios planos e obras, de maneira que a presciência é praticamente equivalente ao seu propósito deliberado e perspicaz”.³⁴

A **santificação** aqui proposta inclui tanto o processo quanto o resultado dessa operação do Espírito Santo, por meio da qual o coração da pessoa é purificado do mal moral e o caráter da pessoa é totalmente ajustado à vontade de Deus. O propósito eterno de Deus é que o homem seja como Ele (cf. Ef 1.4). Nessa condição moral, Ele criou o homem (cf. Gn 1.26,27). Há um momento decisivo em relação a essa obra divina, no qual em um instante “o coração é purificado de todo pecado e enchido com o amor puro de Deus e do homem” (João Wesley). A santidade aqui proposta é operada pelo Espírito Santo, que ministra o “estado de graça” provido por meio do sangue de Jesus Cristo. Não é uma perfeição absoluta que impede a possibilidade de aperfeiçoamento, mas é a restauração da imagem divina na alma do homem, de tal forma que tanto seu caráter quanto o seu serviço são aceitáveis a Deus. Essa santidade é a aptidão para a vida e serviço e não um caráter final no sentido de ser um estado que não pode ser aperfeiçoado. Ela dá à vida pureza, poder, beleza e harmonia.³⁵

3. *A Garantia do seu Alcance (1.2)*

Essa santificação se origina em **Deus Pai**. Ela é provida pela morte redentora de Jesus Cristo. Ela é operada pela ação eficaz **do Espírito**. Esse envolvimento da Trindade indica a importância dessa purificação interior e pessoal do coração e garante sua realização quando o homem se entrega completamente à vontade e serviço de Deus e exercita a apropriação da fé por meio **do sangue de Jesus Cristo**. A saudação de Pedro a esses cristãos indica a convicção de que o gozo pessoal da **graça** da santidade concedida resulta na multiplicação da **paz**.

B. UMA ESPERANÇA VIVA E BEM FUNDAMENTADA, 1.3

Ao escrever aos cristãos que estavam experimentando provações tremendas e privações indescritíveis, Pedro não só os lembra do propósito e poder de Deus revelados na salvação assegurada a eles pela Trindade (v. 2), mas os encoraja a enfrentar o futuro com ousadia santa, porque a salvação deles será aperfeiçoada. **Bendito seja [...] Deus**, que, como **Pai de nosso Senhor Jesus Cristo** “é a fonte máxima da nossa regeneração; e, por meio da sua ressurreição garante nossa bem-aventurança futura; e, entretentes, nos mantém a salvo dos perigos desta vida presente”.³⁶

O capítulo 1 trata basicamente da fé como fundamento e apoio para a obediência e paciência. A fé ajuda os cristãos a crer, a obediência os encaminha a fazer e a paciência os conforta no sofrimento. A sua fé deve estar fundamentada na sua redenção e salvação por meio de Jesus Cristo, na herança da imortalidade que lhes foi comprada pelo sangue dele e na evidência e estabilidade do direito que têm a ela.

Assim como a **ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos** era o primeiro passo em direção à sua glória e à exaltação que se segue, assim a regeneração é “o fundamento e o primeiro passo de todos esses privilégios do cristão que são consequência do estado da graça”.³⁷ Além disso, a ressurreição do Senhor Jesus é “a pedra fundamental da nossa esperança [...] uma prova da imortalidade da alma [...] uma garantia de que todos que estão unidos com Ele serão ressurretos”.³⁸ A morte de Cristo manifesta seu amor. Sua ressurreição manifesta seu poder e aptidão para salvar. Portanto, sua ressur-

reição é fundamental para a esperança e confiança do cristão. Pedro, como testemunha ocular da ressurreição do nosso Senhor, seguiu sua saudação aos cristãos dispersos com uma doxologia que exhibe “o conteúdo e a base da fé cristã” e que permeia o Novo Testamento, a saber, a “esperança da ressurreição dos mortos”. Essa ressurreição é baseada no triunfo de Cristo sobre a morte que afasta o olhar do homem e se concentra em Deus. Esse concentrar-se em Deus é o segredo da esperança cristã”.³⁹

C. UMA HERANÇA GLORIOSA, 1.4,5

A “grande misericórdia” de Deus (v. 3) revela o seu caráter benéfico, que é a fonte da esperança cristã. “A ressurreição” de Cristo testifica da aceitação de Deus do seu sacrifício e é a base da sua exaltação mediadora. O objeto central da esperança do crente é **uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação...**

Como filhos de Deus, os crentes são herdeiros de Deus. Há uma herança guardada para eles. Diferente de tesouros terrenos que murcham, essa herança espiritual é **incorruptível**. Ela conserva sua perfeição imutável porque não contém sementes de deterioração. Ela é **incontaminável**, “incapaz de ser maculada ou de ser desfrutada por qualquer alma poluída”.⁴⁰ Em vez de murchar ela permanece num frescor perpétuo, que nunca se deteriora quanto ao seu valor, graça ou beleza. Essa herança é mantida absolutamente segura para os crentes que estão sendo **guardados** para ela. Essa herança espiritual eterna, que não pode ser violada pela perseguição, encoraja os crentes a permanecerem firmes na fé, independentemente dos seus sofrimentos.

Isso requer fé no poder de Deus, que guarda os seus contra todos os inimigos. Ele tem a capacidade de preservar todo crente que se compromete com o poder divino. Essa é a causa eficiente de preservação, ao passo que a fé do homem é o meio eficaz. Nesse caso, a **fé** se refere a ser guardado, em vez de fé **para a salvação**. A **salvação** aqui é a salvação final no céu. Essa **salvação** está **prestes para se revelar no último tempo**. Não é algo a ser preparado agora ou a partir de agora, portanto, “sujeito a nunca ser realizado, mas um fato concluído, pronto e esperando para ser manifestado no momento certo”.⁴¹ Há segurança para o crente. Ela é *para a eternidade*, mas ela não é uma segurança incondicional. Essa salvação requer fé, que envolve consentimento mental e compromisso pessoal.

D. CONSTÂNCIA NAS PROVAÇÕES, 1.6-9

Que a alegria e a tristeza podem coexistir na vida cristã é algo revelado pela grandeza do propósito da salvação e a preciosidade do maravilhoso Salvador. Pedro garante aos seus leitores que há uma “herança” aguardando os cristãos e que essas diversas tentações que causaram sofrimento são permitidas para provar que a sua fé é real. A serenidade nessas crises, embora possa parecer que estivessem sendo provados **pelo fogo** (7), significaria a aprovação pelo próprio Senhor com **louvor, e honra, e glória** na sua

revelação. O problema do sofrimento sempre tem desnortado os cristãos, mas o caminho para a glória passa por resistência ou oposição. Além disso, provações e sofrimentos “raramente vêm isolados, mas são numerosos e aparecem de diferentes direções” (Matthew Henry). Esse processo purifica a alma pela separação de qualquer impureza e a manifestação da integridade da fé cristã em Jesus Cristo e no amor a Ele.

Nessa epístola, Pedro está cumprindo a comissão do seu Mestre: “confirma teus irmãos” (Lc 22.32). Ele tinha visto Jesus, mas é provável que ninguém nas igrejas a quem escreveu esta epístola O tivessem visto. Pedro os louva por crerem no Cristo crucificado, ressurreto e não visto e pelo amor deles que é o fruto da verdadeira fé. A firmeza, apesar de provações severas, os capacitaria a alegrarem-se **com gozo inefável e glorioso, alcançando o fim da sua fé, a salvação da alma** (8,9). A firmeza deles diante da perseguição provaria a realidade da sua fé e os fortaleceria de tal forma que a linguagem humana não conseguiria expressar a alegria deles em serem salvos de todo pecado e qualificados a desfrutar das bênçãos que Cristo concederá aos fiéis na sua volta.

E. UM DESAFIO PARA HOMENS E ANJOS, 1.10-12

A **salvação** da qual **inquiriram e trataram diligentemente os profetas** (10) é o produto direto **da graça** de Deus: seu favor imerecido, que o homem não podia garantir por conta própria, mas sem o qual estava desesperançado. A fonte dessa revelação que os profetas profetizaram era **o Espírito de Cristo** (11), o Espírito Santo. A salvação profetizada é agora um fato experimentado, com glórias indescritíveis reservadas para aqueles que estão “mediante a fé, [...] guardados na virtude de Deus” (v. 5).

Em Pentecostes, e depois, Pedro referia-se aos profetas (cf. At 2.16-21, 25-31; 3.24). O grande tema dos profetas era a graça que Deus tinha provido para o mundo por meio do dom da salvação a todo aquele que cresse em Jesus Cristo (cf. Jo 3.16; 2 Pe 3.9). Os profetas que investigavam e examinavam diligentemente revelavam um profundo interesse acerca do tema que escreviam e falavam. A salvação da qual profetizavam transcendia tudo que conheciam e experimentaram. Eles “procuram o significado das profecias que anunciavam, da mesma forma que os mineradores procuram o precioso minério”.⁴²

Os profetas centralizaram seu interesse acerca do **tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo [...] indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir** (11). Eles queriam saber o tempo exato e a natureza desse tempo. “Eles queriam saber mais a respeito daquilo que escreviam e entender melhor o que escreviam”.⁴³ Eles desejavam saber as condições e circunstâncias em que Cristo iria vir. Esses homens de Deus também estavam aturdidos pela natureza e relação dos sofrimentos e subsequente glória associados com a vinda do Messias. Os profetas, bem como esses cristãos dispersos, estavam aturdidos com o problema em como os sofrimentos e a glória podiam ser reconciliados. Quanto tempo deve decorrer entre essas duas situações? O interesse no propósito gracioso de Deus era tão grande que **os anjos desejam bem atentar** (12) esse mistério. Foi revelado aos profetas que as coisas que ministravam não eram **para si mesmos**. Eles eram os administradores de um estado que os crentes em Cristo deveriam desfrutar.

Os versículos 10-12 deixam claro o apelo do apóstolo à constância e alegre persistência nas provações. Valia a pena esperar pela salvação, visto que ela foi o cumprimento do ensino dos profetas e que havia despertado um interesse intenso nos profetas e anjos. Os cristãos podem ser perseguidos e desprezados, no entanto, eles são “os herdeiros de todas as épocas”; por eles homens inspirados haviam sofrido ao longo dos séculos, bem como nos seus próprios dias. Eles teriam de sofrer por um tempo; eles não sabiam quanto tempo as suas provações iriam durar ou quanto tempo teriam de esperar até serem libertos pela nova revelação de Cristo [...] Os cristãos devem suportar com paciência as suas incertezas, como ocorre com os tempos e as estações, lembrando que eles compartilham dessa ignorância com os anjos (Mc 13.32) que conheciam menos ainda acerca do evangelho do que os leitores da epístola.⁴⁴

Mas eles estavam certos de uma coisa: seu sofrimento presente seria substituído pela glória futura se mantivessem uma fé firme em Jesus Cristo, o Salvador e Exemplo deles.

SEÇÃO III

SANTIDADE ORDENADA

1 Pedro 1.13-16

A. UMA ORDEM QUE REQUER ATENÇÃO, 1.13,14

Em vista dessa grande salvação com sua esperança viva e herança incorruptível, o homem não pode escapar da obrigação de viver uma vida santa. Incerteza e atraso não devem seduzi-los de volta à velha vida da qual haviam sido salvos. **Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios** (“perfeitamente serenos”, Berk.) **e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo** (13), i.e., na sua segunda vinda. Eles devem preparar-se para agir, dispondo-se a um esforço ao concentrar-se inteiramente nas suas circunstâncias e obedecendo às ordens de Deus. Eles deveriam cuidar para que suas mentes não estivessem voltadas para as importunações, medos e preconceitos mundanos. O sucesso na vida cristã requer a cooperação do intelecto, das faculdades morais e espirituais. Para estar preparado para o retorno do Senhor eles devem ser **filhos obedientes** (14), não conformados com as maneiras e a moralidade daqueles que viviam entre eles. Seu caráter e conduta devem ser compatíveis com a sua fé cristã. Phillips traduz o versículo 14b da seguinte maneira: “Não permitam que seu caráter seja amoldado pelos desejos dos dias da sua ignorância”. Visto que foram gerados “de novo” (v. 3), eles participam da natureza do seu Pai, que é santidade (cf. Mt 5.48). Essa nova maneira de vida requer um abandono daquilo que eram e faziam no passado e uma transformação naquilo que não tinham sido.

B. UMA ORDEM BASEADA NO CARÁTER DE DEUS, 1.15

O lado negativo em relação à santidade é apresentado no versículo 14. O lado positivo é aqui apresentado em que devemos nos amoldar a um novo padrão. **Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos.** Deus chama; é dever do homem responder. Deus apresenta o Padrão; é responsabilidade do homem adotá-lo. Deus é o Modelo de toda santidade (cf. 1 Jo 2.6). O elevado privilégio e destino glorioso dos “eleitos” (v. 2) os obriga a seguir diligentemente o exemplo do Santo que os chamou (cf. Ef 5.1).

O que está no coração se manifestará na vida. Dessa forma, a verdadeira santidade se revelará em cada fase do viver diário: **em toda a vossa maneira de viver.** “Sejam santos em cada área da vida” (Phillips). “Sejam santos em toda a sua conduta” (RSV). A verdadeira santidade é a vitalidade relacionada aos aspectos civis, religiosos, pessoais e públicos da vida — a todos os relacionamentos humanos. Santidade e ética não podem estar separadas, porque a verdadeira conduta ética é moldada de acordo com o caráter de Deus.

C. UMA ORDEM REFORÇADA PELO MOTIVO MAIS ELEVADO, 1.16

A santidade de Deus é o motivo supremo para a santidade do homem: **Sede santos, porque eu sou santo** (16). A ordem de Deus para ser santo (cf. Lv 11.44-46; 19.2; 20.7, 26) mostra que Ele propõe que aqueles que Ele chama devem ser sua possessão, não partilhada com ninguém. Ele é o Pai deles; o céu é o lar deles (cf. v. 4); e a vida deles na terra é passageira (cf. v. 1). Portanto, o caráter que os qualifica para o céu deve ser semelhante ao dEle (cf. 2 Co 3.17-18). Essa qualificação não é alcançada por uma separação ritual da impureza, nem por uma consagração formal ao serviço divino, mas pelo compartilhar da santidade de Deus por meio de Cristo (cf. Hb 12.10; 13.12; 1 Jo 1.7). Por meio da apropriação pessoal das promessas e provisões da expiação, os crentes são feitos “participantes da natureza divina” (2 Pe 1.4).

Santidade é a escolha de Deus para a condição moral do homem. Por causa da natureza de Deus, é *justo* que o homem se assemelhe a Ele. Ele é o Criador. Por causa da natureza do homem, é *possível* que ele seja “parecido” com Deus. A possibilidade de nos tornarmos santos determina nosso dever de ser santo. Quando consideramos a natureza de Deus, a vontade de Deus, o chamado de Deus, a ordem de Deus, a promessa de Deus, a provisão, o poder de Deus e os propósitos eternos de Deus, a conclusão inevitável é que sem santidade não conseguiremos agradá-lo (cf. Hb 12.14).

SEÇÃO IV

SANTIDADE PROVIDENCIADA

1 Pedro 1.17-21

A. UM PADRÃO DE JULGAMENTO, 1.17

A santidade de Deus cria uma reverência respeitosa em todos os verdadeiros crentes. Ele não é somente nosso **Pai**, mas também nosso Juiz. Sua santidade garante que sua misericórdia não deve se tornar uma indulgência nem sua justiça uma opressão. **Sem acepção de pessoas** (imparcialidade), **julga segundo a obra de cada um**. Todo pecado é completamente ofensivo a Deus, que por causa da sua santidade odeia o pecado, por causa da sua bondade se inclina para resgatar o homem do pecado, pela sua sabedoria compreende como a salvação do pecado pode ser cumprida e, pelo seu poder, é capaz de alcançá-lo. Portanto, visto que a santidade é um atributo básico de Deus e é coerente com o seu propósito para o homem, todos os peregrinos da terra deveriam viver em temor para que no dia do julgamento não sejam condenados por um Juiz santo que não pode desculpar o pecado ou aprovar um ser profano. Esse temor reverente é o oposto da indiferença para com a santidade e a segurança carnal que caracteriza tanta gente que professa ser cristã. É a impossibilidade moral de o homem amar a Deus e intencionalmente rejeitar a santidade que o traz de volta a um cumprimento de tudo que pertence à sua natureza como Deus a fez.

B. UM PREÇO INFINITO, 1.18,19

Tanto o preço infinito por meio do qual a redenção se tornou possível quanto o julgamento imparcial de Deus reforçam o dever da santidade. **Não foi com coisas corruptí-**

veis, como prata ou ouro, que fostes resgatados [...] mas com o precioso sangue de Cristo. Prata e ouro, embora altamente estimados pelo homem, são **corruptíveis** e desaparecerão (cf. v. 7). Têm-se em mente aqui os valores eternos. Muitos ainda vivem de acordo com a **vã [...] tradição** recebida dos seus ancestrais e aguardam a salvação por meio de “uma rotina de ritualismo insensível” ou boas obras. No caso dos judeus, eles confiavam no seu relacionamento terreno como “filhos de Abraão” para a sua salvação. Os gentios colocavam sua esperança nos muitos deuses do politeísmo, cujo favor eles achavam que podia ser comprado com prata e ouro. Nos dois casos, seu modo de vida era aprovado (sancionado) pela moralidade e religião convencionais.⁴⁵

A palavra **resgatados** é uma das figuras favoritas da obra de Cristo. Seu ponto principal reside “no pagamento de um preço, o estado infeliz do pecador e seu livramento”.⁴⁶ O objetivo dessa redenção não é somente livrar da miséria eterna, mas do amor ao pecado e do seu poder. Wuest ressalta que prata e ouro estão na forma diminutiva, “referindo-se a pequenas moedas de prata e ouro que eram usadas para resgatar escravos da escravidão”.⁴⁷ Mas os crentes sabem que seu livramento não é proporcionado por uma redenção “corruptível”. O ingresso em uma herança incorruptível não pode ser assegurado dessa forma. Isso ocorre pelo **precioso sangue de Cristo**. Este é o primeiro uso da palavra **precioso** por Pedro, que ocorre diversas vezes em sua epístola. A redenção é valiosa, porque ela ocorre por intermédio da morte sacrificial de Cristo, cujo sangue é mantido em alta honra; ela é “essencial e intrinsecamente preciosa porque é o sangue de Deus (At 20.28), visto que a divindade se encarnou em forma humana. Por esse motivo, ele é altamente honrado por Deus, o Pai”.⁴⁸ O preço infinito e o benefício inestimável da salvação fornecem uma nova razão para o homem aspirar à santidade em caráter e conduta.

C. UM PLANO ETERNO, 1.20

A provisão de um plano de salvação não era uma coisa nova ou uma explicação posterior de Deus. Todo o sistema debaixo do qual os judeus haviam sido ensinados tinha isso como seu significado. Por meio de figuras e sombras, profetas e sacerdotes, Deus buscou prepará-los para esse “acontecimento na eternidade”, quando Cristo encarnou, foi crucificado, ressuscitou e foi glorificado. Mas, antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu “nele [...] para que fôssemos santos” (Ef 1.4). Assim, “a personalidade e obra de Cristo não eram o resultado natural do desenvolvimento do mundo nem um decreto de Deus subitamente formado num determinado tempo”.⁴⁹ Mas Ele **foi [...] manifestado** na plenitude do tempo de Deus. “A dispensação cristã, o ponto e período na história da vinda de Cristo, é aqui considerado como o clímax e consumação das eras anteriores (cf. Hb 1.1,2; 9.26)”.⁵⁰ (Veja também Rm 16.25-26; Gl 4.4,5; Ef 1.9,10; 3.9-11; Cl 1.26; 2 Tm 1.9,10; Tt 1.2,3; Ap 13.8).

D. APROPRIAÇÃO POR MEIO DA FÉ PESSOAL, 1.21

Por ele, a Encarnação de Deus e nosso único Mediador, cremos **em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória**. “Sem Cristo só nos restava ter medo de

Deus; ao passo que por meio dele cremos e esperamos e amamos” (Wesley). Nossa **fé e esperança** estão depositadas somente em Deus. Ele não é um deus tal como os gentios o conhecem, nem mesmo o Deus que Israel conhecia como o Libertador do Egito, mas o Deus de poder e glória suprema, o “Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 3; cf. At 2.22-36).

Somente por meio de Cristo o homem pode ser salvo (cf. At 4.12). Para que essa salvação se torne uma realidade pessoal deve haver uma fé apropriada (cf. Hb 11.6), que inclui consentimento intelectual com o fato de a morte, ressurreição e glorificação de Cristo proverem salvação. Também deve haver um compromisso pessoal com Cristo, para que os benefícios da sua expiação sejam concedidos à alma pelo Espírito Santo. Ao ressuscitar e exaltar Cristo, Deus demonstrou sua aceitação da pessoa e obra de Cristo. Dessa forma, à luz da morte redentora de Cristo e da aceitação de Deus do seu sacrifício em nosso lugar, somos desafiados a vir a Deus em **fé e esperança**, que são sustentadas pela graça apesar do sofrimento (cf. vv. 3, 13, 21).

SEÇÃO V

SANTIDADE EXPERIMENTADA

1 Pedro 1.22-25

A. PUREZA POR MEIO DA OBEDIÊNCIA À VERDADE, 1.22A

Os crentes são chamados à santidade (cf. 1 Ts 4.7), que envolve obediência à verdade. Jesus Cristo declarou: “Eu sou [...] a verdade”. Ele também orou ao Pai que seus seguidores fossem santificados “na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). “A Palavra de Deus, operando no coração do crente como verdade e luz, é a razão formal da santificação”.⁵¹ Pode-se dizer que o processo da purificação começou quando a pessoa aceita a verdade em relação a Cristo e se submete às suas exigências. Bennett não considera a **verdade** em primeiro lugar as regras específicas deixadas por Cristo e seus apóstolos e, sim, “um termo abrangente que engloba todos os meios por intermédio dos quais a vontade de Cristo pode ser conhecida — seu ensinamento e exemplo, a influência do seu caráter e obra, e do seu Espírito [...] A submissão a esse tipo de autoridade envolve uma completa separação de tudo que foi indigno no seu estilo de vida anterior”.⁵²

O processo tem a crise da purificação em vista. Antes e depois dessa crise, deve haver uma obediência contínua à verdade. Esse não é um processo de crescimento muito extenso ou nunca completado”,⁵³ mas é uma experiência instantânea atestado pelo testemunho do Espírito Santo e “o fruto do Espírito” (Gl 5.22-23). Essa purificação é tanto negativa, deixando toda malícia (cf. 2.1), quanto positiva, revestindo-se do que é bom e crescendo nisso. A purificação é algo a mais além daquilo que começou na regeneração (cf. v. 3) e envolve uma resposta momento a momento em relação à revelação do Espírito no que tange à vontade de Deus.

B. PUREZA POR MEIO DE UMA OPERAÇÃO DO ESPÍRITO, 1.22B

O Agente divino na purificação do coração é o Espírito Santo (cf. At 2.1-4; 15.8,9; Rm 15.16; 2 Ts 2.13; 2 Pe 1.2). “Embora o grego [de Atos 15.9] não seja idêntico, o significado é essencialmente o mesmo de ‘tendo purificado suas almas’, que Pedro aqui diz ser o resultado da ‘obediência à verdade’ (1.22)”.⁵⁴ “O Espírito”, diz John Wesley, “concede livremente tanto obediência quanto pureza de coração”.

A purificação do coração é uma obra interna e subjetiva; portanto, como uma operação espiritual ela requer a ação do Espírito de Deus. Ele está associado tão intimamente com a aplicação dos méritos da morte expiatória de Cristo pela santificação do coração que geralmente se refere a Ele como o Espírito Santo. Sua obra também é testemunhar que a purificação é uma realidade (cf. 1 Jo 3.24; 4.13).

C. PUREZA QUE SE EXPRESSA POR MEIO DE UM AMOR FERVOROSO, 1.22C

O produto de um coração puro é a **caridade fraternal, não fingida**. A nova natureza se expressa por meio de um amor “não hipócrita” (NASB, margem), porque o coração foi purificado do egoísmo e ódio. Esse amor uns pelos outros é fervoroso, sincero e constante, “com plena capacidade de amar”. Não há nada superficial ou meramente sentimental a esse respeito, porque ele vem de um coração “puro de qualquer mancha de desejo profano ou paixão imoderada” (Wesley). Walls declara que a palavra grega *ektenos* não sugere cordialidade ou ternura, mas “plena intensidade”.⁵⁵ Isso é possível porque os puros têm uma nova fonte de vida, uma nova natureza e um novo poder que os impele a converter o dever em ação.

D. PUREZA ASSEGURADA PELA PALAVRA DE DEUS, 1.23-25

O próprio Jesus descreveu o início da vida cristã como **sendo de novo gerados** (23; cf. Jo 3.1-8). Os pecadores estão “mortos em ofensas” (Ef 2.1); desta forma, eles precisam de um renovo de vida ou um renascimento espiritual. Pedro descreveu isso como gerados “de novo” (v. 3), e Tito chama essa experiência de “lavagem da regeneração” (3.5). Por meio da nova geração, os cristãos entram em um novo relacionamento como “filhos de Deus” (1 Jo 3.1,2). A natureza espiritual desse novo relacionamento não vem **de semente corruptível**, como ocorre em todas as gerações humanas, **mas da incorruptível, pela palavra de Deus**. Esse novo nascimento é efetuado pelo Espírito de Deus (cf. Jo 3.5-8), por meio das verdades vivas e eternas da mensagem do evangelho (1 Co 4.15), **que permanece para sempre**. A “palavra viva” e a “viva esperança” (v. 3) estão vitalmente relacionados.

A santificação começa na regeneração. “O novo princípio de vida conferido pelo Espírito Santo é o princípio de santidade”.⁵⁶ Assim, falamos dela como santificação inicial, que é parcial em vez de inteira. **Mas a palavra do Senhor que permanece para sempre** (25) garante que toda a santificação é realizável como uma experiência de crise depois da regeneração, um ponto em que Pedro, Paulo e João concordam

vam perfeitamente (cf. Ef 1.13; 1 Ts 5.23,24; 1 Jo 1.7,9). A verdade a respeito da santidade está depositada sobre um fundamento seguro.

Acerca de **toda carne é como erva** (24), Wesley comenta: “Cada criatura humana é passageira e murcha como a erva. *E toda a glória dela* — a sabedoria, força, riqueza e justiça. *Como a flor* — a parte de menor duração de vida dela”.⁵⁷ Mas **a palavra** (25) — boas-novas por meio das quais os crentes são levados a um novo relacionamento e uma nova vida espiritual — **permanece para sempre**. O propósito de Deus é criar filhos que serão semelhantes a Ele. Esse propósito será cumprido apesar da oposição satânica e fragilidade humana.

SEÇÃO VI

SANTIDADE EXEMPLIFICADA

1 Pedro 2.1—3.17

A. COISAS DEIXADAS DE LADO, 2.1

Essa seção inicia a ênfase ética da vida cristã. Santidade é mais do que uma doutrina e uma experiência; ela é uma vida. Essa seção (2.1—3.17) apresenta a conduta esperada daqueles que têm se apropriado dos elevados privilégios do capítulo 1. Esse povo eleito, na sua peregrinação em um mundo hostil, deve exemplificar o espírito de santidade e recomendar dessa forma o evangelho aos não convertidos onde residem temporariamente. As coisas exigidas tornam o cristão mais estável.

A exortação do versículo 1 é uma ampliação do princípio do amor em 1.22. Cinco coisas precisam ser deixadas de lado, porque são inconsistentes com o amor puro. **Malícia** é malevolência, a inclinação de prejudicar nosso próximo ou fazer outros sofrerem. **Engano** é a astúcia enganosa ou trapaça para obter vantagem sobre os outros. **Fingimentos** são atos falsificados por meio dos quais alguém finge ser ou fazer algo que ele não é ou faz. **Invejas** indicam ciúmes que, na verdade, são malícias ocultas ou malevolência; eles surgem de corações que estão “descontentes e depreciam a habilidade, a prosperidade, o desempenho ou a reputação dos outros”.⁵⁸ **Murmurações** significam malícia em palavras, que insinuem, difamam, caluniam e contam mentiras injuriosas.

Agostinho é citado como aquele que disse o seguinte: “A *malícia* se deleita na dor do outro; a *inveja* definha com o bem do outro; o *engano* comunica duplicidade aos corações e a *hipocrisia* (ou adulação) à língua; *murmurações* (“maledicências”, ARA) ferem o caráter do próximo”. O verbo grego — **deixando** — indica uma ação definitiva contra todo tipo

de pecado no momento da sua conversão, de tal forma que não há lugar para qualquer pecado na vida de um cristão. Marvin L. Galbreath cita Paul S. Rees: “Todo pecado que sobreviveu ao choque da conversão deve ser abandonado”.⁵⁹

B. ANSEIO PELA PALAVRA DE DEUS, 2.2,3

Novamente os aspectos negativos e positivos da vida cristã são colocados em contraste. No versículo 1, havia impedimentos a serem abandonados. Aqui, **como meninos novamente nascidos** (“crianças recém-nascidas”, ARA, v. 2), que haviam experimentado uma completa mudança de vida e caráter, eles devem desejar **afetuosamente** (“ardentemente”, ARA) o **leite racional, não falsificado**, espiritual, não misturado com água. Eles precisam fazer progresso; a maneira mais segura de recair no pecado é não buscar a santidade. Eles tiveram uma regeneração genuína (cf. 1.3,23). O alimento propiciado pelas verdadeiras doutrinas do evangelho os capacitaria a crescer “em fé, amor, santidade, até a plena estatura de Cristo” (Wesley).

Somente quando os cristãos se alimentarem da Palavra de Deus é que vão crescer. Nada pode substituir a Palavra. Uma explanação de muitos casos de desenvolvimento reprimido no meio do povo de Deus é que tão poucos realmente provaram (v. 3), por meio da atenção pessoal à sua vida devocional, **que o Senhor é benigno**; ou como alguns tradutores preferem: “quão doce é o Senhor” (cf. Alford). A alma crescente precisa “de tempo para ser santa”.

C. OFERECENDO SACRIFÍCIOS ESPIRITUAIS, 2.4,5

Em 1 Pedro 1.23, o autor contrasta uma semente carnal e uma semente espiritual; aqui ele contrasta um templo espiritual de crentes nascidos de novo com o Templo de pedra em Jerusalém. Por meio de Jesus Cristo, a **pedra viva**, e nossa relação com Ele como **pedras vivas**, vivos em Deus por meio de Cristo, somos **edificados casa espiritual** (5), “uma morada de Deus no espírito” (Ef 2.22). Nossa relação com Cristo é de comunhão constante e uma dependência pela fé. Nosso Senhor, a “pedra viva”, foi **reprovada [...] pelos homens** (4) que o rejeitaram como um blasfemador desprezível, mas **para com Deus essa pedra viva é eleita e preciosa**. O homem finito o rejeitou, mas o Deus infinito o escolheu como a “pedra angular” e o escolheu para essa honra.

Como pedras vivas, aqueles que compõem essa **casa espiritual** (5) não são frios, rígidos e sem vida, como era o material do Templo terreno. Pelo Espírito que habita neles, eles são a **casa** (habitação) de Deus. Eles não só compõem a casa, mas, como **sacerdócio santo**, consagrados a Deus e santos como Ele é santo (1.15), ministram nessa casa, oferecendo **sacrifícios espirituais**; suas “almas e corpos, com todos os seus pensamentos, palavras e ações” (Wesley) estão em contraste com bois, bodes e cordeiros do antigo concerto. Os sacrifícios dos crentes são **agradáveis a Deus** porque são oferecidos **por** (por meio de) **Jesus Cristo**, seu grande Sumo Sacerdote, o perfeito Sacrifício e Propiciação pelos pecados da humanidade, e nosso Advogado diante do Pai (cf. 1 Jo 1.1,2; Hb 4.14-16).

D. UM CARÁTER TRANSFORMADO, 2.6-10

Pedro se baseia em Isaías 28.16 para essa citação (vv. 6-8), mas visto que essa não é uma citação exata do texto hebraico ou da LXX, alguns supõem que ela foi citada de memória. Stibbs sugere que Isaías 28.16, Salmos 118.22 e Isaías 8.14 estão “harmonizados para expressar toda a verdade” dessa metáfora.⁶⁰ A verdade principal é que a posição singular de Cristo como a **pedra principal da esquina** da sua nova habitação foi profetizada e predeterminada (**eleita**) de Deus, e **quem nela crer não será confundido** (6), “desapontado”, “envergonhado” (NVI), porque em Cristo ele descobrirá que sua confiança está segura.

Por outro lado, Cristo, a **pedra principal** que é **preciosa** (um valor precioso) para aqueles que crêem, torna-se três coisas para o desobediente e descrente: *a*) **a principal da esquina** (7), para repreender seu escárnio; *b*) **uma pedra de tropeço** (8), contra a qual eles se machucam se passarem por Ele sem tomar o devido cuidado, e *c*) **uma pedra de tropeço**, trazendo vergonha e ruína eterna sobre aqueles que **tropeçam** sobre Ele ao rejeitar submeter-se à influência do evangelho, e assim opor-se ao seu poder e autoridade. Eles estão **destinados** à destruição, não arbitrariamente, mas em justiça, por causa da sua rejeição da misericórdia e da verdade.

Nos versículos 9,10, ocorre mais um contraste, entre o tempo presente do crente (v. 9) e seu passado (v. 10). É uma condição real, não meramente um ideal. Eles são uma **geração eleita** (9), separados do mundo e pelo seu novo nascimento receberam um novo relacionamento; um **sacerdócio real**, em que cada crente, pela completa identificação da sua vontade com a vontade de Deus, compartilha sua autoridade real e pode chegar-se a Deus diretamente por meio de Cristo. Eles são uma **nação santa**, ou povo, porque foram chamados por um Deus santo e purificados pelo Espírito (cf. 1.22); um **povo adquirido** (“povo exclusivo de Deus”, NVI; “povo comprado”, Wesley).

O propósito divino é que pelo contraste entre a santidade da nova vida, **sua maravilhosa luz**, e a maldade das antigas **trevas** da qual foram redimidos, eles deveriam anunciar **as virtudes daquele que os chamou** para uma nova vida. Seu testemunho é tanto mais marcante porque **em outro tempo** eles **não** eram **povo** (cf. Os 1.10; 2.23), **mas agora** são **povo de Deus** (10) pelo tríptico direito da criação, preservação e redenção. Aqueles que outrora **não** tinham **alcançado misericórdia** [...] **agora**, alcançaram **misericórdia**, não por mérito pessoal, mas pela graça e a abundante misericórdia de Deus (cf. 1.2,3).

E. ABSTINÊNCIA DOS DESEJOS CARNAIS, 2.11,12

Nesse texto, Pedro inicia mais uma série de exortações. Anteriormente (1.13-2.10), ele tinha revelado preocupação com o relacionamento dos crentes com Cristo e uns com os outros. Nessa série (2.11—4.6), ele está preocupado com as relações com o mundo lá fora. Essa exortação preliminar adverte que existem **concupiscências carnaais, que combatem contra a alma** (11). Wesley fala da sua moradia em uma casa (o corpo) estrangeira e de serem **peregrinos** em um país estrangeiro (este mundo). Portanto, eles devem abster-se de tudo que é natural nessa casa estrangeira onde habitam temporari-

amente ou nesse país pelo qual estão passando. Não devemos concluir que o corpo (ou a vida humana) na terra é essencialmente mau. Eles se tornam maus à medida que entram em conflito com a vontade de **Deus pela alma**.

Os cristãos foram difamados e maltratados porque recusaram-se a adorar os deuses pagãos e a participar de festas carnais a ídolos. Pedro diz que eles deveriam evitar cuidadosamente tudo que prejudicasse o corpo, atrapalhasse o desenvolvimento da alma, destruísse o amor mútuo ou enfraquecesse seu testemunho cristão. O seu **viver** (vida inteira) deve ser **honesto entre os gentios** (12), sendo aprovados pelas suas virtudes do julgamento moral mesmo por parte dos não-cristãos. Muito antes da era cristã, Platão escreveu acerca “da batalha imortal entre o certo e o errado”.⁶¹ Apesar das calúnias e difamações acusando os cristãos de malfetores, uma investigação cuidadosa da sua vida e caráter convenceria seus detratores da coerência cristã e poderia levar os **gentios** (pagãos) a crer em Cristo. Em todo caso, a honestidade os obrigaria a glorificar a Deus, i.e., engrandecer o Deus dos cristãos, segundo quem eles moldavam a sua conduta. O versículo 12 pode estar refletindo o que Pedro ouviu de Cristo no Sermão do Monte (cf. Mt 5.16). O **Dia da visitação** significaria o dia “em que o Espírito os influencia” (Berk., nota de rodapé).

F. SUBMISSÃO ÀS AUTORIDADES CIVIS, 2.13-16

A lealdade dos cristãos a Jesus como Rei celestial os sujeitava à perseguição em virtude da falsa acusação de deslealdade aos governantes desse mundo. Embora os cristãos fossem “peregrinos e forasteiros” (v. 11), deveriam ser submissos aos poderes civis, que “instrumentalmente [...] são ordenados pelos homens; mas originariamente todo seu poder vem de **Deus**” (Wesley). Pedro sabe que os verdadeiros santos se tornam os melhores cidadãos. Sua submissão é **por amor do Senhor** (13). A cooperação com essas autoridades que promovem o bem-estar geral da humanidade recomenda o evangelho a todos os bons cidadãos; portanto, os cristãos devem evitar ser “conscientemente contenciosos” ao recusar-se a fazer o que não seria pecaminoso fazer.

Essa submissão estende-se a **toda ordenação humana**, “toda instituição ordenada pelo homem” (RSV, nota de rodapé), ou “toda autoridade humana” (Phillips). Selwyn traduz assim: “toda instituição social fundamental, i.e., o estado, a casa, a família” e lembra que, enquanto Paulo (cf. Rm 13.1-7) se refere à *origem* do estado, Pedro se refere às suas *funções*, ambas divinamente ordenadas.⁶² Essa submissão **ao rei, como superior**, significa a submissão ao imperador romano, que no tempo quando Pedro escreveu essa epístola muito provavelmente era Nero. **Aos governadores** (14) referia-se aos governantes subordinados à autoridade suprema. Sua obrigação era preservar o governo **para castigo dos malfetores** que negavam sua lealdade e se rebelavam contra a autoridade civil e **para louvor dos que fazem o bem**. Tendo advertido contra dar qualquer razão justa pelo castigo dos “malfetores” (v. 12), Pedro agora ressalta a obediência à autoridade civil. Essa é uma regra geral, mas há exceções em que “as ordenanças humanas conflitam com os ditames da consciência, iluminados pelo Espírito Santo”.⁶³ Nesses casos, o próprio Pedro é um exemplo do que deve ser feito (cf. At 4.19,20; 5.29).

A obediência que a verdadeira santidade mostra cumpre a **vontade de Deus** (15), que sempre envolve uma vida irrepreensível. Ao fazer **o bem, tapeis a boca à ignorân-**

cia dos homens loucos. Na terminologia moderna “fazer o bem” silencia os tagarelas difamadores que repetem acusações falsas contra os cristãos. Nessa conexão, Pedro adverte contra qualquer traço da heresia que ensina que, visto que somos livres em Cristo, podemos agir como bem entendermos (cf. 1 Pe 2.18,19; Jd 3-4). Embora os cristãos sejam **livres** de medos escravizantes e dedicados ao serviço de Deus, eles não devem usar sua **liberdade por cobertura** (16; desculpa) para fazer o mal, como a rebelião ou o comodismo. Em vez disso, sua liberdade em Cristo deveria provocar um serviço voluntário a Deus e aos seus representantes na Igreja e sociedade.

G. CUMPRINDO TODAS AS OBRIGAÇÕES ÉTICAS, 2.17

Em quatro ordens breves, Pedro menciona princípios que, se obedecidos, evitarão muitos problemas e satisfarão as obrigações éticas do homem. **Honrai a todos.** Isso significa que todos os homens receberão a estima que merecem por terem sido criados à imagem de Deus, redimidos pelo seu Filho e designados para um lugar específico em seu reino. Há diferentes circunstâncias de vida, mas o cristão confere a cada uma o respeito e o tratamento a que está obrigado. A obediência a essa ordem simples resultará em um “golpe mortal” em todos os conflitos raciais. **Amai a fraternidade.** Isso requer uma atitude especial em relação ao corpo de crentes, não somente como indivíduos mas como comunidade. Relações corretas com não cristãos requer a observância de regras de conduta apropriadas (cf. 1.15; 2.12); no entanto, dentro da Igreja, a vida é mais uma questão de atitudes e sentimentos corretos do que de regras. Esse tipo de amor somente é possível entre cristãos. **Temei a Deus.** Pedro começou com os homens em geral, depois passou para homens espirituais e deles para o próprio Deus. Deus deve ser tratado com tal reverência e humildade que o maior temor do homem será em desagradar a Deus. Esse temor redundará em um serviço leal e amoroso a Deus e à Igreja. Acerca de **Honrai o rei** veja comentários no versículo 13. O temor a Deus requer um respeito apropriado às autoridades civis que ele instituiu; no entanto, quando reivindicações por obediência conflitam, a reivindicação dEle suplanta a de qualquer autoridade humana.

H. PERSISTÊNCIA PACIENTE NO SOFRIMENTO IMERECIDO, 2.18-20

Essa exortação é uma ampliação da exortação do versículo 13. Pedro aceitou a escravidão como instituição e a organização da sociedade em estruturas nas casas e famílias que incluíam uma hierarquia de **servos** (18), que variava desde escravos até empregados. Alguns “senhores” eram bons e humanos, gentis e atenciosos; outros, no entanto, eram maus (tirânicos e injustos). Independentemente da disposição do senhor, o servo deveria ser obediente e submisso **com todo o temor** (respeito). O versículo 19 deixa claro que os servos cristãos deveriam ser motivados pelo desejo de serem fiéis às exigências de Deus e leais aos seus superiores, em vez de serem motivados pelo medo do castigo.

Isto é uma manifestação da graça em vez de um “heroísmo natural ou orgulho filosófico” (Williams) quando **alguém, por causa da consciência para com Deus, sofre agravos**, a fim de manter o sentimento da presença e bênção de Deus. Esse é um eco do

Sermão do Monte (cf. Mt 5.10). Mas não há glória se os sofrimentos, independentemente da sua severidade ou de quão pacientemente sejam suportados, são uma conseqüência das faltas do servo. Pedro está dizendo que se depois de termos feito aquilo que é bom e amável formos **afligidos** injustamente, **isso é agradável a Deus** (20) ou “encontraremos o favor de Deus” (NASB). Aquilo que acontece a uma pessoa não é menos importante do que a sua reação, porque a reação revela o seu verdadeiro caráter.

I. “A IMITAÇÃO DE CRISTO”, 2.21-25

Os cristãos são chamados para seguir a Cristo, para ser santos (1.15,16) e, se necessário, padecer injustamente (v. 19). Eles devem ir aonde Ele vai e seguir o seu exemplo, quer seja para o glorioso monte da Transfiguração ou para os tristes Getsêmani e Calvário. Os apóstolos nunca prometeram que seguir a Cristo nos isentaria do sofrimento, mesmo do sofrimento injusto (cf. At 14.22; 1 Ts 3.3,4), **pois também Cristo padeceu por nós** (21). Visto que Ele sofreu em nosso lugar para nos redimir, um coração grato nos deveria constranger a sofrer por Ele. Seguir a Cristo envolve levar a cruz (cf. Mc 8.34) e tribulação (cf. Jo 16.33), no que Ele é nosso **exemplo**. No versículo 21, temos uma metáfora dupla: um **exemplo**, i.e., uma cópia escrita definida pelo senhor para ser cuidadosamente observada pelos seguidores; e um caminhar a ser imitado: **para que sigais as suas pisadas** (pegadas). As idéias envolvem uma completa identificação com a inocência pessoal do nosso Senhor, submissão paciente e uma mansidão humilde.

Nosso Senhor sofredor **não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano** (22). Ele estava acima de qualquer repreensão em ato e palavra. **Quando o injuriavam** (23; insultado ou blasfemado), Ele nunca ameaçou vingar-se. **Quando padecia** a vergonha infame na sua prisão e crucificação, **não ameaçava, mas entregava-se** (“sua causa”, ASV) **àquele que julga justamente**. Sua submissão, que foi voluntária, não só cumpriu a vontade de Deus, mas proveu aos seus seguidores um princípio e um exemplo. Ele cria que Deus o vindicaria e recompensaria a inocência.

Matthew Henry sugere que o versículo 24 foi acrescentado a fim de que não se conclua dos versículos 21-23 que a morte de Cristo foi planejada somente para servir de exemplo de paciência debaixo de sofrimento. Na verdade, existe um intento e um efeito muito mais abrangente para o exemplo de Cristo. **Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro** (24) claramente declara a natureza substitutiva da sua morte. *Nós* merecíamos sofrer as conseqüências dos nossos pecados: dor, morte, humilhação — todo o castigo que o pecado requer — mas *Ele* fez isso por nós **em seu corpo** como um ato da Encarnação (cf. Lv 5.1, 17; Hb 10.5-10).

Pedro, em certa ocasião, havia censurado Jesus, quando este predisse a sua morte (cf. Mt 16.21-23). Mas, agora ele sabe que toda esperança de vida eterna e salvação reside no sofrimento e morte do nosso Senhor. Paulo descreve como podemos ser completamente libertos da culpa e poder do pecado (cf. Rm 6). Pedro descreve o propósito: **para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça**. A expressão **pelas suas feridas fostes sarados** indica a humilhação e extremo sofrimento de Cristo (cf. Is 53), por meio das quais o homem é salvo. Stibbs⁶⁴ cita Theodoret e diz que “este é um método novo e estranho de cura; o médico pagou o preço e os doentes receberam a cura”.

O passado triste desses cristãos é revelado como **ovelhas** que se desviam (v. 25) da verdade, da santidade e da felicidade; dessa forma, eles estavam perdidos, desprotegidos, expostos aos perigos. Sua vida “carecia de um guia, guardião e alvo”;⁶⁵ conseqüentemente, eles estavam se afastando cada vez mais. **Mas, agora, tendes voltado** por meio da influência da graça divina, para encontrar Cristo como um Médico para curá-los, um **Pastor** para orientá-los e alimentá-los e um **Bispo** (Guardião vigilante) para cuidar da **alma** deles.⁶⁶ Assim, por intermédio dos sofrimentos, Cristo se torna um Exemplo perfeito para todos os santos sofredores de todas as épocas. Seus sofrimentos foram suportados sem pecado, com paciência, como o Substituto do homem.

J. RETIDÃO NO RELACIONAMENTO MATRIMONIAL, 3.1-7

Pedro mostrou que a graça divina é suficiente para salvar, para santificar e para sustentar durante o sofrimento. Agora ele mostra que ela é suficiente para os relacionamentos sociais. Continuando a idéia da sujeição (cf. 2.13,18), Pedro passa para o relacionamento entre **mulheres** e maridos (1), não mulheres e homens em geral. Os cidadãos devem submeter-se à autoridade civil, os servos aos seus senhores e as esposas cristãs devem ser obedientes e leais aos seus próprios maridos, mesmo que o marido **não** obedeça à **palavra**, i.e., não seja cristão. Essa ordem não implica na inferioridade pessoal da esposa nem a obriga a participar de qualquer coisa que viole a sua consciência iluminada pelo Espírito ou a dignidade dos seus direitos humanos.

O casamento é uma instituição divina e a incompatibilidade de religião não justifica a dissolução do casamento (cf. 1 Co 7.10-14). A subordinação da esposa ao marido foi ordenada por Deus (cf. Gn 2.7, 21,22) e ela deve ser mantida em amor pela mulher como auxiliadora do homem. Por outro lado, a função de liderança do marido deve ser desenvolvida de maneira amável. “Na sua submissão, Eva não foi teimosa e impaciente, e em sua superioridade, Adão não foi exigente [...] O cristianismo restaura o marido e a esposa ao relacionamento correto. ‘A autoridade, exercida de maneira amável, e a subordinação, reconhecida, promovem o desenvolvimento da afeição e da amizade’”.⁶⁷

O alvo nobre é que o marido descrente, **pelo procedimento** (conduta) **de sua mulher** [...] **seja ganho sem palavra, considerando a vida casta dela, em temor** (2). A esposa, por meio de um temor santo, procura agir de tal forma a não criar nenhum obstáculo para a conversão do seu marido. Isso leva a uma “graça delicada e receosa, com temor do menor ar ou sombra de qualquer coisa que tem uma aparência de erro no procedimento ou palavra ou vestuário”.⁶⁸ “A linguagem eloqüente da conduta pura e do comportamento respeitoso [...] essa persuasão silenciosa de um comportamento apropriado” desafia o marido a considerar aquilo que faz a diferença. O sermão dela sem palavras o convencerá de que “Jesus deve ser o Messias, visto que sua esposa não podia ser tão pura e virtuosa!”.⁶⁹ **Sem palavra** (1) tem sido interpretado da seguinte forma: “seja ganho, sem argumento [‘sem uma palavra’, RSV], pela conduta da sua esposa” (Berk.).

“A Questão do Vestuário” é tratada por um princípio que muitas vezes é despercebido: A verdadeira beleza não vem do **enfeite** [...] **exterior** como o **frisado dos cabelos** (3) e o **uso de jóias de ouro, na compostura de vestes** para a gratificação do orgulho e vaidade; mas é a atração do caráter cristão, que é **incorruptível** (4). Uma

“herança incorruptível” (1.4) deve ser equiparada com um caráter incorruptível, que revela **um espírito manso e quieto**. “Um espírito manso não dá problema a ninguém; um espírito quieto suporta todas as injustiças sem ficar aflito” (Wesley). Um outro comentarista descreve esse aspecto como “o espírito que não preocupa outras pessoas, nem permite ser preocupado”.⁷⁰ Alguém adornado dessa maneira nunca está “fora de moda” aos olhos de Deus.

Algumas pessoas sempre têm a tendência de ser extremistas em relação ao vestuário.⁷¹ A tendência hoje é pecar ao colocar pouca roupa. A santidade de coração é o remédio para o amor do enfeite exterior. O desdém extremo pela aparência pessoal que algumas pessoas demonstram não é uma marca de piedade superior. Mulheres santas procuram sempre ser irrepreensíveis no comportamento, quanto à sua atitude no vestir e no respeito e reverência em relação aos seus maridos, **como Sara** (6), cujas **filhas** espirituais devem seguir o exemplo dela. Independentemente das proibições detalhadas que alguns vêem nesses versículos, quatro princípios devem governar a roupa do cristão: 1) Ela deve ser de *bom gosto*, não desleixada. 2) A roupa deve ser *simples*, não berrante ou pomposa. 3) Ela deve ser *modesta*, vestindo a pessoa de modo decente. 4) Ela deve ser *econômica* e coerente com a mordomia cristã. A última parte do versículo 6 tem sido traduzida da seguinte maneira: “Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (NVI).

Os **maridos** (7) também têm o dever de viver com suas esposas **com entendimento** (“compreensão”, Berk.; “discernimento”, ARA) como iguais. Suas obrigações são iguais, porque eles são **os seus co-herdeiros da graça da vida**. Como **vaso mais fraco** fisicamente, a esposa deve receber um tratamento respeitoso por parte do marido a quem é subordinada. A desarmonia doméstica que nasce de discordâncias e sentimentos negativos deve ser evitada, para que as **orações** deles **não sejam impedidas**. A santidade produz atitudes certas e ações apropriadas entre maridos e esposas (cf. 1 Ts 4.3-7).

K. O CUMPRIMENTO DE OBRIGAÇÕES SOCIAIS, 3.8-14

Cinco exortações são dadas em uma linguagem simples e sucinta acerca da vida harmoniosa na comunidade cristã. Todos devem ser **de um mesmo sentimento** (8), unidos em princípios e ser **compassivos, amando os irmãos**, i.e., ser solidários. Visto que todos pertencem à mesma família, eles devem amar **os irmãos**, sendo **entranhavelmente misericordiosos** (compassivos) para com os aflitos e **afáveis** (mostrando respeito e amor) com os seus iguais e inferiores. A obediência a essas ordens previne o espírito de retaliação, ou seja, “não pagando mal por mal” (ARA). Tendo sido **chamados** para alcançar **a bênção** como **herança** (9), eles estão cientes que insultos e abusos não podem atingi-los. Eles podem sentir a dor, mas ao se negarem a retaliar e ao abençoarem seus detratores, eles não só imitam a Deus, mas demonstram preocupação pela salvação dos seus perseguidores.

Os versículos 10-12 são citados do Salmo 34.12-16 da LXX. Aquele que quer ter “uma vida agradável e proveitosa” (Wesley) deve refrear **a sua língua do mal** (10), não somente o falar caluniador, mas também palavras tempestuosas e provocativas. Diante da provocação de outros ele se apartará (evitará) **do mal** (11) ou das disposições e ações maldosas deles. Ele tomou Cristo como seu Modelo e está resoluto a buscar **a paz** e

seguí-la com todos (cf. Rm 12.18; Hb 12.14), mesmo quando parece que os outros desejam a contenda em vez de paz. Visto que a atenção dos crentes está focada na vontade de Deus para suas vidas, ele está seguro que **os olhos do Senhor estão sobre os justos** (12). Deus não é “insensível às necessidades do seu povo nem indiferente aos pecados daqueles que fazem o mal”.⁷²

Aqueles que vivem de acordo com os princípios de Cristo podem confiar na proteção de Deus (cf. Rm 8.23-39). A experiência mostra que homens perversos e violentos perseguem aqueles que amam o bem, mas os cristãos não devem superestimar seu perigo (cf. Lc 12.4) “e no seu pavor esquecer que [há] uma Providência protetora”.⁷³ Pedro está muito ansioso com o fato de cristãos perseguidos não serem apanhados no pecado em virtude de provocação e sofrimento imerecido nas mãos dos seus inimigos e, dessa forma, serem privados da proteção divina. Se o nosso sofrimento é **por amor da justiça** (14), ela resultará em felicidade (cf. 2.19; Mt 10.12).

L. UM TESTEMUNHO COERENTE, 3.15-17

O segredo da coragem e sucesso em enfrentar oposição é santificar **a Cristo, como Senhor, no coração** (15). Isso significa entronizar Cristo no coração como o Senhor supremo, que apesar de inocente sofreu pelos culpados e tem a preeminência em todas as coisas (Cl 1.18); reconhecê-lo como santo; confiar plenamente nas suas sábias providências com toda a sinceridade; e amá-lo com um amor inspirado por uma teologia correta que cobre a sua morte “com significado expiatório”.⁷⁴

Sempre devemos estar **preparados** para enfrentar a zombaria dos críticos e a investigação honesta daqueles que buscam a verdade. Pedro pode ter se lembrado daquela noite amarga em que negou a Cristo. A resposta **a qualquer que [...] pedir a razão da esperança** envolve um relato racional das verdades básicas do cristianismo e uma refutação convincente de acusações falsas. Esse tipo de resposta requer **mansidão e temor e uma boa consciência** (16). Para ser eficiente, o testemunho deve estar baseado numa vida piedosa; deve ser apresentado com firmeza, livre de qualquer traço de rebeldia ou desrespeito para com os inquiridores, e deve vir de um coração que está consciente da presença divina. Nos dias de Pedro, quando os cristãos eram vistos como malfetores e acusados de posições religiosas heréticas e maus costumes, sua melhor defesa não era uma argumentação veemente mas um **bom procedimento** (conduta) **em Cristo**, o testemunho silencioso de uma vida santa centrada no Senhor Jesus.

Se a vontade de Deus é que padeçam (17), isso indica que seja a sua vontade que sofram. Isso pode ser verdade em relação àqueles cujas vidas são santas, cuja defesa é lógica e completa e cuja inocência tem sido vindicada. Mas mesmo assim, **melhor** é sofrer por fazer boas obras do que provocar um mau tratamento em decorrência de uma má conduta e atitude reprovável. A forma mais elevada de sofrimento não é aquela que merecemos, mas aquela que vem por fazermos o bem. Um comentarista acredita que o versículo 17 não é um mero clichê ou axioma da ética cristã, mas “uma profunda advertência, devido a uma necessidade urgente [...] de não receber a ‘honra’ do martírio por meio de uma oposição teimosa ao poder do estado”.⁷⁵

SEÇÃO VII

SANTIDADE TRIUNFANTE

1 Pedro 3.18-22

A. O SOFRIMENTO NÃO IMPEDE O PROPÓSITO DE DEUS, 3.18

Nessa passagem Jesus Cristo é apresentado como “o exemplo supremo de alguém que sofre por fazer o bem”. Ele **padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus** (18). Seus sofrimentos eram voluntários e vicários, porque Ele “realizou a expiação ao sofrer *em lugar* daqueles por quem ele se ofereceu como sacrifício [...] um justo para um mundo de injustos”.⁷⁶

A idéia central é o sofrimento imerecido. Mas se o sofrimento leva à morte, sabemos que ela não é o fim. Cristo foi **mortificado** [...] **na carne** (“como homem”, Wesley), **mas vivificado** (ressuscitado dos mortos) **pelo Espírito**, ou seja, ressuscitado para a vida, tanto pelo “seu próprio poder divino como pelo poder do Espírito Santo”.⁷⁷ A referência à morte e ressurreição de Cristo traça um contraste entre o que Bennett descreve como “a natureza limitada e subordinada do sofrimento e a infinita glória e poder de Cristo em sua exaltação. Sua morte ocorreu por causas naturais [...] mas sua ressurreição foi sobrenatural [...] ela estava conectada à dotação espiritual singular de Cristo [...] que Lhe permitiu levar a Deus aqueles que criam nele (cf. 1.3)”.⁷⁸

B. UM INTERLÚDIO: A DESCIDA DE CRISTO ATÉ O HADES, 3.19,20

Os versículos 19-20 formam um interlúdio entre o versículo 18 e 21 e constituem o que geralmente é entendido como uma das passagens mais difíceis do NT. Ela tem

se tornado a base para doutrinas não-bíblicas como o sofrimento no purgatório e a salvação póstuma.

Um estudo cuidadoso da volumosa literatura acerca dessa passagem revela que cada comentarista tem sua própria solução e a interpreta de acordo com suas preferências teológicas. Algumas das interpretações são as seguintes:

1. Cristo, em seu estado pré-encarnado, pregou aos espíritos agora em prisão. Isso foi feito pelo Espírito Santo na pregação de Noé, mas somente Noé e sua família creram e foram salvos.

2. Ele pregou às vítimas do dilúvio que se voltaram para Deus antes de morrerem nas majestosas águas da inundação universal.

3. Ele foi em espírito até o reino onde somente os espíritos podiam ir e proclamou a retidão do seu julgamento porque não creram na pregação de Noé.

4. Ele foi no poder do Espírito e proclamou-se Vitorioso, e levou os santos do AT (“presos de esperança”, Zc 9.12) ao alto (cf. Ef 4.8-10), separando assim a seção do paraíso do Hades da seção dos espíritos maus.

5. Na forma incorpórea da sua existência, que ele assumiu logo após a sua morte, Ele foi proclamar a vitória sobre os anjos caídos destruidores cujo poder sedutor poluiu o mundo antediluviano e causou o dilúvio (6.1-8). Sua proclamação de vitória sobre todo o mal era uma má notícia para os espíritos maus.

6. Ele foi em espírito, não na forma corpórea, entre sua crucificação e ressurreição, e proclamou a mensagem do evangelho, para libertar aqueles que foram desobedientes, mas creram nele e na sua pregação após a morte deles.

Essas interpretações diferem em quatro pontos principais apresentados em forma de esboço aqui. Um estudo mais aprofundado desse assunto pode ser encontrado nas referências dadas abaixo ou em outros comentários e livros teológicos. Essas diferenças dizem respeito: 1) ao *tempo* em que essa pregação pode ter ocorrido; 2) ao *assunto* dessa pregação; 3) às *pessoas* a quem foi pregado e 4) ao *resultado* dessa pregação. Após um estudo dos materiais de referência, o Dr. Paul S. Rees conclui que “não é possível encontrar um consenso quanto à interpretação desse texto”.⁷⁹

Podemos estar certos do seguinte: “Essa passagem não oferece nenhuma esperança para o impenitente. Ela exclui a noção de que aqueles que durante sua vida terrena rejeitaram o evangelho da graça de Deus terão uma segunda chance no ‘outro mundo’ e serão salvos no final”.⁸⁰

O plano e propósito de Deus prevaleceram nos dias de Noé quando oito almas foram salvas “no dilúvio” (Phillips) ou “foram salvas por meio da água” (NEB). Quer muitas ou poucas pessoas creiam em nosso testemunho, e mesmo que *nós* sejamos perseguidos por causa da justiça, este princípio divino se sobressai: No seu devido tempo, Deus livrará o justo e castigará o ímpio. A desobediência do mundo antediluviano levou à condenação, mas a fé e obediência de Noé resultaram na salvação dele e de sua família.

A morte e ressurreição de Cristo sugerem que para aqueles que perdem a sua vida por causa dele, a morte é a entrada para uma esfera mais ampla de atividade, porque depois de voltar à vida, **Ele foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais em outro tempo foram rebeldes [...] nos dias de Noé (19,20).** Qualquer que seja o significado completo desses versículos, a descida de Cristo ao Hades foi “o primeiro estágio da sua exaltação”.⁸¹

C. DO SOFRIMENTO ATÉ A GLÓRIA, 3.21,22

O versículo 21 pode ser traduzido da seguinte forma: “E isso é representado pelo batismo que agora salva vocês — não a remoção da sujeira da carne, mas uma petição a Deus por uma boa consciência — por meio da ressurreição de Jesus Cristo” (NASB).

A ressurreição de Jesus Cristo; o qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu marca a transição do sofrimento para a glória. Os crentes têm de sofrer (v. 17), mas se eles mantêm uma boa consciência para com Deus ao viver uma vida separada, como prometeram no seu batismo, eles têm a garantia de Deus e a prova das suas obras passadas para lhes assegurar que a sua esperança é bem fundamentada. **A destra de Deus** é o lugar mais elevado de honra celestial. Este é o lugar que pertence a Cristo, cuja morte redimiu o homem (cf. v. 18). Em sua exaltação gloriosa sua supremacia é reconhecida pelos **anjos, e as autoridades, e as potências** — “todas as ordens tanto de anjos como de homens” (Wesley). A inferência de Pedro aqui e em 5.1 é que aqueles que conservam a firmeza da fé apesar dos sofrimentos experimentados por amor a Cristo (cf. 4.13) compartilharão dos triunfos e das glórias com os quais Cristo foi coroado por ter sofrido até a morte e permanecido fiel (cf. Jo 17.24; Fl 2.5-11; Ap 3.21). Portanto, nenhum santo sofredor deveria ter medo do seu futuro. Todo sofrimento por causa da justiça será seguido de uma glória indescritível.

SEÇÃO VIII

SANTIDADE SUPERIOR

1 Pedro 4.1-19

A. DEDICAÇÃO À VONTADE DE DEUS, 4.1-2

Pedro ressalta de várias maneiras a preparação para o sofrimento (cf. especialmente 3.13-17), o qual é inescapável. Cristo é nosso Exemplo quanto ao *sofrimento imerecido* (cf. 3.18-22). Aqui nos versículos 1-6 a separação do pecado é citada como uma das causas da perseguição. Visto que **Cristo padeceu por nós na carne** (1), os cristãos devem armar-se “do mesmo pensamento” (NVI) para sofrer pacientemente qualquer que seja a vontade de Deus. Isso não somente significa identificação com Cristo em espírito e propósito, mas em aborrecer o pecado. Pedro aqui usa a frase **padeceu por nós na carne** para indicar a morte do nosso Senhor. Em um modo paralelo, ele usa a frase **aquele que padeceu na carne** para referir-se à nossa morte para o pecado (cf. Rm 6.2-4). Mas ele não quer dizer que esse tipo de sofrimento salva o homem. Identificação com a morte do nosso Senhor significa que o cristão **já cessou do pecado**. Ele está no mundo, mas não é do mundo. Ele está no corpo, mas, tendo quebrado toda ligação com o pecado, já não mais molda sua vida **segundo as concupiscências dos homens** (2), que são incitadas pela natureza depravada. Em vez de conformar-se com os padrões morais da antiga vida, sua vida agora tem uma nova orientação: **a vontade de Deus**. Essa vida também tem uma nova dinâmica: o poder do Espírito Santo (cf. Rm 6.1-13; 8.1-3).

B. INCOMPREENSÃO SUPERADA, 4.3-6

A vida de santidade que é uma identificação completa com “a vontade de Deus” (v. 2) é colocada em forte contraste com **a vontade dos gentios** (3) ou a moralidade ambígua que caracterizava suas vidas **no tempo passado**. Já foi gasto tempo demais com formas de impurezas repulsivas, paixões detestáveis, desejos maus, bebedeiras, condutas indecentes e **abomináveis idolatrias**, que não só eram impróprios para cristãos, mas “violavam o sentido de decência comum”.⁸²

Com respeito a todo e qualquer pecado, existe apenas uma rota aberta para os cristãos: a separação — não isolamento, mas separação no espírito e na prática. Quando os cristãos adotam os costumes do mundo, absorvem o espírito do mundo. Quando repudiam seus costumes, devem estar preparados para receber a oposição do mundo. O grau de divergência da má compreensão e de maus tratos dos cristãos muitas vezes indica a eficiência da sua separação e testemunho. Aqueles que “não correm” (v. 4) com seus antigos companheiros, recusando-se a participar do **desenfreamento de dissolução** deles, serão tratados com desprezo; mas isso não deve fazê-los voltar à velha vida. Não há apenas um passado do qual foram salvos, mas uma “herança [...] guardada” para eles (cf. 1.4) se permanecerem fiéis. No entanto, antes que recebam essa herança, precisam — **os vivos e os mortos** (5), crentes e descrentes — **dar conta ao que está preparado [...] para julgar**. Ele vindicará o justo que sofre injustamente, mas punirá o injusto. O fato da prestação de contas ao Juiz santo é um incentivo à santidade de coração e vida.

A pregação do **evangelho** [...] **aos mortos** (6) tem (como em 3.18-22) ocasionado uma controvérsia sem fim, mas os comentários de Whedon são claros e eles interpretam esse versículo à luz do ensino claro de toda a Bíblia. “O significado evidente é que o evangelho foi pregado para homens em vida, mas que agora estão mortos; da mesma maneira que seria perfeitamente correto dizer que o evangelho foi pregado aos santos na glória ou às almas que estão na perdição; significando que foi pregado a eles quando estavam aqui na terra. O tempo *aoristo* mostra a sua descontinuação”.⁸³

C. SOBRIEDADE E VIGILÂNCIA, 4.7

Antes, nessa epístola, Pedro referiu-se ao “último tempo” (1.7) e à “revelação de Jesus Cristo” (1.13). Ele entendia que o término da dispensação **está próximo**. Acreditava-se que a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o julgamento estavam muito próximos. Esse quadro servia como um incentivo poderoso para o viver santo e o encorajamento dos crentes em suas aflições. A brevidade do tempo requeria disciplina, autocontrole, “julgamento sadio e espírito sóbrio para o propósito de oração” (NASB). “Uma empolgação irracional e desassossegada torna a verdadeira oração impossível”.⁸⁴

Pedro pode ter escrito essas palavras como uma recordação triste da ocasião quando “o medo, a curiosidade ociosa, a empolgação impaciente e a negligência do dever” o causaram a fracassar na vigília e oração, e ele acabou negando o seu Senhor. No entanto, independentemente da demora da volta do nosso Senhor, os cristão devem estar prontos e estar alerta para os embustes e enganamentos do Diabo, que procura obter vantagem sobre eles (cf. 2 Co 2.11; 11.14,15; Ef 6.11).

D. CARIDADE PARA COM OS OFENSORES, 4.8

A santidade é prática e se manifesta em relacionamentos sociais adequados. O aspecto mais importante no mundo é o amor (1 Co 13). Se há amor puro para com Deus, haverá **ardente caridade uns para com os outros**. Esse (cf. 1.22) é um amor envolvente que dá aos outros em vez de ser egoísta. Esse amor é uma questão de primeira importância e requer cultivo. Onde prevalece o amor, todos os outros deveres serão realizados. E se houver uma **multidão de pecados**, a caridade os **cobrirá**, como um manto. O motivo de “cobrir” não é ocultar a ofensa ou negar sua realidade, mas perdoá-la e, dessa forma, extinguir a discórdia e reprimir mais pecado. Os leitores deveriam manter seu amor mútuo “plenamente ativo, porque o amor revoga inúmeros pecados” (NEB) e é a essência de uma vida pura e boa.

E. DEMONSTRANDO HOSPITALIDADE, 4.9,10

Onde houver um viver vigilante haverá um viver digno. Isso significa que cada um deve usar aquilo que possui, embora seja modesto e escasso, para suprir as necessidades dos companheiros cristãos. Nos dias de Pedro isso podia ter significado aqueles que haviam sido forçados a sair de suas casas pela perseguição ou estavam fazendo uma longa jornada. Os cristãos devem ser **hospitais** [...] **sem murmurações**, mesmo que isso signifique um peso adicional para eles. Reclamar do preço rouba as bênçãos de compartilhar com nossos irmãos.

O motivo por trás dessa generosidade é o amor: amor ao irmão necessitado e amor ao Pai celestial, de quem recebemos toda boa dádiva (cf. 1 Co 4.7). Nossos dons e talentos não são para uso próprio. Eles são uma responsabilidade de Deus para serem usados como Ele intenta, **como bons despenseiros** (10) devem usá-los: para abençoar outros. Esse serviço é um *ministério*, quer seja de talentos, dinheiro, influência ou outras bênçãos que Deus concedeu de maneira tão abundante; e todos receberam dons que podem ser compartilhados (cf. Rm 12 e 1 Co 12).

F. A GLÓRIA DE DEUS EM TODAS AS COISAS, 4.11

Para ilustrar o significado em ministrar nossa mordomia (v. 10), Pedro especifica dois itens: 1) Falar publicamente do Senhor ao proclamar a sua Palavra, e 2) servir os outros com os nossos recursos pessoais. **Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus** significa que devemos declarar as doutrinas de Deus da forma como são comunicadas a nós pelo Espírito de Deus, de acordo com a Palavra de Deus. Devemos ensinar todo o corpo acerca da verdade divina conforme está revelada nas Escrituras. Devemos depender de Deus e falar com sobriedade e autoridade. “Aquele que não ordena santidade prática aos crentes, não fala como o oráculo de Deus” (Wesley).

Se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá. Qualquer que seja o serviço, ele deve ser realizado lembrando que tudo que temos vem de Deus. É a bondade de Deus que supre a sabedoria da mente, a força do corpo e os recursos materiais.

Sempre que um homem consagra-se a si mesmo e tudo que é seu, **Deus será glorificado por Jesus Cristo**, o Mediador por meio de quem Deus ministra a habilidade. Visto que a finalidade principal do homem é glorificar a Deus, a realização fiel do seu dever redundará na glória de Deus, **a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém!** Alguns entendem que **a quem** se refere a Deus e outros acreditam referir-se a Cristo. Já que Cristo é um com o Pai (cf. Jo 10.31) e recebe adoração semelhante em Apocalipse 1.6, essa doxologia está perfeitamente em ordem se for atribuída a Cristo.

G. PARTICIPANDO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 4.12-16

Novamente Pedro retorna a um tema dominante: o sofrimento dos cristãos. Como seguidores de Cristo, eles esperam compartilhar da sua glória; conseqüentemente, eles também deveriam esperar compartilhar dos seus sofrimentos. Eles não deveriam “estranyar” ou surpreender-se com **a ardente prova** (12). Esse não é um acontecimento fortuito. Também não é Satanás simplesmente tentando persuadi-los de que se eles possuam um relacionamento especial com Deus (cf. 1.2-4; 2.9-10), esses sofrimentos não iriam ocorrer. Sua “provação pelo fogo” tem um propósito divino, embora no momento eles tenham dificuldade em entendê-lo. Pedro tinha se referido anteriormente ao teste de fogo da sua fé que redundava em glória (cf. 1.7). Como **participantes das aflições de Cristo** (13), eles devem regozijar-se, não pelo fato do seu sofrimento, mas porque o experimentam como representantes de Cristo. O sofrimento imediato veio porque os cristãos chamaram Jesus de Filho de Deus e o adoravam como o Soberano supremo em vez de adorar o imperador. O grau do seu regozijo deveria ser aumentado pela intensidade das perseguições que suportavam. A alegria que eles agora experimentam apesar dos seus sofrimentos dará lugar a uma grande alegria, **na revelação da sua glória**, i.e., quando verão a Cristo e o seu reino será supremo. Nesse tempo esses sofrendores deverão saltar de alegria, em exultação triunfante.

Pedro estava preocupado com os insultos e as perseguições que eles experimentavam **pelo nome de Cristo** (14) e por causa de uma vida coerente com seus ensinamentos. *Repreensão e glória* são colocadas em contraste. O tratamento desdenhoso inflige sofrimento maior na alma mais sensível do que o abuso físico ou a destruição de sua propriedade. Por isso temos aqui a alusão à promessa de Cristo de bênçãos por sofrer por sua causa (cf. Mt 5.11). **O Espírito da glória de Deus** dá coragem para enfrentar o sofrimento sem retroceder.⁸⁵ O Espírito de Deus garante aos cristãos sofrendores que eles participarão da glória aperfeiçoada na vinda de Cristo. O significado dos versículos 15-16 é a seguinte: Que ninguém desonre a Cristo sofrendo um castigo justo por crimes contra os homens; ninguém é abençoado se está sofrendo em decorrência das suas próprias faltas. Em vez disso, que o homem se glorie por causa do castigo infligido por ser cristão.⁸⁶

A advertência de sofrer como **homicida [...] ladrão [...] malfeitor, ou como o que se entremete em negócios alheios** (15) não deveria nos chocar se lembramos do estado geral da sociedade daquela época. A vida de alguns desses crentes pode ter sido tão má como as pessoas de Corinto que Paulo descreveu (cf. 1 Co 6.9-11). Havia exemplos em que criminosos, para ocultar sua natureza e a verdadeira causa do seu castigo, professavam ser cristãos, e davam a impressão que estavam sendo castigados por serem cristãos.

Aquele **que se entremete em negócios alheios** é a pessoa que “se desvia do seu chamado e se torna juiz dos outros” (Wesley). Os inimigos acusavam os cristãos de serem hostis à sociedade civilizada, sendo acusados de tentar forçar os não cristãos a agir de acordo com os padrões cristãos. Isso criaria um tumulto civil que poderia resultar em violência do povo (cf. At 19.21-41).

Aquele que **se padece como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus** (16). A essa altura, o termo **cristão** tinha se tornado o nome pelo qual os pagãos sarcasticamente descreviam os seguidores de Cristo (cf. At 11.26; 26.28). Os judeus que rejeitaram Jesus como o Cristo não chamavam seus seguidores de cristãos. Renan, citado em Ellicott, disse: “Pessoas bem educadas evitavam pronunciar esse nome, ou, quando forçadas a fazê-lo, pediam desculpas”.⁸⁷ Evidentemente, os próprios cristãos ainda não usavam esse nome, mas o consideravam como um símbolo da mais alta honra quando seus inimigos os chamavam assim. O que Pedro exortou que fizessem (v. 16) ele mesmo havia praticado (cf. At 5.29-42, especialmente o v. 41).

H. SEM MEDO DO EXAME DE DEUS, 4.17-19

Nas provações e tristezas atuais, Pedro reconheceu o início de um período prolongado de **juízo** (17). A justiça requer julgamento, e Deus apontou o justo Juiz (cf. At 17.31) que conhece exatamente as intenções de cada pessoa bem como suas ações. Ele é a esperança do crente (cf. 1.3. 21). Os crentes mantêm um relacionamento precioso com Cristo e Ele com esses crentes (cf. 1.18-21; 2.7). O modelo que Deus parece seguir em disciplina e julgamento inicia com seu próprio povo (cf. Is 10.12,13; Jr 25.29; 49.12; Ez 9.6), para revelar quem passa pelo teste. A “prova de fogo” pela qual os cristãos estavam passando pode parecer terrível, mas servia para purificá-los e capacitá-los a glorificar a Deus.

Se os crentes verdadeiros achavam difícil suportar as provações, eles deveriam lembrar-se que o destino **daqueles que são desobedientes a Deus** excede em muito o pior que os cristãos são chamados a suportar, ou podem imaginar. A perspectiva deles é sem esperança. E para que nenhum leitor seja tentado a buscar alívio da perseguição ao renunciar à fé cristã, Pedro os lembra que algo muito pior aguarda os desobedientes, quer sejam perseguidores pagãos, quer cristãos infiéis.⁸⁸ Se o Juiz justo não omite as faltas dos seus seguidores submissos, mas os disciplina para purificá-los e prepará-los para a glória (cf. Hb 12.5-10), quão horrendo deve ser sua ira para com os rebeldes! A pergunta de Pedro a respeito do **ímpio** e do **pecador** (18) definitivamente desconsidera a afirmação de alguns de que ele permite a possibilidade de uma salvação póstuma em 3.18-22 e 4.6.

Quando o sofrimento é o instrumento da disciplina divina e quando não é decorrente de má ação pessoal, ele é **segundo a vontade de Deus** (19) e deveria ser aceito com o espírito certo. Esses sofredores recebem o seguinte dever: “Continuem a fazer o que é direito e entreguem-se aos cuidados do Deus que criou vocês, pois Ele nunca faltará” (Bíblia Viva).⁸⁹ Visto que Deus criou a alma e deu-lhe nova vida em Cristo, Ele será fiel para cumprir a sua promessa para proteger a sua possessão. A santidade liberta o crente do medo do exame de Deus quanto ao caráter e conduta.

SEÇÃO IX

SANTIDADE EM AÇÃO

1 Pedro 5.1-9

A. RELACIONAMENTOS OFICIAIS NA IGREJA, 5.1-4

Os **presbíteros** (1) eram obreiros maduros da igreja que agiam como supervisores; eles tinham deveres administrativos e pastorais definidos. O contraste com os “jovens” (v. 5) indica uma forma simples de governo da igreja nos tempos de Pedro. Uma administração sábia das obrigações da igreja é vital para a pureza e preservação da Igreja, e mais ainda quando as perseguições impõem responsabilidades peculiares para os líderes. **Sou também presbítero.** Pedro pode ter considerado seu apostolado um tipo de responsabilidade de ancião em termos mais amplos ou ele pode ter servido como ancião (presbítero) na igreja da região onde morava. Com humildade ele refere-se ao seu apostolado, como **testemunha das aflições de Cristo**. Ele tinha muito a dizer acerca das aflições do seu Senhor. A descrição do seu ofício é a descrição que se espera de uma pessoa santa. Não há auto-exaltação nem depreciação, nem qualquer alusão a primazia, como alguns têm alegado em relação a Pedro.

Ele também era um **participante da glória que se há de revelar** quando Cristo retornar à terra. Pedro esteve no monte da Transfiguração e lá viu a glória do nosso Senhor. Ele observou as provas gloriosas e infalíveis da sua ressurreição e ouviu a promessa do anjo de que Cristo voltaria. Ele havia recebido uma comissão especial que estava disposto a cumprir (cf. Lc 22.32; Jo 21.15-17); essa epístola é prova disso.

A responsabilidade pastoral desses presbíteros é descrita assim: **apascentai o rebanho de Deus** (2). A palavra “pastorear” explica melhor o significado do original

do que **apascentai**. O dever do pastor é triplo: providenciar pasto, caminhos para o pasto e proteção nos caminhos para o pasto. Portanto, o dever do pastor vai além da pregação. O **rebanho** é a Igreja. Ela pertence a Deus como sua possessão comprada. Em certa época seus membros eram como ovelhas desgarradas, mas elas voltaram ao “Pastor e Bispo” da sua alma (cf. 2.25). O pastor deve instruir e guiar o rebanho em obediência e sujeição à completa vontade de Deus. O **cuidado** a ser exercido envolve três particularidades expressas de forma negativa e positiva. 1) Quanto ao espírito desse serviço, ele não é **por força, mas voluntariamente**. A liderança da igreja era tão perigosa naqueles dias que poderia custar a vida do líder. Mesmo assim, ele não deveria fazer essa obra relutantemente como se fosse um fardo ou considerá-lo como um dever profissional obrigatório. Em vez disso, esse era um ministério para o qual Deus o havia apontado e chamado e, por isso, deveria ser feito com obediência e alegria. 2) A motivação dessa supervisão não deveria ser **por torpe ganância, mas de ânimo pronto** — não como um mercenário que espera ganhar dinheiro. Os presbíteros tinham o direito de esperar sustento material daqueles a quem ministravam; mas sua motivação não deveria provir de um “amor ao ganho constitucional”, que “é uma desqualificação para o ministério cristão”.⁹⁰ Considere seu efeito em Judas Iscariotes! 3) Quanto à forma de supervisão, ela não deve ser **como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho** (3). Os líderes nunca devem ser tirânicos ou se esquecer dos direitos das pessoas que lhes foram confiadas. Eles não devem dominar como o arrogante Diótrefes (3 Jo 9-11), mas liderar pelo poder de uma vida santa. O pastor nunca deve esquecer que ele não é o **Sumo Pastor** (4).

A compensação terrena do líder pode ser insignificante, mas **quando aparecer o Sumo Pastor** (cf. 4.13), ele terá a sua recompensa incorruptível (cf. 1.4,5), a **coroa de glória**, “a felicidade do céu, o elemento principal de a vida de Deus ser derramada na alma por meio de Cristo”,⁹¹ “uma participação perpétua na sua glória e honra” (Bíblia Viva).

B. RELACIONAMENTOS PESSOAIS EM TODA A COMUNIDADE, 5.5-7

Novamente Pedro introduz o princípio da submissão. Ela é sugerida nos versículos 3,4, mas é enfatizada no versículo 5. Há divergência de opinião quanto à palavra **jovens** (5). Não é certo se essa palavra se refere a jovens em idade ou se eram pessoas de “hierarquia inferior”. Alguns entendem que ela representa o laicato da Igreja; outros entendem que se refere aos novos na fé cristã. Wuest sugere que pode muito bem referir-se a organizações compostas por pessoas jovens dentro da Igreja, porque havia essas organizações nas cidades da Ásia Menor.⁹²

A ênfase na submissão a uma liderança propriamente constituída sempre é correta, especialmente em tempos de tensão quando há uma tendência da parte de alguns indivíduos e grupos de achar que a liderança não “está sendo suficientemente vigorosa na sua reação à crise”.⁹³ Os **anciãos** devem servir; os **jovens** devem sujeitar-se; mas todos devem revestir-se **de humildade**. O vestuário deve estar atado de maneira tão segura que nada pode tirá-la de nós. A humildade produz uma atitude apropriada entre as

peessoas e em relação a todos os deveres cristãos, independentemente de quão simples sejam. Isso parece referir-se à situação em que nosso Senhor cingiu-se com uma toalha e lavou os pés dos discípulos (cf. Jo 13.1-9) — uma ocasião quando o impetuoso Pedro aprendeu uma valiosa lição de humildade.

A atitude divina em relação aos orgulhosos é um desafio para cultivarmos a humildade e submissão. “Deus volta-se contra os arrogantes” (NEB), como numa ordem de batalha, porque o orgulho os colocou contra a poderosa mão de Deus. Mas os **humildes** que se submetem fielmente a Ele e confiam no seu propósito, poder e providência não têm motivo para estar ansiosos — o pecado da preocupação. A confiança dos humildes está nEle que promete cuidar deles. Ele está atento a tudo que acontece com eles, tem todas as coisas sob controle e não se esquece de nada. **Ele tem cuidado de vós** (7) nos assegura que ele tem “um interesse pessoal por nós” (Phillips). No devido tempo, Ele nos exaltará, removendo a dificuldade ou chamando-nos para junto dEle. Por que ser perturbado pela ansiedade, se Ele cuida de nós e nos mantém seguros? A confiança em Deus e nas suas promessas não nos exime do dever de sermos vigilantes contra as tentações ou carregar nossa parte das responsabilidades pessoais (cf. 6.4), mas ela remove a inquietação da preocupação.

C. RESISTÊNCIA CONSTANTE AO ADVERSÁRIO, 5.8-9

A preocupação é condenada, mas a vigilância é ordenada. **Sede sóbrios** (autocontrolados), **vigiai** (8); toque o verdadeiro alarme do pastor contra um inimigo perigoso. Esses versículos refletem o encontro pessoal de Pedro e sua experiência amarga com Satanás (cf. Lc 22.31-46). A verdadeira natureza de Satanás é vividamente descrita como: 1) **vosso adversário**, o oponente de Deus, do seu propósito eterno e de tudo que é bom. Satanás é o advogado de acusação, em casos diante do Juiz. Ele é o “acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10), fazendo acusações falsas e caluniosas contra os santos. Qualquer deslize no pecado dá a ele o direito de condenar o pecador e garantir o seu castigo; portanto, a vigilância perpétua e um esforço sério do cristão são fundamentais (cf. 1.13; 4.7). Ele também é chamado de 2) **o diabo**, que acusa, calunia, tenta e seduz. Suas artimanhas variam. Ele pode aparecer na forma de uma serpente perspicaz ou de um anjo da luz ou então 3) **como leão** que brama, sanguinário, violento e insaciável pela rapina, sempre à espreita, **buscando a quem possa tragar**. Esse inimigo astucioso não está à espreita pela presa de forma distraída; ele “observa todos os cristãos para ver em qual deles ele tem a maior chance”⁹⁴ de devorar tanto alma como corpo.

A atitude cristã em relação a essa personalidade diabólica deve ser de resistência firme **na fé** (9). Aquele que aborrece os santos e não desiste da sua oposição a Deus, à verdade e à santidade, pode ser vencido pelo poder de Deus e pela armadura espiritual (cf. Ef 6.11-18). Somente a ortodoxia não é suficiente. A sabedoria humana é insuficiente (cf. 1 Co 10.12) e curvar-se de medo leva à derrota. Mas, o diabo pode ser derrotado pela completa dependência de Deus, como o grande Libertador (cf. vv. 6,7), ao se manter inabalável a confiança no auxílio divino e pela lealdade constante a Cristo (cf. Ap 12.11).

Essas aflições incutidas por Satanás (cf. Jó 1—2) estendem-se a todos os **irmãos no mundo**. Todos os verdadeiros cristãos experimentam **as mesmas aflições** e perseguições. Portanto, não devemos considerar nossas aflições como indicação do desfavor de Deus ou prova de que Ele esqueceu-se de nós (cf. v. 7). O fato de outros crentes estarem experimentando tribulações mostra que os leitores não foram separados para um sofrimento excepcional (cf. At 14.22; 1 Co 10.13; 1 Ts 1.6; 3.4) e que suas angústias não eram mais severas do que aquelas enfrentadas por cristãos em outras partes do mundo. Fazer parte de uma irmandade de sofredores os encoraja a resistir ao diabo, com o seguinte objetivo: “para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (2.9).

SEÇÃO X

SANTIDADE E GLÓRIA ETERNA

1 Pedro 5.10-11

A. DEUS INICIA O CHAMADO À SANTIDADE, 5.10A

Um outro estímulo para resistir ao diabo é que **o Deus de toda a graça** nos **chamou** (10) para a santidade, que é uma preparação para a glória que Ele tem guardado para todos os vencedores. Ele é a Fonte e o Doador de toda a graça necessária para cada ocasião. Ele possui uma graça salvadora, santificadora, sustentadora, satisfatória e estabilizadora (1 Co 12.9,10). Para os pecados, Ele tem a graça da pureza de coração. Para a doença, Ele tem a graça da cura. Para a tristeza, há a graça da sua presença confortadora e de promessas preciosas. Para o estresse, Ele tem a graça da paz “que excede todo o entendimento” (cf. Fp 4.6,7). Ele tem graça suficiente, e mais do que suficiente, para suprir cada uma de nossas necessidades (cf. 2 Co 9.8). O fato de Ele nos ter chamado é prova da sua graça; e a suficiência da sua graça nos assegura de que teremos tudo que é necessário para o viver santo diário.

B. O ALVO É A GLÓRIA ETERNA, 5.10B

O chamado origina-se na graça de Deus, porque “somente pela graça toda obra começa, continua e termina na tua alma” (Wesley). Os chamados devem responder pela aceitação obediente e pelo uso fiel da graça tão livremente oferecida por meio do mérito de **Cristo Jesus** e somente por meio dele fomos feitos participantes da sua

grande salvação (cf. 1.2,3). Tudo aquilo que nos separa dele destrói nossa esperança de vida e glória (cf. Jo 15.5,6).

O alvo em tudo isso é que podemos compartilhar da **sua eterna glória**, para a qual a santidade é a preparação (cf. Mt 5.8, 28; Hb 12.14). E como ocorreu com o Mestre, o caminho para a glória passa pela tribulação e o fogo da perseguição. Isso, porém, é passageiro, enquanto a **glória é eterna** (cf. 2 Co 4.17; Hb 11.25,26).

Não sabemos tudo que estará à disposição do vencedor, mas alguém sugeriu que isso inclui o seguinte:

Um amor que não pode ser sondado,
Uma vida que não pode ser interrompida,
Uma justiça que não pode ser embaçada,
Uma paz que não pode ser entendida,
Um descanso que não pode ser perturbado,
Uma alegria que não pode ser diminuída,
Uma esperança que não pode ser frustrada,
Uma luz que não pode ser interceptada,
Uma força que não pode ser debilitada,
Uma pureza que não pode ser corrompida,
Uma beleza que não pode ser danificada,
Uma sabedoria que não pode ser desfeita,
Recursos que não podem ser esgotados.⁹⁵

C. SANTIDADE E ESPERANÇA TESTADAS PELO SOFRIMENTO, 5.10C

O problema do sofrimento, introduzido em 1.6-9 e mencionado repetidas vezes nessa epístola, tem aturrido filósofos e teólogos ao longo dos séculos. Já se perguntava por que o justo sofre. Davi estava perplexo com esse problema (cf. Sl 73, especialmente vv. 12-17). Ele aturdiu os discípulos de Cristo (cf. Jo 9.1-3). Esse problema perturba os crentes atuais. Mas Deus queria que tudo isso acontecesse “para testemunho” (Lc 21.13). Apesar das coisas que não entendemos nem somos capazes de explicar, o sofrimento é compatível com a vida santa (cf. Is 48.10; Dn 11.35; 12.10). Em vez de significar que o sofredor está debaixo da ira de Deus, pode significar que Deus escolheu essa pessoa para demonstrar sua graça e poder. O sofrimento produz uma unidade com Deus e uma proximidade que não vem de outra forma; ele amplia a vida e ensina compaixão com outros sofredores. Acima de tudo, ele ensina o preço da nossa redenção (cf. 1.18,19; 2.21-24; 3.18).

Pedro estava preocupado que seus leitores cristãos fossem ludibriados pela autopiedade, que tem sua origem em Satanás (cf. Mt 16.23). Se comessem a achar que ninguém mais sofresse como eles ou tivesse um destino tão difícil, sua fé e amor poderiam minguar. Satanás se aproveitaria disso e exploraria essa situação questionando se Deus estaria sendo justo com eles. Certo autor disse que a vida alcança o seu apogeu no sofrimento que coloca a pessoa numa posição em que consegue entender o significado final e imediato do sofrimento.⁹⁶

D. UM PROCESSO COM VISTA À ETERNIDADE, 5.10D

Não obstante o fato de um momento decisivo de purificação ou completa santificação, deve haver um constante crescimento e um amadurecimento espiritual contínuo para que a pessoa seja apta a realizar o seu serviço. Isso não quer dizer que não houve uma purificação completa. Em vez disso, isso mostra que há uma necessidade de um processo que desenvolve e amadurece os dons e o fruto do Espírito e, por meio disso, nos auxilia a controlar o elemento humano envolvido.⁹⁷

O processo de nos preparar para participar na sua glória envolve o “aperfeiçoamento”, i.e., corrigir e tornar perfeito qualquer defeito que aparece durante a devastação da perseguição, para que estejamos preparados para servi-lo perfeitamente. O comentário de Selwyn acerca da palavra grega traduzida por **aperfeiçoará** merece atenção.⁹⁸ Visto que toda a nossa capacitação vem de Deus, Ele mesmo nos tornará aptos, se obedecermos e confiarmos nele. Ele também nos **confirmará**, de tal forma que nada nos fará oscilar ou abalar. Seremos confirmados ou firmados na fé e na obediência. Se houver uma manifestação de fraqueza, ele nos **fortificará**. A provação não somente revela a posse de uma certa força, mas a necessidade e possibilidade de mais força, que Deus concede ao dar um poder interior para vencer todos os inimigos. Além do mais, se a base sobre a qual estamos parados parece tremer, a promessa divina é de que Ele nos **fortalecerá**, i.e, nos colocará num fundamento sólido. Pedro, “a rocha”, traz a idéia de uma fundamentação sólida, segurança e estabilidade para os cristãos sofredores.

E. DOXOLOGIA, 5.11

Ele é o **Deus de toda a graça** (10), e ele próprio nos supre com abundante graça para nos manter firmes na aflição. Ele provê toda a **força** necessária e as influências do Espírito por meio de quem o serviço aceitável pode ser realizado a Deus e aos homens. Visto que **a glória e o poderio** pertencem a Ele **para todo o sempre**, todos deveriam reconhecer isso e dar a Ele a glória que é devida ao seu nome. **Amém!**

SEÇÃO XI

CONCLUSÃO

1 Pedro 5.12-14

A. UMA CARTA COM PROPÓSITO, 5.12

Um dos problemas associados com 1 Pedro é a parte que **Silvano, vosso fiel irmão**, tem em sua epístola. (Veja Int.). Concorde-se geralmente que é uma referência aqui a Silas, companheiro de Paulo em muitas ocasiões importantes, e que compartilhou de algumas das experiências mais importantes que ocorreram com eles (cf. At 15; 16.19-40; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1). Ele era um dos “varões distintos entre os irmãos” na igreja de Jerusalém (cf. At 15.22) e um profeta (At 15.32). As palavras **como cuido** não sugerem a idéia de falta de confiança, mas indicam que o julgamento de Pedro estava baseado no conhecimento pessoal do caráter e valor desse homem — “como também o considero” (ARA).

Essa carta era breve em comparação com o que ele gostaria de ter escrito a eles por meio de exortação, encorajamento e instrução tendo em vista as suas circunstâncias. Um estudo cuidadoso do seu conteúdo doutrinário mostrará que ela é, mesmo assim, uma carta muito importante. Ao exortá-los, Pedro usou de súplica, encorajamento e consolo. Ele deu o relato pessoal de uma testemunha ocular das coisas que ouviu dos outros e creu. Como observador, foi qualificado a assegurar que a fé sobre a qual eles estavam firmados é **a verdadeira graça de Deus**. Nenhuma pergunta que surgisse das suas aflições, nem qualquer sugestão de Satanás de que sua fé era inapropriada deveria desviá-los dessa **verdadeira graça**. Seu sofrimento presente era um incidente passageiro da sua peregrinação terrena a caminho da glória.

B. SAUDAÇÕES DA IGREJA, 5.13

Esse versículo tem ocasionado conjecturas consideráveis quanto ao lugar e à pessoa referida. No texto da KJV aparecem as seguintes palavras em itálico: *igreja que está*. Essas palavras não se encontram no original grego. O verbo feminino permite a seguinte tradução: “Aquele que está em Babilônia” (NVI). Esse feminino singular com o qual o nome **Marcos** está conectado, e que é descrito como **meu filho**, faz com que alguns concluem que a esposa de Pedro participa da saudação. No entanto, o consenso da maioria dos comentaristas é que a igreja e João Marcos, um dos filhos espirituais (cf. At 12.12; 13.5; 15.37,39), enviam saudações. Quanto ao lugar, a interpretação mais provável indica Roma (veja Int.) como a cidade da qual Pedro escreveu. No entanto, a afirmação de que Pedro fundou a igreja de Roma e foi seu bispo por várias décadas não tem fundamento histórico. A **Babilônia** era com frequência usada simbolicamente para Roma (cf. Ap 17.5,9). O teor das afirmações dos bispos posteriores de Roma a favor da primazia de Pedro contradiz o que ele escreveu em relação à liderança da igreja (v. 3). Mas a tradição de que Pedro esteve em Roma nos anos 60 d.C. é primitiva e forte e não deveria ser descartada. Em lugar de **A vossa co-eleita**, leia: “eleita junto com vocês” (NASB).

C. O SINAL DA IRMANDADE, 5.14A

O **ósculo de caridade** com o qual eles saudavam uns aos outros era um símbolo da irmandade cristã. Esse evidentemente era um costume na Igreja Primitiva (cf. Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26), significando afeição mútua. Em certa época, o ósculo santo fazia parte da cerimônia regular da adoração pública. Mas ele se tornou objeto de abuso e, em tempo, um pai da Igreja Primitiva escreveu acerca de “um outro beijo — um beijo impuro, cheio de malícia, simulando santidade”.⁹⁹ Em dado momento, o costume ficou restrito a homens beijando homens e mulheres beijando mulheres. Esse símbolo de irmandade é expresso hoje nos países ocidentais por um cordial aperto de mão.

D. ORAÇÃO PELA PAZ, 5.14B

É significativo Pedro, o apóstolo dos judeus, terminar essa carta com a bênção hebraica de **Paz**, enquanto Paulo, o apóstolo dos gentios, terminar suas cartas com “graça” (e.g., 2 Ts 3.17,18). A **paz** que Pedro deseja a eles é uma paz “em seu significado pleno” — paz com Deus e paz com todos os homens, que incluía paz entre eles. Que consolo saber que em tempos como o deles e o nosso, **todos** que estão **em Cristo Jesus** podem ter uma paz que transcende “tribulação, tumulto, tempestade, tensão!”¹⁰⁰ **Amém!** Que assim seja!

Notas

- ¹ *An Introduction to the New Testament* (6^a ed.; Nova York: Thomas Whittaker, sem data), p. 198.
- ² *A Compendious Introduction to the Study of the Bible* (Nashville: Lane and Scott, 1850), p. 342.
- ³ Ralph Earle, et al, *Exploring the New Testament* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City: 1955), pp. 399-400.
- ⁴ *The Epistle of St. Peter and St. Jude* ("The International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 7.
- ⁵ *Op. cit.*, pp. 203-4.
- ⁶ "The First Epistle of Peter", *The Wycliffe Bible Commentary*, ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1443.
- ⁷ "Introduction", em Alan M. Stibbs, *The First Epistle General of Peter* ("Tyndale New Testament Commentaries"; Londres: Tyndale Press, 1959), p. 64.
- ⁸ "The Epistles of James, Peter and Jude", *The Anchor Bible*, ed. William F. Albright e David N. Freedman (Nova York: Doubleday and Company, 1964), p. 77.
- ⁹ Charles R. Erdman, *The General Epistles, an Exposition* (Philadelphia: The Westminster Press, 1918), p. 52.
- ¹⁰ *An Introduction to the Study of the Books of the New Testament* (13^a ed.: Nova York: Fleming H. Revell Company, 1939), p. 271.
- ¹¹ *The General Epistles, James, Peter, John and Jude* ("The Century Bible"; Edimburgo: T. C. and E. E. Jack, 1901), p. 43.
- ¹² *Op. cit.*, p. 400.
- ¹³ *The First Epistle of St. Peter* (Londres: Macmillan and Co., 1961), pp. 56-63.
- ¹⁴ *The Letters of James and Peter* ("The Daily Study Bible", 2^a ed., Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 194.
- ¹⁵ "Babylon", *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, traduzido por Geoffrey W. Bromiley, vol. I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 516.
- ¹⁶ Francis W. Beare, *The First Epistle of Peter* (Oxford: Basil Blackwell, 1947), p. 31.
- ¹⁷ Paul S. Rees, *Triumphant in Trouble* (Westwood, NJ.: Fleming H. Revell Company, 1962), pp. 16-7.
- ¹⁸ Reicke, *op. cit.*, p. 74.
- ¹⁹ Philip E. Hughes, "1 Peter", *Christianity Today*, vol. I, N 9, 30.
- ²⁰ *New Testament Survey* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), pp. 351-2.
- ²¹ *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ. With Critical, Explanatory, and Practical Notes*, vol. II (Nova York: George Lane and Levi Scott, 1852), p. 603.
- ²² *Op. cit.*, p. 3.
- ²³ *Op. cit.*, p. 352.
- ²⁴ Rees, *op. cit.*, p. 9.
- ²⁷ James Macknight, *The Apostolical Epistles* (Filadélfia: Thomas Wardle, 1841), pp. 603-8.

- ²⁸ Cf. John McClintock and James Strong, *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature* (Nova York: Harper and Brothers, 1894), vol. VIII, pp. 16-7.
- ²⁹ *Apostolic and Post-Apostolic Times*, traduzido por A. J. K. Davidson, II (Edinburgo: T. and T. Clark, 1886), p. 136, nota.
- ³⁰ *The New Testament Epistles, James, First Peter, Second Peter, Jude* (Nova York: Methodist Book Concern, 1921), pp. 121-45.
- ³¹ *The Student's Handbook of Christian Theology* (nova edição; Nova York: Hunt and Eaton, 1889), pp. 181-7.
- ³² *Ibid.*, p. 184.
- ³³ W. T. Purkiser, et al., *Exploring Our Christian Faith* (Cidade do Kansas: Mo.: Beacon Hill Press of Kansas City, 1960), p. 60. Veja também pp. 274-80.
- ³⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 186.
- ³⁵ Veja Purkiser, *op. cit.*, pp. 350-89.
- ³⁶ Bennett, *op. cit.*, p. 188.
- ³⁷ Albert Barnes, *Christianity Today*, vol. I, N° 14, p. 23.
- ³⁸ *Ibid.*
- ³⁹ William Barclay, *More New Testament Words* (Nova York: Harper and Row, 1958), pp. 42-6.
- ⁴⁰ Wesley, et al., *One Volume New Testament Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, reeditado, ed., 1957), *ad loc.*
- ⁴¹ Bennett, *op. cit.*, p. 190.
- ⁴² Wesley, *op. cit.*, *ad loc.*
- ⁴³ Nathaniel M. Williams, "Commentary on the Espistles of Peter", *An American Commnetary on the New Testament* (Filadélfia: The American Baptist Publication Society, 1890), p. 17.
- ⁴⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 195.
- ⁴⁵ Cf. Bennett, *op. cit.*, p. 200.
- ⁴⁶ *Ibid.*
- ⁴⁷ *First Peter in the Greek New Testament* (Grand Rapids: Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co., 1942). p. 42.
- ⁴⁸ *Ibid.*, p. 43. Veja também Purkiser, *op. cit.*, cap. XII.
- ⁴⁹ Lange, *Commentary*, "I Peter", p. 24.
- ⁵⁰ Alan M. Stibbs, "The First Epistle General of Peter", *Tyndale New Testament Commentaries*, ed. R. V. G. Tasker (Londres: The Tyndale Press, 1959), p. 92.
- ⁵¹ Purkiser, *op. cit.*, p. 361.
- ⁵² Bennett, *op. cit.*, p. 202.
- ⁵³ Veja Purkiser, *op. cit.*, cap. XVII, para um tratamento completo acerca de "Crise e Processo de santificação".
- ⁵⁴ John Wick Bowman, "The First and Second Letters of Peter", *The Layman's Bible Commentary*, ed. Balmer H. Kelly (Richmond: John Knox Press, 1959), p. 131.

- ⁵⁵ *Op. cit.*, p. 44.
- ⁵⁶ Purkiser, *op. cit.*, p. 341.
- ⁵⁷ *Op. cit.*, p. 876.
- ⁵⁸ D. D. Whedon, *Commentary on the New Testament* (Nova York: Hunt and Eaton, 1890), vol. V, p. 200.
- ⁵⁹ *James and Peter*, "Aldersgate Biblical Series" (Winona Lake, Indiana: Light and Life Press, 1962), Leader's Guide, p. 63.
- ⁶⁰ *Op. cit.*, p. 101.
- ⁶¹ *Against the Atheists*, Lewi's edição. 1845, p.68, vol. I, p. 12.
- ⁶² *Op. cit.*, p. 172.
- ⁶³ Bennett, *op. cit.*, p. 216.
- ⁶⁴ *Op. cit.*, p. 12.
- ⁶⁵ *Ibid.*
- ⁶⁶ Veja Whedon, *op. cit.*, p. 205; e Stibbs, *op.cit*, p. 122.
- ⁶⁷ Williams, *op. cit.*, p. 42.
- ⁶⁸ "The Epistle of Peter, John and Jude", *Layman's Handy Commentary*, ed. Charles John Ellicott (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1957 [reedição]), p. 64.
- ⁶⁹ *Ibid.*
- ⁷⁰ Bennett, *op. cit.*, p. 224.
- ⁷¹ Veja *Juvenal*, Sat. vol. VI, pp. 492-504; Barclay, *op.cit*, pp. 261-3; Wuest, *op.cit*, pp. 73-80.
- ⁷² Erdman, *op. cit.*, p. 73.
- ⁷³ Bennett, *op. cit.*, p. 230.
- ⁷⁴ Selwyn, *op. cit.*, p. 193.
- ⁷⁵ Reicke, *op. cit.*, p. 108.
- ⁷⁶ Whedon, *op. cit.*, p. 209.
- ⁷⁷ Wesley, *op. cit.*, p. 882.
- ⁷⁸ *Op. cit.*, pp. 233-4.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. 91.
- ⁸⁰ William G. Moorenhead, *Outline Studies in the New Testament, Catholic Epistles* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1908), p. 67. Commentary referência às diversas interpretações dessa passagem veja Stibbs, *op. cit.*, pp. 140-143; Selwyn, *op. cit.*, pp. 197-208, 314-362; Bennett, *op. cit.*, pp. 234-7; Bigg, *op. cit.*, p. 162; Barclay, *op. cit.*, pp. 279-87; Whedon, *op. cit.*, pp. 209-14; Wuest, *op. cit.*, pp. 92-109; Hayes, *op. cit.*, pp. 176-82.
- ⁸¹ Purkiser, *op. cit.*, p. 170.
- ⁸² Cf. Wuest, *op. cit.*, p. 112. Bennett, *op. cit.*, p. 243.
- ⁸³ *Op. cit.*, p. 216.
- ⁸⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 246.

- ⁸⁵ Veja Wuest, *op. cit.*, pp. 118-22.
- ⁸⁶ Bennett, *op. cit.*, p. 250. Veja também Ellicott, *op.cit*, pp. 103-4.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, p. 104.
- ⁸⁸ Cf. Beare, *op. cit.*, p. 168.
- ⁸⁹ Cf. Wuest, *op. cit.*, p. 123.
- ⁹⁰ Williams, *op. cit.*, p. 68.
- ⁹¹ *Ibid*, p. 70.
- ⁹² *Op. cit.*, p. 126.
- ⁹³ Beare, *op. cit.*, p. 176.
- ⁹⁴ Ellicot, *op. cit.*, p. 113.
- ⁹⁵ Citado por J. Allen Blair, *Living Peacefully* (Nova York: Loizeaux Brothers, 1959), p. 249.
- ⁹⁶ Wayne R. Oates, *What Psychology Says About Religion* (Nova York: Associaton Press, 1958), pp. 102-3.
- ⁹⁷ Cf. Pursiker, *op.cit*, pp. 351, 367.
- ⁹⁸ *Op. cit.*, p. 240. Veja também Rees, *op. cit.*, pp. 135-6.
- ⁹⁹ Wuest, *op. cit.*, p. 133.
- ¹⁰⁰ Rees, *op. cit.*, p. 143.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARCLAY, William. *The Letters of James and Peter*. 2ª ed. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- BEARE, Francis W. *The First Epistle of Peter*. Oxford: Basil Blackwell, 1947.
- BENNETT, W. H. *The General Epistles: James, Peter, John and Jude*. "The Century Bible". Ed. W. F. Adeney. Edimburgo: T. C. and E. C. Jack, 1901.
- BENSON, Joseph. *Tyndale New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ, with Critical Explanatory and Practical Notes*, vol. II. Nova York: Carlton and Phillips, 1856.
- BIGG, Charles. *The Epistle of St. Peter and St. Jude*. "The International Critical Commentary". Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- BOWMAN, John Wick. "The First and Second Letters of Peter", *The Layman's Bible Commentary*. Ed. Balmer H. Kelley. Richmond: John Knox Press, 1959.
- CAFFIN, B. C. et al. *I Peter*. "The Pulpit Commentary". Ed. H. D. M. Spence e Joseph C. Exell. Edição reeditada. Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1950.
- CLARKE, Adam, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.
- ERDMAN, Charles R. *The General Epistles: An Exposition*. 1ª ed. Filadélfia: Westminster Press, 1918.
- HUNTER, Archibald M., e HOMRIGHAUSEN, Elmer G. "The First Epistle of Peter". *The Interpreter's Bible*, vol. XII. Ed. George Arthur Buttrick, et. Al. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1957.
- MACKNIGHT, James. *The Apostolical Epistles*. Filadélfia: Thomas Wardle, 1841.
- PAINE, Stephen W. *The First Epistle of Peter*. "The Wycliffe Bible Commentary". Ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- REICKE, Bo. "The Epistle of James, Peter and Jude". *The Anchor Bible*. Ed. William F. Albright e David N. Freeman. Nova York: Doubleday and Company, 1964.
- SELWYN, E. G. *The First Epistle of St. Peter*. Londres: Macmillan and Company, 1961.
- STIBBS, Alan M. *The First Epistle General of Peter*. "Tyndale New Testament Commentaries". Ed. R. V. G. Tasker. Londres: Tyndale Press, 1959.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Nova York: Carlton and Phillips, 1855.
- ____ et al. *One Volume New Testament Commentary*. Edição reeditada. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.
- WHEDON, Daniel D. *Commentary on the New Testament*, vol. V. Nova York: Hunt and Eaton, 1890.
- WILLIAMS, Nathanael M. *Commentary on the Epistles of Peter*. "An American Commentary on the New Testament". Ed. Alvan Hovey. Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1890.

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, W. F., e GINGRICH, F. W. (ed.); *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.
- BARCLAY, William. *More New Testament Words*. Nova York: Harper and Row, 1958.
- BLAIR, J. Allen. *Living Peacefully*. Nova York: Loizeaux Brothers, Inc., 1959.

- DODS, Marcus. *An Introduction to the New Testament*. 6th ed. Nova York: Thomas Whittaker, s. d.
- EARLE, Ralph, et al. *Exploring the New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955.
- FIELD, Benjamin. *The Student's Handbook of Christian Theology*. Nova edição. Nova York: Hunt and Eaton, 1889.
- GALBREATH, Marvin L. *James and Peter*. "Aldersgate Biblical Series". Leader's Guide. Winona Lake: Light and Life Press, 1962.
- KERR, John H. *An Introduction to the Study of the New Testament*. 13th ed. Nova York: Fleming H. Revell, 1939.
- McCLINTOCK, John, and STRONG, James. *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, vol. VIII. Nova York: Harper and Brothers, 1894.
- MOOREHEAD, William G. *Catholic Epistles*. "Outline Studies in the New Testament". Nova York: Fleming H. Revell, 1908.
- PURKISER, W. T., et al. *Exploring Our Christian Faith*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1960.
- REES, Paul S. *Triumphant in Trouble*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1962.
- TENNEY, Merrill, C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1961.
- WUEST, Kenneth S. *First Peter in the Greek New Testament*. "Wuest's Word Studies". Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1942.

A Segunda Epístola de
PEDRO

Eldon R. Fuhrman

Introdução

A. Autoria

Embora tenha havido intensa controvérsia em relação à autoria dessa epístola, não pode haver dúvida de que o autor se identifica repetidas vezes e de modo explícito como Pedro. A falta de comprovação histórica primitiva quanto à autenticidade da epístola é mais do que compensada por uma abundância de evidências internas. O autor identifica-se como Simão Pedro (1.1). Ele afirma que o Senhor tinha lhe mostrado a iminência e a forma da sua própria morte (1.14). Ele alega ter sido testemunha ocular da Transfiguração (1.16,17) e fala da voz celestial ouvida enquanto estava com Cristo “no monte santo” (1.18). Menciona ter escrito uma outra epístola às mesmas pessoas (3.1) e fala do seu “amado irmão Paulo” como se estivesse intimamente familiarizado com ele e seus escritos (3.15,16). Visto que essas alusões autobiográficas estão de acordo com outras fontes ou informações bíblicas a respeito de Pedro, temos fortes razões para acreditar que ele é o autor da epístola.

Muito se tem argumentado acerca do fato de a segunda epístola apresentar um grego inferior em relação à primeira epístola. Mas isso pode ser devido ao fato de Pedro ter Silas como secretário na primeira carta (1 Pe 5.12), enquanto ele mesmo escreveu a segunda carta na prisão.

A única possibilidade de esta epístola não ser da autoria de Pedro seria a de uma falsificação deliberada. No entanto, como H. C. Thiessen destacou em certa oportunidade: “Se 2 Pedro é uma falsificação, então temos aqui uma falsificação sem propósito, sem as marcas comuns de falsificação e sem qualquer semelhança com falsificações incontestáveis”.¹ Visto que não há evidências históricas conclusivas contra a autoria de Pedro, uma vez que as alternativas levantam mais dúvidas e perguntas do que soluções, e visto que a seriedade cristã, o tom apostólico e as alusões autobiográficas harmonizam com outras fontes de informação acerca de Pedro, ele é aqui aceito sem reservas como o autor dessa carta.

B. Ocasão

O autor da segunda epístola de Pedro afirma que essa carta está associada a uma anterior, enviada aos mesmos leitores (3.1). Isso significa que ela foi dirigida aos cristãos judeus e gentios ao norte da Ásia Menor; isto é: “aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1 Pe 1.1; veja mapa 1). Esses são os que “alcançaram fé igualmente preciosa” com Pedro e os outros apóstolos.

No intervalo entre as duas cartas, ocorreu uma mudança de circunstâncias entre essas pessoas. Ao passo que a primeira carta havia sido escrita para prepará-los para o sofrimento, talvez pelas mãos de um governo hostil (1.7; 2.12-15; 3.14-17; 4.3,4, 12-16; 5.8-10), a segunda carta adverte contra o surgimento de falsos mestres (2.1-3, 10-15, 19-22; 3.3-7, 15-17). Esses falsos mestres são semelhantes aos falsos profetas que se levantaram no meio do povo do Antigo Testamento, cujos ensinamentos são caracterizados por

fraude, arrogância, ridicularização, desprezo e mundanismo. Pedro profetiza uma condenação antecipada para essas pessoas, bem como para todos que sucumbem diante da sua influência perniciosa. Deve-se notar que esses falsos mestres realizaram seus maiores esforços e ataques no meio de novos convertidos a Cristo, que ainda não haviam alcançado maturidade e estabilidade suficiente para precaver-se contra suas seduções e engodos (2.18-20). A essas pessoas Pedro dirige uma palavra encorajadora para perseverarem na fé (1.12; 3.1-4, 17,18) e uma palavra de advertência de julgamento e condenação caso voltassem às suas antigas concupiscências (1.9; 2.20-22). Essas condições, além da expectativa da sua morte iminente (1.13-15) e o retorno de Cristo (3.3-13), faz com que o autor expresse um forte sentimento de urgência aos seus leitores.

Pedro não diz onde estava quando escreveu essa carta, mas pelo menos uma parte dos detalhes relevantes dessa carta sugerem a cidade de Roma. Ele estava esperando sua morte para breve (1.14). A tradição às vezes afirma que Pedro e Paulo podem ter trabalhado juntos em Roma antes de se tornarem mártires durante o governo de Nero.² A favor desse ponto de vista também existe uma certa evidência interna (3.1,15).

C. Data

A data da composição está ligada à questão da autoria de Pedro, que é aqui aceita como autêntica. Segue-se então que, se Pedro escreveu essa epístola, ele o fez depois de escrever 1 Pedro (2 Pe 3.1), depois que Paulo havia se tornado bem conhecido entre os cristãos daqueles dias (3.15,16), na véspera de uma deflagração de ensinamentos heréticos (2.1-3) e pouco antes da morte de Pedro (1.14,15). Como resultado dessas evidências internas, a data da escrita geralmente é colocada entre 65 a 67 d.C. A afirmação abaixo feita por Merrill C. Tenney é o consenso de um bom número de estudiosos renomados do Novo Testamento:

Foi a última obra [de Pedro], enviada pouco antes da sua morte para as igrejas com as quais ele havia se comunicado na sua primeira epístola. A ameaça de perseguição parece ter passado, porque o sofrimento dos cristãos não é mencionado aqui. Talvez, se a epístola foi despachada de Roma em torno de 65 a 67 d.C., Pedro tenha percebido que a inquietação que originariamente ameaçava afetar as províncias mostrou ser local quanto à sua extensão: novos problemas haviam aparecido que demandavam atenção; o perigo para as suas igrejas agora era mais interno do que externo.³

D. Características Distintas de 2 Pedro

Um aspecto característico dessa carta é o número de palavras repetidas no vocabulário de Pedro. Há dez referências a *justo* e *justiça* (1.1, 13; 2.5, 8 duas vezes, 9, 15 duas vezes, 21; 3.13) e dezessete referências a *conhecimento* e *ciência* (1.2, 3, 5, 6, 8, 12, 14, 16, 20; 2.9, 20, 21 duas vezes; 3.3, 16, 17, 18). Dezesseis referências são feitas a Jesus Cristo como Salvador, Senhor e Mestre (1.1, 2, 8, 11, 14, 16; 2.1, 9, 11, 20; 3.2, 8, 9, 10, 15, 18) e cinco referências à piedade (1.3, 6, 7; 2.9; 3.11) em contraste com a impiedade (2.5,6; 3.7).

Os cinco convites a serem lembrados (1.12, 13, 15; 3.1,2) apontam para o ensino de Pedro segundo o qual, acrescentado ao conhecimento de Jesus Cristo como Salvador e Senhor, precisa haver constantes lembretes no sentido de avançar em uma vida de justiça e piedade, para que os cristãos não voltem à impiedade. Esse aspecto é bem resumido nos dois últimos versículos da carta: “Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza; antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (3.17,18).

Um outro aspecto característico dessa carta é a forte ênfase na transfiguração de Cristo como uma confirmação da mensagem profética e apostólica (1.16-18). Pedro considera a Encarnação como o epítome do significado da pessoa e obra de Cristo. O Senhor é a Figura central da profecia (1.19-21), o Exemplo e Programa da verdade. Por isso não é surpresa que antes de lançar-se a uma exposição dos falsos mestres, Pedro lembra seus leitores da sua presença no monte da Transfiguração. Como resultado disso, ele não hesitou em denunciar como heresia perniciosa as inverdades que certamente destruiriam a piedade e a pureza cristã (2.1-2, 11, 13-14, 18-19).

O leitor perspicaz também fica impressionado com a importância que a história do Antigo Testamento recebe na sua carta. A queda de anjos (2.4), o dilúvio (2.5; 3.5-7), a destruição de Sodoma e Gomorra (2.6) e a libertação de Ló (2.7) são citados em uma sucessão rápida como prova de que os atos de Deus no passado firmam a certeza da profecia para o futuro. Pedro está muito seguro de que a profecia é a história do futuro, quer ele esteja falando acerca de falsos profetas prenunciando falsos mestres, quer de julgamentos locais prenunciando o julgamento final, quer de escarnecedores do passado prenunciando os escarnecedores do presente e do futuro.

O aspecto apocalíptico, também presente na sua primeira carta, é uma marca distinta da segunda epístola. Em contraste com a teoria de que toda história se move a passos largos, constantes e ininterruptos, Pedro insiste que o dilúvio, que ocorreu de forma súbita e catastrófica, não era nada menos do que uma intervenção apavorante do julgamento divino. Ele também escreve que Deus vai intervir mais uma vez em julgamento, só que dessa vez por meio de um holocausto feroz. Pedro insiste que seus leitores estejam alertas para um julgamento tão desagradável e iminente, para que não sejam apanhados de surpresa (3.11).

Finalmente, é um aspecto singular dessa carta o reconhecimento dos escritos de um colega apóstolo como tendo *status* de Escrituras. Embora o “amado irmão Paulo” tivesse escrito “pontos difíceis de entender que os indoutos e inconstantes torcem [...] para sua própria perdição”, no entanto, ele é um intérprete válido da “longanimidade de nosso Senhor”, segundo “a sabedoria que lhe foi dada”. Assim, Pedro coloca os escritos de Paulo junto com “as outras Escrituras” e dessa forma concede a eles um lugar no cânon, um reconhecimento certamente merecido.

E. Ênfase Teológica

Ao estar em harmonia com o ensinamento geral das Escrituras, Pedro insiste que a justiça de Deus é a base para obter a “fé [...] preciosa” comum a todos “pelo conheci-

mento de Deus e de Jesus, nosso Senhor” (1.1,2). Semelhantemente, Pedro confirma a depravação do homem caído, descrevendo-a como a “corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo” (1.4). A libertação dos efeitos da Queda vem pelo conhecimento de Deus e pela participação na natureza divina por meio da fé (1.4,5). Essa libertação é preservada por uma aplicação ativa do princípio da fé para a promoção e ampliação da vida cristã (1.5-11).

No segundo capítulo, Pedro reitera um ensinamento encontrado com frequência nas Escrituras, i.e., a condenação certa e final de todos que procedem de uma maneira impiedosa (2.4-9). Isso é verdade, embora alguns possam ter desfrutado de uma breve libertação das “corrupções do mundo” antes de serem enredados e dominados outra vez (2.18-22). Semelhantemente, a ênfase acerca do retorno do Senhor com julgamento, conforme ensinado por Pedro em 3.10-13, é uma questão que está de acordo com o restante das Escrituras.

Ao mesmo tempo, no entanto, Pedro contribui com alguns ensinamentos teológicos que não são apresentados em nenhum outro lugar das Escrituras com a mesma clareza. Sua declaração de que “a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (1.21) é uma das passagens mais conclusivas acerca da inspiração no Novo Testamento. Em termos inequívocos, Pedro declara que a profecia do Antigo Testamento não é obra ou palavra de homens, mas Palavra de Deus e deve ser aceita como “uma luz que alumia em lugar escuro” (1.19).

Além disso, o ensinamento escatológico de Pedro responde à questão perplexa da aparente demora da volta do Senhor. Àqueles que podiam estar desapontados com o fato de o Senhor não ter retornado na época deles, e aos escarnecedores que não podiam conceber nenhuma interrupção no processo natural da natureza, Pedro responde ressaltando que Deus havia quebrado os processos uniformes do passado pelo dilúvio e agiria de novo por meio do fogo. A demora do retorno de Cristo não era devido a uma profecia falsa, mas um sinal do desejo de Deus de dar ao homem um tempo maior para que pudesse se arrepender (3.8,9). Todavia, o controle divino do fim dos tempos é tão certo quanto a operação divina no princípio.

Embora possa haver algumas alusões em relação à experiência da santidade cristã (1.3,4), a ênfase principal está na sua expressão (3.11-14) e expansão (1.5-11). Pedro também ficou indignado com os falsos mestres cuja estratégia era explorar coisas sagradas para os seus próprios propósitos maus (2.10-18). Talvez a falta de estabilidade espiritual dos “engodados” (2.14, 18-22) tenha ocorrido em parte por causa da falta de uma completa santificação interior, mas Pedro não diz isso de forma explícita. Em vez disso, ele atribui a extrema suscetibilidade deles às influências enganosas dos falsos mestres e ao fato de serem relativamente novos na vida cristã (2.14, 18, 20-22). Essa é mais uma razão para as disciplinas espirituais ordenadas (1.5-11) e sugeridas (3.17,18).

Embora as referências explícitas à santificação não sejam tão numerosas aqui quanto em outras partes do Novo Testamento, Pedro procura deixar clara a importância de ver o cristianismo como uma religião santa. O conhecimento de Deus tem um efeito santo sobre o homem (1.4). A busca firme e constante da disciplina cristã intensifica o conhecimento de coisas santas (1.8-11). A majestade e a glória de Jesus Cristo foram manifestadas no “monte santo” da Transfiguração (1.18). O Espírito Santo inspirava

homens santos a anunciar as profecias do Antigo Testamento (1.20,21). Mestres heréticos desviaram alguns recém-convertidos ao cristianismo da caminhada santa (2.21), provocando o julgamento e a ira de um Deus santo (2.9,10). Profetas e apóstolos santos advertiram acerca de escarnecedores (3.2,3) e da importância de viver uma vida de “santo trato e piedade” necessária para a vinda do Senhor (3.11,12). Assim, Pedro nos admoesta a estarmos alicerçados no Senhor e sermos “achados imaculados e irrepreensíveis em paz” (3.14) — marcas de uma vida santa em qualquer era.

Esboço

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. O Remetente, 1.1a
- B. Os Destinatários, 1.1b
- C. O Reconhecimento, 1.2

II. A GRAÇA E O CONHECIMENTO DE DEUS, 1.3-21

- A. Exortação ao Crescimento Cristão, 1.3-11
- B. Um Chamado à Lembrança, 1.12-15
- C. A Verdade da Palavra Profética, 1.16-21

III. GRAÇA E CONHECIMENTO EM RISCO EM VIRTUDE DOS FALSOS MESTRES, 2.1-22

- A. Os Falsos Mestres Prenunciados, 2.1-3
- B. Os Falsos Mestres Destinados ao Castigo, 2.4-10a
- C. Os Falsos Mestres Caracterizados, 2.10b-16
- D. Os Falsos Mestres e suas Vítimas, 2.17-22

IV. A PROMESSA DA VINDA DE CRISTO, 3.1-18

- A. A Negação da Vinda do Senhor, 3.1-7
- B. A Demora da Vinda do Senhor, 3.8-10
- C. As Exigências da Vinda do Senhor, 3.11-13
- D. A Diligência Necessária para a Vinda do Senhor, 3.14-16
- E. Resumo Final e Exortação, 3.17,18

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

2 Pedro 1.1-2

A. O REMETENTE, 1.1A

O autor apresenta-se como **Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo**. Pedro é conhecido no Novo Testamento por quatro nomes: Pedro (Mt 16.18), Simeão (At 15.14, cf. KJV), Simão (Jo 1.41) e Cefas (Jo 1.42). **Simão** é a forma grega do nome próprio hebraico, Simeão, e era o nome pelo qual Pedro era conhecido pelos seus amigos no dia-a-dia. Cefas é o sinônimo aramaico do grego *Petros*, que é traduzido para o português por **Pedro**, e significa pedra ou rocha.⁴

A palavra **servo** (*doulos*) literalmente significa alguém que estava completamente sujeito a outro. Paulo usa a mesma palavra para si mesmo em Romanos 1.1 e Tito 1.1.⁵ Como **apóstolo**, Pedro ressaltou o fato de que tinha sido enviado por **Jesus Cristo** e, portanto, falava com uma autoridade especial.⁶

B. OS DESTINATÁRIOS, 1.1B

Pedro dirigiu-se **aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa**, que é traduzido na NVI da seguinte forma: “àqueles que [...] receberam conosco uma fé igualmente valiosa”. A palavra grega (*isotimos*) é um adjetivo composto (*isos*, igual; *time*, honra, preço) e é usado somente aqui no Novo Testamento.⁷ Dessa forma, a fé que essas pessoas obtiveram é a mesma em honra e privilégio que a fé que Pedro ou qualquer dos

apóstolos tinha. Pedro refere-se àqueles que no passado eram gentios mas que hoje têm uma fé semelhante à dos judeus, porque tanto gentios como judeus são salvos **pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo**; isto é, por meio da fé em Jesus Cristo, que é verdadeiramente justo (1 Jo 1.9). O Deus justo e Jesus Cristo são a mesma pessoa, como Paulo expressa em Tito 2.13: “Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”.

É evidente então que, considerando que a primeira epístola foi dirigida àqueles da Diáspora (1 Pe 1.1), essa carta seja mais geral, tendo em mente especialmente aqueles que no passado haviam sido desprezados, mas que agora possuíam a cidadania do Reino de Deus. Pedro aprendeu a lição relacionada aos privilégios iguais dos gentios e judeus e, apesar de um breve intervalo (Gl 2.11-14), esse era o seu ensinamento (At 11—15).

C. O RECONHECIMENTO, 1.2

Pedro não só aceita esses gentios como cristãos, mas também reconhece que a **graça e a paz** foram dados a eles, e ora para que essas dádivas lhes **sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor**. Assim, Pedro deseja que esse estado beneficente possa crescer e explica como isso pode ocorrer. **Graça e paz** aumentam à medida que crescemos em nosso **conhecimento de Deus**, porque a experiência cristã nunca é estática.

A palavra para **conhecimento** no grego é *gnosis*, mas Pedro acrescenta o prefixo *epi*, que significa “adicional, completo, certo, claro e pessoal”.⁸ Wesley refere-se a esse conhecimento como “o divino e experimental conhecimento de Deus e de Cristo”.⁹ Pedro está ensinando aqui que o cristianismo significa nada menos do que um conhecimento rico e crescente de Deus por causa do nosso relacionamento com Jesus Cristo. Esse conhecimento não é uma mera especulação abstrata, porque se refere a uma Pessoa viva. Encontramos aqui uma característica distinta dessa epístola, e, como foi mencionado na Introdução, é uma questão de ênfase repetida. A admoestação “crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” é a palavra final de Pedro (3.18). A ênfase do apóstolo na graça e conhecimento de Deus está presente em toda parte, quer por implicação, quer por referência explícita, em cada seção do corpo dessa epístola.

SEÇÃO II

A GRAÇA E O CONHECIMENTO DE DEUS

2 Pedro 1.3-21

A. EXORTAÇÃO AO CRESCIMENTO CRISTÃO, 1.3-11

A oração pela multiplicação da graça e da paz por meio do conhecimento de Deus e de Cristo (v. 2) será agora tratada por Pedro de uma forma sistemática. Na ordem lógica, ele observa os recursos divinos, os passos envolvidos no crescimento, os benefícios, um chamado à lembrança e a garantia de que o crescimento no conhecimento de Deus é crescimento em verdade.

1. *Uma Recapitulação dos Recursos Divinos* (1.3,4)

O apóstolo faz uma afirmação extraordinária em relação a Cristo. **O seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade** (3). Pedro tinha visto o poder de Cristo acalmar o mar revoltado e experimentado como esse poder o havia capacitado a caminhar sobre as águas (Mt 14.22-29); ele havia ouvido o Cristo ressuscitado afirmar que todo poder lhe tinha sido dado no céu e na terra (Mt 28.18); ele havia recebido o poder de Cristo na sua vida pelo batismo santificador do Espírito de Pentecostes (At 1.8; 2.4); e ele sabia, com Paulo, que Cristo era o poder de Deus (1 Co 1.24). Assim, como Wesley disse: “Há uma satisfação maravilhosa na [exortação]”.¹⁰

A palavra **poder** (*dynamis*) indica uma energia constante e dinâmica habitando em Cristo por força da sua natureza como divino.¹¹

Não somente há poder em Cristo, mas é o mesmo poder que tornou acessível **tudo o que diz respeito à vida e piedade**. Seus dons são dados com o propósito de ajudar-nos

a viver vidas piedosas; isto é, vidas se voltam mais e mais para Deus e as coisas santas. No entanto, esse poder é colocado à disposição da humanidade somente **pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua glória e virtude**. Aqui se reconhece a obra mediadora de Cristo à destra do Pai (Hb 1.13).

Incluído nesse **tudo** estão **grandíssimas e preciosas promessas** (4), isto é, promessas que são supremamente grandes e de inestimável valor. Elas são tão grandes, que ao acreditar nelas podemos, na verdade, escapar da **corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo** e alcançar o ápice da expectativa humana, tornando-nos **participantes da natureza divina**. Esse é o significado da comunhão com Deus em Cristo pelo Espírito Santo!

A idéia principal desses dois versículos é que nessa natureza divina estão presentes energias (poderes) morais e espirituais suficientes para vencer na vida e piedade. Essas energias são expressas por meio de promessas específicas. Para que o homem tenha vida e piedade, ele deve reconhecer dentro dele essas energias que estão presentes na Divindade. Isso ocorre como resultado de um relacionamento de fé com essas promessas. Por meio da fé, recebemos conhecimento, participação e comunhão na **natureza divina** compartilhada com o homem por Deus em Cristo. Quando isso ocorre, o homem é salvo da **corrupção** — certamente um elevado privilégio — e conduzido para dentro da esfera ética à qual Pedro chama agora a nossa atenção.

2. Responsabilidade de Completar a Fé (1.5-7)

Longe de estar imóvel ou passivo, o princípio da fé, na verdade, nos lança no sofrimento do esforço ético interminável: **e vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude** (5). A NVI traduz essa passagem da seguinte maneira: “Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude”. A fé é a raiz da vida cristã; as obras são o fruto da fé; ou, para usar uma outra analogia, a fé é o fundamento sobre o qual deve ser edificado o edifício do amor. Wesley disse: “A nossa diligência é seguir o dom de Deus, e ela é acompanhada do acréscimo de todos os seus dons.”¹²

A palavra **acrescentai** significa suprir ou adicionar. Ela vem da palavra composta *epichorigeo*, significando “ajuntar, fornecer uma coisa após a outra, para que não haja falta ou brecha” e era usada nas artes gregas com o significado de “dirigir um coro”. Assim, Pedro nos insta a acrescentar um aspecto após o outro em uma bela ordem até que o coro esteja completo e a vida cristã esteja plenamente equipada com cada virtude. E cada graça recebida ajuda a aperfeiçoar as outras graças.

Virtude significa excelência, coragem e bondade moral. Ela é o valor resultante do desempenho do dever cristão. Ela é o poder moral desenvolvido quando se permanece firme no teste.

O próximo passo ascendente é acrescentar a **ciência** (“conhecimento”, ARA) — a ciência de Deus, das coisas divinas em geral; isto é: uma sabedoria moral amadurecida que vem como resultado de um viver pela fé. E a isso é acrescentada a **temperança** (6), que é o autocontrole, tanto interior quanto exterior, no uso de todas as coisas lícitas.¹³ A ela é acrescentada a **paciência**, que na língua original significa persistência ou constância na fé durante provações e sofrimentos¹⁴ (Rm 5.3-5). A paciência, à medida que é desenvolvida pela fé, leva à **piedade**, que, de acordo com Cremer, significa “o reconheci-

mento da dependência dos deuses, a confissão da dependência humana, o tributo de reverência, que o homem confere na certeza que precisa do favor deles”.¹⁵ Assim, no uso cristão ela significa devoção, reverência, um estado de alma no qual o indivíduo procura conformar-se com a mente de Deus em todas as coisas, pelo poder do Espírito Santo. Segue-se, então, que com base na piedade provemos **o amor fraternal**, que significa “amor a um irmão na fé cristã”,¹⁶ e refere-se a 1 Pedro 1.2, 13, 22; 2.7; 3.7; 4.10. Ela também é exortada por Paulo (Rm 12.10) e João (1 Jo 4.20,21).

Todo o processo chega ao clímax quando se acrescenta ao amor fraternal a **caridade** ou o amor ágape, que não só se manifesta à comunidade cristã mas também a Deus, a toda a humanidade “e a toda a criação, animada e inanimada”.¹⁷ É o que Wesley chama de “o amor perfeito e puro de Deus e de toda a humanidade”.¹⁸

3. *Os Resultados da Fé Crescente (1.8-11)*

Pedro insiste que **se em nós houver e aumentarem estas coisas**, isso resultará em quatro coisas. Elas poderiam ser chamadas de: “As Bênçãos do Crescimento na Graça”: 1) Frutificação crescente — **não seremos deixados ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo** (8); 2) Perspectiva sustentada, capacitando-nos a continuar a ver **ao longe** (9); 3) Perseverança segura — **porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçaremos** (10); e 4) A promoção prometida **no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (11).

Se falharmos em “acrescentar” essas coisas à nossa fé nos tornaremos fracassados espirituais. Dessa forma, tanto positiva quanto negativamente, orientações fortes são dirigidas ao cristão para **fazer cada vez mais firme** a sua **vocação e eleição** (10). O princípio da fé leva inevitavelmente ao processo da fé, e ambos são a causa da contínua perspectiva da fé da nossa promoção final ao Reino de Deus. Aqui estão os “princípios da preservação”¹⁹ claramente expressos, que nenhum cristão pode negligenciar, com o perigo de perder o bem-estar eterno da alma. Uma condição humana, **fazendo isto**, deve ser cumprida antes que a promessa divina, **nunca jamais tropeçareis**, seja cumprida.

B. UM CHAMADO À LEMBRANÇA, 1.12-15

Fortes motivos impeliam Pedro a alertar seus leitores à necessidade de perseverança. *a)* Ele afirma: **Não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas** (12). Embora estivessem bem **confirmados na presente verdade** (“a verdade que está presente com vocês”, NASB), a prática diligente dessa fé levaria a uma fé superior que também deve ser adotada. *b)* Ele viu o poder para o progresso contínuo no fato de despertá-los “com essas lembranças” (v. 13, ARA) para aquilo que já conheciam. *c)* À luz da sua morte iminente, ele estava preocupado em colocar esses conselhos na forma permanente da escrita para que, depois da sua morte, eles sempre tivessem **lembrança destas coisas** (15). Assim, três vezes, Pedro disse que os teria em **lembrança** (12, 13, 15). Segue-se então mais uma forte razão, a saber: *d)* a verdade daquilo em que se cria, de acordo com os versículos 16-21. **E tenho por justo** (13; i.e., considero conveniente). **Tabernáculo** (13,14) seria o corpo terreno de Pedro.

C. A VERDADE DA PALAVRA PROFÉTICA, 1.16-21

O forte apelo para ação é seguido de uma afirmação igualmente forte de que não devemos seguir **fábulas artificialmente compostas** (16; mitos ardilosamente formados pela inteligência humana), comuns no meio gentílico, quando a **virtude** (*dynamis*) e a **vinda** (parousia) **de nosso Senhor Jesus Cristo** ficaram conhecidas. Pedro, Tiago e João foram “testemunhas oculares” (v. 16, ARA) da **sua majestade** na Transfiguração (cf. Mt 17.1-13). Esses homens eram influenciados até o final do seu ministério por essa visão. Tiago morreu como mártir por causa do seu testemunho; João disse que viram a sua glória (1 Jo 1.14); e Pedro insistiu que ouviram Deus dizer: **Este é o meu Filho amado** (17). Assim, a sua visão da majestade de Cristo e a voz de Deus afirmando a filiação de Cristo eram evidências verdadeiras que distinguiam a encarnação da segunda pessoa da Trindade das afirmações espúrias dos mitos pagãos acerca da descida dos seus deuses à terra.²⁰

A essas evidências Pedro acrescenta uma terceira: **E temos, mui firme, a palavra dos profetas** (“E temos a palavra profética ainda mais firme”, NT Amplificado). Interpretes diferem quanto ao que Pedro queria dizer: 1) se a **palavra dos profetas** “mui firme” era uma evidência melhor do que foi vista e ouvida no monte da Transfiguração ou 2) que a cena da Transfiguração confirmava as profecias messiânicas e deixava clara a divindade de Jesus Cristo como o Filho amado de Deus. Vincent defende a primeira proposta e Robertson fica com a segunda.²¹ Strachan traduz o texto de tal forma que respeita as duas posições. “Temos ainda mais uma confirmação das palavras dos profetas, um fato que vocês fariam bem em prestar atenção, como a uma lamparina brilhando em um lugar sombrio, destinado a brilhar até o surgimento do novo Dia, quando a estrela da manhã surge em seu coração”.²² Em ambos os casos, o efeito de rede é o mesmo. A palavra profética é atestada como verdadeira pela transfiguração do Filho, na qual o poder de Cristo para triunfar sobre o pecado e morte é declarado e sua vinda é pré-visualizada. Assim, a palavra profética, com sua referência central ao Messias da promessa, é **uma luz que alumia em lugar escuro**. Era assim, antes, durante e depois da primeira vinda de Cristo; e será assim **até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vosso coração** (19).

Mas Pedro acrescenta uma razão final em assegurar a verdade da palavra profética — sua origem divina. **Sabendo primeiramente isto** — isto é, reconhecendo essa verdade acima de qualquer outra coisa — **que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação** — procede do próprio conhecimento ou invenção do profeta ou era fruto de cálculo ou conjectura.²³ Isso parece uma referência aos métodos usados por alguns falsos mestres para desacreditar o Antigo Testamento como uma obra meramente humana. Como Robertson ressalta: é a compreensão que o profeta tem da profecia, não a dos leitores, que é apresentada aqui, porque “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”.²⁴ Com isso não se está dizendo que o crente comum não pode interpretar a Bíblia sem a ajuda dos mestres da Palavra. Antes, isso quer dizer, visto que as Escrituras foram reveladas pela inspiração do Espírito Santo (v. 21), que ela deve ser interpretada com o auxílio do Espírito Santo. Esta é a resposta de Pedro àqueles que interpretaram as Escrituras para o seu próprio benefício.²⁵ A iluminação divina é a conclusão necessária da inspiração divina. Caso contrário, a discriminação particular domina e o inimigo de todos os erros, as Sagradas Escrituras, é usada na defesa do erro.

O motivo da afirmação no versículo 20 é encontrado no versículo 21. **Porque (gar) a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum.** Isto é, a verdadeira profecia não é de origem particular nem o resultado do impulso humano. Se os versículos anteriores negam ao homem o direito final de interpretar as Escrituras de acordo com sua própria inteligência orgulhosa ou preconceito pecaminoso, o versículo atual nega que a presença das Escrituras em nosso meio tenha origem humana. **Mas** (i.e., em contraste com a idéia errada acerca da origem das Escrituras) **os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo** (21). As Escrituras tomaram forma porque “homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (NVI). (Os melhores textos omitem **santos** e trazem “da parte de Deus”. Assim, é correto dizer que “homens impelidos pelo Espírito falaram da parte de Deus”).

A palavra para **inspirados** (*pheromenoi*, a forma do presente particípio passivo de *phero*) significa “impelido, levado ou movido”.²⁶ Assim, a iniciativa divina em produzir as Escrituras foi realizada pela influência determinante e constrangedora do Espírito Santo em agentes humanos seletos. Essa é uma forte evidência da plena inspiração das Sagradas Escrituras e sua integridade perfeita. Homens falaram porque o Espírito impeliu e não o contrário. Uma influência sobrenatural esteve sobre homens divinamente escolhidos. Portanto, aquilo que eles revelaram oralmente e, depois, por escrito, era inteiramente fidedigno e peremptório.²⁷

No entanto, não se pode negligenciar que a palavra grega para **homens** (*anthropoi*) aparece no final da frase grega. Isso lhe confere uma posição de ênfase e coloca o agente humano em proeminência. Era o Espírito Santo que “inspirava” ou “movia”, mas eram **homens** que falavam. Isso dá às Escrituras uma conexão com o ser humano e confere a este uma relevância que não poderia ter sido assim se não fosse por intermédio da agência humana. Por isso, Paulo pôde dizer que “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa [...] para que o homem de Deus seja perfeito” (2 Tm 3.16,17). Esses escritos inspirados, confirmados pelo Cristo encarnado e transfigurado, deram a Pedro, e a nós a garantia necessária de que o cristianismo é uma religião divinamente revelada, que ele é confiável e fidedigno e que sua autenticidade pode ser aceita com toda confiança no poder de uma fé operante.

Vemos nos versículos 19-21 “A Infalível Palavra de Profecia”: 1) Ela tem o poder para iluminar (v. 19); 2) Ela não deve ser interpretada de acordo com pontos de vista e opiniões particulares (v. 20); 3) Ela não se originou por impulsos humanos, mas pela obra inspiradora do Espírito Santo (v. 21).

SEÇÃO III

GRAÇA E CONHECIMENTO EM RISCO EM VIRTUDE DOS FALSOS MESTRES

2 Pedro 2.1-22

A. OS FALSOS MESTRES PRENUNCIADOS, 2.1-3

Tendo mostrado o uso errado da “profecia da Escritura” (1.20), Pedro prossegue na sua exposição do perigo dos **falsos profetas**. Semelhantemente aos **falsos** (pseudo) **profetas** dos tempos do Antigo Testamento (Dt 13.1-5; Is 28.7; Jr 6.13,14; Ez 13.9,10; Mq 3.11), essas pessoas **introduzirão** (na Igreja) **encobertamente** (de modo secreto, semelhantemente a um traidor no acampamento) **heresias de perdição** — isto é, “heresias marcadas para a destruição”.²⁸ Por meio dessas heresias, os **falsos doutores** estão “negando o próprio senhor que os comprou, trazendo destruição sobre suas cabeças” (NEB).

Vincent nota que a palavra **heresias** no grego significa uma escolha. Assim, “uma heresia é, estritamente, a escolha de uma opinião contrária àquela geralmente acolhida; por essa razão, transferida ao corpo daqueles que professam suas opiniões e, portanto, formam *uma seita*”.²⁹ A natureza desses movimentos sectários é propagar ensinamentos heréticos, levar, como ave de rapina, membros de congregações existentes e criar divisões, causando grande estrago na obra de Cristo no mundo quando “convertem em dissolução a graça de Deus” (Jd 4). Não é de admirar, então, que o ensinamento herético tem sido um instrumento primordial de Satanás para lançar sementes de discórdia e sufocar o progresso da evangelização mundial (Mt 13.24-30). Também não é de admirar que os apóstolos denunciaram a heresia de forma veemente, porque o ensinamento herético é geralmente o inimigo traiçoeiro da santidade e da justiça! Essa heresia é perigosa por-

que a santificação do espírito humano ocorre pela crença na verdade divina (2 Ts 2.13). Portanto, crer numa mentira, embora inocentemente propagada, é atrair sobre si possível condenação (2 Ts 2.9-12). A forte afinidade entre heresia e moralidade depravada, de acordo com esse capítulo, ilustra o estímulo recíproco que um dá ao outro — ambas agindo como causa e efeito. O critério para detectar a heresia no ensinamento cristão é reconhecer se ela nega o senhorio de Jesus Cristo. Esse ensinamento pode ser uma rejeição deliberada ou involuntária da verdade revelada, aceitando posições contraditórias em seu lugar.

O fato de que **muitos seguirão as suas dissoluções** (2; “práticas libertinas”, ARA) é evidência de que o coração do homem, à parte da graça divina, é muito propenso à corrupção e ao erro. Por causa dessas pessoas enganadas, **será blasfemado o caminho da verdade**. O perigo está sempre presente por causa do esforço desses falsos mestres de fazerem **negócio**, aproveitando-se do povo de Deus **com palavras fingidas** (falsas). A **avareza** (3; obsessão insaciável) dos líderes heréticos tem sido interpretada por alguns como o desejo por ganhos financeiros e por outros aspectos como a ânsia em ganhar seguidores. Em ambos os casos, a motivação é egocêntrica em vez de “cristocêntrica”. Pedro adverte tanto a líderes quanto a seguidores que sobre tais **já de longo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição** (destruição) **não dormita**. A NVI traduz esse texto da seguinte maneira: “Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda”.

B. OS FALSOS MESTRES DESTINADOS AO CASTIGO, 2.4-10A

O fim dos falsos mestres, em termos de “julgamento” e “perdição” (v. 3), é uma declaração em forma profética, mas ela é tão certa quanto a história. Pedro cita quatro exemplos, três de castigo e um de preservação, para reforçar seu argumento das coisas que estão por vir. **Se Deus não perdoou aos anjos que pecaram** (4); **se não perdoou ao mundo antigo, mas guardou a Noé** (5); **se condenou à subversão as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinza** (6); e **se livrou o justo Ló** (7), então **sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos e reservar os injustos para o Dia de Juízo, para serem castigados** (9). A forma de julgamento pode ser lançar **no inferno** (*tartarosas*, somente aqui no NT)³⁰ e entregar **às cadeias da escuridão** (“abismos tenebrosos”, RSV), como no caso dos anjos caídos; ou por meio do **dilúvio**, como ocorreu no mundo dos dias de Noé; ou reduzir **cidades [...] a cinza**, como Sodoma e Gomorra. Fica claro que o julgamento de pessoas pecaminosas é certo. A essa lista Pedro acrescenta os falsos mestres e suas vítimas, que, se não se arrependerem (3.9), também perecerão no juízo (v. 3). Essa classe de pessoas é descrita como “os que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade” (v. 10, NVI).

O julgamento de Deus não é apenas certo e severo, mas também seletivo. Alguns anjos não caíram; Noé e sua família imediata foram salvos; Ló foi salvo de Sodoma. Assim, o Senhor sabe quem deve ser condenado e quem deve ser liberto e Ele sabe como guardar cada um para o seu destino eterno. Phillips traduz o versículo 7 da seguinte forma: “Lembrem-se, Ló era um homem bom que sofria agonias espirituais dia após dia por causa das maldades que via e ouvia”.

C. OS FALSOS MESTRES CARACTERIZADOS, 2.10B-16

1. *Audácia* (2.10b,11)

Pedro revela que os falsos mestres se caracterizam por serem **atrevidos** (10; excessivos em presunção) e **obstinados** (possuídos de uma atitude de amor próprio e auto-suficiente), que não estremecem ao **blasfemar das autoridades** (“as glórias do mundo invisível”, Phillips). Em contraste, os **anjos**, que se sobressaem em **força e poder** (11), **não pronunciam contra eles** (anjos maus) **juízo blasfemo diante do Senhor** (cf. Jd 9).

2. *Animalidade* (2.12-14)

A razão da audácia dos falsos mestres é encontrada na sua animalidade. Eles são como **animais irracionais** (12), que nascem para ser capturados e destruídos como animais de rapina. Sua brutalidade é evidenciada no fato de blasfemarem **do que não entendem** (assuntos dos quais são ignorantes). Eles posam como peritos espirituais quando, na realidade, são ignorantes quanto às coisas de Deus. Ai deles, porque **perecerão na sua corrupção**. Ao destruírem, eles certamente serão destruídos; ao serem injustos, eles receberão o salário da iniquidade (v. 13). Mas Pedro ainda não terminou. A animalidade deles é percebida no fato de terem **prazer nos deleites cotidianos**. Esses cristãos professos são **nódoas** [...] e **máculas** para a comunidade cristã. A última parte do versículo 13 tem sido interpretada da seguinte maneira: “...os enganam, vivendo em pecado repugnante por um lado, enquanto pelo outro juntam-se a vocês em suas festas fraternais, como se fossem homens sinceros” (Bíblia Viva). Visto que seus **olhos** são **cheios de adultério** (14), eles não conseguem ver uma mulher sem ter pensamentos lascivos. Na verdade, eles estão tão profundamente emaranhados que **não cessam de pecar** (são incapazes de parar de pecar), porque, por meio da **avareza**, exercitaram o coração com desejos maldosos. Não é de admirar, então, que são **filhos de maldição** (“estão debaixo de maldição”, Phillips). Eles estão debaixo da maldição de Deus agora e são herdeiros da condenação no mundo vindouro.

3. *Avareza* (2.15,16)

Além da audácia e animalidade deles, Pedro acrescenta um terceiro pecado — a avareza. **Deixando o caminho direito** (15), amaram **o prêmio da injustiça**; “buscando o lucro caíram no erro de Balaão” (Jd 11, NVI). A comparação dos falsos mestres com Balaão é indicativa dos seus motivos (cf. Nm 22—23). Balaão sinceramente desejava o dinheiro que Balaque teria dado a ele para amaldiçoar Israel. Ele só não amaldiçoou porque **teve a repreensão da sua transgressão** (pelo) **mudo jumento** (16). Esses falsos mestres, no entanto, não tiveram esse obstáculo externo e, pela falta de remorso, estavam prontos a aceitar “o salário da injustiça” (NVI).

D. OS FALSOS MESTRES E SUAS VÍTIMAS, 2.17-22

Dizer que os falsos mestres são como **fontes sem água** ou **nuvens levadas pela força do vento**, para aqueles a quem está reservado “o destino da escuridão das trevas” (v. 17),³¹ é falar do seu vazio desapontador. Esses mestres falam **coisas mui arro-**

gantes de vaidades e engodam com as concupiscências da carne (18) com a promessa de **liberdade**, embora **eles mesmos** sejam **servos da corrupção** (19). Isso mostra o seu engodo depravador. Tanto para o mestre quanto para o seguidor Pedro tem uma palavra de advertência séria. No caso daqueles que escaparam das contaminações do pecado, **pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo e forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro** (20). Para conhecer o caminho da justiça precisamos conhecer o caminho da responsabilidade. Assim, no caso daquele que conheceu a alegria da salvação, mas se desvia **do santo mandamento** (21), é como pecar contra luz mais intensa e, conseqüentemente, estar sujeito a mais castigo do que experimentaria se “não tivesse conhecido o caminho da justiça” (NVI). Ir da conversão para o desvio é como um cão que **voltou ao seu próprio vômito** (cf. Pv 26.11) ou como **a porca lavada, ao espojadouro de lama** (22). Esse é o fim daqueles que se afastam de Cristo persistentemente, depois de tê-lo conhecido

SEÇÃO IV

A PROMESSA DA VINDA DE CRISTO

2 Pedro 3.1-18

Pedro mais uma vez muda de assunto (deixando novamente os libertinos e suas vítimas) e propõe mais uma vez que seus leitores acordem para uma reflexão séria em relação às palavras faladas pelos santos profetas e pelos apóstolos do Senhor. O ânimo (a mente) do leitor era **sincero**, mas ele precisava se “lembrar”. Nenhum estado de graça deste lado do céu isenta as pessoas da necessidade de repetidas lembranças das verdades da mensagem cristã. Tudo isso torna-se tanto mais urgente à luz da iminente volta de Cristo à terra.

Nos tempos de Pedro, como hoje, havia diversas reações no que tange à mensagem do retorno de Cristo. Alguns negaram que isso iria acontecer; outros questionavam a demora; ainda outros criam nela, mas talvez falharam em dar a devida atenção à exigência de uma vida santa e zelosa. Pedro tinha uma palavra oportuna para cada um desses aspectos, insistindo que a unidade das Escrituras, com sua centralidade em Cristo, tornava possível recorrer tanto ao Antigo como ao Novo Testamento em termos de autoridade e de urgência.

A. A NEGAÇÃO DA VINDA DO SENHOR, 3.1-7

Embora a negação da vinda do Senhor seja um pecado dos descrentes, o crente é afetado pela sua zombaria. Conseqüentemente, Pedro julgou ser necessário lembrar

seus leitores que tanto os **santos profetas** como os **apóstolos do Senhor e Salvador** (2) tinham dito que esse evento iria ocorrer.

Uma das marcas dos **últimos dias** (3) será o aparecimento de **escarnecedores** (zombadores), homens que andam **segundo as suas próprias concupiscências**, “cujo único alvo na vida é o que querem para eles mesmos”, Phillips). Esses homens procuram destruir a sã doutrina por meio da zombaria. “O que houve com a promessa da sua vinda? Desde que os primeiros cristãos morreram, tudo continua exatamente como era desde o princípio da criação!” (v. 4, Phillips). Esse tipo de comentário é um exemplo do seu escárnio.³² O ponto essencial do argumento é que, se Cristo não tinha vindo no tempo deles, Ele nunca o faria.

O tratamento do problema feito por Pedro incluía uma lembrança da palavra previamente falada referente a essa zombaria por aqueles que negavam a doutrina da segunda vinda de Cristo. Ele também mostra como ele usava a Palavra de Deus ao refutar a zombaria deles. Mais cedo ou mais tarde, Jesus Cristo voltaria. Isso tinha sido especificamente prometido na sua ascensão (At 1.10,11), e a promessa está bem fundamentada em uma filosofia de história teísta e sobrenaturalista, refletida nos versículos 5-7. A argumentação de Pedro é que aqueles que negam a segunda vinda de Cristo “esquecem deliberadamente este fato: Deus destruiu o mundo com um poderoso dilúvio, muito tempo depois que Ele tinha feito os céus pela palavra da sua ordem, e tinha utilizado as águas para formar a terra e cercá-la. E Deus ordenou que a terra e os céus sejam reservados para uma grande fogueira no dia do juízo, quando todos os homens ímpios perecerão” (Bíblia Viva).

É digno de nota que a doutrina da vinda de Cristo novamente tenha se tornado um campo de batalha entre as forças combatentes do naturalismo e da continuidade por um lado, e, por outro, aqueles que crêem no sobrenatural e na revelação. Ao tomar a posição bíblica de que a criação não significa necessariamente uma continuação interminável, Pedro foi um passo além e ressaltou que junto com a criação e a continuidade sempre houve mudanças. Este é um universo estabilizado, graças à constância e estabilidade eterna de Deus, mas ele não é estático. O universo deve sua origem e progresso à **palavra de Deus** (5), que é vital e dinâmica! Além disso, a iniciativa de Deus em criar é prova de que Ele pode intervir naquilo que criou. Isso já aconteceu na primeira vinda de Cristo na Encarnação. Assim, o único fim lógico do argumento da descrença ao negar a segunda vinda do Senhor é negar a primeira vinda também. Sua negação, então, não estava baseada em uma filosofia sólida ou uma perspectiva clara da história. Ela, na verdade, estava baseada no seu ódio em qualquer coisa sobrenatural, porque eles se ressentiam com qualquer interferência no seu andar **segundo as suas próprias concupiscências** (3). Esse é o inimigo da mente carnal contra Deus (Rm 8.5-8).

Essa resposta aos que menosprezavam a vinda de Cristo deu a Pedro a oportunidade de expor algumas verdades preciosas referentes à Palavra de Deus. Ela é sua Palavra criativa (v. 5), mas ela também é uma Palavra destrutiva, no que diz respeito à impiedade (v. 6). Ela é uma Palavra que principia (v. 5) e sustenta a criação (v. 7) e também pode detê-la (vv. 6,7). Ela traz consternação aos ímpios (vv. 5, 6, 10) e conselho confortador aos amados (vv. 1, 8, 14, 17). Ela fala do poder e da transcendência de Deus (vv. 5-10) e da sua participação imanente nas atividades humanas (v. 9). Ela fala da paciência divina e da fidelidade divina. Ela relaciona o passado (v. 6) com o presente (v. 7) e com o futuro (v.

10). Ela insiste que a criação, o julgamento e a renovação no dia de ontem (vv. 5-6) são provas suficientes da possibilidade de um outro ciclo no amanhã (vv. 7, 10, 12-13). Ela afirma que a atividade divina (vv. 5-7) é a base da responsabilidade humana (vv. 9-12, 14). Ela nos assegura do triunfo da justiça (v. 13) e da verdade da santidade (vv. 11,14). Não é de admirar que nosso Senhor insistiu que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4.4)!

B. A DEMORA DA VINDA DO SENHOR, 3.8-10

“Onde está a promessa da sua vinda?” é a pergunta que os descrentes fazem. “Quando virá o Senhor?” é a pergunta dos crentes. Alguns que não *negam* estão, não obstante, perplexos com a sua *demora*.

Para a pergunta: “Por que o Senhor Retarda a sua Segunda Vinda?”, Pedro apresenta uma resposta, ressaltando quatro aspectos: 1) A demora não significa a negação da palavra de Deus, porque **o Dia do Senhor virá** (10); 2) A demora não significa a anulação (reversão) da palavra de Deus, porque **o Senhor não retarda** (não demora, não é lento)³³ o seu propósito (v. 9); 3) A demora é uma evidência de que Deus existe eternamente — **um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia** (8); 4) A demora significa que Deus está estendendo a sua misericórdia. Ele não quer **que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se** (9).

Embora o Senhor não venha um dia *antes* do tempo definido, visto que **um dia para o Senhor é como mil anos** (8), a segunda vinda sempre é *breve*, porque para Deus, **mil anos são como um dia**. Lemos que **o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite** (10; cf. Mt 24.43; 1 Ts 5.2, 4; Ap 3.3; 16.15). Quando isso ocorrer, **os céus passarão com grande estrondo** (“desaparecerão com um som impetuoso”, NEB), **e os elementos** (as partículas elementares usadas na construção do universo)³⁴, **ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão**. Qualquer que seja o mistério em relação ao quando e como, “todas essas coisas hão de ser [...] desfeitas” (v. 11, ARA), a certeza permanece: **o Dia do Senhor virá** (10).

C. AS EXIGÊNCIAS DA VINDA DO SENHOR, 3.11-13

Como ocorre em todas as partes das Escrituras, o objetivo de Pedro é fazer mais do que informar a mente ou satisfazer a curiosidade humana; ele busca estimular o esforço ético, inculcar as reações altamente morais à fé — ação em termos de amor obediente. Por isso Pedro diz: **Havendo, pois, de perecer todas estas coisas** (*luomenon*, participio presente passivo, mas usado para descrever algo no futuro),³⁵ **que pessoas** (que tipo de homens) **vos convém ser em santo trato** (maneira de viver) **e piedade?** Aqui está mais uma ilustração da íntima ligação entre a crença na vinda do Senhor e o chamado para a santidade. Qualquer coisa que não seja santidade de coração e vida é inadequado na preparação para a **vinda do Dia de Deus** (12).

Intimamente ligado com o tipo de pessoas que devemos ser, está a perspectiva que devemos ter. **Aguardando e apressando-vos** (correndo em direção à) **para a vinda**

do Dia de Deus. Claramente, os cristãos podem apressar o Dia de Deus ao ajudar a cumprir essas condições, sem as quais esse dia não poderá vir — pregando o evangelho ao mundo inteiro (Mt 24.14) e convocando as pessoas a se arrepender e se converter (At 3.19). Esse labor diligente ajuda os cristãos a aguardar (esperar) pelos **novos céus e nova terra** (13). Nosso labor também é estimulado na promessa que devemos crer — a promessa de um mundo **em que habita a justiça**. Quaisquer que sejam as perplexidades no presente, o futuro “tem o seu lar” na justiça (Is 65.17ss; 66.22; Ap 21.1). Crer nisso torna mais fácil suportar as aflições da injustiça agora. Assim, como Strachan ressalta: “a *parousia* é o julgamento para o ímpio e o triunfo para o Reino”.³⁶

Essas palavras foram escritas por Pedro muito antes da era atômica, mas essa descrição de um “grande estrondo”, de “elementos” ardendo etc., se encaixa de maneira notável no vocabulário atômico. É impossível dizer se Deus vai usar a destruição atômica para acabar com a ordem presente das coisas. Alguns acreditam que isso irá acontecer.³⁷ Em todo caso, está claro que há uma determinação divina para acabar com a ordem pecaminosa na terra por meio de um batismo ardente e purificador e prepará-la somente para a justiça.³⁸ A nova criatura em Cristo, conforme descrita por Paulo (2 Co 5.17), é uma garantia dos céus e da terra completamente novas, de acordo com Pedro.

D. A DILIGÊNCIA NECESSÁRIA PARA A VINDA DO SENHOR, 3.14-16

Em uma maneira similar à sua admoestação prévia (v. 11), depois de mais uma ênfase na natureza apocalíptica do “Dia de Deus” (v. 12), Pedro repete a ênfase da necessidade da santidade pessoal. **Procurai** (Façam o seu melhor”, NEB) **que dele sejais achados [...] em paz** (14), para que “O encontrem sem pavor, estando borrifados com seu sangue e santificados pelo seu Espírito”.³⁹ Isto significa que devemos estar **imaculados**, sem mácula moral ou espiritual (Ef 5.27; Tg 3.6; Jd 23) e **irrepreensíveis**, em sinceridade, sem mancha ou defeito.⁴⁰ O versículo 5a tem sido interpretado da seguinte forma: “E lembrem-se por que Ele está esperando. Ele nos está dando tempo para anunciar a sua mensagem de salvação aos outros” (Bíblia Viva).

Esse chamado descritivo para a pureza pessoal é seguido de um apelo para o estudo das cartas do **nosso amado irmão Paulo** (15) além das **outras Escrituras** (16). Obviamente, Pedro estava familiarizado com esses escritos e referia-se a eles como *tas loipas graphas*, “o restante das Escrituras”.⁴¹ O fato de que alguns as tenham torcido **para sua própria perdição** não significava que deveriam ser evitadas. Em vez disso, queria dizer que deveriam ser estudadas e aplicadas com maior cuidado e precisão. É impossível determinar o número de epístolas paulinas a que Pedro se refere aqui, mas Robertson acredita que Pedro deve ter lido todas elas um ou dois meses após a sua composição.⁴² De qualquer forma, Pedro insiste que quanto à questão do retorno de Cristo ele e Paulo estão de acordo.

Ao falar dos **indoutos e inconstantes**, que torcem as Escrituras para sua própria ruína, Strachan aponta que a palavra **indoutos** (*amatheis*) “não significa tanto ‘indouto’, mas ‘mal educado’; uma mente não instruída e indisciplinada em hábitos de pensamento, carecendo de qualidades morais para um julgamento equilibrado”.⁴³ A segunda palavra, **inconstantes** (*astarikoi*), “refere-se mais à conduta, aqueles cujos hábitos não são

plenamente treinados e estabelecidos”.⁴⁴ A razão óbvia e básica para se “traçar um sulco reto” na Palavra de Deus (2 Tm 2.15, NEB) é assegurar uma experiência cristã sadia. Isso deve ser seguido de uma pesquisa diligente e prolongada pela verdade unida com uma vida de devoção consciente e do comportamento ético.

E. RESUMO FINAL E EXORTAÇÃO, 3.17,18

Os dois últimos versículos contêm a essência e tema da epístola: 1) **Guardai-vos** (Vigiem) “para que não sejam levados pelo erro” (v. 17, NVI); 2) **Antes, crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo** (18). Um perigo constante tem sido notado; **Guardai-vos!** Um chamado para o progresso na fé ecoa. **Crescei!** Falsos mestres e seus ensinamentos estão em antagonismo com a Igreja. A resposta a essa ameaça é avançar na **graça e conhecimento** de Cristo. Estar ocupado com o crescimento nos ajudará a não sermos vencidos. Testemunhar do *poder* (1.16) do nosso Senhor Jesus Cristo dará a Ele **glória [...] agora**; crer na *vinda* (1.16) do nosso Senhor nos capacitará a dar a Ele **glória [...] no dia da eternidade. Amém!**

Notas

- ¹ *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1942), p. 288.
- ² Veja uma discussão mais detalhada desse assunto em M. C. Tenney, *New Testament Survey* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1961), pp. 36ss; S. A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1941), p. 175; E. F. Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 481; A. E. Barnett, *The New Testament, Its Making and Meaning* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946), p. 271.
- ³ *Op. cit.*, p. 368; também cf. Cartledge, *op. cit.*, pp. 174-5; Harrison, *op. cit.*, p. 401; Thiessen, *op. cit.*, p. 291; A. T. Robertson, *Word Pictures on the New Testament* (Nova York: Harper and Brothers, 1933), vol. VI, p. 144.
- ⁴ J. A. Huffman, *Golden Treasures from the Greek New Testament* (Winona Lake: Standard Press, 1951), p. 106.
- ⁵ Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. G. F. Bromiley (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), vol. II, 261-80.
- ⁶ G. C. Morgan, *Peter and the Church* (Nova York: Fleming H. Revell Co, 1938), pp. 11ss.
- ⁷ A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 147.
- ⁸ J. H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Company 1889), p. 237.
- ⁹ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, reedição em 1958), p. 890.
- ¹⁰ *Ibid.*
- ¹¹ Thayer, *op. cit.*, pp. 158-60.
- ¹² *Op. cit.*, *ad loc.*
- ¹³ Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons: 1908), vol. I, p. 679.
- ¹⁴ R. H. Strachan, "Second Epistle General of Peter", *The Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., sem data), vol. V, p. 126.
- ¹⁵ *Biblical-Theological Lexicon of New Testament Greek* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1896), p. 524.
- ¹⁶ W. F. Arndt and F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago: The University of Chicago Press, 1952), p. 866.
- ¹⁷ Strachan, *op. cit.*, p. 127.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 891.
- ¹⁹ G. C. Morgan, *The Analyzed Bible* (Nova York: Fleming H. Revell Co., 1908), p. 291.
- ²⁰ Vincent, *op. cit.*, p. 685.
- ²¹ *Ibid.*, p. 687; Robertson, *op. cit.*, p. 157.
- ²² *Op. cit.*, p. 131.
- ²³ Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, sem data), vol. II, p. 883.

- ²⁴ *Op. cit.*, pp. 158-9.
- ²⁵ E. E. Cochrane, *The Epistles of Peter*, (Grand Rapids: Baker Book House, 1965), p. 87.
- ²⁶ Arndt and Gingrich, *op. cit.*, pp. 862-3. Cf. Cremer, *op. cit.*, p. 688; Thayer, *op. cit.*, pp. 650-1.
- ²⁷ Uma discussão útil dessa passagem é apresentada por Carl F. H. Henry em um artigo denominado "Inspiração" em *Baker's Bible Dictionary*, pp. 286-289.
- ²⁸ Robertson, *op. cit.*, p. 160.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 689.
- ³⁰ *Tartarus* era o nome grego para o lugar subterrâneo, inferior ao Hades, onde os ímpios mortos eram castigados.
- ³¹ Strachan, *op. cit.*, p. 140.
- ³² Arndt and Gingrich, *op. cit.*, p. 255.
- ³³ Vincent, *op. cit.*, p. 705.
- ³⁴ Wilbur M. Smith, *The Atomic Age and the Word of God* (Boston: W. A. Wilde Co., 1948), p. 131.
- ³⁵ Strachan, *op. cit.*, p. 145.
- ³⁶ *Ibid*, p. 146.
- ³⁷ Wilbur M. Smith, *op. cit.*, *passim*.
- ³⁸ Huffman, *op. cit.*, p. 148.
- ³⁹ Wesley, *op. cit.*, p. 899.
- ⁴⁰ George A. Turner, *The Vision Which Transforms* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965), p. 134; também cf. Thayer, *op. cit.*, pp. 31-2.
- ⁴¹ Strachan, *op. cit.*, p. 147.
- ⁴² *Op. cit.*, pp. 178-9.
- ⁴³ *Op. cit.*, pp. 147.
- ⁴⁴ *Ibid*.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ*, vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.
- COCHRANE, E. E. *The Epistle of Peter*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
- STRACHAN, R. H. "The Second Epistle General of Peter", *The Expositor's Greek Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s. d.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1958 (reed.).

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, W. F. and GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. (Chicago: University of Chicago Press, 1952).
- BARNETT, A. E. *The New Testament, Its Making and Meaning*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946.
- CARTLEDGE, S. A. *A Conservative Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1941.
- CREMER, H. *Biblico-Theological Lexicon of the New Testament*. Edinburgo: T. and T. Clark, 1896.
- HARRISON, E. F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- HUFFMAN, J. A. *Golden Treasures from the Greek New Testament*. Winona Lake: Standard Press, 1951.
- KITTLE, G. *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. G. W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- MORGAN, G. C. *The Analysed Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1908.
- _____. *Peter and the Church*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1938.
- ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. VI. Nova York: Harper and Brothers, 1933.
- SMITH, W. M. *This Atomic Age and the Word of God*. Boston: W. A. Wilde Co., 1948.
- TENNEY, M. C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.
- THAYER, J. H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York: American Book Co., 1889.
- THIESSEN, H. C. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1942.
- TURNER, George Allen. *The Vision Which Transforms*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965.
- VINCENT, M. R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. I. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1908.

III. ARTIGOS

- HARRISON, E. F. "Apostle", *Baker's Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960, pp. 57-9.
- HENRY, Carl F. H. "Inspiration", *Baker's Dictionary of Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960. pp. 286-9.

A Primeira Epístola de
JOÃO

Harvey J. S. Blaney

Introdução

A. Prescrição

A Primeira Epístola de João não é uma carta no mesmo sentido da epístola aos Hebreus ou das epístolas de Pedro e Tiago. Ela também não é uma carta no estilo das epístolas de Paulo. Ela tem sido entendida como um ensaio, tratado ou sermão. Embora seja difícil defini-la, ela tem todas as marcas da obra de um pastor cujo propósito era a edificação do seu povo na fé. Outras porções do Novo Testamento têm esse mesmo propósito, mas essa epístola se sobressai. Suas distinções não estão baseadas no seu propósito ou seu estilo de escrita, nem no seu conteúdo, mas na intensa paixão de um pastor. A familiaridade íntima de João com seus leitores tornou desnecessária qualquer saudação ou referência pessoal e seu amor fervoroso, que é evidente em toda parte, o tornou ousado, mesmo áspero, em sua forma de se expressar. “O espírito de [...] João é um espírito imponente; sentimos que ele quase fica aflito pela grandiosidade dos pensamentos dessa epístola, que são como música celestial aos ouvidos do leitor”.¹

Nenhum outro livro da Bíblia trata de tantas doutrinas de forma tão concisa e tão adequada. Tratando desde o pecado e sua confissão, passando pela expiação e purificação e chegando à vida de santidade cristã, o autor apresenta as reivindicações do evangelho de forma tão clara que “os viajantes, mesmo sendo insensatos, não poderão se desviar nesses assuntos”. No entanto, não é doutrina para formar um sistema de teologia, mas doutrinas como base para a comunhão com Deus e uma vida de amor perfeito. A teologia se torna viva aos filhos de Deus. O autor foi o último escritor do Novo Testamento e, nessa epístola, derramou a essência de uma vida de comunhão com o seu Senhor ressuscitado e seu conhecimento profundo dos outros livros do Novo Testamento. Sem dúvida, sua memória lhe foi útil — ele tinha *visto* e *ouvido* e *lidado* com “a Palavra da vida” — mas foi a memória elevada ao nível da percepção espiritual e revivida no domínio do Espírito.

“Na avaliação de algumas mentes profundamente espirituais, a primeira epístola de João ocupa o lugar mais elevado nos escritos inspirados que constituem a Bíblia”.² John Wesley a chamou de “a parte mais profunda das Escrituras Sagradas”. Robert Law percebeu nessa epístola três testes de vida: o teste teológico, ou seja, se acreditamos que Jesus é o Filho de Deus; o teste moral, se vivemos vida justa; e o teste social, se amamos uns aos outros.³ Essa epístola busca tornar real na vida dos crentes a oração de Jesus em João 17.15: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal”.

B. A Epístola e o Evangelho de João

Mesmo o leitor casual deve estar ciente de que as idéias dessa epístola e do evangelho de João, bem como sua maneira de expressão, são similares. O Dr. James Moulton diz que ninguém, mesmo que tenha uma vaga compreensão de estilo, separaria as epístolas de João do quarto evangelho.⁴ Para B. F. Westcott, a epístola “está intimamente conectada com o quarto evangelho no que tange ao vocabulário, estilo, pensamento e

escopo; por isso, esses dois livros só podem ser considerados obras do mesmo autor”.⁵ William Alexander diz: “Os dois documentos não só são semelhantes em pensamento, mas interpenetram-se mutuamente; assim, a epístola está constantemente *propondo* perguntas que somente o evangelho pode responder”.⁶

A grande semelhança entre os dois livros pode ser vista na comparação de algumas passagens paralelas (em que a referência à epístola é colocada primeiro em cada par): 1.1 e 1.1; 1.2 e 3.2; 1.2 e 1.1; 1.6 e 8.12; 2.3 e 14.15; 2.5 e 14.21; 2.6 e 15.5; 2.8 e 13.34; 2.25 e 17.2. Comparações mais completas são apresentadas por Hayes⁷ e Stott⁸ para aqueles que desejam estudar esse assunto de forma mais abrangente.

C. Autoria e Data

Essas semelhanças, no entanto, de forma alguma garantem unidade de autoria. A epístola tem compartilhado da prolongada discussão acerca da autoria do quarto evangelho e dos resultados incertos acerca dessa discussão entre os estudiosos modernos. Até o século XVI, ninguém parecia duvidar que a primeira epístola e o evangelho eram do mesmo autor.

Os argumentos a favor do ponto de vista tradicional apresentados por A. E. Brooke têm se tornado mais ou menos normativos.⁹ C. H. Dodd apresenta um ponto de vista oposto.¹⁰ Os dois homens concordam que as idéias dos dois escritos bem como a sua forma de expressão são semelhantes. Brooke conclui que é impossível provar uma autoria comum em contraste com a imitação ou semelhança produzidas pela formação comum na mesma escola de pensamento. Mas ele não encontra razões adequadas para descartar a visão tradicional que atribui a epístola e o evangelho ao mesmo autor — ela continua sendo a explicação mais provável dos fatos.

Por outro lado, Dodd acredita poder encontrar evidências de diferenças na autoria dos dois livros ao mostrar divergências de pensamento na epístola. Ele apresenta três aspectos em que a epístola parece estar mais próxima da crença cristã popular do que o evangelho: na escatologia, no significado ligado à morte de Cristo e na doutrina do Espírito Santo. Ele apresenta suas respostas em forma de dúvidas e impressões e conclui que a epístola foi escrita por um discípulo do autor do quarto evangelho e um estudante diligente da sua obra.

Esses dois grandes teólogos apresentam posições inconclusas de todas as suas evidências disponíveis. Nossa tendência então é concluir que o valor principal não deve ser encontrado na *autoria* desses dois livros. Também estamos propensos a concordar com a posição tradicional de um único autor. Uma visão semelhante é expressa por David Smith, que cita J. B. Lightfoot para apoiar o seu argumento. Ele diz: “Sem dúvida, a epístola e o evangelho vêm da mesma pena. ‘A identidade de autoria nos dois livros [...] embora não incontestada, é aceita com um grau de unanimidade tão elevado que ela deveria ser posicionada na categoria de fato reconhecido’ ”.¹¹

A argumentação necessária para estabelecer o discípulo João como o autor único desses dois livros, mesmo sobre uma base provável, foge do espaço permitido aqui. Todo o problema foi examinado minuciosamente em minha introdução ao evangelho de João no *The Wesleyan Bible Commentary*.¹² A conclusão é que nenhuma evidência tem

desalojado de maneira bem-sucedida o apóstolo João do seu lugar tradicional como o autor, e há pouca evidência nova para continuar essa discussão. João continua estabelecido firmemente como o autor tanto do evangelho como da epístola. A epístola de 1 João quase certamente foi escrita num época próxima da do evangelho. Ela provavelmente foi escrita mais tarde e pode ser datada no meio da última década do primeiro século, em torno de 95 d.C.

D. Características

João era um homem de discernimento aguçado. Ele olhou para cada situação e cada verdade como de uma grande altura, onde apenas as distinções principais são vistas e importantes rachaduras são percebidas. Ele tem uma visão de perspectiva, a percepção de coisas fundamentais. Por exemplo, ele traça uma linha entre o mundo e a Igreja, entre os filhos de Satanás e os filhos de Deus. No entanto, ele não diz que todos os pecadores são igualmente pecaminosos — o pecado varia desde o pensamento mundano até o pecado para a morte. Semelhantemente, ele vê a vida cristã como a vida de amor perfeito. No entanto, alguns cristãos estão na berlinda, enquanto outros são verdadeiramente habitados pelo Espírito de Deus.

João não é desatencioso com as nuances mais sutis da verdade quando deixa de lidar com elas. Ao tratar de questões que, quando resolvidas, incorporarão outros assuntos menos importantes, ele revela uma proximidade com a mente de Cristo e é quase inesgotável em suas implicações.

Essa epístola é marcada por contrastes — luz e trevas, vida e morte, santo e pecador, amor e ódio, Cristo e Anticristo.

A primeira epístola de João é um dos livros do Novo Testamento mais difíceis para análise. Se o autor tinha um plano organizado ao escrever, era um plano de sentimento interior e pensamento harmonioso em vez de uma organização formal. A epístola é uma obra de arte que revela sua forma somente por meio da reação daquele que a estuda, e isso deu origem a uma variedade de esboços. As transições de um assunto para outro não são claras, mas são como as “mudanças de cenas sucessivas e sobrepostas”, como o panorama crescente de um pôr-do-sol que enriquece a imaginação e enche a alma do observador com riquezas espirituais e contentamento.

O Comentário Moffat do Novo Testamento organizou a epístola em torno de três tópicos: “O que é cristianismo?” (1.5—2.28), “Vida na família de Deus” (2.29—4.12) e “A certeza da fé” (4.13—5.13). A *Bíblia Cambridge para Escolas e Faculdades* destaca dois tópicos principais: “Deus é luz” (1.5—2.28) e “Deus é amor” (2.29—5.12). Robert Law encontrou nessa epístola vários *Testes de Vida*. Alguns comentaristas não procuram traçar um esboço para a epístola. O sumário é oferecido somente como um conjunto de impressões convenientes em torno do qual é elaborado o comentário.

Esboço

I. INTRODUÇÃO, 1.1-4

II. FUNDAMENTOS DO EVANGELHO, 1.5—2.29

- A. A Mensagem de Vida — Deus é Luz, 1.5-7
- B. Do Pecado para a Vida, 1.8-10
- C. Para que Não Pequeis, 2.1,2
- D. O Teste da Obediência, 2.3-6
- E. O Teste da Vida, 2.7,8
- F. O Teste do Amor, 2.9-11
- G. Filhinhos, Pais, Jovens, 2.12-14
- H. Amor do Mundo, 2.15-17
- I. O Mundo Passa, 2.18-26
- J. Permanecendo em Cristo, 2.27-29

III. O CARÁTER DOS FILHOS DE DEUS, 3.1-24

- A. Os Filhos de Deus, 3.1-3
- B. Uma Definição de Pecado, 3.4-6
- C. Filhos de Deus Versus Filhos do Diabo, 3.7,8
- D. Impecabilidade, 3.9-12
- E. Amor e Ódio, 3.13-17
- F. O Amor Revelado em Ação, 3.18-24

IV. A FONTE DE FILIAÇÃO, 4.1—5.12

- A. Verdade e Erro, 4.1-6
- B. O Amor é de Deus, 4.7-12
- C. Deus é Amor, 4.13-21
- D. A Fé é a Vitória, 5.1-5
- E. A Vida Eterna, 5.6-12

V. CONCLUSÃO, 5.13-21

- A. O Motivo de Confiança, 5.13-17
- B. O Conhecimento Espiritual, 5.18-21

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

1 João 1.1-4

Esse parágrafo introdutório da epístola é excessivamente complexo quanto à sua estrutura e, como consequência, não revela prontamente o sentido pretendido do autor. Tem-se a impressão de que o autor estava tão “absorto no seu assunto”, tão impressionado com a verdade que buscava expressar, que seus pensamentos tornaram-se “amontoados” e sua expressão complicada. Essa não é a característica do estilo de João.

O sujeito da primeira sentença é “nós” (v. 1; sujeito oculto na língua portuguesa), um “nós editorial” que é usado repetidas vezes na epístola. João se refere aqui aos primeiros ministros do evangelho, sendo que ele era provavelmente aquele que havia sobrevivido mais tempo. O verbo é **anunciamos** (3) e o objeto é a **Palavra da vida** (1). Portanto, o autor está dizendo: “Nós anunciamos a vocês a Palavra da vida”.

As quatro frases dependentes do versículo 1 são descritivas do objeto: **O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram**, é idêntico em significado à **Palavra da vida**. A sentença intercalada do versículo 2 também fala do mesmo assunto. Essa é a **Palavra** (*Logos*) da introdução do evangelho de João e, é claro, refere-se a Jesus.

Mas essa análise está apenas parcialmente correta. Não é exatamente a **Palavra** que João declara, mas algo acerca (*peri*) da **Palavra**. Esse fato é confirmado no versículo 2, em que é a **vida** que fez sua aparição e João a viu e estava testificando dela. E assim, mais precisamente, o objeto da declaração de João é a **vida**, que era posseção do *Logos* e emanava dele. Uma outra evidência disso é encontrada no pronome neutro, **o que**,

usado quatro vezes no versículo 1. No evangelho de João, tanto a vida quanto a luz estão no Logos. “Aqui, quando o autor diz que a Vida estava com Deus e se manifestou a nós, não precisamos supor que ele quer dizer qualquer coisa substancialmente diferente do que é dito no Prólogo do quarto evangelho”.¹

Seria inteiramente apropriado dizer que João estava escrevendo o que era conhecido — o que havia sido revelado — acerca de Cristo. Em outras palavras, ele estava anunciando o evangelho de Cristo. O evangelho era a revelação “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” e que aqueles que cressem teriam “vida em seu nome” (Jo 20.31). Ele não estava escrevendo uma cristologia completa, mas tinha algo muito importante a dizer a respeito da vida que está em Cristo e que Ele concede aos seus seguidores.

Com base nisso, o ouvir, o ver e o tocar **da Palavra da vida** eram mais do que a identificação de Jesus por parte de uma testemunha ocular. Era a maneira antropomórfica de João de também proclamar que ele e os outros discípulos — mesmo a Igreja toda — tinham reconhecido em Jesus a vida eterna da Divindade. Ele, portanto, procurou combater a noção *docética* de que Jesus era aparente ou ilusório e não real. Mas seu alvo principal não era polêmico; era teológico e devocional.

Tanto a **Palavra da vida** quanto o evangelho que João pregou eram **desde o princípio** (1), antes da criação e da Encarnação. João tinha **contemplado** Cristo no sentido mais profundo do termo — ele tinha ouvido seus sermões e ensinamentos, mas também tinha ouvido sua mensagem de **vida eterna** (2). Ele havia “visto” Cristo como homem mas também tinha visto quem Ele era — o Filho de Deus. Essa visão — e percepção — pode vir a nós de maneira involuntária como resultado de circunstâncias evidenciais. Mas João o contemplou e “isso implica uma visão deliberada e talvez prazerosa”.² O “toque” lembra o pedido de Tomé de uma evidência sensorial da realidade do corpo ressurreto de Cristo e, portanto, torna-se uma referência ao fato da ressurreição.

A frase intercalada do versículo 2 é uma repetição revisada daquilo que a precedeu. A ênfase está na **vida**, e essa vida somente podia ser conhecida porque **foi manifestada**. Nenhuma pessoa por meio da busca pode encontrá-la; ela pode ser vista e conhecida somente pela revelação. A **vida** que era **desde o princípio** também estava **com o Pai**. E ela é **vida eterna**. Não é apropriado comparar essa vida unicamente à vida perpétua, porque “eterna” (*aionion*) é algo qualitativo em vez de quantitativo. “Ela só pode significar ‘fazer parte da época’ da qual o autor está falando ou pensando. Assim, esse termo está relacionado às características daquela época. Se a ‘era vindoura’ é ‘supra-temporal’, então *aionios* significa que o sujeito que ele qualifica tem essa característica”.³

Sempre que João usa o termo “vida”, ele tem essa qualidade eterna implícita em seu significado. Isso é ilustrado pela designação de Jesus como “o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6) e pela sua declaração: “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (Jo 10.10). Essa **vida foi manifestada** por Cristo para a redenção do homem. Ela é uma qualidade de vida que Cristo possuía e que Ele concede a todo aquele que nele crê. É essa vida que distingue os “filhos de Deus” do “mundo” (3.1). A mensagem da epístola diz respeito a essa vida, e João segue o caminho do seu Mestre ao proclamá-la. Ele falou dessa vida que ele mesmo compartilhou em comunhão com Deus, **o Pai e com seu Filho Jesus Cristo** (3). Ele escreveu da forma como havia pregado, para que seus leitores também pudessem compartilhar dessa comunhão, cujo resultado evidente é a plenitude de gozo.

Esse então é o propósito principal da epístola de João: que tenhamos comunhão com Deus ao compartilhar a vida de Cristo, e que “nosso gozo possa ser completo e possa permanecer assim”.⁴ Essa comunhão é melhor entendida em termos de vida eterna.

O conceito de João acerca da **vida** também ajuda a entender o significado da ressurreição. Descrever a vida pós-ressurreição de Cristo como uma renovação da vida extraída dele na morte é inadequado, se não impreciso. O corpo que tornou a viver era diferente daquele que foi envolto em lençóis para o sepultamento; esse corpo era um “corpo espiritual” (1 Co 15.44). Mas a vida, da qual estamos falando, não foi tocada pela experiência da crucificação. Essa vida ficou intacta, imaculada e inalterada. Ela passou pelo sepulcro, da mesma maneira que tinha passado pelos rigores da Encarnação, ou seja, imaculada e perfeita. Embora tenhamos dito que **vida eterna** não conota primariamente uma duração sem fim, também devemos dizer que sua qualidade é uma qualidade de sobrevivência que, em termos temporais, é como o próprio Deus, “de eternidade em eternidade”. A morte tem um agulhão e não há nada de prazeroso a ser dito a esse respeito. Mas, esse tipo de vida transcende a vida e a morte da forma como geralmente as conhecemos — transcende-as e as absorve.

Esse é o âmago da mensagem da Páscoa, o fato glorioso da vida eterna, demonstrado na ressurreição. Não é que Cristo voltou à vida mas, sim, que ele ressuscitou da morte. Para o cristão isso significa que a **comunhão** (*koinonia*) que temos com Deus e compartilhamos uns com os outros não pode ser quebrada ou destruída pelo sofrimento e morte. Na verdade, a comunhão da vida é mais significativa quando essas experiências devem ser suportadas.

Comunhão com o Senhor e comunhão com os irmãos constitui a base do nosso **gozo** mais elevado. E nosso **gozo** é cumprido (“nossa alegria seja completa”, ARA) por meio da comunhão contínua.

O uso de João do termo **vida** tem algo a dizer acerca da Encarnação. A vida do Filho, o Cristo, que Ele compartilhava com o Pai e que o tornou Filho de Deus, entremeou-se com a humanidade sem perder sua qualidade eterna. O Nascimento Virginal foi a porta de entrada para a humanidade dessa **vida** que João ouviu, viu e tocou em vez da formação de uma nova vida por meio de processos naturais.

SEÇÃO II

FUNDAMENTOS DO EVANGELHO

1 João 1.5—2.29

A. A MENSAGEM DE VIDA — DEUS É LUZ, 1.5-7

Aqui encontramos um dos paradoxos de João. De acordo com o versículo 2, seu assunto era “vida eterna”. Agora ele introduz o que parece um novo assunto e diz: **E esta é a mensagem que [...] anunciamos: que Deus é luz** (5). Se a consistência é uma virtude, talvez deveríamos procurar uma consistência mais profunda debaixo da superfície ou um tipo mais elevado no pensamento superior do autor. Notamos aqui o hábito de João de abordar seu tema de diversos ângulos. Isso torna a análise mais difícil, mas a recompensa é preciosa. Todos os seus pensamentos são entrelaçados; mas à medida que o apóstolo passa de um pensamento para o outro e de volta para o primeiro, com uma inspiração grandiosa, ele tece um padrão de rara beleza e percepção profunda.

Deus é luz. Esse é o evangelho com sua expressão mais condensada. Uma outra afirmação metafórica condensada, “Deus é amor”, aparece em 4.8 e 16. João usou esse tipo de expressão no quarto evangelho: “Deus é espírito” (Jo 4.24, lit.). As três afirmações juntas representam algumas das afirmações mais significativas já feitas acerca da natureza de Deus. “Deus é espírito” — em sua natureza essencial. **Deus é luz** — em sua auto-revelação ao homem. “Deus é amor” — em sua obra de salvação redentora e curadora.

Deus é um Deus revelador. **Luz** é a terceira palavra nesses primeiros versículos da epístola que se refere à natureza reveladora de Deus. A primeira é “Palavra” (*logos*), depois “vida” (*zoe*) e agora “luz” (*phos*). Todas as três palavras também são usadas por João no prólogo do seu evangelho, belamente ligadas nesse versículo: “Nele [o *logos*], estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.4). Tanto no evangelho quanto na

epístola, o termo **luz** é colocado em contraste direto com **treva**. Aqui está o propósito da auto-revelação de Deus — que a **treva** seja invadida e desafiada pela **luz**.

Tanto **luz** como **treva** são termos espirituais que denotam as qualidades opostas de santidade e pecado. Deus é Luz, Santidade e Pureza, e é a natureza da luz revelar-se a si mesma. Mas a luz não pode ser revelada a qualquer coisa incapaz de recebê-la. Deus tem se revelado *por meio* do mundo físico mas não *para* ele. A revelação somente pode vir a seres racionais, capazes de fazer uma escolha. Eles podem aceitar ou rejeitar uma certa revelação. “Somente o homem é capaz de ser luz, isto é, ele pode receber a natureza do Logos que emana em sua direção, para que seja conscientemente transformado nela”.¹

Deus se revelou com o propósito de dar sua vida e luz ao homem, para que o caráter do homem possa estar em harmonia com a natureza divina. Nenhuma pessoa tem comunhão com Deus — a comunhão da vida eterna compartilhada — enquanto viver nas trevas. Se uma pessoa afirma ter esse tipo de comunhão, mas vive uma vida não afetada pela luz, ele está se enganando a si mesmo. João declara que esse homem é mentiroso. Não é uma questão de opinião, nem de testemunho, mas da verdade da auto-revelação de Deus. Um homem que escolhe viver na escuridão, não conhece a comunhão com Deus e com seus filhos.

Essa verdade é auto-evidente. **Se andarmos na luz** (7), paramos de andar na escuridão. O resultado é uma vida purificada do pecado e conduzida à comunhão com Deus por meio de Cristo. Isso pode ser tão seguramente conhecido quanto a experiência anterior de caminhar nas trevas. Para João trevas e luz são muito reais. Nossa vida manifestará a mudança, e, ao testificarmos dela, estamos apenas contando a verdade.

Parece lógico para João concluir que temos comunhão *com Deus*. Alguns manuscritos antigos trazem essa tradução, mas a melhor tradução é: **temos comunhão uns com os outros**. Nossa experiência com Deus pode ser testada tendo como base o nosso relacionamento com outros cristãos.

Essa luz de Deus revelada é semelhante ao sol, que dissipa as trevas. Essa figura, no entanto, não se encaixa no pensamento de João. Ele havia dito que “as trevas não a derrotaram” (Jo 1.5, NVI), mas ele nunca diz que a luz derrotou completamente as trevas. O mundo continua nas trevas do pecado e não há promessa que essas trevas serão destruídas enquanto durar o tempo. Analogia melhor é a de um holofote que penetra a escuridão e traça um caminho no meio dela. João fala desse tipo de caminhar na luz, mesmo no meio de trevas circundantes. Mas as trevas não podem derrotar a luz; aquele que anda na luz desfruta da comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo, e de uma união mística com cristãos de todas as eras.

É um erro pensar que tudo que João sugere aqui pode ser obtido em uma única ocasião ou em resposta a uma entrega momentânea e total a Deus. Jesus disse: “Sigam-me”. Somente aqueles que começam a seguir e continuam a caminhar na luz podem experimentar os resultados descritos. Isso fala de um caminhar a ser adotado, uma vida a ser vivida, uma comunhão a ser desfrutada e uma purificação a ser experimentada.

Essas observações não militam contra a idéia de que a purificação deveria ser distinta da idéia de perdão. Se, de fato, somos capazes de discernir o pensamento de João até aqui, ele tem tratado do que podemos denominar de “homem interior” em vez da sua conduta exterior, embora isso não esteja excluído. “Essa conexão de pensamento mostra que *katharidzein* não deve ser entendido como o perdão dos pecados passa-

dos, mas de santificação [...] *Pasa hamatia*, cada pecado, é uma expressão abrangente demais para os pecados do passado; ela não significa ‘todos os nossos pecados’ mas ‘tudo que é chamado pecado’ ”².

A expressão **o sangue de Jesus, seu Filho** é a chave para o que João está ressaltando. Ele escreve a pessoas que entendem essa linguagem como uma referência ao golpe de mestre final de Deus no processo redentor. Em termos da auto-revelação de Deus, o sangue de Cristo encerra uma série de verdades preciosas em seu significado. Primeiramente, ele diz que Deus revelou-se no homem Jesus. Em segundo lugar, Deus tornou-se *homem*. Isso significa que Ele não só tomou “a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Fp 2.7), mas também se tornou homem, fundindo sua natureza com a natureza do homem numa maneira nunca antes conhecida. Na criação, o homem foi feito à imagem de Deus. Na redenção, Deus foi feito à imagem do homem. Algo maravilhoso aconteceu à raça humana na Encarnação. Deus revelou-se *na* humanidade bem como *aos* homens. Em terceiro lugar, Deus sofreu pelos pecados do mundo. Deus sofreu em Jesus, porque Jesus era Deus, o Filho.

Isso faz parte do significado de Deus ter se revelado de maneira redentora. Ele revelou-se de forma criativa na natureza, incluindo a criação do homem. Mas de forma redentora, Ele revelou-se principalmente no homem e para o homem. Isso não significa que todos os homens serão, de modo automático, salvos eternamente, do mesmo modo que a imagem de Deus na qual o homem foi inicialmente criado não pôde salvá-lo da Queda. Isso significa que a consciência do homem desde o Calvário é uma consciência cristã, quer obedecida, quer suprimida. Significa que a semelhança de Cristo é o padrão moral mais elevado conhecido pelo homem, embora semelhantemente a Saulo de Tarso ele reme contra a maré. Significa que a Luz “que alumia a todo homem” veio ao mundo.

B. DO PECADO PARA A VIDA, 1.8-10

O versículo 8 repete o pensamento do versículo 6 e o expande. **Se dissermos que não temos pecado** (8) estamos fazendo uma suposição falsa. Isso é pior do que mentir (v. 6); é auto-ilusão. E isso é autodestrutivo, a não ser que reconheçamos nosso erro e nos arrependamos. “ ‘Ter pecado’ não é meramente sinônimo para cometer pecados [...] ‘Pecado’ é o princípio segundo o qual os atos pecaminosos se manifestam de diversas maneiras ”.³ Brooke não concorda com a interpretação dos que acreditam que a mesma frase “ter pecado”, encontrada em João 15.22-24, significa culpa pelo pecado. E ele conclui: “O ‘pecado’ que havia tomado conta deles, pelo fato de o terem rejeitado, apesar do que Ele tinha feito no meio deles, tinha concebido e gerado ódio”.⁴ O pecado, não a verdade, é o princípio controlador dessas pessoas.

Se confessarmos (9) combina com o versículo 7. O indivíduo hipotético nesse versículo reconhece o fato do princípio do pecado interior que produz atos pecaminosos e uma consciência culpada. Ele reage à luz de Deus revelada nele e reconhece as trevas que o controlam. Quando confessamos nossos pecados, aprendemos por experiência a verdadeira natureza de Deus; aprendemos o que significa dizer que “Deus é luz”. Descobrimos que Deus **é fiel** aos seus propósitos, pelos quais se revelou em Cristo. Deus não pode negar-se a si mesmo; Ele precisa ser fiel à sua própria natureza.

Deus também é **justo** (*dikaïos*, reto) em relação ao homem e seu pecado. As pessoas são tentadas a retaliar na mesma moeda quando outras pessoas as maltratam ou cometem algum mal contra elas. Mas não é assim com Deus. As injustiças e falhas do homem não podem provocar Deus a ser injusto em resposta à confissão genuína de pecados. João deseja deixar claro que nenhuma acusação de injustiça ou falta de retidão pode ser levada contra Deus de maneira bem-sucedida.

Mas na obra de redenção Deus faz muito mais do que vindicar sua justiça moral. “A revelação em Jesus Cristo mostra que Deus é *dikaïos* à medida que age ao longo da linha do seu poder salvador ao tornar a fé em Jesus Cristo a condição para receber seu livramento”.⁵ Há uma qualidade salvadora na justiça ou retidão de Deus. Ela é demonstrada naqueles que “caminham na luz”, aqueles que *confessam* os seus pecados.

O conceito de salvação de João é paralelo ao conceito de pecado. Pecado é algo que nós controlamos — algo que escolhemos aceitar ou rejeitar, mas pecado também é algo que nos controla. Ele é um ato mau e uma inclinação para essa ação. Para o ato do pecado, João prescreve perdão; para a inclinação para o pecado, ele oferece purificação.

Perdão e purificação não representam para João toda a essência da experiência da salvação. Eles são parte do processo por meio do qual entramos numa nova vida de luz e amor. Perdão e purificação são duas portas — talvez portas duplas — através das quais passamos da vida de pecado para a vida de comunhão com Deus e seu povo. No entanto, eles não constituem a ênfase principal de João aqui porque ele está mais interessado no produto do que no processo. É por isso que ele ressalta tão fortemente as qualidades divinas de vida, luz e amor.

O versículo 10 corresponde ao versículo 8. **Se dissermos que não pecamos** é uma frase mais ampla e geral do que **se dissermos que temos comunhão** ou **se dissermos que não temos pecado**. João está dizendo: “Se dissermos que nunca temos pecado”. Essa é uma negação do fato em si do pecado, a razão para a expiação, a ocasião para a auto-revelação de Deus ao homem. Essa atitude é a mais repreensível de todas, porque torna Deus um **mentiroso**. É o pecado acima de todos os outros pecados — o pecado da arrogância e orgulho, que coloca a sabedoria do homem acima da sabedoria de Deus. Esse é o fruto da primeira tentação registrada: “É assim que Deus disse [...] ? [...] Certamente não morrereis” (Gn 3.1, 4).

A sua palavra não está em nós é uma repetição de **não há verdade em nós** (8). A verdade e a palavra de Deus vêm com a luz, e aquele que anda nas trevas não é governado por nenhuma delas.

A repetição da primeira pessoa do plural refere-se ao grupo de cristãos a quem João escreveu, grupo do qual ele fazia parte, talvez como pastor ou superintendente. O apóstolo não diz que o estado pecaminoso é normal para o cristão, porque ele escreveu “para que não pequeis” (2.1). Ele podia dizer que eles eram mentirosos e tornaram Deus um mentiroso ao afirmar estarem livres de pecado, porque a possibilidade de pecar sempre está presente, e alguns deles tinham se tornado partidários do espírito do Anticristo e haviam apostatado. A possibilidade de pecar não significa que isso precisa acontecer. A ênfase de João está nas virtudes cristãs positivas de comunhão, na permanência na luz, no perdão e purificação em vez de ressaltar os elementos negativos de caminhar nas trevas.

Não está de acordo com o pensamento de João equiparar o caminhar na luz e o arrependimento de pecado, como se os dois fossem continuamente necessários para a

vida cristã. A confissão de pecados é o início da caminhada na luz, isto é, dar as costas às trevas do pecado. E há um arrependimento do qual não precisamos nos arrepender, uma volta da escuridão para a luz que não precisa ser repetida, mesmo que a possibilidade de pecar sempre esteja presente. No entanto, essa possibilidade de pecar não deveria ser interpretada como que significando a existência de pecado.

Há um tipo de perfeccionismo que é chamado corretamente de heresia — a afirmação de que podemos ser libertos da inclinação para o pecado de tal maneira que se torna impossível cometer qualquer ato de pecado. É difícil identificar esse tipo de ensinamento mesmo entre os mestres mais radicais de santidade. Embora alguns possam ocasionalmente fazer essa afirmação, esse ensinamento é expresso na maioria das vezes pelos críticos da posição teológica wesleyana acerca do pecado e da salvação. A possibilidade de cometer pecado permanece, porque os cristãos precisam viver em um mundo pecaminoso, eles podem ser tentados e são cercados por fraquezas humanas de todo tipo. Mas essa situação não é incompatível com o caminhar na luz. É a luz de Deus, não a nossa. A verdade é encontrada na antiga fórmula: “É impossível não pecar”, em vez de: “Não é possível pecar”.

O problema envolve a compreensão da natureza do pecado. Qualquer má ação, por mais inadvertida ou repugnante que seja ao que a cometeu, deve ser considerada pecado no sentido mais amplo do termo. As pessoas mais santas estão sujeitas a pecar com base nessa definição. João diz que “Toda iniquidade é pecado” (5. 17). Ele também diz que “Qualquer que permanecer nele não peca” (3.6); e “Quem comete pecado é do diabo” (3.8). Ser cristão não garantirá que um homem não matará outra pessoa em um acidente de carro. Mas nenhum homem honesto e imparcial o acusaria de ser um assassino e, conseqüentemente, refutar seu caráter justo, porque os motivos sempre precisam ser levados em conta; João, portanto, estabelece a definição de pecado como um ato voluntário realizado por uma pessoa responsável.

Não existe o desejo aqui de descartar um problema ao simplificá-lo demais. Conflitos armados, desequilíbrio mental, falta de julgamento em circunstâncias não provadas, padrões culturais e muitos outros elementos da vida moderna impedem uma distinção claramente definida entre o pecado que escolhemos e um erro que as circunstâncias lançaram sobre a pessoa. Somente o julgamento final dará a resposta. Mas a distinção entre o mal voluntário e involuntário está presente no pensamento de João e é um dogma teológico muito necessário.

O pecado, como João usa o termo, inclui tanto a inclinação quanto o ato. O arrependimento envolve a aceitação da culpa e é, portanto, uma coisa voluntária. João nunca atribui responsabilidade por atos pecaminosos onde não houve uma escolha responsável.

C. PARA QUE NÃO PEQUEIS, 2.1-2

No meio da abordagem de João acerca do pecado, ele expressa uma palavra encorajadora aos fiéis — **Meus filhinhos** (1). Essa é uma expressão afável, muitas vezes usada com referência ao relacionamento entre mestre e pupilos. Esse pode ter sido o uso imediato desse termo por João. Mas ele tem um significado mais profundo, uma referência ao fato de que os cristãos experimentam comunhão com Deus como resultado

do novo nascimento (Jo 3.3). Eles se assemelham, portanto, ao seu Pai celestial tanto em propósito quanto em ação.

Para que não pequeis vem como um desafio necessário para o antinomianismo descrito acima, no qual a liberdade do pecado é considerada não só impraticável mas também impossível. João parece pressentir que seu ensinamento acerca do arrependimento e perdão pode levar a esse tipo de doutrina e vida. E, assim, ele declara sem ambigüidade, que a marca da vida cristã é a ausência de pecado. Esse deveria ser o alvo e o desejo do coração de cada filho de Deus. Ele também é um alvo alcançável por causa destas **coisas** que João escreveu — a auto-revelação de Deus, a provisão por comunhão com Ele e com seu povo, a promessa de perdão e purificação ao caminhar na luz e a eficácia do sangue de Jesus Cristo. “O objetivo do autor é produzir ‘impecabilidade’. E essa não é uma aspiração infrutífera em relação a um ideal que possivelmente não pode ser realizado, porque os recursos em lidar com o pecado que ele deseja combater estão à mão”.⁶

A necessidade desse tipo de exortação é o reconhecimento de uma certa tensão debaixo da qual a vida cristã é vivida. Há a garantia consciente de que um remédio seguro foi provido pelo pecado no coração e vida de uma pessoa, tanto em princípio quanto em ação. Em contraste com isso está o fantasma que nos persegue: o fato de que continuamos sujeitos a cair. Esse não é o estado descrito por Paulo, quando diz: “vejo nos meus membros outra lei”, “que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo” (Rm 7.21, 23). Esse estado é, na verdade, a tensão entre espiritualidade e humanidade. É o risco necessário que todo homem corre ao se esforçar em seguir o feixe claro da luz reveladora de Deus enquanto habita em um corpo perecível num mundo de trevas e pecado.

Na expressão **para que não pequeis** (*hina me harmatete*), o “aoristo sugere atos específicos de pecado em vez do estado habitual, que é incompatível com a posição dos cristãos que estão na verdade”.⁷ João não está dizendo que os cristãos não podem pecar nem que não irão pecar, mas que não deveriam pecar.

Se alguém pecar refere-se, nesse caso, ao cristão que foi surpreendido pelo pecado, em vez do pecador voluntário e habitual. É possível, nesse sentido, pecar “involuntariamente”. Ele pode sucumbir porque as forças pecaminosas são mais fortes do que ele. Ele pode ser enganado ou pego em uma armadilha por causa da sua ignorância. Ou ele pode se desviar em decorrência de descuido ou negligência. Em todo caso, a restauração está prontamente disponível na pessoa de Jesus Cristo. Mas esse conhecimento glorioso não deveria diminuir seu sentimento da escuridão do pecado e os perigos de pecar.

No capítulo anterior, o remédio para o pecado era definido como a confissão que resulta em perdão e purificação e no estabelecimento de uma comunhão dos filhos de Deus. No contexto presente, o remédio é definido em termos da obra pessoal e redentora de Cristo. Três características são atribuídas a Ele e elas estão em justaposição com “o sangue de Jesus Cristo”. Pode-se dizer que elas servem para explicar o que se quer dizer quando o Sangue é usado metaforicamente para a completa obra redentora de Cristo. Ele é chamado de **Advogado, o Justo e a propiciação**.

Temos um Advogado (*paracleton*). Esse substantivo é usado no Novo Testamento somente por João. No evangelho, ele fala do Espírito Santo como “outro Consolador” (*paracleton*; Jo 14.16), mostrando que o Espírito Santo opera como Agente de Cristo no mundo. O termo **Advogado** tem uma variedade de significados encontrados na história

do seu uso. O *paráclito* é alguém que é enviado, que é chamado para ajudar, alguém que conforta, alguém que intercede. A palavra em si “denota meramente ‘alguém chamado para ajudar’”. Na epístola, a idéia de alguém que defende a causa do cristão diante de Deus é claramente indicada, um ‘advogado’ é a tradução mais satisfatória”.⁸

Jesus Cristo é aqui chamado de **o Justo**. Anteriormente, o próprio Deus foi chamado de “justo” ou reto (*dikaion*; 1.9). Isso apóia a afirmação de João de que Cristo é o Filho de Deus, a Revelação da pessoa de Deus. O termo **Justo** refere-se não tanto à vindicação do caráter moral de Cristo como à qualidade salvadora da sua atividade. De forma muito simples, João tem dito aqui que, quando o cristão cai no pecado, um apelo por ajuda traz Cristo para o seu lado, para ajudá-lo. Como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, Cristo é capaz de representar um perante o outro. Ele pode interceder pelo homem diante de Deus porque “Ele não precisa de advogado para si mesmo”.⁹

Cristo é **a propiciação** (*hilasmos*; “expição”, RSV) **pelos nossos pecados**. Na KJV e na RSV há duas interpretações da mesma palavra. É possível que uma delas ou as duas contenham o significado de João. **Propiciação** traz a idéia de aplacar ou pacificar alguém que foi tratado com injustiça. Surge então a pergunta se é Deus ou o homem que precisa ser apaziguado ou aplacado. O sistema sacrificial do Antigo Testamento não foi instituído para apaziguar (conciliar) a ira de Deus contra o homem pecador, embora seja com frequência interpretado dessa forma. Em vez disso, ele foi dado como um sinal da fé do homem em Deus, um veículo por meio do qual ele se voltava da sua alienação de Deus em arrependimento e esperança de perdão. A **propiciação** tem que ver com a reconciliação do homem com Deus, e não de Deus com o homem. Essa posição é encontrada no evangelho de João, em que Deus é descrito como que enviando Cristo por causa do seu grande amor pelo mundo pecador. Deus redime o homem por causa do seu amor, não em decorrência de ira ou ódio.

Assim, a obra redentora de Cristo, tornando-se homem e morrendo na cruz, mudou o curso da rebelião do homem e o reconciliou, o pródigo com Deus, o Pai, que está esperando de braços abertos. Isso deve ser entendido de uma forma muito real, mas, ao mesmo tempo, de maneira provisória ou temporária. A humanidade, em Cristo, o Deus-homem, foi reconciliada com Deus, mas os homens individual e coletivamente devem vir e experimentar sua reconciliação pelo arrependimento e uma disposição de caminhar na luz (1.7, 9). Caso contrário, a doutrina da reconciliação nos leva inevitavelmente ao universalismo legalista. E esse não é o ensinamento de João.

A expiação, por outro lado, traz a idéia da remoção de pecados. É por meio da obra do Filho de Deus encarnado que o remédio foi provido para o problema do pecado. Jesus Cristo é o Agente de Deus para a salvação do homem. O termo cognato *hilasterion* refere-se ao assento de misericórdia, o lugar da reconciliação entre Deus e o homem. A salvação somente pode ser encontrada em Cristo. Isso coincide com o pensamento prévio de João: O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, “nos purifica de todo pecado” (1.7).

Talvez esses dois termos sejam necessários para uma compreensão adequada do pensamento de João. Ao cristão, diante de quem ele ocupa o modelo de impecabilidade, ele também apresenta Cristo, o Advogado justo, o único pelo qual podemos encontrar a reconciliação com Deus e a remoção de todo pecado.

Mas com receio de ser mal-entendido, João se apressa em acrescentar que esse corretivo divino é pelos pecados **de todo o mundo**, não só para os cristãos vacilantes. A

provisão que restaura um cristão é o mesmo que o perdoou e o purificou. Todo aquele que andar “na luz” pode conhecer a mesma reconciliação e comunhão que somente os filhos de Deus conhecem.

João nos fala de um Deus responsável, mas também de um homem responsável. O Pai fez tudo que era necessário para a restauração do homem, a sua nobre criação. Ele não abandonou a sua responsabilidade quando o homem caiu no pecado. Mas Ele também não anulou a liberdade do homem e a sua responsabilidade pessoal quando proveu a salvação em Jesus Cristo. A dignidade do homem pode ser vista mesmo no seu estado decaído. Ele pode ter permitido que os poderes do mal o dominassem e, ao mesmo tempo, ele não é nenhum verme rastejando no pó. O pecado também não o privou desse poder de escolha que originariamente o diferenciava de uma marionete. Deus também não trata o homem de maneira diferente do que a nobre criatura que ele criou inicialmente. Ele foi criado para funcionar em uma posição ativa, física e intelectualmente. Na questão da salvação, Deus espera que o homem se levante e faça parte dos salvos; que se levante e testemunhe; que se levante e escolha; que ande deliberadamente na luz ou continue a andar nas trevas. A esperança da salvação está apoiada na obra propiciatória de Cristo, mas ela também reside, até certo ponto, na habilidade inata do homem de escolher seu próprio destino.

D. O TESTE DA OBEDIÊNCIA, 2.3-6

E nisto sabemos que o conhecemos (3). No capítulo 1, confessar e andar na luz por parte do homem, em conexão com o perdão e a purificação por parte de Deus, resultava em comunhão com Deus, com Cristo e com os santos da Igreja. Na seção atual, o resultado da obra restauradora de Cristo é conhecê-lo. Para os gregos, o conhecimento da realidade máxima vinha por meio da contemplação racional; para os gnósticos, ela vinha como resultado de uma experiência mística. Para João, o conhecimento máximo é o conhecimento de Deus em Jesus Cristo e que pode ser obtido pelo processo de ser salvo do pecado. Aqueles que desfrutaram da comunhão com Deus também o conhecem. O apóstolo escreve para que saibamos **que o conhecemos**, ou “que estejamos certos que o conhecemos” (RSV). “Aprendemos a perceber mais e mais claramente que o nosso conhecimento é genuíno por intermédio dos seus resultados permanentes na disposição crescente para obedecer”.¹⁰ Esse conhecimento está vinculado à comunhão de 1.7, que é o resultado de participar da vida em Cristo. Em seu evangelho, João diz: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem envias-te”. “No quarto evangelho, é deixado perfeitamente claro que conhecer a Deus é experimentar seu amor em Cristo e corresponder a esse amor por meio da obediência”.¹¹

Se guardarmos os seus mandamentos passamos por um teste que valida nosso conhecimento de Deus. Dois outros testes são sugeridos mais tarde (3.14, 24). Isso não quer dizer que cada homem que guarda a lei de Deus seja cristão; muitos observavam os princípios cristãos de vida porque eles são certos e prometem as maiores recompensas — as pessoas são honestas porque “a honestidade é a melhor política”. Isso quer dizer que as afeições são estabelecidas sobre os preceitos morais do evangelho e, assim, tornam-se a base da obediência às leis de Deus.

O termo **seus mandamentos** não se refere aqui somente aos Dez Mandamentos. Guardar **os seus mandamentos** equivale a guardar **a sua palavra** (5) e isso significa a verdade de Deus como ela está em Cristo. Isso significa empenhar-se continuamente para ser cada vez mais parecido com Cristo — a **andar como ele andou** (6). “Conhecer a Cristo, entender a doutrina da sua pessoa e obra não passa de mera teoria; nós aprendemos a conhecê-lo e a saber que o conhecemos ao praticar os seus preceitos”.¹² Jesus disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). “A religião emocional sem disciplina torna-se sentimental e a religião intelectualizada torna-se estéril [...] A disciplina moral é o caminho para o caráter cristão”.¹³

Guardar os mandamentos de Deus pode ser equiparado a andar na luz. Os resultados prometidos são somente para aqueles que “continuam a guardar”. Nós o conhecemos quando desejamos acima de todas as coisas lhe obedecer, e à medida que continuamos a guardar sua palavra nosso amor por Deus é aperfeiçoado. (Veja também 2.15; 3.17; 4.12; 5.3). O grego *teteleiota* “significa ‘tem sido feito perfeito e permanece assim’. A obediência, não o sentimento, é o teste do amor perfeito”.¹⁴ Os mandamentos de Deus foram todos motivados pelo amor, e a única resposta apropriada é a resposta do amor. Nossa comunhão com Deus é uma comunhão de amor. “Em si mesmo não é um pensamento surpreendente e repulsivo, que o amor de Deus deveria habitar em nós em sua medida plena e em sua perfeição simples”.¹⁵ “Em certo sentido, é o amor de Deus pulsando em nosso peito, porque ele é originado, ou melhor, ocasionado por Ele. Mas em um sentido importante ele é humano, porque esse amor é a atividade das nossas suscetibilidades espirituais revelando-se de acordo com as leis da mente como gratidão concernente a um benfeitor”.¹⁶

Se um homem ou mulher são capazes de saber o que significa amar um ao outro de tal maneira que estão dispostos a selar esse amor por meio do matrimônio e a permanecer fiéis um ao outro “até que a morte os separe”, não é demais esperar que o cristão professo ame a Deus com uma lealdade não dividida. Paulo disse que “o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10). E a lei moral de Deus revelada tanto no Antigo como no Novo Testamento foi confirmada por Jesus. O mandamento do nosso Senhor é: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mt 22.37).

E. O TESTE DA VIDA, 2.7-8

Uma melhor tradução para **Irmãos** (7) é “Amados” (*agapetoi*). João usa esse termo afetuosos por causa da importância do que ele tem a dizer, e receber a atenção compreensiva dos seus leitores. Ao usar os termos um **mandamento antigo** e um **mandamento novo** parece claro que ele está falando de um mandamento em dois aspectos em vez de dois mandamentos. Superficialmente, poderia parecer que esse mandamento tinha sido dado no Antigo Testamento e era, portanto, antigo; reiterado no Novo Testamento, era, conseqüentemente, novo. Assim, João somente poderia estar se referindo ao mandamento de amor, como foi resumido por Jesus em Mateus 22.37-40.

Esse mandamento foi dado **desde o princípio**. A frase poderia significar desde o princípio da criação, da primeira promulgação da lei mosaica ou do princípio da era apostólica, quando os cristãos receberam o evangelho. A segunda opção é possível, por-

que a Queda quebrou o relacionamento de amor entre Deus e o homem e a instituição da dispensação mosaica buscava restaurá-la. O mandamento para amar a Deus e nosso próximo tornou-se novo quando foi dado novamente por Jesus sob novas circunstâncias e para alcançar um novo vínculo que a lei era incapaz de estabelecer.

Entretanto, a terceira interpretação é a preferida e de maior significado. No princípio, a Igreja havia recebido o mandamento do amor, e agora João está reafirmando a verdade desse mandamento. Ele era **antigo** porque era a única lei por meio da qual haviam vivido a vida cristã. “Ele era antigo mas não obsoleto, primitivo mas não antiquado”.¹⁷ Esse mandamento era **antigo**, à medida que João rememorava o seu significado, mas ele era **novo** em cada estágio de ênfase. Na época da última Páscoa, Jesus disse aos seus discípulos: “Um novo mandamento vos dou” (Jo 13.34). Erich Haupt vê nesse incidente uma distinção na maneira como Jesus demonstrava o seu amor. Nesse estágio do seu ministério, Ele agia na plenitude do seu amor. Ele agia não como Senhor e Mestre mas como Servo, de uma maneira totalmente inesperada. Aos discípulos, na cerimônia do lava-pés, Ele exortou a fazer o que Ele havia feito (Jo 13.15); pouco depois, quando anunciou o novo mandamento, ele disse que eles deveriam amar uns aos outros como Ele os amava (Jo 13.34). Somente na última parte da sua vida e ministério Jesus mostrou-se como Modelo para seus discípulos. Antes disso, eles tinham praticado o amor como um dever, mas daqui em diante, eles deveriam amar como Ele amou, espontaneamente, de coração. Isso corresponde exatamente ao que João diz nesse texto — que o cristão “também deve andar, como ele andou”. Talvez no fundo da mente de João havia o pensamento de que foi em seu fervor que Jesus encorajou a imitação da sua maneira de amar. Se esse é o caso, isso leva a uma melhor compreensão do novo mandamento. João estava seguindo o padrão de pensamento de Jesus.¹⁸

F. O TESTE DO AMOR, 2.9-11

João expôs a falácia das reivindicações de alguns membros do grupo que não eram verdadeiros cristãos. Ele o fez em relação à comunhão (1.6), ao pecado (1.8), aos pecados (1.10) e ao conhecimento de Deus (2.4). Em cada caso, ele desafiou a heresia com a verdade. Ele faz o mesmo aqui em relação ao amor — **Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas** (9). O apóstolo traçou contrastes entre luz e trevas, verdade e falsidade, e agora entre amor e ódio. Nesses termos ele aponta inconsistências entre profissão de fé e conduta, bem como erros na teologia. Ninguém pode fazer melhor do que sabe; mas nesse caso, houve uma ignorância voluntária, decorrente da falha de andar na luz e manter o amor vivo. As trevas tinham cegado os olhos. Desatentos com o que havia acontecido, eles estavam vivendo no passado, um passado brilhante, do qual se gloriavam, enquanto as trevas os engoliam.

Sem dúvida esse tipo de pessoa fazia parte da minoria. Mas o problema era real na Igreja, e João tinha de lidar com isso. Para o corpo principal de “amados” ele escreveu: **Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo** (10). Ele não tropeça nem cai nas trevas, nem é causador da queda de outros. Ensinaamentos heréticos e seus defensores sempre causaram simpatia em um número desproporcional de membros da Igreja e seus líderes. A verdade é menos espetacular, mas sua natureza é eterna.

G. FILHINHOS, PAIS, JOVENS, 2.12-14

Esses versículos apresentam dois problemas: as classes de pessoas endereçadas e a mudança de tempo no verbo “escrever”.

Existem dois grupos de três aqui, cada um consistindo em **filhinhos**, **pais** e **jovens**. No primeiro, a palavra grega usada para **filhinhos** é *teknia* e no segundo, *paidia*. A diferença de sentido entre esses dois termos é pequena e João provavelmente não tinha a intenção de ressaltar nenhum tipo de diferença. Em outros lugares na epístola em que uma dessas palavras é usada (2.1, 28; 3.7, 18; 4.4; 5.21), João provavelmente se refere a todo corpo de leitores. A ordem **filhos**, **pais** e **jovens** é ilógica se João estava se dirigindo a grupos etários. **Filhinhos** é um termo afetuosos dirigido a todos. Ele os divide em dois grupos — **pais** e **jovens**. Essa divisão pode ser por idade ou maturidade espiritual, visto que idade e maturidade são geralmente contrastadas com juventude e imaturidade, embora esse nem sempre seja o caso. Ao mesmo tempo, todos podem em um sentido real ser incluídos em cada uma das três categorias.

A mudança de tempos é mais difícil de ser compreendida. O texto grego de Nestle traz *grapho* (escrevo ou estou escrevendo, no presente indicativo) três vezes e *egrapha* (escrevi ou tenho escrito, no aoristo) três vezes. A KJV aqui, usando a tradução de um texto grego menos exato, traz **escrevo** quatro vezes e **escrevi** duas vezes. A RSV traz “estou escrevendo” três vezes e “escrevo” três vezes, com referência “ao aoristo como ‘epistolar’, equivalente ao presente”.²⁰ A ARC traz **escrevo** no primeiro conjunto de três e **escrevi** no segundo.

Tem sido sugerido um número de interpretações acerca da mudança do presente para o aoristo. Alfred Plummer enumera sete.²¹ Três são mais razoáveis do que as outras. Primeiro, “escrevo” pode referir-se à epístola e “escrevi” ao evangelho de João. Essa é a escolha de Plummer e, é claro, se baseia na hipótese de que João é o autor das duas obras. Segundo, no uso do aoristo “o autor se volta para o pensamento da parte da carta que ele já havia terminado”.²² Terceiro, “no presente [...] o apóstolo tem em mente a passagem na qual ele está engajado: no aoristo [...] a epístola está na sua mente, como se ela tivesse sido concluída; ele fala historicamente do conceito intelectual da epístola que precedia a composição atual”.²³ Qualquer uma das duas primeiras é preferível à terceira.

João escreve: **Filhinhos, escrevo-vos porque, pelo seu nome, vos são perdoados os pecados** (12). O perdão não representa tudo na salvação do pecado, mas é a porta de entrada para a vida cristã, o início do andar na luz na comunhão cristã. No hebraico, o nome sempre significa o caráter de um indivíduo. **Pelo seu nome** é uma maneira de dizer que eles foram perdoados por meio da obra propiciatória de Cristo.

Mencionamos que o significado de **filhinhos** se divide em **pais** e **jovens**. Da mesma forma, o perdão de pecados tem dois aspectos: **pais** pode sugerir conhecimento de Cristo e **jovens** força para ser vitorioso sobre o mal e o próprio Satanás.

No segundo conjunto de três, João escreve porque seus **filhos** (“filhinhos”, ARA, NVI) conheceram o Pai, uma reiteração de “conheceste” no versículo 13. Ele então divide esse conhecimento do Pai em dois elementos: conhecimento do Filho e vitória sobre o diabo. A vida cristã tem tanto o lado teórico quanto o prático. O perdão de pecados e o conhecimento de Deus (v. 3) são os fundamentos dos **jovens**, que naturalmente estavam

no apogeu da vida e de um andar vitorioso com Deus. A força para vencer é atribuída a uma comunhão mais pertinente com Deus, em todas as suas ramificações expressas, e mantém tanto jovens quanto velhos no apogeu da vida e no vigor espiritual. Andar na luz da obediência à vontade de Deus e ter a Palavra de Deus habitando no interior nos torna fortes contra todas as forças do mal.

H. AMOR DO MUNDO, 2.15-17

Aqueles que almejam o alto padrão da vida cristã descrito por João devem deixar de amar **o mundo** e **o que no mundo há** (15). Isso é assim porque o mundo está na escuridão e o povo de Deus anda na luz. Há uma contradição aparente entre essa restrição e a própria afirmação de João de que Deus ama o mundo (Jo 3.16). Poderia parecer que somos aconselhados a não amar o mesmo mundo pelo qual Cristo morreu para salvar e do qual todas as pessoas fazem parte. Mas “o mundo que o Pai ama é toda a raça humana. O mundo que não devemos amar é tudo que está alienado dele, tudo que impede o homem de amá-lo em troca [...] O mundo que não devemos amar é o seu rival”.²⁴ “Eles não deveriam evitar nenhum lugar e nenhum homem; eles deveriam amar todos os lugares e todas as pessoas; mas em todos os lugares e no meio das pessoas, havia um mundo que eles não deviam amar”.²⁵ Esse **mundo** é o sistema de vida que foi estabelecido pelo homem não regenerado debaixo da influência do mal. Pode se dizer sem sombra de dúvida acerca desse sistema: **Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele**. Um coração não pode conter dois amores tão hostis um para com o outro como é o caso do amor da luz e o amor das trevas”.²⁶ “Somente Deus é digno de ser completamente amado”.²⁷ “Ninguém pode servir a dois senhores [...] Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6.24).

O que há no mundo que o cristão não deve amar não pode significar todas as coisas que formam o mundo. A expressão é idêntica em significado a **tudo o que há no mundo** (16). Disso “podemos entender o elemento que faz do mundo o mundo, sua natureza e determinação fundamental”.²⁸ João não apresenta um catálogo de coisas que compõem o mundo, mas destaca três aspectos essenciais de mundanismo: **a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida**.

Alguns escritores têm encontrado nesses aspectos essenciais do mundanismo um paralelo com as três tentações de Jesus no deserto, mas é difícil chegar a conclusões significativas. **A concupiscência da carne** é a sensualidade; não a tentação de satisfazer um apetite legítimo, como ocorreu com Jesus no deserto, mas o desejo pelo abominável como “gluttonaria, bebedeira e as relações sexuais irregulares”.²⁹ “O significado maléfico da frase está na palavra ‘concupiscência’, não na ‘carne’”.³⁰ Ela encontra sua ilustração no erotismo que é espalhado por meio de imagens, palavras e voz, pelo mundo do entretenimento e da propaganda. Seu perigo está no fato de se esconder atrás da palavra amor. A concupiscência não conhece critério ou norma, somente a satisfação própria. Ela é essencialmente egoísta, irresponsável e autoconsumidora. A **carne** (*sarx*) “denota a natureza humana corrompida pelo pecado”.³¹

A concupiscência dos olhos é ilícita, uma “curiosidade lasciva”. Essa concupiscência envolve o que a pessoa não tem. **A concupiscência da carne** envolve o que ela

tem e usa isso para fins maléficos. “Esses dois tipos de concupiscência estão relacionados com o desejo de prazer, e o prazer daquilo que é desejado, mas de tal forma que o elemento egoísta se sobressai”.³² **A concupiscência dos olhos** envolve não somente os olhos mas também a mente e a imaginação. Ela pode procurar satisfação por meio da mídia, da literatura e arte, e talvez se torne mais marcante quando insatisfeita; sua satisfação completa incluiria ceder à concupiscência da carne. Esse tipo de concupiscência é “a tendência de ser cativado pela exposição exterior das coisas, sem examinar seus verdadeiros valores”.³³ “Nosso autor, olhando para a sociedade contemporânea de um ponto de vista cristão, e julgando-a com uma seriedade mais profunda, a vê como a própria encarnação desse espírito presunçoso e vanglorioso”.³⁴

E o mundo que passa (17) é o mundo que os cristãos não devem amar. Mais tarde, João fala em termos escatológicos da “última hora” (2.18), da vinda de Cristo (2.28), da manifestação de Cristo (3.2) e do dia do julgamento (4.17). Isso pode incluir o fim do mundo, quando “os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão” (2 Pe 3.12). Mas aqui o apóstolo não está falando do que acontecerá ao mundo físico. João está pensando no mundo ateuista. A vida que o homem construiu em auto-estima e em oposição a Deus não tem um poder de sobrevivência permanente. O século XX, mais do qualquer outra época, dá um testemunho poderoso da transitoriedade de todas as coisas temporais e a possibilidade de o homem destruir a civilização que ele mesmo criou, incluindo-se a si próprio. Os caminhos do pecado são disseminados com as sementes da sua própria destruição.

O **mundo também passa** em termos do progresso da história pessoal. O tempo voa e tudo muda. O orgulho, a folia e as atividades sensuais da mocidade e das pessoas de meia idade logo perdem sua atração quando a idade avança, e chegam “os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento” (Ec 12.1).

Em contrapartida, **aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre**. Aqui, João também está falando em termos morais em vez de físicos. A pessoa que está no mundo, mas não pertence a ele, subsiste a tudo que passa por causa da vida que possui em Cristo. Não temos aqui um contraste direto entre o mundo que é temporário e o homem que é eterno por fazer a vontade de Deus. João poderia ter contrastado diretamente o mundo e o Reino de Deus. Mas então ele teria de contrastar o cristão e o pecador, virtualmente dizendo que o pecador também passará. João não está dizendo isso, mas ele atribui imortalidade à vida eterna (espiritual) que o homem recebe por meio de Cristo. Ele parece dizer que o homem pode viver um dos dois tipos de vida na terra — um tipo subsistirá e o outro não.

I. O MUNDO PASSA, 2.18-26

É já a última hora (18). Frases semelhantes ocorrem em outros textos do Novo Testamento (Jo 11.24; At 2.17; 1 Pe 1.3; Jd 18) e encontram seu correlativo no “dia do Senhor” dos profetas hebraicos. Alguns escritores são ousados ao dizer que João achava que “a história do mundo [...] estava se aproximando do fim”.³⁵ Esse pensamento encontra um certo apoio no livro de Apocalipse. Outros o interpretam como que significando “o tempo imediatamente precedendo o retorno de Cristo para julgar o mundo”.³⁶ Steele diz:

“Essa expressão denota uma crise e não o fim do mundo”.³⁷ João viu essa crise ser precipitada pelas perseguições aos cristãos e que culminou na luta fatal entre a Igreja e o Império Romano. Tanto quanto o apóstolo podia ver, a história não iria continuar seu curso costumeiro. Ele não podia apresentar detalhes porque não foram revelados a ele. Mas sua fé lhe dizia que o justo sobreviveria e o mundo pecador seria destruído. Deus não seria derrotado nessa disputa.

Uma evidência da **última hora** é a aparição de muitos **anticristos**. Esses não eram líderes mundiais ou governantes, mas ex-membros da igreja que tinham negado **que Jesus é o Cristo** (22). Eles eram aqueles que **saíram de nós, mas não eram de nós** (19). “O rompimento da conexão mostra que essa condição de membro era apenas exterior”.³⁸ Eles eram fruto da crise na qual muitos caíram. Embora João fale de um **anticristo** que **vem** (18), de quem o povo tinha ouvido falar, ele não o descreve. Seu **anticristo** fica distante do “filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus” (2 Ts 2.3-4) de Paulo. Dos fariseus que eram contra Ele, Jesus disse: “Vós tendes por pai ao diabo” (Jo 8.44).

Em contraste com os anticristos lemos acerca daqueles que seguem a Cristo. João diz o seguinte a respeito dos cristãos: **vós tendes a unção do Santo** (20). “Da forma como o Anticristo tem seus representantes, assim o Santo, o Cristo, tem os seus”.³⁹

A unção com óleo sob a aliança mosaica acompanhava somente a consagração de sacerdotes, reis e profetas. Na dispensação cristã, a unção com o Espírito Santo é um privilégio de todos. O resultado do dom do Espírito Santo é o conhecimento. Isso é uma reafirmação de 2.3, e o conhecimento aqui poderia significar o conhecimento de Cristo. Mas seu significado parece ser mais amplo do que isso. A frase **sabeis tudo** é mais corretamente traduzida por: “Todos vocês conhecem”. O significado parece ser que todos os verdadeiros cristãos têm o conhecimento da verdade como é revelada em Cristo. O apóstolo tinha se referido ao Espírito Santo como o “Espírito da verdade” (Jo 14.17), que, quando vier, “vos guiará em toda a verdade” (Jo 16.13). Ele está dizendo aqui que por meio da unção do Espírito Santo as pessoas têm um conhecimento certo e seguro — não de uma verdade histórica ou científica ou mesmo teológica, mas da verdade salvadora.

João tinha escrito aos cristãos porque reconheceram a verdade quando foi apresentada a eles. Ele não lançaria suas pedras aos porcos — os anticristos. Há momentos em que é tolice apresentar o evangelho a certas pessoas. João diz isso porque eles são mentirosos e querem somente ouvir o que é falso.

Nenhuma mentira vem da verdade (21); i.e., a verdade não contém falsidade. Visto que eles aceitavam a falsidade, João não podia oferecer-lhes nenhuma verdade. A negação de **Jesus como o Cristo** (22) e de Deus como o **Pai** os incapacitou a ouvir a verdade. A negação de um era a negação de outro (v. 23). Mais do que isso, era a negação da Encarnação. Para João, a Encarnação é o dogma principal da teologia cristã — ela é central, em torno da qual todos os outros dogmas se agrupam e crescem.

Evidentemente, os anticristos estavam ativamente empenhados em tentar enganar (v. 26) os cristãos. João os tinha desmascarado até que foram persuadidos a deixar a Igreja. Ele insta os cristãos a permanecerem firmes, como havia ocorrido **desde o princípio** (24), na esperança da **promessa de vida eterna** (25). Essa vida é uma posse presente e uma esperança futura.

J. PERMANECENDO EM CRISTO, 2.27-29

João expressa o relacionamento entre o cristão e seu Deus em termos da **unção** (27). Deus permanece no cristão por meio da presença contínua do Espírito Santo, e o cristão permanece em Deus. Em uma expressão semelhante, Jesus disse aos seus discípulos: “Estai em mim, e eu, em vós [...] Eu sou a videira, vós, as varas” (Jo 15.4-5). Isso ressalta o tipo de comunhão mais íntima onde os dois lados estão ativamente empenhados em sua continuação.

O Espírito Santo é apresentado como o Mestre e, portanto, **não tendes necessidade de que alguém vos ensine**. João não quer dizer que toda instrução humana deve ser descartada, do contrário, ele nunca teria escrito essas palavras de instrução. Em vez disso, de maneira bastante veemente, ele está dizendo que os cristãos não dependem dessa “sabedoria” que os gnósticos afirmavam possuir. João estava advertindo contra essa filosofia ilusória. A semelhança da reivindicação a fontes especiais de conhecimento, tanto pela Igreja como pelos falsos mestres, tornou as exortações do apóstolo de grande importância para os cristãos do primeiro século.

O Espírito Santo é o “Protetor da ortodoxia”. Ele é o Mestre da verdade não adulterada; portanto, Ele é o Avalista de que nosso relacionamento duradouro com Deus é uma compreensão inteligente bem como uma intimidade emocional. “A experiência da vida eterna significava crescimento na verdade e posse da verdade”.⁴⁰ “À medida que a verdade é apropriada, a comunhão com o Divino cresce e torna-se mais real”.⁴¹

Além do mais, os **filhinhos** devem permanecer **nele** (28). Eles precisam realizar algo, como em qualquer relacionamento pessoal e em cada processo de aprendizagem. “O ensinamento que eles receberam no princípio tornou-se o critério para todos os desenvolvimentos posteriores [...] Eles devem permanecer ‘no ensinamento dele’. Os ensinamentos primitivos não tinham sido suplantados por uma mensagem mais elevada e inteiramente diferente, como ocorria entre os gnósticos. Eles não precisavam de mais ensinamento”.⁴²

Um novo motivo é agora acrescentado para permanecerem na verdadeira comunhão. Visto que é a “última hora”, os cristãos devem estar preparados para encontrar-se com Cristo **quando ele se manifestar**. Duas qualidades deveriam caracterizá-los nesse período — eles deveriam ter **confiança e não ser confundidos**. A primeira qualidade “significa especialmente a confiança destemida com a qual a alma fiel encontra a Deus”.⁴³

No lugar da expressão **não sejamos confundidos**, a NVI traz: “não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda”. Que cada pessoa que professa ter encontrado a Jesus Cristo “ande na luz”, “guarde seus mandamentos”, “permaneça nele”, seja ensinada pelo Espírito de tal maneira, que ela não tenha nada na sua vida para se envergonhar aqui e agora ou na sua vinda.

O versículo 29 usa dois verbos gregos para **sabeis** — *oida*, “saber”, e *ginosko*, “aprender a saber”.⁴⁴ Podemos ler então: **Se sabeis que ele (Cristo) é justo** — e vocês sabem se estão sendo ensinados pelo Espírito Santo — vocês também saberão **que todo aquele que pratica a justiça é nascido de Deus**.

Um pensamento novo, mas relacionado, é introduzido aqui. Por meio da compreensão dada pelo Espírito Santo, o verdadeiro cristão pode determinar se o outro é um ver-

dadeiro cristão. Isso é discernido ao observar se as ações dele são justas ou não. O cristão será como o seu Mestre, “Jesus Cristo, o Justo” (2.1); ele guardará “os seus mandamentos” e andará como Cristo andou.

João não fala de justificação pela fé como Paulo, embora a fé na pessoa e obra de Cristo seja fundamental. Um homem torna-se cristão ao receber vida eterna de Cristo. Por essa razão, João não precisa argumentar contra obras de justiça como Paulo fez. De modo simples, o que um homem faz e como age são aspectos intimamente ligados com a sua salvação. A ênfase dos dois apóstolos é diferente, mas eles concordavam que obras justas devem seguir a conversão inicial. “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.20) — conhecer que eles são nascidos de Deus, nascidos de novo do alto.

SEÇÃO III

O CARÁTER DOS FILHOS DE DEUS

1 João 3.1-24

A. OS FILHOS DE DEUS, 3.1-3

Vede quão grande caridade (1) é mais do que um simples imperativo clamando por atenção. Essa é uma exclamação genuína de perplexidade misturada com gratidão. O pronome *potapos* (**quão grande** ou que tipo) “nunca serve [...] para indicar meramente grandeza externa [...] mas sempre aquilo que é interno”.¹ Ele se refere à qualidade do amor de Deus, o fato de ser dado àqueles que são pouco amáveis e indignos. “O amor de Deus em Cristo é estranho a esse mundo: De que reino remoto? Que amor extraordinário?”² O prodígio desse amor é mais do que uma manifestação da graça de Deus; o prodígio é que ele foi dado ao homem.

João especifica que é **o Pai** que dá o seu amor — não “nosso **Pai**”, como Jesus ensinou aos seus discípulos na Oração do Pai-Nosso. O apóstolo nunca usa o termo “vosso **Pai**”. **O Pai** aqui tem o significado de Deus, o **Pai** de Jesus Cristo. Deus demonstrou seu amor a nós no **Filho**. Antes Deus revelou-se como “luz” (1.5), agora como **caridade** (amor), que se torna virtualmente o tema do restante da epístola. A coisa maravilhosa é que esse amor foi dado a nós, e, como resultado, nos tornamos filhos de Deus. Os cristãos são fruto do amor de Deus, enquanto a humanidade em geral é o resultado da atividade criativa de Deus. Não só fomos **chamados filhos de Deus**, mas nós o somos de fato. “A ponto de sermos chamados” (*kai esmen*) deveria ser acrescentado à versão King James, porque consta nos melhores e mais antigos manuscritos gregos.

Paulo empregou o termo “filhos” (*uioi*) em um sentido legal, usando a analogia da adoção em vez de geração. Para João, somos “filhos” (*tekna*) de Deus pelo novo nascimento e esse é o relacionamento mais íntimo.

Por isso (como resultado disso), **o mundo não nos conhece**. Os crentes nos chamam de filhos de Deus, mas o mundo de forma alguma nos reconhece como tais. “Agostinho compara a atitude do mundo em relação a Deus com os doentes em delírio que estariam dispostos a machucar o seu médico”.³ **Porque não conhece a ele**, isto é, nem a Cristo como o Filho de Deus nem o amor de Deus manifesto em Cristo, o mundo não consegue identificar os cristãos como tais. Isso foi demonstrado na vida e morte de Jesus, que foi tratado como um homem a ser destruído. Em parte, isso ocorreu porque a divindade de Jesus era encoberta — e a filiação dos cristãos também é obscurecida pela sua humanidade. “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro” (2 Co 4.7). Mas João atribui essa cegueira do mundo à sua natureza inerente (veja 2.15ss.).

Amados, agora somos filhos de Deus (2). Essa repetição, além do elemento tempo **agora**, estabelece um contraste entre o presente e o futuro dos filhos de Deus. Eles ainda não se beneficiaram plenamente das provisões da propiciação. Os filhos devem crescer e se desenvolver — e não obstante o futuro incerto se estende diante deles: **e ainda não é manifesto o que havemos de ser**. Os contrastes apontam para uma diferença qualitativa bem como quantitativa entre o **agora** e o **ainda não**.

A diferença será evidente quando Ele aparecer — “na sua vinda” (2.28). **Sabemos que [...] seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos**. Essa afirmação pode ser entendida de várias formas. Certamente, seremos semelhantes a Ele então, porque em um sentido real somos semelhantes a Ele agora. Outros entendem que “seremos semelhantes a Ele porque o veremos”. Isso pressupõe que a visão de Deus nos tornará semelhantes a Ele.

Muito pode ser dito em relação a essas duas posições. O cumprimento glorioso na nossa filiação é a esperança abençoada do cristão. Essa esperança não pode ser nutrida por alguém cuja vida é vivida em pecado.

Essa expectativa é a reflexão de uma vida de pureza enquanto ao mesmo tempo ela nos motiva a nos manter puros: **Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo** (3). Nenhum homem pode manter-se puro pela sua própria vontade e esforço, mas ele pode continuamente andar na luz; e essa luz — a verdade revelada de Deus em Cristo — serve como o feixe purificador. A luz examinará o interior do homem e penetrará até alcançar sua consciência e vontade. João ousa afirmar que somos puros **como também ele é puro**. Ele pode fazer essa afirmação ousada porque é Deus quem opera a purificação. É por causa dessa purificação que **seremos semelhantes a ele**.

B. UMA DEFINIÇÃO DE PECADO, 3.4-6

João agora volta à sua discussão do pecado. Tendo reconhecido a possibilidade de o cristão cometer pecado (2.1), ele precisa ampliar esse assunto com maior profundidade. Seu interesse é prático, embora conceitos teológicos de pecado não estejam faltando. Ele tem definido ou descrito o pecado como ação e motivação (1.8,9) — e ambos encontram cura no “sangue de Cristo”. Esse conceito de pecado duplo persiste no parágrafo presente: **Qual-**

quer que comete o pecado também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade (4). Uma tradução mais clara diz o seguinte: “Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei” (NVI). Pecar é incompatível com o permanecer em Cristo que o cristão experimenta. O espírito da “ilegalidade” também é incompatível com guardar os mandamentos de Deus. Veja os comentários em 2.3-6 acerca do uso que João faz da palavra mandamento. Aqui seria apropriado dizer que o **pecado** é “a transgressão da lei” do amor. A ilegalidade brota do ódio enquanto a obediência se origina no amor. Quando alguém age por qualquer outro motivo que não seja o amor, age de maneira egoísta, irresponsável e em rejeição do valor e individualidade de outras pessoas envolvidas. Machucar propositadamente outra pessoa de qualquer forma — física, mental, espiritual ou socialmente — é agir contra a lei do amor; isso é pecado. “O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Rm 13.10).

A história da Igreja revela que algumas das maiores atrocidades foram cometidas por um segmento da Igreja contra outros, geralmente por causa de alguma diferença em relação a crenças ou interpretação delas. Alguns cristãos, observando a prescrição “não ameis o mundo”, incluíram as pessoas não convertidas do mundo e, algumas vezes, muitas das belezas e alegrias da vida. Por trás dessa atitude está oculto um sentimento de superioridade atribuída ao povo escolhido de Deus. Isso é parecido com a reivindicação dos gnósticos de uma “iluminação superior” que “os colocava acima da lei moral”.⁴

Todo esforço evangelístico é falso e infrutífero quando o mundo que está sendo evangelizado não é também amado.

João escreve dessa forma porque **nele** (Cristo) **não há pecado** (5), e os cristãos devem ser semelhantes a Ele. Deus nunca nos cobrará algo que não podemos alcançar; Ele sempre provê a capacidade. João diz: **bem sabeis que ele se manifestou para tirar os nossos pecados**.

C. FILHOS DE DEUS VERSUS FILHOS DO DIABO, 3.7-8

Embora ações motivadas por amor sejam normativas para o cristão, elas nem sempre acontecem automaticamente. O amor cristão tem sido demonstrado por Cristo e, até certo ponto, esse amor é recebido quando alguém se torna cristão. Mas a vida de amor também deve ser aprendida. Podemos ser iludidos quanto a viver pela lei do amor. Se estamos plenamente persuadidos disso e vivemos por essa lei, precisamos guardar nossas mentes contra aqueles que buscam nos enganar por meio de palavra ou ação e fortalecer-nos com o conhecimento da verdade. João declara: **Quem pratica justiça é justo** (7). O amor é uma compreensão e um consentimento mental bem como uma experiência emocional. A última parte do versículo 7 repete 2.29. Mas João ressalta aqui mais um aspecto: **Quem comete o pecado é do diabo** (8). Isso não significa que se um cristão peca inadvertidamente — o que João considera possível (2.1) — pertence ao diabo no mesmo sentido que o cristão pertence a Deus como filho. João quer dizer que à medida que alguém não é motivado pelo amor para obedecer a Deus, ele é motivado por uma disposição para aceitar as propostas de Satanás. Ou João pode entender que aquele que peca *habitualmente* está entre aqueles de quem Jesus disse: “Vós tendes por pai ao diabo e quereis satisfazer os desejos de vosso pai” (Jo 8.44). “Como o restante do Novo Testa-

mento, João não tem dúvida de que por trás da vontade rebelde do homem há um rebelde-mor, que pecou antes de eles existirem ('desde o princípio'), e que, como o inimigo de tudo que é bom, é chamado de diabo, o caluniador, ou Satanás, o adversário".⁵

O diabo sempre foi o pior dos pecadores. Mas Cristo veio **para desfazer as obras do diabo**. **Desfazer** as obras do diabo significa o que João já afirmou em termos de perdão, purificação e ter comunhão com Deus. Isso pode ocorrer gloriosamente na vida do indivíduo mesmo hoje. Existe a esperança de que isso possa ocorrer em sua plenitude em algum ponto no futuro, embora até agora as obras do diabo sejam abundantes e visíveis.

D. IMPECABILIDADE, 3.9-12

Mais uma vez João ressalta o que já disse anteriormente: **Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado** (9), mas aqui o apóstolo acrescenta **e não pode pecar**. Essa é uma impossibilidade moral e ética, não literal. De acordo com a natureza de Deus, alguém que é nascido dele não pode pecar, **porque a sua semente** (de Deus) **permanece nele**. Essa **semente** ("natureza de Deus", NVI; "a semente divina", NEB) refere-se à vida eterna que Deus prometeu àqueles que lhe obedecem e permanecem nele (2.25). Uma outra maneira de expressar essa verdade é dizer que aquele cuja vida é governada pela lei do amor — amor a Deus e ao próximo — **não pode pecar**, porque ele não pode, ao mesmo tempo, amar o próximo e intencionalmente pecar contra ele.

Aqui, então, há mais um teste para determinar quem são **os filhos de Deus** e quem são **os filhos do diabo** (10). **Os filhos de Deus** não pecam, enquanto **os filhos do diabo** continuam a pecar. Eles são grupos opostos no sentido de que um é possuído pelo Espírito de Cristo e o outro pelo espírito do anticristo; eles são paralelos no sentido de que cada "criatura dotada com vontade própria pode escolher seu próprio pai no mundo moral".⁶ Nesse versículo 10, "não se faz mais referência à base regenerada da natureza que é o princípio de todo desenvolvimento religioso, mas à posição ética que o regenerado adquiriu, sempre de acordo com esse princípio divino".⁷

Mas um teste de validade de alguém ser filho de Deus é que ele precisa amar o seu irmão. Essa é a melhor ilustração da prática da **justiça** — uma expressão favorita na epístola — porque pode ser observada. **Irmão** aqui se refere ao irmão cristão, representativo de todos os cristãos, em vez de todos os homens. Requer-se um amor mútuo — **que nos amemos uns aos outros** (11). Mas "o amor mútuo entre os cristãos e o mundo é, de acordo com o versículo 13, impossível, visto que o mundo vai nos odiar".⁸ Caim, que **matou a seu irmão** (12), é uma antítese perfeita daquele que ama a seu irmão. A menção da história de Caim aqui é tanto mais significativa porque a causa da desavença era uma discordância religiosa. "A ação violenta era somente a última expressão dessa antipatia que a justiça sempre acusa naquele que faz do mal o princípio orientador da sua vida".⁹

E. AMOR E ÓDIO, 3.13-17

João tem ressaltado o caráter oposto entre o amor e o ódio. É natural — mesmo que nem sempre manifesto — para o cristão amar os outros. Também é natural para as

peças do mundo odiarem o cristão. Talvez esperássemos que João tivesse ressaltado o amor do cristão pelo mundo pecador (Jo 3.16) em resposta ao ódio que o mundo tem pelo cristão. E visto que ele não o fez, poder-se-ia concluir que o amor ao mundo (da humanidade) não é ordenado ao cristão. Mas esse argumento do silêncio não tem força. O assunto de João é a evidência do caráter cristão em vez da preocupação evangelística que a Igreja deveria manifestar. O amor pelo **irmão** (14) é um argumento melhor do que o amor pelo mundo pecaminoso, porque se alguém não consegue amar “os filhos de Deus”, como se poderia esperar que amasse os “filhos do diabo”?

O amor aos **irmãos**, então, torna-se um critério para julgar se alguém se converteu do pecado. “Vida e amor são dois aspectos do mesmo fato no mundo moral, como é o caso da vida e crescimento no mundo físico: um aspecto indica o estado, o outro a atividade”.¹⁰ Mas aquele que não tem amor não tem vida — ele **permanece na morte**. Mais do que isso, ele é um **homicida** (15), como Caim. Essa é uma linguagem forte, mas segue o que Jesus disse em Mateus 5.28. A motivação sempre é mais importante do que o ato manifesto. E aquele que tem o propósito assassino em seu coração não pode ao mesmo tempo ter vida eterna.

O exemplo máximo de amor é encontrado obviamente em Jesus. **Conhecemos a caridade nisto** (16). A verão King James traz: “Conhecemos a caridade *de Deus* nisto”. O termo *de Deus* não se encontra no texto grego. O texto diz: “Nisso conhecemos o amor” — amor na sua essência, amor como expressão máxima. O amor que não está disposto a dar tudo, incluindo vida e posses, não é o verdadeiro amor. O amor genuíno compartilha os **bens deste mundo** (17; “recursos materiais suficientes para viver”, NEB). Esse amor ama o irmão como a si mesmo; e vai um passo adiante, amando o irmão mais do que a si mesmo — **e nós devemos dar a vida pelos irmãos** (16). “João rejeita a mera conversa acerca do amor e exige obras genuínas de amor como evidência de vida espiritual”.¹¹ Essa é a essência da lei de Deus — o novo mandamento que somos admoestados a guardar. Os versículos 14b-15 têm sido traduzidos da seguinte maneira: “A pessoa sem amor pelo seu irmão já está vivendo na morte. A pessoa que efetivamente odeia seu irmão é um assassino em potencial, e vocês sabem que a vida eterna de Deus não pode estar no coração de um assassino” (Phillips).

Não podemos deixar de observar o relacionamento entre amor e sofrimento que é tão evidente na morte de Cristo. Anteriormente (1.5) João disse que “Deus é luz” — Ele está revelando. Agora ele está gradualmente conduzindo a conversa até dizer que “Deus é caridade” (4.8) — Ele está curando. Encontramos um grande valor terapêutico no sofrimento, especialmente em aceitar o sofrimento vicário. O verdadeiro amor vai sofrer, vai se preocupar com a necessidade do outro, estará disposto a ir até a morte com ele — “A caridade é sofredora, é benigna” (1 Co 13.4). **Quem [...] lhe cerrar o seu coração** (17) ou “fechar-lhe o seu coração” (ARA).

F. O AMOR REVELADO EM AÇÃO, 3.18-24

Para aliviar o ímpeto das palavras cortantes e manter aberta a linha de comunicação com seus ouvintes, João novamente volta ao seu termo mais afetuosos: **Meus filhos** (18). Ele levantou algumas questões difíceis e expressou algumas proposições que,

se tomadas literalmente, poderiam causar embaraço e circunstâncias ainda mais conflitantes do que a situação em que se encontravam. Porventura deve o cristão dar sua vida pelos outros — ser semelhante a Cristo nesse aspecto — para demonstrar seu amor? Será que João quer dizer que sempre devemos ajudar um irmão cristão que está em necessidade, mesmo quando nós mesmos estamos padecendo necessidades? Porventura o cristão deveria comprar sapatos para os filhos de outra pessoa se os seus próprios filhos andam com os pés descalços? Deveríamos dar livremente, sem avaliarmos quem é o “próximo”? Wesley respondeu a essas perguntas da seguinte forma: “Dê e empreste tanto (e não mais, porque Deus nunca se contradiz) quanto está em concordância com as obrigações com os seus credores, a sua família e os da família da fé”.¹²

O dilema causado pelo conceito de morrer e dar é tantas vezes resolvido ao se buscar expressar verbalmente o amor, mesmo expressões de piedade pelos pobres e cartas de condolências pelas pessoas em necessidades. João sabia disso e advertiu contra isso. **Não amemos de palavra, nem de língua** (18). Ele quer dizer que não deveríamos amar **de palavra** como a única expressão do nosso amor, **mas por obra e em verdade**. Ele poderia ter dito: “Não ame de palavra” como a única expressão do amor. Ações sempre são necessárias, enquanto expressões verbais de amor podem ser dispensadas, contanto que se ame em verdade, “a realidade do amor interior”.¹³ A expressão **em verdade** é colocada em contraste com **de palavra**. O ato sempre deve vir acompanhado da verdade. “Não vamos colocar nosso amor em palavras ou em discurso, mas em ações, e torná-lo real” (Moffatt).

O dilema também pode trazer uma certa falta de confiança no cristão, no sentido de ele questionar se expressou o seu amor de maneira apropriada ou se o seu amor foi genuíno. Como alguém pode saber se ele é **da verdade**? (19). Como ele pode ser tranquilizado em seu coração? De que maneira ele pode ser protegido da autocondenação? A resposta é encontrada no conhecimento pessoal do seu relacionamento com Deus. **Conhecemos** é uma das pedras fundamentais no testemunho de João do evangelho. A segurança de ser **da verdade** é uma marca do cristão.

A resposta dada por João se torna mais clara quando ligamos a primeira parte do versículo 20 ao versículo anterior: “Assim saberemos que somos da verdade; e tranquilizaremos o nosso coração diante dele quando o nosso coração nos condenar. Porque Deus é maior do que o nosso coração e sabe todas as coisas” (NVI). Deus é maior no sentido de ternura e compreensão. “O pior que está em nós é conhecido por Deus [...] e mesmo assim Ele cuida de nós e deseja ter comunhão conosco”, e “Ele ‘observa tudo’ — vê as coisas mais profundas e essas são as coisas reais. Esse é o verdadeiro teste de um homem: O que está mais ao fundo realmente é o melhor?”.¹⁴ A resposta a qualquer sentimento de condenação, quer seja real e merecido, quer um falso sentimento de culpa de uma confusão devido a certas circunstâncias, é encontrada em nosso próprio coração. O coração geralmente é comparado à nossa consciência (de acordo com a NEB).

Podemos parafrasear a declaração de João dessa maneira. Quando nosso coração nos condena podemos ser tranquilizados de duas maneiras. Se a condenação é injustificada, Deus sabe e não nos condenará. Nem todo sentimento de culpa é resultado de desobediência à vontade de Deus. Às vezes é resultado de confusão, de medo ou certos tipos de perturbações mentais que provocam sentimentos de culpa. Será que João detectou sintomas de neuroses entre os “amados”? Quer o sentimento de culpa

seja conseqüência de pecado cometido, quer de perturbação mental, **Deus [...] conhece todas as coisas**. Ele conhece o intento mais profundo e sincero do coração e separará o real do imaginário.

Da mesma maneira, **se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus** (21). Aqueles que ensinam que alguém não pode ter uma consciência clara diante de Deus — que a afirmação de perdão consciente e de purificação é sinal de orgulho — não entenderam João corretamente. É possível ter uma consciência “isenta de ofensa” e um forte sentimento de filiação a Deus. É isso que João afirma. O perdão pode ser tão real quanto a culpa.

A confiança em Deus e a fidelidade na oração estão sempre intimamente ligadas. É por isso que João escreveu: **qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos** (22). Temos confiança **porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista**. Isso não significa que a vida cristã sempre será fácil. “O mandamento de Jesus é difícil, muito difícil, para aqueles que tentam opor-se a ele. Mas para aqueles que voluntariamente se submetem, o jugo é fácil e o fardo é leve”.¹⁵ As coisas que são agradáveis a Ele nem sempre podem ser agradáveis a nós. Amar “por obra e em verdade” é muito mais do que fazer um favor ocasional que vem à mão e é facilmente cumprido. É fazer aquilo que sabemos que Ele quer que façamos, mesmo quando sabemos que isso pode nos custar muito. Com esse tipo de confiança é que Bonhoeffer voltou à Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial para participar dos sofrimentos do seu povo e morreu como mártir em decorrência da sua fé. Esse tipo de obediência é uma parábola do próprio Deus que se tornou homem para levar os pecados da humanidade na cruz. É por isso que a obediência à vontade de Deus é a base da nossa segurança e o fundamento da oração de fé.

Amar “por obra e em verdade” (v. 18) é estar a serviço de Deus, dando um copo de água, fazendo a vontade de Deus, respondendo ao seu chamado. De várias maneiras, Deus pede para que todos os cristãos O sirvam, mas Ele chama alguns em particular para o ministério cristão. Tradicionalmente, esse chamado tem sido cumprido por meio de canais regulares da Igreja, por meio da pregação e ministério pastoral, pelo ministério missionário ou por outras atividades de tempo integral dentro dos parâmetros da Igreja organizada. Mas há um sentido mais universal da vocação cristã. É a resposta do nosso amor no dia-a-dia às necessidades de outros.

Essa expressão de amor obediente é, acima de tudo, a aceitação de que somos embaixadores de Cristo diante de qualquer circunstância. Nem sempre somos chamados para seguir um método de testemunho prescrito, mas somos chamados para manifestar a atitude e o comportamento de um representante do evangelho. Isso requer uma compreensão clara do que significa se tornar um homem ou uma mulher de Deus e uma abertura à orientação do Espírito Santo. Conseqüentemente, haverá uma resposta adequada do amor cristão, uma palavra apropriada, um ato de bondade e o representar Cristo no meio do mundo. É muito fácil acomodar-se por menos — trocando o difícil por aquilo que é agradável. É estranho como podemos às vezes equiparar a alegria cristã com o fazer apenas aquelas coisas que gostamos de fazer. Cristo nunca prometeu que o serviço cristão sempre seria agradável. Ele também não prometeu que seus seguidores seriam poupados de dor ou tribulação que fazem parte de uma vida normal nesta terra. Mas Ele disse que o homem que é motivado pelo amor não medirá

esforços para cumprir o que está à sua frente. A longevidade e as coisas materiais podem em si mesmas ser más a não ser que sirvam aos ditames do amor cristão.

A essa altura, nosso espírito está pronto para pregar. Permitamos que Cristo seja nosso Exemplo e nosso Modelo (Fp 2.5-8). 1) Ele “aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo” deliberadamente e por escolha. Ou, como Phillips traduziu: Ele “despiu-se de todos os privilégios ao consentir ser escravo por natureza”. Então foi 2) “achado na forma de homem”, quer na alegria ou na dor, quer no prazer ou na fadiga, quer entre amigos ou entre inimigos, 3) Ele foi “obediente” — “vivendo uma vida de completa obediência” (Phillips) — à vontade de Deus, mesmo que isso o levasse à morte na cruz. Esse é o preço do discipulado”.

Qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos. Esse versículo (bem como João 14.14: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”) é muitas vezes citado como que dando a impressão de que orações devem ser verbalizadas de tal maneira que garantam a sua resposta. A oração que emana da obediência a Cristo, que não conhece volta, não precisa que sua resposta seja garantida. Esse versículo não significa que tudo que pedirmos será automaticamente dado. **Qualquer coisa** refere-se ao que João está discutindo — as coisas concernentes ao nosso relacionamento com Deus. O apóstolo está mostrando como um homem pode viver na certeza de que a graça de Deus, embora seja uma “graça preciosa”, será abundantemente suprida. A oração ou petição mais eficaz é feita por meio de uma vida de obediência voluntária.

Os versículos 23-24 ressaltam o que João disse anteriormente. O mandamento é que **creiamos no nome de [...] Jesus Cristo** (23). Isso é teologia, mas é muito mais do que isso. É um dogma que se tornou vivo; é crer tanto a ponto de apostar a vida nesse nome — o caráter — de Cristo. O mandamento é amar **uns aos outros, segundo o seu mandamento**, de acordo com o seu próprio exemplo de amor até a morte. O mandamento não é de uma autoridade exterior, mas de uma participação pessoal — não de um general que comanda seus soldados a atacar, mas de alguém que vai à frente da batalha.

Em 2.28, João exortou seus leitores a permanecerem em Cristo. Acrescenta-se aqui a promessa de Cristo de permanecer no cristão. Além disso, o ministério do Espírito Santo é introduzido como um tema novo. Toda a passagem assemelha-se com partes do último discurso de Cristo a seus discípulos (João 14—17). Como naqueles capítulos, Deus e Cristo e o Espírito habitam no cristão. Isso não é uma teologia confusa, antes uma genuína experiência cristã e também uma das menções bíblicas mais claras da Trindade.

SEÇÃO IV

A FONTE DE FILIAÇÃO

1 João 4.1—5.12

A. VERDADE E ERRO, 4.1-6

“Um dos dons que de acordo com o apóstolo Paulo é dado à Igreja pelo verdadeiro Espírito é precisamente o dom de discernir os espíritos (1 Co 12.10)”.¹ João coloca isso desta forma: **Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus** (1). Ele prossegue ao mostrar que a confissão de Jesus Cristo como o Filho de Deus encarnado é a evidência de que o Espírito Santo de Deus está agindo através do homem. “Essa demonstração é transmitida de forma a contrastar o Espírito Santo, que testifica de Cristo e a favor de Cristo, com o espírito do mundo e do Anticristo, que não somente se opõe a esse testemunho, mas espalha a mentira que lhe é oposta”.²

Existem muitos espíritos no mundo, tanto bons como maus, e precisa-se encontrar algum critério para julgá-los. Há o **Espírito de Deus** (2) e o **espírito do anticristo** (3), cada um possuindo e manifestando-se por meio das pessoas. Mateus fala de “falsos cristos e falsos profetas” (Mt 24.24). João está se referindo, sem dúvida alguma, àqueles mencionados em 2.18-27, que são denominados de “muitos anticristos”, que “saíram de nós, mas não eram de nós”. “Aquele que nega que Jesus é o Cristo” é “mentiroso” e também “nega o Pai e o Filho”.

Há um poder diabólico e sobrenatural, bem como um poder justo e sobrenatural, operando no mundo e na vida das pessoas. Também há falsos profetas que transformam em mau o que é bom. Alguns podem ser encontrados na igreja — aqueles que substituem a vitalidade do Espírito de Cristo pela religião institucionalizada e aqueles que substitu-

em evangelho de Cristo pelo humanismo. Há também aqueles no mundo que trocam o amor de Deus pelo amor ao poder, “salvadores políticos que encarnam o demonismo que claramente participam do mal”.³ “A variedade e a popularidade dos falsos profetas contemporâneos não deveria nos surpreender; continua sendo verdade que ‘o mundo os ouve’ (v. 5). Em cada geração, a mentira luta contra a verdade, o mal contra o bem, os falsos profetas contra os verdadeiros profetas, o espírito do Anticristo contra Cristo”.⁴

O verdadeiro profeta **confessa que Jesus Cristo veio em carne** (2). **Jesus** refere-se à sua natureza humana e **Cristo** à sua natureza divina e, assim, os dois juntos tornam-se a expressão da Encarnação. **Veio em carne** não deve ser interpretado como “veio para dentro da carne”. Cristo não desceu [...] em um homem já existente, mas veio em natureza humana; Ele ‘tornou-se carne’ ”.⁵ João está dizendo que a Encarnação não é somente o foco central do evangelho mas também reúne em seu significado mais amplo as outras grandes verdades doutrinárias tais como o nascimento virginal, a crucificação e a ressurreição. A Encarnação é o credo essencial do cristianismo; com base nessa doutrina, tudo que se chama cristão permanece em pé ou cai.

Em um certo sentido, então, estamos dizendo que a Encarnação é um credo, mas muito mais do que um credo. Ela é uma formulação de fé, mas também é um fato histórico, o de que **Cristo veio em carne**. A religião cristã é fundamentada em um evento histórico, no ato culminante de Deus na redenção. Deus tornou-se homem. Sua relação com o homem é, portanto, ativa e dinâmica. Reconhecer a Encarnação é entrar nessa atividade de Deus, envolver-se naquilo que Deus tem feito e está fazendo, ser um participante e, assim, uma testemunha viva da doutrina cristã da salvação. O perdão é mais do que uma libertação legal da culpa; é tomar parte de uma nova vida em Cristo, ou seja, participar ativamente no Reino de Deus na terra.

Em contraste com os falsos profetas, João diz: **sois de Deus** (4), e: **Nós somos de Deus** (6). **O mundo** (5) dá ouvidos aos falsos profetas mas não ouve o ensino de João. Todavia, Deus ouve e confirma sua verdade: **Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro** (6). **O espírito da verdade** é o Espírito de Deus.

O cristão participa na Encarnação pelo habitar do Espírito. Esse é o “permanecer” tratado no capítulo 3 e também no versículo 13 do capítulo em análise. Ele é o “consolador”, “o Espírito da verdade”, que Jesus prometeu aos seus discípulos, dizendo: “[Ele] habita convosco e estará em vós” (Jo 14.17). Dessa forma, João constrói um caso sólido por meio do qual o cristão pode estar seguro do seu relacionamento com Deus e pode distinguir entre a verdade e o erro.

Encontramos aqui uma bela flexibilidade dentro da rigidez. A doutrina cristã é tão inflexível quanto a própria verdade; ao mesmo tempo, de acordo com João, ela requer concordância em um único ponto inclusivo — a Encarnação. Temos coragem em segui-lo nisso? Ele estabeleceu um único critério, enquanto a Igreja tem multiplicado seus dogmas, que têm provocado divisões em vez de unidade. Um retorno à Encarnação como a verdade central e essencial, tanto em credo quanto em experiência, levaria a Igreja de volta ao evangelho e à sua simplicidade dinâmica. Pense o que iria acontecer se esse grande princípio de amor fosse colocado em prática no mundo dos homens e nações! Os resultados são garantidos, **porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo** (4). João ressalta aquilo que era fundamental na doutrina e essencial na experiência para se alcançar o conteúdo espiritual.

B. O AMOR É DE DEUS, 4.7-12

Os versículos 1-6 são uma ampliação da primeira parte do texto encontrado em 3.23: “que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo”. A segunda parte do texto: “e nos amemos uns aos outros” é desenvolvida nessa seção.

Um dos resultados do dom do Espírito é o amor fraternal. Em 2.7-11, esse tema é discutido como o resultado de caminhar na luz. Em 3.10-18, ele é tratado como uma marca particular do cristão. Na passagem atual, “ele aparece como um dom do Espírito de Deus, um contraste ao espírito anticristão, e, acima de tudo, como uma emanção do próprio Ser de Deus”.⁶ Isso pode ser chamado de base tríplice do amor perfeito.

Amemo-nos uns aos outros (7) é mais do que uma exortação. Ela flui naturalmente da afirmação de que **a caridade** (amor) **é de Deus**. Esse amor não depende da qualidade dos seus objetos. Se um homem tem comunhão com Deus, é nascido de Deus e caminha na luz, invariavelmente amará os outros porque **a caridade é de Deus**.

Embora João provavelmente esteja se referindo ao amor pela comunidade cristã, o amor pelas pessoas em geral não pode ser excluído. O amor, então, torna-se um teste do nosso relacionamento com Deus. O apóstolo não diz que todo aquele que é nascido de Deus manifesta amor, mas que **qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus**. Com isso, “ele certamente não quer dizer que em cada pessoa que sente uma onda repentina de amor emotivo — homem por mulher, mãe por filho — haja um sinal do amor divino, indicando uma vida dada por Deus. Pode haver alguns elos entre as formas mais elementares de amor [...] e o amor divino, mas não é o que o nosso autor está procurando transmitir”.⁷ Uma distinção deve ser observada entre o que chamamos de amor natural e amor cristão, embora a diferença nem sempre possa ser prontamente discernida. Conheci um homem, um incrédulo confesso, que demonstrou ao longo dos anos um amor e devoção à sua esposa doente e inválida que eu nunca vi ser superados no meio cristão. A única resposta para o dilema que essa observação levanta é que esse amor não foi manifesto em nenhuma outra área da sua vida. Talvez essa seja a distinção que procuramos.

É mais fácil entender a expressão **Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é caridade** (8). A expressão **Deus é caridade** se equipara com a expressão anterior de João: “Deus é luz” (1.5). Essa afirmação “não expressa uma qualidade que Ele possui, mas uma que envolve tudo que Ele é”.⁸ Isso não é o mesmo que dizer “amor é Deus”. De acordo com João, expressões de amor das pessoas em geral são inferiores ao amor cristão se não estiverem fundamentados na revelação de Deus em Jesus Cristo. “Se tomarmos as duas definições [Deus é luz e Deus é caridade] juntas, chegaremos à conclusão de que nenhuma ação de Deus é concebível que não tenha como alvo a demonstração de amor”.⁹ Esse autor continua: “Se, então, luz e amor são tão inseparáveis [na] natureza divina quanto forma e matéria [em] qualquer coisa material, segue-se que todo aquele que é nascido de Deus deve ser participante dessa luz e desse amor”.¹⁰

João afirmou diversas vezes que o relacionamento com Deus é um relacionamento de conhecimento (2.4, 13,14; 3.6; 4.7). Em sua afirmação **Deus é caridade**, ele fala de um verdadeiro conhecimento de Deus, da própria natureza de Deus e não de um conhecimento *acerca* de Deus. Essa natureza foi manifestada em Jesus Cristo. Ela se manifesta especialmente **para conosco** (9; os crentes) porque nós a recebemos. Onde não há recepção não há revelação. Aqueles que andam na luz são capacitados a saber que **Deus é caridade**.

O versículo 9 nos mostra que o amor de Deus em Cristo tinha um objetivo. Cristo era o seu instrumento enquanto o homem era seu objeto de contato no mundo. “Deus amou de tal maneira” que **enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos**. Em Cristo, vemos o amor de Deus. Por meio de Cristo experimentamos esse amor. “Somente quando o Cristo por nós é realmente o Cristo em nós, exaurimos o significado de [Deus é caridade]”.¹¹

O amor de Deus pelo homem não é uma reação ao nosso amor. A resposta é nossa. Nosso amor depende do seu amor e é o resultado desse amor. Em Cristo, Deus amou a estranha criatura pecaminosa chamada homem e reconciliou-se com ele. (Veja comentário em 2.2). Na Encarnação, Deus não se tornou favoravelmente inclinado ao homem. Isso podia ser alcançado por meios muito mais fáceis e é amplamente demonstrado no Antigo Testamento. Mas ao tornar-se homem, Deus reconciliou o homem consigo mesmo — Ele fez o que o homem não podia fazer.

No versículo 11, pela segunda vez nesse capítulo, João usa o termo afável **Amados** (*agapetoi*). Esse termo atrai uma atenção devota e traz no seu âmago a força de uma súplica. **Se Deus assim nos amou** — e Ele o fez — **também nós devemos amar uns aos outros**. O amor de Deus não serve somente como exemplo adequado, mas também como uma causa estimulante. Nosso amor deveria fluir naturalmente do amor de Deus que experimentamos.

Ninguém jamais viu a Deus (12). Isso parece, num primeiro momento, ser uma intrusão na seqüência de idéias. O autor está provavelmente advertindo seus leitores a não tentarem conhecer a Deus de nenhuma outra forma exceto da forma que ele está descrevendo. Muitas pessoas têm procurado encontrar a Deus e muitos têm afirmado conhecer a Deus de uma perspectiva mais clara do que na Igreja cristã. João está dizendo que todas essas tentativas falharam. Podemos aprender algumas coisas a respeito de Deus por intermédio da pesquisa, mas o Pai não pode realmente ser conhecido exceto por intermédio da sua auto-revelação como amor em Jesus Cristo.

A vitalidade do nosso relacionamento com Deus é demonstrada no amor fraternal, porque o amor somente pode vir de Deus. “Que verdade maravilhosa saber que o amor de Deus estará *em* nós e se tornará nosso amor pelos outros”.¹² Por meio do nosso amor uns pelos outros, sabemos que Deus por meio do seu Espírito **está em nós**. E pelo exercício desse amor, **em nós é perfeita a sua caridade** (12). Não é o amor de Deus por nós que é aperfeiçoado. “Tudo que é completo em sua espécie é perfeito”.¹³ Em vez disso, “Quando o amor de Deus por nós passa a estar em nós, isso é semelhante ao efeito que a magnetita dá à agulha, inclinando-a em direção ao pólo”.¹⁴ O significado dessa última cláusula do versículo 12 é que nosso amor pelos irmãos se manifesta de forma mais completa.

C. DEUS É AMOR, 4.13-21

Os quatro primeiros versículos dessa seção são uma recapitulação do que veio antes. O versículo 13 resume os versículos 1-12 e é semelhante a 3.24. Os versículos 14-16 resumem os versículos 1-6 e 7-12. Nesses versículos (13-16), o autor reafirma as bases da segurança cristã. A primeira é o dom do **seu Espírito** (13). Aqui está a Presença divina que Jesus disse que pediria ao Pai para enviá-la aos seus seguidores (Jo

14.16). Essa presença do Espírito Santo é um testemunho subjetivo profundamente satisfatório de que pertencemos a Deus. João então mostra “seu cumprimento no testemunho exterior de Cristo como Salvador”:¹⁵ **vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador do mundo** (14). Isso se refere à afirmação anterior de que a Encarnação é o principal dogma cristão. Dessa forma, nossa segurança tem um caráter tanto subjetivo quanto objetivo.

No versículo 16 o autor reverte a ordem — colocando a evidência objetiva em primeiro lugar — quando diz que **nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem** (“por nós) e que foi aperfeiçoado em nós. João diz: “Nós conhecemos, ficou claro para nós, que o amor divino habita em nós; e, depois de saber isso, também o compreendemos pela fé”.¹⁶ O conteúdo da confissão cristã “é nada mais do que o amor de Deus, manifestado na vida encarnada e na morte de Jêsus”.¹⁷ A essência do conhecimento de Deus por meio da experiência pessoal é a posse interior do amor de Deus. **Quem está em caridade está em Deus, e Deus, nele** (16). O habitar do Espírito Santo (v. 13, cf 3.24) é também o habitar do amor, que resulta no amor fraternal (v. 11). “O homem natural não consegue crer nem amar. No seu estado caído e não remido, ele é cego e egoísta. Somente pela graça do Espírito Santo, que é o Espírito da verdade e cujo primeiro fruto é o amor (Gl 5.22) é que alguém pode crer em Cristo e amar os outros”.¹⁸ A verdadeira causa de todo nosso amor é o fato de que **Deus é caridade**.

Nos versículos 7-8, o conceito de que “Deus é amor” está associado ao conhecimento de Deus. No contexto atual, ele está associado com a natureza de Deus. **Caridade** (*ágape*, amor) denota essência e habita no cristão como resultado de uma experiência sobrenatural com Deus. Não devemos entender isso como algo que entra em nós para residir como uma entidade separada; também não é um dom que pode ser removido tão facilmente como foi dado. Em vez disso, esse amor é um tipo de fusão envolvendo a natureza de Deus e a natureza do ser humano, por meio de uma experiência viva.

Essa é a experiência do amor perfeito, a segunda obra da graça, que é o marco da tradição teológica de Wesley. Essa é a perfeição cristã, e João é um dos mais poderosos defensores nas Escrituras dessa experiência de união com Deus. Para o cristão, isso é viver no amor e viver em Deus, e Deus nele. Esse amor de Deus que habita em nós deve ser aperfeiçoado em nós. Não é o cristão, como pessoa, separado de Deus que é tornado perfeito mas, sim, o amor de Deus nele.

Visto que Deus é perfeito e o amor é a sua natureza, em que sentido deve o seu amor se tornar perfeito em nós? A resposta deve ser entendida em relação ao propósito para o qual esse amor foi dado. Deus não derrama seu amor em nós para ser consumido por nós. O amor voltado para si mesmo é autodestrutivo. Deus nos ama para que possamos amar os outros. Seu amor em nós é aperfeiçoado quando se torna amor fraternal (2.5; 4.12). Poucas vezes o apóstolo fala do nosso amor por Deus e quando o faz, isso ocorre de maneira indireta (4.10, 19,20). Para João, os três aspectos do amor são os seguintes: 1) Deus nos ama; 2) seu amor habita em nós 3) e amamos os irmãos.

Essa experiência do amor perfeito nos dá confiança para o **Dia do Juízo** (17). Nesse sentido, somos semelhantes a Cristo, **porque, qual ele é, somos nós também neste mundo**. Quer seja o julgamento final, quer o julgamento do dia-a-dia que enfrentamos aqui, a pessoa que é motivada pelo amor não teme esse julgamento: **Na caridade, não há temor; antes, a perfeita caridade lança fora o temor** (18). Esse amor que lança

fora o temor pode ser melhor entendido na crucificação de Cristo. “Comunhão com Deus é o habitar perfeito do amor divino em nós. Isso nos torna semelhantes a Cristo. De acordo com essa conformidade com Ele seremos finalmente julgados; e se a temos, também temos a confiança no último dia”.¹⁹

Falando acerca desse ponto, Bengel diz: “A condição do ser humano é variada: sem medo e sem amor; com medo mas sem amor; com medo e com amor; sem medo mas com amor”.²⁰ O medo traz consigo a expectativa da retaliação, a certeza do julgamento. “Podemos amar e reverenciar a Deus simultaneamente (cf. Hb 5.7), mas não podemos nos aproximar dele em amor e ocultar-nos dele com medo ao mesmo tempo”.²¹ “A presença de medo é um sinal de que o amor não está aperfeiçoado”,²² mas **a perfeita caridade lança fora o temor**. O temor abre espaço para a confiança e segurança quando, e somente quando, o amor é perfeito (*teleia*), quando “penetra e preenche toda a vida e ser do homem”.²³

Nós o amamos porque ele nos amou primeiro (19) resume o que foi iniciado no versículo 8. **O** não é encontrado no texto grego e deveria ser lido: **Nós amamos**. Isso não exclui o amor por Deus, mas amplia o conceito para incluir o amor pelos outros. O verbo **amamos** (*agapomen*) pode estar no indicativo (amamos) ou no subjuntivo exortativo (“amemos”, como no versículo 7). As melhores traduções favorecem o indicativo. “O pensamento é que o impressionante amor de Deus em Cristo é a inspiração de todo amor que ‘circula’ em nosso coração. Ele desperta em nós um amor responsivo — um amor agradecido por Ele, que se manifesta no amor pelos nossos irmãos”.²⁴ Além do mais, “nosso amor deve sua origem ao amor de Deus, do qual é uma emanção”.²⁵

Voltando-se agora para a forma de pergunta que ele usou no primeiro capítulo, João novamente elabora um teste de amor. **Quem não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?** (20). O apóstolo não tem a intenção de rebaixar o nosso amor pelo irmão em comparação com nosso amor por Deus. Em vez disso, ele está dizendo que nosso amor por Deus encontra seu teste de validade em nosso amor pelos outros. Talvez é por isso que, até esse ponto, João não mencionou diretamente nosso amor por Deus. Esse amor é inexistente se não for acompanhado pelo amor fraternal. “Minhas obras de caridade ao meu próximo devem, de fato, brotar do amor a Deus; mas não há forma de provar o nosso amor por Ele através de atos ou de modo invisível, sem esse elemento mediador”.²⁶

Isso ocorre porque Deus mandou **que quem ama a Deus, ame também seu irmão** (21). O versículo 21 pode ser uma referência ao resumo da lei mosaica em amar a Deus de todo o coração e o próximo como a si mesmo (cf. Lv 19.18; Dt 6.5; Lc 10.27). João entende esse mandamento como o mandamento do amor (veja comentários em 2.7-8). O amor, fazendo parte da própria natureza de Deus, contém sua própria motivação para sua auto-expressão em outros. É da natureza do amor expressar-se a si mesmo. No entanto, visto que o ser humano continua humano e falível, a ordem de amar os irmãos em palavra e obra deve ser continuamente colocada diante dele.

O amor de Deus aperfeiçoado em nosso coração e vida deve encontrar sua expressão em nosso amor por outros, “primeiramente, porque é somente ao amar nosso irmão que vemos [...] para que possamos exercitar o amor com o qual Deus nos amou primeiro [...] em segundo lugar, porque em amar nosso irmão, estamos obedecendo ao mandamento daquele que professamos amar [...] em terceiro lugar, porque em amar nosso irmão, amamos aquele que é gerado por Deus”.²⁷

Por trás do pensamento de João, a essa altura, encontra-se a forma de um homem, o Deus-homem, nosso Irmão mais velho, que é o objeto principal do amor de todos que são nascidos de Deus. O apóstolo pode ter pensado: Se não amamos a Cristo, que vimos e ouvimos e tocamos (1.1-3), como podemos amar a Deus, que pode ser visto somente em Cristo? Ele não menciona o nosso amor por Cristo, que é o foco do amor de Deus pelo ser humano. Mas, certamente, João diria que nosso amor por Deus e pelo ser humano pressupõe nosso amor por Cristo. “De muitas formas, podemos ser muito imperfeitos, mas se amamos a Deus [e o ser humano] com toda a capacidade que possuímos, somos perfeitos de acordo com as Escrituras”.²⁸ Thomas Cook diz: “A única perfeição possível na terra é a perfeição do amor, do motivo e da intenção”.²⁹

D. A FÉ É A VITÓRIA, 5.1-5

Na frase **Todo aquele que crê** (1), o sujeito do verbo é *pas*, “todos” ou “cada um”. Esse termo é muito mais forte do que se o autor tivesse meramente dito “ele”. O verbo é *pisteuon*, “crer”. Nas passagens anteriores em que testes similares são empregados (4.2, 15), o verbo é “confessar” (*homologeí*). Esse termo era usado como uma expressão verbal de fé para dar evidência exterior de que as pessoas eram verdadeiramente cristãs. Nesse capítulo atual, é o testemunho interior da filiação divina que está sendo questionado e, dessa forma, é usado o verbo para crer. Uma mera compreensão e declaração verbal da verdade não incluem tudo que está envolvido em ser um participante da vida de Deus em Cristo. Aquilo que é exterior deve tornar-se interior. Com a boca o homem confessa, mas com o coração ele crê.

No entanto, esses dois conceitos não deveriam ser colocados em contraste. “Ao confessar, o crente toma posição, compromete sua vida, declara ser verdade o que crê, afirma sua lealdade completa e contesta toda afirmação falsa contra sua vida. A confissão de fé é o selo da fé e a coragem da fé”.³⁰

Esse tipo de confissão, que João requeria da parte dos cristãos, era necessário por causa dos enganos gnósticos com os quais se defrontavam. A Igreja foi forçada a tomar partido em assuntos-chave, e era importante que suas crenças fossem colocadas em termos compreensíveis. Há evidências desses primeiros credos no Novo Testamento, que resultaram não só da defesa contra heresias, mas também da necessidade de pregação e ensino.³¹ Esse era um crescimento natural dentro da Igreja porque a adoração requer algumas formas para a expressão da fé. “O que não pode ser analisado com cuidado e de forma crítica e expresso com uma clareza razoável não pode requerer a lealdade completa de uma pessoa. A compreensão é necessária para que haja um compromisso completo da pessoa. Conseqüentemente, a fé deve ser falada e tornada inteligível”.³²

Todas as formulações do credo do Novo Testamento são cristológicas porque a Igreja procurou entender e expressar corretamente sua fé em Cristo. Essas declarações desenvolveram-se desde o simples “Nós cremos” no segundo e terceiro séculos até a necessidade de declarações confessionais necessárias para a salvação no sexto século. Aqui está refletida a tendência da Igreja de mover-se da simplicidade para a complexidade e da liberdade para a conformidade — da fé em Cristo como Filho de Deus para a aceitação de formas dogmáticas estabelecidas como a base de ortodoxia. Existe uma tendência de

mudar da confissão baseada na fé interior para uma confissão de aceitação mental, em que não se requer uma persuasão interior. Vemos aqui a tendência humana de desviar-se da substância para a forma, daquilo que é principal para o que é secundário. Isso pode ser encontrado em quaisquer posições intelectuais expressas — com referência a milagres, modos de inspiração divina, interpretação das Escrituras, observâncias de ritos e rituais, diferentes maneiras de forma e conduta — em vez de expressões genuínas de fé, como normativas para a fé e salvação.

João certamente procuraria nos demover de um processo que tende a cortar a força da verdadeira fé cristã. Ele coloca seu dedo no ponto nevralgico do coração do evangelho. Ele pede apenas por uma fé interior e pessoal em Cristo como o Filho de Deus, testemunhado diante do mundo — o amor de Deus no coração operando em um mundo em necessidade.

Essa é uma lição acerca de valores, colocando as coisas em sua ordem apropriada e colocando as ênfases onde precisam ser colocadas. Aqui também temos uma lição acerca da liberdade. Nada é tão livre e desimpedido quanto a fé pessoal e o amor. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres” (Jo 8.36). Nenhuma pessoa é livre a não ser que esteja livre para crer e amar.

Crer que **Jesus é o Cristo** (1) na linguagem de João é ser **nascido de Deus**. É amar a Deus e, portanto, amar os outros. Amar a Deus significa guardar os mandamentos (2.4-8) e essa é a evidência de que amamos os filhos de Deus (3.23). Nosso amor por Deus pode ser reconhecido somente à medida que o manifestamos na vida dos irmãos (3.16). Resumindo: **Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados** (penosos; v. 3). Isso não significa que as leis de Deus são de pouca importância moral. Elas não são pesadas para o cristão porque “toda a dificuldade encontra-se simplesmente na relação entre a coisa envolvida e o poder da pessoa envolvida”.³³ Aquele que está unido com Cristo percebe que seu jugo é suave e seu fardo é leve.

Para João, **o mundo** (4; cf. 2.15) é antagônico a Deus e, conseqüentemente, ao povo de Deus. Por isso precisa ser combatido e derrotado. O cristão já é vitorioso sobre o mundo em virtude de ter crido em Cristo como o Filho de Deus. Pela mesma fé, mantida e confirmada, o mundo é vencido. Mas devemos lembrar que essa fé reúne na sua significância os conceitos de andar na luz, de ser perdoado, de permanecer em Cristo, de possuir o Espírito Santo e de amar a Deus.

Vencer o mundo significa ser vitorioso em nossa própria vida sobre tudo que torna o mundo o que é em sua oposição a Deus. Significa cumprir de forma bem-sucedida a ordem: “para que não pequeis” (2.1).

Mas essa fé também inclui o amor dos irmãos, e, dessa forma, a vitória é uma vitória de amor. O amor dos irmãos transborda e empenha-se em transformar em “filhos de Deus” aqueles que são “filhos do diabo” (3.10). O evangelismo que evangeliza é a **vitória** da mais alta qualidade sobre o mundo. Onde o amor é a arma, a salvação o projétil e a vida eterna o alvo, a vitória é a ressurreição em lugar da destruição e é uma vitória certa. A melhor maneira de destruir um inimigo é ganhá-lo para a nossa própria causa. Dessa maneira, Cristo “se manifestou: para desfazer as obras do diabo” (3.8). O relacionamento total do cristão com Cristo e com o mundo, que envolve a maior parte da epístola até esse ponto, é resumido no conceito da fé. Nas palavras de Paulo, essa é uma “fé que opera por caridade” (Gl 5.6).

E. A VIDA ETERNA, 5.6-12

A Primeira Epístola de João iniciou com uma declaração concernente a Cristo, a “Palavra da vida” (1.1). Seguiu-se a descrição do relacionamento interior do cristão com Deus e com os seus irmãos, e uma discussão posterior da evidência externa desse relacionamento em obras de amor a Deus e às pessoas. Esse é um relacionamento de amor baseado na fé em Cristo como Filho de Deus. É participar da “Palavra da vida” — “a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada” (1.2) por meio do Filho. É a comunhão (*koinonia*) da qual João falou anteriormente, para a qual ele procurou levar aqueles a quem escreveu e da qual ele e os outros apóstolos compartilhavam. “E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1.3).

Essa é “a *koinonia* do Espírito [3.24; 4.13]. É uma comunidade religiosa compartilhando por meio do Espírito Santo a vida sobrenatural de Cristo”.³⁴ Ela compartilha a “vida comum” com um “propósito comum”,³⁵ uma fé comum em Cristo com um amor pelos irmãos, os aspectos interiores e exteriores da vida cristã por meio do habitar do Espírito Santo. Teologicamente, isso pode ser chamado de cristologia do Espírito na vida da Igreja.

Uma das idéias mais proeminentes nos escritos de João é o ato de testificar (v. 6; *martyria*). O evangelho é um evangelho de testemunho.³⁶ No Apocalipse, João “testificou [*emartyresen*] da palavra de Deus, e do testemunho [*martyrian*] de Jesus Cristo” (Ap 1.2). A primeira epístola inicia com o testemunho do autor: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos” (1.3) e agora próximo do final, João apresenta o testemunho do próprio Deus — o testemunho de Deus a Cristo por meio do Espírito. **É o testemunho de Deus** (9) e **o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade** (6).

A seção em estudo tem um problema textual na última parte do versículo 7 e na primeira parte do versículo 8. Essas palavras são reconhecidas pelos estudiosos do NT como um comentário marginal que se infiltrou no texto em alguma tradução primitiva. Uma distinção entre o testemunho **no céu** (7) e **na terra** (8) como é encontrada na versão King James não faz sentido no pensamento de João. Os dois versículos, de acordo com o original, deveriam ser traduzidos da seguinte forma: **Porque três são os que testificam [...] o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num** ou “e os três são unânimes num só propósito” (ARA).

Há um Testemunho principal — o Espírito Santo. Ao longo dos séculos cristãos, o Espírito tem se manifestado em cada testemunho bem-sucedido da Igreja acerca de Jesus Cristo. A Igreja tem sofrido por causa do extremismo e do zelo religioso excessivo por um lado, em que a voz do Espírito era substituída pelos credos e, por outro lado, pelo extremo que “afirma que a voz interior do Espírito Santo tem precedência sobre a palavra “externa” das Escrituras ou as resoluções dos prelados”.³⁷ Em algum lugar entre esses dois extremos, João coloca o testemunho do Espírito, firmemente fundamentado na verdade de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Essa verdade muitas vezes tende a tornar-se secundária devido à ênfase em um dos extremos.

Os dois outros testemunhos (**a água, e o sangue**) — o batismo e a crucificação de Cristo — estão subordinados ao Espírito no sentido de não conter sua própria autoridade. Houve muitos outros batismos e muitas crucificações, e mesmo o batismo e morte de Cristo passaram virtualmente despercebidos na história secular; mas a história da Igre-

ja inspirada pelo Espírito manteve esses dois grandes acontecimentos vivos e os tornou testemunhas da divindade de Jesus Cristo.

A água, e o sangue têm recebido muitas interpretações. Uma delas, já mencionada, que equipara esses dois elementos ao batismo e à crucificação de Cristo, é a mais sustentável. Uma outra interpretação sugere o batismo e a eucaristia, enquanto uma terceira sugere a água e o sangue que fluíram do lado onde Jesus foi perfurado na crucificação. Uma quarta interpretação entende que **a água, e o sangue** se referem à purificação e à redenção.³⁸

Uma heresia gnóstica dos tempos de João dizia que Jesus era somente um homem “sobre quem o Cristo desceu no batismo e de quem o Cristo saiu antes da crucificação”.³⁹ João buscou refutar esse ensinamento ao dizer que Cristo não veio apenas pela água, mas também por meio do sangue, e isso ele apresenta como testemunho da divindade do nosso Senhor. O ministério público de Cristo começou no seu batismo e foi concluído com sua crucificação. “A crucificação era a consumação da Encarnação. Não era um mero incidente na vida de um homem comum”.⁴⁰ Phillips deixa o versículo 8 muito claro: “O testemunho, portanto, é triplo — o espírito em nosso próprio coração, os sinais da água do batismo e o sangue da propiciação — e todos dizem a mesma coisa”.

Esse testemunho não deveria ser difícil de aceitar porque ele **é o testemunho de Deus** (9). Visto que somos tão inclinados a aceitar o que os outros nos contam como evidência, certamente aceitaremos esse testemunho do Espírito. Além do mais, o cristão tem o testemunho confirmador em seu coração, porque ele tornou-se participante da vida eterna de Deus. Aquele que não crê no testemunho de Deus acerca da divindade de Jesus **mentiroso o** (Deus) **fez** (10) e não pode ser considerado cristão. **Quem tem o Filho** — creu no testemunho descrito acima — **tem a vida** eterna (12). Aquele que não crê, **não tem a vida** e toda essa discussão não tem um significado real para ele.

SEÇÃO V

CONCLUSÃO

1 João 5.13-21

A. O MOTIVO DE CONFIANÇA, 5.13-17

Em outra parte da epístola, João sugere diversas razões por tê-la escrito, mas, como no evangelho, ele deixa o propósito principal para o final. No seu evangelho, ele escreveu: “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). Ele foi escrito para levar as pessoas a ter essa experiência da vida eterna. A epístola foi escrita para aqueles que crêem **no nome do Filho de Deus** (13). À luz dessa declaração, a última parte do versículo 13 — **para que creiais no nome do Filho de Deus** — provavelmente é um comentário marginal e não faz parte do texto original. Não parece razoável que João escrevesse aos crentes para que se tornassem crentes (veja as traduções da ARA e NVI). Seu propósito ao escrever essa epístola foi expresso de forma muito simples: **para que saibais que tendes a vida eterna**. O evangelho, então, foi escrito para que as pessoas pudessem ter vida e a epístola para que elas soubessem que possuem essa vida. As palavras-chave da epístola são *assegurar, confiança, saber e crer*, bem como *vida, amor e fé*.

No versículo 14, João escreve: **E esta é a confiança que temos nele**. Em três oportunidades, João falou de **confiança** (*parresia*): duas vezes em conexão com o Dia do Juízo (2.28; 4.17) e uma vez em conexão com oração (3.21). “Assim mais duas idéias-chave da epístola podem ser encontradas nessa recapitulação: ousadia para com Deus e amor fraternal; porque é o amor aos irmãos que nos leva a orar por eles”.¹

Essa **confiança** ou “ousadia” que vem do conhecimento de possuir a vida eterna resulta em uma confiança em relação à oração pelos irmãos. **Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve**. **Alguma coisa** não se refere a todos os

pedidos que fazemos, independentemente de quão apropriados possam ser; esse termo se refere, primeiramente, a qualquer coisa referente à salvação de um **irmão** (16). Temos aqui a oração intercessora e insistente. Encontramos duas limitações nesse texto: primeiro, a oração deve ser **segundo a sua vontade**. Ela é uma “identificação ativa com a vontade divina, um elevar da nossa vontade ao nível do desejo de Deus, não um tentativa de persuadir Deus para satisfazer os nossos desejos”.² Mas nem sempre é possível conhecer exatamente qual é a vontade de Deus. Nas palavras de Paulo: “não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). Contudo, em geral sabemos que é da vontade de Deus que todos gozem da vida eterna e tornem-se filhos de Deus.

Em segundo lugar, nossas orações são limitadas por aqueles por quem oramos — os irmãos. Os versículos 15-17 provavelmente se referem basicamente a alguém que pecou inadvertidamente (2.1-2) e por alguma razão persiste nesse pecado. Esse alguém continua sendo chamado de **irmão** e significa alguém que pertence à comunidade de crentes mas, que ao mesmo tempo, vive na iniquidade (v. 17).

João faz uma distinção entre tipos de pecados — alguns são **para morte** e outros não são. O pecado **para morte** não é um pecado em particular, mas um pecar habitual. “Devemos nos desfazer da idéia [...] de que ‘pecado para morte’ é um pecado que pode ser reconhecido por aqueles que estão próximos daquele que comete esse pecado [...] Ele sugere que alguns pecados podem ser conhecidos como não sendo pecados ‘para morte’: ele não diz nem sugere que todo ‘pecado para morte’ pode ser conhecido como tal”.³

Cometer o **pecado** [...] **para morte** é pecar voluntariamente e se “alguém persiste em pecar, isso acabará levando-o a um afastamento definitivo da vida divina”.⁴ Há também um pecar que **não é para morte**. A diferença está na motivação da alma. Isso pode ser ilustrado por um homem em uma escada. Uma pessoa não pode determinar a sua verdadeira condição até que descubra se está indo para cima ou para baixo. Algumas pessoas em pecado estão lutando para sair enquanto que outras permitem afundar-se cada vez mais no pecado. Deus conhece a diferença, e somos assegurados de que Ele **dará a vida àqueles que não pecarem para morte** (16).

Alguns comentaristas têm usado essa passagem para ensinar o pecado imperdoável. Não há aqui nenhuma sugestão ou implicação de um pecado ou um hábito de pecar que Deus não vá perdoar. João diz que um homem pode se afastar de Deus e continuar se afastando até que não consiga mais ouvir a Deus; ele pode andar na escuridão até que esteja fora do alcance da luz. Mas o tópico principal do apóstolo aqui é a oração, a oração intercessora, um corolário próximo do amor fraternal.

Orar assim é orar com fé, pedindo qualquer coisa, tudo pelos irmãos, mas deixando os resultados à vontade de Deus, que sabe o que está acontecendo. E para que não se pense que a incerteza por parte da pessoa que está orando pareça lançar dúvida sobre o fato do pecado ou pareça tratá-lo levemente, ele diz que **toda iniquidade é pecado** (17). O pecado também “é iniquidade” (3.4). É melhor que não saibamos o que está acontecendo no coração de um irmão; acabaríamos sendo severos demais ou moles demais com ele. Não cabe a nós conhecer e julgar. A nós cabe orar. Deus fará o restante.

A fórmula de João para a oração intercessora é ótima: 1) Ore pelos irmãos; 2) Ore em fé; 3) Ore sabendo que Deus ouve você; 4) Ore sabendo que Deus responderá de acordo com a vontade dele.

B. O CONHECIMENTO ESPIRITUAL, 5.18-21

A idéia de confiança recebe o apoio da certeza do conhecimento apropriado. Esse tema da segurança do nosso conhecimento espiritual ocorre mais cedo, e no versículo 13 ele é expresso como o propósito principal da epístola. É o conhecimento de Deus (2.3), a posse da vida eterna (3.14) e de todas as coisas necessárias para a salvação (2.20); esse conhecimento vem da obediência a Deus (2.3), do amor pelos irmãos (3.14; 5.13) e é autenticado pela habitação do Espírito Santo (3.24). Esse conhecimento é mais do que uma intuição porque pode ser provado nas experiências da vida.

Agora no encerramento da epístola, o autor ressalta mais uma vez esses fatos do conhecimento cristão — fatos concernentes ao relacionamento do cristão com Satanás e com Jesus Cristo. “Nesses últimos versículos, observamos mais vez uma ênfase nos princípios fundamentais na qual a epístola se baseia: que nós, por meio da missão do Senhor Jesus Cristo, temos comunhão com Deus; essa comunhão nos protege do pecado e nos firma em uma oposição perfeita ao mundo”.⁵

A declaração: **todo aquele que é nascido de Deus não peca** (18) é uma repetição de 3.9. A razão dessa vitória sobre o pecado é a seguinte: **o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca**. A mudança de uma letra no grego altera o significado e pode deixar uma impressão errada. Os melhores manuscritos trazem *auton* (o/ele) em vez de *eauton* (si mesmo), assim, a tradução deveria ser a seguinte: “aquele que nasceu de Deus o protege” (NVI) ou “Aquele que nasceu de Deus o guarda” (ARA). A mudança do perfeito do verbo **nascido** e **gerado** (*gegennemenos*) para o aoristo (*genetheis*) nos ajuda a encontrarmos a melhor tradução: “Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca” (ARA). É Cristo, o gerado (nascido) de Deus, que guarda o cristão. “Nossa segurança não reside no fato de nos segurarmos em Cristo, mas de Ele nos segurar”.⁶

O segundo fato do qual temos conhecimento seguro é **que somos de Deus e que todo o mundo está no maligno** (19). João usa o plural “somos”, incluindo-se a si próprio junto com todos os outros cristãos. Todos os motivos de comunhão anteriormente expressos apóiam e confirmam o fato de **que somos de Deus**. Em forte contraste, o “mundo está debaixo do poder do maligno” (NASB). O conceito **mundo** aqui é mais inclusivo do que em 2.15; além do que significa ali, a palavra aqui inclui as pessoas que são controladas pelo sistema mundial maligno. “Fica claro, portanto, que a separação entre a Igreja e o mundo deve ser e tende a ser tão completa quanto a separação entre Deus e o maligno”.⁸

A terceira declaração vai muito além das duas anteriores, que estão baseadas nela. Ela tem que ver com Jesus Cristo. **Sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento** (20). “Tanto a revelação quanto a redenção fazem parte da sua obra graciosa. Sem Ele jamais poderíamos conhecer a Deus nem vencer o pecado [...] A religião cristã é histórica e experimental”.⁹

Ele **nos deu entendimento** — o poder para compreender, a capacidade para conhecer — **para conhecermos o que é verdadeiro**. Por meio de Cristo fomos capazes de reconhecer com “uma percepção contínua e progressiva”¹⁰ as coisas que conhecemos. Possuímos aquilo a que fomos capacitados a receber e sabemos o que fomos capacitados a compreender por causa de Cristo.

Tudo que sabemos está resumido em: **conhecemos o que é verdadeiro**. Conhecemos a Deus por meio da experiência pessoal. Sabemos que Ele é real e **estamos** nele. Deus é o Pai de Jesus Cristo, em quem foi revelada a vida eterna. Temos vida eterna quando estamos em Deus, no Pai e no Filho, “que nos deu do seu Espírito” (4.13).

João conclui a epístola com seu termo favorito de afeição: **Filhinhos**. Sua exortação final parece quase fora de lugar pelo fato de não a ter mencionado anteriormente: **guardai-vos dos ídolos** (21). A advertência é sobre estar alerta contra aquilo que era um perigo presente. Em Éfeso, “cada estrada por onde seus leitores [de João] andavam e cada casa pagã que visitavam, fervilhavam literalmente de ídolos”.¹¹

Aqui está o último grande contraste de muitos encontrados nessa epístola, o contraste entre o Deus vivo e os deuses sem vida. Nesse contraste, culmina o propósito central do apóstolo, que procurou desenvolver fé no seu povo mesmo no meio de uma “geração incrédula e perversa” (Mt 17.17). O tamanho do seu sucesso é uma questão de história.

Mas, por meio dessa epístola, João continua falando a nós hoje, porque ele anuncia a Palavra viva de Deus. Seu êxito nessa tarefa depende de quão bem ouvimos e de quão bem, sob a orientação de Deus, tornamos a história atual. Amém!

A Segunda Epístola de
JOÃO

Harvey J. S. Blaney

Esboço

VIVA EM AMOR E OBEDIÊNCIA

A. Saudação, 1-3

B. A Mensagem, 4-11

C. Conclusão, 12,13

VIVA EM AMOR E OBEDIÊNCIA

2 João 1-13

A. SAUDAÇÃO, 1-3

O autor se autodenomina de **O ancião** (1; “presbítero”, *presbyteros*), embora não tenha se identificado dessa maneira na primeira epístola. O termo significa essencialmente alguém de idade avançada. É provável que ele reconhecesse sua posição entre as igrejas que estavam sob sua supervisão como o reverendo, mestre e pregador ancião.

A carta é endereçada à **senhora eleita** (*eklekte kuria*, “a senhora escolhida por Deus”, NEB) e **a seus filhos**. Duas interpretações a partir do grego entendem que o texto aqui se refere a nomes próprios. *a)* Eleita, a Amada e *b)* a eleita Kuria. O significado mais provável é que a **senhora eleita** se refira a uma igreja local e **seus filhos** (cf. v. 4) se refira aos membros dessa igreja. Essa breve carta é endereçada a uma igreja e seus membros, enviada de uma igreja irmã (e seus membros, v. 13). Ela foi escrita pelo **ancião** que naquela época estava associado à liderança da igreja que enviara a correspondência.

Parece que havia a necessidade de uma declaração de amor por parte de João: **aos quais amo na verdade**. Talvez as pessoas mencionadas no versículo 10 não tivessem mostrado nenhuma inclinação ao amor cristão. A atitude do autor foi de um “amor que é exercido na esfera mais elevada, que corresponde ao conceito mais legítimo de amor”.¹ Essa afeição foi compartilhada por **todos** os outros cristãos que conheciam a igreja. Conhecer a verdade como tem sido revelada em Cristo produz o amor fraternal. Todos eles pertencem à comunhão (*koinonia*) dos santos.²

Por amor da verdade (2) refere-se à verdade como é revelada em Jesus Cristo. Isso provavelmente se referia à vida eterna que os crentes receberam. João afirma com ousadia que essa verdade **está em nós e para sempre estará conosco**.

A saudação: **A graça, a misericórdia, a paz [...]** sejam convosco (3) “não é um desejo mas uma garantia segura”.³ “ ‘Graça’ é *ofavor* de Deus para com os pecadores; ‘misericórdia’ é a *compaixão* de Deus pela miséria dos pecadores; ‘paz’ é o resultado após a culpa e miséria do pecado serem removidas. ‘Graça’ aparece poucas vezes nos escritos de João; encontramos esse termo somente no evangelho de João 1.14, 16, 17 e em Apocalipse 1.4, 22.32”.⁴ Acerca do restante do versículo veja comentários em 1 João 3.23; 4.9, 15.

B. A MENSAGEM, 4-11

Muito me alegro (4) provavelmente reflete um contraste com o desapontamento tantas vezes experimentado na cooperação de João com as igrejas. Essa alegria era sua razão para escrever. Os membros estavam andando **na verdade** do modo como haviam **recebido o mandamento do Pai**.

A maioria das verdades nessa breve epístola é encontrada em 1 João de uma forma mais elaborada. **Novo mandamento [...]** **que nos amemos uns aos outros** (5) é o mesmo que **desde o princípio ouvistes** (6). Veja comentários em 1 João 2.7,8 e 3.23.

Os **enganadores** (7) são indubitavelmente aqueles contra quem João advertiu na epístola anterior (cf. 1 Jo 2.18-23), mas o termo **enganadores** (*planoi*) não é usado por ele em outra parte dos seus escritos. Esse termo significa vagabundo, ou corrupto.⁵ João usa o verbo cognato relativo, significando “afastar do caminho certo”, em 1 João 1.8; 2.26 e 3.7.

Esses **enganadores** são identificados pela sua falha em confessar ou testemunhar acerca da Encarnação — eles **não confessam que Jesus Cristo veio em carne**. A ARA traduz esse texto da seguinte forma: “não confessam Jesus Cristo vindo em carne”. Isso foi interpretado por Dodd como uma referência à Segunda Vinda.⁶ No entanto, parece que aqui se refere mais a um teste de discipulado já discutido em 1 João 4.2-3. Esse tipo de **enganador** também é um **anticristo**.

Olhai por vós mesmos (8) é uma advertência semelhante encontrada em Hebreus 2.1. O motivo da admoestação é **para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão**. Não está claro se os verbos deveriam estar na primeira pessoa (**o que temos ganhado**; ou “aquilo que temos realizado com esforço”, ARA) ou na segunda (“o que vocês ganharam”). “O significado é o seguinte: ‘Preste atenção para que esses enganadores não desfaçam o trabalho que Apóstolos e Evangelistas têm realizado com esforço entre vocês, mas que recebam o fruto completo dele’ ”.⁷

Todo aquele que prevarica (9), embora possivelmente não seja a melhor tradução, mesmo assim capta o significado geral: “Todo aquele que ultrapassa” (ARA) é a formulação mais correta. A NVI traz uma tradução excelente dessa passagem: “Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus”.

“João não condena o progresso teológico [...] A Teologia está para a revelação de Deus na Graça como a Ciência está para a revelação dele na Natureza”.⁸ Como a ciência continua descobrindo novas coisas no universo criado, a teologia continua descobrindo mais “dos tesouros que estão escondidos em Cristo [...] Uma teologia que é unicamente velha está morta; uma teologia que é unicamente nova é falsa [...] Devemos manter ‘o ensino de Cristo’ ”.⁹ Qualquer coisa que nega a atividade redentora de Deus, o Pai, e de Jesus

Cristo, o Filho, é falsa e não cristã. Não há “ateus cristãos”; o termo por si só é uma contradição. **Quem persevera na doutrina de Cristo**, enquanto explora suas profundezas insondáveis, **tem tanto o Pai como o Filho**.

Se alguém vem ter convosco (10) continua a referir-se aos enganadores. João insiste para que os membros da igreja não permitam que esses mestres atuem na congregação nem os ajudem. “Esse conselho do Apóstolo deve ser lido à luz das circunstâncias locais”.¹⁰ Ele não pode ser usado legitimamente como uma autorização para rejeitar todo aquele que não concordar conosco. Por outro lado, também não devemos fechar os olhos e ser tolerantes quanto aos seus ensinamentos. O teste da verdade cristã é a Encarnação. Estamos imitando a Cristo quando somos misericordiosos com todos, buscando salvá-los. Uma atitude anticristã é fomentar a heresia. “A caridade tem seus limites: ela não deve ser manifestada de tal maneira que cause dano a outros; ela certamente não deve ser manifestada de tal forma que cause mais dano do que benefício para o receptor”.¹¹ “Provai se os espíritos são de Deus” (1 Jo 4.1). **Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras** (11).

C. CONCLUSÃO, 12,13

João tinha **muito** para escrever (12). Talvez nessa breve epístola tenhamos, em forma resumida, o que ele escreveu de forma mais abrangente na primeira epístola. Dodd comenta: “Podemos tomar por certo que o presbítero realmente tem grande desejo de visitá-los, o que lhe dará a oportunidade de pessoalmente discutir essa situação espinhosa”.¹² Se essa esperança puder ser concretizada, seu **gozo** será **cumprido**.

A epístola termina com a saudação dos membros da igreja da qual João escreveu: “Os filhos da sua irmã, eleita por Deus, lhes enviam saudações” (v. 13, NEB). **Amém**.

A Terceira Epístola de
JOÃO

Harvey J. S. Blaney

Esboço

CONSTRUTORES E DESTRUIDORES DA IGREJA

A. Saudação, 1,2

B. A Mensagem, 3-12

C. Conclusão e Bênção, 13,14

CONSTRUTORES E DESTRUIDORES DA IGREJA

3 João 1-14

A. SAUDAÇÃO, 1-2

O **presbítero** (veja comentários em 2 João 1) escreve uma nota pessoal a **Gaio**, o **amado** — epíteto repetido três vezes (vv. 2, 5, 11) — **a quem, na verdade, eu amo** (1). O desejo de João pelo seu irmão amado concernia ao seu bem-estar material e físico, mas João não deveria ser acusado de ser materialista. Como ele sabia que Gaio vivia de acordo com a verdade em Cristo, ele não podia desejar uma bênção maior do que ver seu irmão ir **bem** e ter **saúde** (2), **assim como** a sua **alma** ia bem. Certamente Deus concorda que esse desejo se torne o modelo de oração para todos os que confessam o nome de Cristo.

B. A MENSAGEM, 3-12

A fonte de informação de João em relação a Gaio provinha de alguns **irmãos** visitantes (3). O testemunho deles era confiável, porque eram **irmãos** de verdade. A **verdade** habitava no seu amigo Gaio, e ele andava **na verdade**. Como ocorria nos escritos de João, a **verdade** significava receber a revelação de Deus em Cristo e compartilhar a vida eterna. No versículo 4, notamos um claro reflexo das preocupações do ministro cristão e da sua profunda gratificação: **Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade**.

Esses irmãos eram **estranhos** (5) a quem Gaio tinha prestado serviços cristãos significativos, como era o seu costume. Ele era constantemente fiel, e esses irmãos visitantes haviam reconhecido essa qualidade e comentado a esse respeito com o apóstolo. Eles notaram especialmente que o serviço de Gaio era uma obra da sua devoção leal à **igreja** (6).

Não sabemos nada mais a respeito de Gaio do que aquilo que está registrado nessa carta, mas seu caráter é revelado de três maneiras: 1) Ele foi um cristão verdadeiro; 2) Ele servia a igreja com amor; 3) Ele era hospitaleiro para com os estranhos. Essas pessoas são o sal da terra, os pilares da igreja, cujas vidas são um testemunho mais eloquente do evangelho do que meras palavras.

João gentilmente estimula Gaio a continuar a sua boa obra. Acerca desses irmãos, o apóstolo escreve: “Por favor, ajude-os em sua jornada de modo digno ao Deus que servimos” (6b, NEB). Observamos aqui um apelo ao elevado senso da cortesia cristã, sua consideração pela comunhão dos santos, seu conhecimento de Deus conforme revelado em Cristo e sua habilidade para reconhecer o verdadeiro espírito do cristianismo, mesmo em estranhos.

O apóstolo conhecia esses pregadores itinerantes, embora Gaio não os conhecesse. **Porque pelo seu Nome** (de Cristo) **saíram** (7), confiando no sustento do povo de Deus. O fato de não tomarem nada **dos gentios** (“pagãos”, NEB, RSV) não significa necessariamente “que os gentios ofereceram ajuda que esses irmãos recusaram, mas que os irmãos nunca pediram a ajuda deles”.¹

Essa ação relatada não tem a intenção de ser uma declaração de propósito da Igreja Primitiva. O versículo 8 é simplesmente um apelo para os cristãos ajudarem esses evangelistas itinerantes. Ao fazê-lo, eles se tornavam obreiros **cooperadores da verdade**. Cada verdadeiro ministro do evangelho é merecedor de sustento por parte da igreja. Não deveria ser considerado salário pelos serviços feitos mas, sim, a liberação do ministro da tarefa de sustentar a si mesmo e sua família para que possa estar livre para fazer a obra do Senhor. Qualquer igreja que não apóia seu pastor dessa maneira não está cumprindo sua responsabilidade cristã. É claro que precisa ser reconhecido que existem novas e pequenas congregações onde não é possível sustentar integralmente o pastor, mas a obrigação continua sendo da igreja no sentido mais amplo. A denominação cristã que não cuida adequadamente do sustento dos ministros que ela ordenou está colocando um fardo injusto sobre aqueles de quem se espera tanto.

Diótrefes (9), em contraste com Gaio, procurava **ter entre eles o primado** e recusava-se a reconhecer o apóstolo, que aparentemente era o superintendente. Talvez ele tenha destruído a carta que João havia escrito à **igreja**. Quatro coisas adicionais são ditas desse membro de igreja invejoso. Ele falou contra João com **palavras maliciosas** (10); ele recusou-se a receber **os irmãos** como Gaio havia feito; ele procurou impedir aqueles que seguiam o exemplo da hospitalidade de Gaio e buscava lançá-los **fora da igreja**.

Diótrefes chega próximo de representar os anticristos de 1 João 2.18-19 que haviam saído da igreja. Talvez a única diferença estivesse no fato de Diótrefes ter permanecido na congregação. Ele evidentemente tinha uma posição oficial, mas suas palavras eram **maliciosas** (*poneros*, más) e insensatas. Ele não reconhece (*epidechetai*) a autoridade de João nem **recebe** (mesma palavra grega, *epidechetai*) **os irmãos**, que podem ter sido enviados por João. Talvez Gaio fosse o pastor e Diótrefes, o principal membro da igreja.

Uma palavra deve ser dita no que tange à tensão que às vezes pode ocorrer entre o pastor e membros leigos influentes na congregação. Isso é especialmente importante quando o pastor é jovem e talvez menos talentoso ou instruído do que um membro leigo da igreja. Nessas circunstâncias, precisa ser exercitada muita graça cristã de ambas as partes para que a igreja local não seja contaminada pelo mal e venha a ser destruída.

O versículo 12 menciona **Demétrio**. Ele pode ter sido um membro da igreja, mas provavelmente fosse o mensageiro da carta (cf. v. 9) e o líder dos irmãos que Diótrefes havia se recusado a receber. Demétrio era semelhante a Gaio em atitude e reputação na igreja.

C. CONCLUSÃO E BÊNÇÃO, 13,14

A conclusão dessa epístola é muito parecida com a carta de 2 João (veja comentários em 2 João 12-13). Isso pode indicar que as duas cartas foram escritas em datas próximas, mas não há motivo para pensar que a carta referida no versículo 9 era 2 João. A esperança do apóstolo se expressa da seguinte forma: **Espero [...] ver-te brevemente** (14), provavelmente visitando a igreja. Quando isso acontecesse, ele não esqueceria o que Diótrefes fez (v. 10) — uma advertência quanto à disciplina.

Paz seja contigo (15) era a bênção cristã costumeira e significativa. **Os amigos** — não identificados — enviam saudações à igreja. João também pede para saudar os membros individualmente. Talvez seu uso de **amigos** sugira somente aqueles membros que eram fiéis a Deus e leais aos seus líderes.

Esta breve carta é uma preciosidade sobre relacionamentos pessoais na igreja. A *koinonia* ensinada na primeira epístola não era facilmente alcançada ou mantida durante o primeiro século — provavelmente não mais facilmente do que hoje. Mas o ideal foi mostrado, bem como a forma de alcançá-lo. É o caminho do amor perfeito. A comunhão precisa ser edificada sobre esse fundamento. No amor tornamo-nos “cooperadores da verdade” (v. 8).

Notas

I JOÃO – INTRODUÇÃO

- ¹ Erich Haupt, *The First Epistle of John* ("Clark's Foreign Theological Library"; Edimburgo: T. & T. Clark, 1983), vol. LXV, p. xl.
- ² Daniel Steel, *Half Hours with St. John's Epistles* (Chicago: The Christian Witness Co., 1901), p. xxi.
- ³ *The Tests of Life* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1909), p. 209.
- ⁴ A. S. Peake (ed.), *A Commentary in the Bible* (Nova York: Thomas Nelson and Sons, sem data), p. 592.
- ⁵ *The Espistle of St. John* (Londres: Macmillan and Co., 1892), p. 30.
- ⁶ *The Espistle of St. John* (The Expositor's Bible, ed. W. R. Nicoll; Nova York: Funk and Wagnalls Co., 1900), p. 75.
- ⁷ D. A. Hayes, *John and His Writings* (Nova York: Methodist Book Concern, 1917), pp. 163-72.
- ⁸ J. R. W. Stott, *The Epistles of St. John* ("The Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), pp. 24-40.
- ⁹ *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles* ("The International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1912), pp. 1-19.
- ¹⁰ *The Johannine Epistles* ("The Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper Brothers, 1946), pp. xlvii-lvi.
- ¹¹ "The Espistle of St. John", *The Expositor's Greek Testament* (Nova York: Hodder and Stoughton, s. d.), vol. V, p. 154.
- ¹² H. S. S. Blaney, "The Gospel According to St. John", *The Wesleyan Bible Commentary*, vol. IV (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), pp. 359-64.

I JOÃO – SEÇÃO I

- ¹ Dodd, *op. cit.*, p. 2.
- ² A. Plummer, *The Espistle of St. John*, "The Cambridge Bible for Schools and Colleges" (Cambridge: University Press, 1911), p. 72.
- ³ Brooke, *op. cit.*, p. 6.
- ⁴ Plummer, *op. cit.*, p. 76.

I JOÃO – SEÇÃO II

- ¹ Haupt, *op. cit.*, p. 25.
- ² *Ibid*, p. 42.
- ³ Brooke, *op. cit.*, p. 17.
- ⁴ *Ibid*, p. 18.
- ⁵ James Moffatt, *Grace in the New Testament* (Nova York: Ray Long and Richard R. Smith, Inc., 1952), p. 218.
- ⁶ Brooke, *op. cit.*, p. 23. Veja Steele, *op. cit.*, pp. 243-61.
- ⁷ *Ibid*.

- ⁸ *Ibid*, p. 26. Veja também Hastings, *Dictionary of the Bible*, vol. III, p. 665.
- ⁹ *Ibid*, p. 27.
- ¹⁰ Brooke, *op. cit.*, p. 30.
- ¹¹ Dodd, *op. cit.*, p. 31.
- ¹² David Smith, *op. cit.*, p. 174.
- ¹³ Paul W. Hoon, "First John" (Exposição), *The Interpreter's Bible*, vol. XII (Nova York: Abingdon Press, 1957), p. 230.
- ¹⁴ Plummer, *op. cit.*, p. 91.
- ¹⁵ Haupt, *op. cit.*, p. 70.
- ¹⁶ Steele, *op. cit.*, p. 34.
- ¹⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 93.
- ¹⁸ Haupt, *op. cit.*, pp. 72-81.
- ²⁰ Amos N. Wilder, "First John" (Exegese), *The Interpreter's Bible* (Nova York: Abingdon Press, 1957), vol. XII, p. 230.
- ²¹ *Op. cit.*, pp. 98-9.
- ²² Brooke, *op. cit.*, p. 41.
- ²³ Haupt, *op. cit.*, p. 95.
- ²⁴ Plummer, *op. cit.*, p. 107.
- ²⁵ F. D. Maurie, *The Epistle of St. John* (Londres: Macmillan and Co., 1881), p. 129.
- ²⁶ Steele, *op. cit.*, p. 46.
- ²⁷ Hoon, *op. cit.*, p. 238.
- ²⁸ Haupt, *op. cit.*, p. 100.
- ²⁹ Maurice, *op. cit.*, p. 129.
- ³⁰ Law, *op. cit.*, p. 149.
- ³¹ Brooke, *op. cit.*, p. 48.
- ³² Haupt, *op. cit.*, p. 107.
- ³³ Dodd, *op. cit.*, p. 41.
- ³⁴ *Ibid*, p. 42.
- ³⁵ R. R. Williams, "The Letters of John and James", *The Cambridge Bible Commentary* (Cambridge: University Press, 1965), p. 30.
- ³⁶ Plummer, *op. cit.*, p. 65.
- ³⁷ *Op. cit.*, p. 50.
- ³⁸ Brooke, *op. cit.*, p. 53. Veja "Antichrist", por Otto C. Piper, *A Handbook of Christian Theology* (Nova York: The World Publishing Co., 1958), pp. 13-7.
- ³⁹ Plummer, *op. cit.*, p. 110.
- ⁴⁰ Hoon, *op. cit.*, p. 250.
- ⁴¹ Brooke, *op. cit.*, p. 61.
- ⁴² *Ibid*, pp. 62-63.

⁴³ Plummer, *op. cit.*, p. 117.

⁴⁴ J. H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Edinburgo: T. & T. Clark, 4. ed., 1914), p. 118.

I JOÃO – SEÇÃO III

¹ Haupt, *op. cit.*, p. 153.

² Smith, *op. cit.*, p. 182.

³ Plummer, *op. cit.*, p. 121.

⁴ *Ibid*, p. 123.

⁵ Charles Gore, *The Epistles of John* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920), pp. 144-5.

⁶ Plummer, *op. cit.*, p. 128.

⁷ Haupt, *op. cit.*, p. 194.

⁸ *Ibid*, p. 203.

⁹ Brooke, *op. cit.*, p. 92.

¹⁰ Plummer, *op. cit.*, p. 131.

¹¹ R. E. O. White, *Open Letter to Evangelicals* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 92.

¹² *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, 1950), p. 34.

¹³ Haupt, *op. cit.*, p. 215.

¹⁴ Smith, *op. cit.*, p. 187.

¹⁵ Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (Nova York: The Macmillan Co., 1963), p. 40.

I JOÃO – SEÇÃO IV

¹ Stephen Neill, *Christian Holiness* (Nova York: Harper and Brothers, 1960), p. 86.

² Haupt, *op. cit.*, p. 241.

³ Hoon, *op. cit.*, p. 272.

⁴ *Ibid*, p. 273.

⁵ Plummer, *op. cit.*, p. 142.

⁶ *Ibid*, p. 146.

⁷ R. R. Williams, "The Letters of St. John and James", *The Cambridge Bible Commentary* (Cambridge: The University Press, 1965), p. 48.

⁸ Plummer, *op. cit.*, p. 147.

⁹ Haupt, *op. cit.*, p. 258.

¹⁰ *Ibid*, p. 259.

¹¹ *Ibid*, p. 262.

¹² Thomas Cook, *New Testament Holiness* (Londres: The Epworth Press, 1958), p. 52.

¹³ George Peck, *Christian Perfection* (Nova York: Carlton and Lanahan, 1842, 4. ed.), p. 25.

¹⁴ Cook, *op. cit.*, p. 76, de Lange.

- ¹⁵ Dodd, *op. cit.*, p. 115.
- ¹⁶ Haupt, *op. cit.*, p. 271.
- ¹⁷ Dodd, *op. cit.*, p. 116.
- ¹⁸ R. J. W. Stott, *The Epistles of John*, "The Tyndale New Testament Commentaries" (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), pp. 165-6).
- ¹⁹ Haupt, *op. cit.*, pp. 269-70.
- ²⁰ *Gnomon of the New Testament*, traduzido por C. T. Lewis e M. R. Vincent (Filadélfia: Perkinpine and Higgins, 1880), vol. II, pp. 802-3.
- ²¹ Stott, *op. cit.*, p. 169.
- ²² Brooke, *op. cit.*, p. 125.
- ²³ Haupt, *op. cit.*, p. 279.
- ²⁴ Smith, *op. cit.*, p. 192.
- ²⁵ Plummer, *op. cit.*, p. 153.
- ²⁶ Haupt, *op. cit.*, p. 283.
- ²⁷ Robert S. Candlish, *The First Epistle of John* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, sem data), p. 433.
- ²⁸ Cook, *op. cit.*, p. 61.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 10.
- ³⁰ John H. Leith (ed.), *Creeds of the Churches* (Nova York: Doubleday and Company, 1903), p. 5.
- ³¹ Veja Romanos 1.3,4; 10.9; 1 Co 8.6; 12.3; 15.3-7.
- ³² Leith, *op. cit.*, p. 1.
- ³³ Haupt, *op. cit.*, p. 292.
- ³⁴ Lindsay Dewar, *The Holy Spirit and Modern Thought* (Nova York: Harper and Brothers, 1959), p. 204.
- ³⁵ *Ibid.*
- ³⁶ Veja Plummer, *op. cit.*, p. 160.
- ³⁷ Henry P. VanDusen, *Spirit, Son, and Father* (Nova York: Charles Schribner's Sons, 1958), p. 82.
- ³⁸ Plummer, *op. cit.*, pp. 157-159; Brooke, *op. cit.*, pp. 132-4.
- ³⁹ Stott, *op. cit.*, p. 178.
- ⁴⁰ Brooke, *op. cit.*, p. 133.

I JOÃO – SEÇÃO V

- ¹ Plummer, *op. cit.*, p. 166.
- ² Hoon, *op. cit.*, p. 298.
- ³ Plummer, *op. cit.*, p. 167.
- ⁴ Brooke, *op. cit.*, p. 146.
- ⁵ Haupt, *op. cit.*, p. 345.
- ⁶ Smith, *op. cit.*, p. 199.

⁸ Plummer, *op. cit.*, p. 170-171.

⁹ Stott, *op. cit.*, p. 194.

¹⁰ *Ibid*, p. 195, citando Westcott.

¹¹ Plummer, *op. cit.*, p. 173.

II JOÃO

¹ Brooke, *op. cit.*, p. 170.

² Veja comentários em 1 Jo 2.3

³ Smith, *op. cit.*, p. 201.

⁴ Plummer, *op. cit.*, p. 177.

⁵ Thayer, *op. cit.*, p. 515.

⁶ *Op. cit.*, p. 149.

⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 181.

⁸ Smith, *op. cit.*, p. 202.

⁹ *Ibid*, pp. 202-3.

¹⁰ *Ibid*, p. 203.

¹¹ Plummer, *op. cit.*, p. 182.

¹² *Op. cit.*, p. 153.

III JOÃO

¹ Plummer, *op. cit.*, p., 189.

Bibliografia

A. COMENTÁRIOS

- BENGEL, John Albert. *Gnomon of the New Testament*. Trad. Andrew R. Fawcett. 4ª ed. Edimburgo: T. & T. Clark, 1860.
- BROOKE, A. E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. "The International Critical Commentary". Ed. C. A. Briggs. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1912.
- CANDLISH, Robert S. *The First Epistle of John*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d. (reed.).
- DODD, C. H. *The Johannine Epistles*. Nova York: Harper and Brothers, 1946.
- GORE, Charles. *The Epistles of St. John*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920.
- HAUPT, Erich. *The First Epistle of John*. Trad. W. B. Pope. "Clark's Foreign Theological Library". Edimburgo: T. & T. Clark, 1893.
- HOON, Paul W. "First John" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Vol. XIII. Nova York: Abingdon Press, 1957.
- MAURICE, F. D. *The Epistles of St. John*. Londres: Macmillan and Co., 1881.
- PLUMMER, Alfred. *The Epistles of St. John*. "The Cambridge Bible for Schools and Colleges". Cambridge: The University Press, 1911.
- SMITH, David. "The Epistles of St. John". *The Expositor's Greek Testament*. Nova York: Hodder & Stoughton, s. d.
- STEELE, Daniel. *Half-hours with St. John's Epistles*. Chicago: The Christian Witness Co., 1901.
- STOTT, J. R. W. *The Epistles of John*. "The Tyndale New Testament Commentaries". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1950.
- WESTCOTT, B. F. *The Epistles of St. John*. Londres: Macmillan and Co., 1892.
- WILDER, Amos N. "The First, Second, and Third Epistles of John" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick. Vol. XII. Nova York: Abingdon Press, 1957.
- WILLIAMS, R. R. *The Letters of John and James*. "The Cambridge Bible Commentary". Cambridge University Press, 1965.

B. OUTROS LIVROS

- BONHOEFFER, Dietrich. *The Cost of Discipleship*. Nova York: The Macmillan Co., 1965 (Ed. Rev. e não abreviada).
- COOK, Thomas. *New Testament Holiness*. Londres: The Epworth Press, 1958 (15ª ed.).
- DEWAR, Lindsay. *The Holy Spirit and Modern Thought*. Nova York: Harper and Brothers, 1959.
- HAYES, D. A. *John and His Writings*. Nova York: The Methodist Book Concern, 1917.
- LEITH, John H. *Creeds of the Church*. Nova York: Anchor Books, Doubleday and Company, 1963.
- MOFFATT, James. *Grace in the New Testament*. Nova York: Ray Long and Richard R. Smith, 1932.
- NEILL, Stephen. *Christian Holiness*. Nova York: Harper and Brothers, 1960.
- PECK, George. *The Scripture Doctrine of Christian Perfection*. Nova York: Carlton and Lanahan, 1842.

PIPER, Otto. *God in History*. Nova York: The Macmillan Co., 1939.

THAYER, Joseph H. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York: Harper and Brothers, 1889 (Ed. corr.).

VAN DUSEN, Henry P. *Spirit, Son, and Father*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1958.

WHITE, R. E. O. *Open Letter to Evangelicals*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.

WOOD, J. A. *Christian Perfection*. Chicago: The Christian Witness Co., 1921.

A Epístola de
JUDAS

Delbert R. Rose

Introdução

A. Autoria

Uma vez que Judas (uma forma derivada de Judá) era um nome comum nos tempos bíblicos, de que maneira podemos identificar o autor dessa carta? Dos seis Judas diferentes no NT, somente dois podem ser seriamente considerados como provável autor — Judas, o apóstolo (“não o Iscariotes” — João 14.22) e Judas, o irmão de Jesus (Mt 13.55).

Alguns acreditam que essa carta foi escrita por um Judas desconhecido e a frase “irmão de Tiago” (Jd 1) é uma interpolação posterior para elevar a autoridade da epístola. Poucos consideram a carta como pseudônimo.¹

Problemas de autoria tornam-se complicados quando alguns estudiosos — tanto no meio católico quanto no protestante — entendem que Judas, o apóstolo, (Thaddaeus — Lebbaeus) é o mesmo que Judas, o irmão de Jesus. Eles interpretam “irmão” em Marcos 6.3 (cf. Mt 13.55) em um sentido muito amplo, como que significando “parente”. Essa posição entende que as epístolas de Tiago e de Judas são de autoria dos apóstolos, os filhos de Alfeu e de uma certa Maria, uma parente próxima da Maria de Nazaré. Essa posição, no entanto, não se enquadra com Marcos 3.31 e João 6.70—7.5, que claramente indicam que, depois que os doze apóstolos foram escolhidos, os próprios irmãos de Jesus continuavam não crendo nele.

Se Judas, o apóstolo, fosse o autor da carta, será que não teria feito menção ao seu apostolado, especialmente à luz do seu alvo de combater a heresia (v. 17)? E se Tiago, o “irmão”, fosse apóstolo, porventura Judas não o teria reconhecido como tal, especialmente se seu alvo era o de a sua carta ter grande aceitação e autoridade?

Este autor concorda com Guthrie, que depois de avaliar os diversos pontos de vista — antigos e modernos —, disse que “o equilíbrio da probabilidade” favorece Judas, o irmão de Jesus, como o mais provável autor dessa carta”.²

B. Propósito

Com a clara intenção de escrever uma exposição acerca da “nossa salvação comum” (v. 3, ASV), Judas sentiu-se constrangido em mudar o seu alvo e publicar “um tratado para a época”. Sua carta é uma exortação premente (v. 3), planejada para advertir a Igreja contra certos hereges que estavam infiltrados nela. “O propósito de Judas é o mesmo do propósito principal de Segunda Pedro: exortar contra falsos mestres e encorajar à firmeza na fé”.³

O propósito imediato de Judas era claramente prático, nem por isso deixou de apresentar uma profunda base teológica. Ele refere-se à atitude dos hereges em relação a assuntos como graça, pecado, Cristo, sexo, anjos, autoridade (divina e humana), unidade cristã e acerca das “últimas coisas”.

Enquanto aponta para o julgamento que virá sobre os pervertidos e apóstatas, Judas persuade seus leitores a promover uma vigorosa “defesa da fé” ao intensificar disciplinas espirituais para si mesmos (vv. 20,21) e a preocupação evangelística para com os outros (vv. 22-33).

Dois males notórios — não sem conexão em muitos casos — incomodavam a Igreja no final dos tempos apostólicos e pós-apostólicos: 1) antinomismo e 2) gnosticismo. Judas escreve tendo em mente esses dois erros — pelo menos na sua forma primária.

1) Os antinomistas afirmavam que a graça os tinha libertado da lei moral. Eles argumentavam que, uma vez que a graça pode perdoar qualquer pecado, realmente não importa o que fazemos, porque a graça será tanto mais abundante onde o pecado é maior (cf. Rm 3.8; 6.1, 15). Dessa forma os heréticos transformaram a graça de Deus em uma desculpa para cometer todo tipo de imoralidade (vv. 4, 18, 19). Ao longo dos séculos, os antinomistas se rebelaram repetidas vezes na Igreja. E “continuam existindo muitos”, escreve William Barclay, “que em seu coração negociam o perdão de Deus, e que tornam a graça de Deus uma desculpa para pecar”.⁴

2) “O gnosticismo se expressava de diversas formas, mas seu ensino básico era que a salvação é alcançada por meio do conhecimento (*gnosis*)”,⁵ e não pela fé salvadora em Jesus Cristo. Sua suposição básica era de que o universo é dualista, composto de matéria (que é inerentemente má) e o espírito (que é essencial e absolutamente bom). Conseqüentemente, o gnosticismo não podia aceitar “plenamente a doutrina bíblica da criação, encarnação ou ressurreição”.⁶ Os gnósticos, portanto, negavam a unidade da trindade e a singularidade de Jesus Cristo como o *único* Mediador da criação, revelação e julgamento (vv. 4, 14, 15, 24, 25, ASV). Para eles, o pecado não tinha nenhuma “seriedade moral” e, conseqüentemente, não havia uma necessidade real para a obra expiatória de Cristo como a única forma de obter perdão e pureza.⁷

C. Data e Destino

Data: Eusébio escreveu na sua *História Eclesiástica* acerca de dois netos de Judas que foram intimados a um interrogatório diante do imperador Domiciano (81-92 d.C.) a respeito da sua descendência davídica e suas atividades atuais. Se Judas, irmão de Jesus, foi o autor da epístola, então ele deve ter escrito a carta antes do governo de Domiciano.

Uma vez que não é possível definir uma data específica para a carta de Judas, este comentarista concorda com Guthrie em deixar em aberto a questão relativa a quando — entre 65 e 80 d.C. — a epístola foi escrita e colocada em circulação.⁹

Destino: Não há evidências internas nem externas que nos assegurem o lugar da composição ou do destino originário da epístola de Judas. Sua saudação pessoal, no entanto, e sua descrição vívida dos “falsos irmãos” que se infiltraram na Igreja, sugerem um contato de primeira mão com eles, talvez enquanto estivesse em alguma viagem missionária (1 Co 9.5).

Alguns¹⁰ entendem que a carta foi escrita a uma “comunidade especial” de cristãos gentios, ao passo que outros acreditam que o uso do Antigo Testamento e dados encontrados em material apocalíptico judaico são uma clara evidência de que seu público alvo “provavelmente consistia de cristãos judeus”.¹¹ Essa última posição é provavelmente a mais indicada. Judas é classificado entre as “Epístolas Gerais [freqüentemente chamadas de ‘católicas’]” porque não é endereçada a nenhuma congregação específica ou individual, embora Judas tenha um público definido em mente (observe o uso de “vos” e “vós” na epístola).

D. Relação com 2 Pedro

Devido à grande semelhança entre Judas (vv. 4-19) e 2 Pedro (2.1—3.3) há uma grande discussão em como melhor explicar esse fenômeno.

Quatro, se não cinco, explicações têm sido apresentadas: 1) as duas epístolas foram escritas pela mesma pessoa — em que o autor de Judas ou de 2 Pedro ou os dois são pseudônimos; 2) cada autor — por inspiração divina — escreveu a sua carta sem fazer uso de uma fonte em comum; 3) Judas teve acesso à epístola de 2 Pedro; 4) o autor de 2 Pedro teve acesso à epístola de Judas; ou 5) possivelmente os dois autores tiveram acesso a uma mesma fonte (não mais disponível). Somente as últimas três posições têm recebido uma certa credibilidade da parte dos estudiosos.

Enquanto Charles Bigg¹² argumenta a favor do ponto de vista número três, J. B. Mayor¹³ defende o ponto de vista número quatro. Guthrie¹⁴ deixa isso como um problema literário sem solução, mostrando uma certa inclinação para a posição número três. Mas Reicke defende a posição número 5, aceitando “uma tradição comum que bem pode ter sido oral em vez de escrita”.¹⁵ Essa última solução parece plausível, especialmente quando vista à luz de Judas 3-4 e 17.

Um estudo pormenorizado de Judas ou de 2 Pedro requer uma comparação constante entre essas duas epístolas.

E. Recepção pela Igreja Primitiva

Beker expôs as seguintes razões de a epístola de Judas não ser universalmente aceita na Igreja Primitiva: seu “caráter negativo”, seu uso de literatura apócrifa e as dificuldades sobre uma clara identificação do seu autor, seus primeiros receptores e os hereges específicos aos quais ele se referiu.¹⁶ De acordo com Guthrie, um dos principais motivos de essa epístola permanecer na classe de “livros controversos” foi o “uso de livros apócrifos”¹⁷ por parte de Judas. Mas, apesar da sua brevidade e citações apócrifas, ela progressivamente recebeu um lugar sólido no cânon.¹⁸

F. Características

Embora a maior parte de Judas seja semelhante a 2 Pedro 2.1—3.3, essa carta tem seu estilo próprio e vívido. Os pensamentos de Judas são espontâneos e práticos, porém estruturados e contêm um toque de poesia (vv. 12,13). Uma das características mais distintas “é seu gosto por conjuntos de três”.¹⁹ No entanto, “a epístola não é a obra de um artista literário, mas de um profeta cristão apaixonado”.²⁰

Embora muitos chamem a atenção para a “linguagem crítica” de Judas, outros não percebem sua ênfase no amor e na misericórdia. Semelhantemente ao seu Senhor e Mestre (v. 4), ele manifesta sua aflição com um coração cheio de amor (Mt 23.13-39; Jd 3, 11, 17, 20, 21, 23).

Judas é o único autor do NT que cita o escrito apócrifo judaico chamado *O Livro de Enoque* e uma outra obra não canônica conhecida por *Assunção de Moisés*. Embora não

seja possível provar que Judas tirou citações desses livros, em vez de remontar a uma fonte comum para ele e seus leitores, a maioria dos estudiosos bíblicos acredita que ele citou essas obras quando falou da profecia de Enoque (vv. 14, 15) e da disputa de Miguel a respeito do corpo de Moisés (v. 9).

É possível que Judas tenha considerado esses livros inspirados? A maior parte dos estudiosos conservadores não acredita que ele o tenha feito. Mas, ao se deparar com a verdade nessas fontes, Judas, guiado pelo Espírito, usou-a da mesma forma que Paulo fez quando citou um poeta pagão (At 17.29), um profeta cretense (Tt 1.12) e um targum hebraico acerca de Êxodo 7.11 (quando citou Janes e Jambres, 2 Tm 3.8). O fato de Judas citar essas fontes não-bíblicas não quer dizer que as endossa nem quer nos dizer alguma coisa acerca da sua “concepção da pseudo-epígrafe judaica em geral”.²¹ Debaixo da orientação do Espírito, Judas tinha tanto direito quanto Paulo de usar fontes não-bíblicas para ilustrar a verdade.

G. Valor e Relevância Teológica

Do início ao fim, a epístola de Judas é cristocêntrica. Ele se baseia, como faziam todos os apóstolos, no único fundamento, “nosso Senhor Jesus Cristo” (vv. 1, 4, 17, 21, 25). Culminando sua epístola na nota do “único Deus, Salvador nosso” (v. 25), ele deixa amplamente claro que é teísta cristão — Deus é Um em natureza, mas Trino em personalidade — Pai (v. 1), Jesus Cristo (vv. 1, 4) e Espírito Santo (v. 20). Judas claramente sugere que o “único Deus” é Criador e Redentor, Legislador e Juiz de todo o universo. Ele é o Deus da graça e da glória (vv. 4, 24), da misericórdia e da majestade (vv. 2, 25), do amor e do julgamento (vv. 2, 6, 15, 21), da paz e do poder (vv. 2, 25), da salvação e da destruição (vv. 3, 5), do tempo e da eternidade (vv. 4, 25).

A vida cristã depende da graça expressando-se por meio da piedade — o oposto daquilo que os enganadores estavam praticando (vv. 4, 15, 16, 18). Um aspecto básico da teologia de Judas é o relacionamento inescapável entre crença e comportamento, entre o erro e a maldade, entre a fé saudável e boas obras.

As “últimas coisas” também são realçadas: a volta do Senhor (v. 14), o dia do julgamento (vv. 6, 15), o fogo eterno para os ímpios (v. 7) e vida eterna para os justos (v. 21). Ele mantém o equilíbrio necessário entre o amor e a ira de Deus, entre a soberania divina e a liberdade humana com responsabilidade *real*.

Qual a relevância de Judas? Nesta geração, com sua rebeldia e negação de Deus (e de Cristo) e com sua “nova moralidade” (que é *a antiga moralidade* de Sodoma revivida), nada podia ser mais relevante para os nossos tempos. “Enquanto as pessoas necessitarem de admoestações severas por causa das suas práticas”, escreve Guthrie, “a epístola de Judas permanecerá relevante”.²² Mais uma vez ela deverá se tornar “a cruz flamejante para despertar as igrejas” a uma ação vigorosa contra a ostensiva apostasia atual.

Esboço

I. SAUDAÇÃO, 1,2

- A. Laços Reconhecidos, 1
- B. Destinatários Identificados, 1
- C. Bênçãos Expressas, 2

II. APELO, 3,4

- A. Situação Crítica, 3
- B. Santos Batalhadores, 3
- C. Pecadores Corruptores, 4

III. APOSTASIAS, 5-16

- A. Julgamentos Passados sobre a Apostasia Coletiva, 5-7
- B. Perversões de Apóstatas Contemporâneos, 8
- C. Miguel, Modelo de Arcanjo, 9
- D. Práticas de Apóstatas Contemporâneos, 10
- E. Julgamentos Passados sobre Apóstatas Individuais, 11
- F. Julgamentos Preditos sobre Apóstatas Contemporâneos, 12-16

IV. ADMOESTAÇÕES, 17-23

- A. Lembrai-vos das Predições, 17-19
- B. Conservai-vos no Amor de Deus, 20,21
- C. Buscai Outros em Temor Piedoso, 22,23

V. A BÊNÇÃO, 24,25

- A. Cântico de Louvor dos Piedosos, 24
- B. Deus, nosso Salvador, 25

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

Judas 1,2

Na saudação de Judas aos leitores, duas características principais de uma carta do NT se destacam: o autor se apresenta e então invoca bênçãos sobre aqueles a quem escreve.

A. LAÇOS RECONHECIDOS, 1

De forma legítima, Judas poderia ter se referido ao seu parentesco próximo com Jesus, mas, preferiu escolher identificar-se como **servo de Jesus Cristo**. A palavra grega para **servo** (*doulos*), que significa “escravo”, não deveria evocar em nossa mente a posição ignominiosa que nós modernos atribuímos aos escravos. *Doulos* aqui sugere uma sujeição voluntária ao mestre. Judas professa submissão perfeita ao seu Mestre e Senhor celestial (vv. 1, 4). Ele ressalta o senhorio **de Jesus Cristo**, que pode ser reconhecido em todo documento. Essa carta foi originada por aqueles que rejeitavam, e mesmo negavam, a soberania de Jesus Cristo em suas vidas (v. 4).

Judas, de modo similar ao seu irmão Tiago, não fala simplesmente de **Jesus** ou de **Cristo** mas sempre dele como Senhor (cf. Tg 1.1; 2.1).¹ O título “Senhor” (v. 4) é a confissão de fé que Judas faz na natureza e autoridade divina daquele em quem ele não tinha crido inicialmente (Jo 7.3-5). A descrença inicial de Judas o condicionou a entender melhor aqueles que “negavam” o senhorio de Jesus.

Deixando de lado qualquer referência aos seus elos sanguíneos com Jesus, Judas prossegue chamando-se de **irmão de Tiago**, que muitos, incluindo este autor, acredita ter sido “Tiago, irmão do Senhor” (Gl 1.19). Tiago tinha se tornado bem conhecido por causa da sua importância na igreja de Jerusalém. A menção modesta de Judas como irmão de Tiago — e, portanto, também irmão de Jesus — traria o tom de autoridade necessária para uma carta tão severa como essa.

O caráter de Judas brilha por meio dessas referências a si próprio no versículo 1. “Poucas coisas”, declara William Barclay, “falam mais a respeito de um homem do que a forma como fala de si mesmo”.² Assim como o apóstolo André, Judas estava disposto a ser lembrado “pelo seu parentesco com o seu irmão bem mais famoso”.³

B. DESTINATÁRIOS IDENTIFICADOS, 1

A carta de Judas, como todas as epístolas do NT, foi dirigida a crentes professos. Ele escreve **aos chamados, queridos [...] e conservados**. Muitas traduções trazem “amados” (*egapemenois*) em vez de **queridos** ou “santificados” (*egiasmenois*) e seguem uma diferente ordem de palavras aqui. A NVI está provavelmente correta, quando traduz: “aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo”.

Os **chamados** são aqueles que, ouvindo o convite gracioso de Deus para a salvação, reagem com fé obediente. “Muitos são chamados”, mas somente os “poucos” que aceitam os termos do chamado “são escolhidos” (Mt 20.16. 22.14). E aqueles que perseverarem “até ao fim” (Mt 24.13) são descritos por João como “chamados, eleitos e fiéis” (Ap 17.14; cf. 1 Pe 1.5). Nenhum conceito é mais básico em todo o NT do que o conceito do chamado de Deus de — e para os — homens.⁴

Aqueles que atendem ao chamado da salvação tornam-se **queridos** ou “amados em Deus”. Será que esse é o amor de Judas por aqueles em Deus, o Pai, ou é o amor do Pai pelos cristãos? Mayor cita e aprova o ponto de vista de Hort de que se refere ao amor do Pai por aqueles “que foram preservados em Jesus das tentações por meio das quais outros sucumbiram”.⁵

A expressão **conservados por Jesus Cristo** ressalta as qualidades espirituais dos primeiros leitores de Judas. **Conservados** (*teteremenois*, tempo perfeito do verbo), indica que a preservação havia ocorrido até o tempo em que Judas escreveu a sua epístola. Mas Judas indica que esse processo de conservação não continuará automaticamente. Porque sua admoestação final inclui: “conservai a vós mesmos na caridade de Deus” (v. 21).

C. BÊNÇÃOS EXPRESSAS, 2

Uma vez que os primeiros leitores de Judas estavam “em Deus, o Pai, e guardados para Jesus Cristo” (v. 1, ASV), eles já estavam desfrutando de uma medida da **misericórdia [...] paz, e [...] caridade**. Sabendo que o crescimento espiritual é uma parte necessária da vida cristã, Judas apropriadamente expressa seu “desejo sincero” por um crescimento imenso dos dons da graça de Deus na vida deles. Esse avanço espiritual os equiparia para a luta crucial que estava diante deles.

Misericórdia divina (*eleos*, “a bondade imerecida de Deus”) sempre é a base sobre a qual Deus lida com seus filhos. A **paz** celestial (*eirene*, relacionamentos harmoniosos) sempre acompanha a **misericórdia** aceita. **Caridade** (*ágape*) é “uma afeição graciosa e santa, que a alma, por meio da compreensão do amor de Deus em Cristo, retribui a Deus outra vez por meio da sua própria graça”;⁶ ela não é encontrada na saudação inicial nos escritos dos outros autores do NT. Tanto a **caridade**, quanto a **misericórdia** e a **paz**, procedem de Deus. Então “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19).

Nesses dois primeiros versículos observamos o gosto de Judas pelo conjunto de três na formulação de seus pensamentos e no uso de palavras:

Judas, Jesus Cristo, Tiago
servo, “Mestre e Senhor”, **irmão**
chamados, “amados”, **conservados**
misericórdia, paz, caridade

SEÇÃO II

APELO

Judas 3,4

Embora Judas esteja prestes a expor certos “homens ímpios” que têm se infiltrado furtivamente na Igreja e estão agora sabotando sua fé e conduta, isso ocorre debaixo da cobertura da consciência e do amor (*ágape*) divino. Ele já mencionou o amor (caridade) divino duas vezes; aqui, no versículo 3, ele fala pessoalmente.

A. SITUAÇÃO CRÍTICA, 3

A atmosfera do julgamento divino que paira sobre a maior parte dessa epístola obscurece para a maioria dos leitores a atitude franca do seu autor humano. O uso de Judas de **amados** (3) — um termo que aparece mais de 60 vezes no NT — era mais do que uma palavra de transição entre a “Saudação” (vv. 1,2) e o “Apelo” (vv. 3,4) da sua epístola. Para ele, **amados** (*agapetoí*) incluía implicações pessoais e teológicas. De acordo com Cranfield, esse termo “resume o motivo central da vida cristã, indicando ao mesmo tempo o amor do orador ou do autor por seus irmãos e, por trás disso e mais importante, o amor de Deus em Cristo por todos”.¹

Toda a diligência de Judas ao escrever mostra sua seriedade e zelo pelo interesse da verdade do Senhor e pelo progresso do seu povo nessa verdade (cf. Hb 6.11; 2 Pe 1.5).

Tive por necessidade, isto é, “tornou-se uma necessidade urgente escrever-vos” (NEB). Judas sentiu-se divinamente compelido a mudar seus planos imediatamente e escrever essa carta específica.

Após desistir de escrever uma exposição **acerca da comum salvação**, Judas sentiu-se compelido a **exortar** os santos a apoiar-se mutuamente na sua situação crítica. Bengel escreveu que o alvo de Judas era emitir “um apelo sério” para um “dever duplo” — “*batalhar* seriamente em favor da fé, contra os inimigos e edificar-se a si mesmo na fé (v. 20)”.²

B. SANTOS BATALHADORES, 3

Aos santos (*tois hagiois*) era o nome que Judas dava à verdadeira Igreja (cf. At 9.13, 32, 41; 1 Co 1.2). Mayor acredita que Judas usa “aos santos” aqui como “um apelo aos irmãos a permanecerem firmes contra o ensino e prática dos libertinos”³ — aqueles “profanos” que estavam desmoralizando a Igreja.

Essa **fé** (*te pistei*), pela qual os **santos** devem **batalhar**, deve ser entendida de maneira objetiva ou subjetiva ou das duas formas combinadas? Com forte apoio entre os comentaristas, Alford entende que a **fé** aqui significa “o resumo daquilo que os cristãos crêem: *fé que é crida, não fé por meio da qual cremos*”.⁴ Mas Robertson acrescenta algo importante, insistindo que o aspecto objetivo da **fé** deve incluir “a vida moral que é a expressão dela [...] A *fé*, a religião cristã como um todo, deve ser preservada não só por uma doutrina saudável, mas também pela vida que vivem”.⁵

Pela fé que uma vez foi dada aos santos — “pela fé de uma vez por todas confiada aos santos” (NVI) — não deixa espaço para “inovações” tais como os “homens ímpios” (v. 4) estavam introduzindo. A palavra-chave é “de uma vez por todas” (*hapax*), que é aqui “usada como aquilo que foi feito de tal forma que possui validade perpétua e nunca mais precisa ser repetido”.⁶ Bengel insiste que a partícula *hapax* expressa “grande urgência”, visto que “nenhuma outra fé será dada”.⁷

Paulo, semelhantemente, ressalta essa qualidade imutável da fé cristã (Gl 1.8,9, 11,12; 2 Tm 1.13; 2.2). “Os princípios da verdade e vida cristã”, escreveu W. H. Bennett, “não eram uma moda passageira, mas permanentes e irrevogáveis [...] sempre ligados, mas o Espírito Santo guia cada geração a uma aplicação e compreensão desses princípios adequados às suas próprias necessidades”.⁸

A batalhar (“diligentemente”, ARA) — uma palavra no grego, *epagonizesthai*, que ocorre somente aqui no NT — é um termo forte, indicando uma luta ou disputa. Para o Dr. Mombert essa palavra significava “lutar, estando parado sobre uma coisa que é assaltada e que o adversário deseja tirar” — mas lutar de tal forma para protegê-la e retê-la.⁹

Judas está anunciando “uma chamada para a batalha”. Os **santos** devem “preparar-se para uma verdadeira luta pela fé” (Phillips). Wesley nos lembra que eles devem batalhar de maneira “humilde, meiga e amorosa; caso contrário, sua disputa vai somente danificar sua causa, se não destruir sua alma”.¹⁰ E as palavras de Paulo acabam com todas as “armas carnaís” nessa batalha espiritual **pela fé** (2 Co 10.3-5).

C. OS PECADORES CORRUPTORES, 4

A influência dentro da Igreja de **alguns** [...] **homens ímpios** gerou a necessidade de escrever essa epístola. Eles **se introduziram** “dissimuladamente” (NVI) — uma pa-

lavra só em grego, de *pareisduein*, significando “infiltrar-se furtivamente”.¹¹ Essa palavra, de acordo com Barclay, “sempre indica uma insinuação secreta, furtiva e sutil de alguma coisa má em uma sociedade ou situação”.¹²

Esses **alguns** [...] **ímpios** — provavelmente ainda a minoria — já estavam debaixo de **juízo** (*krima*; sentença) “há muito tempo” (NVI). Williams traduz esse texto da seguinte maneira: “Sua condenação estava escrita havia muito tempo”.¹³ **Escritos** (*prographo*) significa escrever ou descrever de antemão (cf. Rm 15.4; Ef 3.3). Judas indubitavelmente está se referindo às Escrituras do AT, que servem de base para os versículos 5-15.

Nesse caso, **escritos** não significa, como Robertson corretamente indica, “que esses homens estavam ‘predestinados’ ou ‘escolhidos’ para o juízo, mas que a condenação que esses homens trariam sobre si mesmos já havia sido sentenciada ou mesmo ‘escrita’ havia muito tempo”.¹⁴

O **juízo** que estava sobre esses **homens ímpios** era devido ao fato de se desviarem da **graça de Deus** para a **dissolução**. Essa era uma acusação severa, mas plenamente justificada. **Dissolução** (*aselgeia*) denota indecência, indisposição em refrear, excesso, mesmo brutalidade e “devassidão”¹⁵ (cf. 2 Pe 2.1-3).

Esses **homens ímpios** (*asebeia*)¹⁶ haviam corrompido o conceito da **graça de Deus** de tal forma que a usaram como um disfarce para uma “imoralidade desenfreada”. Seguindo a linha gnóstica de pensar, eles criam que seus corpos eram essencialmente maus, por isso não era muito importante o que uma pessoa fazia em relação aos seus apetites, desejos e paixões. Além disso, eles criam que a graça de Deus era suficiente para cancelar, limpar e cobrir todo pecado! Por que se preocupar com o pecado, uma vez que a graça é maior do que todo nosso pecado? Em resumo, a preciosa graça de Deus “estava sendo pervertida para justificar o pecado”.¹⁷

Judas não só condena esses homens por causa do seu método *enganoso* e da *distorção* do evangelho da graça, mas também porque *negam* a **Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo**. Nos melhores manuscritos, a palavra **Deus** está ausente no versículo 4, dando a Wesley e a outros a base para a frase: “nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo”. (2 Pedro 2.1 amplia o pensamento: “negarão o Senhor que os resgatou”.) Os cristãos primitivos consideravam Jesus o Soberano absoluto e Doador da Vida.¹⁸

No versículo 4 (e em 2 Pe 2.1), encontramos “Uma Síntese acerca da Apostasia”: 1) O Engano dos Apóstatas — infiltrando-se dissimuladamente; 2) As Distorções entre os Apóstatas — transformando a graça em motivo para continuar pecando; 3) As Negações dos Apóstatas — rejeitando o senhorio absoluto e os méritos expiatórios de Cristo; 4) A Condenação dos Apóstatas — debaixo de “juízo”.

SEÇÃO III

APOSTASIAS

Judas 5-16

A palavra **lembrar** (5; cf. v. 17) indica que o público-alvo de Judas estava familiarizado com o AT, talvez com alguns escritos apócrifos, e com as palavras, se não os escritos, dos apóstolos do Senhor.

A. JULGAMENTOS PASSADOS SOBRE A APOSTASIA COLETIVA, 5-7

1. *Israel Descrente* (v. 5)

Esses “homens ímpios” deveriam ter aprendido da história sagrada que seus pecados trariam sobre eles o desagrado divino tão seguramente como o julgamento caiu sobre o Israel descrente, os anjos infiéis (v. 6) e as cidades imorais de Sodoma e Gomorra (v. 7; cf. 2 Pe 2.4-6).

A frase **embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas** tem sido traduzida de diversas formas, dependendo do significado de **uma vez** (*hapax*) e seu lugar devido na ordem de palavras. Moffatt e Mayor, seguindo o manuscrito Sinaítico, entendem que *hapax* está relacionado com o que o Senhor fez por Israel — “o Senhor ‘uma vez’ tirou o povo em segurança do Egito”.¹ Outros entendem que *hapax* está relacionado com o que os leitores de Judas conhecem — “embora já estivestes completamente informados de uma vez por todas” (RSV). Talvez Phillips e a NEB tenham a melhor solução para o problema ao considerarem que *hapax* nesse contexto simplesmente significa “vocês já sabem”, embora a mesma palavra no versículo 3 seja corretamente traduzida como “uma vez por todas”.

A identidade do **Senhor**, que **havendo [...] salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram** deixa perplexos muitos estudiosos bíblicos. Alguns manuscritos trazem o **Senhor** (*kurios*), que pode ser aplicado tanto ao Pai quanto ao Filho, enquanto outros trazem “Jesus” (*Iesous*) como o Libertador. Wolf entende que a evidência do manuscrito favorece a pessoa de “Jesus”, apesar da discordância de muitos estudiosos. Wolf menciona 1 Coríntios 10.4 (“Cristo”) como o apoio do apóstolo Paulo para o uso de “Jesus” por Judas aqui. Jerônimo aceitou o nome “Jesus”, acreditando, no entanto, que o nome tencionado era “Josué”, do mesmo modo que em Hebreus 4.8 (cf. ARC, ARA, NVI).² Porém em nenhum outro lugar Josué é considerado o libertador que livrou Israel do Egito.

O **Senhor [...] destruiu, depois, os que não creram** é a forma de Judas dizer que esses “homens ímpios” dentro do “novo Israel” (a Igreja) serão semelhantemente destruídos por causa da descrença.

2. *Anjos Infiéis* (v. 6)

Voltando ainda mais no tempo, antes mesmo do fracasso temível de Israel, à queda desastrosa de certos **anjos**, Judas apresenta um segundo exemplo de deserção. Os anjos **não guardaram o seu principado** de santidade e foram reservados para um estado irremediável de maldade.

A **habitação** dos anjos poderia significar sua “própria morada” (NVI), “própria esfera” (Phillips), ou “próprio lar” (Williams). Eles voluntariamente **deixaram** o seu domínio — que era o seu pecado! Mas, o seu comportamento fora da sua “própria esfera” tem sido debatido de tempos pré-cristãos até os dias atuais.

Muitos associam a alusão de Judas ao texto de Gênesis 6.1-4, entendendo que essa última passagem ensina que os anjos (chamados ali de “filhos de Deus”) desceram até a terra e, coabitando com mulheres, geraram uma raça de seres parcialmente humanos e parcialmente demoníacos, chamados de “gigantes” em Gênesis 6.4. O *Livro de Enoque* e outras tradições populares têm dramatizado essa “história dos anjos caídos”, e não poucos estudiosos entendem que tanto Judas 6 quanto 2 Pedro 2.4 referem-se a essa interpretação dada acerca de Gênesis 6.1-4. Para este comentarista, Jesus refuta a idéia de que os anjos tinham a possibilidade de cometer fornicação com humanos (Mt 22.30).

O Senhor **reservou** — “tem guardado”, NVI — os **anjos [...] em prisões** (correntes) **eternas até ao juízo daquele grande Dia**. Tendo-se recusado a permanecer dentro da sua esfera divina (de santidade e luz), os anjos foram presos e confinados ao inferno (*tartarus*) de acordo com 2 Pedro 2.4.

O **juízo daquele grande Dia** aponta para o grande trono branco de julgamento (Ap 20.11). Judas não tem nenhum interesse escatológico ao escrever a sua teologia.

3. *Cidades Imorais* (v. 7)

Repetidas vezes nas Escrituras, a destruição de **Sodoma e Gomorra** é escolhida como exemplo da ira de Deus contra o pecado (cf. Dt 29.23; Is 1.9; Jr 49.18; Am 4.11; Lc. 17.29; 2 Pe 2.6). Para os autores da Bíblia, **Sodoma** era sinônimo de impudência no pecado (Is 3.9; Lm 4.6), especialmente a libertinagem sexual.³ Os sodomitas se corromperam e foram **após outra carne** — talvez com animais e pessoas do mesmo sexo (cf. Rm 1.27).

Sodoma e Gomorra [...] foram postas por exemplo (modelo), sofrendo a pena do fogo eterno. Embora essas cidades tenham sofrido um castigo há cerca de 2000 anos a.C., elas continuam sendo ao longo dos séculos um tipo de castigo do fogo eterno que será o destino futuro de todos os incrédulos.

Em resumo, Judas revela “O Destino dos Apóstatas”, como pode ser progressivamente percebido: 1) Os israelitas incrédulos *foram* enterrados no deserto, v. 5; 2) Os anjos infiéis *estão* presos na escuridão infernal, v. 6 (cf. 2 Pe 2.4); 3) As cidades imorais foram queimadas com fogo — um exemplo do fogo *eterno*, v. 7.

B. PERVERSÕES DE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 8

E, contudo — “Da mesma forma”, NVI — apesar da advertência divina por meio de exemplos do passado, apostasias de anjos e homens, de Israel e os gentios (vv. 5-7), esses apóstatas na Igreja prosseguem na sua descrença, rebelião e concupiscências.

Estes, semelhantemente adormecidos pensam que escaparão do julgamento de Deus que recaiu sobre os pecadores no passado. **Adormecidos** (“sonhadores”, *enupniázomenoi*) é um particípio presente “ligado de modo predicativo ao sujeito [**estes**] e assim pertence aos três verbos” — **contaminam**, **rejeitam** e **vituperam**.⁴ “Em tudo que fazem, esses hereges libertinos agem como sonhadores, e imagens irreais e figuras enchem suas mentes”.⁵ Um quadro muito similar aos falsos profetas do AT (Dt 13.1-5).

Esses sonhadores de falsos sonhos **contaminam a sua carne** ao dar lugar a instintos carnis e ao contar com a graça de Deus para cuidar de todo e qualquer pecado. Para eles “o pecado não é nada mais do que o expediente por meio do qual a graça recebe a oportunidade para operar”.⁶

Estes [...] adormecidos [...] rejeitam a dominação. Eles “rejeitam as autoridades” (NVI), mostrando um “completo desdém” por ela (Phillips). Calvino entendia que Judas tinha magistrados civis em mente quando se referia a **dominação e autoridades**,⁷ enquanto Bennett argumenta que Judas provavelmente tenha em mente as autoridades eclesiásticas.⁸ Plumptre provavelmente esteja mais próximo da verdade quando considera **dominação** (*kurioteta*, lit.: “senhorio”) como “incluindo todas as formas de autoridade” — divina e humana — e **autoridades** (*doxas*, lit.: “ilustres”) como que indicando “todos os anjos, bons ou maus”.⁹ (Cf. 2 Pe 2.10).

Estes [...] adormecidos [...] vituperam — literalmente, “blasfemam”. Eles repudiam o “senhorio autêntico”, diz Whedon, “e blasfemam de todos os ilustres e santidades da terra e do céu com termos e frases emprestados do seu próprio vocabulário obsceno”.¹⁰

C. MIGUEL, MODELO DE ARCANJO, 9

O arcanjo Miguel é um dos dois anjos citados em toda a Bíblia. O outro é Gabriel (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19, 26). **Miguel** — literalmente, “Quem é como Deus?” — é retratado por Daniel como o anjo guardião dos judeus — “o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo” (12.1). No livro de Apocalipse, ele reaparece como “o anjo guerreiro” que luta contra o diabo e “seus anjos” (12.7-9).

Judas ressalta o aspecto da disputa de Miguel com o diabo (NEB) sobre o **corpo de Moisés** como uma advertência oportuna aos ímpios em relação às suas zombarias e reações blasfemas à “dominação” e “autoridades” (v. 8). **Miguel [...] não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele**, em respeito à dignidade angelical original do diabo. Ele “não ousou condená-lo com escárnio” (Phillips).

Negando-se em ser juiz, Miguel resistiu ao diabo — como ocorreu com Jesus no deserto — ao citar as Escrituras, dizendo: **O Senhor te repreenda** (cf. Zc 3.1,2; 2 Pe 2.11).

Barclay acredita que a idéia essencial de Judas é que “se o maior de todos os anjos bons se recusou a falar mal do maior de todos os anjos maus, mesmo em uma circunstância como essa, então certamente nenhum ser humano deve falar mal de qualquer anjo”.¹¹ O mesmo se aplica aos relacionamentos humanos.

No versículo 9, encontramos “O Caso Padrão para um Julgamento: Miguel Contra o Diabo”: 1) Miguel *resistiu* ao diabo — como todos os cristãos devem fazer (cf. Tg 4.7); 2) Ele se *absteve* de palavras de insulto contra o seu oponente; 3) Ele *confiou* na obra e palavra do Senhor — cabe ao Senhor julgar, não aos homens ou anjos, e a Palavra divina continua sendo suficiente para refutar Satanás, quer seja usada pelos cristãos, um anjo ou o Filho de Deus.

D. PRÁTICAS DE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 10

Estes, porém, apóstatas atuais, acham que são competentes e que têm liberdade de falar **mal** (*blasphemousin*, “derramar infâmia”, NVI) **do que não sabem**. O contexto mostra claramente que não conhecem o domínio dos anjos (vv. 8-9) e do Espírito de Deus (v. 19). No entanto, eles “estão prontos a difamar tudo que desconhecem” (Phillips; cf. 2 Pe 2.12).

E, naquilo que naturalmente conhecem — i.e., seus desejos e instintos naturais semelhantemente aos **animais irracionais** — não controlam nem usam racionalmente. Eles nem ao menos usam o “sentido animal” ao seguir seus apetites. Em vez disso, **naquilo** que têm em comum com os animais eles **se corrompem**. Na verdade, eles ficam numa posição inferior à dos animais (Rm 1.26,27).

Aqui está “O Evangelho do Sensualista Maduro”: 1) Ele *zomba* daquilo que vai além do seu conhecimento; 2) Ele é *controlado* por seu “instinto animal”; 3) Ele *mutila* suas possibilidades humanas pela verdadeira piedade.

E. JULGAMENTOS PASSADOS SOBRE APÓSTATAS INDIVIDUAIS, 11

Ai deles! Aqui Judas imita Jesus ao pronunciar um “ai” sobre esses corruptos “da fé” (Mt 23.13ss.). Nenhum outro apóstolo o fez. O autor de 2 Pedro, mostrando uma reação à apostasia parecida, usa “filhos de maldição” (2.14).

Eles “se corrompem” (v. 10) da mesma forma que **Caim, Balaão e Corá** (Korah) fizeram antes deles. Eles estão progredindo no mal, movendo-se em direção ao seu clímax (cf. Sl 1.1). Eles **entraram pelo caminho** da desobediência e **foram levados pelo engano** (lit.: “foram despejados” — uma “metáfora vigorosa para o prazer exces-

sivo”).¹² Eles buscavam o **prêmio** ao fazer o mal e acabarão terminando como os outros que **pereceram** nos seus pecados. Cada verbo é um aoristo, indicando ação completa, “em que o autor se coloca em pensamento no momento em que esses homens colhem as conseqüências dos seus pecados: seu castigo é tão certo, que ele considera como se já tivesse acontecido”.¹³

Aqui Judas descreve “Um Trio de Rebeldes Religiosos”: 1) Caim — o adorador que apresentou (sacrificou) pouco demais; 2) Balaão — o profeta que orou vezes demais (a respeito da mesma coisa); 3) Corá — o ministro que professou demais (reivindicando santidade e autoridade igual às de Moisés e Arão).

F. JULGAMENTOS PREDITOS SOBRE APÓSTATAS CONTEMPORÂNEOS, 12-16.

1. *Descrição dos Perversos* (vv. 12,13)

Tendo traçado paralelos entres esses falsos irmãos e seus precursores do AT, Judas agora usa uma série de metáforas cheias de vida para continuar caracterizando esses indivíduos.

Estes são manchas (v. 12; *spilades*). A palavra também pode significar “rochas submersas” (NVI), “envolvendo um perigo insuspeito de naufrágio na fé e no caráter”.¹⁴ **Vossas festas de caridade** eram chamadas de festas de amor (*agapais*). Eram refeições comuns “desfrutadas pelos cristãos primitivos em conexão com seus cultos, com o propósito de nutrir e expressar o amor fraternal”.¹⁵

Ao participar dessas festas de amor, esses hereges aproveitavam a ocasião para promover glotonaria e imoralidade, da mesma forma que a igreja de Corinto caiu em facções e bebedeira (1 Co 11.17-22).

A frase **apascentando-se a si mesmos sem temor** foi melhor traduzida pela NVI como: “São pastores que só cuidam de si mesmos”. Possivelmente, Judas estava pensando nos “falsos pastores” do AT que se apascentavam a si mesmos mas negligenciavam o rebanho (Ez 34.2, 8, 10).

Eles **são nuvens sem água**, prometendo muito, mas não produzindo coisa alguma. Eles impressionam com suas afirmações, mas são vazios quanto aos benefícios de uma boa chuva. Eles são como as nuvens, **levadas pelos ventos**, sendo inconstantes e imprevisíveis (Hb 13.9; 2 Pe 2.17).

Esses enganadores são **como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas**. Eles estão “em pecado, primeiro pela natureza, e depois pela apostasia”.¹⁶ Eles serão, portanto, **desarraigadas**. Esses enganadores não apresentam frutos porque não têm raízes plantadas na “graça de Deus” (cf. Mt 7.20).

Essas pessoas são **ondas impetuosas do mar** (13). Esse “quadro de ondas bravas que lançam todo tipo de lama e lodo na praia (cf. Is 57.20) sugere vividamente o despudor ou a falta de vergonha com que os falsos irmãos, por meio das suas palavras e ações, mostram a sua corrupção interior”.¹⁷

Eles são **estrelas errantes**. Moffatt os chama de “cometas ou meteoros errantes”, que “abandonaram suas próprias órbitas e se afastaram da direção do Senhor”.¹⁸ Ao saírem de sua própria órbita, eles estão se extinguindo em pecado e rumando em direção à **negrura das trevas** para sempre.

2. *Castigo Declarado* (vv. 14,15)

Notas de condenação são tocadas nos versículos 12,13, mas aqui se vê claramente uma cena de julgamento.

a) *A declaração solene de Judas* (vv. 14,15). O apóstolo está convencido de que esses apóstatas contemporâneos cumprem uma profecia antiga. Ele cita e aprova a voz profética de julgamento mais antiga conhecida — a de Enoque — e a mais recente, ou seja, dos “apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 17; cf. 2 Pe 2.1-22).

b) *A profecia de Enoque* (vv. 14,15). Esses apóstatas modernos não só eram tipificados pelos exemplos antigos de apostasia (vv. 5-11), mas **Enoque [...] profetizou também** acerca desses homens (v. 14). **Enoque, o sétimo depois de Adão** (Gn 5.4-24) — não o primeiro de Caim (Gn 4.17,18) — não é mencionado em nenhum outro lugar nas Escrituras como um profeta ou “vidente santo”. A profecia a que se refere Judas aqui é encontrada no *Livro de Enoque* 60.8; 93.3. Esse é um escrito apócrifo, conhecido pelos escritores e leitores judeus da literatura do NT. (Veja Introdução, “Características”).

Eis que é vindo o Senhor. “A primeira vinda de Cristo foi revelada a Adão; a segunda e gloriosa vinda, a Enoque”.¹⁹ Enquanto Adão anteviu Cristo como Salvador, Enoque anteviu o Salvador como o Juiz e Vingador. **Milhares dos seus santos** indubitavelmente refere-se aos anjos santos que acompanharão o Senhor na sua volta (cf. Dt 33.2; Zc 14.5; Mt 25.31; 2 Ts 1.7).

As palavras de Enoque ressaltam a total depravação dos **ímpios** (15), i.e., sua impiedade em pensamento, palavra e ação. O julgamento divino será executado à luz de todos os três aspectos dos pecados dos homens.

Condenar (*exelegai*; ou *elegxai* nos melhores manuscritos) é melhor traduzido por “convencer” (NVI) ou “fazer convictos” (ARA) e significa “mostrar ser culpado”. Se os homens não sentem sua culpa aqui e agora, eles o farão no Julgamento!

c) *A presença e poder do Senhor* (vv. 14,15). **Ímpios pecadores disseram contra ele** — i.e., contra o Senhor — **duras palavras** (“palavras insolentes”, NVI). Desde os dias de Caim e Lameque (Gn 4.23,24) até os de Malaquias (3.13,14), e, depois, até os dias de Pedro (2 Pe 2.1) e Judas (vv. 4, 14,15), o espírito do Anticristo tem se manifestado no mundo.

Judas entende a vinda do Senhor em julgamento como o silenciar da oposição e negação de Cristo. O que poderia ser mais relevante para o nosso mundo, com a sua atitude do tipo “Deus está morto” e seu ateísmo militante internacional, do que as palavras de Enoque acerca do retorno do Senhor? Pouco se fala hoje a respeito de “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado” (J. Edwards). A tendência mudou completamente; hoje se fala acerca de “Deus nas Mãos de Pecadores Irados!” (L. Ravenhill).

3. *As Pessoas Julgadas* (v. 16)

Judas não deixa dúvida em relação aos destinatários das suas metáforas nos versículos 12,13 e sobre quem o julgamento divino certamente cairá. Esses “ímpios” são: 1) **murmuradores** contra homens — “resmungões com o espírito de descontentamento latente”; 2) **queixosos** (lit.: “aqueles que culpam o destino”) contra Deus, tendo

se tornado descontentes crônicos; 3) aqueles que andam **segundo as suas concupiscências**, i.e., tornaram-se “escravos dos seus próprios desejos carnis”;²⁰ 4) vaidosos ou alardeadores, cujas bocas falam **coisas mui arrogantes** (cf. 2 Pe 2.18); 5) lisonjeiros que admiram **as pessoas** (lit.: “admiram os rostos”). Mayor comenta: “Assim como o temor do Senhor elimina o temor do homem, do mesmo modo o desafio a Deus tende a colocar o homem no lugar dele, como a fonte principal do bem e do mal em relação ao próximo”;²¹ 6) interesseiros por ganhos, sempre buscando obter vantagem “daquele que adula”. Bennett os caracteriza bem: “Sempre que possível, eles vociferavam, intimavam e se colocavam no lugar da pessoa superior, mas lisonjeavam os ricos e os bajulavam em troca de jantares e presentes”.²²

SEÇÃO IV

ADMOESTAÇÕES

Judas 17-23

Tendo apresentado o caráter dos falsos irmãos (vv. 4-16), Judas agora aconselha os verdadeiros irmãos (vv. 17-23), delineando como devem se comportar (cf. 1 Tm 3.15).

A. LEMBRAI-VOS DAS PREDIÇÕES, 17-19

1. *A Advertência do Autor* (v. 17)

Semelhantemente a Ezequiel, Judas se considera um atalaia nos muros de Sião. Subversivos perigosos estão agindo na casa de Deus, assim Judas insiste com seus leitores: **lembrai-vos**. Na realidade, ele está dizendo: “Não fiquem de guarda baixa em relação ao que está acontecendo. Sejam realistas!”¹ As palavras **Mas vós** estão na posição enfática tanto no versículo 17 quanto no versículo 20. Judas contrasta fortemente seus leitores/seu público com os “escarnecedores”.

2. *As Palavras dos Apóstolos* (vv. 17,18a)

Será que Judas está se referindo às **palavras** orais ou escritas dos **apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo** (17)? Os estudiosos apresentam diferentes posições aqui. A melhor resposta parece aquela que diz que não podemos ter certeza. É suficiente saber que os leitores/público de Judas tinham ouvido ou lido as palavras dos apóstolos e precisavam apenas recordá-las.

Paulo (1 Tm 4.1-2; 2 Tm 3.1-13) e Pedro (2 Pe 2.1—3.4), seguindo o padrão do **nosso Senhor Jesus Cristo** (Mt 24-3-42), advertiram a respeito do **último tempo** (18). Essa expressão significa o final da ordem do mundo presente, que terá o seu clímax na Segunda Vinda e será acompanhada pela obra julgadora do Messias.

O **último tempo**, os anos imediatamente antecedentes à Segunda Vinda, será marcado por zombaria (2 Pe 3.3) à “fé que uma vez foi dada aos santos”. A “fé” será indubitavelmente “boicotada como se fosse heresia, e a única heresia que vai sobreviver.”² Se esses **escarnecedores** “transformaram a graça de Deus em libertinagem”, escreve Mayor, “eles naturalmente escarneceriam [...] daqueles que tinham uma [...] posição firme acerca dos mandamentos divinos: se desfaziam da autoridade e tratavam as coisas espirituais com irreverência, se alardeavam sua própria vergonha e anunciavam palavras arrogantes e ímpias, se rejeitavam a Deus e a Cristo, eles naturalmente escarneceriam da idéia de um julgamento futuro”.³

3. O Caminho dos Apóstatas (18b,19)

Esses escarnecedores andam **segundo as suas ímpias concupiscências** (18), deixando que os seus desejos pervertidos ditem o que é certo e errado. Eles são anarquistas morais e espirituais! Eles **são os que causam divisões** (19), separando-se da “comunhão viva dos cristãos”. Eles “criam facções” e “dividem comunidades” (Phillips).

Eles são **sensuais** (*psuchikoi* — i.e. “naturais”; cf. 1 Co 2.14; 15.44, 46). Ellicott prefere a tradução “sensoriais” — significando “governados pela razão e paixão humanas, e não se elevam acima do mundo dos sentidos”.⁴ Eles **não têm o Espírito**. Como “separatistas” em espírito e “sensualistas” na mente e no corpo, esses ímpios estão sem o Espírito de Deus (e de Cristo) e, portanto, não são dele (Rm 8.9).

B. CONSERVAI-VOS NO AMOR DE DEUS, 20-21

Conservai (*teresate* — um imperativo aoristo, ressaltando urgência) **a vós mesmos** (21), admoesta Judas, porque tanto anjos quanto homens apostataram (vv. 5-19). “A preocupação de Judas é que seus leitores continuem a combater o bom combate da fé”.⁵ Judas ressalta o lado divino (vv. 1, 24) e o humano (v. 21) na perseverança cristã, da mesma forma que Paulo fez em Filipenses 2.12,13.

Spurgeon colocou acima da porta de entrada da Faculdade Pastoral de Londres estas palavras: “Conservando, serei conservado”. “Uma verdade preciosa!”, comenta Shank. “Mas nem a primeira parte da frase nem a segunda podem sustentar-se sozinhas. Elas são complementares. Juntas, elas abrangem o significado das palavras do nosso Salvador: ‘Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós’ ”.⁶

Ao mencionar a **caridade de Deus**, Judas tem em mente primeiro o amor de Deus por nós e então o amor dele através de nós por Ele e pelos outros. Os crentes são conservados em seu amor por meio de três disciplinas espirituais: **edificando, orando e esperando**. Cada termo é um particípio presente, indicando uma atividade contínua. Mas “não uma atividade independente e hipócrita”; é uma dependência voluntária e uma cooperação com Deus para a sua atividade graciosa em nós e por meio de nós (Fp 2.12,13).

Mas vós (20), em contraste com os “escarnecedores” (v. 18) que estão destruindo a fé, buscais edificar-vos a vós mesmos. Como Bengel mostra: “Aquele que se protege primeiro, é capaz então, e só então, de proteger os outros”.⁷ Essa edificação da fé está inseparavelmente ligada à Palavra de Deus — a “fé de uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3, NVI) — e à oração (v. 20). Veja Romanos 10.17; 1 Pedro 2.2; 2 Pedro 3.18.

Judas chama a fé cristã histórica de **santíssima** (*hagiotate* — “nada pode ser mais santo”⁸), porque, como diz Mayor: “ela vem a nós da parte de Deus, e revela Deus a nós, e é por meio dela que o homem se torna justo e é capacitado a vencer o mundo (1 Jo 5.4-5)”.⁹

Orando no Espírito Santo significa, de acordo com Ellicott: “orar em sua força e sabedoria; Ele move nossos corações e dirige nossas petições”.¹⁰

No pensamento do NT, o Espírito Santo é ativo em toda oração verdadeira, mas há níveis mais baixos e mais elevados da sua operação. Ele é “O Melhor Mestre de Oração do Mundo”: 1) Toda oração verdadeira — desde a oração do penitente até a do glorificado — é *pelo* Espírito Santo (Ef 2.18; 1 Co 12.3). 2) Toda pessoa que ora deveria *orar pelo* enchimento do Espírito Santo (Lc 11.13; At 4.31; 8.14-17). 3) Somente crentes cheios do Espírito podem *orar no* Espírito Santo (v. 20; Rm 8.26,27; Ef 5.18; 6.18).

Esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna (21) expressa mais uma necessidade. “Para que os fiéis sejam preservados na vida cristã, eles devem continuamente aguardar a vinda do Senhor”.¹¹ Aqueles que o aguardam, enquanto guardam a fé (2 Tm 4.7) e a si mesmos **na caridade de Deus** (21), certamente amarão “a sua vinda” (2 Tm 4.8). Para esses, a vinda dele significará **miseri-córdia**, não “juízo” (v. 4) e vai conduzi-los à **vida eterna**, não ao “fogo eterno” (v. 7).

Embora Judas tenha ressaltado uma responsabilidade humana apropriada na vida cristã, “mesmo assim”, escreve Adam Clarke, “esse *edificar, orar e conservar*, não pode nos fazer merecer o céu: porque, depois de toda a diligência, seriedade, abnegação, olhar atento, obediência etc., eles devem buscar a **miseri-córdia** do *Senhor Jesus Cristo*, para levá-los à **vida eterna**”.¹²

Uma visão geral de Judas nos obriga a concordar com Weiss, que disse: “Tudo que vem de Deus é originariamente designado nessa epístola como santo”.¹³

“Um Ministério de Santidade do Novo Testamento” resume bem a mensagem de Judas: 1) A Divindade é santa (v. 20). 2) Os anjos não caídos são santos (v. 14, NEB). 3) A fé revelada biblicamente é santíssima (vv. 3, 20). 4) Os crentes autênticos em Cristo são santos (v. 3).

C. BUSCAI OUTROS EM TEMOR PIEDOSO, 22,23

Aqui Judas muda a nossa atenção do cuidado da nossa própria alma para a busca da alma dos “falsos irmãos” e “daqueles que eles desviaram do caminho”.¹⁴

O texto de Judas 22,23 “tem sido preservado em diversas formas”, comenta Bo Reicke, “e é impossível determinar qual é o original”.¹⁵ Enquanto a KJV considera apenas duas classes de pecadores nesses versículos, a ASV indica três. A tradução e comentários de Wesley aqui — apoiados por Clarke — parecem altamente satisfatórios: 1) “A alguns — *que estão oscilando* em julgamento, confundidos por outros ou pelo seu próprio raciocínio perverso — esforcem-se ainda mais para *convencê-los* acerca da verdade plena encontrada

em Jesus. 2) *Alguns arrebatem*, com uma mão forte e veloz, do fogo do pecado e da tentação. 3) *A outros mostrem compaixão* de maneira meiga e gentil, mas *com um temor zeloso*, para que não sejam vocês próprios infectados com a doença que estão procurando curar”.¹⁶

Na verdade, Judas está dizendo que a defesa de uma *doutrina evangélica vital* não deve diminuir a *evangelização vigorosa* deles. A última parte do versículo 23 tem sido traduzida da seguinte maneira: “Detestem qualquer vestígio do pecado deles, enquanto têm compaixão deles como pecadores” (Bíblia Viva).

SEÇÃO V

A BÊNÇÃO

Judas 24,25

“Aqui está a doxologia mais completa do Novo Testamento”, diz A. E. Harris, “uma conclusão oportuna para uma carta tão séria e sagrada como essa”.¹ Se Judas chega a ser conhecido ou notado pelos cristãos em geral, é por causa do uso freqüente dos versículos 24-25 nas liturgias e compêndios de adoração.

A. CÂNTICO DE LOUVOR DOS PIEDOSOS, 24

Embora plenamente ciente dos “perigos que rondavam os seus dias”, Judas não apresenta “pânico em seu coração”.² Sua fé está firmemente arraigada naquele que **é poderoso** para preservar na graça aqui e para apresentar em glória na vida futura todo aquele que segue as admoestações dos versículos 17-23. Tendo advertido seus leitores com insistência dos perigos presentes, Judas agora dirige suas mentes Àquele que pode protegê-los dos erros e maldades dos quais tem falado.

Deus **é poderoso para vos guardar de tropeçar** (*aptaistous*, ou “escorregar”). Tendo nos guardado durante a nossa provação aqui, Ele é poderoso para nos apresentar **irrepreensíveis** [...] **perante a sua glória**, mesmo no trono do julgamento! A palavra **irrepreensíveis** (*amomous*, sem culpa) é um termo técnico usado para um animal a ser sacrificado, “sem mácula nem ruga” (cf. Lv 1.3, 10; 3.1; Ef 1.4; 5.27; Cl 1.22; 1 Pe 1.19). Essa salvação final trará **alegria** (“grande alegria”, NVI) — àqueles que são preservados “para o seu Reino celestial” (2 Tm 4.18). O céu ressoará com cânticos de vitória e triunfo — “Regozijemo-nos e alegremo-nos, e demos-lhe glória” (Ap 19.7).

B. DEUS, NOSSO SALVADOR, 25

Judas chega ao clímax da sua carta ao fazer alusão **ao único Deus, Salvador nosso**. A palavra **único** (*mono*) descarta todos os outros pretendentes à divindade. A religião bíblica é monoteísta, mas o **único Deus** de Judas subsiste em três Pessoas — “Deus Pai” (vv. 1, 21), “nosso Senhor Jesus Cristo” (vv. 1, 17, 21) e o “Espírito Santo” (v. 20). (Cf. Dt 6.4; Is 45.5; Jo 17.3).

Junto com outros, Judas atribui poder de salvação a Deus Pai (Lc 1.47; 1 Tm 1.1; 2.3; 4.10; Tt 1.3; 2.10; 3.4) bem como a Jesus Cristo. Mas, o Pai salva o homem *por meio* de Jesus Cristo. Os cristãos vivem, escreve Barclay, “com a grande e confortadora certeza de que acima de qualquer coisa há um Deus cujo nome é Salvador”.³

A frase **por Jesus Cristo, nosso Senhor**, depois de **Salvador**, embora esteja omitida em alguns dos mais antigos manuscritos, deveria fazer parte do texto. Também **antes de todos os séculos** logo após a palavra **poder** é omitido por algumas traduções, mas encontra-se nos melhores manuscritos. Isso, junto com **agora e para todo o sempre**, é “a mais completa declaração da eternidade na linguagem humana”.⁴ AARC inclui essas frases de forma correta: **Ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder** (“autoridade”, NVI), **antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!**

A declaração quádrupla de louvor de Judas ao único Deus de toda a eternidade é insuperável. **Glória** é “a soma de todos os atributos divinos”.⁵ **Majestade** (somente aqui e em Hb 1.3; 8.1) inclui “tudo que é realmente grande e magnífico”.⁶ **Domínio** fala da sua força para cumprir os seus propósitos. **Poder** fala do seu direito de governar e sua autoridade soberana. **Glória** e **majestade** pertencem especialmente à sua individualidade singular, enquanto **domínio** e **poder** pertencem à sua soberania divina.

A conclusão de Judas é “majestosa e comovente. Ela eleva os pensamentos”, escreve Reicke, “dos conflitos terrenos com os quais o autor tem sido forçado a se ocupar, até os reinos celestiais, onde Deus é entronizado no meio de poder e honra eterna”.⁷ É com essa “perspectiva cósmica radiante” que devemos entender o chamado do cristão, seu conflito e sua conquista final.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ J. C. Beker, "Letter of Jude", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George A. Buttrick, et al., II (Nova York: Abingdon Press, 1962), p. 1009.
- ² *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation* (Chicago: Inter-Varsity Press, 1962), p. 229. Veja também Zahn, A. T. Robertson, Lenski e Cranfield.
- ³ Bo Reicke, *The Epistles of James, Peter, and Jude* ("The Anchor Bible"; Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1964), p. 192.
- ⁴ *The Letters of John and Jude* ("The Daily Study Bible"; Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 189.
- ⁵ F. F. Bruce, "The Gospel of Thomas", *Faith and Thought: Journal of the Victoria Institute*, Vol. 92, Número 1 (Verão, 1961), p. 4.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ John A. T. Robinson, *Twelve New Testament Studies* (Naperville, Illinois: Alec R. Allenson, Inc., 1962), pp. 133-4.
- ⁸ *Op. cit.* p. 233; cf. Reicke, *op. cit.*, p. 191.
- ⁹ Robert Robertson, "The General Epistle of Jude", *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson, et al. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 1161.
- ¹⁰ Reicke, *op. cit.*, p. 191.
- ¹¹ "The Epistles of St. Peter and St. Jude", ("The International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 316.
- ¹² "The General Epistle of Jude", *The Expositor's Greek Testament*, ed. W. R. Nicoll, V (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pp. 211-5.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 246.
- ¹⁴ *Op. cit.*, p. 190.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 1009.
- ¹⁶ *Op. cit.* p. 227.
- ¹⁷ Beker, *loc. cit.*
- ¹⁸ Joseph B. Mayor, *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter* (Grand Rapids: Baker Book House, 1965), p. 56. Esses grupos de três podem ser encontrados nos versículos 2, 3-8, 11, 16, 19, 20 e 21 (um conjunto de três duplo), 22- 23, 25 (ASV).
- ¹⁹ Guthrie, *op. cit.*, p. 248.
- ²⁰ *Ibid*, p. 240.
- ²¹ *Ibid*, p. 249.

SEÇÃO I

- ¹ Judas menciona o "Senhor" sete vezes de maneira específica (4, 5, 9, 14, 17, 21, 25).
- ² *Op. cit.*, p. 205.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ William Barklay, *A New Testament Wordbook* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), p. 61.
- ⁵ EGT, vol. V, p. 253.
- ⁶ Thomas Manton, *An Exposition on the Epistle of Jude* (Londres: The Banner of Truth Trust, 1958 [reed.]), p. 72.

SEÇÃO II

- ¹ *I & II Peter and Jude* ("Torch Bible Commentaries": Londres: SCM Press, Ltd., 1960), p. 69.
- ² John Albert Bengel, *Gnomon of the New Testament*, trad. William Fletcher, 2ª ed., vol. V (Edimburgo: T. & T. Clark, 1860), p. 163.
- ³ EGT, V, p. 255.
- ⁴ *The New Testament for English Readers* (Chicago: Moody Press, s.d.), p. 1770.
- ⁵ *Op. cit.*, p. 1162.
- ⁶ Joseph H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Co., 1889), p. 54.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 163.
- ⁸ *The General Epistles* ("The New Century Bible"; Edimburgo: T. C. & E. C. Jack, 1901), p. 331.
- ⁹ Citado por N. M. Williams, "Commentary on the Epistle of Jude", *An American Commentary on the New Testament*, ed. Alvah Hovey (Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1888), p. 8.
- ¹⁰ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, 1958 [reed.]), p. 927.
- ¹¹ W. E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (Londres: Oliphants Ltd., 1957), pp. 255-6.
- ¹² *The Letters of John and Jude*, p. 211.
- ¹³ *The New Testament in the Language of the People* (Chicago: Moody Press, 1960), p. 541.
- ¹⁴ *Op. cit.*, NBC, p. 1162.
- ¹⁵ Bennett, *op. cit.*, p. 243.
- ¹⁶ **Ímpios** é a palavra-chave em Judas. Ela aparece quatro vezes em Romanos, três vezes em Timóteo e Tito, uma vez em 1 Pedro e três vezes em 2 Pedro, mas ocorre seis vezes em Judas. **Ímpios** é o oposto de "piedoso" ou "piedade", que significa "reverência devida a Deus, expressando-se em adoração e uma vida devota e obediente" (Bennett, *op. cit.*, p. 260).
- ¹⁷ Barclay, *The Letters of John and Jude*, pp. 211-2.
- ¹⁸ Adolf Deissmann, *Light from the Ancient East*, trad. Lionel R. M. Strachan. Ed. nova e completamente rev. (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), pp. 350-5.

SEÇÃO III

- ¹ James Moffatt, *The General Epistles* ("The Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper and Brothers Publishers, s.d.), p. 231.
- ² *A Commentary on the Epistle of Jude* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960), p. 63.
- ³ Ezequiel inclui soberba, fartura, prosperidade e insensibilidade para com os pobres e necessitados como parte da iniquidade de Sodoma (16.49).
- ⁴ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude* (Columbus, Ohio: The Wartburg Press, 1945), p. 625.
- ⁵ *Ibid.*
- ⁶ Barclay, *The Letters of John and Jude*, p. 220.
- ⁷ *Commentaries on the Catholic Epistles*, trad. e ed. Rev. John Owen (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948), p. 438.
- ⁸ *Op. cit.*, p. 334.
- ⁹ *The General Epistles of St. Peter and St. Jude*, "The Cambridge Bible for Schools and Colleges", ed. J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1893), p. 181.
- ¹⁰ *Commentary on the New Testament* (Nova York: Phillips & Hunt, 1880), V, p. 229.
- ¹¹ *The Letters of John and Jude*, p. 221.

- ¹² A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1933), vol. VI, p. 191.
- ¹³ Charles John Ellicott (ed.) *The Epistles of Peter, John, and Jude* ("The Layman's Handy Commentary" Series); Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957), p. 278.
- ¹⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 336.
- ¹⁵ W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), p. 6.
- ¹⁶ Wesley, *op. cit.*, p. 929.
- ¹⁷ Cranfield, *op. cit.*, p. 164.
- ¹⁸ *op. cit.*, p. 239.
- ¹⁹ Wesley, *op. cit.*, p. 929.
- ²⁰ Mayor, *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*, p. 76.
- ²¹ Mayor, EGT, vol. V, p. 272.
- ²² *Op. cit.* p. 340.

SEÇÃO IV

- ¹ E. G. Homrighausen, "The Epistles of Jude" (Exposição), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, vol. XII (Nova York: Abingdon Press, 1957), p. 337.
- ² Carl F. H. Henry, "The Decline of Theology", *Christianity Today*, vol. X (1966), p. 428.
- ³ EGT, vol. V, p. 273.
- ⁴ *Op. cit.*, p. 283.
- ⁵ Robert Shank, *Life in the Son* (2ª ed.; Springfield, Modesto: Wescott Publishers, 1961), p. 237.
- ⁶ *Ibid.*, p. 282.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 169.
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ *The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*, p. 49.
- ¹⁰ *Op. cit.*, p. 284.
- ¹¹ Cranfield, *op. cit.*, p. 168.
- ¹² *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (Nova York: Abingdon Press, s.d.), vol. II, p. 956.
- ¹³ *Biblical Theology of the New Testament*, trad. Rev. James E. Duguid (Edimburgo: T. & T. Clark, 1883), vol. II, p. 239, nota de rodapé.
- ¹⁴ Cranfield, *op. cit.*, p. 169.
- ¹⁵ *Op. cit.* p. 215.
- ¹⁶ Wesley, *op. cit.*, p. 931; cf. Clarke, *op. cit.*, p. 956.

SEÇÃO V

- ¹ Arthur Emerson Harris, *Bible Books Outlined*, Student's Revised Edition (Filadélfia: The John C. Winston Co., 1933), p. 112.
- ² *Ibid.*
- ³ *The Letters of John and Jude*, p. 245.
- ⁴ A. T. Robertson, *op. cit.*, p. 196.
- ⁵ Lenski, *op. cit.*, p. 650.
- ⁶ Calvin, *op. cit.*, p. 449, nota de rodapé.
- ⁷ *Op. cit.*, p. 217.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALFORD, Henry. *The New Testament for English Readers*. Chicago: Moody Press, s. d.
- BARCLAY, William. *The Letters of John and Jude*. "The Daily Study Bible". Filadélfia: The Westminster Press, 1960.
- BARNETT, Albert E. "The Epistle of Jude" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. G. A. Buttrick, Vol. XII, Nova York: Abingdon Press, 1957.
- BENNETT, W. H. *The General Epistles*. "The New Century Bible"; Edimburgo: T. C. & E. C. Jack, 1901.
- BIGG, Charles. *The Epistles of St. Peter and St. Jude*. "The International Critical Commentary". Ed. C. A. Briggs, S. R. Driver e Alfred Plummer. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- CALVIN, John. *Commentaries on the Catholic Epistles*. Ed. John Owen. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus*, Vol. II. Nashville: Abingdon Press, s. d.
- CRANFIELD, C. E. B. *I & II Peter and Jude*. "Torch Bible Commentaries". Londres: SCM Ltd., 1960.
- HOMBRIGHAUSEN, E. G. "The Epistle of Jude" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Ed. G. A. Buttrick, Vol. XII. Nova York: Abingdon Press, 1957.
- LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1945.
- MANTON, Thomas. *An Exposition of the Epistle of Jude*. Londres: The Banner of Truth Trust, 1958 (reed.).
- MAYOR, J. B. *The Epistle of St. Jude and The Second Epistle of St. Peter*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965 (reed.).
- _____. "The General Epistle of Jude". *The Expositor's Greek Testament*. Ed. W. R. Nicoll, Vol. V. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951.
- MOFFATT, James. *The General Epistles*. "The Moffatt New Testament Commentary". Nova York: Harper and Brothers Publishers, s. d.
- PLUMPTRE, E. H. *The General Epistles of St. Peter & St. Jude*. "The Cambridge Bible for Schools and Colleges". Ed. J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1893.
- REICKE, Bo. *The Epistles of James, Peter, and Jude*. "The Anchor Bible". Ed. W. F. Albright e D. N. Freedman. Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc., 1964.
- ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. VI. Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1933.
- ROBERTSON, Robert. "The General Epistle of Jude". *The New Bible Commentary*. Ed. F. Davidson. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: The Epworth Press, 1958 (reed.).
- WOLF, Richard. *A Commentary on the Epistle of Jude*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960.

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, W. F. e GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: Univesity of Chicago Press, 1957.
- BARCLAY, William. *A New Testament Word Book*. Nova York: Harper & Bros., s. d.
- CHARLES, P. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1913.
- GRANT, Robert M. *A Historical Introduction to the New Testament*. Nova York: Harper & Row, 1963.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1962.
- HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- HAYES, D. A. *The New Testament Epistles*. "Biblical Introduction Series". Nova York: The Methodist Book Concern, 1921.
- PAMPHILUS, Eusebius. *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*. Trad. C. F. Cruse, Londres: G. Bell and Sons, Ltd., 1917.
- ROSE, Delbert R. "Epistles of John and Jude" (Leader's Guide). *Aldersgate Biblical Series*. Ed. Donald M. Joy. Winona Lake, Ind.: Light and Life Press, 1964.
- SHANK, Robert. *Life in the Son*. 2ed. Springfield, Mo.: Westcott Publishers, 1961.
- STEVENS, G. B. *The Theology of the New Testament*. "International Theological Library". Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- VINE, W. E. *An Expository Dictionary of New Testament Words*. Londres: Oliphants Ltd., 1957.
- WEISS, Benhard, *Biblical Theology of the New Testament*. "Clark's Foreign Theological Library". Trad. J. E. Duguid, 2 vols. Edimburgo: T. & T. Clark, 1833.
- ZAHN, Theodor. *Introduction to the New Testament*. Trad. John Trout, et al., Vol. II. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reed.).

III. ARTIGOS

- BEKER, J. C. "Letter of Jude". *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al., Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1962.
- MOOREHEAD, W. G. "The Epistle of Jude". *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. James Orr, Vol. III. Chicago: The Howard-Severance Co., 1930.

O Livro de
APOCALIPSE

Ralph Earle

Introdução

Alguém disse acerca do livro de Apocalipse: “Ele é ao mesmo tempo o livro mais respeitado, o mais incompreendido e o mais negligenciado dos escritos do Novo Testamento”.¹ Ele tem sido chamado de “o livro mais abusado da Literatura Cristã”.² Barclay observa: “O *Apocalipse* é notoriamente o livro mais difícil do Novo Testamento”.³

A veracidade dessa declaração é ressaltada pelo fato de Calvino se abster de escrever um comentário desse livro. Adam Clarke, quando chegou até o livro de Apocalipse, quase decidiu não escrever acerca do mesmo. Ele finalmente concordou com essa complexa tarefa, mas se expôs à difícil situação de citar longos textos de outro autor. Os sentimentos de Clarke são expressos nestas palavras:

Estou satisfeito em saber que ainda não foi descoberto um modo *certo* de interpretar as profecias desse livro, e não vou acrescentar um outro monumento à insignificância ou insensatez da mente humana ao empenhar-me em iniciar um novo estudo. Vou repetir o que já disse, não entendo esse livro; e estou satisfeito em saber que ninguém que escreveu a respeito desse assunto sabe mais do que eu [...] Eu havia resolvido, por um tempo considerável, não ocupar-me com esse livro, porque previ que não poderia produzir nada satisfatório acerca do mesmo [...] Mudei minha decisão e acrescentei breves notas, principalmente filológicas, nos trechos em que achei que entendi o significado.⁴

John Wesley chama atenção ao grande valor dos capítulos de abertura e conclusão de Apocalipse, e acrescenta: “Mas deixei de estudar as partes intermediárias por muito anos, sem esperança de entendê-las, após as tentativas infrutíferas de tantos homens sábios e bons; e talvez deveria ter vivido e morrido com esse sentimento, se não tivesse conhecido as obras do grande Bengelius”.⁵ Wesley então decidiu prover um resumo das notas de Bengel. Mas esse grande comentarista alemão caiu na armadilha de definir datas (e.g., 18 de junho de 1836, para a destruição da besta). Spurgeon adverte: “Se um expositor tão magnífico vagueia dessa forma, isso deveria servir de advertência para homens menos instruídos”.⁶

A. Autoria

No início e no fim o livro afirma ter sido escrito por um homem chamado João (1.1, 4, 9; 22.8). Mas quem era esse João? Essa pergunta tem causado muita discussão.

1. *Evidências Externas*

Em sua monumental obra de três volumes, *New Testament Introduction* (Introdução ao Novo Testamento), Guthrie mostra que o livro de Apocalipse foi citado amplamente pelos Pais da igreja como tendo sido escrito pelo apóstolo João. Ele diz: “No segundo e terceiro séculos, os seguintes autores claramente acreditavam na autoria apostólica: Justino, Irineu, Clemente, Orígenes, Tertuliano e Hipólito”.⁷ Guthrie afirma que “existem poucos livros no Novo Testamento com uma atestação primitiva mais forte do que o Apocalipse”.⁸

O testemunho mais antigo é de Justino, o Mártir (c. 150 d.C.). Em seu *Dialogue with Trypho the Jew* (Diálogo com Trifo, o judeu, LXXXI), ele diz: “Além do mais, um homem entre nós chamado João, um dos apóstolos de Cristo, recebeu uma revelação e predisse que os seguidores de Cristo habitariam em Jerusalém por mil anos”.⁹

2. Evidência Interna

A situação torna-se um tanto mais complicada quando nos voltamos para o próprio testemunho do livro. O problema está na diferença de linguagem e estilo entre o Evangelho e as epístolas de João de um lado e o Apocalipse do outro. Isso foi percebido por Dionísio, um famoso bispo de Alexandria (morreu em 264 d.C.). Ele escreveu:

Também podemos notar como a fraseologia do Evangelho e das epístolas difere do livro de Apocalipse. O Evangelho e as epístolas são escritos não só de maneira irrepreensível, no que tange à linguagem, mas são também elegantes na fluência, nos argumentos e em toda a estrutura de estilo [...] Não nego que o autor do Apocalipse teve uma revelação e recebeu conhecimento e profecia. Mas percebo que tanto o seu dialeto quanto a sua linguagem não podem ser considerados um grego muito requintado; o autor, na verdade, usa expressões bastante impuras.¹⁰

Por essa e outras razões, Dionísio entendeu que o Apocalipse não foi escrito pelo mesmo João que escreveu o quarto Evangelho e 1 João. Mas ele foi cuidadoso ao expressar a sua convicção e disse que o Apocalipse foi obra “de um homem santo e inspirado”.¹¹

O estilo de Apocalipse é descrito por Wikenhauser nestes termos: “O autor escreve em grego, mas pensa em hebraico; ele freqüentemente traduz expressões hebraicas literalmente para o grego. Irregularidade gramatical e estilística é a regra nesse livro”.¹² Guthrie tem o seguinte comentário acerca do autor de Apocalipse: “Ele coloca nominativos em oposição [aposição?] com outros casos, usa participios de maneira irregular, constrói frases quebradas, acrescenta pronomes desnecessários, mistura gêneros, números e casos e introduz diversas construções incomuns”.¹³

De que maneira podemos explicar essa diferença de linguagem? Westcott acredita que o livro de Apocalipse foi escrito bem cedo e acha que o contato próximo posterior com pessoas de fala grega tornou possível para João usar o grego refinado encontrado no Evangelho.¹⁴ Mas, como vamos ver mais tarde, é preferível datar os dois livros mais ou menos no mesmo período.

Zahn sugere uma explanação mais válida. Ele diz que o fenômeno lingüístico de Apocalipse é devido, em parte, “à dependência das próprias visões e de sua forma literária baseada no modelo dos escritos proféticos do Antigo Testamento”.¹⁵ Esse argumento parece válido pelo fato de nenhum outro livro do Novo Testamento fazer um uso tão abundante do Antigo Testamento. Em sua tradução do Novo Testamento, Beck fornece no final de cada livro uma lista de referências do Antigo Testamento que são citadas ou aludidas de forma clara no livro em análise. No final de Apocalipse, ele apresenta quase 300 referências dos livros proféticos do Antigo Testamento — incluindo aproximadamente 70 referências de Daniel, que não é classificado como “Profeta” pelos judeus. Isso mostra que o autor de Apocalipse estava saturado com o espírito e ensinamentos dos profetas hebreus.

O uso repetitivo de Daniel pelo autor de Apocalipse — mais do que de qualquer outro livro do Antigo Testamento — acrescenta mais um fator. A linguagem de Apocalipse é definitivamente apocalíptica. Ao manter a ênfase em *cataclismos* e *catástrofes* — duas palavras gregas apropriadas — é mais do que natural que a linguagem apocalíptica fosse abrupta e quebrada em estilo.

Daniel é o grande apocalipse do Antigo Testamento — junto com Ezequiel, que também é mencionado com frequência em Apocalipse. No período intertestamentário, apareceram muitos apocalipses judaicos. Muito tem sido dito nos anos recentes acerca da relação entre o livro de Apocalipse e esses apocalipses judaicos, bem como em relação aos apocalipses cristãos dos primeiros séculos da Igreja. Inúmeros livros foram escritos nessa área.¹⁶ Mas sempre deve ser lembrado que o livro de Apocalipse é mais do que um apocalipse; ele também é uma profecia. Bowman escreveu com propriedade:

Se devemos encontrar um protótipo para o Apocalipse, seria mais próximo da verdade [...] relacioná-lo tanto em forma quanto em conteúdo ao escrito profético do Antigo Testamento do que a qualquer literatura apocalíptica quer judaica ou cristã que apareceu entre 175 a.C. e 100 d.C. Diferentemente dessa literatura, João fala do seu livro como “profecia” em seis passagens e apenas uma única vez como “apocalipse” no seu título.¹⁷

Há ainda uma outra possibilidade que deveria ser considerada. João provavelmente escreveu seu Evangelho e epístolas em Éfeso, onde teria os serviços de excelentes copistas (secretários) gregos. Mas se ele escreveu o livro de Apocalipse na ilha de Patmos, como parece ter sido o caso, ele próprio teria de escrever o livro. O estilo grego rústico seria então o seu próprio.

Na verdade, as diferenças na linguagem entre o Apocalipse e o Evangelho e as epístolas de João têm sido grandemente exageradas. Guthrie observa que “apesar das diferenças lingüísticas e gramaticais, o Apocalipse apresenta uma afinidade maior com o grego dos outros livros de João do que com qualquer outro livro do Novo Testamento”.¹⁸

O que com frequência tem passado despercebido é o fato de haver uma série de afinidades marcantes entre o Apocalipse e o Evangelho de João. Guthrie chama a nossa atenção para um ponto importante: “Os dois livros usam a palavra ‘Logos’ para referir-se a Cristo, uma expressão que não é usada em nenhuma outra parte do Novo Testamento além da literatura joanina (Jo 1.1; Ap 19.13)”.¹⁹ Mais uma comparação é: “Existe um gosto perceptível por antíteses nos dois livros”.²⁰ Westcott já tinha chamado a atenção para esse detalhe em seu comentário acerca do Evangelho de João, em que escreveu: “Ambos apresentam uma visão de um conflito supremo entre os poderes do bem e do mal”.²¹ Ele acrescenta: “No Evangelho, as forças opositoras são apresentadas debaixo de formas abstratas e absolutas, como luz e trevas, amor e ódio; no Apocalipse, debaixo de formas concretas e definidas, Deus, Cristo e a Igreja guerreando com o diabo, o falso profeta e a besta”.²² Essas e outras afinidades tendem a apoiar uma autoria comum.

Às vezes se toma como certo que todos os estudiosos do Novo Testamento hoje em dia rejeitam completamente a idéia de que o Apocalipse foi escrito por João, filho de Zebedeu. Mas, isso não é verdade. Stauffer escreve: “Em vista de tudo isso, temos base suficiente para atribuir esses cinco escritos a um autor comum, de uma individualidade marcante e

grande significância, e identificá-lo como o apóstolo João”.²³ Alan Richardson diz concernente ao Evangelho: “A evidência, tal como a encontramos, não exclui a possibilidade de que a tradição que conecta o quarto Evangelho ao nome de João, filho de Zebedeu, esteja certa, afinal”.²⁴ E, em relação ao Apocalipse? Ele diz: “Hoje pode ser seriamente sustentado que o autor de Apocalipse não é ninguém mais do que o próprio autor do quarto Evangelho, adotando o estilo e imagem convencional da literatura apocalíptica judaica da época como o instrumento de comunicação da sua ‘profecia’ a uma igreja perseguida”.²⁵

B. Data

Duas datas principais para a composição de Apocalipse têm sido sugeridas. Uma é em torno de 65 d.C., quando os cristãos estavam sendo perseguidos por Nero. A outra é em torno de 95 d.C., durante as perseguições realizadas por Domiciano.

O grande triunvirato de Cambridge — Lightfoot, Westcott e Hort — acreditava que o Apocalipse foi escrito durante o tempo de Nero. Mas, como Swete observa: “A primitiva tradição cristã é quase unânime em atribuir o Apocalipse aos últimos anos de Domiciano”.²⁶

Irineu é a testemunha antiga mais importante. Conforme é citado por Eusébio, ele diz no quinto livro de *Against Heresies* (Contra Heresias): “Se, no entanto, fosse necessário proclamar o seu nome [i.e., Anticristo] abertamente no tempo presente, seria declarado por ele que teve a revelação, porque não faz muito tempo que foi visto, quase em nossa própria geração, no fim do reinado de Domiciano”.²⁷ A maioria dos Pais da igreja posteriores segue a interpretação de Irineu.

Há uma série de argumentos que apóiam essa data posterior. Um argumento diz que o livro de Apocalipse parece claramente refletir a presença da adoração ao imperador na província da Ásia. Embora haja evidência da divinização extra-oficial e adoração de imperadores mais antigos, “não houve nenhuma tentativa oficial de reforçar o culto até a última parte do reinado de Domiciano”.²⁸

Mais um argumento é a severidade da perseguição refletida no livro de Apocalipse (1.9; 2.12; 3.10; 6.9). Com relação a Domiciano, Guthrie escreve: “Esse imperador mandou matar seu parente Flávio Clemente e baniou a esposa dele com a acusação de sacrilégio (*atheotes*), o que fortemente sugere que isso ocorreu por causa do cristianismo, visto que a esposa, Domitilla, é conhecida, de inscrições, como tendo sido cristã”.²⁹ O quadro apresentado no Apocalipse parece encaixar-se melhor no reinado de Domiciano.

Um terceiro argumento citado com certa frequência é o mito da ressurreição de Nero. Após a morte desse imperador maníaco em 68 d.C., surgiu uma lenda de que ele continuava vivo e que voltaria como líder à frente de um exército de partos para invadir o Império Romano. Swete comenta: “A lenda, na verdade, não surgiu sem um correlativo histórico. Quando o Apocalipse foi escrito achavam que Nero tinha, na verdade, voltado na pessoa de Domiciano”.³⁰

Alguns acreditam que Apocalipse 13.3 e 17.8 se referem à lenda a respeito de Nero. McDowell afirma: “É claro que o autor de Apocalipse não acreditava nesse mito, mas parece bastante provável que ele o empregou em conexão com o seu simbolismo”.³¹

Uma data no reinado de Nero (c. 65 d.C.) não pode ser descartada. Mas, de acordo com os argumentos acima e especialmente à luz da forte tradição da Igreja Primitiva, parecemos mais sensato ficar com uma data na última parte do reinado de Domiciano (c. 95 d.C.).

C. Destinatários

O livro foi dirigido às “sete igrejas que estão na Ásia” (1.4); isto é, a província da Ásia, no lado ocidental da Ásia Menor (veja mapa 1). As sete igrejas são mencionadas em 1.11.

D. Propósito

O propósito principal era confortar e encorajar os cristãos nas suas perseguições presentes e nas futuras ao assegurar-lhes o triunfo final de Cristo e seus seguidores. Também era necessário advertir as igrejas contra falhas na doutrina ou na prática cristã.

E. Estrutura

Que o livro de Apocalipse é altamente dramático dificilmente pode ser questionado por qualquer leitor atento. Até que ponto esse fenômeno afeta a estrutura do livro?

Bowman tornou esse o fator dominante. Depois de notar que a forma de carta ou epístola se aplica particularmente à saudação de abertura em 1.4-6 (1.1-3 sendo o título do livro) e à bênção final (22.21), ele trata do restante do livro como um drama literário. Entre o Prólogo (1.7-8) e o Epílogo (22.6-10) ele encontra sete atos, cada um com sete cenas.³² Todo o esquema é realizado com grande engenhosidade — demais para alguns críticos! Mas o quadro como um todo causa grande impacto e torna o livro de Bowman uma leitura muito interessante.

McDowell começa o drama com o capítulo 4 e sugere dois atos, com sete cenas cada.³³ Kepler encontra “sete atos e dez cenas”.³⁴

Embora esses esboços difiram um pouco em detalhes, todos eles salientam o fato de que *sete* é o número predominante em Apocalipse. Há sete cartas, sete selos, sete trombetas e sete taças. Poderia parecer que os selos, as trombetas e as taças não representam séries sucessivas de julgamentos, mas deveriam ser interpretados em termos de repetição e revisão. Erdman resume a estrutura do livro desta forma:

Na verdade, contraste e repetição e clímax são traços evidentes na estrutura literária do livro. No entanto, o aspecto mais distinto é o da simetria. Cada uma das cartas às sete igrejas segue o mesmo esquema literário exato. Todas as sete igrejas formam uma seção descritiva da Igreja em sua imperfeição e perigo atual. Com esses capítulos o livro abre, e, com equilíbrio poético, fecha com a figura da Nova Jerusalém, nos dois capítulos contendo a visão da Igreja, perfeita e gloriosa.

Nas cinco seções centrais há a mesma ordem harmoniosa e artística. Duas seções, dos selos e das trombetas, descrevem revolução e catástrofe, das quais naturalmente emergem os grandes antagonistas cujo conflito forma o ponto central da ação dramática, enquanto as duas seções das taças e julgamentos retratam vividamente a destruição dos inimigos de Cristo e preparam para a imagem final da sua Igreja aperfeiçoada no esplendor da “nova terra”.³⁵

F. Interpretação

Há três escolas principais de interpretação do Apocalipse que são importantes hoje. A primeira, chamada de interpretação *preterista*, considera que todo o Apocalipse se refere ao contexto histórico do período do Império Romano. A perseguição imperial dos cristãos seria seguida pela derrota final do poder imperial. A segunda, conhecida como interpretação *historicista*, vê o livro como uma sucessão de eventos significativos ao longo da história da Igreja. Isso é mais corretamente rotulado como o método de interpretação “histórico contínuo”. A terceira, a interpretação *futurista*, considera que tudo a partir do capítulo 4 ainda está para ser cumprido. Em vários pontos na exposição notaremos a aplicação dessas três interpretações na explicação de passagens específicas. Pelo que sabemos, esse é o primeiro comentário publicado que faz isso.

Com frequência, os proponentes dessas várias escolas de pensamento têm sido intolerantes uns com os outros. O fato simples que nenhuma pessoa cuidadosa negaria é que as três interpretações são defendidas por pessoas devotas, cheias do Espírito e leais à Palavra de Deus. Precisa-se ter uma compreensão mútua solidária no Espírito de Cristo.

Niles tem sabiamente chamado a atenção ao fato de que “a mensagem essencial que João busca passar é tal que mesmo grandes diferenças de interpretação não chegam a afetá-la”.³⁶ Essa mensagem é que a verdade vai triunfar no final, apesar de todas as forças do mal.

A atitude correta para cada leitor de Apocalipse é bem definida por Richardson: “Deveríamos abordar o livro com a humildade de espírito que se dispõe a dizer em certos momentos: ‘Não sei’”.³⁷ Ele também diz: Deveríamos estar preocupados com a mensagem e o valor do livro para a nossa geração. Deveríamos deixar que essa palavra de Deus para o primeiro século se torne para nós a palavra de Deus para o século vinte”.³⁸

Nessa era atômica, quando eventos se movem rapidamente ao longo do palco da história, numa velocidade orbital em que uma crise segue a outra, o livro de Apocalipse alcança uma nova relevância. Somos lembrados de palavras escritas há muitos anos acerca desse livro, mas iluminadas agora por duas guerras mundiais: “O livro deve ser lido com o clarão sombrio de cidades em chamas — Jerusalém e Roma — e, podemos acrescentar, pela luz das fogueiras dos mártires”.³⁹ Hoje, com a difusão da intolerância religiosa, os cristãos enfrentam a ameaça de perseguições mais seriamente do que em qualquer outra época histórica.

Qual é a lição que o Apocalipse tem a nos ensinar? Richardson expressa isso da seguinte forma:

A Vinda do Senhor é a nota predominante do livro. “Certamente, cedo venho” é a palavra de Cristo aos seus santos sofredores. Essa vinda é uma vinda progressiva e repetida. Muitas vezes e de muitas maneiras Cristo vem. Ele vem quando em fé nos voltamos a Ele; Ele vem na crise da vida quando clamamos a Ele; Ele vem na hora da morte para nos receber [...] No final, na plenitude dos tempos, Ele virá visivelmente na glória para concluir as cenas da nossa história terrena e para pre-nunciar o julgamento final.⁴⁰

Esboço

I. O PASSADO, 1.1-20

- A. O Sobrescrito, 1.1-3
- B. A Saudação, 1.4-8
- C. O Filho do Homem, 1.9-20

II. O PRESENTE, 2.1—3.22

- A. Carta à Igreja de Éfeso, 2.1-7
- B. Carta à Igreja de Esmirna, 2.8-11
- C. Carta à Igreja de Pérgamo, 2.12-17
- D. Carta à Igreja de Tiatira, 2.18-29
- E. Carta à Igreja de Sardes, 3.1-6
- F. Carta à Igreja de Filadélfia, 3.7-13
- G. Carta à Igreja de Laodicéia, 3.14-22

III. O FUTURO, 4.1—22.21

- A. O Trono e o Cordeiro, 4.1—5.14
- B. Os Sete Selos, 6.1—8.1
- C. As Sete Trombetas, 8.2—11.19
- D. A Sétupla Visão, 12.1—14.20
- E. As Sete Taças, 15.1—16.21
- F. As Últimas Sete Cenas, 17.1—20.15
- G. A Nova Jerusalém, 21.1—22.21

SEÇÃO I

O PASSADO

Apocalipse 1.1-20

O primeiro capítulo de Apocalipse forma uma introdução do livro. Ele é composto por um breve parágrafo em que é apresentado o título e propósito da sua composição (vv. 1-3), seguido por uma saudação (vv. 4-8) e a visão de Cristo (vv. 9-20).

A. O SOBRESCRITO, 1.1-3

1. *A Fonte da Revelação* (1.1)

As três primeiras palavras do livro de Apocalipse são: *Apocalypsis Iesou Christou*. Este é obviamente o título do livro. É por isso que não encontramos nenhum artigo definido. Assim, traduzimos o título: **Revelação de Jesus Cristo**.

Na língua portuguesa, esse livro é predominantemente denominado de “Apocalipse”. Isso ocorre porque a palavra grega para **revelação** é *apocalypsis*. Vem do verbo *apocalypso*, “descobrir” ou “revelar”. Na Septuaginta e no Novo Testamento, ele é usado no sentido especial de uma revelação divina. Um bom exemplo do Antigo Testamento grego é Amós 3.7: “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas”. No Novo Testamento, Paulo usa o substantivo 13 vezes. Por exemplo, ele fala da “revelação do mistério” (Rm 16.25). Ele recebeu seu evangelho “pela revelação de Jesus Cristo” (Gl 1.12). O termo também é usado para a Segunda Vinda em 1 Coríntios 1.7 (“manifestação”; “vinda” na KJV) e 2 Tessalonicenses 1.7, bem como em 1 Pedro 1.7, 13; 4.13. Vincent escreve: “*A Revelação aqui é o revelar dos mistérios divinos*”.¹

Mas, qual é o significado do complemento **de Jesus Cristo**? Alguns estudiosos entendem que esse é um genitivo objetivo; isto é, Jesus Cristo está sendo revelado. Um certo apoio para esse ponto de vista é encontrado no fato de que temos uma visão de Cristo nesse primeiro capítulo. Mas isso não descreve apropriadamente os conteúdos do livro como um todo.

Em segundo lugar, ele pode ser tratado como um genitivo de posse; isto é, a revelação pertence a Jesus Cristo. Isso é apoiado pela frase **a qual Deus lhe deu**. Mas isso era para o propósito da sua transmissão a João.

Um terceiro ponto de vista é que esse é um genitivo subjetivo; isto é, Jesus Cristo dá a revelação. Isso parece fazer mais sentido. Lenski diz: “O genitivo é subjetivo: Jesus Cristo fez essa Revelação”.² Phillips realça o ponto ao traduzir assim a sentença: “Essa é a Revelação de Jesus Cristo”. No entanto, é melhor deixar de fora o verbo da expressão, como ocorre no grego, e transformá-la no título do livro.

A fonte da revelação foi Deus — **a qual Deus lhe deu**. Swete comenta: “O Pai é o supremo Revelador [...] o filho é o agente por meio de quem a revelação passa aos homens”.³ Isso está em conformidade com o ensinamento do Evangelho de João (3.35; 5.20-26; 7.16; 8.28 etc.).

O propósito de Deus ao dar essa revelação a Jesus era que ele pudesse **mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer**. A palavra para **servos** é *doulois*, que significa “escravos”. Mas Simcox emite uma nota de advertência para aqueles que interpretam esse termo no sentido moderno ocidental. Ele diz: “No Oriente (Lc 15.17) os servos que foram comprados por um preço estavam acima dos assalariados”.⁴ Em Atos e nas epístolas, o termo é freqüentemente aplicado aos cristãos.

A palavra **devem** (*dei*) é extremamente significativa. Charles escreve: “O *dei* denota não a consumação rápida das coisas, mas o cumprimento absolutamente certo do propósito divino”.⁵

Um outro termo importante é **brevemente** (*en tachei*). Charles comenta: “Que esse cumprimento ocorreria ‘logo’ [...] sempre foi a expectativa de toda profecia viva e apocalíptica”.⁶ A. T. Robertson observa: “É um termo relativo a ser julgado à luz de 2 Pedro 3.8, de acordo com o relógio de Deus, não o nosso”.⁷ A mesma frase ocorre em Lucas 18.8. Simcox diz: “Essas últimas passagens sugerem que o objetivo dessas palavras é assegurar-nos da prontidão prática de Deus para cumprir suas promessas, em vez de definir qualquer limite de tempo para o seu cumprimento real”.⁸ No calendário de Deus, esses eventos são marcados de maneira definida, mas não nos cabe interpretar esse calendário (cf. At 1.7). No entanto, tudo será cumprido brevemente — “logo”, ou “em breve”. Moffatt comenta: “Esse é o ponto crítico do livro [...] A nota-chave de Apocalipse é a certeza alegre de que da parte de Deus não há relutância ou atraso; seu povo não precisa esperar ansiosamente agora”.⁹ Newell faz a seguinte sugestão útil: “Brevemente’ não só significa iminência, mas também *rapidez na execução*, depois da ação iniciada”.¹⁰

A sentença seguinte também é importante: **pelo seu anjo as enviou e as notificou a João, seu servo**. O verbo **notificou** é *semaino*. Ele vem de *sema* (*semeion*), “um sinal”. Assim, esse verbo significa “dar um sinal, representar, indicar”,¹¹ ou “fazer conhecido, relatar, comunicar”.¹² Lange diz o seguinte: “*Esemanen* é uma modificação de *deixai* [mostrou], indicativo dos sinais empregados, a representação simbólica”.¹³ Bengel observa: “a LXX usa *semainein* para expressar um grande sinal de uma grande coisa: Ezequiel

33.3”.¹⁴ O verbo é encontrado somente aqui em Apocalipse. Vincent escreve: “A palavra é apropriada para o caráter simbólico da revelação, como em João 12.33, em que Cristo prediz o modo da sua morte por meio de uma figura”.¹⁵

É com base nessa derivação etimológica que muitos mestres da Bíblia têm escolhido dar a **notificou** o significado de “sinalizou”; isto é, o material desse livro é apresentado em sinais e símbolos. Alguns comentaristas mais recentes têm contestado essa explicação. J. B. Smith, por exemplo, diz: “O uso da palavra em outros textos (Jo 12.33; 18.32; 21.19; At 11.28; 25.27) não permite esse significado. Em cada caso, o sentido deve ser indicado pela palavra e não pelo símbolo”.¹⁶ Parece, no entanto, que a idéia tem algum mérito, embora não deva ser superenfatizada. No léxico de Liddell-Scott-Jones, o primeiro significado dado é: “mostrar por um sinal, indicar, apontar”.¹⁷ Também é mencionado que quando o verbo é usado “absolutamente” (i.e., sem um objeto) ele significa “dar sinais”. É dessa forma que o termo é usado aqui. Depois de descrever o significado original da palavra, McDowell observa: “O autor infere que a mensagem que ele recebeu é dada aos seus leitores por meio de sinais e símbolos. A atenção a esse fato deveria poupar-nos de um literalismo crasso ao interpretar a mensagem do livro”.¹⁸

A revelação foi notificada **pelo seu anjo**. Provavelmente, a melhor coisa é pegar essa forma singular de maneira *genérica*. Ela se aplicaria, portanto, “a todos os anjos individuais que nas diferentes visões têm o ofício de fazer declarações significativas”.¹⁹ Esses anjos (ou anjo) são mencionados em 17.1, 7, 15; 19.9; 21.9; 22.1, 6. O significado literal de **anjo** (*angelos*) é “mensageiro”. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento encontramos Deus usando anjos como mensageiros para comunicar sua revelação aos homens.

Nesse caso, a revelação foi enviada **a João, seu servo**. Duesterdieck comenta: “O vidente se autodenomina servo de Jesus Cristo quanto ao seu serviço profético. O acréscimo do seu próprio nome contém, de acordo com o costume profético antigo, uma atestação da profecia”.²⁰

2. O Conteúdo da Revelação (1.2)

João **testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto**. As palavras gregas para **testificou** e **testemunho** vêm da mesma raiz. O *The Twentieth Century New Testament* [Novo Testamento do Século Vinte] preserva essa conexão ao traduzir o versículo da seguinte forma: “o qual testificou da Mensagem de Deus, e do testemunho acerca de Jesus Cristo, não omitindo nada daquilo que viu”.

A raiz grega comum é *martyr*. Rist observa que a combinação aqui “pode envolver um jogo de palavras que não é reproduzível na tradução inglesa, porque a palavra ‘testemunho’ também pode significar ‘martírio’, enquanto ‘testificou’ vem de um verbo que pode significar ‘tornar-se um mártir’. Há uma conexão próxima, porque aqueles que testificavam e davam testemunho eram candidatos ao martírio nos dias de perseguição”.²¹ É por isso que a palavra grega *martyros*, “testemunha”, finalmente veio a significar “mártir”.

Testificou está no aoristo. Esse é um bom exemplo de um aoristo epistolar. João está testificando enquanto escreve, mas do ponto de vista dos seus leitores estaria no tempo passado. Assim, o aoristo epistolar seria melhor traduzido como um presente contínuo no português.

Da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus são definidos por Charles como significando “a revelação dada por Deus e testificada por Cristo (genitivo subjetivo)”.²² Semelhantemente, Swete apresenta esta identificação: “A revelação concedida por Deus e atestada por Cristo”.²³

E de tudo o que tem visto. Não existe a conjunção **e** nos melhores textos gregos, assim, a maioria dos comentaristas toma essa frase como estando em aposição com a **palavra de Deus** e o **testemunho de Jesus**. Swete diz: “Essa palavra e testemunho alcançaram a João em uma visão”.²⁴ Goodspeed traduz essa passagem da seguinte forma: “Que testifica de acordo com o que viu — a mensagem de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”.

3. A Bênção dos Receptores (1.3)

João pronuncia uma tríplice bênção a três grupos. A primeira é: **aquele que lê**. O contexto indica claramente que a referência é a alguém que lê o livro a outros — **os que ouvem**. Isso justifica a tradução da RSV, que traz: “aquele que lê em voz alta”. “Não é a pessoa particular [...] mas [...] a pessoa que lê em voz alta na congregação”.²⁵ Esse era inicialmente um leitor leigo, mas, mais tarde, um obreiro da igreja.

Ao chamar aquilo que ele estava escrevendo de **as palavras desta profecia**, João deliberadamente colocou o livro de Apocalipse no mesmo nível dos livros proféticos do Antigo Testamento. Ele repete isso em 22.7, 10, 18.

Mas, o ouvinte também deve ser um praticante — **e guardam as coisas que nela estão escritas**. O verbo grego *tereo* “é constantemente usado para ‘guardar’ a Lei, os Mandamentos [...] em todo o NT; mas é mais comum em *todos* os escritos de João”.²⁶

Essa é a primeira das sete bem-aventuranças no livro de Apocalipse (cf. 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7, 14). Um estudo dessas “bem-aventuranças” seria proveitoso tanto para os obreiros como para os leigos.

Uma frase final é: **porque o tempo está próximo**. A palavra para **tempo** não é *chronos* — tempo no sentido de duração. A palavra aqui é *kairos* — “tempo que produz seus diversos nascimentos”.²⁷ Arndt e Gingrich definem a palavra assim: “*o tempo certo, apropriado, favorável [...] tempo definido e estabelecido [...] um dos principais termos escatológicos, ho kairos, o tempo de crise, os últimos tempos*”.²⁸ Lange traduz esse termo aqui por: “o tempo de decisão”. Weymouth traz: “Porque o tempo do seu cumprimento está agora próximo”.

Mais uma vez, João ressalta a iminência daquilo que irá acontecer (cf. “brevemente”, v. 1). Niles observa: “Uma qualidade do apocalipse bem como da profecia é a pré-condensação da visão que estabelece como iminente aquilo que com certeza vai acontecer”.²⁹ De Cristo ele diz: “Ele está vindo e virá. Na verdade, é nessa fusão do presente contínuo com o futuro certo que se encontra a clareza da escatologia bíblica”.³⁰

R. H. Charles chamou a atenção para o fato de se encontrar nesses três primeiros versículos de Apocalipse três elementos, cada um consistindo em três partes. Com relação à 1) fonte da Revelação, ela era de Deus, por meio de Cristo, e comunicada por João aos seus ouvintes. 2) Os conteúdos da revelação são especificados como a palavra de Deus, a verdade atestada por Cristo, reunido naquilo que João viu. 3) A bênção era tríplice — ao leitor público, aos ouvintes e especialmente aos praticantes.³¹

B. A SAUDAÇÃO, 1.4-8

Os três primeiros versículos formam um sobrescrito para o livro, quase como um título ampliado como encontramos nos títulos de livros escritos há duzentos ou trezentos anos. Mas esse parágrafo constitui uma saudação, indicando o caráter epistolar do livro de Apocalipse. Charles diz: “Todo o livro, a partir de 1.4 até o seu final é, na verdade, uma epístola”.³²

1. A Saudação (1.4,5a)

Diferentemente do costume atual de colocar o nome do remetente somente no final de uma carta, todas as cartas daquele período seguiam o costume sensível de apresentar o nome do autor logo no início. Assim, o leitor saberia imediatamente quem estava escrevendo para ele.

Dessa forma, a parte principal do livro de Apocalipse começa com **João**. Esse provavelmente era João, filho de Zebedeu, o apóstolo que escreveu o quarto Evangelho e as três epístolas que levam o seu nome (veja Int., “Autoria”). Como respeitável patriarca da Igreja ele não tinha necessidade de identificar-se mais detalhadamente.

O livro é dirigido **às sete igrejas que estão na Ásia**. No Novo Testamento o termo **Ásia** não significa o continente, mas a província romana da Ásia, situada no lado ocidental da Ásia Menor (veja mapa 1). Ela tinha sido formada em torno de 130 a.C., com a adição da Frígia em 116 a.C.

Por que sete igrejas? Havia igrejas cristãs em diversas outras cidades da Ásia, como Colossos e Hierápolis (Cl 1.2; 4.13), Trôade (At 20.5), Magnésia e Trales, às quais Inácio escreveu em torno de 115 d.C. Foi sugerido que Trôade foi omitida por causa da sua distância das sete igrejas. Por outro lado, as cidades de Hierápolis e Colossos ficavam muito próximas de Laodiceia, e Magnésia e Trales, de Éfeso, por isso não foram mencionadas.

Mas uma explicação melhor é que sete era o número da perfeição. O autor de Apocalipse usa esse número como estrutura básica para o seu livro. Aqui esse número significa santidade e perfeição. Erdman escreve: “As sete igrejas endereçadas foram, portanto, representativas de toda a Igreja em todo o mundo e em todas as épocas. Assim, João está dirigindo o livro inteiro à Igreja Universal”³³ O Cânon Muratoriano (final do segundo século) já exprimia: “E João também no Apocalipse, embora escrevesse às sete igrejas, no entanto, fala a todos”.³⁴

Graça e paz seja convosco é a mesma fórmula encontrada no início das epístolas paulinas e nas duas de Pedro. (Em 1 e 2 Timóteo, bem como em 2 João, a palavra “misericórdia” é acrescentada. Essas palavras altamente significativas são discutidas nos comentários no início de diversas epístolas paulinas. Plummer observa que a combinação desses dois termos “une elementos gregos e hebraicos, e dá aos dois um profundo significado cristão”.³⁵

Graça e paz vêm primeiro da parte daquele que é, e que era, e que há de vir. Isso refere-se primeiramente ao Pai, como o Eterno. Lenski comenta que “Aquele que É” significa: ‘Aquele que É de eternidade em eternidade’ [...] ‘e Aquele que Era’ significa: ‘Aquele que era antes do tempo e da origem do mundo’ [...] ‘e Aquele que está vindo’ quando o tempo já não mais existir, quando Ele vier para o julgamento final”.³⁶ Ele acrescenta: “Aquele que está vindo’ é altamente messiânico”.³⁷

Simcox segue Alford ao argumentar que toda a expressão aqui é “uma paráfrase do ‘nome Inefável’ revelado a Moisés” em Êxodo 3.14 (i.e., Jeová ou Yahweh) e talvez também “uma paráfrase da explicação do Nome dado a ele: EU SOU O QUE SOU”.³⁸ O Targum palestino de Deuteronômio 27.39 traz: “Eis que sou Aquele que Sou, que Era e que Será”. Essa identificação parece razoável, embora devêssemos considerar o ponto de vista de Lenski em relação ao Messias.

A terceira frase aqui não é **que há de vir**, mas, literalmente, “Aquele que está vindo”. Swete sugere que essa última tradução era talvez a preferida “porque prenuncia já no início o propósito do livro, que deve revelar as intervenções de Deus na história humana”.³⁹

A gramática grega aqui é irregular. Literalmente significa o seguinte: “da parte dele...”. Moffatt chama isso de “violação gramatical estranha e deliberada [...] para proteger a imutabilidade e inteireza do nome divino da declinação”.⁴⁰ Semelhantemente, Charles escreve: “Temos aqui um título de Deus expresso em termos de tempo. O Vidente violou deliberadamente as regras de gramática para preservar o nome divino inviolado de uma mudança que teria de sofrer se fosse declinado”.⁴¹

Em segundo lugar, graça e paz vem **dos sete Espíritos que estão diante do seu trono**. Embora um certo número de comentaristas recentes interpretem essa frase como uma referência a seres angelicais, parece mais certo adotar o ponto de vista mais comum de que essa é uma designação simbólica para o Espírito Santo. Alford diz: “Os sete espíritos indicam a plenitude e a universalidade do agir do Espírito Santo de Deus, da mesma maneira que as sete igrejas tipificam e indicam a igreja em geral”.⁴² Swete concorda com essa posição.⁴³ Plummer acredita que a expressão significa: “O Espírito Santo, sétuplo em suas operações”, e acrescenta: “O número sete mais uma vez simboliza universalidade, plenitude e perfeição — essa unidade no meio da diversidade que marca a obra do Espírito e a esfera da Igreja”.⁴⁴ Essa interpretação é fortemente apoiada por 5.6, que se refere a Zacarias 4.10.

O sétuplo Espírito está **diante do seu trono**. Lenski conclui sua discussão desse versículo ao dizer: “Assim, devemos unir todas essas expressões; esses ‘sete’ pontos no que tange à comissão do Espírito de agir do trono e tornar Deus e o homem um”.⁴⁵

Em terceiro lugar, graça e paz vêm de **Jesus Cristo** (5). Ele é retratado por três figuras. Primeiramente, Ele é **a testemunha fiel**.⁴⁶ **Fiel** significa “digno de confiança”. Duesterdieck não limita esse testemunho ao ministério terreno de Cristo. Em vez disso, Ele é “aquele por meio de quem cada revelação divina ocorre, que comunica predições não só para os profetas em geral, como no momento para o autor de Apocalipse, mas também testifica da verdade ao censurar, admoestar e confortar as igrejas”.⁴⁷

A palavra grega para **testemunha** mais tarde veio a significar “mártir”. Dessa forma, nossa palavra mártir é derivada dela (gen., *martyros*). Moffatt comenta: “Jesus não [é] meramente a testemunha confiável de Deus, mas o mártir fiel: um aspecto da sua carreira que naturalmente se sobressaiu nos ‘tempos da matança’ ”⁴⁸ (cf. 2.10). Somente aqui e em 3.14 Jesus é chamado de **testemunha**.

Ele também é **o primogênito dos mortos**. O termo **primogênito** era um título messiânico.⁴⁹ Jesus é agora **o príncipe** (governante) **dos reis da terra**. Charles entende que a idéia predominante de **primogênito** aqui é a soberania. Ele traduz essas três cláusulas da seguinte forma: “a verdadeira testemunha de Deus, o *soberano* dos mortos, o governante dos vivos”.⁵⁰ Swete diz: “A ressurreição trazia consigo um senhorio em potencial sobre toda a humanidade [...] O Senhor conquistou com a sua morte o que o

Tentador havia lhe oferecido como a recompensa pelo pecado [...] Ele ressuscitou e ascendeu aos céus para receber o império universal”.⁵¹ Ele também observa que o título triplo — **testemunha, primogênito, governante** — “responde ao propósito triplo de Apocalipse, que é ao mesmo tempo um testemunho divino, uma revelação do Senhor ressurreto e uma profecia dos assuntos da história”.⁵²

Esses três versículos retratam a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. “O aspecto da Trindade aparece em todo o livro de Apocalipse”.⁵³

2. A *Doxologia* (1.5b-6)

A contemplação de João em relação a Cristo como o Senhor Ressurreto que reina sobre tudo o faz irromper em uma explosão espontânea de louvor. Isso também é uma característica comum nas epístolas de Paulo. Almas devotas sempre responderam com louvor à bondade e grandeza do nosso Senhor.

Aquele que nos ama (5) deveria iniciar um novo versículo. O verbo também está no particípio presente.

Em vez de **lavou**, os melhores e mais antigos manuscritos gregos trazem “libertou”. As duas formas são similares na soletração e praticamente iguais em pronúncia (*lousanti* [...] *lusanti*) e dessa forma era muito fácil serem confundidas, especialmente se o escriba estivesse copiando por meio do ditado. A tradução correta dessas duas frases é: “Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados” (ARA). A primeira frase ressalta o amor duradouro do Redentor; a segunda, sua obra de redenção concluída. Seu sangue era o preço que Ele pagou para nos libertar da escravidão do pecado. Esse é o ensino uniforme do Novo Testamento.

Qual é o resultado dessa redenção? Ele **nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai** (6). O grego traz: “E Ele nos fez um reino, sacerdotes ao seu Deus e Pai”. **Sacerdotes** está em oposição a *reino*. Isso evidentemente reflete Êxodo 19.6: “E vós me sereis reino sacerdotal”. Isso também se assemelha com a frase encontrada em 1 Pedro 2.9: “o sacerdócio real”. Charles comenta: “Nosso texto então significa que Cristo nos fez um reino, em que cada membro é um sacerdote para Deus”.⁵⁴ Isso não só é um grande privilégio, mas também envolve uma imensa responsabilidade. Erdman escreve: “Uma vez que somos sacerdotes deveríamos estar oferecendo continuamente sacrifícios de louvor, de abnegação e de um ministério amoroso, derramando nossas vidas em intercessão e em serviço compassivo ao nosso próximo”.⁵⁵

A doxologia termina numa forma quase tipicamente paulina: **a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém**. Essa é a primeira de três doxologias a Cristo no Apocalipse (cf. 5.13; 7.10). Uma doxologia semelhante ocorre em 2 Pedro 3.18. As doxologias nas epístolas paulinas referem-se quase sempre a Deus, o Pai. Moffatt observa: A adoração de Cristo, que ressoa nessa doxologia [...] é um dos aspectos mais impressionantes do livro”.⁵⁶ Plummer chama a nossa atenção para um fato interessante. Ele diz: “As doxologias de São João aumentam em volume à medida que ele progride — dupla aqui, tripla em 4.11, quádrupla em 5.13 e sétupla em 7.12”.⁵⁷

Tem sido sugerido que 1 Crônicas 29.11 — “Tua é, SENHOR, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade” — seja a fonte da maioria das doxologias posteriores. Uma vez que Jesus é chamado de “Senhor” no Novo Testamento, Ele se torna, com o Pai, o objeto dessa adoração.

A expressão **para todo sempre** é literalmente “pelos séculos dos séculos”; isto é, “eternamente” (Phillips). Essa expressão ocorre mais 12 vezes em Apocalipse.⁵⁸

Evidentemente, o hábito de colocar **Amém** no fim da oração ou louvor começou muito cedo. Swete diz: “A palavra *Amém* ocorre no final de quase todas as doxologias do NT”.⁵⁹ Essa palavra significa “Assim seja!” ou “Verdadeiramente!”

3. A Profecia (1.7)

Esse versículo é “uma reminiscência e adaptação” de Daniel 7.13 e Zacarias 12.10-14.⁶⁰ **Eis que vem com as nuvens** é da passagem de Daniel: “e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do Homem”. Essa vinda nas nuvens é mencionada mais seis vezes no Novo Testamento (Mt 24.30; 26.64; Mc 13.26; 14.62; Lc 21.27; Ap 14.14). A linguagem aqui reflete Marcos 14.62: “e vereis o Filho do Homem [...] vindo sobre as nuvens do céu”.

O restante desse versículo é tirado em grande parte de Zacarias 12.10. Quando Cristo vier em julgamento, **todo olho o verá**. Estarão incluídos **os mesmos que o traspas-saram**. Aqui se refere claramente ao traspasar do “lado de Jesus” na cruz (Jo 19.34). Essa mesma passagem de Zacarias é citada nessa conexão (Jo 19.37). O fato do traspasar ser mencionado somente no Evangelho de João, e que a ordem de palavras aqui e em João 19.37 concordem de maneira impressionante⁶¹ fornece um apoio considerável para a autoria em comum do quarto Evangelho e de Apocalipse.

Mas essa predição de julgamento não deveria ficar restrita à nação judaica. Plummer escreve: “A referência aqui é a todos aqueles que ‘crucificam o Filho de Deus novamente’, não meramente aos judeus”.⁶² João acrescenta: **e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele**. Essa é “uma livre adaptação do hebraico em Zacarias 12.12”.⁶³

A combinação dessas passagens de Daniel e Zacarias já tinha sido feita no discurso do monte das Oliveiras (Mt 24.30). Simcox declara: “Esse versículo, como também se pode dizer de todo o livro, é fundamentado principalmente na própria profecia do Senhor registrada em Mateus 24, e em segundo lugar, nas profecias do Antigo Testamento às quais Ele ali se refere e que resume”.⁶⁴

Simcox acrescenta essa observação útil na relação com a passagem do AT: “Mas enquanto as *palavras* aqui são tiradas de Zacarias, o *pensamento* é mais propriamente de Mateus 24.64: ‘aqueles que o traspas-saram’ são vistos não como olhando para Ele com fé e pranteando por Ele em penitência, mas em vê-lo como Alguém em quem não creram e, por isso, estão pranteando em desespero”.⁶⁵

No grego, **Sim! Amém** é *nai, amen*. Charles observa: “Temos aqui formas gregas e hebraicas de confirmação lado a lado”.⁶⁶ A mesma associação é encontrada em 2 Coríntios 1.20. Em 3.14, Jesus é nomeado de “o Amém”. Charles comenta: “Aqui Cristo é representado como o Amém divino personalizado, o avalista em pessoa acerca da verdade declarada por Ele”.⁶⁷

4. A Proclamação (1.8)

Esse versículo parece ser independente, não estando relacionado com o que o precede ou o segue. João tem falado, mas agora uma nova personagem faz uma declaração divina.

Mas quem é essa nova personagem que fala? Swete escreve: “A abertura solene do livro alcança seu clímax aqui com palavras atribuídas ao Pai Eterno e Todo-poderoso”.⁶⁸ Muitos comentaristas recentes concordam com isso.

Mas Plummer discorda. Ele diz o seguinte acerca das frases usadas aqui: “Atribuí-las ao Pai rouba as palavras da sua adequação especial nesse contexto, em que formam o prelúdio para ‘a Revelação de Jesus Cristo’ como Deus e como o ‘Governante dos reis da terra’”.⁶⁹ Ele sente que João está aqui ressaltando a divindade de Jesus, e encontra uma progressão nisto: **Alfa e o Ômega** (1.8), “o Primeiro e o Último” (1.17; 2.8), “Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (21.6), “Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Derradeiro” (22.13).

J. B. Smith chama a atenção para o fato de os pais da Igreja Primitiva aplicarem esse versículo a Cristo. Ele cita integralmente de Hipólito e Orígenes e documenta as citações.⁷⁰ Essa parece a melhor posição.

Alfa e o Ômega são a primeira e a última letra do alfabeto grego. Provavelmente, elas são usadas “como nos provérbios rabínicos a primeira e última letra do alfabeto hebraico, simbolizando ‘o princípio e o fim’”.⁷¹ No entanto, as palavras explanatórias, **o Princípio e o Fim**, não são genuínas, embora o sejam em 22.13. Acerca de **Alfa e o Ômega**, Swete escreve: “A frase é entendida como não expressando somente eternidade, mas infinidade, a vida ilimitada que compreende tudo e transcende tudo”.⁷²

O Senhor é “o Senhor Deus” no melhor texto grego. **Todo-poderoso** (*pantokrator*) ocorre somente mais uma vez no Novo Testamento (1 Co 6.18), mas é encontrado nove vezes no Apocalipse.

Lenski diz o seguinte acerca do propósito de João ao escrever os versículos 7 e 8: “De forma dramática ele expressa o *resumo do tema* de todo o livro, de todas as revelações que teve (v. 7) e no versículo 8 anexa a *própria assinatura de Cristo*”.⁷³

C. O FILHO DO HOMEM, 1.9-20

1. O Cenário da Visão (1.9-11)

Antes que João pudesse receber uma apresentação prévia do que ocorreria no futuro, ele precisa ver o próprio Cristo. O cenário da visão era o apóstolo na ilha de Patmos (veja mapa 1) **em espírito, no dia do Senhor** (10). O assunto da visão era o Filho do Homem, parado no meio da sua Igreja.

O autor apresenta-se como **Eu, João** (9). A. R. Fausset chama nossa atenção para os paralelos em Daniel 7.28; 9.2; 10.2 e comenta: “[Essa é] uma das muitas semelhanças entre os videntes apocalípticos do Antigo e do Novo Testamento. Nenhum outro autor das Escrituras usa essa frase”.⁷⁴

João se descreve como **vosso irmão**, ou companheiro cristão, e **companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo**. Isso é mais corretamente traduzido da seguinte forma: “companheiro participante [*synkoinonos*] na tribulação e reino e perseverança que estão em Jesus” (NASB). A palavra **paciência** é um termo passivo demais para o grego *hypomone*, que significa “persistência e constância”.

Acerca da frase **na aflição**, Bengel faz a seguinte observação convincente: “Esse livro tem um grande apreço pelos fiéis na aflição”.⁷⁵ O livro de Apocalipse foi escrito em uma época de grande tribulação para os cristãos, e ele se torna muito significativo em tempos como esses.

João estava na ilha de **Patmos**. Essa era uma pequena ilha com cerca de 16 quilômetros de comprimento de norte a sul e não mais do que 10 quilômetros de largu-

ra, situada a cerca de 60 quilômetros a sudoeste de Mileto (veja mapa 1). Ela é constituída de montes vulcânicos rochosos.

A apóstolo estava lá **por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo**. Isso não significa que ele tinha ido à ilha para pregar o evangelho. Uma paráfrase correta seria: “porque eu havia pregado a palavra de Deus e dei meu testemunho de Jesus” (NEB). As pequenas ilhas do mar Egeu eram usadas pelos romanos como lugares de reclusão, para os quais eram banidos os prisioneiros políticos. Uma comparação entre 6.9 e 10.4 mostra que no livro de Apocalipse **palavra de Deus e testemunho** são usados em conexão com a perseguição dos cristãos. Falando da opressão por Domiciano (95 d.C.), Eusébio escreve: “Nessa perseguição, de acordo com a tradição, o apóstolo e evangelista João, que ainda estava vivo, em consequência do seu testemunho da palavra divina, foi condenado a morar na ilha de Patmos”.⁷⁶ Ele também diz: “Mas, depois que Domiciano tinha reinado quinze anos, e Nerva chegou ao governo, o senado romano decretou que [...] aqueles que tinham sido expulsos injustamente deveriam retornar aos seus lares e ter seus bens restaurados [...] Foi então que o apóstolo João retornou do exílio e voltou a morar em Éfeso, de acordo com uma tradição antiga da igreja”.⁷⁷

Parece que tempos de tribulação freqüentemente preparam o terreno para a revelação de Deus ao homem. Plummer observa: “Foi no exílio que Jacó viu Deus em Betel; foi no exílio que Moisés viu Deus na sarça ardente; foi no exílio que Elias ouviu ‘uma voz mansa e delicada’; foi no exílio que Ezequiel viu a glória do Senhor junto ao rio Quebar; foi no exílio que Daniel viu o “ancião de dias”.⁷⁸

João declara que quando recebeu a visão, estava **em espírito** (10). O que isso significa? Os tradutores têm interpretado essa frase de diversas formas: “em transe” (NT 20th Century), “inspirado pelo Espírito” (Weymouth), “arreatado no Espírito” (Moffatt), “possuído pelo Espírito” (Berk.), “no poder do Espírito” (C. B. Williams), “alcançado pelo Espírito” (NEB). Os comentaristas diferem muito na tradução. Lange explica a frase como significando o seguinte: “transportado para fora da consciência ordinária de cada dia e colocado na condição de êxtase profético”.⁷⁹ Simcox traz: “Foi levado a um estado de arrebatamento espiritual”.⁸⁰ Charles diz que *egenomen en pneumatí* (lit.: “tornei-me no espírito”) “não significa nada mais do que o vidente cair em transe”.⁸¹ Lenski escreve: “A frase significa ‘em espírito’, e não deveríamos escrevê-la com letra maiúscula como que se referindo ao Espírito Santo. Esse é o *pneuma* de João”.⁸² Ele acredita tratar-se de um êxtase milagroso, “um estado causado diretamente por Deus”.⁸³ Nós preferimos a interpretação de Swete que entende que toda a frase “denota a exaltação de um profeta debaixo da inspiração”⁸⁴ (do Espírito).

Essa experiência imponente veio a João **no dia do Senhor**. Alguns entendem que isso significa “o dia do Senhor”, uma frase profética comum no Antigo e Novo Testamento. Eles acreditam que o vidente foi transportado em espírito para o tempo da Segunda Vinda.

Mas o grego aqui descarta essa interpretação. **Do Senhor** é um adjetivo, não a expressão comum do genitivo “do Senhor”. Essa expressão ocorre somente mais uma vez no Novo Testamento (1 Co 11.20 — “a Ceia do Senhor”). Ela significa “pertencer ao Senhor” ou “consagrado ao Senhor”.

O adjetivo é encontrado diversas vezes nas inscrições e nos papiros do Egito e Ásia Menor, em que significa “imperial”.⁸⁵ O exemplo mais antigo conhecido do uso dessa

palavra está em uma inscrição de seis de julho de 68 d.C. Aqui são encontradas as expressões “as finanças imperiais” e “tesouro imperial”. Deissmann também observa que desde 30 a.C. até o tempo de Trajano (98-117 d.C.) um certo dia de cada mês era observado como *hemera Sebaste*, em memória do nascimento de Augusto, e sugere que “o título distinto ‘dia do Senhor’ [*kyriake hemera*] pode ter estado conectado com sentimentos conscientes de protesto contra o culto ao imperador, ou seja, o ‘dia de Augusto’”.⁸⁶ Pode ser que os cristãos tenham adotado o nome **dia do Senhor** em comemoração à ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana. No grego moderno, o domingo é chamado de *kyriake*. Dessa passagem no Apocalipse, Charles diz: “Aqui ‘dia do Senhor’ tornou-se uma designação técnica do domingo”.⁸⁷

Não é difícil reconstruir o cenário. No exílio em Patmos, João foi impedido de se reunir com os santos no domingo. Olhando para o mar aberto, ele indubitavelmente pensava nos cristãos em Éfeso reunidos para adorar. Ele bem pode ter estado meditando na ressurreição. Moffatt sugere: “Com a sua mente absorvida no pensamento do Jesus exaltado e abastecida com conceitos de Daniel e Ezequiel, o profeta teve o seguinte êxtase no qual os pensamentos de Jesus e da igreja, já presentes na sua mente, são unidos em uma visão”.⁸⁸

T. F. Torrance une as afirmações dos versículos 9 e 10 — **Eu, João [...] estava na ilha chamada Patmos e fui arrebatado em espírito, no dia do Senhor**. Ele então faz esta observação: “Nessas duas sentenças autobiográficas vemos logo de início a situação dupla da qual esse livro nasceu. Por um lado, há o destino duro e cruel do tempo, mas, por outro, há o Espírito do Deus Todo-poderoso”.⁸⁹

Assim, preparado no coração e na mente para a revelação, João ouviu atrás de si uma grande voz (cf. Ez 3.12). O som veio tão alto e claro como o soar de uma trombeta.

Que dizia (11) equivale a aspas. Aquele que falava era evidentemente Jesus (cf. vv. 12-13). As palavras “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, e” não estão nos manuscritos mais antigos. O mesmo é verdade para **que estão na Ásia** (cf. v. 4). João recebe a ordem de escrever em um livro o que vê. A palavra grega é *biblion*, origem da nossa palavra “Bíblia”. Ela se refere ao rolo de papiro, para ser distinguido de pergaminhos mais caros que eram feitos de peles de animais (cf. 2 Tm 4.13). O rolo de Apocalipse teria cerca de cinco metros de comprimento.⁹⁰

O rolo escrito deveria ser enviado para as sete igrejas (cf. v. 4). Essas igrejas são agora designadas pelo nome. As distâncias entre essas cidades são calculadas por Charles: “Esmirna ficava a cerca de 65 quilômetros ao norte de Éfeso, Pérgamo a 65 quilômetros ao norte de Esmirna, Tiatira a 72 quilômetros a sudeste de Pérgamo, Sardes a 48 quilômetros ao sul de Tiatira, Filadélfia a 48 quilômetros a sudeste de Sardes e Laodicéia a 65 quilômetros a sudeste da Filadélfia”.⁹¹ Bowman escreve: “Uma olhada no mapa da província romana da Ásia [veja mapa 1] mostra as *sete igrejas* organizadas na forma de um castiçal de sete braços do Templo de Herodes — números 1 e 7, 2 e 6, 3 e 5 formando pares de lados opostos com o número 4 no topo”.⁹²

Sir William Ramsay, uma das maiores autoridades da história primitiva da Ásia Menor, insiste de forma acertada que deve ter havido um motivo para a seleção dessas sete igrejas em particular. O primeiro motivo era o sistema de estradas. Ele nota que “todas as Sete Cidades ficam na grande estrada circular que unia a parte mais populosa, rica e influente da província, a região centro-ocidental”.⁹³ Ele finalmente chega à seguin-

te conclusão: “A hipótese inevitavelmente sugere que os sete grupos de igrejas, em que a província havia sido dividida antes que o Apocalipse tenha sido composto, eram sete distritos postais, cada um tendo como centro ou ponto de origem uma das sete cidades”.⁹⁴ Isso é apenas uma teoria, mas ela parece interessante.

2. O Tema da Visão (1.12-20)

João se virou “para identificar a voz de quem estava falando” (NEB) com ele. **E virei-me** (12) — melhor traduzido por “tendo me virado” — **vi sete castiçais de ouro** — ou “candelabros” ou “lustres”. Isso é diferente do que o castiçal de sete braços com sete lâmpadas de Zacarias 4.2. **No meio** dos castiçais de ouro havia **um semelhante ao Filho do Homem** (13). Visto que o grego não tem o artigo definido antes de **Filho**, muitos tradutores modernos trazem literalmente: “um filho do homem”. Plummer concorda com essa tradução e comenta: “O Messias glorificado ainda apresenta essa forma humana, da maneira como o discípulo amado o havia conhecido antes da sua ascensão”.⁹⁵ Swete observa: “O Cristo glorificado é humano, mas transfigurado”.⁹⁶ Semelhantemente, Lange escreve que **semelhante** (*homoios*) “é também em parte indicativo da visão apostólica de que a personalidade *humana* de Cristo, em sua glorificação, é vestida com o esplendor de majestade *divina*”.⁹⁷

A forma mais satisfatória de tratar a frase **um semelhante ao Filho do Homem** parece aquela que Simcox apresenta. Ele diz: “A ausência do artigo aqui não prova que não se tenha em mente o nosso Senhor, mas que o título foi tirado diretamente do grego em Daniel 7.13, em que as duas palavras também estão sem o artigo [...] as palavras em si não significam mais do que ‘eu vi uma figura humana’, mas as suas associações deixariam claro a todos os leitores do livro de Daniel que foi um Ser sobre-humano em forma humana; e para um cristão dos dias de João, como para os do tempo atual, Quem esse Ser era.”⁹⁸

Os **sete castiçais** (candelabros) são mais tarde identificados como simbolizando “as sete igrejas” (v. 20). Assim, aqui a figura é de Cristo parado no meio de sua Igreja.

Esse é um pensamento tremendamente confortante. Mas, também encontramos um desafio nesse quadro. Se as igrejas são lâmpadas, elas deveriam iluminar as trevas desse mundo. Moffatt escreve: “A função das igrejas é personificar e expressar a luz da presença divina sobre a terra [...] seu dever é manter a luz queimando e brilhando, se não a razão da sua existência desaparece (2.5)”.⁹⁹

Agora vem a descrição detalhada do **Filho do Homem** glorificado. O primeiro item é: **vestido até aos pés de uma veste comprida**. Com a exceção de **vestido** [...] **de** (particípio passivo perfeito) toda a cláusula é uma palavra no grego, *podere*. Ela é, na verdade, um adjetivo, encontrado somente aqui e significando “alcançando até os pés”. A palavra é usada em Êxodo (LXX) para vestimentas sacerdotais. Moffatt diz que esse termo, “uma veste que alcança até os pés, era um símbolo oriental expressando dignidade”.¹⁰⁰ A próxima cláusula, **e cingido pelo peito com um cinto de ouro**, é mais bem traduzido por: “e com um cinturão de ouro ao redor do peito” (Weymouth). Esse era “mais um símbolo de uma posição elevada, geralmente reservada a sacerdotes judeus, embora os persas freqüentemente se dirigissem aos seus deuses como ‘cingidos com cinturão elevado’”.¹⁰¹ Ao unir essas duas sentenças, temos uma figura de dignidade sacerdotal e real. Para nenhum outro essa combinação é tão apropriada quanto para o nosso Senhor.

O terceiro item é: **sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve** (14). Swete observa: “Expositores antigos encontram no cabelo branco como neve um símbolo da preexistência eterna do Filho”.¹⁰² Plummer escreve: “Esse branco como neve é parcialmente o brilho da glória celestial, parcialmente a majestade da cabeça branca”.¹⁰³ Mas vários comentaristas chamam a atenção ao fato de que cabelo branco é um sinal de decadência quando associado com idade. Assim, Lenski conclui: “Achamos que essa passagem com o símbolo do cabelo que é branco como neve e lã tem a intenção de representar Jesus como sendo coroado com santidade”.¹⁰⁴ Há um paralelo próximo em Daniel 7.9 (LXX).

O quarto ponto na descrição do Cristo glorificado é que **os olhos eram como chama de fogo** (*phlox pyros*). Essa é uma alusão evidente a Daniel 10.6 — “e os seus olhos, como tochas de fogo” — uma metáfora comum na literatura latina e grega. J. B. Smith sugere que esse aspecto simboliza “onisciência e escrutínio”.¹⁰⁵ Swete acrescenta: “O brilho penetrante [...] que reluzia com inteligência vivaz, e quando necessário surgia com ira justa, foi percebido por aqueles que estavam com o nosso Senhor nos dias da sua carne [...] e encontra sua aposição, como o vidente agora percebe, na vida após a ressurreição e a ascensão”.¹⁰⁶

O quinto item é: **e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha** (15). Novamente encontramos um paralelo em Daniel 10.6 — “e os seus braços e os seus pés, como cor de bronze polido” (cf. Ez 1.4, 7, 27; 8.2). A palavra grega para **latão reluzente** (“bronze polido”, ARA) é incerta quanto ao seu significado etimológico. Mas, o sentido parece esse apresentado nas nossas versões em português. O simbolismo sugerido por Swete é: “Pés de latão representam força e estabilidade”.¹⁰⁷ **Refinado** também pode ser traduzido por “incandescente” ou “ardente”. Nas Escrituras, **latão** parece tipificar julgamento.

Um sexto aspecto é: **e a sua voz, como a voz de muitas águas**. Em Daniel 10.6 lemos: “e a voz das suas palavras, como a voz de uma multidão”. Mas os ouvidos de João estavam repletos com o bramido das ondas do mar Egeu batendo contra a ilha rochosa de Patmos. Assim, ele usa essa imagem para descrever a voz. Ao fazê-lo, no entanto, ele estava fazendo eco a Ezequiel 43.2 — “a sua voz era como a voz de muitas águas”.

O Filho do Homem **tinha na sua destra sete estrelas** (16). O significado disso é dado no versículo 20. **E da sua boca saía uma aguda espada de dois fios**. Essa era originariamente “uma espada grande, longa e pesada, quase da altura de um homem, que é manejada com as duas mãos, uma arma dos trácios”.¹⁰⁸ Mas na Septuaginta ela é aparentemente usada de forma sinônima à palavra mais conhecida para uma espada comum. Lenski acrescenta: “Onde lemos ‘dois fios’ o grego traz ‘duas bocas’, os dois gumes mordendo, devorando como duas bocas. A palavra ‘aguda’ é acrescentada. Ela era afiada a tal ponto que pudesse cortar profundamente”.¹⁰⁹

A linguagem dessa sentença parece refletir Isaías 11.4: “e ferirá a terra com a vara de sua boca”; e Isaías 49.2: “E fez a minha boca como uma espada aguda”. Charles comenta: “A espada que procede da boca do Filho de Deus é simplesmente um símbolo da sua autoridade judicial”.¹¹⁰ Retratos literais disso na arte religiosa e diagramas proféticos mostram-se ridículos e beiram o sacrilégio. Eles deveriam nos advertir contra representações visuais de figuras simbólicas no Apocalipse.

O último item da descrição é o seguinte: **e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece**. Esse é um eco óbvio da transfiguração (Mt 17.2).

Depois de observar os diversos empréstimos do livro de Daniel, Kiddle faz este comentário: “Embora uma parte do quadro de João não seja original, ele transmite uma concepção do Messias que é única, porque Cristo é dotado de um esplendor e autoridade que até então somente tinham sido atribuídos a Deus”.¹¹¹ Essa é uma das ênfases inequívocas do Novo Testamento.

O efeito da visão foi esmagador: **caí a seus pés como morto** (17). Daniel experimentou uma reação muito parecida em sua visão (Dn 10.8-9). Palavras semelhantes são usadas em Josué 5.14 e Ezequiel 1.28; 3.23; 43.3. Erdman comenta: “Cada visão da pureza, majestade e poder divino inspira admiração e reverência”.¹¹²

No entanto, esse Cristo severo do julgamento também era o Cristo compassivo. Porque **ele pôs sobre João a sua destra** (cf. Dn 10.10; Mt 17.1) e disse: **Não temas** (cf. Dn 10.12). **Eu sou o Primeiro e o Último** é usado para referir-se a Deus em Isaías 44.6. Mas aqui essa frase se refere claramente a Cristo, e ressalta a sua divindade, como é o caso em 2.8 e 22.13.

E o que vive (18) ou “e Aquele que vive” (*kai ho zon*) — um título divino, aplicado a Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento. Essa frase deveria ser conectada com o que precede ou com o que segue, [e] **fui morto** (*kai egenomen necros*)? Charles entende que se refere à segunda opção. Ele une os dois itens em uma linha poética: “E Aquele que vive e estava morto”. Então diz: “Os comentaristas mais recentes conectam *kai ho zon* com as palavras precedentes. Mas em cada exemplo, quer em Isaías quer no Apocalipse, a frase ‘eu sou o Primeiro e o Último’ é completa em si mesma, e a frase *kai ho zon* simplesmente enfraqueceria a plenitude da afirmação feita nessas palavras. Por outro lado, quando conectadas a *kai egenomen necros*, elas são cheias de significado no contraste entre a vida eterna que Ele possui e a condição da morte física à qual se submeteu por amor do homem”.¹¹³

Aquele que estava morto agora pode dizer: **eis aqui estou vivo para todo o sempre**. Em outras palavras, Ele é o Eterno. A palavra **Amém** não é encontrada nos melhores manuscritos gregos e deveria ser omitida.

Há mais uma afirmação: **E tenho as chaves da morte e do inferno**. Talvez fosse melhor transliterar *hades*, em vez de traduzir por **inferno** (cf. NVI — “E tenho as chaves da morte e do Hades”).

Uma vez que tem havido muita discussão acerca desse termo, seria proveitoso estudar um pouco melhor o seu significado. No pensamento grego, Hades era primeiramente o nome do deus do submundo. Mais tarde tornou-se sinônimo do submundo em si, como o lugar dos espíritos dos mortos. Na Septuaginta, Hades é a tradução da palavra hebraica *Sheol*, o reino dos mortos.

Josefo, o historiador judeu do primeiro século, revela o pensamento confuso do judaísmo nos dias de Jesus acerca desse assunto. Ele declara que os fariseus entendiam que as almas dos justos e dos ímpios ficavam no Hades.¹¹⁴ Mas, embora sendo ele próprio um fariseu, escreve que a alma do obediente “obtem um lugar santíssimo no céu [...] enquanto a alma daquele que agiu perversamente é recebida no lugar mais sombrio no Hades”.¹¹⁵

Poderia parecer que o termo Geena, nos ensinamentos de Jesus (cf. Mt 5.22), devesse ser identificado com o “lago de fogo” de Apocalipse 19.20; 20.10, 14-15. Mas a morte e o Hades são lançados no lago de fogo (20.14). Assim, obviamente o lugar do castigo eterno é Geena, não Hades. J. Jeremias escreve: “Em todo o NT, Hades serve

somente como um propósito interino. O Hades recebe as almas após a morte e os entrega novamente na ressurreição (Ap 20.13)".¹¹⁶ Charles diz o seguinte acerca desse termo em Apocalipse: "De acordo com nosso autor, Hades é a habitação intermediária somente dos ímpios ou injustos".¹¹⁷

As chaves significam autoridade. Jesus possui plena autoridade sobre o domínio da morte e do Hades.

R. H. Charles apresenta uma observação apropriada acerca do versículo 18: "Esse versículo descreve o triplo conceito de Cristo em João: a vida eterna permanente que Ele tinha independentemente do mundo; sua humilhação a ponto de morrer fisicamente e sua ressurreição para uma vida não somente eterna em si mas para uma autoridade universal sobre a vida e a morte".¹¹⁸

Charles Simeon nota que nos versículos 17-18, Jesus faz uma afirmação tríplice de ser: 1) o Deus eterno; 2) o Salvador vivo; 3) o Soberano universal.

João já havia recebido a ordem de escrever em um rolo "o que vês" (v. 11). Agora a ordem é repetida e feita de forma mais explícita: **Escreve**¹¹⁹ **as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer** (19).

Erdman rejeita fortemente a "concepção popular" de que esse versículo nos fornece um esboço triplo do livro de Apocalipse.¹²⁰ Mas nós preferimos seguir Charles quando escreve: "Essas palavras resumem, grosso modo, o conteúdo do livro. *Ha eides* [**as coisas que tens visto**] é a visão do Filho de Deus que tinha acabado de ser mostrada ao vidente; *ha eisin* [**as que são**] refere-se diretamente à condição atual da Igreja, mostrada nos capítulos 2 e 3, e indiretamente ao mundo em geral; *he mellei ginesthai meta tauta* [**as que depois destas hão de acontecer**] diz respeito às visões a partir do capítulo 4, que, com a exceção de algumas seções que se referem ao passado e ao presente, tratam do futuro".¹²¹ Esse é o esboço adotado neste comentário.

O primeiro capítulo termina com uma explanação do **mistério das sete estrelas** [...] **e dos sete castiçais**. Acerca dessa expressão significativa Erdman escreve: " 'Mistério' é no uso do Novo Testamento, verdade ou realidade divinamente revelada".¹²² Swete diz que mistério é "o significado interno de uma visão simbólica".¹²³

João é informado de que **as sete estrelas** representam **os anjos das sete igrejas**. Uma vez que a palavra grega *angelos* significa "mensageiro" e é claramente usada para mensageiros humanos em Lucas 7.24; 9.52 e Tiago 2.25, muitos acreditam que a referência aqui seja aos mensageiros que seriam enviados com as cartas às sete igrejas — talvez delegados que vieram daqueles lugares para visitar João — ou mais simplesmente, os "pastores" das igrejas. Essa idéia é contestada, visto que nas mais de 60 vezes que a palavra *angelos* é usada nesse livro dissociada da conexão com as igrejas, ela sempre se refere a seres sobre-humanos. Swete conclui: "Há, portanto, uma forte conjectura de que os *angeloi ton ecclesion* são 'anjos' no sentido que a palavra tem em outras partes do livro".¹²⁴ Charles concorda plenamente.¹²⁵ Swete também não concorda em identificá-los como "anjos guardiões" das igrejas. Ele finalmente chega a uma conclusão: "Conseqüentemente, a única interpretação que sobra é a que entende que esses anjos são duplicatas ou contrapartes celestiais das sete Igrejas, que, assim, vêm a ser identificadas com as próprias Igrejas".¹²⁶ Provavelmente, mais aceitável é o ponto de vista de Erdman de que "anjo" é "o espírito predominante" na igreja, "uma personificação do caráter, temperamento e conduta da igreja".¹²⁷

Parece que um ponto de vista melhor formulado é o de Alfred Plummer. Ele escreve: “A identificação do anjo de cada igreja com a própria Igreja é mostrada de uma maneira marcante pelo fato de, embora cada epístola ser dirigida ao anjo, ainda assim, a estrofe recorrente seja: “ouça o que o Espírito diz *às igrejas*”, não “aos *anjos* das igrejas”. O anjo e a Igreja são os mesmos sob diferentes aspectos: um no seu caráter espiritual personificado; o outro, na congregação dos crentes que coletivamente possuem esse caráter.”¹²⁸

Mas nos perguntamos se essa interpretação deixa espaço adequado para a distinção entre as estrelas e os castiçais. Este comentarista é relutante em desistir da visão popular de que os anjos são os pastores das igrejas — um pensamento grandemente confortador: eles são guardados nas próprias mãos de Cristo.

SEÇÃO II

O PRESENTE

Apocalipse 2.1—3.22

No capítulo 1, encontramos “as coisas que tens visto” (1.19) — o passado. No capítulo 2 e 3, são registradas “as que são” — o presente. É melhor entender essa seção como que descrevendo condições prevalentes nas sete igrejas da Ásia.

Muitos estudiosos encontraram aqui sete períodos sucessivos da história da igreja. J. B. Smith apresenta um bom resumo dessa interpretação. *Éfeso* retrata “o declínio primitivo do cristianismo vital no término do primeiro século”, a perda do seu primeiro amor. *Esmirna* descreve o período da perseguição, nos segundo e terceiro séculos. *Pérgamo* representa “a união de igreja e estado sob o império de Constantino” (quarto século) com sua conseqüente corrupção eclesiástica e moral. *Tiatira* descreve “o domínio da hierarquia romana”, do quinto ao décimo quinto séculos. *Sardes* aponta para “os dias da Reforma”, no décimo sexto século, em que “algumas pessoas [...] não contaminaram suas vestes” (3.4). *Filadélfia* fala de “um período de ortodoxia e evangelização por líderes tais como Wesley e Whitefield [século décimo oitavo], quando todas as nações do mundo estavam de ‘portas abertas’ para receber o Evangelho”. *Laodicéia* mostra “a apostasia do final dos tempos numa linguagem muito parecida com a que foi apresentada por Jesus e os apóstolos Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, acerca dos últimos dias”.¹ Essa apostasia começou com a alta crítica germânica da Bíblia no décimo nono século e alcançou o estágio alarmante representado pela posição da “morte de Deus” reivindicada por teólogos em 1965.

Inquestionavelmente, há uma coincidência marcante entre as sete cartas e a seqüência dos períodos sugeridos. Mas provavelmente é mais correto afirmar que todas

as cartas reunidas constituem um quadro geral das condições não só nas sete igrejas da Ásia no fim do primeiro século, mas também em toda a trajetória do cristianismo durante toda a era da Igreja. Com isso não estamos negando que certas características descritas nessas mensagens eram mais dominantes em um período do que em outro.

As cartas apresentam uma estrutura bastante equilibrada. Smith sugere uma divisão em sete partes para cada igreja: 1) Proclamação; 2) Apresentação; 3) Declaração; 4) Aprovação; 5) Censura; 6) Exortação; 7) Recompensa. Nós adotamos um esboço semelhante.

Duas das igrejas, Esmirna e Filadélfia, não recebem uma palavra de desaprovação a respeito delas. Do lado oposto está Laodicéia, com nenhuma palavra de aprovação. Kiddle observa: Duas igrejas, a primeira e a última, são ameaçadas com a extinção completa, uma vez que cada uma carece de qualidades essenciais para a confissão da fé cristã. Louvor inadequado é dado à segunda e sexta igrejas. As três igrejas centrais são elogiadas e castigadas em diferentes graus, porque em cada uma delas existe uma mistura de elementos bons e maus; os fiéis recebem a promessa de recompensas e os infiéis são ameaçados com os mais severos castigos”.² Assim, parece haver um plano propositado elaborado ao apresentar essas sete igrejas como representantes das condições existentes em todas as igrejas.

A. CARTA À IGREJA DE ÉFESO, 2.1-7

1. *Destino* (2.1a)

A primeira carta foi escrita ao **anjo** (veja comentários em 1.20) **da igreja que está em Éfeso**. Essa era a cidade principal da província da Ásia, do lado oeste da Ásia Menor (veja mapa 1). Na época em que João a escreveu, essa cidade era um grande porto, situado perto da boca do rio Caister. Caravanas nas estradas romanas do norte, leste e sul convergiam aqui, para deixar suas cargas em navios que velejavam para o oeste em direção a Corinto ou mesmo até a Itália. Éfeso era uma metrópole agitada. Essa cidade era a porta de entrada da Ásia. O procônsul precisava desembarcar aqui quando iniciava o seu ofício como governador da Ásia. Ao mesmo tempo, ela era a estrada principal para Roma. No início do segundo século, quando os cristãos estavam sendo enviados por navio para Roma para alimentar os leões, Inácio chamou Éfeso de a Rota dos Mártires.³

Politicamente, Éfeso era uma cidade livre. Isso significava que ela desfrutava de uma medida considerável de autonomia autônomo. Nessa cidade também ocorriam os famosos jogos anuais.

Na área da religião, Éfeso era o centro de adoração de Ártemis (veja comentários em Atos 10.24-27, CBB, vol. VII, pp. 482-3). Seu templo era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Éfeso era chamada de “A Luz da Ásia”. Contudo, ela era uma cidade pagã, repleta de trevas da superstição pagã. Swete escreve: “A cidade era um canteiro de rituais e superstições, um local de encontro do ocidente e do oriente, onde gregos, romanos e asiáticos se acotovelavam nas ruas”.⁴

Por causa da sua importância estratégica, Paulo havia passado mais tempo aqui (perto de três anos, At 20.31) do que em qualquer outro lugar nas suas três viagens missionárias. Ele fez muitos convertidos, tanto judeus quanto gentios (At 19.10) e construiu uma igreja forte. Nos anos 60 d.C., Timóteo foi colocado lá (1 Tm 1.3). A tradição

da Igreja Primitiva afirma que João passou os últimos anos da sua vida nesse terceiro grande centro do cristianismo (depois de Jerusalém e Antioquia).

Hoje essa metrópole poderosa do passado é um monte de ruínas. O rio Caister encheu o porto com lodo, de maneira que a cidade é somente um pântano de juncos. O mar fica a cerca de dez quilômetros de distância.

Há três razões lógicas para João escrever primeiro para a igreja de Éfeso. *a)* Ela era a principal igreja na Ásia e estava situada na principal cidade da província. *b)* Ela era a cidade mais próxima de Patmos, a cerca de 100 quilômetros. Ela seria a primeira cidade a ser alcançada pelo mensageiro que levava essas cartas. *c)* Ela era a igreja-mãe de João. Nesse domingo pela manhã, o idoso apóstolo estava indubitavelmente pensando acerca das necessidades e problemas dessa igreja, bem como das outras seis igrejas que podem ter estado sob a sua jurisdição.

2. Autor (2.1b)

O Autor divino dessas sete cartas é Jesus Cristo. No início de cada epístola, após a saudação, Ele é descrito de uma maneira singular e que se ajusta à mensagem dessa carta. Cada vez o Autor é apresentado com as palavras: **Isto diz**. Então segue a descrição do Senhor glorificado. Swete diz o seguinte a respeito dessa fórmula introdutória: “Ela é seguida em cada caso por uma descrição de um Locutor, em que Ele é caracterizado por um ou mais dos aspectos da visão do capítulo 1 [...] ou por um ou mais dos seus títulos [...] os aspectos ou títulos escolhidos parecem corresponder com as circunstâncias da igreja a que a carta está sendo dirigida”.⁵ Mas, ele também observa: “Para a Igreja de Éfeso, a mãe das igrejas da Ásia, o Senhor escreve debaixo de títulos que expressam sua relação com as igrejas em geral”.⁶

Nesse versículo, Ele é descrito da seguinte maneira: **aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro**. Isso nos leva de volta à descrição de Cristo em 1.12-20. Embora os **castiçais** (candelabros) sejam claramente identificados por Jesus como que simbolizando as igrejas, a interpretação das **estrelas** como “anjos” é explicada de maneira variada (veja comentários em 1.20). Devemos confessar que temos uma forte afinidade com o ponto de vista apresentado por Richardson. Depois de identificar os “anjos” como mensageiros e sete como que significando “totalidade”, ele diz: “Todos os verdadeiros ministros de todas as igrejas estão nas mãos de Cristo [...] À medida que Cristo se move no meio das igrejas, Ele segura os ministros nas suas mãos”.⁷ Se essa interpretação pode ser aceita, ela fornece grande consolo ao pastor sobrecarregado.

3. Aprovação (2.2-3, 6)

Deus nunca está desatento ao que fazemos por Ele. Jesus diz à igreja de Éfeso: **Eu sei** (2). Sempre é um conforto lembrar que nosso Senhor nos conhece corretamente.

A igreja de Éfeso é primeiramente elogiada por suas **obras**. Encontramos isso novamente em 2.19; 3.1, 8, 15. **Trabalho** (*kopos*) é um termo forte. Barclay diz que ele descreve “trabalho até suar; trabalho até ficar exausto; o tipo de labuta que suga toda a energia e mente que um homem possui”.⁸

Paciência dificilmente é uma tradução adequada para a palavra grega aqui, que significa “persistência imperturbável” (veja comentários em 1.9). Barclay comenta:

“*Hupomone* não é a paciência inflexível que resignadamente aceita as coisas, e que curva sua cabeça quando preocupações aparecem. *Hupomone* é a bravura corajosa que aceita sofrimento, privação e perda e os transforma em graça e glória”.⁹

Smith faz uma observação interessante acerca desses três termos usados aqui. Ele escreve: “Fé, esperança e amor lamentavelmente estão faltando aqui. Contraste essa igreja com a de Tessalonicenses: Éfeso tinha obras, mas não obras de fé; trabalho, mas não trabalho de amor; paciência, mas não paciência de amor” (1 Ts 1.3).¹⁰ Ele então torna essa declaração significativa: “Não é demais dizer que uma igreja pode ter todas essas virtudes mencionadas e mesmo assim estar destituída de vida espiritual”.¹¹ Poderíamos acrescentar o seguinte: e o mesmo vale para cada indivíduo.

A igreja de Éfeso não era apenas diligente, mas também cautelosa em termos de disciplina: ela não podia **sofrer** (“suportar”, ARA; “tolerar”, NVI) **os maus**. Diferentemente de Corinto, ela não tolerava o pecado dentro da igreja. Ela havia colocado **à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e os havia achado mentirosos**. A íntima conexão dessas cláusulas sugere que os maus devem ser identificados com os falsos apóstolos. Swete explica quem eram essas pessoas: “Os falsos mestres afirmavam ser *apostoloi* num sentido mais amplo, mestres itinerantes com uma missão que os colocava num nível mais elevado do que os anciãos locais” (cf. 1 Co 12.28; Ef 4.11).¹²

Esses **apóstolos** itinerantes se tornaram um verdadeiro problema na Igreja Primitiva. Evidentemente, era requerido que levassem “cartas de recomendação” de alguma igreja estabelecida (2 Co 3.1). Em sua primeira epístola, João adverte: “provai [testai] se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 Jo 4.1). O *Didaquê*, escrita em meados do segundo século, relata como esses itinerantes deveriam ser testados: “E cada apóstolo que vem a vocês, que seja recebido como o Senhor; mas ele não deverá permanecer mais do que um dia; se, no entanto, for necessário, que fique mais um dia; mas se permanecer três dias, ele é falso profeta”.¹³ Em outras palavras, ele não deve se aproveitar da hospitalidade da igreja.

No melhor manuscrito grego, **tens paciência** (3) vem antes de **sofrete**, que está conectado com **pelo meu nome**; ou seja: “Vocês têm pacientemente sofrido por causa do meu nome”. **E trabalhaste pelo meu nome e não te cansaste** no grego significa simplesmente: “e vocês não têm desfalecido”. Os cristãos de Éfeso eram obreiros incansáveis.

Acerca da descrição da igreja em Éfeso, Ramsay escreve: “O melhor comentário disso é encontrado na carta de Inácio aos Efésios [...] As características que ele elogia na Igreja de Éfeso são as mesmas que São João menciona [...] ‘Devo ser treinado para a disputa convosco na fé, na admoestação, na perseverança e na longanimidade’ (v. 3): ‘porque todos vós viveis de acordo com a verdade e nenhuma heresia tem se alojado no meio de vós’ (v. 6)”.¹⁴

A igreja em Éfeso é também aprovada porque aborrece **as obras dos nicolaítas** (6). Não se sabe ao certo quem eram essas pessoas (Eles são mencionados novamente no v. 15). Irineu (cerca de 180 d.C.) diz que eles foram estabelecidos por Nicolau de Antioquia, mencionado em Atos 6.5. Mas Clemente de Alexandria questiona isso. Depois de discutir as várias teorias, Swete conclui: “Como um todo parece melhor aceitar a suposição de que um partido levando esse nome existia na Ásia quando o Apocalipse foi escrito, quer devesse sua origem a Nicolau de Antioquia, que não é improvável [...] ou a algum outro falso mestre com esse nome”.¹⁵

Na expressão **as quais eu também aborreço**, Swete faz esta observação pertinente: “Aborrecer obras más [...] é uma verdadeira contrapartida do amor ao bem e ambos são divinos”.¹⁶

4. *Censura* (2.4)

O grande Cabeça da Igreja viu apenas uma coisa errada na congregação em Éfeso. Embora essa congregação fosse ortodoxa, perseverante e zelosa, ela carecia do amor. Sem isso, tudo o mais era em vão.

A tradução da KJV minimiza a seriedade da acusação ao inserir em itálico a palavra *somewhat* (depois substituída por *something*, que quer dizer “algo” ou “alguma coisa”). Isso distorce a afirmação do original. O grego diz: “Tenho, porém, contra ti *que* abandonaste o teu primeiro amor” (cf. ARA). Isso não era um insignificante “alguma coisa”. O texto seguinte mostra que a situação era uma completa tragédia, requerendo um remédio drástico.

Muitas vezes é dito que a igreja de Éfeso tinha “perdido” seu primeiro amor. Mas, não é isso que o texto diz. Lemos: **que deixaste** [o teu primeiro amor]. O verbo é *aphiemi*, que significa “deixar ir, mandar embora, desistir, abandonar”. Tudo isso sugere uma negligência voluntária. É por isso que se exigiu o arrependimento. Pecados de omissão podem ser tão fatais em suas conseqüências quanto que pecados de ação.

O que era essa **primeira caridade** que a igreja de Éfeso havia deixado? Quase todos os comentaristas concordam que a palavra **primeira** precisa ser interpretada cronologicamente: esse era o amor da igreja primitiva em Éfeso, especialmente durante os dias do ministério de Paulo ali (cf. At 19.20; 20.37). A tentativa de alguns de interpretá-la qualitativamente como que significando “amor de primeira classe” não parece encontrar apoio adequado na palavra grega usada aqui. É verdade que ela pode significar “principal” ou “superior”. Mas a idéia é de prioridade e não de qualidade.

O termo **caridade** (ou “amor”) é interpretado pela maioria como significando “amor fraternal”. Os Pais gregos da Igreja Primitiva acreditavam que a referência era à falta de cuidado pelos irmãos pobres. Outros associam essa passagem a Jeremias 2.2, em que Deus acusa Israel de ter esquecido “do teu amor quando noiva”. Isto é, os Efésios haviam deixado o seu amor por Cristo. A melhor proposta é a posição inclusiva de Charles R. Erdman: “Esse era o amor por Cristo e o amor pelos companheiros cristãos. Os dois aspectos são inseparáveis”.¹⁷

Inevitavelmente aparece uma pergunta: Porventura, o zelo da igreja de Éfeso na sua defesa pela ortodoxia contribuiu para a perda do amor? Isso é bem provável. Ao defender a verdade e disciplinar membros instáveis, é fácil desenvolver um espírito severo e crítico que acaba destruindo o amor. E, com freqüência, quando o calor do amor divino desaparece, as pessoas tornam-se mais zelosas na luta por doutrinas e padrões ortodoxos. Esse é um perigo contra o qual todos devem vigiar.

5. *Exortação* (2.5)

O primeiro passo de volta para Deus é: **Lembra-te** (5). Lembra-te dos dias passados de bênção espiritual. Essa igreja tinha *caído*, não meramente tropeçado. Ela estava abatida. Esse era o caso do filho pródigo, de um modo geral. Mas ele lembrou-se (Lc 15.17) e voltou.

De que maneira essa igreja poderia se levantar outra vez? A resposta é: **arrepende-te**. Isso significa “mude sua mente” (veja comentários em Mt 3.2, BBC, vol. VI, pp. 42-3). Então **pratica as primeiras obras**; isto é, creia e obedeça. Hebreus 6.1 fala do “fundamento do arrependimento [...] e de fé em Deus”. Essa é evidentemente a combinação aqui. Swete ressalta que **lembra-te, arrepende-te e pratica** “obedecem aos três estágios na história da conversão”.¹⁸

Se a igreja de Éfeso rejeitasse ou falhasse em se arrepender e praticar **as primeiras obras**, Jesus advertiu: **brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres**. Isto é, a igreja de Éfeso deixaria de existir como congregação cristã. Isso finalmente ocorreu em uma época posterior, mas a advertência foi evidentemente anunciada naquela época. Cerca de 20 anos mais tarde Inácio escreveu aos Efésios: “Dei as boas-vindas à sua igreja que se tornou tão estimada entre nós por causa da sua natureza honesta, marcada pela fé em Jesus Cristo, nosso Salvador, e pelo amor a Ele”.¹⁹

A igreja teria uma oportunidade justificada de se arrepender. Swete observa que a palavra grega para **tirarei** pode ser entendida como indicando “ponderação e calma judicial; não haveria um extermínio em um momento de raiva, mas um movimento que acabaria na perda do lugar que a Igreja tinha sido chamada a cumprir; a não ser que houvesse uma mudança para melhor, as primeiras sete lâmpadas da Ásia desapareceriam”.²⁰

6. Convite (2.7a)

A exortação **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas** ocorre em cada uma das sete cartas. Nas três primeiras, a exortação precede a promessa ao vencedor. Nas últimas quatro, a exortação vem após a promessa. Veja também 13.9.

Esse é um eco das palavras de Jesus nos evangelhos, quando ele diz: “Quem tem ouvidos para ouvir ouça” (Mt 11.15; 13.9, 43; Mc 4.9, 23; Lc 8.8; 14.35).

7. Recompensa (2.7b)

Em cada carta há uma promessa para aquele que vence. O verbo ocorre frequentemente no livro de Apocalipse, cujo tema principal é a Igreja, por meio de Cristo, vencendo todo mal. Swete diz que o termo indica “o vencedor”, o membro vitorioso da Igreja, como tal, à parte de todas as circunstâncias”.²¹

A promessa aqui para o vencedor é que ele terá o direito de **comer da árvore da vida**. Adão falhou quando testado e perdeu esse direito. Agora esse direito é prometido àqueles que serão fiéis diante da tentação. Swete comenta: “Comer da árvore é desfrutar de tudo o que a vida futura tem a oferecer para a humanidade redimida”.²²

A palavra **paraíso** obviamente nos leva de volta ao Éden, onde a árvore da vida é mencionada primeiramente como estando “no meio do jardim” (Gn 2.9). Agora lemos que ela está **no meio do paraíso de Deus**. Acerca do significado desse termo Swete observa: “O ‘Paraíso’ do N.T. ou é o estado dos mortos abençoados (Lc 23.43) ou uma esfera supramundana identificada com o terceiro céu para o qual as pessoas chegam em um êxtase (2 Co 12.2ss); ou, como aqui, a alegria final dos santos na presença de Deus e de Cristo”.²³

Na mensagem para Éfeso vemos: 1) A insuficiência das obras (vv. 2,3); 2) A necessidade do amor (v. 4); 3) A natureza do arrependimento (v. 5).

B. CARTA À IGREJA DE ESMIRNA, 2.8-11

1. *Destino* (2.8a)

Esmirna concorria com Éfeso pela honra de ser chamada “a principal cidade da Ásia” e a “metrópole”. Assim, ela logicamente vem em segundo lugar na lista aqui. A cidade, chamada “a Beleza da Ásia”, estava situada na ponta do bem protegido golfo, com um excelente porto (veja mapa 1). Ela se aproximava de Éfeso no que tange ao volume do comércio de exportação. Ela continua sendo uma grande cidade, a única das sete que atualmente é próspera. Hoje, “os figos de Esmirna” são vendidos em todo o mundo.

A igreja lá foi aparentemente fundada quando Paulo estava pregando em Éfeso (At 19.10). Ela continuou sendo um forte centro eclesiástico por vários séculos. A Izmir moderna tem uma população de cerca de trezentos mil habitantes.

2. *Autor* (2.8b)

Cristo é aqui identificado como **o Primeiro e o Último**. Já encontramos essa expressão em 1.17. Ele então é descrito como Aquele **que foi morto e reviveu**, ou “que esteve morto e tornou a viver” (ARA). Isso também lembra 1.18: “fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre”. A referência claramente é à crucificação e ressurreição de Cristo.

Mas essas palavras tinham uma relevância peculiar na carta à igreja de Esmirna. Porque essa cidade havia morrido e tornou a viver. Strabo diz que os lídios destruíram o lugar e por cerca quatrocentos anos não houve cidade ali, apenas algumas vilas espalhadas. Ramsay observa: “Todos os leitores de Esmirna certamente seriam sensibilizados à impressionante analogia com a história primitiva de sua própria cidade”.²⁴

3. *Aprovação* (2.9)

Mais uma vez Cristo diz: **Eu sei**. Essas palavras descrevem tanto conforto quanto advertência.

A palavra **obras** não está no melhor manuscrito grego. Duas coisas são mencionadas: **tribulação** e **pobreza**. Aparentemente, tribulação gerou pobreza (cf. v. 10). Hebreus 10.34 diz: “Porque também vos compadecesteis dos que estavam nas prisões e com gozo permitistes a espoliação dos vossos bens, sabendo que, em vós mesmos, tendes nos céus uma possessão melhor e permanente”. Em uma situação semelhante em Esmirna, parece que bandos judeus e pagãos estavam saqueando a propriedade dos cristãos.

A palavra grega para **tribulação** (*thlipsis*) é forte, significando “pressionado” ou “espremido”. Tribulação vem do latim *tribulum*, que significa uma debulhadora, usada para debulhar os grãos. Assim, temos duas figuras. A palavra grega sugere a figura de um lagar, no qual o suco das uvas era espremido. A palavra latina transmite a figura do grão sendo batido com uma vara, para tirar os grãos da casca. Juntos, eles sugerem a natureza da tribulação. É uma questão de pressão e golpes.

Embora exteriormente a igreja em Esmirna fosse caracterizada pela **pobreza**, ela era, na verdade, rica. Materialmente pobre, espiritualmente rica — essa combinação é observada mais de uma vez no Novo Testamento.

Jesus também conhecia **a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são**. Paulo escreveu aos Romanos: “Porque não é judeu o que o é exteriormente [...] Mas é judeu o que o é no interior” (Rm 2.28-29). Esses perseguidores em Esmirna eram judeus por raça e religião, mas não eram verdadeiros filhos de Abraão. Que os judeus perseguiram os cristãos é amplamente evidenciado no livro de Atos, bem como nos escritos do segundo século de Justino, o Mártir, e Tertuliano. Os judeus odiavam de uma maneira especial os convertidos do judaísmo ao cristianismo.²⁵ Ao se opor ao evangelho, eles com frequência recorriam à **blasfêmia** (cf. At 13.45). A palavra grega *blasphemia* significava “difamação” quando dirigida aos homens, mas **blasfêmia** quando dirigida a Deus. Aqui provavelmente significava as duas coisas.

A história do martírio de Policarpo em Esmirna é especialmente relevante. Os judeus chegaram a superar os pagãos em seu ódio e zelo. Eles acusaram Policarpo de hostilizar a religião do estado. Esses inimigos, “com uma ira incontrolável gritavam em alta voz: ‘Esse é o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o demolidor dos nossos deuses, que ensina a muitos que não se deve sacrificar nem adorar’ ”. Embora fosse num sábado, eles juntaram madeira para queimar Policarpo vivo.²⁶

À luz dessa atitude hostil não é de surpreender que os judeus sejam chamados de **a sinagoga de Satanás**. Por causa da oposição dos judeus, os cristãos evitaram o uso da palavra *sinagogue* e preferiram *ecclesia* (gr., assembléia) para suas congregações. O único texto no Novo Testamento em que *sinagogue* é usado para identificar uma assembléia cristã se encontra em Tiago 2.2. Isso pode ter sido escrito antes que a perseguição judaica aos cristãos se tornasse generalizada.

É uma coincidência interessante que a expressão **sinagoga de Satanás** ocorra somente aqui e na carta à igreja de Filadélfia. Essas são as duas únicas cartas sem uma palavra de censura. Assim, na mensagem a essa igreja passamos diretamente da aprovação para a exortação.

4. Exortação (2.10)

A igreja em Esmirna é admoestada: **Nada temas das coisas que hás de padecer**. Coisas piores aguardavam essa congregação: **Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados**. Isso mostra que os judeus se uniram às autoridades pagãs na perseguição. Ambos seriam instigados pelo **diabo**. Era ele que, em última análise, lançava os cristãos na prisão. **Tentados** significa “testados”. O verbo grego era usado para testar metais no fogo, para certificar-se de que não apresentavam impurezas. Da mesma maneira, as almas dos crentes seriam testadas na fornalha da aflição.

A **tribulação** (perseguição) duraria **dez dias**. Essa expressão indica um breve período (cf. Dn 1.12, 14). Swete comenta: “O número dez provavelmente é escolhido porque, embora seja suficiente para sugerir a continuidade do sofrimento, ele aponta para um final que está se aproximando”.²⁷ Deus cuidaria para que não sofressem acima do que poderiam suportar. Se fossem fiéis **até à morte** — provavelmente uma alusão ao martírio — receberiam **a coroa da vida**. A palavra grega para **coroa** não é *diadema*, significando coroa real, mas *stephanos*, a coroa do vitorioso. Apropriadamente, Estêvão (gr., *Stephanos*), o primeiro mártir cristão, tinha esse nome. Provavelmente, a frase **coroa da vida** significa que a coroa é vida eterna (genitivo epexeagético).²⁸

5. *Convite* (2.11a)

Aqui novamente encontramos a exortação-convite: **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas**. A mensagem de advertência era necessária não só para os crentes em Esmirna, mas para todos os cristãos em todos os lugares.

6. *Recompensa* (2.11b)

A promessa para o vencedor aqui, como no caso de todas as sete cartas, é apropriada para a mensagem visando a uma igreja em particular. Mesmo se esses fiéis de Esmirna tivessem de sofrer morte física por causa de Cristo, eles nunca seriam feridos pela **segunda morte** — isto é, a morte espiritual. Essa expressão impressionante ocorre novamente em 20.6, 14 e 21.8, onde ela é identificada como o lago de fogo, o lugar do castigo eterno. A frase também é encontrada nos Targuns judaicos (paráfrases aramaicas do Hebraico do AT). **Não receberá o dano** é negativo duplo no grego: “de modo nenhum”.

Tem sido sugerido (*Pulpit Bible*) que essa carta transmite “Palavras de Regozijo de um Salvador Reinante para uma Igreja Sofredora”: 1) Um Salvador vivo acima de todos (v. 8); 2) Um Salvador vivo conhecendo tudo (v. 9a); 3) Um Salvador vivo avaliando a todos: **tu és rico**; 4) um Salvador vivo antevendo tudo (v. 10); 5) Um Salvador vivo limitando tudo: **dez dias**; 6) Um Salvador vivo encorajando a todos (v. 10a); 7) Um Salvador prometendo vida no fim de tudo (v. 10b).

C. CARTA À IGREJA DE PÉRGAMO, 2.12-17

1. *Destinatário* (2.12a)

Esmirna ficava a cerca de 55 quilômetros de distância de Éfeso. A rota adiante é descrita por Swete: “Depois de deixar Esmirna, a estrada de Éfeso seguia a costa por cerca de 65 quilômetros e então subia em direção ao nordeste para o vale de Caicus, por mais 25 quilômetros, onde ficava a cidade de Pérgamo [veja mapa 1]”.²⁹

A localização física de **Pérgamo** era notória. Ramsay escreve: “Mais do que qualquer outro lugar na Ásia Menor, essa cidade dá ao viajante a impressão de uma cidade majestosa, o lar da autoridade; o monte rochoso no qual se localiza é enorme e domina a imensa planície do Caicus de maneira orgulhosa e ousada”.³⁰ Charles diz: “A cidade mais antiga foi construída num monte, a 350 metros de altura, que se tornou o lugar da acrópole e de muitas das principais construções da cidade posterior”.³¹

No início do século terceiro a.C., foi fundado o reino de Pérgamo. Em 133 a.C., o rei Atalus III deixou seu reino para os romanos. Eles o transformaram na província da Ásia. Ramsay diz: “Pérgamo era a capital oficial da província por dois séculos e meio: a tal ponto que a sua história como a base de autoridade suprema sobre um imenso país durou cerca de quatro séculos e não havia chegado ao fim quando as sete cartas foram escritas”.³²

2. *Autor* (2.12b)

Dessa vez Cristo é descrito como **aquele que tem a espada aguda de dois fios** (cf. 1.16). A razão dessa referência à espada é vista claramente em 1.16. Ela deve ser o instrumento de julgamento contra os hereges na igreja de Pérgamo.

Há também uma outra razão para essa identificação do autor. Ramsay observa: “Na avaliação romana a espada era o símbolo da ordem mais elevada de autoridade oficial com a qual o procônsul da Ásia era investido. O ‘direito da espada’ [...] podia ser equivalente ao que chamamos hoje de poder sobre a vida e a morte”.³³

3. Aprovação (2.13)

Mais uma vez (cf. v. 9) **tuas obras** não se encontra no melhor texto grego, que traz: “Eu sei onde habitas”. Lá ficava o **trono de Satanás**. A palavra grega para **trono** é *thronos*.

Por que Pérgamo é chamado de lugar do **trono de Satanás**? A resposta é que era o centro de adoração ao imperador da Ásia. Ramsay escreve: “O primeiro (e por um tempo considerável o único) templo provincial do culto imperial na Ásia foi construído em Pérgamo em honra a Roma e Augusto (provavelmente 29 a.C.). Um segundo templo foi construído ali em honra a Trajano e um terceiro em honra a Severo. Assim, Pérgamo, foi a primeira cidade a ter a honra de ser a guardiã do templo uma ou duas vezes na religião do Estado; e mesmo a terceira vez como guardiã do templo ocorreu alguns anos antes do que a vez de Éfeso”.³⁴ Assim, aqui Satanás representa “o poder e a autoridade oficial que está em oposição com a Igreja”.³⁵

R. H. Charles resume bem a situação. Ele diz: “Atrás da cidade no primeiro século d.C. ergueu-se um enorme monte cuniforme, com 350 metros de altura, coberto de templos e altares pagãos, que, em contraste com o “monte de Deus”, de acordo com Isaías 14.13 e Ezequiel 28.14, 16 e chamado de “o trono de Deus” em 1 Enoque 25.3, apareceu ao vidente como o trono de Satanás, uma vez que era o lugar de muitos cultos idólatras, mas acima de todo o culto imperial, que ameaçava com aniquilação a própria existência da Igreja. Recusar-se a participar desse culto constituía uma séria traição ao Estado”.³⁶

O segundo item na aprovação ou louvor da igreja em Pérgamo é: **e reténs o meu nome e não negaste a minha fé**. Quando as autoridades romanas exigiram que os cristãos proclamassem: “César é Senhor”, eles respondiam: “Jesus é Senhor” (cf. 1 Co 12.3). Eles permaneceram firmes, **ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha** (*martyrs*, “meu fiel mártir”, KJV). No segundo século, *martyrs* (genitivo, *martyros*) recebeu o significado técnico de “mártir”. Há uma discussão em torno do significado dessa palavra nesse texto. Alguns entendem que *martyrs* deveria ser traduzido por mártir, ao passo que outros entendem que ela deveria significar testemunha. De qualquer forma, essa testemunha foi morta. Apesar das lendas, nada se sabe ao certo a respeito de Antipas além do que é informado nessa passagem.

O qual foi morto entre vós não indica necessariamente que Antipas era um membro da igreja de Pérgamo. Ramsay diz que “muitos mártires foram levados a juízo e condenados ali que não eram de Pérgamo. Prisioneiros eram trazidos de todas as partes da província de Pérgamo para julgamento e condenação diante da autoridade que possuía o direito da espada [...] o poder da vida e da morte, a saber, o procônsul romano da Ásia”.³⁷

4. Censura (2.14,15)

O Cabeça da Igreja tem algumas coisas contra a congregação de Pérgamo. A primeira é: **tens lá os que seguem a doutrina de Balaão** (14). Como em todo o Novo Testamento, **doutrina** (*didache*) deveria ser traduzida por “ensinamento”.

Balaão é descrito como aquele que **ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem**. Essa declaração preenche um pequeno hiato no relato do Antigo Testamento. Lá lemos que Balaão foi chamado por Balaque, rei de Moabe, para amaldiçoar os israelitas, a quem temia (Nm 22.1—24.25). Quando Deus não permitiu que o profeta amaldiçoasse seu povo, evidentemente Balaão sugeriu uma maneira indireta de trazer a maldição divina sobre Israel. Isso é indicado em Números 21.16, em que Moisés disse às mulheres de Moabe: “Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, deram ocasião aos filhos de Israel de prevaricar contra o SENHOR, no negócio de Peor, pelo que houve aquela praga entre a congregação do SENHOR”. O “negócio de Peor” era uma combinação de idolatria e imoralidade (Nm 25.1-9), como podemos ler em Apocalipse. O que o relato deixa mais claro aqui é o fato de Balaão ter aconselhado Balaque a fazer com que suas mulheres seduzissem os homens israelitas nesses dois pecados. O esquema funcionou bem demais. Balaão também é mencionado em 2 Pedro 2.15 e Judas 11.

A palavra grega para **tropeços** (*scandalon*; cf. escândalo) foi primeiramente usada para a isca de uma armadilha e, em seguida, para a própria armadilha. Isso se encaixa perfeitamente na figura aqui. Balaque preparou uma armadilha para os israelitas e eles foram apanhados nela. Swete comenta: “As mulheres de Moabe foram deliberadamente lançadas no caminho dos homens israelitas, que não suspeitavam de nada, na esperança de causar a ruína deles”.³⁸ Lenski traduziu a expressão aqui: “lançar uma armadilha diante dos filhos de Israel”.³⁹

Pelo que tudo indica, havia alguns membros na igreja em Pérgamo que procuraram convencer os membros a aceitar os costumes pagãos para evitar perseguição. Eles defenderam a idéia de comer nos templos pagãos e participar na adoração aos ídolos, o que incluía prostituir-se com as “virgens” do templo. É possível que tenham dito que o que alguém faz com o corpo não afeta a sua alma. O fato de comer carne sacrificada aos ídolos já tinha se tornado um problema em Corinto, onde Paulo tratou disso (1 Co 8). Essa era uma questão vital no primeiro século.

Como em Éfeso,⁴⁰ havia em Pérgamo alguns **nicolaítas** (15). Em relação à sua **doutrina** (ensinamento) veja os comentários no versículo 6. Smith acredita que **nicolaítas** significa “aliciadores dos leigos” e que a descrição de Pérgamo prefigura o surgimento da hierarquia papal na igreja católica romana.⁴¹

5. Exortação (2.16)

Os cristãos de Pérgamo, como também os de Éfeso, são ordenados a arrepender-se (veja comentários acerca do versículo 5). O arrependimento era a única coisa que poderia evitar o julgamento severo — **quando não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca**. Swete escreve: “O Cristo glorificado nesse livro é um Guerreiro, que batalha com a espada afiada da palavra” (cf. 1.16; 19.13-16).⁴²

A situação em Pérgamo era pior do que em Éfeso. Jesus disse o seguinte à igreja de Éfeso: “que aborreces as obras dos nicolaítas” (v. 6). Para Pérgamo Ele escreveu: “tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que eu aborreço”. A mudança de “aborreces” para “tens” e de “obras” para “doutrinas” provavelmente é significativa. Agora os nicolaítas estavam dentro da igreja e seus ensinamentos destrutivos estavam sendo aceitos por alguns. Se a igreja não se arrepender imediatamente (aoristo), Cristo virá

(lit.: “Eu estou vindo”, presente profético) **em breve** para o julgamento. Não havia tempo para perder. **Batalharei** (futuro) literalmente significa: “promoverá guerra”. Esses nicolaítas eram os inimigos de Cristo e do cristianismo. Tanto Lenski⁴³ quanto Charles⁴⁴ entendem que os seguidores de Balaão e os nicolaítas constituíam o mesmo grupo.

6. *Convite* (2.17a)

Joseph Seiss apresenta um tratamento tríplice em relação ao texto: **Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas**. 1) “Uma repreensão solene àqueles que se chamam de cristãos, mas raramente, ou nunca, abrem a sua Bíblia para estudá-la”; 2) “Tudo que diz respeito à salvação depende de profunda atenção à palavra divina e o uso diligente dos nossos privilégios, de ouvir, assinalar, aprender e digerir interiormente o que ela contém”; 3) “Todos têm a capacidade de prestar atenção e, assim, cabe a cada um usar essa capacidade”.⁴⁵

7. *Recompensa* (2.17b)

Alguns dos crentes professos de Pérgamo evidentemente estavam celebrando nos templos pagãos. Mas aos vencedores fiéis, Cristo promete que irão **comer do maná escondido**. A alusão parece referir-se ao vaso de ouro de maná na arca no antigo Tabernáculo (Êx 16.33; Hb 9.4). Havia uma tradição entre os judeus de que a arca foi escondida por Jeremias na caverna do monte Sinai, onde não seria descoberta “até que Deus reunisse novamente as pessoas e mostrasse a sua misericórdia” (2 Macabeus 2.7).⁴⁶

Charles acredita que o texto aqui se refere ao maná celestial descrito pelos rabis como sendo moído para os justos. Ele diz: “De acordo com 2 Baruque 29.8, o tesouro do maná deveria descer do céu durante o Reino Messiânico, e os bem-aventurados deveriam comer dele”.⁴⁷ Ele também escreve: “O ‘maná escondido’ provavelmente significa os dons espirituais diretos que a Igreja triunfante receberá em uma medida excelente da comunhão íntima com Cristo”.⁴⁸ Mas, será que esse **maná escondido** não significa também “comunhão íntima com Cristo” no presente, alimentando nossas almas do Pão da Vida?

Ao vencedor também se promete **uma pedra branca**. O que essa expressão significa? Charles alista cinco interpretações que têm sido sugeridas: “1) A pedra branca usada pelos jurados, significando absolvição... 2) A *psephos* que permitia àquele que a recebia um acolhimento livre [...] [nas] assembléias reais [...] Portanto, ela era considerada um bilhete de admissão para a festa celestial. 3) As pedras preciosas que, de acordo com a tradição rabínica, caíam junto com o maná... 4) As pedras preciosas no peitoral do sumo sacerdote levando os nomes das Doze Tribos. 5) A pedra branca era considerada um símbolo da felicidade”.⁴⁹

Charles não acha qualquer uma dessas explicações satisfatória: “Ou a *psephos* não é branca ou não tem nenhuma inscrição nela”.⁵⁰ Ele busca analisar o pano de fundo das superstições populares daquela época.

Incluído no problema está o significado do **novo nome** inscrito na pedra. Swete faz a sugestão útil de que a referência pode ser às “pedras gravadas que eram empregadas para propósitos mágicos e traziam nomes místicos”.⁵¹ Atos 19.19 indica que a magia era comum na cidade de Éfeso. Swete acrescenta: “A mágica divina, que grava na vida e no caráter humano o Nome de Deus e de Cristo, é colocado em contraste com

as imitações baratas que fascinavam a sociedade pagã”.⁵² Em 3.12, Jesus diz para o vencedor da igreja de Filadélfia: “E escreverei sobre ele o nome do meu Deus”.

Ramsay acha que a **pedra** significa o aspecto imperecível do nome. Ele escreve: “O nome que foi escrito na pedra branca se tornava imediatamente o nome do cristão vitorioso e o nome de Deus [...] Pérgamo e Filadélfia são as duas igrejas elogiadas. Delas se diz respectivamente: ‘reténs o meu nome’ e: ‘não negaste o meu nome’; e elas são recompensadas com o novo nome, que é ao mesmo tempo o nome de Deus e o seu próprio nome, uma possessão eterna, conhecida somente por aqueles que o possuíam [...] eles não serão meramente ‘cristãos’, o povo de Cristo; eles serão o povo da sua nova personalidade como Ele é revelado daqui por diante em glória, levando esse novo nome da sua gloriosa revelação”.⁵³

A palavra grega para **novo** não é *neos*, que significa “recente” em origem, mas *kainos*, que significa “fresco” em qualidade. “O ‘nome’ cristão, i.e., o caráter da vida interior que o evangelho inspira, possui a propriedade da eterna juventude, nunca perdendo seu poder e sua alegria”.⁵⁴

D. CARTA À IGREJA DE TIATIRA, 2.18-29

1. *Destinatário* (2.18a)

Cerca de 65 quilômetros a sudeste de Pérgamo ficava **Tiatira**. Era uma cidade da Lídia, perto da fronteira com a Mísia (veja mapa 1). Construída por Seleuco I, fundador da dinastia dos Selêucidas, ela foi povoada pelos veteranos das campanhas de Alexandre, o Grande, na Ásia. Em torno de 190 a.C., Tiatira foi tomada pelos romanos. Embora tivesse um centro comercial próspero, era muito inferior ao de Éfeso, Esmirna, e Pérgamo. Charles observa: “A carta mais longa foi dirigida à cidade menos importante das Sete Cidades”.⁵⁵ Evidentemente, havia judeus ali, porque Atos 16.14 menciona “Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus”. Parece que na época ela era uma prosélita convertida ao judaísmo.

A igreja em Tiatira evidentemente era pequena. Fala-se que ela desapareceu no fim do segundo século.

2. *Autor* (2.18b)

O autor dessa carta se identifica como **o Filho de Deus**, uma frase encontrada somente aqui no livro de Apocalipse. Jesus reivindicou esse título durante o seu tempo aqui na terra (Mt 11.27; Lc 10.22) e aprovou Pedro por professá-lo (Mt 16.16,17). Foi por causa dessa afirmação que Jesus foi condenado pelo Sinédrio (Mt 26.63; Jo 19.7).

Cristo é descrito como Aquele **que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente**. Encontramos aqui um eco de 1.14,15. A adequação da caracterização dupla é expressa da seguinte forma por Swete: “Essa menção dos olhos que flamejam com indignação justa e os pés que podem pisotear os inimigos da verdade prepara o leitor para o tom severo da declaração que se segue”.⁵⁶ Erdman se expressa de forma ainda mais sucinta: “Assim, ele é capaz de penetrar nos segredos de todos os corações e ele tem poder para castigar e subjugar”.⁵⁷ Esses olhos flamejantes penetram e descobrem todo engano da hipocrisia. Nas Escrituras, o latão freqüentemente é o símbolo do julgamento.

3. Aprovação (2.19)

As palavras desse versículo na KJV obviamente estão incorretas, porque apresentam uma lista começando e terminando com **tuas obras** — uma repetição sem significado. Além disso, o melhor texto grego traz **fé** antes de **serviço**. A RSV apresenta uma tradução correta: “Conheço as suas obras, o seu amor, a sua fé, o seu serviço e a sua perseverança, e que suas últimas obras excedem as primeiras”.⁵⁸ A *New English Bible* traz: “Vocês agora estão fazendo ainda melhor do que no princípio”.

Cristo tinha elogiado a igreja de Éfeso pelas suas **obras**. Mas a igreja de Tiatira estava um passo à frente. Ela é cumprimentada pela sua **caridade**. A palavra grega é *ágape* e sempre deveria ser traduzida por “amor”. **Caridade** representa os *caritas* da Vulgata latina, a Bíblia oficial da igreja católica romana. Hoje, **caridade** significa um espírito de tolerância ou dar aos necessitados. *Ágape* é um termo muito mais rico do que isso. As pessoas do mundo também podem ser filantrópicas ou tolerantes. Mas *ágape* é o amor divino implantado no coração humano e que flui em um serviço abnegado e sacrificial aos outros.

A palavra grega *pistis* pode significar ou **fé** ou “fidelidade” (NEB). Não se sabe exatamente qual das duas palavras se tem em mente aqui. Talvez a melhor saída é permitir os dois significados (cf. Phillips, “lealdade”).

Serviço é *diakonia*. Beyer diz que essa palavra significa “qualquer ‘realização de serviço’ feito com amor genuíno”.⁵⁹ Lenski define *diakonia* como “serviço voluntário para o benefício e a ajuda daqueles que precisam dele e realizado liberalmente”.⁶⁰

Paciência (*hypomone*) significa mais do que o suportar passivo de privações ou provações. Essa palavra significa, na verdade, uma constância ou persistência (“perseverança”, NASB) positiva.

Devido à prolongada censura que se segue, é surpreendente que uma aprovação tão entusiástica é dada a essa igreja. Swete comenta: “É digno de observação que nessas cartas às igrejas o elogio é apresentado com mais liberalidade, se é que pode ser feito com justiça, quando segue a censura; diz-se mais acerca das boas obras das igrejas de Éfeso e Tiatira, do que das igrejas de Esmirna e Filadélfia, em que não se encontra falta alguma”.⁶¹ Essa característica está de acordo com a psicologia sadia, que aconselha a dizer tudo que é positivo antes de se chamar a atenção das faltas da outra pessoa.

4. Censura (2.20-23)

A primeira parte do versículo 20 deveria ser traduzida da seguinte forma: “No entanto, contra você tenho isto: que você tolera a mulher Jezabel” (RSV, NASB).⁶² A tolerância do mal era o pecado constante da igreja de Tiatira. **Jezabel** é provavelmente um nome simbólico — “Essa mulher, Jezabel”.⁶³ A referência é obviamente à esposa de Acaze, que seduziu os israelitas a adorar Baal (1 Rs 16.31). Também são mencionados suas “prostituições” e “feitiçarias” (2 Rs 9.22). Uma vez que alguns manuscritos e versões antigas trazem “tua mulher Jezabel” (i.e., “tua esposa Jezabel”), Grotius (século dezessete) sugere que o autor fala da esposa do bispo de Tiatira. Mas essa noção é hoje quase universalmente rejeitada. Duesterdieck diz que se tem “uma mulher específica em mente; não a esposa de um bispo, nem uma mulher que é, de fato, chamada Jezabel, mas uma determinada mulher que diante da ambição de ser uma profetisa tinha aprovado as doutrinas dos nicolaítas e por esse motivo foi escolhida a nova Jezabel”.⁶⁴ Isso provavelmente representa a opinião da maioria hoje.

Não era incomum ter uma **profetisa** na Igreja Primitiva (cf. At 21.9). No Antigo Testamento, diversas mulheres recebem esse título (e.g., Miriã, Débora, Hulda). O único lugar no Novo Testamento em que *prophetis* (fem.) ocorre é Lucas 2.36 (Ana).

A falsa **profetisa** de Tiatira estava sendo tolerada para que **ensine e engane os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria**. Essas duas coisas são atribuídas aos seguidores de Balaão (e nicolaítas?) em Pérgamo (v. 14; veja comentários).

Tiatira era conhecida pelas suas inúmeras associações comerciais. Isso gerava um problema especial. Charles escreve: “Agora, visto que a participação de alguma dessas associações [...] não significava *essencialmente* nada além de participar de uma refeição em comum, que era dedicada indubitavelmente a algum deus pagão, mas que era exatamente por isso sem sentido para o cristão iluminado; beneficiar-se desse tipo de participação era considerado em certos círculos liberais algo bastante justificável.”⁶⁵

Por razões comerciais ou sociais, parecia quase imperativo pertencer a alguma associação. Mas, acredita-se que essas reuniões comerciais freqüentemente acabavam em orgias e bebedeiras. Por isso, a referência à **prostituição**. Essa profetisa estava defendendo uma atitude moral e religiosamente liberal.

Evidentemente, uma advertência peremptória foi dada a essa Jezabel, mas ela tinha se recusado a se arrepender (v. 21), i.e., mudar sua opinião e caminhos. Portanto, o Senhor deve lidar com ela severamente. Por causa da sua **prostituição** Ele a colocaria **numa cama** (22). Essa expressão é somente uma de muitas, que mostram a tendência de João, que, embora escrevesse em grego, pensava em formas hebraicas. (Cf. nota de rodapé 12 na Introdução). Referente a essa frase, Charles escreve: “Se a traduzirmos literalmente para o hebraico, descobriremos que temos aqui uma expressão idiomática hebraica [...] ‘ficar preso à cama’, ‘ficar doente’ (Êx 21.18): conseqüentemente, ‘colocar numa cama’ significa ‘colocar num leito de enfermidade’.”⁶⁶

E sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, deve provavelmente ser entendido como um paralelismo hebraico. **Adulteraram** provavelmente significa adultério espiritual. Mas a porta da misericórdia continua aberta — **se não se arrependem das suas obras**. Arrependimento genuíno sempre coloca o julgamento de lado.

Recusa contínua de se arrepender resulta em mais castigo severo: **E ferirei de morte a seus filhos** (23). Provavelmente, **seus filhos** significa: “sua descendência espiritual, como distintos daqueles que foram enganados por um tempo”.⁶⁷ **Ferirei de morte** é um hebraísmo típico. Ele significa “matar” (ARA, NVI).

Essa seria uma advertência para **todas as igrejas**. Elas **saberão que eu sou aquele que sonda as mentes e os corações** (cf. Jr 11.20; 17.10). **Mentes** (palavra grega somente encontrada aqui no NT) literalmente significa “os rins”; isto é, “os movimentos da vontade e afeições”.⁶⁸ **Corações** na psicologia hebraica referia-se especialmente aos pensamentos. O olhar do Onisciente penetra até o mais profundo do intelecto, emoções e vontade do homem.

O julgamento divino sempre é justo. **Cada um** receberá **segundo as suas obras** (cf. Rm 2.6).

5. Exortação (2.24,25)

Há uma palavra de conforto **aos restantes que estão em Tiatira** (24) — talvez a maior parte dos membros — e que não aceitaram a **doutrina** (ensinamento) de Jezabel,

e **não conheceram** [...] **as profundezas de Satanás**. Para os gnósticos do segundo século, a expressão “as coisas profundas” era uma frase favorita. Eles reivindicavam um conhecimento esotérico que era desconhecido pelas pessoas não iniciadas.

Duas interpretações têm sido apresentadas acerca das **profundezas de Satanás**. Uma é que os nicolaítas escarneciam do restante dos cristãos como aqueles que não conheciam as coisas profundas de Deus; mas essas, na verdade, se referiam às coisas profundas de Satanás. A outra diz que os seguidores de Jezabel, na realidade, se vangloriavam em conhecer **as profundezas de Satanás**. “Esses falsos mestres entendiam que o homem espiritual deveria conhecer as coisas profundas de Satanás e que ele deveria tomar parte da vida pagã da comunidade. Duas das características mais salientes dessa vida pagã eram suas festas sacrificiais e suas práticas imorais.”⁶⁹ Muitos gnósticos de épocas posteriores afirmavam que, visto que toda a matéria é má e somente o espírito é bom, não importa o que alguém faça com o seu corpo; sua alma continua pura. As duas interpretações acima podem ser aplicadas às doutrinas de mestres imorais de Tiatira.

Como dizem significa “como as chamam”. Paulo falou dos mistérios profundos da verdade divina (cf. Rm 11.33; Ef 3.18). Esses falsos mestres estavam distorcendo essa idéia.

Para aqueles que permaneceram leais à fé, Cristo declarou: **outra carga vos não porei**. Provavelmente, isso esteja relacionado com o versículo 25: **Mas o que tendes, retende-o até que eu venha**. Charles interpreta isso assim: “Definitivamente, dominem (*kratesate*) com firmeza as tarefas incumbidas a vocês, e afastem-se completamente das festas sacrificiais dos pagãos e das perversidades morais que praticam”.⁷⁰ Ele acha que **outra carga** se refere aos decretos apostólicos de Atos 15.28. Mas muitos comentaristas questionam isso. Parece duvidoso que esses decretos ainda seriam mencionados numa época bem posterior.

6. *Recompensa* (2.26-28)

A frase recorrente **ao que vencer** (26) é acrescentado aqui: **e guardar até ao fim as minhas obras**. Swete observa: “Em Tiatira, a batalha precisava ser vencida pela adesão resoluta às ‘obras de Cristo’, i.e., à pureza da vida cristã, em oposição às ‘obras de Jezabel’”.⁷¹

A recompensa prometida é: **eu lhe darei poder** (*exousia*, autoridade) **sobre as nações**. O Cristo glorificado compartilhará a sua autoridade com seus seguidores fiéis. A linguagem dessa cláusula e o que segue no versículo seguinte são tirados de Salmos 2.8-9, que era interpretado como um salmo messiânico pelos judeus do século I a.C., de acordo com *Salmos de Salomão* (uma obra apócrifa).

A palavra **regerá** (27) literalmente significa “pastorear”. Assim, a **vara de ferro** se refere ao cajado do pastor, com a ponta de ferro para torná-la uma arma adequada contra os inimigos ou animais selvagens. Os ímpios são comparados com **vasos de oleiro** que serão quebrados. Embora essas palavras possam ter alguma aplicação à influência da Igreja no mundo atual, é óbvio que o seu cumprimento final aguarda o retorno de Cristo. **Como também recebi de meu Pai** é um eco de Salmos 2.7 e Atos 2.33.

Na declaração **dar-lhe-ei a estrela da manhã** (28), há uma expectativa de 22.16: “Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da manhã”. A maior recompensa que qualquer cristão vitorioso pode receber é o próprio Cristo. Sua presença será o céu em sua glória mais elevada.

7. *Convite* (2.29)

Nas três últimas cartas, esse convite precedeu a promessa ao vencedor. Nessa e nas três cartas seguintes ela segue a promessa.

Alguém sugeriu (*Pulpit Commentary*) que essa carta revela “A Ira do Cordeiro”: 1) Sua realidade (v. 18); 2) Sua severidade (vv. 22-23); 3) Sua omissão (v. 21); 4) Sua justiça (v. 20); 5) Sua discriminação (vv. 24-25).

E. CARTA À IGREJA DE SARDES, 3.1-6

1. *Destinatário* (3.1a)

Continuando rumo ao sudeste de Tiatira, o mensageiro teria de viajar cerca de 50 quilômetros até Sardes, a antiga capital da Lídia (veja mapa 1). Ela era famosa pela sua fabricação de lã e afirmava ter sido a primeira cidade a descobrir a arte de tingir lã.

Sardes havia alcançado seu ápice de prosperidade sob o rico rei Croesus (ca. 560 a.C.). Conquistada por Ciro, ela permaneceu desconhecida durante o governo persa. No período romano, houve uma certa medida de restauração. Mas Charles diz que mesmo então “nenhuma cidade na Ásia apresentou um contraste mais deplorável entre o esplendor passado e o declínio inquietantemente atual”.⁷² Por esse motivo Ramsay chama Sardes de “a cidade da morte”. Ele escreve: “Assim, quando as Sete Cartas foram escritas, Sardes era uma cidade do passado, que não tinha futuro”.⁷³ Hoje existe uma pequena vila, chamada Sart.

O principal culto em Sardes era a depravada adoração de Cibele (ou Ártemis). Charles diz: “Seus habitantes tinham se destacado pela luxúria e libertinagem”.⁷⁴ Isso dificultou a manutenção dos padrões cristãos de pureza.

2. *Autor* (3.1b)

Aqui Cristo é identificado como **o que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas** (cf. 2.1). Com **sete Espíritos de Deus** evidentemente se quer dizer o Espírito Santo e sua perfeição e sua obra por meio das sete igrejas, que representam a Igreja universal de Jesus Cristo (veja comentários em 1.4). **As sete estrelas** representam os mensageiros (pastores) das sete igrejas (cf. 1.20).

3. *Censura* (3.1c, 2b)

A expressão **Eu sei** ocorre no início de cada uma das sete cartas (2.2, 9, 13, 19; 3.1, 8, 15). Nada está escondido aos olhos do Cristo onisciente. Uma vez que Ele conhece perfeitamente, Ele é capaz de julgar com justiça.

Seria difícil imaginar uma censura mais avassaladora: **tens nome de que vives e estás morto**. Essa cidade arrasada não estava apenas morta, mas a igreja também estava morta. Ela tinha perdido sua vida espiritual. Smith comenta: “Sardes evidentemente era conhecida como uma ‘igreja viva’ — em que havia muita atividade, mas Aquele que não olha para a aparência exterior, mas vê o coração declara: *Tu [...] estás morto*”.⁷⁵

Erdman leva esse pensamento um passo adiante: “Provavelmente, seus cultos eram bem freqüentados e conduzidos de maneira correta. Podem ter havido comitês e aniversários e reuniões. No seu rol de membros podem ter havido líderes sociais notáveis. No entanto, ela estava morta”.⁷⁶

A igreja tinha **obras**, mas essas **obras** não eram **perfeitas diante de Deus** (2). Erdman comenta: “Ela não conquistou nada no reino espiritual: almas não estão sendo salvas; santos não são fortalecidos; ajuda não está sendo oferecida aos necessitados; seus cultos são formais, sem vida e sem sentido: ‘Não achei as tuas obras aperfeiçoadas diante do meu Deus’”⁷⁷.

A palavra para **perfeitas** literalmente significa “suficientes” ou “cheias”. Swete faz a seguinte sábia observação: “Obras’ são ‘cheias’ somente quando são avivadas pelo Espírito de vida”.⁷⁸ Precisamente, é isso que faz a diferença entre uma igreja morta e uma igreja viva. Uma sente a falta do Espírito Santo; a outra está cheia e capacitada pelo Espírito. Não será o número de atividades ou a organização eficiente que tirará o lugar da dinâmica poderosa do Espírito Santo.

4. Exortação (3.2a, 3)

Sê vigilante (2) é literalmente: “Esteja continuamente vigilante”. **Vigilante** é o participio presente do verbo *gregoreo*, que significa “esteja acordado” ou “vigie”. Jesus usou essa palavra duas vezes no discurso do monte das Oliveiras (Mc 13.35, 37), requerendo vigilância constante na preparação para sua segunda vinda.

A igreja de Sardes foi advertida da seguinte maneira: **confirma o restante que estava para morrer**. No meio dessa igreja morta havia alguns elementos de vida. Mas mesmo esses estão prestes a **morrer** — literalmente: “estavam prestes [verbo no imperfeito] a morrer”. Swete comenta: “O imperfeito olha para trás do ponto de vista do leitor da época quando a visão foi recebida e, ao mesmo tempo, com um otimismo sensível ele expressa a convicção do escritor de que o pior logo teria passado”.⁷⁹ Isto é, os cristãos em Sardes podiam dizer: “Essas coisas estavam prestes a morrer; mas não vamos permitir que isso aconteça”.

Ramsay destaca em pormenores o significado da ordem à igreja de Sardes de ser **vigilante**. A cidade tinha sido capturada duas vezes pelo inimigo por causa da falta de vigilância da parte do seu povo. A primeira vez foi quando o rico Croesus era rei. Ramsay descreve a situação da seguinte maneira:

O descuido e a falta de manter uma vigilância eficiente, decorrentes da confiança excessiva na evidente resistência da fortaleza foram as causas desse desastre, que arruinou a dinastia e causou o fim do império da Lídia e o domínio de Sardes. Os muros e portões eram extremamente fortes. A colina na qual a cidade alta havia sido erguida era íngreme e imponente. O único acesso à cidade alta era cuidadosamente fortificado para não oferecer chance alguma a um invasor. Mas havia um ponto fraco: em um lugar era possível que um inimigo ágil subisse a parede perpendicular da montanha imponente, se os defensores fossem negligentes e permitissem que ele a escalasse de maneira desimpedida.⁸⁰

Isso ocorreu em 549 a.C. Mas em 218 a.C. voltou a acontecer. Ramsay escreve:

Mais de três séculos depois, um outro caso semelhante ocorreu. Archaeus e Antíoco, o Grande, estavam lutando pelo domínio de Lídia e todo o império selêucida. Antíoco venceu seu rival em Sardes, e a cidade foi capturada novamen-

te por uma surpresa do mesmo tipo: um mercenário de Creta mostrou o caminho, escalando a colina e entrando na fortaleza sem ser observado. A lição dos dias antigos não tinha sido aprendida; a experiência havia sido esquecida; os homens foram desatentos e negligentes; e quando veio o momento da necessidade, Sardes estava despreparada.⁸¹

O significado dessa lição para os cristãos é óbvio. Precisamos ter apenas um ponto fraco em nosso caráter, um lugar desprotegido em nossa vida espiritual, para ser vítima da astuta estratégia de Satanás. Continua sendo verdade que a “vigilância eterna é o preço da segurança”.

A admoestação à igreja de Sardes continua: **Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te** (3). Há uma mudança freqüente do tempo no grego que é difícil de reproduzir na tradução simples em português. Literalmente seria o seguinte: “Continue lembrando [presente], pois, como você [singular] tem recebido [e continua possuindo; perfeito] e ouviu [aoristo], e continue guardando [presente], e arrependa-se [agora mesmo; aoristo]”. Lenski observa: “O arrependimento imediato e verdadeiro é o único remédio para a morte que se estabeleceu ou quase se estabeleceu”.⁸² Esse arrependimento sempre quando lembramos da Palavra de Deus que temos recebido e ouvido.

Swete mostra bem a força dos tempos nesse versículo: “O aoristo [**ouvido**] volta para o momento em que a fé veio pelo ouvir (Rm 10.17) [...]; o perfeito [**tens recebido**] chama a atenção à responsabilidade permanente da confiança então recebida [...] ‘guarde aquilo que recebeu e imediatamente volte-se da sua negligência passada’ ”.⁸³

Os versículos 2,3 sugerem “Cinco Passos para um Avivamento”: 1) **Sê vigilante**; 2) **Confirma o restante que estava para morrer**; 3) **Lembra-te**; 4) **Guarda-o**; 5) **Arrepende-te**.

Mais uma advertência é anunciada: **se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei**. Esse é um claro eco de Mateus 24.42-44. Repetidas vezes somos advertidos de que Cristo virá num momento inesperado.

5. Aprovação (3.4)

Mesmo na igreja morta em Sardes havia um remanescente fiel — **algumas pessoas**. Deissmann diz que a palavra grega (*onoma*) aqui tem “o significado de *pessoa*”.⁸⁴ Ela é usada dessa forma na Septuaginta em Números 1.2, 20; 3.40, 43, em que provavelmente traz o pensamento adicional de “pessoas reconhecidas pelo nome”. Alguns estudiosos sentem que aqui a palavra significa “algumas pessoas cujos nomes estavam no rol de membros da igreja”.⁸⁵

Os fiéis **não contaminaram suas vestes**. Moffatt comenta: “A linguagem reflete registros de cumprimento de votos na Ásia Menor, onde roupas manchadas desqualificavam o adorador e desonravam o deus. A pureza moral nos qualifica para a comunhão espiritual”.⁸⁶ Ir à presença de Deus com nossos pensamentos e sentimentos manchados com egoísmo é desonrá-lo. As **vestes** da nossa personalidade devem ser mantidas puras se desejamos ter comunhão com Deus.

Para aqueles que mantiveram sua pureza, a promessa é a seguinte: **comigo andarão de branco**. A última palavra está no plural no grego, indicando “roupas brancas”.

Uma vez que mantiveram suas vestes limpas eles serão para sempre vestidos de **branco**, símbolo da santidade divina ou da justiça de Cristo. Aqueles que permaneceram brancos são dignos dessa honra.

6. *Recompensa* (3.5)

A promessa ao vencedor em Sardes se encaixa com o que acabou de ser dito: **O que vencer será vestido de vestes brancas**. No melhor texto grego aparece a palavra “assim”. O texto deveria ser traduzido da seguinte forma: “O que vencer, será *assim* vestido de vestes brancas” (referindo-se ao versículo anterior). Charles diz: “Essas vestes são os corpos espirituais com as quais o fiel será vestido na ressurreição”.⁸⁷ Ele encontra apoio para isso em 2 Coríntios 5.1, 4 e na literatura intertestamentária. Swete dá a essa expressão uma conotação mais ampla: “Nas Escrituras, vestuário branco denota a) festividade... b) vitória... c) pureza... d) o estado celestial”.⁸⁸ Ele acrescenta: “Todas essas associações convergem aqui: a promessa é de uma vida livre de contaminação, radiante de alegria celestial, coroada com vitória final”.⁸⁹ Essa parece ser a explicação mais adequada.

Aquele que **vencer**, que permanece firme até o fim da vida, recebe a promessa: **de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida**. É isso que as palavras de Jesus querem dizer em Mateus 10.22: “aquele que perseverar até ao fim será salvo”; isto é, eternamente. Esse nome não só permanecerá seguro no registro celestial, mas Jesus promete: **confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos**. Cristo não se envergonhará em reconhecer aqueles que Lhe pertencem. A linguagem aqui lembra Mateus 10.32: “Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”.

7. *Convite* (3.6)

Essa frase recorrente ressalta a responsabilidade do ouvir. Essas cartas eram lidas em voz alta nas **igrejas**.

F. CARTA À IGREJA DE FILADÉLFIA, 3.7-13

1. *Destinatário* (3.7a)

Essa cidade distava de Sardes pouco menos de 50 quilômetros a sudeste (veja mapa 1). Ela recebeu o nome do seu fundador, Atalus II (Philadelphus), que reinou de 159 a 138 a.C. Muitas vezes sacudida por terremotos, ela foi destruída em 17 d.C., junto com Sardes e dez outras cidades no vale de Lídia. O medo fez com que grande parte da população deixasse de morar no interior dos seus muros. Aparentemente, tanto a cidade quanto a igreja eram pequenas nessa época.

A adoração principal era a Dionísio (mais tarde chamado de Baco). Mas a carta indica que a principal oposição veio dos judeus e não dos pagãos.

Quando os turcos conquistaram a Ásia Menor na Idade Média, **Filadélfia** suportou o ataque por muito mais tempo do que outras cidades. Ramsay diz: “Ela exibia todas as qualidades nobres de perseverança, verdade e constância que são atribuídas a ela na carta de João”.⁹⁰ Hoje há uma cidade relativamente grande lá, com uma estação ferroviária.

2. Autor (3.7b)

Cristo se descreve como **o que é santo** — literalmente, “o Santo”, um nome para a divindade. Ele também é **o que é verdadeiro**, “o Verdadeiro”. A palavra grega para **verdadeiro** (*alethinos*) significa “verdadeiro, no sentido de real, ideal, genuíno”.⁹¹ Bultmann diz: “Em relação às coisas divinas ela tem o sentido daquilo que verdadeiramente é, ou daquilo que é eterno”.⁹² Comentando a respeito desse título duplo de Jesus, Swete escreve: “O Cabeça da Igreja é descrito ao mesmo tempo como santidade absoluta [...] e como verdade absoluta; Ele é tudo aquilo que afirma ser, cumprindo os ideais que prega e as esperanças que inspira”.⁹³ Charles entende que, no Apocalipse, não temos o sentido clássico do grego *alethinos* (“genuíno”) como acontece no Evangelho de João. Em vez disso, é a ênfase hebraica na fidelidade de Deus. Ele diz: “Por isso, *alethinos* sugere que Deus ou Cristo, como verdadeiro, cumprirá a sua palavra”.⁹⁴

Jesus então se descreve como **o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre**. Essas palavras são citadas de Isaías 22.22. Ali o Senhor fala de Eliaquim, servo fiel de Ezequias: “E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro, e abrirá, e ninguém fechará, e fechará, e ninguém abrirá”. A **chave** é o símbolo de autoridade. Charles observa que a expressão **a chave de Davi** “evidentemente tem um significado messiânico [...] As palavras ensinam que a Cristo pertence completa autoridade com respeito à admissão ou exclusão da cidade de Davi, a nova Jerusalém”.⁹⁵ Mas já em 1.18, Jesus tinha declarado que Ele tinha as chaves da morte e do Hades. Assim, Ele exercita autoridade no céu, na terra, e mesmo no reino dos mortos.

3. Aprovação (3.8-10)

À igreja de Filadélfia, Cristo disse: **eis que diante de ti pus uma porta aberta** (8) — literalmente: “uma porta que foi aberta e permanece aberta”. A figura de uma porta aberta era familiar para os cristãos do primeiro século. Os missionários pioneiros, Paulo e Barnabé, relataram em Antioquia que Deus “abrirá aos gentios a porta da fé” (At 14.27). Em relação à sua obra em Éfeso, Paulo escreveu: “porque uma porta grande e eficaz se me abriu” (1 Co 16.9). Pouco mais tarde, ele diz: “quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo [...] abrindo-se-me uma porta no Senhor” (2 Co 2.12). Ele pediu aos colossenses a orarem “para que Deus nos abra a porta da palavra” em Roma (Cl 4.3). Essas passagens das epístolas de Paulo parecem indicar o que significa uma **porta aberta**. Ela significa uma boa oportunidade para a obra missionária.

Ramsay denomina Filadélfia “a igreja missionária”. Ele diz o seguinte dessa cidade:

A intenção dos seus fundadores era torná-la um centro da civilização greco-asiática e um meio de espalhar a língua grega e seus costumes na parte oriental da Lídia e da Frígia. Ela era uma cidade missionária desde o seu princípio [...] O seu ensinamento foi bem-sucedido. Antes de 19 d.C., a língua nativa tinha deixado de ser falada na Lídia e a língua grega era a única falada nesse país.⁹⁶

Mas agora a igreja de Filadélfia foi chamada para um tipo de obra missionária muito mais importante, que é a de espalhar o evangelho de Jesus Cristo. Para essa tarefa, ela estava num lugar apropriado. A estrada do esplêndido porto de Esmirna passava por Filadélfia. Além do mais, “a estrada imperial do correio de Roma até as províncias mais

ao leste” passava por Trôade, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia. “Ao longo dessa grande rota a nova influência estava constantemente se movendo para o leste da Filadélfia, na forte corrente de comunicação que saía de Roma, passava pela Frígia e ia em direção ao Oriente distante [...] Filadélfia, portanto, era a guardiã do portão para o plano; mas a porta tinha agora sido permanentemente aberta diante da Igreja, e a obra de Filadélfia era passar por ela e levar o evangelho para as cidades da Frígia”.⁹⁷

A igreja em Filadélfia se torna um símbolo da grande iniciativa de missões mundiais, a próxima etapa na história do cristianismo depois da Reforma Protestante. Nos primeiros 150 anos depois do início de missões modernas protagonizado por William Carey em 1792, provavelmente mais obras missionárias foram desenvolvidas do que nos 1500 anos anteriores.

Acerca dessa porta aberta Jesus disse: **ninguém a pode fechar**. A “chave de Davi” (v. 7) tinha destrancado a porta, e nenhum humano ou força demoníaca poderia fechá-la. Nunca antes, em 1900 anos de história cristã, o desafio da **porta aberta** de missões mundiais foi maior do que agora.

Parece surpreendente ler: **tendo pouca força**. Evidentemente, a igreja de Filadélfia era pequena e talvez seus membros fossem na maioria da classe mais pobre. A declaração **guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome** deveria ser traduzida da seguinte forma: “E mesmo assim guardaste a Minha palavra e não negaste o meu nome”. Evidentemente, a congregação tinha passado por um tempo de provação, mas permaneceu firme.

A frase **a sinagoga de Satanás** (9) já tinha aparecido em 2.9, na carta a Esmirna. Nessas duas cidades a oposição à igreja veio principalmente dos judeus. Mas eles não são verdadeiros judeus, porque não seguem os passos do Pai Abraão, nem guardam o espírito da lei de Moisés (veja comentários em 2.9).

Desses falsos judeus o Senhor diz: **eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés**,⁹⁸ e **saibam que eu te amo**. Isso parece indicar que alguns judeus seriam convertidos ao cristianismo. Essa interpretação é fortalecida pela primeira frase do versículo: **eu farei aos da sinagoga de Satanás**. O grego traz: “eu darei da sinagoga de Satanás [não **eu farei**]”. Alguns seriam salvos.

Confirmação indireta disso é encontrada na carta de Inácio aos cristãos em Filadélfia (ca. 120 d.C.), na qual ele os adverte para não darem ouvidos aos judaizantes. Evidentemente, os judeus se tornaram influentes na congregação de Filadélfia.

Cristo elogiou a igreja porque ela tinha guardado **a palavra da minha paciência** (10), ou “resistência”. Erdman diz que essa frase dá a impressão de significar: “A pregação dessa imutável resistência com a qual no meio de privações Cristo deve ser servido”.⁹⁹ Mas é **minha paciência**. Trench está certo quando comenta: “Muito melhor, no entanto, é entender todo o evangelho como ‘a palavra da paciência de Cristo’, ensinando em toda parte, como está ocorrendo, a necessidade de uma espera paciente por Cristo, até que Ele, o esperado por tanto tempo, finalmente apareça”.¹⁰⁰ Lenski vai mais longe e sugere que a frase deveria ser traduzida da seguinte forma: “a Palavra que trata da resistência do Senhor”.¹⁰¹ Talvez esses dois pensamentos deveriam ser combinados: é a resistência paciente de Cristo como um exemplo para permanecermos constantes.

Uma vez que a igreja em Filadélfia tinha guardado essa palavra de Cristo, Ele, por sua vez, a guardará da **hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo** (terra

habitada), **para tentar os que habitam na terra**. O substantivo grego para **tentação** é *peirasmós*, e o verbo grego para **tentar** é *peirazo*. A conexão óbvia no grego também aparece na versão em português (o mesmo não ocorre na KJV). O verbo significa “testar, colocar à prova”. Uma tradução correta seria “provação [...] prova” (NVI) ou “teste [...] testa” (NASB).

O alcance mundial dessa prova mostra que a referência principal é ao período da chamada Grande Tribulação no tempo da Segunda Vinda. Mas há talvez uma aplicação secundária às perseguições romanas ao cristianismo, que se estendiam pela terra então conhecida — o Império Romano.

Tem havido uma discussão considerável se **te guardarei da hora da tentação** significa isenção do tempo da prova ou ser guardado nesse tempo. A palavra **da** no grego não é *apo*, “para longe de”, mas *ek*, que significa “fora de”. À luz disso, Carpenter escreve: “A promessa não significa ficar guardado longe da tribulação, mas ser guardado no meio dela” — da mesma forma que a cabeça de alguém é “mantida acima da água”.¹⁰² Swete escreve: “Para a igreja de Filadélfia a promessa era uma garantia de proteção em qualquer prova que lhe pudesse sobrevir”.¹⁰³ Também é uma promessa para nós de que o nosso Senhor nos manterá em segurança em qualquer época de teste.

4. Exortação (3.11)

Na carta para Filadélfia, como na carta para Esmirna, não há palavra de censura. Assim, passamos imediatamente para a exortação.

Ela começa com uma promessa misturada com advertência: **Eis que venho sem demora**.¹⁰⁴ O significado principal de **sem demora** (cf. 22.20) é que o Senhor *não atrasará* a sua vinda além do tempo fixado. Mas, uma vez que não sabemos quando isso acontecerá, devemos estar constantemente preparados. Além disso, para o Senhor mil anos são como um dia (2 Pe 3.8). Assim, dois mil anos ainda seriam **sem demora**.

A conexão próxima desse versículo com o anterior sugere que a vinda de Cristo vai livrar os seus da hora da tribulação. Alguns têm sugerido que, da mesma forma que os israelitas tiveram de tomar parte das três primeiras pragas (sangue, sapos, piolhos) com os egípcios (Êx 8.22), assim a Igreja poderá passar pela primeira parte da Grande Tribulação antes de ser levada por Cristo.

A igreja de Filadélfia é admoestada: **guarda o que tens**. Swete sabiamente observa: “A promessa de proteção (v. 10) traz consigo a responsabilidade de um esforço contínuo”.¹⁰⁵ **Coroa** significa a “coroa da vitória” (veja comentários em 2.10). A advertência é contra fracassar na corrida da vida e, conseqüentemente, perder o direito à coroa da vida. Ou seja: “toma cuidado **para que ninguém tome a tua coroa**”. Esse objetivo é alcançado ao correr com sucesso até o fim.

5. Recompensa (3.12)

Para o vitorioso será erguida uma **coluna no templo do meu Deus**. Swete comenta: “Há uma dupla propriedade nessa metáfora: enquanto a coluna dá estabilidade à construção que se apóia sobre ela, ela mesma está firme e permanentemente estabelecida; e esse lado do conceito freqüentemente vem à tona [...] e é preeminente aqui”.¹⁰⁶

Uma vez que ele esteja estabelecido, **dele** [do templo] **nunca sairá**. Quando o período da prova chegar ao fim e o vencedor tiver se tornado uma **coluna** no

templo eterno de Deus, não haverá mais possibilidades de cair. O caráter dos santos glorificados será firmado para sempre.

A respeito do vencedor, Cristo disse que escreveria três nomes: **o nome do meu Deus [...]** **o nome da cidade do meu Deus[...]** **e também o meu novo nome**. O nome de Deus, significando sua posse, era colocado sobre os israelitas; porque logo após a bela bênção sumo sacerdotal (Nm 6.24-26), é acrescentada: “Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei” (Nm 6.27). A **nova Jerusalém** é descrita em mais detalhes nos capítulos 21—22. Aqui há apenas uma referência de passagem acerca dela.

O que significa **o meu novo nome**? Trench diz que é esse “nome misterioso e, na necessidade das coisas, não comunicado e, para o tempo presente, incomunicável, que, nessa mesma visão mais sublime, é mencionado como: ‘e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo’ (19.12) [...] Mas o mistério desse novo nome, que nenhum homem é capaz de descobrir, que nessa condição presente ele não é capaz de receber, será dado aos santos e cidadãos da nova Jerusalém. Eles conhecem como são conhecidos (1 Co 13.12)”.¹⁰⁷ Swete sugere que o **novo nome** de Cristo é “um símbolo para a glória mais completa de sua Pessoa e Caráter que aguardam revelação na sua Vinda”.¹⁰⁸

Três pensamentos se destacam nessa “Promessa ao Vencedor”: 1) Consagração completa a Deus — **o nome do meu Deus**; 2) Cidadania intransferível na cidade celestial — **o nome da cidade do meu Deus**; 3) Conhecimento mais completo de Cristo na Segunda Vinda — **meu novo nome**.¹⁰⁹

6. Convite (3.13)

Ouçã significa “preste atenção”. É o que queremos comunicar quando dizemos: “Agora, *escute-me*”.

G. CARTA À IGREJA DE LAODICÉIA, 3.14-22

1. Destinatário (3.14a)

A KJV traduz aqui: “à igreja dos Laodicenses”. Essa tradução tem provocado uma série de comentários e interpretações. Mas ela praticamente não tem apoio dos manuscritos gregos. A tradução correta é: “à igreja que está em Laodicéia”. Ela é similar em forma com os destinatários das outras igrejas.

Laodicéia distava cerca de 60 quilômetros a sudeste de Filadélfia. Ela se localizava junto ao rio Licos, 10 quilômetros ao sul de Hierápolis e 16 quilômetros a oeste de Colossos (veja mapa 1). Fundada por Antíoco II (267-246 a.C.), essa cidade foi chamada de Laodicéia em homenagem à sua esposa, Laodice. Visto que estava localizada na junção de três estradas importantes, tornou-se uma grande cidade comercial e administrativa. O fato de ser um centro financeiro, a tornou tão próspera que foi capaz de reconstruir-se depois do grande terremoto em 60 d.C. sem o subsídio imperial. Ela também era conhecida pela fabricação de roupas e tapetes de uma lã preta, brilhante e macia. Laodicéia também era famosa por causa da sua renomada escola de medicina.

A igreja de Laodicéia já existia quando Paulo estava preso em Roma. Ele escreveu uma carta a ela (cf. Cl 4.16) que evidentemente se perdeu.

A cidade foi conquistada pelos turcos. No lugar existe hoje uma série de ruínas, ainda não escavadas.

2. Autor (3.14b)

Jesus aqui se identifica como **o Amém**. Isso pode ser um eco de Isaías 65.16, em que encontramos no hebraico: “o Deus do Amém” (ou “o Deus da verdade”). A palavra foi traduzida do hebraico para o grego e, tempos depois, para o inglês e outras línguas modernas. Hoje, entre os cristãos de todos os países e línguas ouvimos o mesmo “Amém!”.

Provavelmente há uma conexão próxima entre o uso freqüente desse termo por Jesus como está relatado nos Evangelhos. Essa palavra aparece 51 vezes nos Sinóticos e 50 vezes no Evangelho de João. Ela é traduzida como “na verdade” (sempre duplo em João) na frase: “Na verdade vos digo”.

O autor mais adiante se descreve como **a testemunha fiel e verdadeira** (veja comentários em 1.5; 3.7). Isso provavelmente é sinônimo de **o Amém**, que é colocado aqui “porque essa é a última das sete epístolas, para que possa confirmar o todo”.¹¹⁰

O terceiro item na descrição é: **o princípio da criação de Deus**. Mestres heréticos têm se aproveitado dessa frase como prova de que Cristo não era eterno. Mas em Colossenses, em que Ele é designado “o primogênito de toda a criação” (1.15), é mencionado logo em seguida: “porque nele foram criadas todas as coisas [...] E ele é antes de todas as coisas” (1.16-17). Além disso, em seu Evangelho, João diz acerca do Logos: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). A frase aqui deve ser interpretada à luz dessas outras passagens. Ela significa “a origem (ou ‘fonte original’) da criação de Deus”.¹¹¹

3. Aprovação (3.15-17)

No caso da igreja de Laodicéia não há palavras de aprovação ou recomendação. É um fato impressionante que não se diga nada aqui acerca dos nicolaítas ou qualquer outro grupo herético. Pelo que tudo indica, a igreja era ortodoxa. Mas era uma ortodoxia morta. O que estava errado com a igreja de Laodicéia não era um problema da cabeça, mas um problema do *coração*. Isso era muito mais sério.

A essa igreja o Senhor disse: **Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente** (15). A palavra grega para **frio** (*psychros*) é usada somente nos versículos 15-16 e em Mateus 10.42 — “um copo de água fria”. **Quente** é *zestos* (somente nos vv. 15-16 no NT). Essa palavra significa “quente a ponto de ferver”, assim **frio** aqui provavelmente significa “frio a ponto de congelar”.¹¹² A igreja não era nem friamente indiferente nem fervorosa no espírito (cf. Rm 12.11).

A reação do Cabeça da Igreja é expressa com palavras fortes: **Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca** (16). Alguns alimentos são gostosos somente quando estão frios, outros somente quando estão quentes. Alguns alimentos são gostosos tanto frios quanto quentes. A maioria das pessoas gosta de suco gelado e café ou chá quente; mas quem gosta de uma bebida morna? As palavras gregas para **morno** e **vomit** (esta é *emeo*, no grego) são encontradas somente aqui no Novo Testamento.

A pior coisa a respeito da condição dessa igreja era sua autocomplacência: **Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta** (17). A igreja evidente-

mente refletia o comportamento da comunidade (veja comentários no v. 14). **Enriquecido** significa literalmente: “acumulei riquezas” (mesma raiz de **rico** na frase anterior); em outras palavras: “Obtive minha riqueza com meu próprio esforço”. A primeira frase expressa auto-satisfação; a segunda, orgulho.

Não existe um exemplo mais triste de orgulho insensível do que o que é exibido na declaração: **de nada tenho falta**. Que contraste com a humildade realista expressa nas palavras do hino “Preciso de Ti a toda hora”. Esse é o verdadeiro espírito cristão de dependência.

A avaliação de Cristo acerca dessa igreja era bem diferente da avaliação que essa igreja fez dela mesma. Ele disse: **e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu**. O grego é consideravelmente mais vívido: “e não sabes que *thou* (enfático no gr. — tu que tens te vangloriado) és *o* desgraçado, e desprezível, e pobre, e cego e nu”. **Desgraçado** é encontrado somente aqui e em Romanos 7.24 (no texto grego): “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”. **Miserável** ocorre somente aqui e em 1 Coríntios 15.19: “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens”.

Swete resume o restante do versículo da seguinte forma: “Os três adjetivos seguintes relatam os motivos para a comiseração; um pedinte cego [...] escassamente vestido (cf. Jo 21.7) não era mais merecedor de compaixão do que essa igreja rica e presunçosa”.¹¹³ **Pobre** [...] **cego** [...] **nu** devem ser entendidos metaforicamente, descrevendo a condição espiritual da igreja. No entanto, pode haver uma alusão indireta aos recursos ostentosos da cidade onde estavam localizados. A igreja era **pobre** em um centro financeiro opulento, **cego** em uma comunidade que tinha uma excelente escola de medicina, e **nu** em um lugar famoso pela fabricação de roupas feitas de uma lã de alta qualidade. É possível que a Igreja dos nossos dias prospere exteriormente no meio de prosperidade material, e mesmo assim seja pobre, cega e espiritualmente nu.

4. Exortação (3.18-20)

A essa igreja opulenta, que “não tinha falta de nada”, Jesus disse: **aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças** (18). O termo **compres** é um eco de Isaías 55.1: “vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”. Essa é a única maneira de comprarmos de Deus. **De mim** é enfático. Essas coisas necessárias podem ser adquiridas somente de Cristo.

Provado no fogo ou “refinado no fogo”, isto é, purificado pelo fogo. A mesma forma verbal ocorre na Septuaginta em Salmos 18.30 — “a palavra do Senhor é provada”. Em Provérbios 30.5, lemos “pura” — “Toda palavra de Deus é pura”. Assim, aqui significa que esse ouro é puro e genuíno.

Além disso, a igreja precisava de **vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez**. A roupa branca e pura estava em contraste com a lã preta, pela qual Laodiceia era famosa.

Em terceiro lugar, Jesus aconselhou a igreja para **que unjas os olhos com colírio, para que vejas**. Acerca desse remédio, Charles diz: “Em nosso texto refere-se ao famoso pó da Frígia usado pela escola de medicina de Laodiceia”.¹¹⁴

Não se deve deixar de notar que as três partes do versículo 18 correspondem aos últimos três adjetivos do versículo 17: “pobre”, “nu”, “cego”. A igreja de Laodiceia achava que não precisava de nada. Na verdade, ela sentia falta das necessidades mais básicas da vida espiritual.

Nesse versículo, vemos “O que é o Evangelho”: 1) Riqueza divina para nossa pobreza espiritual; 2) Veste branca de justiça para nossa pecaminosidade; 3) Visão espiritual para nossa cegueira.

A exortação continua: **Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te** (19). O castigo é um sinal do cuidado amoroso de Deus como nosso Pai celestial (cf. Hb 12.5-11). É interessante que o verbo **amo** aqui não é o costumeiro *agapao*, mas *phileo*, que introduz um toque meigo e sentimental — para a igreja que menos o merecia! **Repreendo** é “declarar culpado”. **Castigo** é literalmente “educar uma criança”. Tudo isso mostra a compaixão de Cristo em lidar com essa igreja como uma criança geniosa que precisava do amor e disciplina do Pai. Swete observa: “Talvez a condição deplorável da igreja de Laodiceia era devida à falta de correção; não há nenhuma palavra de quaisquer provas até aqui sofridas por essa igreja”.¹¹⁵

Essa igreja tinha falta de “tempero” (veja comentários acerca de “quente”, v. 15). Ela carecia de zelo. Assim, o Senhor disse: **sê, pois, zeloso** (imperativo presente, sê constantemente zeloso). **Arrepende-te** está no aoristo, requerendo uma ação imediata em uma decisão crucial.

Pode parecer estranho que **sê [...] zeloso** preceda **arrepende-te**. Plumptre observa: “A raiz da maldade da igreja de Laodiceia e seus representantes era sua indiferença e mornidão, a ausência de qualquer zelo, de qualquer seriedade. E o primeiro passo, portanto, para coisas mais elevadas era passar para um estado em que esses elementos de vida não mais seriam manifestos pela sua ausência”.¹¹⁶

A esse chamado para arrependimento “Cristo acrescenta a mensagem mais terna encontrada nessas cartas”.¹¹⁷ **Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo** (20). Esse é um dos mais importantes textos do evangelho no Novo Testamento e deveria ser citado freqüentemente na evangelização pública e na abordagem pessoal. Por esse motivo, esse versículo deveria ser memorizado por todo cristão e ganhador de almas.

A simplicidade do evangelho é expressa de maneira singular nessa passagem. Cristo está parado à porta do coração de cada pecador, batendo e esperando para entrar. Ele não vai demolir a porta e forçar a entrada, porque nos criou com vontade própria e não violará esse aspecto. Mas se o pecador abrir a porta, o que só ele pode fazer, o Salvador promete entrar. A grande tela de Holman Hunt, “A Luz do Mundo”, é a evangelização tornada visual.

A idéia de “cear” é de comunhão, e mais especificamente de uma comunhão sem pressa ao redor da mesa do jantar, quando a agitação do dia passou. O pensamento é expresso belamente pela NEB: “e sentar para jantar com ele”. Esse aspecto também antevê o banquete eterno com Cristo.

A comunhão é dupla. G. Campbell Morgan a descreve da seguinte forma: “Primeiro, serei seu Convidado, ‘Eu cearei com ele’. Ele será o meu convidado, ‘e ele comigo’. Sentarei à mesa que o seu amor provê e satisfarei o meu coração. Ele sentará à mesa que o meu amor proverá e satisfará o seu coração”.¹¹⁸

5. Recompensa (3.21)

A promessa final é: **Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.** Esse é um eco e extensão da promessa que Jesus fez aos seus doze apóstolos em Mateus 19.28 e Lucas 22.29,30. Jesus venceu todas as tentações e provações na sua vida na terra e recebeu sua recompensa. Para aqueles que o seguem plena e fielmente até o fim, uma recompensa igual o estará aguardando. Essa promessa obviamente antecipa a vida futura.

6. Convite (3.22)

Mais uma vez os ouvintes dessas cartas são admoestados a ouvir **o que o Espírito diz às igrejas**. Todas as sete mensagens estão repletas de advertências e exortações salutares para os cristãos de hoje. Fariamos bem se prestássemos atenção a elas.

SEÇÃO III

O FUTURO

Apocalipse 4.1—22.21

Nesse ponto ocorre no livro de Apocalipse uma mudança drástica de cena e assunto. R. H. Charles escreve: “O contraste dramático não podia ser maior. Até aqui a cena das visões do Vidente tinha sido a terra; agora é o céu [...] Nos capítulos 2 e 3 tivemos uma descrição vívida das igrejas cristãs da Ásia Menor [...] Mas no momento que deixamos a inquietação, as aflições, as imperfeições e apreensões que permeiam os capítulos 2 e 3, passamos no capítulo 4 para uma atmosfera de segurança e paz perfeita [...] Prevalece uma harmonia infinita de justiça e poder”.¹

A cena muda da terra para o céu. O assunto muda do cuidado de Cristo como Cabeça pelas condições predominantes na igreja para a autoridade soberana sobre seu universo.

Já observamos que 1.19 sugere uma divisão tríplice do livro de Apocalipse: 1) O Passado — “as coisas que tens visto”, cap. 1; 2) O Presente — “as coisas que são”, caps. 2—3; 3) O Futuro — “as coisas que hão de vir”, caps. 4—22.

Quanto à interpretação das duas primeiras divisões há uma pequena diferença de opinião. João teve uma visão de Jesus glorificado parado no meio da sua Igreja (cap. 1). Isto está claro. Nos capítulos 2—3, encontramos as cartas às sete igrejas da Ásia. A maioria dos comentaristas concorda que essas cartas descrevem condições reais em igrejas reais no primeiro século — embora elas também possam dar uma visão geral das condições gerais a serem encontradas na cristandade até os nossos dias.

Mas quando chegamos à terceira seção de Apocalipse, a situação é bastante diferente. Desconsiderando os “aspectos lunáticos” de incontáveis aberrações, descobrimos três

principais escolas de interpretação. A primeira, chamada a *preterista*, encontra o cumprimento dos capítulos 4—22 nos eventos do período imperial. O grande inimigo da Igreja, a besta, é o Império Romano. A segunda, chamada *historicista*, busca o cumprimento nos acontecimentos sucessivos de toda a era da Igreja e nos eventos culminantes que se seguem. Aqui geralmente se afirma que a besta é a igreja católica romana ou, mais especificamente, o papado. A terceira, chamada *futurista*, entende que o livro de Apocalipse, a partir de 4.1, ainda precisa ser cumprido no fim dessa era. Ela continua sendo futura do ponto de vista do leitor de hoje. A besta é identificada como o Anticristo. Veremos todas as três interpretações em conexão com passagens-chave.

Essa terceira seção do Apocalipse parece compor-se de sete visões: 1) O Trono e o Cordeiro (4.1—5.14); 2) Os Sete Selos (6.1—8.1); 3) As Sete Trombetas (8.2—11.19); 4) A Sétupla Visão (12.1—14.20); 5) As Sete Taças (15.1—16.21); 6) As Sete Últimas Cenas (17.1—20.15); 7) A Nova Jerusalém (21.1—22.21).

A. O TRONO E O CORDEIRO, 4.1—5.14

1. A Adoração a Deus como Criador (4.1-11)

A primeira visão é dupla. Ela mostra a adoração a Deus como Criador (cap. 4) e a adoração a Cristo como Redentor (cap. 5). Essa adoração, João vê acontecer no céu.

a) *O trono de Deus* (4.1-6a). João viu **uma porta aberta no céu** (1). O grego claramente afirma que João viu uma porta que tinha sido aberta e permanecia aberta (particípio passivo perfeito). Como Simcox diz: “Ele viu a porta aberta; ele não a viu sendo aberta”.² Era uma porta da revelação que permitiu uma visão do céu.

Barclay observa que nesses primeiros capítulos do livro encontramos “Três Portas Importantes na Vida”: 1) A porta da oportunidade (3.8); 2) A porta do coração humano (3.20); 3) A porta da revelação (4.1).

A **primeira voz, que [...] ouvira falar comigo** é evidentemente a voz de Cristo, mencionada em 1.10. Lá, como aqui, ela é descrita como o som de **trombeta**, poderosa e penetrante. Essa voz disse: **Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer**. João teria uma prévia do futuro.

Logo o vidente foi arrebatado em espírito (2). Para o significado dessa frase veja os comentários em 1.10. Aqui evidentemente significa que João foi levado espiritualmente (não fisicamente) para o céu.

Lá ele viu **um trono** e Alguém sentado nele. Aquele sentado no trono **era na aparência, semelhante à pedra de jaspé e de sardônica**, com um arco **semelhante à esmeralda** (3). Swete faz essa observação útil: “A descrição rigorosamente evita detalhes antropomórficos, O olho do vidente fica detido pelo luzir das cores como de pedras preciosas, mas ele não vê nenhuma forma”.³

A identificação dessas três pedras é debatida. Não se sabe ao certo se a pedra de **jaspé** era vermelha ou verde. A pedra **sardônica** era vermelha. O **arco** (gr., *iris*⁴) **era semelhante à esmeralda**, que é verde. Phillips traduz essa passagem da seguinte maneira: “Sua aparência resplandecia como diamante e topázio, e ao redor do trono brilhava um arco semelhante a um arco-íris de esmeraldas”.

Nos vinte e quatro assentos ao redor do trono havia **vinte e quatro anciãos** assentados (4). Por que vinte e quatro? Alguns sugerem que eles representavam os vinte e quatro turnos dos sacerdotes (1 Cr 24). Vitorinus, o comentarista latino mais antigo de Apocalipse, diz que os anciãos representavam os doze patriarcas e os doze apóstolos. Com base nisso, Swete encontra “na representação dupla a sugestão dos dois elementos que coexistiam no novo Israel, os crentes judeus e os crentes gentios que eram um em Cristo. Assim, os 24 anciãos formavam a Igreja em sua totalidade”.⁵ Melhor ainda, eles podem ser considerados os representantes de todo o povo de Deus, tanto dos santos do Antigo Testamento quanto dos cristãos.

Esses anciãos estavam **vestidos de vestes brancas; e tinham sobre a cabeça coroas de ouro**. Eles estavam *limpos* e *coroados*. A palavra para **coroas** significa as coroas dos vencedores (cf. 2.10).

Do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes (5). Esses três elementos são mencionados em conexão com a concessão da lei (Êx 19.16). Barclay comenta: “Aqui João está usando a imagem que é regularmente conectada com a presença de Deus”.⁶

Diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo que eram identificadas como **os sete Espíritos de Deus**. A referência é evidentemente ao Espírito Santo (veja comentários de 1.4).

Havia diante do trono um como mar de vidro (6). Isto é, ele parecia como um mar de vidro. Para ressaltar sua transparência, é acrescentado: **semelhante ao cristal**. Quanto ao significado do mar semelhante ao vidro, Swete diz: “Ele sugere a vasta distância que, mesmo no caso de alguém que estava parado na porta do céu, existia entre ele mesmo e o Trono de Deus”.⁷

b) *As quatro criaturas viventes* (4.6b-8). Elas estão **no meio do trono e ao redor do trono** (6). Essa estranha combinação é explicada da seguinte maneira por Moffatt: “e no meio (de cada lado) do trono e (conseqüentemente) ao redor do trono”.⁸

Animais (*zoa*) deveria ser traduzido por “criaturas viventes”. A tradução aqui é particularmente infeliz visto que “animais” ou “bestas” é a tradução correta de *theria* nos capítulos 11—13. Trench escreve o seguinte acerca dessas duas palavras gregas: “Ambas desempenham um importante papel nesse livro; ambas têm um simbolismo muito elevado; mas ambas se movem em esferas tão distantes uma da outra quanto dista o céu do inferno. As *zoa* ou ‘criaturas viventes’, que estão diante do trono e em quem habitam a plenitude de toda criatura [...] constitui uma parte do simbolismo *celestial*; as *theria*, a primeira besta e a segunda [...] essas formam parte do simbolismo *diabólico*”.⁹

Os quatro animais (“criaturas viventes”) são descritos como **cheios de olhos por diante e por detrás**. Isso sugere que eles sabiam tudo que estava acontecendo; isto é, eles mantinham uma vigilância ininterrupta.

Tem havido muita discussão em relação ao significado dessas quatro criaturas viventes. Lenski escreve: “As *zoa* têm sido chamadas de esfinge do Apocalipse. Um autor oferece vinte e uma interpretações”.¹⁰ Mas isso é tornar a situação desnecessariamente difícil. Swete sugere esta simples explicação: “As *zoa* representam criação e a imanência divina na natureza”.¹¹ Um pouco mais adequada é a interpretação de Donald Richardson: “Quatro é o número cósmico: e as quatro criaturas viventes dos versículos 6-8 são o símbolo de toda a criação redimida, transformada, aperfeiçoada e trazida para debaixo

da obediência à vontade de Deus e manifestando a sua glória”.¹² Alguns entendem que os vinte e quatro anciãos representam os santos redimidos de todos os tempos e as quatro criaturas viventes representam os seres angelicais.

As quatro criaturas viventes são descritas como: **semelhante a um leão [...] semelhante a um bezerro [...] o rosto como de homem [...] semelhante a uma águia voando** (7). Essas são as mesmas faces das “quatro criaturas viventes” [animais] de Ezequiel 1.5-10 e similares às faces dos “querubins” de Ezequiel 10.14. Ao entender que as criaturas viventes representam toda criação, Swete escreve: “As quatro formas sugerem [respectivamente] o que é mais nobre, mais forte, mais sábio e mais veloz na natureza animada”.¹³ Alguns dizem que Mateus tipifica Cristo como um **leão** (Rei), Marcos como um **bezerro**, ou boi (Servo), Lucas como um **homem** (Filho do Homem) e João como uma **águia voando** (Filho de Deus). Os paralelos, embora interessantes, não devem ser exagerados.

Cada uma das quatro criaturas viventes tem **respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos** (8). Uma tradução melhor seria: “E as quatro criaturas viventes, cada uma delas tendo seis asas, estão cheias de olhos ao redor e por dentro” (NASB). Donald Richardson sugere que as asas “simbolizam a perfeição do seu equipamento para o serviço de Deus”.¹⁴ Quanto ao significado dos **olhos** veja os comentários do versículo 6.

Acerca das quatro criaturas viventes lemos: **e não descansam nem de dia nem de noite**. Swete escreve: “Essa atividade ininterrupta, da natureza debaixo da mão de Deus é um tributo ininterrupto de louvor”.¹⁵ Elas clamam: **Santo, Santo, Santo**. Esse é um eco do clamor dos serafins em Isaías 6.3. **Senhor Deus, o Todo-poderoso** substitui o “Senhor dos Exércitos” em Isaías. Acerca do significado de **que era, e que é, e que há de vir**, veja os comentários em 1.8.

No versículo 8, encontramos “Um Cântico de Louvor a Deus”: 1) Pela sua santidade; 2) Pela sua onipotência; 3) Pela sua eternidade (Barclay).

c) *O louvor universal* (4.9-11). As quatro criaturas viventes dão **glória, e honra, e ações de graças** a Deus (9). Swete diz: “Enquanto *time* (honra) e *doxa* (glória) dizem respeito às perfeições divinas, *eucharistia* (ações de graça) se refere aos dons na criação e redenção”.¹⁶ **Que vive para todo o sempre** é encontrado novamente em 4.10; 10.6; 15.7. Deus é supremamente o “Deus vivo”.

Na sua adoração ininterrupta, as quatro criaturas viventes recebem a companhia dos vinte e quatro **anciãos**, que se prostram **diante do que estava assentado sobre o trono** (10). Eles estavam assentados na sua presença (v. 4). Mas agora são impelidos a prostrar-se em adoração diante do Eterno, lançando suas **coroas** de vitória aos seus pés. Isso era “equivalente a um reconhecimento de que sua vitória e sua glória eram de Deus, e isso somente por meio da graça dele”.¹⁷

Ao adorá-lo, eles o aclamavam como **Digno [...] de receber glória, e honra, e poder** (11). Eles o reconheciam como o grande Criador de **todas as coisas**. Para a sua **vontade** (*thelema*) **são e foram criadas**. O grego diz: “elas eram, e foram criadas”. Novamente Swete apresenta a melhor explicação: “A Vontade divina tinha feito do universo um fato no projeto das coisas antes que o Poder divino desse expressão material ao fato”.¹⁸

2. A Adoração de Cristo como Redentor (5.1-14)

No capítulo 4, vimos Deus sentado no seu trono eterno, recebendo louvor perpétuo. No capítulo 5, encontramos Cristo, o Cordeiro, revelado como Redentor divino.

a) *O livro selado* (5.1-5). O Eterno, sentado no seu trono, tinha em sua mão direita **um livro** (1). A palavra grega é *biblion* — lit.: “feito de papiro” — de onde vem a “Bíblia”. Ela significa um “rolo” ou “pergaminho” (veja comentários em 1.11). Esse rolo foi **escrito por dentro e por fora**. Geralmente, a escrita aparecia somente por dentro, onde as tiras de papiro corriam horizontalmente. Mas, ocasionalmente, também se escrevia do lado de fora, onde seria difícil escrever nas tiras perpendiculares. Folhas de papiro (de onde vêm o “papel”) eram elaboradas ao se colarem tiras de papiro horizontais sobre tiras verticais. Esse é o material no qual a maior parte do Novo Testamento, se não todo ele, foi originariamente escrito. Nossos manuscritos gregos mais antigos, do terceiro século, são de papiro.

Esse rolo foi **selado com sete selos**. **Selado** é o participio passivo perfeito de um verbo composto, sugerindo que ele foi “completamente selado”, ou “selado firmemente”. Esse aspecto é reforçado com a menção dos **sete selos**, o número da perfeição ou inteireza.

Alguns acreditam que os **sete selos** se referem a um costume legal daquela época. Charles os descreve como: “Uma resolução, de acordo com o Testamento Pretoriano, na lei romana trazia os sete selos das sete testemunhas nos fios que seguravam as tabuinhas ou o pergaminho [...] Esse Testamento não podia ser executado até que todos os sete selos tivessem sido quebrados”.¹⁹

Qual **livro** João tinha visto? Muitas respostas têm sido apresentadas a essa pergunta. Simcox resume algumas delas. Ele escreve: “O ponto de vista tradicional, se de fato existe um, desse livro selado é que ele representa o Antigo Testamento, ou de forma mais geral, as profecias das Escrituras, que só se tornam compreensíveis com o seu cumprimento em Cristo”.²⁰ Rejeitando isso, ele continua: “Muitos comentaristas pós-Reforma, tanto romanos quanto protestantes, têm considerado o livro como o próprio Apocalipse”.²¹ Ele acrescenta: “A maioria dos comentaristas modernos generaliza e entende que este é o Livro dos conselhos de Deus”.²² Simcox prefere interpretá-lo como o Livro da Vida (20.12; 21.27).

O ponto de vista mais comumente aceito relaciona esse livro com as “coisas que depois destas devem acontecer” (4.1); isto é: Apocalipse 4—22. Charles escreve: “O rolo contém os decretos divinos e os destinos do mundo [...] Em outras palavras, o livro é uma profecia das coisas que ocorrem antes do fim”.²³ Ele acrescenta: “Que esse livro é selado com sete selos mostra que os conselhos e julgamentos divinos que ele contém são um segredo profundo [...] que somente pode ser revelado pela mediação do Cordeiro”.²⁴ Swete o chama simplesmente de “Livro do Destino”.²⁵ Erdman diz: “Ele contém todos os decretos de Deus, um esboço de todos os eventos até o fim dos tempos. Os capítulos seguintes revelarão esses conteúdos”.²⁶

E vi (2) torna-se uma frase recorrente (cf. 5.1; 6.1; 7.1; 8.2; 9.1; 10.1), introduzindo novos aspectos. **Com grande voz**, alcançando todo o universo, **um anjo forte** (cf. 10; 18.21) proclamou: **Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?** A quebra dos selos necessariamente precederia a abertura do livro, mas a abertura é colocada primeiro porque é o principal objeto procurado.

Num primeiro momento, a proclamação em alta voz não foi respondida: **E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele** (3). **Ninguém** (*oudeis*) claramente inclui seres angélicos e humanos.

Essa situação desagradável incomodava João grandemente. Ele diz: **E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno** (apto) **de abrir o livro** (4).

Mas o problema agonizante foi logo resolvido. Um dos anciãos disse a João para parar de chorar. Havia boas-novas: **o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi [...]** **venceu para abrir o livro** (5). O primeiro desses títulos para Cristo nos leva de volta ao tempo em que Jacó abençoou seus doze filhos. Ele descreveu Judá como um “leãozinho” ou filhote (Gn 49.9). Mas Jesus foi o supremo **Leão** dessa tribo. Ele também foi **a Raiz de Davi** (cf. 22.16). Essa expressão é um eco de Isaías 11.1,10; também citado em parte em Romanos 15.12. É um termo messiânico. No período intertestamentário parecia que a casa de Davi tinha morrido. Em Cristo reapareceu.

Venceu (*enikesen*) vem de *nike*, “vitória” (cf. Phillips — “obteve a vitória”). Charles comenta: “*Enikesen* deve ser entendido aqui, como sempre na LXX e no NT, de forma absoluta. Esse termo expressa que de uma vez por todas Cristo venceu [...] e o propósito dessa vitória era capacitá-lo a abrir o livro do destino e levar a história do mundo até os seus estágios finais [...] A vitória tinha sido obtida por meio da sua morte e ressurreição”.²⁷

b) *O Cordeiro morto* (5.6-7). Um Leão tinha sido anunciado, mas **um Cordeiro** (6) apareceu. Esse é um dos paradoxos de Cristo. Os judeus esperavam que seu Messias fosse “o Leão da tribo de Judá”. O que eles não perceberam foi que Ele precisa ser primeiro “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

Por causa da menção do **Cordeiro [...]** **morto**, alguns interpretam o “livro” desse capítulo como que se referindo à redenção. Straus declara: “O assunto do rolo selado é a redenção”.²⁸

A palavra grega para **Cordeiro** (*arnion*) é usada para Cristo vinte e sete vezes no Apocalipse. Literalmente, ela significa “cordeirinho”.²⁹ No entanto, Jeremias observa que nos tempos do Novo Testamento ela não tem mais a força de um diminutivo.³⁰

Embora um cordeiro geralmente traga consigo a idéia de desamparo e fraqueza, esse **Cordeiro** tinha **sete pontas**, significando poder perfeito, e **sete olhos**, indicando conhecimento perfeito. Ele é onipotente e onisciente. Os **sete olhos** são então identificados como sendo **os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra**.³¹ Isso significa o Espírito Santo (veja comentários em 1.4).

O versículo 7 é traduzido literalmente da seguinte forma: “E veio e tomou da mão direita do que estava sentado no trono”. Assim João descreve com bastante realismo a ação enquanto ela ocorre. Mas, obviamente **o livro** precisa ser suprido como objeto e algum copiadador posterior o inseriu.

c) *A companhia que canta* (5.8-14). Quando o Cordeiro pegou o rolo, as quatro criaturas viventes e os vinte e quatro anciãos (veja comentários em 4.4, 6) **prostraram-se diante dele** (8). **Todos eles** — talvez apenas os anciãos³² — tinham **harpas**. O melhor texto grego está no singular: “Cada um tendo uma cítara” (ou lira). Eles também tinham **salvas de ouro cheias de incenso**. O incenso simboliza **as orações dos santos**. Swete

nota que o uso de incenso em algumas igrejas nos tempos modernos, talvez com base nessa passagem, não tem apoio dos Pais da igreja dos três primeiros séculos.

Eles **cantavam um novo cântico** (9). Christina Rossetti habilmente disse: “O céu é revelado à terra como a pátria da música”.³³ A expressão **um novo cântico** ocorre uma série de vezes nos Salmos (33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 144.9; 149.1). Ela também é encontrada em Isaías 42.10.

O hino que se segue é um hino de adoração a Cristo, o Redentor. Ele era **digno** (cf. v. 2) **de tomar o livro e de abrir os seus selos**. Por quê? **Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus**. A idéia de que somos comprados da escravidão do pecado com o sangue de Cristo é de grande importância no Novo Testamento. Essa é a redenção, o tema central da Bíblia. Somos comprados **para Deus**; portanto, pertencemos a Ele. Não está escrito *de quem* fomos comprados; a ênfase está *por quem* e *para quem*.

Essa redenção se estende a toda a humanidade, às pessoas **de toda tribo, e língua, e povo, e nação** — “representantes de cada nacionalidade, sem distinção de raça ou posição geográfica ou política”.³⁴

Pela sua redenção graciosa, Cristo os fez **reis e sacerdotes para o nosso Deus** (10). Essa combinação das funções real e sacerdotal do crente é encontrada diversas vezes no Novo Testamento. Ela já ocorreu em 1.6 e voltará a ocorrer em 20.6. Pedro usa a expressão “o sacerdócio real” (1 Pe 2.9). Que privilégio sublime!

Eles reinarão sobre a terra parece apontar para o reino do milênio. A KJV traz: “Nós reinaremos sobre a terra”. Mas muitos estudiosos (incluindo Swete e Charles) entendem que a tradução aqui deve ser: **Eles reinarão**. Mesmo isso poderia ser tomado como um presente profético. Há um sentido no qual os santos reinam com Cristo agora. Mas o cumprimento mais amplo olha para o futuro.

Swete ressalta o significado dos versículos 9-10: “O ‘novo cântico’ reclama para Jesus Cristo o lugar singular que Ele tomou na história do mundo. Por meio de um ato supremo de abnegação Ele comprou homens de todas as raças e nacionalidades para o serviço de Deus, fundou um vasto império espiritual e transformou a vida humana em um serviço sacerdotal e uma dignidade real”.³⁵

Os versículos 9,10 mostram “A Morte de Jesus Cristo” como: 1) Uma morte sacrificial — **com o teu sangue**; 2) Uma morte libertadora — nos **compraste**; 3) Uma morte universalmente expiatória — **de toda tribo**; 4) Uma morte eficaz — **os (nos) fizeste**.

E **olhei** (11) é o mesmo no grego que “e vi” nos versículos 1 e 2. Dessa vez o vidente também ouviu **a voz de muitos anjos ao redor do trono**. O número deles era de **milhões de milhões** (gr., *myriadas myriadon*, “dez milhares de dez milhares”) e **milhares de milhares** (*chiliades chiliadon*). As mesmas duas expressões, só que na ordem inversa, são encontradas em Daniel 7.10. É uma típica linguagem apocalíptica, ressaltando a grandeza e majestade de Deus.

A **grande voz** (12) sugere um grito em vez de um cântico. As miríades de anjos clamavam: **Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças**. Essa expressão é quase duplicada em 7.12. Uma sétupla descrição semelhante de honra é encontrada em 1 Crônicas 29.11-12. A lista de *sete* itens sugere perfeição de poder e glória.

Toda criatura (13) participou nessa adoração a Deus e ao Cordeiro. Quatro habitações são mencionadas — **que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e [...] no**

mar. O último item é acrescentado ao “universo de três andares” costumeiro (cf. v. 3). Toda criação estava engajada em louvar o Pai e o Filho. Charles comenta: “Assim, o universo de coisas criadas, os habitantes do céu, da terra, do mar e do Hades, se unem na parte final do louvor diante do trono de Deus”.³⁶

Quatro itens de louvor são mencionados aqui, em comparação com os sete mencionados no versículo 12. Mas no grego, o artigo é repetido com cada um dos quatro itens, dessa forma ressaltando os diversos itens para a ênfase individual. **Ações de graça** é *eulogia*. Quando aplicada a Deus, como aqui, essa palavra significa “louvor”. **Honra** (*time*) sugere primazia. **Glória** (*doxa*) fala do “esplendor” de Deus, um brilho que irradiava da sua presença. **Poder** não é *dynamis*, mas *kratos*, que significa “força” ou “vigor” (“might” em inglês).

As quatro criaturas viventes disseram: **Amém** (14), confirmando a doxologia anterior. Os vinte e quatro anciãos tomaram parte da adoração ao Eterno no trono.

Charles sugere que há quatro maneiras de o **Amém** ser usado no livro de Apocalipse: 1) “O amém inicial no qual as palavras do falante anterior são referidas e aceitas como se fossem as suas próprias palavras”, como em 5.14; 7.12; 19.4; 22.20; 2) “o amém separado”, como aqui; 3) “o amém final sem mudança de orador”, como em 1.6,7; 4) “o Amém”, como um nome aplicado a Deus em 3.14.

B. OS SETE SELOS, 6.1—8.1

Chegamos agora a três séries de julgamentos: os Sete Selos (caps. 6—7), as Sete Trombetas (caps. 8—11) e as Sete Taças (caps. 15—16). A escola de interpretação histórico-contínua (*historicista*, veja Int., “Interpretação”) encontra nisso um retrato de sucessivos ciclos de julgamentos durante essa época. Provavelmente, uma melhor perspectiva seria entendê-los como ciclos concêntricos de julgamento, descrevendo basicamente a mesma coisa, mas com figuras simbólicas diferentes. Como sempre, o número sete indica inteireza. É importante observar que o sétimo selo desemboca nas sete trombetas e a sétima trombeta desemboca nas sete taças. Assim, as três séries estão intimamente ligadas umas às outras.

Os sete selos têm sido chamados de “Cenário da História de Sofrimento”. Arrepiamo-nos ao pensar nos julgamentos que sobrevirão a este mundo farto de pecado.

1. O Primeiro Selo: Conquista (6.1,2)

Quando o Cordeiro abriu o primeiro selo do rolo, João ouviu **como em voz de trovão** (1). Essa era a voz alta de **um dos quatro animais** (“criaturas viventes”; veja comentários em 4.6).

Os primeiros quatro rolos formam uma série. Cada um é introduzido por um chamado em alta voz de uma das quatro criaturas viventes, seguido do aparecimento de um cavalo e um cavaleiro. Uma sugestão definida então é dada quanto ao que ele simboliza.

Vem e vê deveria ser apenas “Vem!”. As palavras **E vê** não estão no melhor texto grego, aqui ou nos versículos 3, 5 e 7. Alguns escribas evidentemente entenderam isso como um chamado a João para vir e ver o que iria acontecer. Fausset comenta: “É mais provável que seja o clamor dos redimidos ao seu Redentor: ‘Vem’ liberta a criatura em

agonia da escravidão da corrupção”.³⁷ O sentido correto provavelmente é o que Simcox apresenta: “O sentido completo da frase é que cada uma das criaturas viventes, alternadamente, convoca um dos quatro cavaleiros”.³⁸

A abertura do primeiro selo revela **um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso e para vencer** (2).

Num primeiro momento, o significado disso parece óbvio: o cavaleiro do cavalo branco é Cristo (cf. 19.11-16). Esse é o ponto de vista de Lange. Ele escreve: “O triunfo isolado de Cristo, como apresentado aqui, tem se prolongado através do Triunfo da Igreja; ele aparece como uma formação de hostes vitoriosas em cavalos brancos”.³⁹ Fausset concorda com isso. O mesmo ocorre com Lenski, que identifica o cavaleiro como a Palavra de Deus e acrescenta: “O portador, o cavalo, é branco, que é a cor de santidade e do céu”.⁴⁰

Mas o contexto parece não permitir essa interpretação. Swete diz: “Uma visão do Cristo vitorioso seria inapropriada na abertura de uma série que simboliza derramamento de sangue, fome e pestilência. Em vez disso, temos aqui a figura de um militarismo triunfante”.⁴¹ Semelhantemente, Love diz: “Por isso, uma vez que guerra, fome e morte são resultados de uma conquista, o ‘branco’ aqui deve ser a vitória, não de pureza, mas de uma conquista egoísta e luxuriosa”.⁴² Erdman apresenta um ponto de vista um pouco diferente: “O primeiro representa os períodos de paz concedidos, na providência de Deus, sob o Império Romano, e a ser repetido diversas vezes na história do mundo”.⁴³ Foi a conquista romana que trouxe paz.

2. O Segundo Selo: Guerra (6.3,4)

Dessa vez o cavalo é **vermelho** (4). O significado disso é claramente indicado pelo que segue. O cavaleiro do cavalo vermelho recebeu poder para **que tirasse a paz da terra e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada** — simbolizando uma grande destruição. Claramente, o **vermelho** representa um imenso derramamento de sangue.

3. O Terceiro Selo: Fome (6.5,6)

O terceiro cavalo era **preto** (5). O cavaleiro tinha em suas mãos **uma balança**. O simbolismo disso é imediatamente explicado: **Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro** (6). A **medida** era pouco mais de um litro, que era “a média diária de consumo de um trabalhador”.⁴⁴ Um **dinheiro** era um *denarius*, que, pelo que tudo indica, representava o salário de um dia (Mt 20.2). Isso significava que o preço da fome era tão alto que levaria tudo que um homem ganhasse só para alimentar a si próprio, se comesse trigo. Por outro lado, ele poderia comprar três quartos de cevada — a comida das pessoas pobres — e ter o suficiente para uma família pequena.

À proclamação de preço é acrescentada uma admoestação: **e não danifiqués o azeite e o vinho**. Esse seria o azeite de oliva e suco de uva fermentado. Swete observa: “Trigo e cevada, óleo e vinho, formavam a dieta básica da Palestina e da Ásia Menor”.⁴⁵

O significado provável dessa advertência é explicado por Charles. Ele escreve: “Devido à falta de cereais e à superabundância de vinho, Domiciano emitiu um édito [...] que nenhuma vinha nova deveria ser plantada na Itália, e que a metade das vinhas nas

províncias deveria ser destruída”.⁴⁶ Mas Suetônio registra o fato que o decreto imperial causou um alvoroço tão grande nas cidades asiáticas que ele precisou ser revogado. Em vez disso, foi imposto um castigo para aqueles que deixassem de cultivar as suas vinhas! Charles acha que João está aqui registrando um protesto contra essa atitude egoísta: “Conseqüentemente, ele prediz uma época difícil, em que os homens terão azeite e vinho em abundância, mas sofrerão da falta de pão”.⁴⁷ É possível que o decreto de Domiciano tenha sido o motivo das palavras aqui.

4. O Quarto Selo: Morte (6.7,8)

Agora aparece um cavalo **amarelo** (8). A palavra grega é *chloros*, que significa um “verde descorado”. Swete comenta: “encontramos essa palavra na *Ilíada* de Homero (vii. 464) para “pálido de medo”. Swete comenta: “O cavalo ‘descorado’ ou ‘pálido’ é um símbolo de Terror, e seu cavaleiro uma personificação da Morte [...] com quem segue — quer no mesmo ou num outro cavalo ou a pé, o autor não pára de dizer ou mesmo de pensar — em seu companheiro inseparável, o Hades”.⁴⁸ Acerca do significado de **inferno** veja os comentários em 1.18.

Mas havia um limite para o estrago do ceifeiro severo, a Morte, e o celeiro avarento, O Hades. Eles têm poder para destruir **a quarta parte da terra**. O tempo do julgamento final ainda não havia chegado.

Os dois algozes matam usando quatro métodos: **espada** [...] **fome** [...] **peste** [...] (a palavra grega evidentemente significa “peste” ou “pestilência” aqui e com freqüência na LXX) [...] **feras da terra**. Há uma referência óbvia a Ezequiel 14.21: “Porque assim diz o Senhor JEová: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, e a fome, e as nocivas alimárias, e a peste”. Os termos gregos são os mesmos nas duas passagens, em que apenas a ordem dos dois últimos é invertida. Feras selvagens multiplicam-se e tornam-se mais ferozes em tempos de fome e pestilência.

A visão dos quatro cavaleiros em abrir os primeiros quatro selos encontra um paralelo impressionante em Zacarias 6.1-3. Ali o profeta vê quatro carros puxados por cavalos que eram respectivamente vermelhos, pretos, brancos e grisalhos e fortes. Aqui um dos cavalos é branco, os outros vermelho, preto e verde pálido, respectivamente. Como Swete observa: “O Apocalipse toma emprestado somente o símbolo dos cavalos e suas cores e em vez de colocar os cavalos em cangas diante dos carros ele coloca um cavaleiro em cada um deles em quem o interesse da visão é centrado”.⁴⁹

Qual é a aplicação desses primeiros quatro selos? Representando a interpretação *preterista* (veja Int., “Interpretação”), Swete encontra aqui o militarismo e a obsessão pela conquista que era característica do Império Romano daquela época, repetida com freqüência na história desde então.

Típico daqueles que defendem a interpretação *historicista*, Barnes entra em mais detalhes. O primeiro selo representa um período de prosperidade e conquista com uma duração de cerca de 90 anos depois que o Apocalipse foi escrito (i.e., até 180 d.C.). Baseando-se em grande parte no livro *Decline and Fall of the Roman Empire* (Declínio e Queda do Império Romano) de E. Gibbon, Barnes descreve esse período com grandes detalhes.⁵⁰ O segundo selo representa os 92 anos após o assassinato de Commodus em 193 d.C., quando não menos de 32 imperadores e 27 pretendentes mantiveram o império em um estado de guerra civil constante. O terceiro selo simboliza um período de impostos opres-

sivos e restrições severas à liberdade do povo. Barnes aplica o quarto selo ao período que vai de 248 até 268 d.C., quando a espada, a fome e as pestes, de acordo com Gibbon, causaram a morte da metade da população do império.⁵¹

A interpretação *futurista* entende que esses selos se referem a julgamentos terríveis sobre a humanidade no fim dessa era. Por exemplo, Kuyper diz que “o que está sendo apresentado aqui precede o final imediato de todas as coisas, a vinda do Anticristo e o retorno do Senhor”.⁵²

5. O Quinto Selo: *Martírio* (6.9-11)

A abertura do **quinto selo** revelou **debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram** (9). Não há aqui criaturas viventes nem uma voz clamando: “Vem”. O significado dessa mudança é observado por Swete: “Com o quinto selo, a Igreja vem à luz, em relação à sua perseguição e sofrimento [...] A quebra do quinto selo interpreta a época da perseguição e mostra sua relação com o plano divino na história”.⁵³ Não precisa de muita imaginação para constatar que isso poderia se aplicar igualmente à perseguição romana aos cristãos (preterista), às várias perseguições de verdadeiros crentes ao longo da era da Igreja, especialmente pela igreja católica romana (historicista), e também aos mártires da Grande Tribulação no final desta era (futurista). Concordar com uma dessas teorias não excluiria sua verdade em relação às outras. A posição sensata aparentemente é aceitar todas as interpretações dessa passagem como válidas e significativas.

Debaixo do altar é talvez uma referência ao fato de que o sangue da oferta pelo pecado deveria ser derramado “à base do altar do holocausto” (Lv 4.7). “O altar em estudo aqui é o correlativo do Altar do Holocausto, e as vítimas que foram oferecidas sobre ele são os membros mortos como mártires da Igreja, que seguiram seu Cabeça no exemplo da sua morte sacrificial”.⁵⁴

A linguagem da última parte desse versículo é semelhante à linguagem em 1.9 (veja comentários lá), que encontra eco novamente em 12.11, 17; 19.10; 20.4. A repetição de **por** (*dia*, por causa de) sugere duas causas do martírio. Essas testemunhas fiéis eram mortas por causa da sua confissão no único e verdadeiro Deus, em contraste com o politeísmo e adoração ao imperador daqueles dias, e do seu testemunho de Jesus como o único Senhor e Salvador. O *Martírio de Policarpo* relata que pouco antes desse venerável bispo ser morto em 156 d.C., ele foi impelido pelo procônsul romano a salvar a sua vida ao fazer duas coisas: 1) “Jure pelo nome de César [...] e diga: ‘Fora com aqueles que negam os deuses’; 2) Desonre a Cristo”. A resposta de Policarpo tem sido citada com frequência: “Oitenta e seis anos o servi e Ele nunca me tratou injustamente. Como posso agora blasfemar contra meu Rei que me salvou?”⁵⁵

Há muitas advertências na Palavra de Deus de que o martírio pela fé vai novamente se tornar comum no fim dos tempos. Precisamos orar pelo mesmo espírito de coragem que foi mostrado pelos antigos mártires da Igreja.

As almas debaixo do altar **clamavam** (aoristo, somente uma vez) **com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra** (10). **Dominador** não é o termo comum *kyrios*, mas *despotes* (cf. déspota). Esse é um título para Deus na Septuaginta e duas vezes no Novo Testamento (Lc 2.10; At 4.24). Ele também é usado para Cristo

duas vezes (2 Pe 2.1; Jd 4). Aqui não está claro se o termo é empregado para Deus ou para Cristo. As palavras **verdadeiro e santo** são usadas para Cristo em 3.7.

O clamor por vingança tem causado uma certa consternação nos cristãos atuais. Mas Swete nota que “a santidade e verdade do Supremo Mestre requer o castigo de um mundo responsável pelas suas mortes. As palavras somente afirmam o princípio da retribuição divina, que proíbe o exercício da vingança pessoal”.⁵⁶

Para cada mártir foi **dada uma veste branca** (*stole*, sing.) simbolizando pureza e vitória. Essa palavra grega é encontrada outra vez em 7.9, 13-14. O termo representa uma roupa longa que era um tipo de um símbolo de *status*. Essas vítimas do martírio eram, na verdade, vencedores. **Foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos como eles foram.** Sua espera será um repouso e será por um período curto. Quando os propósitos de Deus estiverem completos, virá o fim.

6. O Sexto Selo: O Fim dos Tempos (6.12-17)

O primeiro sinal do fim que pode ser observado é **um grande tremor de terra** (12). Esse aspecto provavelmente é um eco de Ageu 2.6-7 (LXX): “Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda uma vez, daqui a pouco, e farei tremer os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca; e farei tremer todas as nações”. A última frase sugere que a referência não é somente a um terremoto físico, mas também a revoluções raciais, políticas e sociais. É interessante observar que terremoto é *seismos* e “farei tremer” é *seiso*.

Outros terrores são indicados: **e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue.** Essa citação é semelhante à de Joel 2.31: “O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR”.

Outros fenômenos são observados: **E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte** (13). A linguagem é a de Isaías 34.4: “E todo o exército dos céus se gastará [...] e todo o seu exército cairá como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira”.

A sentença que omitimos dessa citação de Isaías: “e os céus se enrolarão como um livro” é similar à próxima frase de Apocalipse: **E o céu retirou-se como um livro que se enrola** (14). O autor acrescenta a seguinte predição: **e todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar.** Sempre haverá uma discussão se essa linguagem deve ser entendida literal ou figuradamente. Mas por que não as duas formas? Como no caso de 2 Pedro 3.10-12, a idade atômica abriu os nossos olhos para o fato de que uma linguagem tão severa, há muito tempo taxada como uma expressão poética de uma imaginação fértil, pode se cumprir com uma exatidão horrível.

Nessa visão terrível dos últimos dias, João viu homens de todas as camadas da sociedade (são mencionadas sete classes), de reis a escravos, se esconderem **nas cavernas e nas rochas das montanhas** (15). Eles diziam **aos montes e aos rochedos** para que caíssem sobre eles (cf. Os 10.8) e os escondessem **do rosto daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro** (16). Que paradoxo impressionante: **a ira do Cordeiro!** Alguém disse que a ira de Deus é o amor de Deus represado pela desobediência do homem, até que seja emanado no julgamento justo.

O motivo de procurar se esconder é claro: **porque é vindo o grande Dia da sua ira; e quem poderá subsistir?** (17). Já ocorreram muitos dias do julgamento de Deus sobre o pecado e homens pecaminosos. Mas **o grande Dia da sua ira** — uma combinação de “o dia do Senhor” (Jl 2.11, 31. Zc 1.14) e o “dia da ira do Senhor” (Sf 1.15, 18; 2.3) — ainda está por vir. Excederá em muito qualquer coisa de que se tem notícia.

Interlúdio: Os Servos de Deus São Selados (7.1-17)

O capítulo 7 forma um tipo de interlúdio entre o sexto e o sétimo selos. A abertura do sétimo selo (8.1) revela as sete trombetas. Assim, essas duas séries de sete estão interligadas.

Este capítulo divide-se naturalmente em duas partes, como é indicado pela frase **E, depois destas coisas, vi** nos versículos 1 e 9.⁵⁷ O que João viu foi a Igreja Militante na terra (vv. 1-8) e a Igreja Triunfante no céu (vv. 9-17).

a) *Os cento e quarenta e quatro mil são selados (7.1-8)*. João viu **quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma** (1). Os julgamentos de Deus precisavam ser retidos por um período. Cada um dos **quatro anjos** estava parado em um dos **quatro cantos da terra** — significando as quatro direções da bússola — **retendo** (segurando firme, mantendo sob controle) **os quatro ventos da terra**, simbolizando os julgamentos que estavam prestes a ocorrer. Nenhum furacão deveria varrer a **terra** ou o **mar**, nem derrubar **árvore alguma**.

João então viu **outro anjo subir da banda do sol nascente** (2) — literalmente “que subia do nascente do sol” (ARA). Ele tinha **o selo do Deus vivo**. O selo “é aqui o anel de sinete [...] que o monarca Oriental usa para dar validade a documentos oficiais ou para marcar sua propriedade”.⁵⁸ Paulo usa essa figura diversas vezes (2 Co 1.22; Ef 1.13; 4.30). Talvez o paralelo mais próximo no Novo Testamento seja 2 Timóteo 2.19: “Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus”. O simbolismo aqui em Apocalipse está provavelmente relacionado com o texto de Ezequiel 9.3-4, em que um homem vestido de linho e levando um tinteiro de escrivão recebe a ordem de marcar um sinal na testa de todos os justos em Jerusalém. Aqueles que não tinham essa marca deveriam ser mortos.

Os quatro anjos foram advertidos: **Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado na testa os servos do nosso Deus** (3). O uso de **nosso Deus** sublinha o fato de que tanto santos quanto anjos servem o mesmo Senhor.

O número selado era cento e quarenta e quatro mil **de todas as tribos dos filhos de Israel** (4). Mas o que representam exatamente os cento e quarenta e quatro mil? Essa é uma pergunta que tem recebido inúmeras respostas. Alguns entendem que o número indica o remanescente eleito de Israel (cf. Rm 11.5). Outros acham que se trata dos cristãos judeus. A figura cento e quarenta e quatro mil não deve ser tomada literalmente, mas simbolicamente. Ela representa aqueles que “foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro” (14.4). O número (12 x 12 x 1.000) significa uma multidão grande e completa. Provavelmente, o melhor ponto de vista seja aquele

que diz que os cento e quarenta e quatro mil representam “todos os fiéis”.⁵⁹ Esse parece ser o caso pela descrição dos cento e quarenta e quatro mil em 14.1-5.

Na lista das doze tribos (vv. 5-8) aparece um problema: Por que Dã é omitida? Em diversas listas do Antigo Testamento (Nm 1.5-15, 20-43; 13.4-15) o nome de Levi é deixado fora — “Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre eles” (Nm 1.47). Isso ocorria porque eles eram separados para um serviço sagrado especial. Para que o número continuasse sendo doze, a tribo de José era dividida em duas tribos, Efraim e Manassés. Eles são mencionados separadamente aqui, em que **José** (8) está no lugar de Efraim. **Levi** (7) é incluído.

Isso continua deixando em aberto a questão da omissão de Dã. Essa tribo está faltando nas listas genealógicas de 1 Crônicas 2.3—8.40. O mesmo ocorre com Zebulom, por alguma razão desconhecida.

Foi sugerido que Dã é deixado fora porque essa era a primeira tribo a enveredar pelo caminho da idolatria (Jz 18). Os antigos escritos rabínicos ressaltam a apostasia de Dã. *O Testamento dos Doze Patriarcas* (uma obra pseudepigráfica) sugere uma aliança entre Dã e Belial.

Duesterdieck diz: “O simples motivo de a tribo de Dã não ser citada está no fato de que ela já tinha sido extinta muito antes do tempo de João”.⁶⁰ Mas, evidentemente, o mesmo ocorreu com as outras dez tribos do norte.

A explicação mais antiga, endossada amplamente pelos antigos Pais da igreja, foi primeiro oferecida por Irineu (segundo século). Ele entendia que Dã foi omitida porque o Anticristo deveria emergir dessa tribo (cf. Jr 8.16). Charles insiste que “essa tradição da origem do Anticristo é pré-cristã e judaica”.⁶¹

A ordem das tribos conforme relacionadas aqui, tem evocado considerável discussão. Depois de mencionar Judá e Manassés, Charles afirma: “As tribos restantes são relacionadas em ordem completamente ininteligível”.⁶² Swete apresenta uma explicação mais lógica: “A ordem apocalíptica começa com a tribo da qual Cristo veio [...] e então continua para a tribo do filho primogênito de Jacó, que encabeça a maioria das listas do AT. Em seguida vêm as tribos localizadas no Norte, interrompidas pela menção de Simeão e Levi, que em outras listas geralmente seguem Rúben ou Judá; enquanto as tribos de José e Benjamim são mencionadas por último”.⁶³ Ele acrescenta: “Essa organização parece ter sido sugerida em parte pela ordem de nascimento dos patriarcas e em parte pela situação geográfica das tribos”.⁶⁴ J. B. Smith traz uma apresentação lógica ao colocar os nomes em pares, em vez de em triplas como são encontradas na versificação das nossas Bíblias.

b) *A multidão dos redimidos* (7.9-17). João viu **uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas** (9) parada diante do trono no céu. Às vezes, somos tentados a sentir que somente algumas pessoas estão servindo o Senhor. Mas o total de redimidos de todos os tempos e todas as nações é uma multidão incontável.

Eles trajam **vestes brancas** — símbolo de pureza e vitória — e levam **palmas nas suas mãos**, como fez a multidão alegre na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Jo 12.13). Swete habilmente observa: “A cena de Apocalipse 7.9ss. antecipa a condição final da humanidade redimida. Semelhantemente à Transfiguração antes da Paixão, ela prepara o vidente a enfrentar o mal que está por vir”.⁶⁶

A multidão dos redimidos clama: **Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro** (10). Aqui, como ocorre com frequência no Novo Testamento, Cristo é adorado junto com o Pai. **Todos os anjos**, os vinte e quatro **anciãos**, e as **quatro** criaturas viventes se unem na adoração (v. 11). O relato do louvor (v. 12) é sétuplo, como em 5.12 (veja os comentários ali). Cada um dos sete itens leva o artigo definido no texto grego, enfatizando-os individualmente.

Um dos anciãos (13) ofereceu-se para explicar a visão a João (cf. 5.5). Ele primeiro fez uma pergunta dupla acerca daqueles que estavam trajando vestes brancas: **quem são e de onde vieram?** João respondeu: **Senhor, tu sabes** (14) — literalmente: “tu tens conhecimento” (tempo perfeito). Então vem a explicação: **Estes são os que vieram de grande tribulação** — literalmente: “Estes são os que estão vindo de grande tribulação”. Essa frase tem levado ao nome “A Grande Tribulação”, por um breve período (três anos e meio ou sete anos), no fim dos tempos. Muitas vezes fala-se que a referência aqui é aos chamados “santos da tribulação” que são salvos durante a Grande Tribulação. Em certo sentido, todos os cristãos precisam passar “por muitas tribulações” (At 14.22). Mas, no fim dos tempos haverá um período de muita aflição que bem poderia ser entendido como a Grande Tribulação (cf. Dn 12.1). Essa continua sendo uma pergunta aberta, se, de fato, a referência aqui deveria ser restrita aos santos desse breve período.

Os redimidos são descritos como aqueles que **lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro**. A idéia das vestes serem literalmente lavadas para se tornarem brancas no sangue é paradoxal. Mas essa não é uma linguagem literal. Toda a história da salvação é um paradoxo, em que muitos intelectuais sofisticados têm tropeçado. O fato continua o mesmo: a única forma de salvação é aceitar humildemente a expiação provida pelo Filho de Deus, que derramou o seu sangue para todos os pecadores.

Somente os lavados pelo sangue podem ficar **diante do trono de Deus** (15) e desfrutar da sua presença para sempre. Eles **o servem de dia e de noite no seu templo**. O céu é um lugar de descanso, mas não de preguiça ou inatividade. **Templo** não é *hieron*, usado para o tempo em Jerusalém, mas *naos*, “santuário”. No antigo Tabernáculo e no Templo posterior somente os sacerdotes e levitas podiam entrar no santuário. Mas agora todos os crentes são sacerdotes e podem servir no santuário. Swete observa: “O ‘templo’ é aqui a Presença divina, compreendida e desfrutada”.⁶⁷ Ele faz essa aplicação prática para o presente: “Mas a visão de adoração incessante é compreendida somente quando a vida em si é entendida como um serviço. A consagração de toda vida para o serviço de Deus é um alvo para o qual nossa adoração presente aponta”.⁶⁸ Na última frase do versículo 15 ele comenta: “O serviço perpétuo encontrará seu estímulo e sua recompensa na visão perpétua daquele que é servido”.⁶⁹

O Eterno, que está assentado sobre o trono, **os cobrirá com a sua sombra**. O verbo é *skensei* — literalmente, “estenderá a tenda ou tabernáculo”. Somente João usa essa palavra. Apocalipse 21.3 é semelhante à declaração empregada aqui. Em João 1.14 o termo é usado para a Encarnação: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”. A vinda de Cristo para a terra preparou o caminho para todos que aceitassem a sua salvação e desfrutassem da presença de Deus para sempre no céu. Assim, essa parte da frase pode ser traduzida da seguinte forma: “E aquele que está assentado no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo” (NVI).

A bem-aventurança dos redimidos é descrita mais adiante da seguinte maneira: **Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles** (16). A linguagem desse versículo e uma boa parte do próximo versículo são tomadas por empréstimo de Isaías 49.10: “Nunca terão fome nem sede, nem a calma nem o sol os afligirão, porque o que se compadece deles os guiará e os levará mansamente aos mananciais das águas”. E, assim, nós lemos: **porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida** (17). Há uma reflexão aqui não só de Isaías 40.11 e Ezequiel 34.23, mas também do amado Salmo 23. Somente Cristo é a Água da Vida (cf. Jo 4.14).

O capítulo termina com a bela promessa: **e Deus limpará de seus olhos toda lágrima**. Isso é repetido em 21.4. Swete observa: “Na verdade, todo o episódio de 7.9-17 tem eco nos últimos dois capítulos do livro, onde o clímax aqui introduzido é descrito de forma mais completa”.⁷⁰

Os capítulos 6 e 7 apresentam contrastes marcantes. Richardson observa: “O sexto capítulo conclui com uma pergunta: ‘quem poderá subsistir?’ O capítulo sete dá a resposta”.⁷¹ São os salvos e selados pelo sangue de Cristo. Da combinação encontrada no capítulo 7 ele diz: “Vitória e alegria por meio de luta e tribulação é a mensagem desse livro”.⁷²

7. O Sétimo Selo: Silêncio (8.1)

Quando o **sétimo selo** foi aberto, **fez-se silêncio no céu quase por meia hora**; isto é, por um breve período. Aparentemente, esse era o silêncio da apreensão, a calma súbita antes da tempestade. McDowell sugere: “As multidões do céu são paralisadas e ficam mudas enquanto olham extasiadas para o Cordeiro enquanto ele move a sua mão para quebrar o último selo do rolo que ele havia tomado da destra de Deus”.⁷³ Richardson chama esse momento de “um silêncio de ‘suspense e tremor’, uma pausa dramática; um silêncio de reverência, expectativa e oração”.⁷⁴ Charles é um pouco mais específico: “Os louvores das ordens mais elevadas dos anjos no céu são silenciados para que as orações de *todos* os santos sofrendores na terra possam ser ouvidas diante do trono. Suas necessidades são de maior importância para Deus do que toda a salmodia do céu”.⁷⁵

C. AS SETE TROMBETAS, 8.2—11.19

A abertura do sétimo selo revela **sete anjos com sete trombetas** (2). Assim o sétimo selo torna-se as sete trombetas; a segunda série emerge da primeira. A proeminência do número sete no livro de Apocalipse é ressaltada aqui, como em outros textos.

Os anjos são descritos como **os sete anjos que estavam diante de Deus**. Há um paralelo marcante dessa descrição com um livro apócrifo do segundo século a.C. Tobias 12.15 traz: “Sou Rafael, um dos sete anjos santos que apresentam as orações dos santos e entram na presença da glória do Santo” (RSV). *O Livro dos Jubileus* (também do segundo século a.C.), que resalta a importância do número sete na história, repetidas vezes refere-se aos “Anjos da Presença”.

Trombetas são mencionadas cerca de cem vezes no Antigo Testamento em conexão com a entrega da lei no Sinai (Êx 19.16), o apelo à congregação de Israel (Lv 25.9), a

conquista de Canaã (treze vezes em Josué 6) e o ressoar da advertência pelos profetas (e.g., Is 58.1; Jr 4.5; Ez 33.3; Os 8.1; Jl 2.1, 15; Am 3.6; Sf 1.16. Zc 9.14). Esse uso profético provê o cenário mais exato do emprego de trombetas aqui para anunciar as pragas de julgamento. Isso também se encaixa com o seu uso como um aviso para a guerra.

Ele veio outro anjo e pôs-se junto ao altar (3). O que se segue parece mostrar que esse não era o altar para o holocausto (como em 6.9), mas o altar de incenso.⁷⁶ Deveria ser observado também, de acordo com Charles, que há somente um altar no céu, o altar de incenso.⁷⁷

Esse anjo tinha **um incensário de ouro**.⁷⁸ Ele recebeu **muito incenso, para oferecer com as orações de todos os santos** (veja citação de Tobias nos comentários do v. 2) **sobre o altar de ouro que está diante do trono** — assim como o antigo altar de incenso de ouro estava diante do Santo dos Santos no Tabernáculo. A figura é semelhante à do sumo sacerdote ministrando no Dia da Expição de acordo com a descrição em Levítico 16.12-13: “Tomará também o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do SENHOR, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído e o meterá dentro do véu. E porá o incenso sobre o fogo, perante o SENHOR, e a nuvem do incenso cobrirá o propiciatório, que está sobre o Testemunho”.

Assim é declarado aqui que **a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus** (4); isto é, do incensário que segurava na sua mão. A nuvem de incenso representava as orações diante de Deus. Essa idéia é encontrada em Salmos 141.2: “Suba a minha oração perante a tua face como incenso”.

Inicialmente, o incensário foi usado para intercessão (vv. 3-4). Agora deve ser usado para julgamento. O anjo **o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra** (5). Swete observa: “Agora nenhum incenso é acrescentado, e nenhuma nuvem do incenso sobe; o conteúdo do incensário é derramado sobre a terra; as orações dos santos retornam para a terra em ira”.⁷⁹ Isso pode sugerir que a oração não será mais ouvida (cf. Jr 7.16). O período de provação terminou. A sentença contra os pecadores não arrependidos deve agora ser executada. O julgamento substituirá a misericórdia.

Houve uma reação imediata ao lançamento do fogo sobre a terra: **e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos**. O silêncio do versículo 1 foi quebrado. Essa cena é agora preparada para o ressoar do julgamento das sete trombetas. **E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las** (6).

1. A Primeira Trombeta: Saraiva e Fogo (8.7)

Quando **o primeiro anjo tocou a trombeta [...] houve saraiva e fogo misturado com sangue** que **foram lançados na terra**. Os primeiros quatro julgamentos anunciados com as trombetas consistem em pragas na natureza e lembram as dez pragas no Egito. Essa praga é um eco da sétima praga, descrita em Êxodo 9.24: “E havia saraiva e fogo misturado entre a saraiva”.

O resultado desse julgamento foi que **queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada**. Assim a destruição foi apenas parcial; esse não foi o julgamento final. Com **árvores** tinha-se em mente “especialmente as árvores frutíferas, as oliveiras, figueiras e as vinhas, das quais os habitantes da Palestina e Ásia Menor dependiam grandemente”.⁸⁰

2. A Segunda Trombeta: Um Monte em Chamas (8.8,9)

Quando o **segundo anjo** tocou sua trombeta, **foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar** (8). Isso reflete a primeira praga no Egito, quando a água foi transformada em sangue, causando a morte dos peixes (Êx 7.20-21). Assim, uma **terça parte** da vida marinha **morreu** (9), e **perdeu-se a terça parte das naus**.

3. A Terceira Trombeta: Uma Estrela Ardente (8.10,11)

Com o tocar da terceira trombeta, **caiu do céu uma grande estrela ardendo como uma tocha** (10). O resultado foi que **a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram** (11). No Antigo Testamento **absinto** é um símbolo de sofrimento e castigo divino (Jr 9.15). O absinto era às vezes misturado com água, para torná-lo amargo e difícil para ser tomado. Mas aqui a água **tornou-se em absinto** e dessa forma causou morte. D. W. Richardson observa de maneira sábia: “As águas do mundo se tornam a verdadeira essência da amargura dos seus devotos”. Ele então relata de um caricaturista que cometeu suicídio, deixando uma grande fortuna. Mas ele também deixou uma carta na qual dizia que tinha ido de esposa em esposa e de país em país tentando escapar de si mesmo. Acabou com a sua vida porque estava cansado de tentar descobrir maneiras de passar as vinte e quatro horas do dia.

4. A Quarta Trombeta: As Trevas (8.12,13)

Quando o **quarto anjo** tocou [...] **foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas, para que a terça parte deles se escurecesse** (12). Esse é um lembrete da nona praga no Egito: as trevas (Êx 10.21-23).

Então João viu e ouviu **um anjo** (13) — mas o melhor texto grego diz: “uma águia”. Swete comenta: “A águia é escolhida não só pela força das suas asas (7.14), mas como um símbolo do julgamento vindouro (Mt 24.28)”.⁸² Essa águia solitária estava voando **pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! Ai! Ai dos que habitam sobre a terra, por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar!** A linguagem desse versículo sugere que em um sentido muito real o pior ainda está por vir. Os três julgamentos anunciados pelas trombetas remanescentes serão muito mais severos do que os quatro precedentes. Por isso, lemos: **Ai! Ai! Ai!**

No caso dos sete selos, os primeiros quatro formavam um grupo distinto. Eram visões sucessivas de quatro cavalos (6.1-8). Isso é similar às trombetas. As primeiras quatro revelam catástrofes na natureza, enquanto as outras três descrevem um tipo diferente de julgamentos. Nos dois casos, o quinto e o sexto são independentes, e há um interlúdio antes do sétimo.

5. A Quinta Trombeta: Gafanhotos (9.1-12)

A descrição dos quatro primeiros julgamentos anunciados pelas trombetas é breve. Mas o quinto e o sexto recebem uma descrição mais pormenorizada. Isso provavelmente ocorre porque seres humanos estão envolvidos, não a natureza.

João viu **uma estrela que do céu caiu na terra** (1) — literalmente, “uma estrela que havia caído do céu sobre a terra” (NVI). Essa estrela evidentemente era uma pessoa,

porque diz: **e foi-lhe dada a chave do poço do abismo** (*abyssos*). Esse pode ter sido Satanás, como foi sugerido possivelmente pelas palavras de Jesus em Lucas 10.18: “Eu via Satanás, como raio, cair [gr., caindo] do céu”. **Foi-lhe dada** (por Deus) **a chave do poço do abismo**; isto é, o poder de abrir ou fechar sua entrada.

Usando essa autoridade, ele **abriu o poço do abismo** (2). De lá **subiu fumaça do poço como a fumaça de uma grande fornalha**, escurecendo o céu.

Ocorre então uma coisa marcante. **Da fumaça vieram gafanhotos** (3). **E foi-lhes dado poder** (*exousia*, liberdade ou poder de agir) **como o poder** (*exousia*) **que têm os escorpiões da terra**. Uma praga de gafanhotos sempre tem sido uma das catástrofes mais temidas no mundo mediterrâneo. Os primeiros dois capítulos de Joel apresentam um retrato gráfico da sua obra de destruição.

Esses não são gafanhotos literais, porque receberam a ordem para que **não fizessem dano à erva, verdura ou árvore** (4). Essas são precisamente as coisas que sempre são destruídas por nuvens de gafanhotos. Esses gafanhotos, no entanto, deveriam causar dano **somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus** (cf. 7.3). Da mesma maneira que os israelitas foram poupados das sete últimas pragas que vieram sobre os egípcios (Êx 8.22), assim os santos selados serão livrados dessas últimas aflições severas. Porventura, há aqui uma alusão de que a Igreja compartilhará dos sofrimentos no início da Grande Tribulação?

Esses “gafanhotos” não matariam, mas os homens seriam atormentados **por cinco meses** (5). Esse tempo provavelmente é sugerido pelo fato de os gafanhotos geralmente nascerem na primavera e morrerem no fim do verão. Assim, o tempo de vida do gafanhoto natural é de cerca de cinco meses, de novembro a março (de acordo com as nossas estações do ano).

A natureza do sofrimento infligido é definida mais adiante dessa maneira: **e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem**. Barclay apresenta a seguinte descrição vívida dessa criatura:

O escorpião era um dos flagelos da Palestina. Ele se assemelha a um pequeno gafanhoto. Tem garras como um gafanhoto, com as quais agarra sua vítima. Tem um rabo comprido, que se curva para cima sobre suas costas e sobre sua cabeça; no fim do rabo há um ferrão curvado; é com esse ferrão que o escorpião ataca, e esse ferrão expele veneno quando penetra na pele da vítima. O escorpião chega a medir 15 centímetros de comprimento.⁸³

Como resultado da ferroadada do escorpião os homens **desejarão morrer, e a morte fugirá deles** (6). Cornelius Gallus, um autor latino, disse: “Pior do que qualquer ferida é desejar morrer, mas não conseguir”. Barclay acrescenta: “Esse será o estado dos homens em que até a morte seria um alívio”.⁸⁴ Mas não escapamos ao morrer.

João diz que o aspecto dos gafanhotos **era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra** (7). O mesmo pensamento é expresso em Joel 2.4,5, e viajantes com frequência comentavam acerca dessa semelhança em aparência. Mas, diferentemente dos gafanhotos literais, esses tinham **sobre a sua cabeça [...] coroas semelhantes ao ouro**, o sinal do conquistador. Além disso, **o seu rosto era como rosto de homem**, sugerindo inteligência.

Ademais, eles **tinham cabelos como cabelos de mulher** (8). Um provérbio árabe diz que a antena dos gafanhotos é parecida com o cabelo de uma donzela. Além disso, **os seus dentes eram como de leão**. Essa é uma citação de Joel 1.6. Gafanhotos não só comem o capim verde e as folhas, mas chegam a devorar toda a casca das árvores. Seus dentes têm um poder cortante devastador. A menção de **courças de ferro** (9) é, sem dúvida, uma referência aos flancos escamosos e tórax duros do gafanhoto.

Um enxame de gafanhotos faz um barulho estrondoso, como muitos autores têm testificado. Assim, João relata aqui: **e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate**. Isso se assemelha à descrição em Joel 2.5: “Como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes, irão eles saltando”.

O versículo 10 novamente faz referência aos escorpiões: “tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses” (ARA). Essa, em grande parte, é uma repetição do versículo 5.

As hostes demoníacas são descritas como tendo **um rei, que é o anjo do abismo** (11). **Em hebreu seu nome é Abadom**, em **grego, Apoliom**. As duas palavras significam “Destruidor”. Em relação à sua identidade, Swete escreve: “É desnecessário investigar se com a palavra Abadom, o Destruidor, o vidente refere-se à Morte ou a Satanás”.⁸⁵

A seriedade dos últimos três julgamentos, anunciados pelas trombetas, volta a ser ressaltada: **Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais** (12). O sino parece anunciar o toque da morte na terra.

6. A Sexta Trombeta: Anjos Destruidores (9.13-21)

Quando **tocou o sexto anjo a trombeta**, João ouviu **uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus** (13). Isso parece uma referência às orações dos santos (cf. 6.10; 8.3-5).

O anjo da sexta trombeta recebe a seguinte ordem: **Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates** (14). Esses não parecem os mesmos quatro anjos mencionados em 7.1, uma vez que os anjos daquele texto estavam detendo os ventos de julgamento, enquanto estes **estão presos**.

O Eufrates marcava o limite oriental ideal da Terra Prometida (Gn 15.18). Além do rio ficavam os grandes impérios da Assíria e Babilônia. A Assíria venceu o Reino do Norte, Israel, e a Babilônia venceu o Reino do Sul, Judá. Nos tempos antigos, esses eram os inimigos mais temidos dos israelitas. “Assim, a idéia apresentada pelos anjos da vingança presos à margem do rio Eufrates é que o dia da vingança estava sendo refreado até que o tempo de Deus tivesse se cumprido. Quando finalmente fossem soltos, a inundação rebitaria os seus limites e a ruína seguiria”.¹ O Eufrates é mencionado novamente em conexão com a sexta taça (16.12). No tempo de Domiciano, os partos, ao leste do Eufrates, eram os inimigos mais temidos de Roma.

Em resposta à ordem, **foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano** (15). Literalmente temos: “para aquela hora, dia, mês e ano” (cf. NVI). Isso se refere a um período de tempo. O propósito em soltar os anjos era para que matassem **a terça parte dos homens**. Aqui é morte, não simplesmente tormento como nos julgamentos anteriores anunciados pelas trombetas. No entanto, esse julgamento não é final e completo: somente uma terça parte dos homens deve ser morta.

E o número dos exércitos dos cavaleiros invasores (16) é apresentado como sendo **de duzentos milhões**. O **fogo, e fumaça, e enxofre** (17) é um lembrete da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24, 28). Essas três pragas mataram uma **terça parte dos homens** (18). **Porque o poder dos cavalos está na sua boca** (19) já foi explicado nos versículos 17-18 como fogo, fumaça e enxofre saindo das bocas dos cavalos. A **cauda** dos cavalos se parece com **serpentes** com **cabeça**, com a qual **danificam** (ferem). É possível que esteja se referindo ao costume dos partos de amarrar os rabos dos cavalos para que se parecessem com cobras.

Certamente imaginariamos que tudo isso seria uma advertência suficiente para aqueles que permaneceram vivos. Mas esse não foi o caso. **E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos** (20). McDowell chama essa seção de: “A Tragédia da Humanidade Não Arrependida”.⁸⁷ O sofrimento nem sempre aproxima os homens de Deus; às vezes os afasta ainda mais dEle. Esse fato triste foi ilustrado amplamente na Segunda Guerra Mundial. A guerra resultou em mais apostasia em vez de avivamento.

Essas pessoas não arrependidas continuaram a adorar **os demônios e os ídolos**. Os ídolos eram feitos de diversos materiais, mas todos eram imagens insensíveis e impotentes. Os homens também não quiseram arrepender-se **dos seus homicídios [...] feitiçarias [...] prostituição [...] ladroíces** (21). Idolatria e imoralidade, esses pecados muito parecidos do mundo pagão, não diminuíram, apesar do julgamento divino. Os homens têm vontade própria, e Deus não pode obrigá-los a se arrepender.

Os intérpretes *preteristas* (veja Int., “Interpretação”) atribuem essas trombetas aos tempos turbulentos do Império Romano. Os *futuristas* as identificam com os julgamentos da Grande Tribulação no fim dos tempos. Barnes, representante da interpretação *historicista*, entra em muito mais detalhes. Ele entende que a primeira trombeta se refere a Alarico, rei dos godos (410 d.C.); a segunda trombeta a Átila, rei dos hunos (447); a terceira a Genserico, rei dos vândalos (455) e a quarta, a Odoacer, rei dos visigodos, que se tornou rei da Itália, derrotando o Império Romano no Ocidente em 476. Ele então encontra em 8.13 uma mudança do Ocidente para o Oriente. Os gafanhotos (quinta trombeta) representam os conquistadores muçulmanos, que assolaram o norte da África e Ásia ocidental. Barnes entende que a sexta trombeta se refere à ascensão do poder turco, culminando na captura de Constantinopla em 1453 e o fim do Império Romano no Leste. Esse é um exemplo típico da interpretação historicista.

Entre o sexto e o sétimo selos houve um interlúdio prolongado, cobrindo todo o capítulo 7. Agora encontramos entre a sexta e a sétima trombetas um intervalo ainda mais prolongado (10.1—11.14). Em ambos os casos, o sétimo (selo ou trombeta) abre em uma nova série de revelações.

Interlúdio: Duas Visões Preparatórias (10.1—11.14)

Como o interlúdio entre o sexto e sétimo selos (cap. 7) consistia de duas visões, o mesmo ocorre com esse interlúdio entre a sexta e sétima trombetas. Claramente, duas coisas precisavam ser feitas em preparação para o soar da última trombeta.

a) *O anjo com o livrinho* (10.1-11). João viu **outro anjo forte, que descia** (lit.: descendo) **do céu** (1). Ele estava **vestido de uma nuvem** — o veículo, descrito na

Bíblia, usado por seres celestiais para descer à terra e subir novamente (cf. Sl 104.3; Dn 7.13; At 1.9; 1 Ts 4.17). O anjo tinha **por cima da sua cabeça um arco celeste, e o rosto era como o sol**. Isso parece a descrição do Cristo glorificado em 1.16; mas geralmente acredita-se que **outro anjo forte** não se refere ao Filho de Deus. **Os pés** (a palavra grega é melhor traduzida aqui por “pernas”) eram **como colunas de fogo**. Ele resplandecia em beleza e força.

O anjo **tinha na mão um livrinho aberto** (2) — um pequeno rolo de papiro. Isso está em contraste com o livro firmemente selado em 5.1. Swete escreve o seguinte a respeito desse livrinho: “O pequeno rolo aberto continha uma pequena parcela do grande propósito que estava na Mão de Deus, um fragmento pronto para ser revelado”.⁸⁸

O anjo **forte** — evidentemente forte em tamanho e força — **pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra**. Esses dois elementos provavelmente representavam o mundo. Assim, ele dramatiza a autoridade do céu sobre toda a terra.

Nessa posição, o anjo **clamou com grande voz**, como o bramar de um **leão** (3). Essa atitude condiz com o seu tamanho colossal. Após o seu clamor, **sete trovões fizeram soar as suas vozes**. Essa é uma repetição da sétupla “voz do Senhor” em Salmos 29.

João estava pronto para escrever, quando uma voz do céu disse a ele: **Sela o que os sete trovões falaram e não o escrevas**. Paulo teve uma experiência semelhante (2 Co 12.4). Tem havido muita especulação em torno daquilo que os sete trovões disseram. Mas Swete apresenta uma resposta convincente em relação a essa situação: “Na verdade, está se perdendo tempo ao especular a respeito do que foi falado e porque não deveria ser revelado”.⁸⁹

O anjo forte então **levantou a mão ao céu** (5) e jurou pelo Criador eterno de todas as coisas de **que não haveria mais demora** (6). Isso é citado erroneamente como: “Não haverá mais tempo”, e é aplicado ao início da eternidade. Mas isso é obviamente incorreto. No livro de Apocalipse muitos outros eventos ocorrem antes da eternidade ser introduzida através do novo céu e a nova terra (caps. 21—22). O significado correto dessa declaração é: “Não haverá mais demora!” (NVI). Os julgamentos de Deus em relação à humanidade não arrepentida não podem ser mais adiados. Eles logo ocorrerão, quando o **sétimo anjo [...] tocar a sua trombeta** (7). Então se cumprirá **o segredo de Deus**. Essa frase é usada por Paulo em Colossenses 2.2, em que ele se refere a Cristo como o Salvador de toda a humanidade, tanto judeus quanto gentios — isto é, todos que aceitarão a sua salvação. A redenção será cumprida (completada) na segunda vinda de Cristo.

Então João foi instruído a tomar **o livrinho aberto** (8) do **anjo** que o segurava. Quando pediu pelo livrinho, o anjo respondeu: **Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel** (9). A última parte do versículo reflete a verdade expressa mais de uma vez nos Salmos: “os juízos do SENHOR são [...] mais doces do que o mel e o licor dos favos” (Sl 19.9-10); “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca” (Sl 119.103).

Quando João comeu o livro, ele descobriu que a predição do anjo foi cumprida: **na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo** (10). Notamos que a ordem aqui é o inverso do versículo anterior. Charles dá uma boa explicação: “No versículo 9, é ressaltada a importância dos resultados que seguiram o comer o livro e por causa disso vem primeiro; nesse versículo, os eventos são apresentados na ordem da experiência do vidente”.⁹⁰

O incidente registrado aqui rememora uma ocasião similar na vida de Ezequiel. Ele recebeu a ordem comer um “rolo” que lhe foi apresentado. Ele diz que o comeu “e era na minha boca doce como o mel” (Ez 3.3). Não lemos nada em relação ao ficar amargo no seu estômago. No entanto, o texto nos diz que no rolo se achavam escritas “lamentações, e suspiros, e ais” (Ez 2.10). Certamente a digestão dessas idéias deve ter sido desagradável.

Jeremias também disse: “Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim gozo e alegria do meu coração”. No entanto, ele declara no versículo seguinte: “me assentei solitário, pois me encheste de indignação” (Jr 15.16,17).

Acerca dessa mistura estranha, Swete faz uma observação útil: “Cada revelação dos propósitos de Deus, embora uma pequena parte, um *biblaridion* [pequeno rolo], é ‘doce-amargo’, desvendando julgamento e misericórdia ao mesmo tempo. Se o vidente deseja conhecer parte do segredo de Deus, precisa ser preparado para impressões bem mescladas; a alegria inicial de um conhecimento mais completo é seguida por tristezas mais profundas e mais amargas do que aquelas experimentadas por homens comuns”.⁹¹ O mesmo é verdade em relação ao cristão consagrado nos nossos dias. Estar próximo de Cristo significa experimentar a rara doçura da sua presença. Mas também há um preço a pagar, ou seja, o de compartilhar das suas tristezas por causa do pecado que destrói as pessoas por quem Ele morreu.

Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis (11) é uma comissão que nos lembra de ordens semelhantes dadas a Jeremias (1.9,10). João, o revelador, estava na sucessão real de profetas que receberam revelações divinas e ordens para transmiti-las aos homens.

João precisava comer o rolo antes de profetizar. McDowell comenta: “O simbolismo de comer do rolo indica a necessidade de assimilar sua mensagem, de tornar a mensagem parte dele mesmo, como um pré-requisito para a sua transmissão”.⁹² É isso que cada pregador deve fazer com a Palavra de Deus.

b) *As duas testemunhas* (11.1-4). João recebeu **uma cana semelhante a uma vara** (1). A **cana** era uma planta de junco que crescia ao longo do rio Jordão (cf. Mt 11.7), chegando muitas vezes a medir cinco metros de altura. Essa cana era **semelhante a uma vara** em força e no seu alinhamento, porém mais comprida. Ezequiel viu um homem medindo o novo templo com uma cana de cerca de três metros de comprimento (Êx 40.5). Zacarias também menciona um homem medindo Jerusalém, mas com um cordel (Zc 2.1,2). Em 21.15, João verá um anjo medindo a nova Jerusalém com uma cana de ouro.

O vidente então ouve: **Levanta-te e mede o templo (naos) de Deus, e o altar, e os que nele adoram**. O **templo** aqui evidentemente significa a Igreja de Jesus Cristo, como nas epístolas de Paulo (1 Co 3.16; 2 Co 6.16; Ef 2.21). Swete escreve: “A medida do Santuário proporciona a sua preservação da destruição geral e assim corresponde ao selar dos cento e quarenta e quatro mil, que precedeu a abertura do sétimo selo, da mesma forma que a medição precede o soar da sétima trombeta”.⁹³ O fato de a medição corresponder ao selar é sugerido pelo fato de João precisar medir **os que nele adoram**.

No entanto, uma restrição foi feita: **...deixa o átrio que está fora do templo e não o meças; porque foi dado às nações** (2). Esse era o átrio dos gentios no Templo dos dias de Jesus. Somente os judeus podiam ir além dele para o átrio interior. João deveria deixar **de parte** (lit., “excluir”) o átrio exterior. Ele seria profanado junto com o

restante da cidade. Swete comenta: “Se o *naos* [templo, santuário] representa a Igreja, o átrio exterior represente talvez a sinagoga rejeitada; como em 2.9, 3.9, a mesa é virada, e enquanto a Igreja enche o átrio dos israelitas e adora no altar da Cruz (Hb 13.10), o Israel carnal é lançado fora (Mt 8.12) [...] e entregue nas mãos dos pagãos”.⁹⁴

Acerca dos gentios é dito o seguinte: **pisarão a Cidade Santa** (cf. Is 63.18; Dn 8.13; Zc 12.3; e especialmente Lc 22.22) **por quarenta e dois meses**; isto é, três anos e meio. Isso é equivalente a **mil duzentos e sessenta dias** (3).

A que se refere isso? Alguns *preteristas* (veja Int., “Interpretação”) encontram sua resposta nos três anos e meio da revolta judaica, culminando na destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. Isso colocou um fim no sacrifício de animais no Templo, que nunca mais foi reconstruído desde aquela época. Outros intérpretes preteristas, como McDowell, acham que os 42 meses simplesmente representam “períodos de tempo breves e incompletos”.⁹⁵ Ele diz, no entanto: “A explicação mais provável para o simbolismo difícil dessa seção é que ele deve ser entendido tendo como fundo a destruição de Jerusalém e do Templo”.⁹⁶ Kepler diz que três anos e meio é “o período convencional em que forças malignas reinam, desde quando Antíoco VI profanou o Templo em que Zeus do Olimpo foi adorado por três anos e meio, 168-165 a.C.”.⁹⁷ Essa foi a pior crise pela qual os judeus passaram entre o cativeiro babilônico e a queda de Jerusalém em 70 d.C.

Os *historicistas* afirmam que o capítulo 10 descreve a Reforma Protestante (século 16). Utilizando o assim chamado “princípio de um dia para cada ano” — em que cada dia no Apocalipse equivale a um ano — eles encontram nos 1260 dias um paralelo com os 1260 anos da supremacia papal, finalizando em 1517.

Os *futuristas* entendem que o elemento tempo se refere aos três anos e meio do reinado do Anticristo, que é conhecido como a Grande Tribulação no final dessa era. A interpretação está baseada em Daniel 7.25: “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo [...] e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e metade de um tempo”; isto é, três anos e meio. Isso geralmente está conectado à septuagésima semana de Daniel (uma semana significa sete anos), descrita em Daniel 9.27: “E ele firmará um concerto com muitos por uma semana; e, na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador”. Isto é, a segunda parte da septuagésima “semana” será a Grande Tribulação. Devemos observar que essa interpretação insere toda a era da Igreja (que se inicia em 30 d.C.) entre a sexagésima nona e a septuagésima semana de Daniel. De acordo com a visão *futurista*, os dois primeiros versículos do capítulo 11 “retratam a segurança espiritual da Igreja durante a era do controle do Anticristo”.⁹⁸

Quem são as **duas testemunhas** (3) que profetizarão por três anos e meio, **vestidas de pano de saco** (um sinal de penitência e lamentação)? Elas têm sido identificadas como Moisés e Elias, Elias e Eliseu ou Enoque e Elias. O motivo ao sugerir a última dupla é que eles são os únicos dois indivíduos no Antigo Testamento de quem se relata que não morreram. O raciocínio é que eles devem voltar para a terra durante a Grande Tribulação e morrer (cf. v. 7), visto que todos os homens devem morrer algum dia. Mas não há nada na passagem aqui que faça alusão a Enoque e Elias, embora Tertuliano defendesse esse ponto de vista no segundo século. Swete descarta todas as identificações pessoais. Ele escreve: “Na verdade, as testemunhas representam a Igreja em sua função de testemunha”.⁹⁹

As duas testemunhas são descritas simbolicamente como **as duas oliveiras e os dois castiçais** (candelabros) **que estão diante do Deus da terra** (4). A linguagem é claramente derivada de Zacarias 4.2-3, em que “duas oliveiras” são mencionadas, embora haja “sete lâmpadas”. Imagina-se evidentemente que as oliveiras suprirão o óleo para as lâmpadas (Zc 4.12). Assim, aqui as duas testemunhas brilham gloriosamente pelo seu Senhor. Em Zacarias 4.14 os “dois ungidos [...] estão diante do Senhor de toda a terra”, como aqui.

A referência em destruir **seus inimigos pelo fogo** (5) parece apontar para Elias (2 Rs 1.10-12), como também a menção de **poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia** (6; cf. 1 Rs 17.1). Por outro lado, **têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue e para ferir a terra com toda sorte de pragas** é uma alusão ainda mais impressionante a Moisés no Egito. Foi Moisés e Elias que estiveram com Jesus no monte da Transfiguração (Mt 17.3), representando a lei e os profetas. Se essas duas testemunhas precisam ser identificadas com indivíduos, Moisés e Elias parecem ter a preferência. Phillips interpreta a última parte do versículo 5 assim: “Na verdade, se alguém tentar causar-lhes dano, essa será a forma que ele certamente morrerá”.

No final do ministério de três anos e meio das testemunhas, **a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e as vencerá, e as matará** (7). A **besta** é identificada pelos *preteristas* (veja Int., “Interpretação”) como sendo o poder imperial de Roma. Por exemplo, Swete escreve: “O vidente antecipa uma luta entre a Igreja e todo o poder do Império Romano; ele prevê que os problemas que começaram com Nero e Domiciano terminarão em um conflito tal como foi levantado por Décio e na última perseguição sob Diocleciano”; ele acrescenta: “Mas suas palavras cobrem, na realidade, todos os martírios e massacres da história na qual forças cruéis parecem ter triunfado sobre a verdade e a justiça”.¹⁰⁰

Representando os *historicistas*, Barnes identifica as duas testemunhas com as seitas perseguidas da Idade Média e a besta com o papado. Os *futuristas* entendem que a besta é o Anticristo, embora difiram em relação às duas testemunhas.

Os corpos mortos (v. 8) dos dois profetas jazerão **na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado**. A última parte do versículo parece sugerir que a cidade referida era Jerusalém. Os governantes e o povo de Judá são chamados “vós príncipes de Sodoma” e “vós, ó povo de Gomorra” (Is 1.10). Foi em Jerusalém que morreram os primeiros mártires cristãos. Também pode haver uma referência a Roma como o centro posterior de perseguição.

Os corpos mortos ficaram expostos em céu aberto, sem serem sepultados — uma indignidade trágica aos olhos dos judeus — **por três dias e meio** (9). Isso foi “tantos dias quantos os anos da profecia das testemunhas — um breve triunfo na realidade, mas tempo suficiente para que parecesse completo e final”.¹⁰¹

Ao interpretar os três anos e meio, Barnes mostra sua diligência pelos detalhes que geralmente marcam os intérpretes historicistas. De acordo com seu princípio dia-ano, os três dias e meio representam três anos e meio. Ele entende que esse tempo ocorreu entre 5 de maio de 1514, quando o Concílio de Latrão fez a proclamação de que toda a oposição do papado havia cessado e 31 de outubro de 1517, quando Lutero afixou as 95 teses.¹⁰² Mas isso parece um pouco fantasioso.

Depois de muita celebração pelo povo da cidade — porque **os dois profetas tinham atormentado** (10) as consciências dos seus ouvintes — **o espírito de vida, vindo de Deus** (11) entrou nas duas testemunhas e **puseram-se sobre os pés**. Eles ouviram **uma grande voz do céu [...]** **E subiram ao céu em uma nuvem** (12) diante do olhar dos seus inimigos. **Naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade** (13). **Sete mil homens** foram mortos no terremoto, deixando os sobreviventes amedrontados e deram **glória ao Deus do céu**. Os primeiros leitores do Apocalipse de João, na Ásia Menor, estavam familiarizados com terremotos destrutivos. Essa imagem despertaria terror em seus corações. **Terremoto** literalmente significa “tremor”. Houve muitos abalos e convulsões na história da humanidade, mas o pior ainda está por vir no fim dos tempos.

No versículo 14, temos uma outra pausa: **É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá**. Isso se assemelha com 9.12. Esses três últimos julgamentos anunciados pelas trombetas foram muito mais severos do que os primeiros quatro. Agora, depois de um longo interlúdio (10.1—11.14), o palco está preparado para o soar da sétima trombeta.

7. A Sétima Trombeta: Consumação (11.15-19)

Quando **tocou o sétimo anjo a trombeta [...]** **houve no céu grandes vozes** (15). Isto contrasta grandemente com a abertura do sétimo selo, quando “fez-se silêncio no céu” (8.1). Essas **vozes** podem ter sido as vozes das quatro criaturas viventes (cf. 6.1, 3, 5, 7), embora não tenham sido mencionados aqui.

João ouviu a proclamação mais maravilhosa já feita: **Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre**. Nesse momento o milênio é anunciado, embora não chegue, de fato, até o capítulo 20.

Em seguida, João viu os vinte e quatro anciãos se prostrarem **sobre o seu rosto e adorarem a Deus** (16). Deles veio um hino de gratidão ao **Senhor, Deus Todo-poderoso** (17). Mais uma vez, Ele é descrito como o Eterno: **que és, e que eras, e que hás de vir** (cf. 1.4, 8; 4.8). Os **anciãos**, representando os redimidos de todos os tempos (veja comentários em 4.4), se regozijam porque **tomaste o teu grande poder e reinaste**. A força ilimitada de Deus está prestes a ser manifestada quando vencer todos os inimigos e estabelecer o seu Reino.

Iraram-se as nações (18) aponta para o Salmo 2, que é citado em Atos 4.25-26 em conexão com a crucificação de Cristo. Aqui ele recebe uma aplicação mais ampla. A hostilidade mundial em relação ao governo de Deus chega a um ponto de convergência final.

O resultado é que **veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados**. Mas também é um tempo de dar **galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes**. O crente mais insignificante, se for fiel, receberá seu galardão. Mas Deus destruirá **os que destroem a terra**. Todos os inimigos da humanidade finalmente serão eliminados. Os horrores da guerra acabarão para sempre.

A visão da sétima trombeta encerra com uma observação surpreendente: **E abriu-se no céu o templo (santuário) de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo** (19). A arca, que estava no Santo dos Santos do antigo Tabernáculo e do Templo, desapareceu em 586 a.C., quando o Templo foi destruído. Provavelmente, ela desapareceu

naquela época. Uma lenda posterior dizia que Jeremias escondera a arca em uma caverna (cf. 2 Macabeus 2.5). Em relação à arca mencionada aqui, Swete escreve: “Em Cristo, Deus fez um novo concerto com os homens [...] e o aparecimento da arca pelas portas abertas do templo celestial, no momento em que os fiéis receberem a sua recompensa, indica a restauração do acesso perfeito a Deus por meio da Ascensão do Cristo Encarnado”.¹⁰³

A manifestação da presença divina foi acompanhada por **relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva**. Apropriadamente, Alford chama essas catástrofes de “o aplauso solene da artilharia dos céus, com a qual cada série de visões é concluída”.¹⁰⁴

João nos conduziu até o tempo do julgamento e vitória final. No entanto, mais uma vez ele volta e descreve outras cenas de tribulação.

D. A SÉTUPLA VISÃO, 12.1—14.20

Era de esperar que as sete taças (caps. 15—16) seguissem imediatamente após os sete selos (caps. 6—7) e as sete trombetas (caps. 8—11). Em vez disso, deparamos com esse interlúdio extenso que revela a natureza real do conflito entre Deus e Satanás. Em certo sentido, esse é o âmago do livro de Apocalipse, porque parece resumir todo o período messiânico, do nascimento de Cristo até o pleno estabelecimento do seu Reino.

1. A Mulher e o Dragão (12.1-6)

João viu **um grande sinal**¹⁰⁵ **no céu** (1). Era **uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça**. As estrelas representam as doze tribos de Israel ou os doze apóstolos da Igreja Primitiva. Essa mulher estava prestes a dar à luz e já sofria as dores de parto. Embora vestida de glória, ela **gritava** de dor.

O que é representado por essa **mulher**? Muitas respostas têm sido apresentadas. Os antigos pais da Igreja entendiam que a mulher era a Igreja ou, como alguns diziam, Maria, a mãe de Jesus. As dores de parto da mulher simbolizavam a labuta espiritual da Igreja. R. H. Charles escreve: “No seu contexto *presente*, essa mulher representa o verdadeiro Israel ou a comunidade dos crentes. Essa comunidade abrange judeus e cristãos gentios, todos que deverão passar pela última grande tribulação”. Ele acrescenta: Mas, uma vez que a mulher é representada como a mãe do Messias, a comunidade que ela simboliza deve incluir o verdadeiro Israel do AT”.¹⁰⁶

Seiss geralmente é reconhecido como o expositor-padrão do ponto de vista do pré-milenarismo. Ele entende que a mulher não pode representar os judeus ou a Igreja cristã exclusivamente, mas ambos. Ele então diz: “Há apenas uma Igreja na terra, que existiu em todas as épocas e debaixo de todas as organizações. E assim temos aqui, como símbolo disso, uma mulher gloriosa, em quem todas as mais elevadas honrarias e características principais estão resumidas desde o início até a grande consumação”.¹⁰⁷ Essa provavelmente é a melhor interpretação.

João viu **outro sinal no céu**. Era **um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas**. Não temos dúvidas em relação à identidade do dragão, porque é dito especificamente tratar-se de Satanás (v. 9).

Vermelho é literalmente “vermelho ardente”, simbolizando a obra mortífera do dragão. As **sete cabeças** e **sete coroas** falam da plenitude de poder e autoridade. **Chifres** também são um símbolo de poder ou força. A respeito das **sete cabeças** Seiss escreve: “Vemos nessas cabeças o símbolo de todo governo imperial deste mundo desde o início até o fim, o domínio secular universal da terra em todos os períodos”.¹⁰⁸ Em relação aos **dez chifres**, ele diz: “O número deles é *dez*, o número da perfeição secular, especialmente em relação ao mal secular. Todas as tiranias, opressões e sofrimentos que torturaram a humanidade, desde o princípio até o fim, são atribuídos a Satanás”.¹⁰⁹

Pode ser significativo o fato de o dragão vir a ser usado, junto com a águia, como um distintivo romano, a partir do final do segundo século.¹¹⁰ O Império Romano acreditava ter as características de um dragão.

Lê-se em seguida acerca do dragão que **a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra** (4). A linguagem aqui é um lembrete de Daniel 8.10: “E se engrandeceu até ao exército dos céus; e a alguns do exército e das estrelas deitou por terra e os pisou”.

Intérpretes mais antigos entendiam que essa passagem de Apocalipse se referia à queda de Satanás, que levou com ele um terço dos anjos do céu (cf. a *Paraíso perdido* de John Milton). Isso parece ter apoio na declaração: “os seus anjos foram lançados com ele” (v. 9). A maioria dos comentaristas modernos entende que versículo 4 apenas ressalta o grande poder de Satanás.

Um período deveria ser inserido no meio do versículo 4. A nova frase diz: **e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho**. A referência à tentativa de Herodes de matar o bebê Jesus (Mt 2.16-18) é óbvia demais para passar despercebida. Mas provavelmente as experiências de Cristo na tentação (Mt 4.1-11) e no Getsêmani (Lc 22.39-46) também deveriam ser incluídas.

O relato continua: **E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro** (5). A referência é claramente à passagem messiânica em Salmo 2.9: “Tu os [os povos] esmagalharás com uma vara de ferro”. **Um filho, um varão** é Cristo. **Ele foi arrebatado para Deus e para o seu trono**. Isso se refere à Ascensão (Lc 24.51).

Mais adiante temos o relato de que **a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias** (6). Pode haver uma referência secundária aqui à fuga de Maria e José ao Egito, levando consigo o filho Jesus para escapar da ira de Herodes (Mt 2.13-15). Uma aplicação mais significativa seria à fuga dos cristãos de Jerusalém para Pella, quando foram ameaçados pelo exército romano (veja comentários em Mt 24.16, CBB, vol. VI). Mas essa também pode ter sido uma referência mais geral à proteção da Igreja da perseguição ao longo da sua história e particularmente na Grande Tribulação no fim dos tempos. A última interpretação parece provável por causa da repetida menção dos mil duzentos e sessenta dias.

2. A Derrota do Dragão (12.7-17)

A guerra agora se trava no céu entre **Miguel e os seus anjos** e **o dragão e os seus anjos** (7). Alguns comentaristas encontram aqui uma referência à antiga revolta

de Lúcifer, que se tornou Satanás. Outros entenderam que esse texto se refere ao aparente conflito interminável entre as forças do bem e do mal.

Miguel é descrito em Daniel como “um dos primeiros príncipes” (10.13) e “vosso príncipe” (10.21). E relata-se a Daniel: “E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro” (12.1). Isso parece uma clara referência à Grande Tribulação no fim dos tempos. Assim, a guerra entre Miguel e o dragão não só tipifica a luta perene entre Deus e Satanás, mas também tem uma aplicação especial aos conflitos finais no fim da era presente.

Mas o dragão e seus anjos **não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus (8). E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele (9).**

A menção da **serpente** nos leva de volta ao jardim do Éden, onde Satanás em forma de uma serpente tentou de maneira bem-sucedida a Eva para que desobedecesse à ordem de Deus (Gn 3). **O diabo** (*ho diabolos*, o caluniador ou falso acusador) é o termo usado na Septuaginta para **Satanás** (hb.), que é aqui transliterado para o grego e o português. Satanás significa “o Adversário”. Mas o uso de *diabolos* (gr.) na Septuaginta como tradução para *Satanás* (hb.) mostra que os dois termos eram considerados sinônimos. Eles são usados de maneira permutável nos Evangelhos (“Satanás”, 17 vezes; “diabo”, 15 vezes).

Em que ocasião Satanás e seus anjos foram lançados para fora do céu? John Milton, em seu livro *Paraíso perdido* (Livro I), entende que esse episódio ocorreu no passado sombrio da história pré-humana (cf. Jd 6). Mas em Jó 1.6, Satanás é retratado como alguém que ainda tem acesso à presença de Deus. Jesus declarou que Ele viu Satanás “como raio, cair do céu” (Lc 10.18). Isso evidentemente se refere à missão cristã de derrubar o inimigo do seu trono como “o príncipe deste mundo” (Jo 12.31). Mas a referência específica nessa passagem em Apocalipse parece ser a expulsão de Satanás do poder no fim dos tempos.

Então João ouviu **uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força** (*dynamis*, poder), **e o reino do nosso Deus, e o poder** (*exousia*, autoridade) **do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite (10)** — isto é, sem interrupção. Swete comenta: “A queda de Satanás manifesta novamente [...] o poder salvador e soberano de Deus e seu exercício ativo por meio do Cristo exaltado”.¹¹¹

Então vem uma declaração citada com frequência: **E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro** — a morte de Cristo — **e pela palavra do seu testemunho (11).** Nossa vitória depende da vitória dele no Getsêmani e Gólgota, mas ela também depende da nossa “palavra do testemunho” fiel para Cristo.

Acerca dos cristãos daquele dia, lemos: **e não amaram a sua vida** (*psyche*, alma) **até à morte.** Essa é a repetição de uma ênfase encontrada diversas vezes nos ensinamentos de Jesus (cf. Mt 10.39; 16.25; Mc 8.35,36; Lc 9.24; 17.33; Jo 12.25). Paulo expressou um sentimento semelhante (At 20.24). Essa atitude deve caracterizar cada cristão consagrado.

Os habitantes do céu são convidados a se alegrar (v. 12). Em contrapartida lemos: **Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo** (cf. v. 14). Satanás estava furioso, sabendo que estava sendo condenado e estava determinado a fazer o seu pior no breve tempo que lhe restava. Assim, ele **perseguir a mulher que dera à luz o varão** (13; cf. vv. 1-5). Acerca da identificação dessa **mulher** veja comentários no versículo 2.

E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo (14) — isto é, por três anos e meio. Essa é uma repetição da declaração feita no versículo 6 (veja comentários ali). Alguns entendem que aqui há uma referência à preservação da nação de Israel durante os três anos e meio da Grande Tribulação. Outros aplicam esse texto à proteção da Igreja. A idéia das **asas** de águias é um eco de Êxodo 19.4 e Deuteronômio 32.11.

A **serpente** estava tão enfurecida que **lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebat** (15). A figura da enchente como um meio de perseguição ou distúrbio é comum nas Escrituras (cf. Sl 18.4; 32.6; 124.4,5; Is 43.2; 59.19). A passagem aqui em Apocalipse é aplicável às perseguições romanas infligidas aos primeiros cristãos, bem como ao ataque violento final de Satanás no fim dos tempos.

Mas a mulher foi salva: **E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca** (16). Swete faz a seguinte aplicação geral desse texto: “A ajuda viria de lugares inesperados; a morte do imperador perseguidor, seguido de uma mudança de política da parte do seu sucessor, mudanças repentinas de sentimento público, ou uma reviravolta de eventos desviando a atenção pública da Igreja, de tempos em tempos deteria ou frustraria os planos de Satanás”.¹¹² Ninguém sabe até que ponto essa passagem pode se cumprir literalmente na Grande Tribulação.

Despojado da sua vítima, o dragão **foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo** (17). Provavelmente é um exagero fazer essas duas últimas sentenças referir-se respectivamente a crentes judeus e gentios.¹¹³ É bem possível que todos os cristãos estejam incluídos aqui.

3. A Besta Subiu do Mar (13.1-10)

João¹¹⁴ viu **subir do mar uma besta** (1). Swete escreve: “O mar é um símbolo apropriado da superfície agitada da humanidade não regenerada (cf. Is 57.20), e especialmente do caldeirão fervente da vida nacional e social, da qual surgiram os grandes movimentos históricos do mundo”.¹¹⁵

A conexão desse capítulo com o anterior (veja nota de rodapé 114) é descrita por Charles da seguinte maneira: “O dragão frustrado em sua tentativa de destruir o Messias e sua Comunidade, segue para a beira do mar e de lá convoca a besta (i.e., o Império Romano) para armá-lo com seu próprio poder”.¹¹⁶

A besta tinha **sete cabeças e dez chifres**. A mesma descrição é dada à “besta de cor escarlate” em 17.3. O significado desses itens é explicado em 17.9-12 (veja comentários lá). Sobre os chifres havia **dez diademas** (*diadema*, coroa real).

O vidente percebeu **sobre as cabeças, um nome de blasfêmia**. A primeira aplicação disso, a interpretação *preterista* (veja Int., “Interpretação”), seria para os títulos

blasfemos assumidos pelos imperadores romanos dos dois primeiros séculos. Uma documentação abundante para isso foi achada nas cartas imperiais encontradas entre as inscrições em Éfeso. Diversas vezes, “filho de Deus” aparece com um nome de um imperador, enquanto se chamavam simplesmente de “Deus”. Nas suas moedas, Nero se chamava de “O Salvador do Mundo”. Podemos imaginar o choque que isso foi para os cristãos antigos, que admitiam esses títulos somente para Cristo. Diz-se que Domiciano, que era o imperador quando João escreveu o livro de Apocalipse, insistiu em ser chamado de “nosso Senhor e Deus”.¹¹⁷ Para os cristãos essa era uma blasfêmia dupla.

Barnes, representando a interpretação *historicista*, cita afirmações blasfemas feitas pelos papas.¹¹⁸ Os *futuristas* entendem que o Anticristo vai conferir para si mesmo auto-ridade divina.

A besta que João viu era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão (2). A imagem é tirada de Daniel 7.3-7. Na visão de Daniel, quatro animais grandes subiam do mar. O primeiro era como um leão, o segundo era semelhante a um urso, o terceiro era semelhante a um leopardo, e o quarto era “terrível e espantoso e muito forte”.

A besta de Apocalipse une os traços dos três primeiros animais de Daniel em ordem inversa. Semelhantemente ao quarto animal, ela tem “dez pontas”. Os quatro animais de Daniel representam respectivamente O Império Babilônico, Medo-Persa, Grego e Romano. Parece que a besta de Apocalipse representa em primeiro lugar o Império Romano, que tinha as características dos três impérios anteriores, mas era mais “terrível e espantoso”. Não pode haver dúvida que para os primeiros leitores de João essa era a interpretação dada a essa passagem. Os imperadores perseguidores eram motivados por Satanás: **e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono (thronon), e grande poderio.**

O cenário histórico do primeiro século dessa passagem aparece de maneira mais impressionante no próximo versículo: **E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta (3).** Essa parece uma clara alusão ao chamado Nero *redivivus* (ressuscitado). Essa história é relatada por Swete:

Em junho de 68, Nero, perseguido pelos emissários do Senado, infligiu sobre si uma ferida, que foi a causa da sua morte. Seus restos mortais receberam um funeral público e foram mais tarde colocados no mausoléu de Augusto. Todavia, crescia nas províncias orientais do Império um rumor de que ele continuava vivo e estava escondido em algum lugar. Embusteiros, que afirmavam ser Nero, surgiram em 69 e 79 e mesmo em 88 ou 89 [...] A lenda da sobrevivência ou ressurreição de Nero formou-se na imaginação popular, e Dion Chrysostom [...] no fim do século escarnece disso como uma das loucuras da época. Entrementes, a idéia do retorno de Nero começou a tomar forma na imaginação de judeus e cristãos [...] A lenda foi usada por São João para representar o renascimento da política de perseguição de Nero por Domiciano.¹¹⁹

Isso, é claro, não descarta uma aplicação ao Anticristo no fim dos tempos. Mas, a primeira regra em interpretar qualquer profecia é observar o fundo histórico da sua época.

Todo o mundo adorava o **dragão que deu à besta o seu poder** (gr., “autoridade”; v. 4). Usando uma linguagem própria em relação a Deus (cf. Êx 15.11), o povo clamou: **Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?** Swete observa: “Não era a grandeza moral, mas a força bruta que ditava o respeito das províncias”.¹²⁰

A besta continuou proferindo **grandes coisas e blasfêmias** (5). Em relação aos imperadores romanos, Swete diz: “A presunção de colocar nomes divinos em documentos públicos e inscrições era uma blasfêmia crescente e estabelecida”.¹²¹

A afirmação de que a besta continuava no poder por **quarenta e dois meses** — equivalente a três anos e meio ou a mil duzentos e sessenta dias — é difícil de encaixar no período do Império Romano. Barnes, usando o princípio dia-ano, aplica isso aos mil duzentos e sessenta anos da supremacia papal (veja comentário em 11.2-3). Mas o cumprimento final da predição ocorrerá nos três anos e meio da Grande Tribulação.

A linguagem dos próximos dois versículos parece ir além do passado e presente, envolvendo também o futuro. No sentido mais completo, somente o Anticristo abrirá a boca **em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu** (6). Ele particularmente terá **poder** (autoridade) **sobre toda tribo, e língua, e nação** (7). Somente dele podia se dizer: **E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo** (8).

Se alguém tem ouvidos, ouça (9) é uma repetição de 2.7, 11, 17 (veja comentários ali). É uma exortação para tomar cuidado com a advertência que segue.

O versículo 10 contém uma afirmação epigramática obscura: **Se alguém leva em cativo, em cativo irá** (“Se alguém há de ir para o cativo, para o cativo irá”, NVI); **se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto**. Swete sugere: “Encontramos aqui uma advertência contra qualquer tentativa por parte da Igreja de resistir aos seus perseguidores. Se um cristão é condenado ao exílio, como fora o caso de João, ele deve considerar o exílio como sua porção devida, e deve ir prontamente; se for sentenciado à morte, ele não deve erguer sua mão contra o tirano; ao fazê-lo será o mesmo que merecer o seu castigo”.¹²² Dessa forma, os cristãos, mesmo debaixo de perseguição, podiam mostrar **a paciência e a fé dos santos**. Cf. Weymouth: “Aqui há uma oportunidade para os santos exercerem perseverança e exercitarem fé”.

4. A Besta na Terra (13.11-18)

João nos relata que viu **subir da terra outra besta** (11). Essa **tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro**. Assim, ela era menos assustadora em aparência do que a primeira besta. Carpenter faz esta aplicação geral: “Todos os que usam seu conhecimento, sua cultura, sua sabedoria, para ensinar as pessoas de que não há nada digno de adoração, salvo o que podem ver, tocar e provar, estão agindo de acordo com a segunda besta”.¹²³

Mas embora se parecesse com um cordeiro, ela rugia como o **dragão**. Simcox diz: “Sem dúvida, a visão óbvia está certa. Essa besta se parece com Cristo, mas age como Satanás”.¹²⁴ Essa segunda besta parece que pode claramente ser identificada com o falso profeta (16.13; 19.20; 20.10).

E exerce todo o poder (autoridade) **da primeira besta na sua presença e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta** (12). Ela **faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens**

(13), como foi o caso de Elias (1 Rs 18.38). **E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta** (14). Os israelitas foram advertidos a não aceitarem os falsos profetas que procurariam enganá-los ao realizar milagres (Dt 13.1-3). Ela instruiu os habitantes da terra **que fizessem uma imagem à besta**. Além do mais, **foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta** (15). Somos lembrados da antiga ordem de adorar a imagem de ouro de Nabucodonosor (Dn 3.1-6).

Pessoas de todas as classes são obrigadas a receber **um sinal na mão direita ou na testa** (16). Isso é popularmente conhecido como “a marca da besta”. Toda tentativa de identificar isso com símbolos ou nomes atuais não passa de mera especulação que desonra a Palavra de Deus.

Com referência à palavra **sinal** (*charagma*), Simcox escreve que é “a marca de fogo colocada nos escravos para identificá-los; devotos pagãos às vezes recebiam esse tipo de sinal, marcando-os como a propriedade do seu deus”.¹²⁵ Rist diz que esse sinal era “o termo técnico para o carimbo imperial em documentos oficiais”.¹²⁶

Essa “marca da besta” é o oposto do que lemos em 7.1. Ali “os servos do nosso Deus” são selados em suas testas, protegendo-os dos julgamentos divinos prestes a ser derramados sobre a terra.

Em 3 Macabeus 2.29, lemos que Ptolomeu Filopater (217 a.C.) ordenou que os judeus de Alexandria fossem marcados com a insígnia da folha da hera do deus Dionísio. Isso forma um paralelo impressionante.

Ninguém podia comprar ou vender, a não ser que tivesse **o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome** (17). Provavelmente, Swete está certo ao dizer que as duas últimas frases estão em aposição com **o sinal**. Da relação enigmática de **nome** e **número**, ele escreve: “Onde o provinciano pagão via somente o nome do imperador reinante, o cristão detectava um número místico com suas associações de maldade e crueldade”.¹²⁷ Deve ser lembrado que no hebraico, grego e latim, cada letra do alfabeto tem um equivalente numérico. Assim, todos os nomes nessas três línguas representam números exatos.

Então vem um dizer enigmático: **Aqui há sabedoria** (18). Esta e a expressão seguinte: **Aquele que tem entendimento** (lit.: “tendo uma mente”) são bastante parecidas com 17.9: “Aqui há sentido, que tem sabedoria”. Talvez essas expressões façam eco do que lemos em Daniel 12.10: “e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão”. Um outro paralelo está em Efésios 1.17: “o espírito de sabedoria e de revelação”. Aqueles que tinham esse Espírito entenderiam o que João estava dizendo.

O número da besta [...] é número de homem — isto é: um número humano, ou um que “é calculado simplesmente por um método humano comum”,¹²⁸ designando valores numéricos às letras do nome.

O número 666¹²⁹ tem recebido incontáveis explicações. Desconsiderando as fantasiosas, podemos dizer que provavelmente a referência originária foi a Nero. Na forma latina, as letras de *Nerom* totalizam 666. Sem a última letra, o número seria 616, que pode ser o motivo de alguns manuscritos apresentarem esse número menor (veja nota de rodapé 129). Uma terceira maneira de calcular a equivalência numérica de Nero é escrever Nero César com letras hebraicas — o hebraico tem apenas consoantes, não vogais. O valor total das letras hebraicas é 666.

Irineu (século II) achava que esse número significava “Teitan” e, dessa forma, representava um poder titânico. Ele também chamou atenção para o fato de o número se igualar a *Lateinos* nas letras gregas e dessa forma poderia representar o Império Romano (“Eles sendo latinos que agora reinam”).

Nos tempos modernos, o número tem sido calculado de forma variável para representar Maomé, Lutero, o papa Benedito IX, Napoleão, o imperador Guilherme (na Primeira Guerra Mundial), Hitler (na Segunda Guerra Mundial) e Mussolini (entre as duas guerras). Estudiosos mais sensatos da Bíblia o referem ao Anticristo, sem tentar identificar o arquiinimigo de Cristo com qualquer pessoa.

Queremos resumir as principais interpretações acerca das duas bestas desse capítulo. Os *preteristas* (veja Int., “Interpretação”) dizem que elas representam respectivamente o poder civil romano (o império) e o poder religioso romano (o sacerdócio pagão apoiando a adoração ao imperador, particularmente na província da Ásia). Os *historicistas* entendem tratar-se do Império Romano e a igreja católica romana (ou o papado), em que a igreja católica procura exercer toda a autoridade do império (cf. v. 12). Os *futuristas* identificam a primeira besta como o Anticristo, e a segunda como o falso profeta. Todas essas interpretações são importantes. Parece sábio não insistir que apenas uma interpretação seja válida, e que as outras estão erradas. Em certo sentido, todo o Apocalipse (exceto os capítulos 19—22) se aplica ao passado, presente e futuro.

Muitas vezes tem-se falado que o número 6 representa o homem como imperfeito, incompleto, em contraste com Cristo, que é representado pelo número 7, significando inteireza ou perfeição. O número 666 simplesmente multiplica triplamente essa idéia de que o homem é imperfeito.

À luz disso, a adoração à besta, cujo número é 666, adquire um significado adicional. Esta era terminará com a adoração ao homem, em vez da adoração a Deus.

Essa corrente já está recebendo um grande apoio. No início do século 20, a teologia humanista, que nega a divindade de Jesus e elimina o sobrenatural da Bíblia, infestou a Alemanha e a Grã-Bretanha, chegando até os Estados Unidos. Duas Guerras Mundiais, que apresentaram todas as evidências de serem um julgamento apocalíptico, encontraram uma reação na forma da neo-ortodoxia. Mas ela tem sido amplamente substituída pelo neoliberalismo. O fruto final de tudo isso é o movimento chamado “Deus está morto”, que emergiu em 1965. Tendo rejeitado Deus do seu universo, o homem está agora adorando a si mesmo. O cenário está preparado para a adoração da besta.

5. Os 144.000 (14.1-5)

Esses são identificados por Charles como “os mesmos que os 144.000 em 7.5-8, i.e, o Israel espiritual, toda a comunidade cristã, os judeus e gentios, que foram selados para protegê-los das aflições demoníacas, que devem vir em seguida e rapidamente”.¹³⁰ Veja também os comentários em 7.4. Por que eles são novamente mencionados? Swete diz: “A visão das duas bestas e seus seguidores é adequadamente seguida por uma figura tranqüilizadora do Cordeiro no meio da sua Igreja”.¹³¹ Antes que as sete últimas pragas sejam derramadas na terra, lemos mais uma vez que os que pertencem a Cristo estão seguramente selados. Em contraste com aqueles que tinham recebido a marca da besta em suas testas, esses têm **escrito o nome [...] de seu Pai em sua testa** (1).

Muitos comentaristas entendem que **sobre o monte Sião** significa que Cristo voltou para a terra e estava parado em Jerusalém. Mas o significado aqui é provavelmente mais bem expresso pela referência a Hebreus 12.22: “Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial”. Os seguidores do Cordeiro estão seguros com Ele no Reino eterno.

Novamente, veio **uma voz do céu** (2). Ela era **como a voz de muitas águas**, ressaltando o volume do som; **como a voz de um grande trovão**, sugerindo seu ruído; **e uma voz de harpistas, que tocavam com a sua harpa**, indicando “que era articulada e doce”.¹³²

E **cantavam** (gr., cantam) **um como**¹³³ **cântico novo diante do trono e diante dos quatro animais** (“criaturas viventes”; veja comentários em 4.6) **e dos anciãos** (veja comentários em 4.4); **e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra** (3). A figura parece de um coro celestial cantando um novo cântico de louvor para aqueles que foram redimidos pelo Cordeiro. Somente aqueles que tiveram uma experiência espiritual de salvação podem cantá-lo.

Os redimidos são então descritos como aqueles que **não estão contaminados com mulheres, porque são virgens** (4). A palavra **virgens** (*parthenoi*) é masculina em forma. Alguns entendem isso de forma literal, favorecendo um clero celibatário. Mas, de acordo com a linguagem simbólica de Apocalipse, parece mais sensato entender virgens como descrevendo pureza espiritual, o estado de ser imaculado. Talvez também haja uma alusão à pureza moral. Swete diz: “A escolha da castidade como a primeira virtude evidente da irmandade cristã não parecerá estranha para aqueles que acreditam que a vida pagã era contaminada com imoralidade do pior tipo”.¹³⁴

Esses cristãos redimidos **seguem o Cordeiro para onde quer que vai**. O **Cordeiro** é aqui o Pastor de ovelhas. Os Evangelhos relatam como Jesus chamou os homens para segui-lo. Mas, nesse caso, isso significa mais do que um termo geográfico. Seguir a Cristo significa *imitá-lo*, viver como Ele viveu. Seguir a Jesus é um privilégio glorioso e um desafio solene e sério.

O termo **primícias** tem ocasionado uma discussão considerável. De que maneira isso pode ser aplicado aos santos da Tribulação? Os *preteristas*, como Swete, encontram uma referência lógica aos cristãos do primeiro século. Essa palavra podia inclusive encaixar-se na idéia dos 144.000 representando os redimidos de todos os tempos (veja comentários em 7.4). Mas usá-la para os crentes no fim desta era parece estranho. No entanto, Charles resolve essa dificuldade ao ressaltar que, na Septuaginta, a palavra grega (*aparche*), na maioria das vezes, significa “oferta”, “sacrifício” ou “dom”.¹³⁵ Todos os redimidos são uma oferta **para Deus e para o Cordeiro**.

Por último, lemos o seguinte acerca dos seguidores do Cordeiro: **E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus** (5). Acerca da primeira parte dessa oração, Swete comenta: “Depois da pureza, a autenticidade era talvez a marca mais clara dos seguidores de Cristo, quando contrastados com seus vizinhos pagãos; cf. Ef 4.20-25”.¹³⁶

A palavra **irrepreensíveis** (*amomos*) é usada freqüentemente na Septuaginta para a exigência de que os animais a serem sacrificados ao Senhor devem ser sem defeito. Por causa da referência à “oferta” no versículo anterior, parece que *amomos* deveria ser entendido aqui como “sem manchas” ou “imaculados” (RSV).

6. *Os Três Anjos* (14.6-13)

Três anjos apareceram sucessivamente, cada um fazendo uma proclamação importante. O cenário está sendo montado para as sete últimas pragas.

a) *O anjo com o evangelho* (14.6,7). O primeiro anjo estava voando **pelo meio do céu** (6) — lit.: “no meridiano” (veja comentários em 8.13). Dessa maneira, ele podia ser visto e ouvido. Ele **tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra**. Alguns têm buscado distinguir três evangelhos diferentes no Novo Testamento: “o evangelho do Reino (Mt 4.23), que era para os judeus; “o evangelho de Jesus Cristo” (Mc 1.1), que era para todos; e “o evangelho duradouro”, a ser proclamado no fim dos tempos. Mas essa é uma tricotomia falsa. Há somente um evangelho, as boas-novas de salvação por meio de Jesus Cristo.

A mensagem do primeiro anjo era: **Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas** (7). A última frase é encontrada no Antigo Testamento (cf. 1 Rs 18.5; 2 Rs 3.19). Ela se refere às fontes de água em nascentes ou poços.

O dia do julgamento de Deus, seu ajuste de contas com o homem, chegou. Portanto, as pessoas devem se arrepender e adorá-lo.

b) *O anjo da condenação* (14.8). O segundo anjo clamou: **Caiu! Caiu Babilônia, aquela grande cidade** (lit., Caiu! Caiu! Babilônia, a Grande) **que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição**. Os pais primitivos interpretam a **Babilônia** em Apocalipse como sendo um nome simbólico para Roma. Essa interpretação parece correta.

A linguagem desse versículo é semelhante à de Jeremias 51.7,8: “A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR, o qual embriagava a toda a terra; do seu vinho beberam as nações; por isso, as nações enlouqueceram. Num momento, caiu a Babilônia e ficou arruinada”. Há uma combinação de duas idéias: “A Babilônia faz as nações beber do copo da sua fornicção; e ela, bem como as outras nações, [...] há de beber do copo da ira de Deus: v. 10; 16.19. Em 18.6, como em Jeremias 51.7, de onde a imagem é tirada, há, como provavelmente é o caso aqui, uma combinação das duas”.¹³⁷

c) *O anjo do julgamento* (14.9-13). O anúncio do **terceiro anjo** foi o seguinte: **Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira** (9-10). Já tinha sido mencionado que se alguém não adorasse a imagem da besta, seria morto (13.15). Agora vem a advertência do céu de que se alguém adorar a imagem, sofrerá um destino pior do que a morte. Ele **beberá do vinho da ira** (thymos, raiva ardente), **de Deus, que se deitou, não misturado** (lit.: foi misturado sem mistura) **no cálice da sua ira** (orge). **Não misturado** significa “não diluído” (Phillips), ou “concentrado”.

O destino do adorador de imagens é descrito graficamente: Ele **será atormentado com fogo e enxofre** (“em chamas sulfurosas”, NEB) **diante dos santos anjos e diante do Cordeiro**. Que coisa horrível é sofrer pela desobediência na presença do Cordeiro, que de maneira obediente sofreu para nos salvar! A linguagem dessa pas-

sagem rememora Isaías 30.33 e Ezequiel 38.22. Mas a comparação mais impressionante é a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24).

Ainda fazendo eco desse relato (Gn 19.38), mas falando agora em termos eternos, o relato traz: **E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre** (11). Adorar César ou o Anticristo significa renunciar a Cristo, e dessa forma, ser culpado de apostasia. O castigo para isso é o tormento eterno. Não há **repouso** (cessação) para aqueles que rejeitam o chamado daquele que disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”.

Novamente (cf. 13.10, 18) temos uma declaração enigmática: **Aqui está a paciência dos santos** (12). A palavra grega para **paciência** significa “persistência” ou “constância”. Swete comenta: “O culto a César oferecia aos santos um teste de lealdade que fortalecia e amadurecia aqueles que eram dignos do nome”.¹³⁸ Esses são aqueles **que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus**; isto é, sua fé em Jesus.

Então João ouviu **uma voz do céu** (13) expressando palavras que geralmente são citadas em cultos fúnebres: **Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam**. Os trabalhos do cristão terminam com a morte, mas as suas boas **obras** o seguem na próxima vida.

7. O Tempo da Ceifa (14.14-20)

Duas cenas de ceifa são retratadas aqui. A primeira é a ceifa de trigo, com o Filho do Homem como Segador. A segunda é de uvas, recolhidas pelo anjo.

a) *A ceifa do trigo* (14.14-16). João viu **uma nuvem branca** (14) e sentado nela estava **um semelhante ao Filho do Homem**. Isso reflete a linguagem de Daniel 7.13: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem”. Visto que o título **Filho do Homem** é usado por Jesus para si mesmo 81 vezes nos Evangelhos, parece justificável aceitar que João aqui se refira a Jesus.¹³⁹

Ele **tinha sobre a cabeça uma coroa** (*stephanos*, coroa do vitorioso) **de ouro e, na mão, uma foice aguda**. Pelo que tudo indica, era a época de realizar a colheita.

Agora **outro anjo** (9) **saiu do templo** (santuário), **clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega! É já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura** (15) — lit.: “estava seca”; isto é, “completamente madura” (RSV), ou possivelmente “madura demais” (ERV, NEB). **Lança** é literalmente “envia” (*pempson*). Essa é uma repetição de Joel 3.13: “Lançai [LXX, ‘enviai’] a foice, porque já está madura a seara”. Jesus disse: “E, quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa” (Mc 4.29).

Aquele **que estava assentado sobre a nuvem meteu** (*ebalen*, “lançou” ou “colocou”) **a sua foice à terra, e a terra foi segada** (16). Barnes interpreta essa colheita como a vinda de Cristo “para reunir o seu povo”. Ele comenta o seguinte acerca da última parte do versículo: “Para os justos, o fim tinha chegado; a Igreja estava redimida; a obra contemplada estava cumprida e os resultados da obra do Salvador eram como uma colheita gloriosa”.¹⁴⁰

b) *A colheita de uvas* (14.17-20). Da mesma forma que a vindima naturalmente segue a colheita de trigo (cf. Dt 16.9, 13), assim foi na visão profética aqui. **E saiu do templo, [...] outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda** (17). Ainda **saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo** (18). Em relação a essa estranha alusão, Simcox comenta: “Pode [...] ser que ‘o Anjo de Fogo’ seja ordenado a invocar o julgamento sobre os maus que serão executados pelo fogo. Mas é mais fácil entender que esse é o Anjo ‘que tinha poder sobre o fogo no Altar’ — talvez, por isso, seja o Anjo de quem já tínhamos ouvido falar em 8.3-5”.¹⁴¹

Esse anjo clamou ao anjo com a foice: **Lança (envia) a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras!** — lit.: “estão no seu auge”. Assim **o anjo meteu** (19) — lit.: “lançou” (cf. v. 16) — **a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus.**

E o lagar foi pisado (20) lembra a linguagem de Isaías 63.2-6. O terrível julgamento ocorreu **fora da cidade**, evidentemente Jerusalém. Joel profetizou: “Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá” (Jl 3.2). Esse vale fica ao sul de Jerusalém.

Saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios (gr., *stadia*). Isso representa cerca de 300 quilômetros. Essa figura tem causado muita discussão. Alguns entendem que o autor está se referindo aproximadamente à extensão da Palestina (na verdade com cerca de 225 quilômetros. Outros entendem tratar-se de uma figura simbólica de perfeição ($1.600 = 4 \times 4 \times 100$). Assim, significaria destruição por toda parte (exceto na cidade). Parece evidente que a linguagem deveria ser tomada figuradamente, não literalmente.

Qual é a relação entre as duas colheitas descritas nessa seção? Parece que a explicação de Swete é razoável: “Nos Profetas, a colheita, quer do trigo quer da vindima, representa a derrota dos inimigos de Israel, que estão maduros para a queda [...] o Apocalipse [...] como os Evangelhos identificam o trigo com os verdadeiros ‘filhos do Reino’ (cf. Mt 13.30, 38) [...] a vindima, da sua associação com o ‘vinho da ira’ [...] representa o mal”. Ele acrescenta: “Assim, pelo novo modo de tratar a antiga metáfora da ceifa divina das pessoas, o autor de Apocalipse expressa o claro ensino do Senhor em relação à grande separação entre os homens que está reservada para a *parousia*”,¹⁴² a Segunda Vinda. Na primeira ceifa, os justos serão reunidos; na segunda, os perversos.

E. AS SETE TAÇAS, 15.1—16.21

Introdução (15.1-8)

O capítulo 15 apresenta o cenário para o derramar das pragas contidas nas sete taças. Ele consiste de três visões: 1) os anjos que esperam; 2) os santos vitoriosos; 3) os anjos emergentes. O Capítulo 16 apresenta uma descrição de cada uma das sete pragas.

a) *Os anjos que esperam* (15.1). Esse versículo realmente forma um cabeçalho para o conteúdo dos capítulos 15-16. João viu **outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira**

de Deus. Há um caráter final acerca disso. A linguagem mostra que essas pragas chegarão ao seu clímax. **Consumada** literalmente significa “completa” ou “terminada”. **Ira** é *thymos*, “raiva ardente”. O pecado, que afligiu a humanidade por tanto tempo, precisa ser erradicado.

b) *Os santos vitoriosos* (15.2-4). João viu **um como mar de vidro misturado com fogo** (2). Provavelmente, esse é o mesmo mar de vidro relatado em 4.6. Lá ele é descrito como “semelhante ao cristal” em sua transparência. Aqui ele tinha uma incandescência rosada, como se estivesse **misturado com fogo**. Swete sugere: “A incandescência vermelha do mar representava o fogo pelo qual os mártires passaram, e mais claramente, a ira prestes a cair sobre o mundo, que os havia condenado”.¹⁴³

Sobre esse mar vítreo, como se fosse um chão sólido, estavam parados **os que saíram vitoriosos da besta** — literalmente, “os que vinham vitoriosos da besta selvagem”. Lenski comenta: “Os conquistadores chegaram como vitoriosos ‘saindo da’ batalha com a besta selvagem, com sua imagem, e o número do seu nome”.¹⁴⁴ Esse número, é claro, é 666 (13.18). Esses vitoriosos têm **as harpas de Deus**; isto é, harpas que Deus tinha dado a eles, ou que pertenciam ao serviço de Deus. As harpas já foram mencionadas em 5.9 e 14.2.

Esses harpistas cantam e tocam. Eles cantam o **cântico de Moisés, servo de Deus** (3). O contexto mostra que a referência não é ao cântico final de Moisés em Deuteronômio 32. Em vez disso, trata-se do hino de louvor cantado no mar Vermelho quando Deus libertou os israelitas dos egípcios perseguidores (Êx 15). Esse hino também era um cântico de livramento da besta ameaçadora.

Mas eles também cantaram o **cântico do Cordeiro**. Eles são vitoriosos com Cristo sobre todo o poder do inimigo. Para as pessoas da época de João, isso significava o imperador perseguidor. Para os cristãos de várias épocas, têm ocorrido muitas aplicações. No fim dessa era, será a vitória sobre o Anticristo.

O hino de adoração encontrado no restante do versículo 3 e no versículo 4 é composto quase que inteiramente de palavras e frases do Antigo Testamento (e.g., Sl 86.8-10; 111.2; 139.14; Am 4.13). Deus é louvado pelas suas obras maravilhosas. A frase **Rei dos santos** não recebe muito apoio dos melhores manuscritos. A escolha fica entre “Rei das nações” (Phillips) e “Rei das eras” (RSV).¹⁴⁵ O contexto pode favorecer levemente a frase “Rei das nações”, que é o que a besta afirmava ser. No fim, **todas as nações virão e se prostrarão diante de ti** (4). Porque os **juízos** (*dikaionomata*, atos justos) **são manifestos** (“se tornaram manifestos”, NVI).

c) *Os anjos emergentes* (15.5-8). João escreve: **E, depois disto** (gr., dessas coisas), **olhei** (“vi”, mesmo verbo que no v. 1), **e eis que o templo (santuário) do tabernáculo do testemunho se abriu no céu** (5). Aqui o autor de Apocalipse prefere a referência ao Tabernáculo — chamado de “tenda do Testemunho” (Nm 9.15) — em vez referir-se ao Templo posterior. O autor da epístola aos Hebreus faz a mesma coisa. Isso provavelmente ocorre porque seu plano foi dado por revelação divina.

Os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo. Eles estavam **vestidos de linho puro e resplandecente**, com **cintos de ouro**, como os sacerdotes no Templo.

Um dos quatro animais (“criaturas viventes”; veja comentários em 4.6) **deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus** (7). A palavra grega para **salvas**, *phiale*, é encontrada somente em Apocalipse (5.8; 15.7; 16.1-17; 17.1; 21.9). Ela significa “uma taça rasa, usada para derramar libações, etc”.¹⁴⁶ Outros significados atuais de **salva** podem induzir ao erro. Diversas traduções trazem “sete taças de ouro”.

Esse **Deus**, cuja **ira** será derramada sobre os rebeldes, é o **que vive para todo o sempre**. O autor de Hebreus adverte que “Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).

Nesse momento **o templo encheu-se com a fumaça da glória de Deus e do seu poder** (8). Swete observa: “Fumaça é um símbolo da Presença Divina no AT quando a majestade impressionante de Deus se manifesta”.¹⁴⁷ **Ninguém podia entrar no santuário até que se consumassem** (ou “completassem”) **as sete pragas** (cf. Êx 40.35; 1 Rs 8.10).

1. A Primeira Taça: Chaga (16.1,2)

João ouviu **uma grande voz**, vinda **do templo** (santuário). Uma vez que acabamos de ler (15.8) que ninguém podia entrar no santuário até que as pragas se consumassem, presumivelmente essa era a voz de Deus. Essa voz ordenou **aos sete anjos** que derramassem suas **taças da ira divina sobre a terra** (1). Quando o primeiro anjo esvaziou sua taça, **fez-se** (gr., sobreveio) **uma chaga má e maligna** (gr., *kakon kai poneron*) **nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem** (2). Essa é semelhante à sexta praga no Egito (Êx 9.10). **Má** significa “nociva” ou “prejudicial”. A palavra grega para **chaga** significa “abscesso” ou “úlcera”. Uma boa tradução da frase inteira seria: “úlceras repugnantes e malignas” (Phillips).

2. A Segunda Taça: Morte no Mar (16.3)

O segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto — como de um homem morto deitado em seu próprio sangue. O resultado foi que **toda alma vivente** (criatura) morreu **no mar**. Isso foi como a primeira praga no Egito (Êx 7.20) e a segunda trombeta (8.8,9). Mas, enquanto no Egito somente os rios e tanques foram afetados, aqui foi o mar. E enquanto somente um terço da vida no mar foi destruído pelo julgamento da segunda trombeta, agora toda alma vivente do mar morre. Tudo isso sugere que essas sete pragas derramadas das taças são finais e completas.

3. A Terceira Taça: Sangue (16.4-7)

E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue (4). Esse é um quadro ainda mais parecido com a primeira praga no Egito e é semelhante à terceira trombeta (8.11). Mas, enquanto o julgamento anunciado pela trombeta afetou somente uma terça parte do suprimento de água doce, aqui tudo é transformado em sangue.

A justiça divina nesse julgamento é vindicada pelo **anjo das águas** (5). Ele reconhece que Deus tinha o direito de usar as águas para o castigo dos pecadores. O melhor texto grego traz em lugar de **ó Senhor**, “o Santo”. A tradução correta então é a seguinte: “Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas” (ARA).

O motivo para essa justiça é que **como derramaram o sangue dos santos e dos profetas** (líderes cristãos), **também tu lhes deste sangue a beber** (6). A última frase: **porque disto são merecedores** (*axioi*) forma um contraste terrível com a mesma expressão em 3.4. A palavra *axios* literalmente significa “adequado”. O castigo é adequado ao crime.

João ouviu **outro do altar, que dizia** (7) — literalmente: “Ouvi o altar dizer”. Alford comenta: “Certamente, a compreensão mais simples dessas palavras é que elas envolvem uma personificação do altar. No altar estão as orações dos santos, oferecidas diante de Deus; debaixo do altar estão as almas dos mártires clamando por vingança: portanto, quando o altar fala, tem-se em mente o testemunho deles”.¹⁴⁸ O que o altar disse era um eco do cântico de Moisés e do Cordeiro (15.3-4).

4. A Quarta Taça: Calor Abrasador (16.8,9)

E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo (8). No caso da quarta trombeta uma terça parte do sol foi escurecida. Aqui parece que seu calor foi multiplicado, a ponto de as pessoas serem abrasadas por ele.

Nem sempre o julgamento divino produz arrependimento. Em agonia e dor, esses homens **blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória** (9). É uma coisa terrível considerar as pessoas na sua revolta completa e final contra Deus. No entanto, há muitas correntes em nossos dias que apontam para essa direção. Ou o sofrimento “amolece” as pessoas para o arrependimento ou as “endurece” para a rebeldia.

5. A Quinta Taça: Trevas (16.10,11)

E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens mordiam (“remordiam”, ARA) **a língua de dor** (10). Dessa vez, o julgamento acertou bem o coração do poder anticristão — o trono da besta. Novamente é declarado que as pessoas **blasfemaram do Deus do céu** (cf. Dn 2.44) por causa **das suas dores e por causa das suas chagas** — providas das pragas anteriores — **e não se arrependeram das suas obras** (11).

6. A Sexta Taça: Invasão (16.12-16)

Antes, quando a sexta trombeta soou (9.13), quatro anjos foram soltos do rio Eufrates e milhões de cavaleiros foram soltos por eles para a destruição. Encontramos um paralelo impressionante aqui. **O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente** (12). Nos dias de João isso significava uma invasão ameaçadora do Império Romano pelos partos. Para o fim desta era isso aparentemente significa um ataque maciço à Palestina de exércitos do Oriente.

João viu **três espíritos imundos, semelhantes a rãs** (13). Provavelmente há uma referência aqui à segunda praga no Egito (Êx 8.6). **Rãs** também foram incluídas entre os animais impuros na lei mosaica (Lv 11.10).

Esses espíritos saíram **da boca do dragão [...] da besta [...] do falso profeta**. A palavra grega para “espírito” é *pneuma*, cujo significado principal é “fôlego”. Esses

demônios são exalados da boca de Satanás e de seus colegas, da mesma forma que Jesus “assoprou” o Espírito Santo sobre os seus discípulos (Jo 20.22).

O **dragão** já foi identificado como “o diabo e Satanás” (12.9). A **besta** é claramente aquela que subiu do mar (13.1), mais tarde chamada de a “primeira besta” (13.12). A partir daí, ela é simplesmente chamada de “a besta” (13.14-18; 14.9, 11; 15.2; 16.2, 10). O **falso profeta** é inquestionavelmente a segunda besta, que subiu da terra (13.11). Ela está ligada à primeira besta em 19.20 (cf. 13.14) e 20.10. Esses três compõem o que às vezes é chamado de “a trindade do mal”, em contraste com a Santa Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo.

Os espíritos impuros são **espíritos de demônios** (*daimonion*), **que fazem prodígios** (14) — literalmente, “realizando sinais”. Nos tempos do Antigo Testamento os falsos profetas realizavam sinais como suposta prova do seu chamado divino (Dt 13.1-3). Cristo advertiu seus discípulos que esse tipo de homens surgiriam na Igreja (Mc 13.22). Um paralelo impressionante dessa passagem é encontrado em 2 Tessalonicenses 2.8-9: “e, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca [...] cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira”. Atos 13.6 menciona um “falso profeta” chamado Barjesus.

Os três demônios **vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso**. Que essas forças satânicas são responsáveis por muitas guerras é inquestionável. Swete observa: “Houve épocas em que nações foram dominadas por uma paixão por guerras, fato que os historiadores têm dificuldade em explicar. O vidente está antevendo esse tipo de situação, mas será uma época diferente de todas as outras, porque o mundo inteiro estará envolvido na guerra”.¹⁵⁰

Essas palavras de Swete foram escritas no início do século XX, antes das duas Guerras Mundiais do século mais sangrento na história humana. Meios modernos de comunicação e transporte tornaram possível à Terra toda se envolver na mesma guerra; na verdade, eles tornaram quase impossível isso *não* acontecer. Não é necessário muito discernimento profético para perceber que o cenário está sendo montado para o grande conflito global no fim desta era.

Lemos em 2 Pedro 3.10: “Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite”. E assim lemos aqui: **Eis que venho como ladrão** (15). Não há dúvida de que é Cristo que está falando aqui (cf. 3.3). Durante seu ministério terreno Ele havia anunciado essa advertência (Mt 24.42-44). Paulo repetiu a advertência (1 Ts 5.2). Agora ela aparece outra vez, seguida da seguinte expressão: **Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas**. Diferentemente dos gregos, os judeus consideravam uma desgraça trágica ser apanhado **nu**; isto é, não devidamente vestido. A aplicação espiritual é óbvia. Devemos colocar a veste da justiça de Cristo se queremos estar preparados para a sua vinda (cf. Mt 22.11).

Parece que esse versículo é um parêntese nessa passagem (cf. ASV). Jesus insere uma nota especial de advertência aos que lhe pertencem.

Agora a narrativa recomeça. **E** (“eles”,¹⁵¹ os três demônios impuros) **os congregaram** (os exércitos das nações) **no lugar que em hebreu se chama Armagedom** (16; Har-Magedon, ASV).

Esse nome próprio tem causado um ilimitado número de comentários. Charles escreve: “Nenhuma interpretação convincente tem sido dada a essa frase [*Har-Magedon*],

que provavelmente deveria ser traduzida por ‘as montanhas do Megido’¹⁵². A forma Armagedom (aspiração fraca no gr.) significa “a cidade de Megido”. Megido — a colina ainda pode ser vista hoje — se localizava na entrada de uma passagem famosa, dominando a planície de Esdraelom. Foi nessa planície que Débora e Baraque derrotaram os exércitos de Jabim, rei de Canaã (Jz 5.19,20). Faraó Neco matou Josias no “vale de Megido” (2 Cr 35.22; cf. Zc 12.11). Swete sugere: “Assim, Megido simboliza adequadamente a angústia mundial das nações na derrota dos seus reis na guerra final”.¹⁵³

7. A Sétima Taça: Destruição (16.17-21)

O sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito (17) — literalmente: “Está terminado”. Essa era a manifestação final da ira divina em castigar a rebelião humana.

O conteúdo da sétima taça produziu imensos distúrbios na natureza: **houve vozes, e trovões, e relâmpagos** (18). A ordem do melhor texto grego é: “clarões de relâmpagos e sons e ressoar de trovões” (NASB). Mas o fenômeno principal foi **um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto**. O primeiro século ficou conhecido pelos diversos terremotos violentos, mas esse será o pior de todos.

O resultado do terremoto foi que **a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram** (19). Simcox acha que este texto se refere à grande cidade de Jerusalém, citando Zacarias 14.4,5 como um paralelo.¹⁵⁴ Parece que Jerusalém é chamada de “grande cidade” em 11.8. Outros comentaristas (e.g., Swete, Charles, Lenski) entendem tratar-se da **grande Babilônia** que deve tomar o **cálice do vinho da indignação da sua ira** e cuja queda é descrita nos próximos dois capítulos. Parece impossível decidir dogmaticamente entre esses dois pontos de vista.

O terremoto foi tão violento que **toda ilha fugiu; e os montes não se acharam** (20). Algo semelhante ocorre em conexão com o sexto selo (6.14). É impossível dizer até que ponto essa linguagem deve ser tomada literalmente e até onde é figurada.

A última manifestação ocorreu na forma de uma **grande saraiva** (21). Essa é uma lembrança da sétima praga no Egito (Êx 9.24). Cada pedra de gelo pesava cerca de **um talento** — provavelmente “cerca de 35 quilos” (NVI). Mas os homens continuaram blasfemando de Deus, em vez de se arrependerem.

O *preterista* (veja Int., “Interpretação”) entende que essas sete pragas seriam derramadas sobre o Império Romano. O *futurista* faz a aplicação ao Anticristo (a besta) e seus seguidores no fim dos tempos.

Barnes, representando o ponto de vista *historicista*, considera esse capítulo uma descrição dos “sucessivos golpes que derrubarão o papado [a besta]”.¹⁵⁵ Ele interpreta a primeira taça como que referindo-se à Revolução Francesa; a segunda, a “uma série de desastres navais que derrotaram a frota da França e que demoliram por completo o poder naval mais temível que já foi preparado por uma nação debaixo do domínio papal”;¹⁵⁶ a terceira, à invasão da Itália por Napoleão; a quarta, às guerras na Europa após a Revolução Francesa; a quinta, ao ataque direto ao poder papal pelos franceses; a sexta, ao declínio do poder turco (o rio Eufrates secou). Ele acha, no entanto, que **Armagedom** (16) aponta para o futuro, de modo que o restante do livro ainda está por ser cumprido.¹⁵⁷

F. AS ÚLTIMAS SETE CENAS, 17.1—20.15

1. *A Mulher de Escarlata* (17.1-18)

A Babilônia já foi mencionada duas vezes e a sua condenação foi predita (14.8; 16.19). Finalmente nos é apresentado um ensaio geral desse evento apavorante. A descrição cobre dois capítulos (17—18).

O assunto do capítulo 17 se divide naturalmente em duas partes. Primeiro encontramos a visão (vv. 1-6) e então a interpretação (vv. 7-18).

a) *A visão* (17.1-6). **E veio um dos sete anjos** (1) que tinha sete taças e convidou João a vir e ver **a condenação da grande prostituta**. Esse termo insultuoso é aplicado à Babilônia quatro vezes nesse capítulo (vv. 1, 5, 15, 16), bem como em 19.2. **Muitas águas** significa muitas pessoas ou nações (cf. v. 15).

A grande prostituta é então descrita como alguém **com a qual se prostituíram os reis da terra** (2). As últimas três palavras estão na forma aoristo do verbo *porneuo*, derivado de *porne* (**prostituta**). As pessoas da terra **se embebedaram com o vinho da sua prostituição** (*porneia*). Os **reis** eram provavelmente reis vassalos do império. Swete diz: “A *porneia* da qual esses reis eram culpados consistia em comprar o favor de Roma ao aceitar sua suserania e, com ela, seus vícios e idolatrias”.¹⁵⁸

João foi então levado em espírito **a um deserto** (3) — talvez um lugar limpo e quieto de onde pudesse ver essa cena. Ele viu **uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia** (veja notas em 13.1, 5). Swete observa: “O Império emitia um cheiro fétido com a adoração blasfema dos imperadores”.¹⁵⁹ A besta **tinha sete cabeças e dez chifres**. Isso parece identificá-la com a besta que subiu do mar (13.1). O significado desses itens é explicado em 17.9-17.

A mulher estava esplendidamente **vestida de púrpura e de escarlata** (4). Tertuliano e Cipriano, do norte da África (em torno de 200 d.C.), usaram essa passagem para advertir os cristãos contra uma tendência excessiva para roupas suntuosas. Mais tarde, os autores protestantes encontraram aqui uma referência aos luxuosos mantos vermelhos dos cardeais da igreja católica.

A mulher também foi **adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas**. Esses eram os acessórios típicos usados pelas prostitutas ao exercer seu ofício, conforme a descrição de autores romanos daquela época. Ela **tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações** — “os cultos e vícios da vida romana”¹⁶⁰ — e **da imundícia da sua prostituição** com as nações do mundo.

Como era o costume das prostitutas romanas, ela tinha um nome **na sua testa**. Esse nome era o seguinte: **MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA** (5). O termo **mistério** deixa claro que se tem em mente um simbolismo aqui. Swete comenta: “A mulher montada na besta representa a (é o símbolo da) Babilônia, a Grande, enquanto a própria Babilônia é um nome místico para a cidade que é agora mestra do mundo. Sua personalidade ataviada e adornada com jóias e sua taça de abominações a tornam a prostituta-mãe da terra”.¹⁶¹ Não há dúvidas de que a identificação principal da Babilônia é com Roma. Entre os cristãos daquele tempo, a **Babilônia** foi usada como um nome místico para Roma, para evitar dificuldades.

João viu **que a mulher estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus** (6). A idéia de estar embriagada com sangue era familiar aos autores romanos. Os espetáculos de gladiadores tinham acostumado as pessoas a ter prazer no derramamento de sangue.

O vidente tinha sido convidado a observar o julgamento da grande prostituta. Em vez disso, ele a observou em seu imenso orgulho e poder. Assim, ele maravilhou-se **com grande admiração**. Obviamente, essa última palavra não se encaixa. O grego diz: “maravilhou-se com grande maravilha” ou “maravilhou-se muito”.

b) *A interpretação* (17.7-18). Observando a admiração na face de João, o anjo perguntou: **Por que te admiras?** (7) Então o anjo passa a explicar **o mistério**.

Ele disse: **A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo** (lit., está para emergir do abismo), **e irá à perdição** (8). A primeira referência foi a Nero, que **foi e já não é**. Evidentemente, João pensou no Anticristo com sendo um tipo de Nero novo, que surgirá do abismo (veja comentário em 20.1). Mas ele finalmente **irá à perdição**. Os habitantes do mundo serão envolvidos de **admiração**, aqueles **cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo** (cf. 13.8), **vendo a besta que era e já não é, mas que virá** (cf. 13.3).

Antes de dar uma explicação definitiva dos detalhes, o anjo disse: **Aqui há sentido, que tem sabedoria** (9; cf. 13.18). **As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada**. Essa é uma clara referência a Roma, que era celebrada igualmente por poetas e oradores como a cidade edificada sobre sete montes.

Mas essas sete cabeças também representam **sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo** (10). **E a besta, que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição** (11).

Inicialmente parece que a identificação desses reis seria uma questão simples. Mas, na verdade, tem ocorrido um debate considerável acerca desse assunto.

Alford entende os **cinco** que **já caíram** como sendo cinco impérios que foram inimigos de Israel: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. Aquele que **existe** ele identifica como Roma. O **outro** que **ainda não é vindo** é o Império Bizantino de Constantinopla. O **oitavo** é “o poder do anticristo derradeiro, prefigurado pelo pequeno chifre em Daniel e claramente anunciado por Paulo em 2 Tessalonicenses 2.3ss”.¹⁶²

Mas a maioria dos *preteristas* (veja Int., “Interpretação”) interpreta essa passagem como uma referência aos sucessivos imperadores romanos, embora nem sempre concordem nas identificações. Há, no entanto, uma concordância geral em relação aos **cinco** que **caíram**. Eles são Augusto (27a.C.—14d.C.); Tibério (14-37); Calígula (37-41); Cláudio (41-54); Nero (54-68). Três imperadores menores, que reinaram pouquíssimo tempo, são omitidos. Isso nos leva ao sexto, o que **é**, Vespasiano (69-79). E aquele que **ainda não é vindo**, Tito (79-81), que durou somente **pouco de tempo**. O **oitavo** é então Domiciano (81-96).

O problema com essa interpretação é que parece colocar o autor de Apocalipse no tempo de Vespasiano. Na Introdução mencionamos que a época provável da composição do livro de Apocalipse foi o reinado de Domiciano. Para resolver essa situação, alguns estudiosos, de maneira arbitrária, consideraram Domiciano aquele que **é**, e Trajano (98-117), aquele que **ainda não é vindo**. Para isso precisamos deixar de fora os dois impe-

radores flavianos, Vespasiano e Tito. Mas Domiciano também era flaviano. Felizmente, há uma concordância considerável em que o **oitavo** rei é o Anticristo. Muitos, no entanto, identificam o **oitavo** como Nero, porque ele é chamado de **a besta**.

Uma nova solução muito útil é oferecida por Rist. Ele sugere que os **cinco** são aqueles que foram divinizados oficialmente pelo Senado Romano. Esses seriam César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito. Domiciano seria então aquele que **é**, o imperador reinante. Aquele que **ainda não é vindo** seria “o Anticristo Nero”.¹⁶³

Barnes, como *historicista*, entende que **reis** se refere a sucessivas formas do governo romano: reis, côsules, ditadores, decênviros, tribunos militares e imperadores. Ele diz: “Desses, cinco tinham falecido na época em que João escreveu o Apocalipse; o sexto, o imperial, estava então no poder, e era do tempo de César Augusto”.¹⁶⁴ O **oitavo** é “o poder papal”.¹⁶⁵

É muito difícil apresentar uma interpretação *futurista* desses detalhes. Tudo que podemos dizer é que eles se referem a organizações e pessoas no fim desta era.

Os dez chifres são identificados como **dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta** (12). A figura é tirada de Daniel 7.24. Swete apresenta uma boa interpretação *preterista*: “Os ‘dez reis’ pertencem a um período que nos tempos de João ainda era remoto; eles pertencem, como a seqüência vai mostrar, aos últimos dias do Império Romano, e representam as forças, que, surgindo do próprio Império, como chifres da cabeça de uma besta, e perpetrando muitas das piores tradições do Império, usariam sua força contra Roma e promoveriam a sua derrocada”.¹⁶⁶

A aplicação *historicista* dada por Barnes é à vida curta dos governos que surgiram na Europa durante e depois das invasões germânicas da Itália.¹⁶⁷ Os *futuristas* enxergam uma confederação de dez reis no fim desta era, todos favoráveis ao Anticristo.

Essa última sugestão se baseia na declaração seguinte: **Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta** (13). Isso poderia, no entanto, referir-se aos reis vassalos do Império Romano. Barnes, o *historicista*, resolve esse problema mais difícil ao fazer a **besta** representar o papado, a quem todos dão apoio.

Essas marionetes da besta **combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá** (14). A figura do Cordeiro como Conquistador poderoso é um dos paradoxos impressionantes do livro de Apocalipse.

O Cordeiro é o **Senhor dos senhores e o Rei dos reis**. O primeiro líder de Israel, Moisés, declarou: “Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores” (Dt 10.17). Esse texto é repetido em Salmos 136.2-3. Em Daniel 2.47, Ele é chamado de “Deus dos deuses” e “Senhor dos reis”. Paulo fala do Pai como “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1 Tm 6.15). Mas o fato impressionante é que em Apocalipse esses títulos são aplicados ao Filho de Deus. A expressão aqui ocorre novamente em 19.16. Esses títulos tinham sido reivindicados pelos reis babilônicos. Mas o significado especial aqui é que Domiciano, o imperador reinante, era chamado de “Senhor e nosso Deus”. Para os cristãos, isso era pura blasfêmia. Somente o Cordeiro, o Senhor deles, era o Senhor de todos.

Os seguidores do Cordeiro são **chamados, eleitos e fiéis**. Isso oferece um excelente esboço para a pergunta: “O que é um Cristão?”. Ele é 1) chamado por Deus para a salvação; 2) escolhido por Deus, ao aceitar a salvação oferecida em Cristo; 3) fiel em obediência ao seu chamado e escolha.

O anjo agora apresenta mais uma explicação. **As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas** (15). “As águas sobre as quais a prostituta estava assentada (v. 1) representavam as inúmeras populações do Império”.¹⁶⁸ A relação desse versículo com o seguinte é explicada da seguinte forma por Swete: “A cidade-prostituta estava assentada à margem da inundação agitada [...] as raças políglotas do Império, o apoio e força dela no presente, mas se elas se insurgissem, como em alguma época futura pode ocorrer, seriam um instrumento certo e rápido de destruição”.¹⁶⁹

E assim lemos que os dez chifres da besta **aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo** (16). Com frequência, observamos um amor apaixonado se transformar subitamente em um ódio impetuoso. Isso não ocorre apenas com indivíduos (cf. 2 Sm 13.15), mas também com nações. Em nossos tempos tivemos a demonstração de Hitler voltando-se violentamente contra o seu aliado, a Rússia. Assim, os aliados de Roma se voltarão subitamente contra ela e a destruirão. A obra densa de E. Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire* (O Declínio e Queda do Império Romano), fornece uma documentação rica para a linguagem desse versículo.

Por que isso aconteceu? **Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento [...] até que se cumpram as palavras de Deus** (17). A palavra para **intento** é *gnome*, que normalmente significa “um meio de conhecer”. Mas aqui é usado no sentido de “propósito régio” ou “decreto”. A soberania divina cuidará para que o amor divino seja levado a cabo para o bem final da humanidade.

Finalmente, **a mulher** é identificada como **a grande cidade que reina sobre os reis da terra** (18). A referência a Roma por João não pode ser questionada.

2. A Queda da Babilônia (18.1-24)

Os capítulos 17 e 18 de Apocalipse estão estreitamente unidos. Ambos se referem à “grande Babilônia” (17.5; 18.2). No capítulo 17, a Babilônia é retratada como uma prostituta, vestida de maneira luxuosa, que se prostitui com os reis da terra (17.2). Essa mesma figura persiste nesse capítulo (18.3). Ao longo do capítulo, a Babilônia é tratada como “ela”. Seu nome bem pode significar “Madame Perversidade”.

a) **A condenação da Babilônia** (18.1-8). João viu **outro anjo** (1), talvez diferente de qualquer outro mencionado anteriormente, **descer do (ek) céu** (gr., descendo do céu), **que tinha grande poder** (*exousia*, autoridade), **e a terra foi iluminada com a sua glória**. Esse anjo possuía autoridade para executar a sentença que tinha pronunciado na Babilônia. E vindo do mundo glorioso, ele espalhava uma luz celestial radiante.

O anjo **clamou fortemente com grande voz**¹⁷⁰ [...] **dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia** (2). Exatamente, a mesma expressão é encontrada em 14.8 (veja comentário ali), repetindo Isaías 21.9. A cidade **se tornou morada de demônios, e abrigo (prisão) de todo espírito imundo, e refúgio** — “prisão”, a mesma palavra traduzida por **abrigo** — **de toda ave imunda e aborrecível** (detestável).

Uma condenação semelhante foi pronunciada à antiga Babilônia (Is 13.21-22) e foi literalmente cumprida. A Babilônia no Eufrates ainda está em ruínas, com animais selvagens e aves como seus habitantes. No entanto, Roma é uma das grandes capitais mun-

diais da atualidade. Pelo que tudo indica, a referência é à queda e desolação do Império Romano em vez de à cidade. Também pode haver uma alusão ao fato de que os templos pagãos de Roma foram finalmente abandonados pela conquista do cristianismo.

Essa é a visão *preterista* (veja Int., “Interpretação”). A interpretação *historicista* é dada por Barnes: “A idéia é de completa desolação; e o significado aqui é que a Babilônia espiritual — Roma papal (cap. 14.8) — será reduzida a um estado de completa desolação, assemelhando-se à desolação da Babilônia real”.¹⁷¹

Joseph Seiss apresenta uma interpretação *futurista*. Ele dedica dois longos discursos (pp. 107-58) buscando provar que a **Babilônia** de Apocalipse 17—18 é uma Babilônia literal que será reconstruída no antigo lugar às margens do rio Eufrates. Ele então apresenta dois discursos para descrever a queda dessa Babilônia restaurada na Mesopotâmia.¹⁷²

William Newell é um intérprete popular da visão *futurista*. Sua obra, *The Book of Revelation* (O livro de Apocalipse), foi publicada inicialmente em 1935 e estava na sua sexta edição em 1946. Sob o título: “O Que é a Babilônia”, ele escreve: 1) “A Babilônia é uma cidade literal junto ao rio Eufrates [...] antagônica ao povo de Deus, Israel”; 2) “Em seguida, a Babilônia é o mesmo sistema em outra cidade — Roma, e opondo o mesmo sistema idólatra aos santos de Deus da era da Igreja”; (3) “A forma final da Babilônia é a cidade literal no Eufrates, reconstruída como a capital dos últimos dias do Anticristo, opondo-se a Israel como o povo terreno de Deus, que será novamente reunido na sua terra (com a Igreja, é claro, tendo sido arrebatada)”.¹⁷³

Há duas, ou possivelmente três, interpretações razoáveis da **Babilônia** no livro de Apocalipse. Para os primeiros leitores de João, o termo significava inquestionavelmente a cidade de Roma. Não parece haver dúvidas de que os *preteristas* estão certos nesse aspecto. Os *historicistas* também podem estar certos em aplicar o termo ao papado, que ao longo do período da Igreja tem exigido uma sujeição mundial à sua autoridade.

E o que dizer acerca da visão *futurista*? Para nós a idéia de a Babilônia no Eufrates ser literalmente reconstruída no fim dessa era e se tornar o centro mundial do comércio parece forçada. De um ponto de vista meramente físico é quase inimaginável para uma cidade do interior ocupar uma posição como essa nos dias de hoje, embora admitidamente isso tivesse ocorrido com Roma nos tempos antigos.

Um ponto de vista mais razoável coloca a **Babilônia** como que representando uma confederação de poderes mundiais debaixo de um ditador no fim desta era. A forma dessa confederação ou aliança é um segredo conhecido somente por Deus. Especular a esse respeito é inútil.

As primeiras duas partes do versículo 3 são um eco de 14.8 e 17.2. Acrescenta-se aqui que **os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias**. Uma boa parte desse capítulo busca descrever o imenso comércio com Roma realizado pelos mercadores daqueles dias. A palavra grega para “mercador” é *emporos*. Ela inicialmente significava “um passageiro a bordo de um navio, alguém numa viagem”, e, mais tarde, “mercador”.¹⁷⁴ À parte de Mateus 13.45, ela é usada somente nesse capítulo. “Empório”, um lugar de comércio, vem de *emporion* (somente em Jo 2.16). **Abundância** é literalmente “poder” (*dynamis*). **Delícias** é uma palavra forte no grego (somente aqui no NT), significando “luxúria insolente”. A última parte desse versículo pode ser traduzida da seguinte maneira: “por meio da força da sua luxúria atrevida”

(cf. Phillips — “da extravagância da sua dissipação”). Há evidências de sobra a respeito do viver licencioso e luxuoso dos romanos prósperos no primeiro século.

Uma **outra voz do céu** (4) ordenou: **Sai dela, povo meu, para que não seas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas**. Há um eco aqui de advertências semelhantes nos profetas (cf. Is 48.20; Jr 50.8; 51.6). Há um sentido em que cada cristão é chamado da Babilônia (o espírito desse mundo) para seguir a Cristo. Na verdade, a palavra grega para “igreja”, *ecclesia*, significa uma assembléia de chamados para fora.

Esse versículo fala sobre o “Chamado para Sair”: 1) Quem deve sair — **povo meu**; 2) Como devemos sair — **não seas participante dos seus pecados**; 3) Por que devemos sair — **para que não incorras nas suas pragas** (castigo).

Os **pecados da Babilônia se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela** (5). O verbo **alcançou** literalmente significa “grudou”. A figura é de pecados acumulados até que fossem empilhados e alcançassem o céu. Acerca da palavra **lembrou** veja 16.19.

Os anjos do julgamento recebem a seguinte ordem: **Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado** (6). Há uma justiça básica no universo, fluindo do caráter santo de Deus, que exige que a justiça seja administrada a todos. **Retribuí-lhe em dobro** é um princípio escrito na lei de Moisés (Êx 22.4, 7, 9). Seu propósito era de agir como um meio de intimidação para o crime. Se um homem soubesse que só precisaria devolver o que tinha roubado, ele poderia arriscar; não havia nada a perder. Mas, se soubesse que teria de devolver o dobro, ele pensaria duas vezes. O termo **dobro** também é encontrado em Isaías 40.2 e Jeremias 16.18.

Em delícias esteve (7, “viveu em luxúria”) é um verbo (somente aqui e no v. 9) derivado do substantivo “delícias” ou “iguarias” (v. 3). Essa frase é mais bem traduzida por “viveu luxuosamente” ou “viveu sensualmente” (NASB). A primeira parte desse versículo pode ser traduzida assim: “Quanto mais ela se entregou ao orgulho e luxúria, tanto mais você deve dar a ela tortura e aflição” (Goodspeed). Esse princípio encontra uma aplicação vívida na história do homem rico e Lázaro (Lc 16.19-31).

A destruição da Babilônia virá subitamente: **num dia** (8). Ela incluirá a **morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo**.

b) *O lamento da terra* (18.9-19). Essa passagem apresenta muitas semelhanças com o pranto de Ezequiel sobre Tiro (Ez 27), uma cidade que era famosa pela sua marinha mercantil. Aqui é a Babilônia (Roma) que é o centro do mundo comercial.

Esta seção consiste em três hinos fúnebres entoados sobre a cidade destruída: 1) os reis (vv. 9-10); 2) os mercadores (vv. 11-16); 3) os proprietários de navios (vv. 17-19).

1) *Os reis* (18.9,10). Lemos que esses **reis da terra [...] chorarão e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio** (9). A segunda parte do versículo 9 recebeu a seguinte tradução: “que se depravaram e se perderam com ela” (Phillips). A palavra grega para **chorarão** sugere qualquer “expressão em voz alta de dor e tristeza, especialmente pelos mortos”.¹⁷⁵ **Prantearão** é literalmente “bater no peito de tristeza”. A palavra para **fumaça** é usada somente em Apocalipse (dez vezes), exceto em uma citação em Atos 2.19. Ela se encaixa bem nessas cenas dos julgamentos apocalípticos.

Como medo de serem apanhados no tormento da cidade, os reis ficarão **de longe** (10). Eles clamarão: **Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois numa hora veio o seu juízo.** A palavra grega para **juízo** é *crisis*. Essa era a hora da Babilônia, e ela significava desastre. Literalmente, *crisis* significa separação, seleção e, dessa forma, uma decisão.

2) *Os mercadores* (18.11-16). A reação dos **mercadores** é parecida. Eles **choram** (11) — mesmo verbo que “chorarão” (v. 9; veja comentário ali) — **e lamentam**. Mas o motivo é egoísta: **porque ninguém mais compra as suas mercadorias**. Roma era o mercado principal de produtos daquela época. Seu povo vivia de maneira luxuosa e exigia a melhor comida e roupa da Ásia e da África.

Uma longa lista de **mercadorias** (12) é apresentada. Ela consistia de metais e pedras preciosas, tecidos caros, madeira de lei, cosméticos de grande valor e uma variedade de animais domésticos.

A **seda** é mencionada somente aqui no Novo Testamento. Os conquistadores macedônios a tinham trazido do Oriente. Josefo diz que em um desfile triunfal de Tito em Roma, ele e Vespasiano estavam vestidos em mantos de seda e sentavam em cadeiras de **marfim**.¹⁷⁶ A **madeira odorífera** era importada do norte da África e muito valorizada pelas suas nervuras e variedade de cores. Pessoas ricas tinham uma mesa de jantar feita dessa madeira, com pernas de marfim. Um autor romano disse que os ricos voluptuosos não podiam desfrutar do seu jantar a não ser que sua mesa estivesse apoiada sobre um leopardo esculpido em mármore.

Acredita-se que o **cinamomo** (13) veio do sul da China. Ele era um cosmético caro usado em banquetes formais. A **flor de farinha** era importada para ser usada pelos ricos. O **trigo** vinha em grande parte de Alexandria, Egito (veja comentários em Atos 27.6, CBB, vol. VII).

Corpos (*somaton*) na Septuaginta quer dizer escravos. Deissmann diz: “Os tradutores gregos do AT encontraram o uso dessa palavra no Egito: os papiros do período dos ptolomeus apresentou um grande número de exemplos”.¹⁷⁷ É um comentário terrível acerca da falta de respeito pela personalidade humana chamar os escravos de “corpos”. **Almas** significa pessoas, como em Ezequiel 27.13 (“*persons of men*” na KJV — “pessoas de homens”; nas versões em português essa palavra é traduzida por “escravos”), em que ocorre a mesma frase grega (LXX). O mercado de escravos era o pior tipo de comércio daquela época. Uma grande porcentagem da população do Império Romano era composta de escravos. Acredita-se que no primeiro século havia três vezes mais escravos do que homens livres. Isso significaria que em meados daquele século deveria ter mais de vinte milhões de escravos na Itália.¹⁷⁸ Essa foi uma das causas do declínio e queda do Império Romano.

Uma tradução literal do versículo 14 seria: “Foram-se as frutas maduras do desejo da tua alma. Todas as coisas ricas e esplendorosas se desvaneceram de ti”. A palavra para **fruto** significa frutas do outono, prontas para ser colhidas. **Gostosas** provavelmente se refere à comida, **excelentes** a roupas vistosas e móveis caros. Tudo isso não seria mais desfrutado. O tempo dos Césares se foi para sempre.

Os mercadores estão **chorando e lamentando** (15) — os mesmos dois verbos do versículo 11. Esses mercadores ficaram ricos em Roma, mas agora o seu comércio lucrativo havia acabado. Eles clamam **Ai!** (16) pela cidade que chegou a exibir mais luxo do

que qualquer outra metrópole, o que se evidencia pelas suas roupas caras e jóias. **Porque numa hora** (cf. v. 10) **foram assoladas tantas riquezas** (16).¹⁷⁹

3) *Os proprietários de navios* (18.17-19). **E todo piloto, e todo o que navega em naus** — lit.: “e todo aquele que veleja para um determinado lugar”, — **e todo marinheiro** (somente aqui e em At 28.27, 30), **e todos os que negociam no mar** (lit.: “trabalham no mar”; isto é, ganham sua vida dessa forma) **se puseram de longe** (17). Como aconteceu com os reis (cf. v. 10), evidentemente eles estavam com medo de se aproximar. Eles clamavam: **Que cidade é semelhante a esta grande cidade?** (18). Roma parecia suprema, invencível. Mas ela foi devastada mais de uma vez no quinto século, quando o império chegou ao fim. Os pilotos tristes chegaram a ponto de lançar **pó sobre a cabeça** (19), como símbolo de grande tristeza. Semelhantemente aos reis (v. 10) e mercadores (v. 17a), eles lamentaram pela súbita destruição da Babilônia — **numa hora**.

c) *Regozijo no céu* (18.20). Em contraste com o choro e lamento dos reis, mercadores e pilotos na terra, o **céu** se regozija com a queda da Babilônia. **Santos apóstolos e profetas** aparece da seguinte forma no melhor texto grego: “os santos e os apóstolos e os profetas” — isto é, toda a Igreja. Finalmente, **Deus julgou a vossa causa quanto a ela**.

d) *A queda da Babilônia* (18.21-24). **Um forte anjo** (21) **levantou** o que parecia **uma grande mó e lançou-a no mar**. Ao fazê-lo, ele proclamou: **Com igual ímpeto** (i.e., como uma pedra que se move pelo ar) **será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada**. Swete observa: “A ação simboliza submersão, o desaparecimento final da Roma imperial pagã”.¹⁸⁰

A sociedade romana tinha se entregado à música, com muitos tipos de instrumentos tocados para o entretenimento dos ricos enquanto jantavam e bebiam. Mas tudo isso **não se ouvirá mais** (22). A metrópole tinha sido um lugar de muito trabalho, mas agora **nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti**. Geralmente, de manhã podiam-se ouvir as mulheres moer os grãos em cada casa com um pequeno moinho manual. Mas agora o **ruído de mó em ti se não ouvirá mais**. Nunca mais a **luz da candeia** (23) brilhará nessa metrópole, nem se ouvirá a **voz de esposo e de esposa**. Toda vida normal da cidade deixará de existir.

A relação das duas últimas frases desse versículo não está clara. As duas começam com **porque** (*hoti*), que pode significar tanto “de modo que” ou “porque”. A sugestão de Swete é provavelmente a melhor: “Nesse caso parece melhor entender o primeiro *hoti* como que regendo toda a frase, e o segundo, explicando o primeiro”.¹⁸¹ (A sentença deveria começar com o primeiro **porque**). O sentido, então, seria o seguinte: “Mercadores que podiam fazer de Roma o seu mercado, faziam parte da primeira classe, tornando-se regentes de mercado (vv. 3, 15), enquanto Roma de sua parte obteve uma influência de âmbito mundial que ela usou para o mal; por meio do seu tráfego com ela, todas as nações aprenderam a adotar seus falsos padrões de vida e adoração”.¹⁸²

A condenação da Babilônia foi justificada, porque **nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra** (24). É bem possível que essa frase deveria estar unida às duas frases do versículo 23, formando uma só oração. Aqui temos mais uma razão para a queda da Babilônia. Nero tinha derramado o

sangue de muitos cristãos depois do incêndio de Roma (64 d.C.). Domiciano tinha intensificado essa perseguição. Em certo sentido, Roma era culpada por todos os mártires cristãos do império (cf. o caso de Jerusalém, Mt 23.35).

3. *O Cântico do Triunfo* (19.1-10)

Essa seção está em forte contraste com o que foi descrito no capítulo anterior. O capítulo 18 termina com um hino fúnebre sobre a Babilônia e o anúncio de que já não se ouviria mais música nela. O capítulo 19 abre com um irromper de louvor.

a) *Os quatro aleluias* (19.1-6). Um aleluia não era suficiente. Como se fosse de uma série de corais antifônicos, quatro deles ressoavam nos espaços celestiais.

1) *O primeiro aleluia* (19.1,2). João ouviu **uma grande voz de uma grande multidão** (1). Eles estavam clamando: **Aleluia**. No Novo Testamento, essa palavra somente é encontrada nesse capítulo (vv. 1, 3, 4, 6). É a transliteração grega do hebraico *hallelujah*, que significa “Louvai ao Senhor!”. É melhor usar a forma hebraica mais familiar. O final “jah” é a abreviação de Javé. A palavra é encontrada no início ou no final de quinze Salmos. Os últimos cinco salmos iniciam e terminam com essa palavra. Na adoração cristã primitiva, ela era cantada pela congregação”.¹⁸³

Deus era louvado por sua **salvação** (cf. 7.10), e **glória**¹⁸⁴ [...] e **poder**. A razão para o louvor é declarada imediatamente: **porque verdadeiros e justos são os seus juízos** (2). Ao fazer justiça com a grande prostituta, Babilônia, Deus tinha trazido **salvação** à sua Igreja perseguida e **glória** a Ele mesmo, e ao mesmo tempo demonstrando o seu **poder**.

2) *O segundo aleluia* (19.3). Novamente a multidão celestial clamou: “Aleluia!”. Eles se regozijavam porque o grande inimigo do cristianismo tinha sido destruído: **E a fumaça dela sobe para todo o sempre**.

3) *O terceiro aleluia* (19.4,5). Dessa vez eram os **vinte e quatro anciãos** (4) e os **quatro animais** (criaturas viventes; veja comentários em 4.6), descritos em 4.4-11, que **adoraram a Deus. Amém e Aleluia** são duas palavras com pronúncia semelhante em todas as línguas. Podemos adorar com cristãos de uma dezena de línguas diferentes e sempre sentir o calor que vem ao ouvir essas duas palavras pronunciadas.

Uma voz gritou **do trono** (5): **Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes** (cf. SI 135.1, 20). Swete observa que **servos** “parece aqui abranger os cristãos de todas as faculdades intelectuais e posições sociais, e de todas as etapas de progresso na vida de Cristo [...] todos estão incluídos na convocação à ação de graças e estão aptos a participar dela”.¹⁸⁵

4) *O quarto aleluia* (19.6). Novamente João ouviu **como que a voz de uma grande multidão**. Essa frase é quase igual no grego à primeira parte do versículo 1 (cf. RSV). Mas no versículo 6 o autor acrescenta a seguinte nota: **e como que a voz (som) de muitas águas** — rebentação do mar, grandes quedas d’água — **e como que a voz (som) de grandes trovões**. Tudo isso realça a tremenda intensidade de som.

O clamor dessa vez era o seguinte: **Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina**. Essa é a confiança que mantém todo cristão firme na política caótica e confusa da terra. O primeiro coral louvou a Deus por destruir o poder mundial falso. Esse grupo se regozija no fato de que o Reino do Céu está agora estabelecido.

b) *As bodas do casamento do Cordeiro* (19.7-10). Embora fazendo parte do cântico, uma nova nota é entoada aqui: **porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa (noiva) se aprontou** (7). Sua prontidão é definida mais adiante como vestida **de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justças** (plural, “atos justos”; veja comentários em 15.4) **dos santos** (8). As pessoas normalmente falam que a “veste nupcial” (Mt 22.11-12) representa a justiça de Cristo. Mas **o linho fino** é a manifestação (vestes) dessa justiça entretecida que é desenvolvida diariamente no viver cristão. Swete diz que a expressão aqui (“os atos justos dos santos”, NASB) “é a soma dos atos santos dos membros de Cristo, produzidos neles pelo Espírito Santo, que compõem a vestimenta do seu Corpo místico”.¹⁸⁸

João foi instruído pelo anjo (cf. 17.1) a escrever: **Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro** (9). O Antigo Testamento retrata Israel como a noiva do Senhor (Is 54.6; Os 2.19). O Salmo 45, que muitos estudiosos judeus interpretam como sendo messiânico, celebra o casamento do Rei.

Jesus assumiu todo esse simbolismo e aplicou-o a si mesmo. Em Marcos 2.19, Ele claramente indica que Ele é o noivo (esposo). João identifica Jesus como o noivo, enquanto ele (João) era apenas um amigo (Jo 3.29). Paulo deu grande ênfase à Igreja como noiva de Cristo (2 Co 11.2; Ef 5.25-27). Agora João, o Revelador, ouve o anúncio de que finalmente as festividades do casamento deverão acontecer. A importância desse anúncio e a certeza do seu cumprimento são sublinhadas pela declaração seguinte do anjo: **Estas são as verdadeiras palavras de Deus**.

João queria **adorar** (10) esse ser celestial. Mas o anjo rapidamente o advertiu para não fazê-lo. O anjo disse: **sou teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus**; isto é, sou o conservo de todos os santos, porque todos servimos o mesmo Deus. Ele o admoestou: **adora a Deus**. Houve uma tendência à adoração de anjos nas igrejas da Ásia Menor em épocas posteriores. João já pode ter sentido esse perigo e assim relatou esse incidente como advertência contra essa heresia.

A última frase desse versículo é impressionante: **porque o testemunho de Jesus** — isto é, o testemunho acerca de Jesus — **é o espírito de profecia**. Isso parece significar que o teste de um verdadeiro espírito de profecia é que o profeta testemunhe de Jesus. Em outro texto, João adverte seus leitores a provar (testar) “se os espíritos são de Deus” (1 Jo 4.1).

4. *O Cristo Vitorioso* (19.11-21)

O coral celestial tinha proclamado acerca do Reino de Deus (v. 6). Agora o Filho de Deus é visto cavalgando em triunfo.

a) *A Palavra de Deus* (19.11-16). João viu **o céu aberto e um cavalo branco**. O cavaleiro foi chamado de **Fiel e Verdadeiro** (11). Esses termos são aplicados a Cristo em capítulos anteriores (cf. 1.5; 3.7, 14). **E julga e peleja com justiça**. Havia muita injustiça nos tribunais, como os cristãos perseguidos puderam perceber. Além disso, a maioria das guerras ocorreu por motivos egoístas, como muitas vezes ocorre em nossa época. Mas tudo que Cristo faz é feito **com justiça**.

Os seus olhos eram como chama de fogo (12; cf. 1.14; 2.18). Cristo é o Conquistador poderoso, diante de quem nenhum inimigo pode subsistir. **Sobre a sua cabeça**

havia muitos diademas. A palavra grega é *diadema*, significando uma coroa real. Os **muitos diademas** simbolizavam sua autoridade poderosa e autoridade mundial como Rei dos reis. Ele também **tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo**. Swete faz este precioso comentário: “Apesar da ajuda dogmática que a Igreja oferece, a mente é falha em entender o significado mais profundo da Pessoa de Cristo, que escapa de todo esforço para ser explicada em termos do conhecimento humano. Somente o Filho de Deus pode entender o mistério do seu próprio ser”.¹⁸⁷

O Conquistador **estava vestido de uma veste** (manto) **salpicada de sangue** (13). A referência é claramente a Isaías 63.1-3, a que os judeus mais tarde deram um significado messiânico. No entanto, esse não é o seu próprio sangue, mas sim dos seus inimigos, como a passagem de Isaías claramente mostra.

O Cavaleiro do cavalo branco é chamado de **a Palavra de Deus**. É um fato impressionante que João é o único que aplica o importante termo grego *logos* (**Palavra**) ao Filho de Deus. Ele faz isso nos seus três principais escritos (cf. Jo 1.1; 1 Jo 1.1). Esse é um dos muitos pontos que unem esses três em uma autoria comum. Jesus é a Palavra de Deus ao homem, a perfeita Expressão do seu caráter e vontade. (O termo *logos* significa um pensamento e então a expressão desse pensamento em uma palavra). O Cristo encarnado foi a Palavra final de Deus ao homem (Hb 1.1-2), a única Revelação perfeita do Pai.

O Conquistador foi **seguido** por um exército celestial **em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro** (14). Essa é a marca da pureza (cf. v. 8). Aqui o autor parece estar se referindo a um exército angelical.

Da sua boca saía uma aguda espada (cf. 1.16), **para ferir com ela as nações** (15). A **espada** é a sua Palavra (cf. Ef 6.17), que sai da sua boca. Ele **regerá** as nações **com vara de ferro**. O governo de Cristo deve ser absoluto. Assim deve ser em nosso coração, e um dia isso ocorrerá sobre toda a terra.

Esse Conquistador **pisa o lagar do vinho** (cf. 14.19) **do furor e da ira** — lit.: o furor (*thymos*) ardente da ira (*orge*) — **do Deus Todo-poderoso** (cf. 14.8, 10; 16.19). Essas são palavras solenes de advertência.

O nome que Jesus tem escrito **na veste** (manto) e **coxa** — a parte mais exposta do corpo — é **REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES** (16). Esses títulos já foram usados para o Cordeiro (17.14; veja comentários ali).

b) *A grande ceia de Deus* (19.17-21). João viu **um anjo que estava no sol** (17), de onde ele podia convocar do alto do céu todos os animais de rapina. Ele os convidou para a **ceia do grande Deus** — mais propriamente, como o grego claramente diz: “a grande ceia de Deus”.

A imagem do versículo 18 é tirada de Ezequiel 39.17-20. As vítimas da destruição vão desde **reis e tribunos** até **servos** (escravos) e homens **pequenos**. Swete observa: “A grande guerra entre Cristo e o Anticristo, que agora está prestes a entrar no seu estágio final, convoca seus recrutas de todas as classes, e na guerra não há aceção de pessoas”.¹⁸⁸

Então João viu **a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército** (19). Esse conflito é geralmente identificado como a batalha de Armagedom, quando o Anticristo e seus exércitos lutarão contra Cristo e seus exércitos e o Anticristo será derrotado. Essa batalha é colocada no final da Grande Tribulação.

Em relação a esse conflito, Swete faz a seguinte declaração: “Aqueles que prestam atenção às tendências da civilização não acharão impossível reconhecer que chegará um tempo quando em toda a cristandade o espírito do Anticristo vai realizar, com o apoio do Estado, um ataque final contra o cristianismo que é leal à Pessoa e ensino de Cristo”.¹⁸⁹

Essas palavras foram escritas no início do século XX. Mas elas são muito mais significativas hoje. Nunca antes na história das nações ocidentais houve um espírito tão amplo de revolta contra todos os padrões de decência e honestidade. Nunca antes líderes religiosos defenderam com tanta veemência não só uma “nova teologia” mas também uma “nova moralidade” que desfaz da lei de Deus e a percepção da sociedade do que é direito. O cenário está sendo rapidamente preparado para o fim dos tempos.

A besta e o falso profeta (20) são claramente identificados aqui como sendo as duas bestas do capítulo 13. A carreira deles chega agora a um fim repentino. Depois de serem capturados, **estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre**. Esse lago é identificado mais adiante em 20.14 (veja comentários ali).

Os seguidores do Anticristo **foram mortos** pelo Cristo conquistador, **e todas as aves se fartaram das suas carnes** (21). Que fim terrível para os homens orgulhosos e poderosos que se revoltaram contra Deus!

5. O Reino do Milênio (20.1-6)

João viu **descer** (lit.: descendo) **do céu um anjo que tinha a chave do abismo** (aqui significando lugar de castigo) **e uma grande cadeia na sua mão** (1). Acerca do “abismo” já foi comentado anteriormente (9.1-2, 11; 11.7; 17.8). A palavra ocorre novamente no versículo 3. Afora essa passagem no Apocalipse, essa palavra é encontrada (no NT) somente em Lucas 8.31 e em Romanos 10.7. Nesse último texto, “abismo” parece significar “o reino dos mortos”, mas nas ocorrências restantes, o “lugar de aprisionamento dos espíritos desobedientes”.¹⁹⁰ O anjo tinha **uma grande cadeia**, porque iria amarrar um grande inimigo, isto é, o próprio Satanás.

Satanás é aqui chamado de **o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás** (2). Exatamente os mesmos quatro nomes são usados para ele em 12.9 (veja comentários ali).

O arquiniimigo de Deus e dos homens é amarrado **por mil anos**. Essa expressão significativa é usada seis vezes em seis versículos (vv. 2-7).

A palavra grega para **mil** é *chilia*. Assim, aqueles que crêem em um reino literal de Cristo e seus santos na terra por mil anos são muitas vezes chamados de “*quiliastas*”.

A palavra latina para **mil anos** é *millennium*.¹⁹¹ Em relação ao significado desse termo há três interpretações principais. Os *pré-milenaristas*¹⁹² entendem que Cristo voltará *antes* do milênio e vai ele mesmo iniciar o seu reino de mil anos sobre a terra. Os *pós-milenaristas* acreditam que Cristo retornará *depois* que um milênio tenha ocorrido na Igreja. Os *amilenaristas* rejeitam a idéia de qualquer reino literal de Cristo na terra por mil anos.

Um exemplo típico dessa última interpretação é encontrado em Swete: “Mil anos, i.e., um longo período de tempo, uma longa época na história humana”.¹⁹³ Lenski define esse período de maneira mais precisa: “Esses mil anos se estendem desde a encarnação e a entronização do Filho (12.5) até a queda final de Satanás no inferno (20.10), que representa todo o período do Novo Testamento”.¹⁹⁴ Proponentes desse

ponto de vista ressaltam a idéia de que *todos* os números em Apocalipse deveriam ser entendidos de forma simbólica e não literal.

Satanás é retratado como sendo preso e selado como prisioneiro no abismo durante mil anos, **para que mais não engane as nações** (3). Mas, **depois importa que seja solto por um pouco de tempo**; ou seja, por um breve período. Lemos mais acerca disso nos versículos 7-10.

Agora vem uma descrição do reino do milênio. João viu **tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles** [...] (4). A figura aqui é tirada de Daniel 7.9, em que lemos: “foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou”. **Aqueles** aqui evidentemente se refere a Cristo e seus santos. **A quem foi dado o poder de julgar** é uma repetição de Daniel 7.22: “Até que veio o ancião de dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino”. **Julgar** evidentemente significa “o direito de julgar” (cf. 1 Co 6.2-3).¹⁹⁵

Então apareceram as almas dos santos martirizados (cf. 6.9). **Degolados** é ‘lit., ‘golpeado com machado’, o antigo modo romano de execução, após a condenação pelo magistrado supremo”.¹⁹⁶ Swete observa: “O vidente ainda tem em mente os mártires da sua época, as vítimas de Nero e Domiciano”.¹⁹⁷

E que (*kai hoitiness*) não adoraram a besta. Swete escreve: “*Kai hoitiness* introduz uma segunda classe de pessoas, os ‘confessores’, e outros que foram fiéis no período da perseguição, com uma referência especial àqueles que nos dias de João se negaram a adorar a César”.¹⁹⁸ Esses não foram necessariamente **degolados**. Eles haviam se recusado a adorar a besta ou receber seu **signal** (cf. 13.15-18; 14.9-11; 16.2; 19.20).

Todas essas pessoas **viveram e reinaram com Cristo durante mil anos**. Esse período geralmente é conhecido como o reino do milênio. **Cristo** (gr., *christos*) significa “o Ungido”. Isso espelha Salmos 2.2.

A respeito da última parte desse versículo, João Wesley comenta: “E eles viveram — suas almas e corpos unidos novamente. *E reinaram com Cristo* — não na terra, mas no céu. O ‘reinar na terra’, mencionado em Apocalipse 11.15, é completamente diferente disso”.¹⁹⁹ Wesley também apresenta uma interpretação um tanto curiosa, a saber: “dois milênios distintos são mencionados ao longo dessa passagem [...] o milênio no qual Satanás é amarrado (vv. 2, 3, 7); o milênio no qual os santos reinarão (vv. 4-6)”.²⁰⁰ O primeiro precede o segundo cronologicamente. Wesley acrescenta: “Durante o primeiro milênio, as promessas concernentes ao estado próspero da Igreja (Ap 10.7) serão cumpridas; no segundo milênio, enquanto os santos reinam com Cristo no céu, as pessoas da terra estarão despreocupadas e seguras”.²⁰¹

O relato continua dizendo que **os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição** (5) Geralmente, entende-se desse versículo que a ressurreição dos justos ocorrerá antes do milênio, enquanto a ressurreição dos ímpios ocorrerá depois do milênio (cf. vv. 7, 13). Essa interpretação tem sido, e continua sendo, fortemente combatida por muitos comentaristas devotos e estudiosos. Desde a época de Agostinho, que foi influenciado contra o milenarismo por Jerônimo, os teólogos da igreja católica romana têm geralmente defendido a idéia de que a primeira ressurreição significa uma ressurreição dos mortos do pecado para uma vida de justiça. Simcox opõe-se a essa interpretação espiritualizada. Ele entende que, uma vez que uma ressurreição literal é reconheci-

damente indicada no versículo 12, assim aqui “qualquer interpretação que não seja a literal parece exposta a insuperáveis dificuldades exegéticas”.²⁰²

Aquele que tomar parte na primeira ressurreição é **bem-aventurado e santo** (6). Wesley traduz essa frase por “feliz e santo” (veja comentários acerca de **bem-aventurado** em CBB, vol. VI). Esse texto pode sugerir: “A Felicidade dos Santos”: 1) **sobre estes não tem poder a segunda morte**; 2) **Eles serão sacerdotes de Deus e de Cristo**; 3) **Eles reinarão com ele mil anos**.

Acerca do significado da **segunda morte** veja os comentários no versículo 14 (abaixo). A combinação **de Deus e de Cristo** implica fortemente a divindade co-igual do Pai e do Filho. A idéia de que os crentes são **sacerdotes** já ocorreu em Apocalipse (cf. “reis e sacerdotes”, 1.6; 5.10). Aqui os sacerdotes também **reinarão**. Sacerdócio e realeza — que privilégio para aqueles que seguem a Cristo!

6. A Batalha de Gogue e Magogue (20.7-10)

Esse evento geralmente é distinguido da batalha do Armagedom, que ocorre antes do milênio (19.19-21). Lá o líder do exército inimigo é o Anticristo; aqui é Satanás. Lemos: **E acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão** (cf. vv. 1-3) **e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha** (7-8).

Os termos **Gogue e Magogue** vêm de Ezequiel 38—39.²⁰³ O profeta recebe a ordem de dirigir o rosto “contra Gogue, terra de Magogue”, declarando em nome do Senhor: “Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe e chefe de Meseque e de Tubal” (Ez 38.2-3). Isso sugere que **Gogue** é o governante e **Magogue**, o território. Josefo entende que Magogue em Ezequiel são os citas,²⁰⁴ que surgiram na Ásia em 630 a.C., pouco antes de Ezequiel escrever a sua profecia. Antes da época de Cristo, no entanto, **Gogue e Magogue** representavam diferentes nações. Charles diz: “No segundo século a.C., essa invasão da Palestina pelos dois povos, Gogue e Magogue, era claramente esperada”.²⁰⁵ Os escritos rabínicos fazem referências freqüentes a **Gogue e Magogue** como nações que marcharão contra o Messias. Com referência ao uso desses nomes no livro de Apocalipse, Charles escreve: “Os termos ‘Gogue e Magogue’ incluem todos os incrédulos da terra”.²⁰⁶

A expressão **Gogue e Magogue** tem sido aplicada algumas vezes à Rússia de hoje. É verdade que o antigo povo de Magogue provavelmente esteve localizado, pelo menos em certo momento, a sudeste do mar Negro. Mas a identificação com a Rússia moderna não tem um fundamento seguro. Alguns têm identificado *rosh*, a palavra hebraica para “chefe” em Ezequiel 38.3, com a Rússia, e Meseque com Moscou. Mas essa é uma exegese extremamente fantasiosa, sem fundamento etimológico.

Um fato simples mas significativo é, com freqüência, negligenciado. No versículo 8, **Gogue e Magogue** estão em oposição com **as nações que estão sobre os quatro cantos da terra**. As duas expressões referem-se aos exércitos inimigos reunidos de todos os lugares para a batalha. Portanto, dizer que Gogue e Magogue representam a Rússia é negar a clara instrução das Escrituras.

Esses exércitos inumeráveis (cf. v. 8) **subiram sobre a largura da terra** (9). A mesma palavra grega (*ge*) significa **terra** e “país”. Nesse caso refere-se provavelmente à terra de Israel, coberta pelos exércitos invasores. Isso é sugerido pela afirmação seguinte de que **cercaram o arraial dos santos e a cidade amada** (Jerusalém). **Mas des-**

ceu fogo do céu e os devorou (cf. Ez 39.6). No tempo oportuno, Deus pode sem muito esforço destruir os inimigos do bem.

O clímax foi que **o diabo, que os enganava** (cf. v. 8), **foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta** (cf. 19.20); **e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre** (10). A última frase também pode ser traduzida como: “pelos séculos dos séculos”, que é “a expressão mais forte possível para a perpetuidade absoluta que a linguagem bíblica fornece”.²⁰⁷

7. O Grande Trono Branco (20.11-15)

O **trono** de julgamento era **branco** (11), simbolizando a absoluta pureza do Juiz. **O que estava assentado sobre ele** se refere ao Pai ou ao Filho? Paulo declara que “todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo” (2 Co 5.10), e “todos havemos de comparecer ante o tribunal de Deus” (Rm 14.10, melhor texto grego). Foi o próprio João que registrou as palavras de Jesus: “E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo” (Jo 5.22). Mas ele também registrou o seguinte: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Nesse caso, pensa-se que o Juiz é Deus (cf. v. 12).

De cuja presença fugiu a terra e o céu. Swete comenta: “A não-eternidade do estado ou natureza exterior é ensinada no AT [...] e o NT confirma essa doutrina”.²⁰⁸ No entanto, ele acrescenta: “Somente o estado exterior do mundo deve ser mudado e não a sua substância ou material”.¹⁰⁹ Da **terra** e do **céu** (físico) é dito o seguinte: **e não se achou lugar para eles** (cf. 12.8; Dn 2.35).

Então João escreve: **E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros** (cf. Dn 7.10) — o arquivo da vida dos homens é manifesto — **E abriu-se outro livro, que é o da vida** (cf. 3.5; 13.8) — “a lista dos cidadãos vivos da Nova Jerusalém”.²¹⁰ O julgamento era baseado nas **coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras** (cf. Mt 16.27; Rm 2.6).

O que geralmente se entende como “a ressurreição geral” é descrito com estas palavras: **E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno** (*Hades*, a sepultura) **deram os mortos que neles havia** (13). Os gregos e romanos, bem como os judeus, colocavam grande ênfase no enterro do próprio corpo. Era, portanto, considerado uma grande desgraça estar perdido ou ser enterrado no mar. Hades era o nome para o lugar de espíritos de pessoas mortas (veja comentários em 1.18; 6.8). Swete observa: “A morte e o Hades formam um par inseparável [...] representando os dois aspectos da morte, o fato físico e sua consequência espiritual”.²¹¹

Não tem como escapar do julgamento. Lemos que **cada um** foi julgado de acordo com as suas obras. Hebreus 9.27 afirma: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo”. Nesta vida não há nada mais certo do que a morte. Cada pessoa deve morrer em dado momento. Mas, tão certo quanto a morte é o julgamento.

Finalmente, **a morte** (cf. 1 Co 15.26) **e o inferno** (*Hades*) **foram lançados no lago de fogo** (14). Essa declaração mostra claramente que é errado traduzir a palavra grega *hades* por **inferno**. Porque “inferno” é o termo geralmente usado para o tormento eterno. Mas aqui **lago de fogo** é o lugar de tormento (cf. v. 10), e o *hades* é lançado nele. O **lago de fogo** é então definido como **a segunda morte** (cf. 2.11; 20.6; 21.8). Isso é morte eterna — não aniquilação, mas separação para sempre de Deus e de todo bem.

A declaração final no registro do tempo de João é esta: **E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo** (15). O significado dessa advertência séria dificilmente pode passar despercebido. O visto de entrada para o céu é indicado claramente: ter o nosso nome escrito no livro da vida. Isso significa aceitar a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Manter o nome nesse livro exige que sejamos vencedores (3.5). Em última análise, essa é a única coisa que realmente importa.

G. A NOVA JERUSALÉM, 21.1—22.21

1. *Um Novo Céu e uma Nova Terra* (21.1-8)

Uma mudança surpreendente de tópico ocorre nesse momento. Começando com a abertura dos sete selos (cap. 6), vimos quase que exclusivamente apenas desordem e tribulação, julgamento e morte. Agora, um novo e eterno estado é apresentado; o velho passou para sempre.

a) *As coisas antigas já passaram* (21.1-4). João viu **um novo céu e uma nova terra** (1). Já lemos que “fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles” (20.11). Isso é reiterado aqui: **Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram. Céu** aqui não significa o lugar eterno de Deus, mas o espaço astronômico que o homem está agora preocupado em explorar com telescópios e naves espaciais.

O conceito de **um novo céu e uma nova terra** é encontrado no Antigo Testamento. Isaías profetizou em nome do Senhor: “Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão” (Is 65.17). Pedro também faz referência a isso (2 Pe 3.13).

A palavra para **novo** não é *neos*, que descreve algo “que veio a existir recentemente”, mas *kainos*, que ressalta “qualidade, o novo, como contrastando com o que é desfigurado pelo tempo”.²¹² Tudo precisava ser completamente novo.

Pode parecer estranho o acréscimo da seguinte frase: **e o mar já não existe**. Mas para os antigos, sem bússolas ou outros instrumentos modernos de navegação, o oceano causava grande terror. Para muitos, o mar era um lugar de morte (cf. 20.13). Especialmente para João ele significava separação de casa e dos seus companheiros cristãos da Ásia Menor. Na nova ordem, não haverá nem morte nem separação.

O relato continua: **E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido** (2). A **nova Jerusalém** toma o lugar da antiga “Babilônia” (caps. 17—18) como a grande metrópole. Jerusalém já tinha sido mencionada como uma cidade “que desce do céu, do meu Deus” (3.12).

Para o povo antigo do Oriente, não havia nada mais bonito do que **uma esposa ataviada para o seu marido**. Anteriormente, João tinha escrito que a esposa do Cordeiro havia se aprontado (19.7). Agora, ele vai vê-la em toda a sua glória. A descrição das suas vestes ornamentais já começa em 19.8. Uma das características do livro de Apocalipse é a menção por antecipação daquilo que mais tarde é descrito em detalhes.

João ouviu um anúncio importante: **Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará**

com eles e será o seu Deus (3). Esse é um claro paralelo com Levítico 26.11,12; Jeremias 31.33; Ezequiel 37.27; Zacarias 8.8. Há, no entanto, uma mudança significativa. Na Septuaginta, em cada uma dessas passagens do Antigo Testamento encontramos a palavra *laos*, “povo”. Mas aqui em Apocalipse, o povo é chamado de *laoi* (plural). O povo de Deus não era formado apenas por Israel, mas pelos povos redimidos de todas as nações.

Tabernáculo é *skene*. **Habitará** é *skenosei* — literalmente, “habitará no tabernáculo”. No deserto, o Tabernáculo sempre era montado no centro do acampamento de Israel. A *Shekinah* no Santo dos Santos do Tabernáculo era o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Agora Cristo é o “verdadeiro tabernáculo” (Hb 8.2), ou o “maior e mais perfeito tabernáculo” (Hb 9.11). Ele é Emanuel, “Deus conosco” (Mt 1.23). A figura que João vê aqui é a obra completa da redenção comprada por Cristo por um preço tão elevado. O propósito final disso tudo era que homens redimidos pudessem viver para sempre na presença do seu Criador.

Ele é “o Deus de toda consolação” (2 Co 1.3). Assim é dito nessa passagem: **E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas** (4). Muitas vezes tem sido ressaltado que muitas coisas que têm o seu início nos três primeiros capítulos de Gênesis têm o seu fim nos últimos dois capítulos de Apocalipse. Um exercício muito produtivo é fazer uma lista de todas as coisas que **não haverá mais**, e então ver quantas dessas coisas podem ser encontradas em Gênesis 1—3.

b) *Todas as coisas novas* (21.5-8). A declaração veio daquele que estava assentado sobre o trono: **Eis que faço novas todas as coisas** (5). Swete observa: “O Narrador é agora, provavelmente pela primeira vez em Apocalipse, o próprio Deus”.²¹³ Ele já tinha dito por intermédio de Isaías: “Eis que farei uma coisa nova” (Is 43.19). Mas isso se aplicava somente à nação, agora inclui todo o universo.

João recebe a ordem para escrever: **porque estas palavras são verdadeiras e fiéis**. Isso é repetido em 22.6. Essa frase é parecida com o que João escreve no seu Evangelho: “Na verdade, na verdade”.

Está cumprido (6) é literalmente: “Elas se cumpriram”. A mesma expressão ocorre em 16.17, mas lá o verbo está no singular, “Está cumprido”. Pelo que tudo indica, aqui o sujeito é “todas as coisas” feitas novas. Nos dois casos, a ênfase está nas profecias cumpridas. **O Alfa e o Ômega** é repetição de 1.8 (veja comentários lá). O significado disso é expresso como: **o Princípio e o Fim** (*telos*, alvo). Deus é o Criador e o Alvo da vida. Paulo expressou a mesma idéia em Romanos 11.36: “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas”.

Uma promessa maravilhosa é oferecida: **A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida**. Swete observa: “A Fonte e o Fim de toda vida é o generoso Doador da vida em sua mais completa perfeição”.²¹⁴ Quando Deus dá — e Ele está sempre dando — Ele o faz generosa e gratuitamente.

Quem vencer (7) nos lembra da promessa feita ao vencedor em cada uma das cartas às sete igrejas (2.7, 11, 17, 26; 3.5, 12, 21). Aqui a promessa inclui todas as outras: **herdará todas as coisas**. O melhor texto grego traz: “essas coisas”; isto é, as coisas da nova criação que João tem considerado. Todas as bênçãos do novo céu e da nova terra pertencem ao que vence. A salvação inicial não é suficiente. Aquele que perseverar até o fim será salvo e desfrutará das bênçãos eternas que a salvação traz (Mt 10.22).

O verbo **herdará** ocorre somente aqui em Apocalipse. Dalman insiste que uma tradução melhor é “tomará posse de”, e observa que “possuir o próprio eu da era futura” era uma expressão judaica popular.²¹⁵ Mas a ênfase de Paulo de que o cristão, como filho, é um “herdeiro de Deus” (Rm 8.17; Gl 4.7), favorece a tradução costumeira aqui. Porque a voz continua: **e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.**

Segue então uma lista considerável daqueles que terão **a sua parte [...] no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte** (8; cf. 20.14). Devemos destacar que a lista é encabeçada pelos **tímidos**. A palavra grega (*deiloi*) significa (covardes). Swete diz que eles são “membros da Igreja que, como soldados que voltam as suas costas para o inimigo, fracassam diante da prova [...] os covardes [...] no exército de Cristo”.²¹⁶ O segundo da lista são os **incrédulos**, que também podem ser interpretados como os “infiéis”. Esses dois estão arrolados com os mais vis pecadores — uma advertência muito séria.

2. A Nova Jerusalém (21.9—22.5)

A descrição da nova Jerusalém estende-se pelo restante desse capítulo até o início do seguinte. Ela é um quadro pintado com cores vivas e tem despertado a imaginação de muitos.

a) *A noiva gloriosa* (21.9-14). **E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias [...] e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei** (9). Tudo isso é repetição textual (no grego) de 17.1. Lá era a grande prostituta que o anjo mostrou a João; aqui é a noiva pura do Cordeiro. A semelhança da fórmula introdutória somente serve para ressaltar o contraste impressionante entre as duas visões.

João foi levado **em espírito** (cf. 1.10; 4.2; 17.3), — não no corpo — **a um grande e alto monte** (10); isto é: ele foi elevado em espírito para que pudesse observar em detalhes essa visão maravilhosa. Lá ele viu **a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu** (cf. v. 2). O fato de essa Jerusalém ser identificada como **a esposa** (noiva), **a mulher do Cordeiro** (9), não nos deixa interpretá-la literalmente. O que segue é uma representação simbólica da beleza e glória da noiva de Cristo refletida na imagem do seu lar — a cidade eterna de Deus.

A esposa (noiva) é descrita como tendo **a glória de Deus** (11). Isso nos lembra as palavras de Paulo em Efésios 5.27: “para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa”. Assim será a noiva de Cristo nas bodas do Cordeiro (cf. 19.7, 9). **A glória de Deus** é sua presença *Shekinah* no meio do seu povo. Toda verdadeira glória que temos é derivada dele.

Agora é feita uma tentativa de descrever, em termos materiais, algo da beleza espiritual da noiva. João diz que a **sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente**. A combinação das duas últimas frases tem causado alguma dificuldade aos comentaristas porque a **pedra de jaspe** moderna não é transparente. Simcox escreve: “Embora a pedra de jaspe seja a mesma palavra no hebraico, grego, latim e outras línguas modernas, parece que ela mudou sua aparência. A mais preciosa pedra de jaspe era uma calcedônia verde escura bastante transparente. Nossa pedra de jaspe fosca, a vermelha pura, a verde e negra pura, eram todas usadas na gravação”.²¹⁷ Tudo que podemos dizer é que essa pedra de jaspe era de grande valor e brilhante.

A cidade tinha **um grande e alto muro com doze portas** (12), guardadas por **doze anjos, e nomes escritos sobre elas** (i.e., nas portas), **que são os nomes das doze tribos de Israel**. Havia **três portas** (13) em cada um dos quatro lados da cidade. Grande parte dessa descrição é bastante parecida com o que lemos em Ezequiel acerca da nova Jerusalém (Ez 48.31-34). Em relação às **doze tribos**, Swete diz: “O objetivo do vidente em relação às tribos é simplesmente defender a continuidade entre a Igreja cristã e a Igreja do AT”.²¹⁸

O muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (14). Jesus disse aos seus apóstolos: “também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28). Paulo escreveu que a Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Ef 2.20). O simbolismo **das doze tribos de Israel** (12) e dos **doze apóstolos do Cordeiro** (14) aponta para a nova Jerusalém.

b) *As dimensões da cidade* (21.15-21). O homem que falou com João **tinha uma cana (vara) de ouro para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro** (15). **A cidade estava situada em quadrado; na verdade, o seu comprimento, largura e altura eram iguais** (16). Essa cidade estava no formato de um cubo perfeito, como era o Santo dos Santos no antigo Tabernáculo. Isso talvez sugira a perfeição e santidade da Igreja. A medida era de **doze mil estádios** (*stadia*), que equivale a aproximadamente 2.260 km. Alguns acreditam que esse número representa a circunferência da cidade. Mas a maneira mais natural seria aplicar esse número a cada medição.

O muro media **cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a de um anjo** (17; “segundo a medida humana que o anjo estava usando”, NVI). Um **côvado** representava meio braço, cerca de 45 centímetros. Assim, essa medida seria de cerca de 65 metros. Uma vez que a altura da cidade já foi apresentada, é possível que essa medida se refira à espessura do muro. De acordo com o historiador grego Heródoto (i. 178), a antiga cidade da Babilônia tinha muros de 90 metros de altura e 23 metros de espessura.

E a fábrica do seu muro era de jaspe (18). O grego para **fábrica** é uma palavra rara, *endomesis*, encontrada somente aqui (no NT). Uma vez que o verbo *endomeo* significa “construir para dentro”, parece que o sentido aqui é que o muro tinha jaspe “embutido” nele. Lenski traduz essa frase da seguinte forma: “A introdução do jaspe tornou o muro mais brilhante como uma pulseira adornada com diamantes”.²¹⁹

Também lemos que **a cidade era de ouro puro, semelhante a vidro puro** — “i.e., ouro que resplandecia com um brilho semelhante a um vidro altamente polido”.²²⁰ João pode ter pensado na abóbada de ouro do Templo, como a havia visto brilhando à luz do sol. Josefo escreveu: “A parte exterior na fachada do templo [...] era toda coberta com lâminas de ouro de grande valor, e, ao nascer do sol, refletia um brilho impressionante”.²²¹

Em seguida, temos uma descrição dos **fundamentos do muro da cidade** (19). Eles **estavam adornados** (*cosmeo*, de onde vem a palavra “cosmético”) **de toda pedra preciosa**. Segue então uma lista das doze pedras que descreviam os doze fundamentos (vv. 19-20). Oito dessas pedras constavam entre as doze pedras do peitoral do sumo sacerdote que ministrava no Tabernáculo (Êx 28.17-20).

R. H. Charles ressalta o fato de essas doze pedras no livro de Apocalipse serem exatamente as mesmas que eram encontradas nos monumentos egípcios e árabes e que estão conectadas aos doze sinais do zodíaco — mas em ordem reversa.²²² Ele sugere que João entende que “a Cidade Santa que ele descreve não tem nada que ver com as especulações pagãs da sua época e de épocas passadas referentes à cidade dos deuses”.²²³ Isto é, a nova Jerusalém é a verdadeira Cidade de Deus.

Um outro aspecto impressionante da cidade era que suas **doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola** (21). Assim, o escritor busca descrever, em linguagem humana, a beleza magnífica da Igreja glorificada. A **praça** (lit.: caminho largo) **da cidade** também era **de ouro puro, como vidro transparente**. João está estendendo a capacidade da linguagem finita para descrever o indescritível. Mas ele não se delonga com esse pensamento; ele então descreve a maravilha da contínua presença de Deus na cidade. Demorar-se demais na idéia de caminhar em ruas de ouro na vida futura é malograr a verdadeira glória de viver na presença de Deus. Essa atitude mostra uma mente materialista, não espiritual.

c) *A luz da cidade* (21.22-27). João não viu um **templo** (22) na nova Jerusalém. Ela não precisa, **porque o seu templo é o Senhor, Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro**. O Templo era um lugar de encontro entre Deus e o homem. Mas na nova Jerusalém, Deus sempre está presente para aqueles que estão lá, e assim nenhum templo é necessário. Sua presença eterna torna toda a cidade um santuário.

Além disso, **a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada** (23). Exceto a última frase, esse versículo é um reflexo de Isaías 60.19: “Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o SENHOR será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória”. No Novo Testamento, não temos apenas a afirmação “Deus é luz” (1 Jo 1.5), mas também as próprias palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”.

Essa luz brilhante irradia por toda parte. Lemos: **E as nações**²²⁴ **andarão à sua luz** (24). Isso se cumpriu parcialmente ao longo da era cristã, tal como a Igreja tem sido uma luz para as nações. Infelizmente, na história da Igreja na terra houve algumas épocas sombrias. O mesmo não se pode dizer da Igreja glorificada, a nova Jerusalém. Lá tudo é luz. **E os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra**. O versículo 26 é praticamente uma repetição do versículo 24b. Essa predição foi parcialmente cumprida na era da Igreja.

As **portas** dessa cidade **não se fecharão de dia** (25; cf. Is 60.11). Uma vez que **ali não haverá noite**, isso significa que as portas da nova Jerusalém sempre estarão abertas. Da mesma forma, as portas do Reino estão totalmente abertas hoje para aqueles que querem entrar por elas.

Mas, embora as portas estejam sempre abertas, **não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro** (27). Na Septuaginta, as palavras gregas para **abominação** e **mentira** são usadas para ídolos. Não haverá idolatria, material ou imaterial, no céu. Somente Deus será amado e adorado. Somente aqueles cujos nomes estão no livro da vida podem entrar na nova Jerusalém.

d) *O rio da vida* (22.1-5). João viu o **rio puro**²²⁵ **da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro** (1). A figura é tirada de Ezequiel 47.1-12. Ali as águas corriam do Templo. Aqui elas vêm do trono.

De uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida (2). Na visão de Ezequiel, “à margem do ribeiro havia uma grande abundância de árvores, de uma e de outra banda” (Ez 47.7). Mas aqui é a **árvore da vida**. Essa frase nos leva de volta ao jardim do Éden (Gn 2.9). Ali o ser humano pecou e foi expulso do paraíso, para que não tivesse mais acesso à árvore da vida (Gn 3.24). Mas na nova Jerusalém, os redimidos a encontram crescendo em abundância.

Essa árvore produzia **doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações**. Ezequiel escreveu acerca de toda sorte de árvore à beira do rio que “nos seus meses produzirá novos frutos [...] e a sua folha, de remédio” (Ez 47.12).

Na nova Jerusalém **nunca mais haverá maldição** (3). A palavra grega não é a habitual *anathema*, encontrada diversas vezes no Novo Testamento, mas *katathema*, que ocorre somente aqui. Behm diz que essa é “provavelmente uma forma mais severa de *anathema*”.²²⁶ Ela significa uma “coisa amaldiçoada”. Glasson diz: “Esse aspecto talvez lembre Gênesis 3.17-18. Depois da Queda [...] uma maldição foi imposta; espinhos e cardos começaram a crescer [...] Agora a maldição é afastada. Assim, os últimos capítulos da Bíblia equilibram os primeiros, e o Paraíso Perdido dá lugar ao Paraíso Recuperado”.²²⁷

Nenhuma coisa má pode entrar na nova Jerusalém, porque o **trono de Deus e do Cordeiro** está ali. **E os seus servos o servirão** (ou adorarão) sugere que a vida futura não será um tempo de ócio ou inatividade (cf. 7.15).

Além do mais, eles **verão o seu rosto** em perfeita comunhão; **e na sua testa estará o seu nome** (4). Esse é um sinal de completa consagração a Deus e absoluto domínio da sua parte.

Novamente (cf. 21.25) lemos que **ali não haverá mais noite** (5). Conseqüentemente, **não necessitarão de lâmpada**, nem mesmo da **luz do sol** (cf. 21.23); **porque o Senhor Deus os alumia** — toda luz que temos vem dele — **e reinarão para todo o sempre**. Isso não é apenas para os mil anos do Reino do milênio (20.5). Ao passarmos para o capítulo 21, mudamos do tempo finito para a eternidade. Aqui todas as coisas duram para sempre.

3. Epílogo (22.6-21)

Essa seção final nos traz as últimas palavras do anjo (vv. 6-11), de Jesus (vv. 12-16), do Espírito e da noiva (v. 17) e de João (vv. 18,19); a última promessa e oração (v. 20) e a última bênção (v. 21).

a) *As últimas palavras do anjo* (22.6-11). Antes de sair de cena, o anjo dá o seu endosso acerca do que tinha mostrado e contado a João: **Estas palavras são fiéis e verdadeiras** (6). Isso repete o que lemos em 21.5. **Estas palavras** provavelmente referem-se a todo livro de Apocalipse. Elas são **fiéis e verdadeiras** porque **o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer**. A última parte dessa afirmação é tomada literalmente (no grego) de 1.1. O epílogo rememora o prólogo.

Eis que presto venho (7) é a palavra de Cristo por intermédio do anjo. Uma bênção especial é pronunciada sobre **aquele que guarda as palavras da profecia deste livro** (cf. 1.3). Swete entende que **deste livro** “aponta para o rolo quase concluído no Joelho do vidente; ao longo do livro de Apocalipse ele se apresentou como aquele que escreve as suas impressões na época (cf. 10.4) [...] e a sua tarefa agora quase chegou ao fim”.²²⁸

João não só viu, mas ouviu **estas coisas** (8). Ele estava tão dominado pela visão da nova Jerusalém que novamente caiu aos pés do anjo **para o adorar**, talvez pensando que fosse Cristo (cf. 19.10). Mas, como antes, ele foi admoestado a não fazê-lo (v. 9).

Então o anjo ordenou-lhe: **Não seles** (não ocultes ou detenhas) **as palavras da profecia deste livro, porque próximo está o tempo** (10). Uma ordem exatamente oposta foi dada a Daniel. Foi-lhe dito: “tu, porém, cerra a visão, porque só daqui a muitos dias se cumprirá” (Dn 8.26). Mas aqui o caso é diferente: **porque próximo está o tempo**. Uma exegese honesta parece requerer uma interpretação que permita uma aplicação ao período da Igreja Primitiva. É por isso que este comentário entende que a predição em Apocalipse 4—20 teve um cumprimento *parcial* no tempo do Império Romano, que tem tido um cumprimento *contínuo* ao longo da era da Igreja e que terá um cumprimento completo no futuro. Esse é o único ponto de vista que parece fazer justiça a todos os fatores envolvidos.

O período da provação acabou. Assim a voz diz: **Quem é injusto** (lit., aquele que erra) **faça injustiça ainda; e quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda** (11). Notamos que essas frases são equilibradas, o **justo** contra o **injusto** e o **santo** e o **sujo**. Cada um dos quatro verbos que começa com **quem** está no imperativo aoristo. Isso indica um caráter permanente (estabelecido), em vez de um processo contínuo. Swete apresenta uma boa interpretação desse versículo. Ele diz: “Não é apenas verdade que as dificuldades nos últimos dias tenderão a estabelecer o caráter de cada indivíduo de acordo com os hábitos que ele já formou, mas haverá um tempo quando será impossível mudar — quando não haverá mais oportunidade para arrependimento por um lado ou para apostasia do outro”.²²⁹

b) *As últimas palavras de Jesus* (22.12-16). **E eis que cedo venho** (12; cf. v. 7). A essa promessa da sua vinda, Cristo acrescenta: **e o meu galardão** (*misthos*, recompensa ou salário) **está comigo para dar a cada um segundo a sua obra**. Cada pessoa receberá uma recompensa de acordo com o que fez.

O versículo 13 é uma combinação das palavras encontradas em 21.6 e 1.17; também 2.8. A mesma honra que é conferida a Deus é reivindicada por Cristo (veja os comentários em 1.17).

Em várias versões bíblicas, os versículos 14 e 15 não estão entre aspas indicando ser palavras de Jesus. Mas elas são incluídas por Phillips. Por conveniência, nós as colocamos dessa maneira em nosso esboço. Essas palavras declaram uma bênção para aqueles que *cumprem os seus mandamentos* (v. 14, de acordo com a KJV) — o melhor texto grego diz: **que lavam as suas vestiduras** — porque dessa forma terão **direito à árvore da vida** e poderão **entrar na cidade pelas portas**.

Do lado de fora ficarão **os cães** (15). Esse é um termo usado para pessoas impuras, tanto no Antigo (Sl 22.16) quanto no Novo Testamento (Mt 7.6; Mc 7.27). Swete diz que

nesse caso, **cães** significam “aqueles que foram pervertidos por vícios repugnantes que corrompem a sociedade pagã”.²³⁰ O século XX tem visto uma recorrência alarmante do tipo de viver pagão que caracterizava o primeiro século, de tal forma que essas palavras recebem novo sentido.

Junto com os **feiticeiros, e os que se prostituem** (gr., fornicadores), e os **homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira** — que é melhor traduzido por “pratica a mentira” (NASB, cf. NVI). Isso mostra a seriedade do engano aos olhos de Deus. Obviamente é Cristo que fala agora, ao dizer: **Eu, Jesus, envie o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas** (16). Ao longo do livro, desde o capítulo 3, são os anjos que pronunciaram quase todas as falas. Agora Jesus coloca seu endosso pessoal nas palavras que eles pronunciaram. Foi Ele que os enviou com as mensagens e visões para as **igrejas** — primeiro, para as sete igrejas da Ásia, e agora para todas as igrejas em toda parte.

Jesus declara em seguida: **Eu sou a Raiz** (cf. 5.5) e **a Geração de Davi** — a Raiz e o Rebento (Renovo) da família de Davi —, **a resplandecente Estrela da manhã**. Essa é uma figura bonita e um aspecto familiar para aqueles que levantam antes do amanhecer e observam esse anunciador impressionante de um novo dia. Cristo é a Estrela do Alvorecer, o que James Stewart chamou em uma assembléia em Edimburgo de “a Estrela Escatológica”. Para cada cristão, Cristo é a Promessa de um novo dia. Swete escreve: “A Estrela da manhã da Igreja brilha hoje com a mesma intensidade que nos dias de João; Ela não cai ou se põe”.²³¹

c) *As últimas palavras do Espírito e da esposa* (22.17). **E o Espírito e a esposa dizem: Vem.** A maioria dos comentaristas toma isso como o Espírito profético na Igreja reagindo à promessa (v. 12) com um clamor: **Vem.** Todos os que ouvem devem se unir a esse chamado para a sua vinda. Fausset escreve: “Vem’ é a oração do Espírito na Igreja e nos crentes, em resposta ao chamado de Cristo: ‘Eis que cedo venho’, clamando: Mesmo assim, Vem’ (vv. 7, 12); o versículo 20 confirma isso”.²³² Por causa da referência no versículo anterior à “estrela da manhã”, provavelmente essa é a interpretação que deveria ser adotada.

Isso requer uma transição abrupta no meio do versículo. Porque o convite: **E quem tem sede venha**, é claramente um convite evangelístico para vir a Cristo. Isso fica ainda mais evidente na frase seguinte: **e quem quiser tome de graça da água da vida.** Somente ao fazermos isso estamos prontos para a vinda de Cristo.

d) *As últimas palavras de João* (22.18-19). Swete diz o seguinte acerca desses dois versículos: “Certamente é Jesus quem continua falando, e não João, como muitos comentaristas têm presumido”.²³³ Mas Plummer escreve: “Aqui está o apêndice solene ou o selo da veracidade do livro, semelhante às palavras introdutórias em 1.1-3. Esse é o cumprimento do dever designado a São João em 1.1, não um anúncio do próprio Senhor (cf. as palavras em 1.3)”.²³⁴ Pelo que tudo indica, a última idéia é a preferível.

De qualquer forma, uma advertência séria é anunciada aqui contra todo aquele que ousar adulterar o ensinamento desse livro. Ninguém deve acrescentar ou tirar quaisquer palavras dele, sob pena de sofrer castigo muito sério. Essas palavras, é claro, se aplicam ao escrito original como divinamente inspirado. Essa regra de procedimento não

limita o trabalho paciente de estudiosos da Bíblia na composição dos manuscritos existentes e no estudo de palavra por palavra, para chegar ao texto mais correto possível. Essa ordem proíbe uma atitude que despreza a autoridade da Palavra de Deus e acrescenta ou tira quaisquer palavras do seu ensinamento.

e) *A última promessa e oração* (22.20). **Aquele que testifica estas coisas** é Jesus (cf. v. 16). Ele diz: **Certamente, cedo venho** — a última promessa da Bíblia. A última oração é: **Amém.**²³⁵ **Vem, Senhor Jesus.** Em nossos dias, essa deveria ser cada vez mais a nossa oração.

f) *A última bênção* (22.21). Ela é breve, mas adequada: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.**²³⁶ Isso é suficiente para toda alma confiante.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ Charles M. Laymon, *The Book of Revelation* (Nova York: Abingdon Press, 1960), p. 7.
- ² John Wick Bowman, *The Drama of the Book of Revelation* (Filadélfia: Westminster Press, 1955), p. 7.
- ³ *The Revelation of John* (2ed.; "The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1960), vol. I, p. 9.
- ⁴ *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.), vol. II, pp. 965-6.
- ⁵ *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941 [reed.]), p. 932.
- ⁶ *Commenting and Commentaries* (edição revisada; Grand Rapids: Kregel Publications, 1954), p. 198.
- ⁷ *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation* (Chicago: Inter-Varsity Press, 1962), pp. 254-5.
- ⁸ *Ibid.*, p. 253.
- ⁹ *Saint Justin Martyr*, trad. Thomas B. Falls, "The Fathers of the Church", ed. L. Schopp (Nova York: Christian Heritage, 1948), p. 278.
- ¹⁰ Eusébio, *Ecclesiastical History*, trad. J. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955 (reed.)), p. 301.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 298.
- ¹² *New Testament Introduction*, trad. J. Cunningham (Nova York: Herder & Herder, 1958), p. 551.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 260.
- ¹⁴ *The Gospel According to St. John* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 [reed.]), p. lxxxvi.
- ¹⁵ *Introduction to the New Testament*, trad. da 3ª edição alemã. (Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 [reed.]), vol. III, p. 432.
- ¹⁶ E. g., D. S. Russel, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic: 220 a.C. — 100 d.C.* (Londres: SCM Press, 1964).
- ¹⁷ "The Revelation of John", *Interpretation*, vol. IX, (Out., 1955), p. 438.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 262.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 259.
- ²⁰ *Ibid.*
- ²¹ *Op. cit.*, p. 84.
- ²² *Ibid.*, pp. 84-5.
- ²³ *New Testament Theology*, trad. do alemão por John Marsh (Londres: SCM Press, 1955), p. 41.
- ²⁴ *The Gospel According to Saint John* ("Torch Bible Commentaries"; Londres: SCM Press, 1959), p. 14.
- ²⁵ *Ibid.*, p. 12.
- ²⁶ *The Apocalypse of St. John* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 [reed.]), p. xcix.
- ²⁷ *Ecclesiastical History*, p. 102 (III. 18).

- ²⁸ Martin Kiddle, *The Revelation of St. John* ("Moffatt New Testament Commentary"; Nova York: Harper Brothers, s. d.), p. 39.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 272.
- ³⁰ *Op. cit.*, p. 84.
- ³¹ *The Meaning and Message of the Book of Revelation* (Nashville: Broadman Press, 1951), p. 4.
- ³² *Drama*, pp. 7, 11.
- ³³ *Op. cit.*, pp. 19-22.
- ³⁴ *The Book of Revelation* (Nova York: Oxford University Press, 1957), p. 35.
- ³⁵ *The Revelation of John* (Filadélfia: Westminster Press, 1936), p. 27.
- ³⁶ *As Seeing the Invisible* (Nova York: Harper & Brothers, 1961), p. 10.
- ³⁷ *The Revelation of Jesus Christ* (Richmond, Va.: John Knox Press, 1964), p. 12.
- ³⁸ *Ibid.*
- ³⁹ George B. Stevens, *The Theology of the New Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1889), p. 525.
- ⁴⁰ *Op. cit.*, p. 28.

SEÇÃO I

- ¹ *Word Studies in the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1946 [reed.], vol. II, p. 407. Cf. T. F. Torrance, *The Apocalypse Today* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 11 — "Apocalipse ou Revelação é o desvendar da história tomada e conquistada pelo Cordeiro de Deus".
- ² *The Revelation of St. John's Revelation* (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943), p. 26.
- ³ *Op. cit.*, p. 2.
- ⁴ W. H. Simcox, *The Revelation*, rev. G. A. Simcox ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge: University Press, 1893), p. 40.
- ⁵ *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John* ("International Critical Commentary"; Edimburgo: T. & T. Clark, 1920), vol. I, p. 6.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ *Word Pictures in the New Testament* (Nova York: Harper & Brothers, 1933), vol. VI, p. 283.
- ⁸ *Op. cit.*, p. 40.
- ⁹ "The Revelation of St. John the Divine", *Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s. d.), vol. V, p. 335.
- ¹⁰ *The Book of Revelation* (Chicago: Grace Publications, 1935), p. 5.
- ¹¹ G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (2ª ed.; Edimburgo: T. & T. Clark, 1923), p. 405.
- ¹² W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 755.
- ¹³ "Revelation", *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. J. P. Lange (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.), p. 89.
- ¹⁴ *Gnomon of the New Testament*, Trad. W. Fletcher (Edimburgo: T. & T. Clark, 1860), vol. V, p. 185.
- ¹⁵ *Word Studies*, vol. II, p. 408.

- ¹⁶ *A Revelation of Jesus Christ* (Scottsdale, Pensilvânia: Heral press, 1961), pp. 34-5.
- ¹⁷ H. G. Liddell e R. Scott, *A Greek-English Lexicon* (nova edição, rev. H. S. Jones; Oxford: Clarendon Press, 1940), p. 1592.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 24.
- ¹⁹ Friedrich Duesterdieck, *A Critical and Exegetical Handbook to the Revelation of John*, trad. H. E. Jacobs ("Meyer's Commentary on the New Testament"; Nova York: Funk & Wagnalls, 1886), p. 97.
- ²⁰ *Ibid.*
- ²¹ "The Revelation" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, XII (Nova York: Abingdon Press, 1957), p. 367.
- ²² *Op. cit.*, I, p. 7.
- ²³ *Op. cit.*, p. 3.
- ²⁴ *Ibid.*
- ²⁵ *Ibid.*
- ²⁶ Simcox, *op. cit.*, p. 41.
- ²⁷ R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 [reed.]) p. 210.
- ²⁸ *Op. cit.*, pp. 395-6.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 33.
- ³⁰ *Ibid.*, p. 34
- ³¹ *Op. cit.*, vol. I, p. 1
- ³² *Ibid.*, vol. I, p. 8.
- ³³ *Op. cit.*, p. 35.
- ³⁴ Samuel M. Jackson (ed.), *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* (Grand Rapids: Baker Book House, 1950 [reed.]), vol. VIII, p. 56.
- ³⁵ "Revelation" (Exposição), *Pulpit Commentary*, XXII (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1950 [reed.]), p. 3.
- ³⁶ *Op. cit.*, p. 39.
- ³⁷ *Ibid.*
- ³⁸ *Op. cit.*, p. 42.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 5. Cf. Kepler (*op. cit.*, p. 47): "A expressão 'que há de vir' em vez de 'o que será' enfatiza a mensagem do livro; ela prevê o retorno de Cristo".
- ⁴⁰ EGT, vol. V, p. 337.
- ⁴¹ *Op. cit.*, p. 10.
- ⁴² *The Greek Testament*, revelação. E. F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), IV, p. 549.
- ⁴³ *Op. cit.*, p. 6.
- ⁴⁴ *Op. cit.*, p. 3.
- ⁴⁵ *Op. cit.*, p. 43.
- ⁴⁶ As palavras estão no nominativo, em vez de no genitivo. Charles acha que isso "é mais bem explicado como um hebraísmo. Visto que o substantivo hebraico nos casos indiretos não é

flexionado, o Vidente age às vezes como se o grego fosse semelhantemente não flexionado, e simplesmente coloca, como no exemplo presente, o nominativo em aposição com o genitivo”.

⁴⁷ *Op. cit.*, p. 103.

⁴⁸ EGT, vol. V, p. 338.

⁴⁹ Charles, *op. cit.*, p. 14.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Op. cit.*, p. 7.

⁵² *Ibid.*

⁵³ Julian Price Love, “The Revelation to John”, *The Layman’s Bible Commentary*, ed. Balmer H. Kelly (Richmond, Va.: John Knox Press, 1960), vol. XXV, p. 54.

⁵⁴ *Op. cit.*, p. 16.

⁵⁵ *Op. cit.*, p. 36.

⁵⁶ EGT, vol. V, p. 339.

⁵⁷ *Op. cit.*, p. 4.

⁵⁸ Veja 1.18; 4.9-10; 5.13; 7.12; 10.6; 11.15; 14.11; 15.3, 7; 19.3; 20.10; 22.5.

⁵⁹ *Op. cit.*, p. 9.

⁶⁰ EGT, vol. V, p. 339.

⁶¹ Plummer (*op. cit.*, p. 4) observa: “Aqui e em João 19.37, o autor, ao citar Zacarias 12.10, abandona a LXX e segue o texto massoreta hebraico. A LXX muda de ‘traspassaram’ para ‘insultaram’ [...] Aqui e em João 19.37, o autor, ao traduzir do hebraico, usa a palavra grega pouco comum *ekkentan*”. (Cf. Charles, *op. cit.*, vol. I, p. 18).

⁶² *Ibid.*

⁶³ Charles, *op. cit.*, vol. I, p. 18.

⁶⁴ *Op. cit.*, p. 45.

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 19.

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ *Op. cit.*, p. 10.

⁶⁹ *Op. cit.*, p. 4.

⁷⁰ *Op. cit.*, p. 46.

⁷¹ Simcox, *op. cit.*, p. 45.

⁷² *Op. cit.*, p. 11.

⁷³ *Op. cit.*, p. 48.

⁷⁴ “The Revelation”, Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *A Commentary Critical, Experimental and Practical on the Old and New Testaments* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reed.]), vol. VI, p. 657.

⁷⁵ *Op. cit.*, vol. V, p. 199.

⁷⁶ *Op. cit.*, vol. III, 18. 1 (p. 101).

⁷⁷ *Ibid.*, vol. III. 20.8-9 (p. 103).

- ⁷⁸ *Op. cit.*, p. 5.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. 103.
- ⁸⁰ *Op. cit.*, p. 46.
- ⁸¹ *Op. cit.*, I, p. 22.
- ⁸² *Op. cit.*, p. 58.
- ⁸³ *Ibid.*
- ⁸⁴ *Op. cit.*, p. 13.
- ⁸⁵ Adolf Deissmann, *Bible Studies*, trad. A. Grieve (Edimburgo: T. & T. Clark, 1901), p. 217.
- ⁸⁶ *Light from the Ancient East*, trad. L. R. M. Strachan (ed. revisada; NY: George H. Doran, 1927), p. 359.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, vol. I, p. 23.
- ⁸⁸ EGT, vol. V, p. 342.
- ⁸⁹ *Op. cit.*, p. 10.
- ⁹⁰ Frederick G. Kenyon, *Handbook to the Criticism of the New Testament* (2ª ed.; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 [reed.]), p. 34.
- ⁹¹ *Op. cit.*, I, p. 25; cf. comentários em 2.12.
- ⁹² *Op. cit.*, p. 23.
- ⁹³ *The Letters to the Seven Churches of Asia* (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1904), p. 183.
- ⁹⁴ *Ibid.*, p. 191.
- ⁹⁵ *Op. cit.*, p. 6.
- ⁹⁶ *Op. cit.*, p. 15.
- ⁹⁷ *Op. cit.*, p. 104.
- ⁹⁸ *Op. cit.*, p. 47. Charles acha que a frase aqui, “semelhante a um filho de homem”, é “o equivalente exato” de “o Filho do homem” nos Evangelhos e Atos 7.56 (*op. cit.*, vol. I, p. 27).
- ⁹⁹ EGT, vol. V, p. 343.
- ¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 344.
- ¹⁰¹ *Ibid.*
- ¹⁰² *Op. cit.*, p. 16.
- ¹⁰³ *Op. cit.*, p. 7.
- ¹⁰⁴ *Op. cit.*, p. 65.
- ¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 53.
- ¹⁰⁶ *Op. cit.*, p. 17.
- ¹⁰⁷ *Ibid.*
- ¹⁰⁸ Lenski, *op. cit.*, p. 69.
- ¹⁰⁹ *Ibid.*
- ¹¹⁰ *Op. cit.*, vol. I, p. 30.
- ¹¹¹ *Op. cit.*, p. 16.
- ¹¹² *Op. cit.*, p. 41.

- ¹¹³ *Op. cit.*, vol. I, p. 31.
- ¹¹⁴ *Ant.* XVIII. 1. 3.
- ¹¹⁵ *War* III. 8. 5.
- ¹¹⁶ “Hades”, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, vol. I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 148.
- ¹¹⁷ *Op. cit.*, vol. I, p.32.
- ¹¹⁸ *Ibid.*, p. 31.
- ¹¹⁹ Os melhores manuscritos gregos acrescentam “pois” — à luz da autoridade de Jesus sobre a morte e o Hades, e a gloriosa visão da sua divindade e majestade.
- ¹²⁰ *Op. cit.*, p. 42.
- ¹²¹ *Op. cit.*, vol. I, p. 33.
- ¹²² *Op. cit.*, p. 42.
- ¹²³ *Op. cit.*, p. 21.
- ¹²⁴ *Ibid.*, p. 22.
- ¹²⁵ *Op. cit.*, vol. I, pp. 34-5.
- ¹²⁶ *Ibid.*, vol. I, p. 34.
- ¹²⁷ *Op. cit.*, p. 43.
- ¹²⁸ *Op. cit.*, p. 8.

SEÇÃO II

- ¹ *Op. cit.*, pp. 61-2.
- ² *Op. cit.*, p. 6.
- ³ Barclay, *op. cit.*, vol. I, pp. 70-1.
- ⁴ *Op. cit.*, p. 23.
- ⁵ *Ibid.*, p. 24.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ *Op. cit.*, p. 42.
- ⁸ *Op. cit.*, p. vol. I, p. 75.
- ⁹ *Ibid.*, vol. I, pp. 75-6.
- ¹⁰ *Op. cit.*, pp. 63-4.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 64.
- ¹² *Op. cit.*, p. 25.
- ¹³ *Didache*, p. 11.
- ¹⁴ *Op. cit.*, p. 241.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 28.
- ¹⁶ *Ibid.*
- ¹⁷ *Op. cit.*, p. 46.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 27.

- ¹⁹ Cyril C. Richardson (ed.), *Early Christian Fathers*, "Library of Christian Classics" (Filadélfia: Westminster Press, 1953), vol. I, p. 88.
- ²⁰ *Op. cit.*, p. 27.
- ²¹ *Ibid.*, p. 29.
- ²² *Ibid.*, p. 30.
- ²³ *Ibid.*
- ²⁴ *Op. cit.* p. 269.
- ²⁵ Inácio, *To the Smyrnaeans* 1.2.
- ²⁶ *Ibid.* 12:1 e 13:1.
- ²⁷ *Op. cit.*, p. 32.
- ²⁸ De acordo com Swete, *op. cit.*, p. 33. Contra, Charles, *op. cit.*, vol. I, p. 59.
- ²⁹ *Op. cit.*, p. 34.
- ³⁰ *Op. cit.* p. 281.
- ³¹ *Op. cit.*, vol. I, p. 60.
- ³² *Op. cit.*, p. 283. Existe uma certa diferença de opinião se Pérgamo ou Éfeso era, na verdade, o assento do governo romano na Ásia nessa época (veja as citações de F. F. Bruce em CBB, vol. VII, p. 470). Pellett diz: "Na época de Augusto [27 a.C.—14 d.C.] a capital foi mudada para Éfeso" (IDB, vol. I, p. 258).
- ³³ *Op. cit.*, pp. 292-3.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 283.
- ³⁵ *Ibid.*, p. 293.
- ³⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 61.
- ³⁷ *Op. cit.*, pp. 297-8.
- ³⁸ *Op. cit.*, p. 37.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 106.
- ⁴⁰ R. H. Charles acha que **também** significa "bem como na igreja de Éfeso" (*op. cit.*, vol. I, p. 64).
- ⁴¹ *Op. cit.*, pp. 64, 73.
- ⁴² *Op. cit.*, p. 38.
- ⁴³ *Op. cit.*, pp. 107-108.
- ⁴⁴ *Op. cit.*, I, p. 64.
- ⁴⁵ *Letters to the Seven Churches* (Grand Rapids: Baker Book House, 1956 [reed.]), pp. 55-57.
- ⁴⁶ *The Oxford Annotated Apocripha*, ed. Bruce Metzger (Nova York: Oxford University Press, 1965), p. 265.
- ⁴⁷ *Op. cit.*, I, p. 65.
- ⁴⁸ *Ibid.*, p. 66.
- ⁴⁹ *Ibid.*
- ⁵⁰ *Ibid.*
- ⁵¹ *Op. cit.*, p. 40.

- ⁵² *Ibid.*
- ⁵³ *Op. cit.*, pp. 307-8.
- ⁵⁴ Swete, *op. cit.*, p. 41.
- ⁵⁵ *Op. cit.*, vol. I, p. 67.
- ⁵⁶ *Op. cit.*, pp. 41-2.
- ⁵⁷ *Op. cit.*, p. 53.
- ⁵⁸ Acerca de e antes de **caridade**, Charles (*op. cit.*, vol. I, p. 69) diz: “O *kai* aqui introduz uma descrição explicativa de *erga*” (**obras**). Isto é, suas **obras** consistiam de amor, fé, serviço e perseverança.
- ⁵⁹ “Diakonia”, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. G. Kittel, vol. II (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 87.
- ⁶⁰ *Op. cit.*, p. 114.
- ⁶¹ *Op. cit.*, p. 42.
- ⁶² A KJV traz: “Tenho contra ti ‘*algumas coisas*’”. Essas palavras praticamente não têm apoio no texto grego. Erasmo aparentemente a derivou da Vulgata latina.
- ⁶³ Moffatt, *op. cit.*, p. 360.
- ⁶⁴ *Op. cit.*, p. 150.
- ⁶⁵ *Op. cit.*, vol. I, p. 69.
- ⁶⁶ *Ibid.*, vol. I, p. 71.
- ⁶⁷ Swete, *op. cit.*, p. 44.
- ⁶⁸ *Ibid.*, p. 45.
- ⁶⁹ Charles, *op. cit.*, vol. I, pp. 73-4.
- ⁷⁰ *Ibid.*, vol. I, p. 74.
- ⁷¹ *Op. cit.*, p. 46.
- ⁷² *Op. cit.*, vol. I, p. 78.
- ⁷³ *Op. cit.*, p. 368.
- ⁷⁴ *Op. cit.*, vol. I, p. 78.
- ⁷⁵ *Op. cit.*, p. 82.
- ⁷⁶ *Op. cit.*, p. 56.
- ⁷⁷ *Ibid.*
- ⁷⁸ *Op. cit.*, p. 50.
- ⁷⁹ *Ibid.*, p. 49.
- ⁸⁰ *Op. cit.*, p. 377.
- ⁸¹ *Ibid.*, pp. 377-8.
- ⁸² *Op. cit.*, p. 130.
- ⁸³ *Op. cit.*, p. 50.
- ⁸⁴ *Bible Studies*, p. 196. A KJV traduz “nomes”.

- ⁸⁵ Lenski, *op. cit.*, p. 131.
- ⁸⁶ *Op. cit.*, p. 364.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, vol. I, p. 82.
- ⁸⁸ *Op. cit.*, pp. 51-2.
- ⁸⁹ *Ibid.*, p. 52.
- ⁹⁰ *Op. cit.*, p. 400.
- ⁹¹ Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 20.
- ⁹² Kittel (ed.), *Theological Dictionary*, vol. I, p. 250.
- ⁹³ *Op. cit.*, p. 53.
- ⁹⁴ *Op. cit.*, vol. I, p. 86.
- ⁹⁵ *Ibid.*
- ⁹⁶ *Op. cit.*, pp. 391-2.
- ⁹⁷ *Ibid.*, p. 405.
- ⁹⁸ Cf. a linguagem em Isaías 45.14.
- ⁹⁹ *Op. cit.*, p. 59.
- ¹⁰⁰ *Commentary on the Epistles to the Seven Churches* (Londres: Macmillan Co., 1883), p. 178.
- ¹⁰¹ *Op. cit.*, p. 144.
- ¹⁰² "The Revelation of St. John", *Commentary on the Whole Bible*, ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.), vol. VIII, p. 548.
- ¹⁰³ *Op. cit.*, p. 56.
- ¹⁰⁴ A palavra **Eis** praticamente não tem suporte nos manuscritos gregos. Ela aparentemente vem do latim.
- ¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 56.
- ¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 57.
- ¹⁰⁷ *Commentary*, pp. 186-7.
- ¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. 58.
- ¹⁰⁹ Adaptado de Erdman, *op. cit.*, p. 60.
- ¹¹⁰ Simcox, *op. cit.*, p. 69.
- ¹¹¹ Charles, *op. cit.*, vol. I, p. 94.
- ¹¹² Swete, *op. cit.*, p. 60.
- ¹¹³ *Ibid.*, p. 61.
- ¹¹⁴ *Op. cit.*, vol. I, p. 98.
- ¹¹⁵ *Op. cit.*, p. 63.
- ¹¹⁶ *A Popular Exposition to the Seven Churches of Asia* (Londres: Hodder and Stoughton, 1891), p. 209.
- ¹¹⁷ Erdman, *op. cit.*, p. 63.
- ¹¹⁸ *The Letters of Our Lord* (Londres: Pickering & Inglis, s. d.), p. 104.

SEÇÃO III

¹ *Op. cit.*, I, p. 102-103.

² *Op. cit.*, p. 73.

³ *Op. cit.*, p. 67.

⁴ A Septuaginta usa outra palavra (*toxon*) para arco-íris em Gênesis 9.13. Assim Swete (p. 68) diz que “é incerto impor uma referência ao arco-íris da aliança” aqui.

⁵ *Op. cit.*, p. 69.

⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 195.

⁷ *Op. cit.*, p. 70.

⁸ *Op. cit.*, p. 380.

⁹ *Synonyms*, p. 310.

¹⁰ *Op. cit.*, p. 179.

¹¹ *Op. cit.*, p. 71.

¹² *Op. cit.*, p., 50.

¹³ *Op. cit.*, p. 71.

¹⁴ *Op. cit.*, p. 50.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 72.

¹⁶ *Ibid.*, p. 73.

¹⁷ *Ibid.*, p. 74.

¹⁸ *Ibid.*, p. 75.

¹⁹ *Op. cit.*, vol. I, pp. 137-8.

²⁰ *Op. cit.*, p. 78.

²¹ *Ibid.*, p. 79.

²² *Ibid.*

²³ *Op. cit.*, vol. I, p. 138.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Op. cit.*, p. 75.

²⁶ *Op. cit.*, p. 67.

²⁷ *Op. cit.*, vol. I, p. 140.

²⁸ *The Book of Revelation* (Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1964), p. 139.

²⁹ Uma palavra diferente é usada em João 1.29, 36; Atos 8.32; 1 Pedro 1.19.

³⁰ Kittel, *op. cit.*, vol. I, p. 340.

³¹ No grego **que** é masculino, referindo-se aos **olhos** (masculino), e não às **pontas** (neutro).

³² Cf. Swete, Charles, Lenski e outros.

³³ Citado em Charles, *op. cit.*, vol. I, p. 146.

³⁴ Swete, *op. cit.*, p. 81.

³⁵ *Ibid.*, p. 82.

³⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 150.

- ³⁷ *Op. cit.*, p. 677.
- ³⁸ *Op. cit.*, p. 85.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 171.
- ⁴⁰ *Op. cit.*, p. 22.
- ⁴¹ *Op. cit.*, p. 86.
- ⁴² *Op. cit.*, p. 67.
- ⁴³ *Op. cit.*, p. 73.
- ⁴⁴ Swete, *op. cit.*, p. 88.
- ⁴⁵ *Ibid.*
- ⁴⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 167.
- ⁴⁷ *Ibid.*, p. 168.
- ⁴⁸ *Op. cit.*, pp. 88-9.
- ⁴⁹ *Ibid.*, pp. 85-6.
- ⁵⁰ *Notes on the New Testament: Revelation*, ed. Robert Frew (Grand Rapids: Baker Book House, 1949 [reed.]), pp. 142-6.
- ⁵¹ *Ibid.*, p. 157.
- ⁵² *The Revelation of St. John*, trad. John H. de Vries (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964 [reed.]), p. 72.
- ⁵³ *Op. cit.*, p. 89.
- ⁵⁴ *Ibid.*, p. 90.
- ⁵⁵ Eusébio, *Ecclesiastical History*, 4.15 (*op. cit.*, p. 146).
- ⁵⁶ *Op. cit.*, p. 90.
- ⁵⁷ O melhor texto grego traz: "Depois disso vi (v. 1) e "Depois dessas coisas vi (v. 9). O verbo é exatamente o mesmo nos dois textos.
- ⁵⁸ Swete, *op. cit.*, p. 96.
- ⁵⁹ *Ibid.*, p. 99.
- ⁶⁰ *Op. cit.*, p. 249.
- ⁶¹ *Op. cit.*, vol. I, p. 209.
- ⁶² *Ibid.*, p. 207.
- ⁶³ *Op. cit.*, p. 98.
- ⁶⁴ *Ibid.*
- ⁶⁶ *Op. cit.*, p. 100.
- ⁶⁷ *Ibid.*, p., 104
- ⁶⁸ *Ibid.*
- ⁶⁹ *Ibid.*
- ⁷⁰ *Ibid.*, p. 106.
- ⁷¹ *Op. cit.*, p. 63.
- ⁷² *Ibid.*, p. 66.

- ⁷³ *Op. cit.*, p. 102.
- ⁷⁴ *Op. cit.*, p. 68.
- ⁷⁵ *Op. cit.*, vol. I, p. 224.
- ⁷⁶ Swete, *op. cit.*, p. 108.
- ⁷⁷ *Op. cit.*, vol. I, pp. 227-30.
- ⁷⁸ A palavra grega para **incensário** geralmente significa “olíbano”, mas aqui claramente indica um incensário.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. 109.
- ⁸⁰ *Ibid.*, p. 111.
- ⁸² *Op. cit.*, p. 113.
- ⁸³ *Op. cit.*, vol. II, p. 62.
- ⁸⁴ *Ibid.*
- ⁸⁵ *Op. cit.*, p. 120.
- ¹ *Ibid.*, p. 121.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, p. 102.
- ⁸⁸ *Op. cit.*, pp. 126-7.
- ⁸⁹ *Ibid.*, p. 128.
- ⁹⁰ *Op. cit.*, vol. I, p. 268.
- ⁹¹ *Op. cit.*, p. 131.
- ⁹² *Op. cit.*, p. 110.
- ⁹³ *Op. cit.*, p. 133.
- ⁹⁴ *Ibid.*
- ⁹⁵ *Op. cit.*, p. 113.
- ⁹⁶ *Ibid.*, p. 112.
- ⁹⁷ *Op. cit.*, p. 119.
- ⁹⁸ G. R. Beasley-Murray, “The Revelation”, *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (2ed.; Londres: Inter-Varsity Fellowship, 1954), p. 1182.
- ⁹⁹ *Op. cit.*, p. 134.
- ¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 137.
- ¹⁰¹ *Ibid.*, p. 138.
- ¹⁰² *Op. cit.*, pp. 291-2.
- ¹⁰³ *Op. cit.*, p. 145.
- ¹⁰⁴ *Op. cit.*, vol. IV, p. 667.
- ¹⁰⁵ *Semeion* ocorre 77 vezes no NT. Na KJV, essa palavra é corretamente traduzida por “sinal” em 50 ocasiões e incorretamente por “milagre”, 23 vezes. A KJV traduz *semeion* por “maravilha” aqui e em 12.3 e 13.13.
- ¹⁰⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 315.
- ¹⁰⁷ *The Apocalypse* (10ed.: Nova York: Charles C. Cook, 1909 [direitos autorais em 1865]), vol. II, p. 277.

- ¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 303.
- ¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 305.
- ¹¹⁰ Barnes, *op. cit.*, pp. 305-6.
- ¹¹¹ *Op. cit.*, p. 155.
- ¹¹² *Ibid.*, p. 159.
- ¹¹³ Seiss, *op. cit.*, vol. II, p. 382.
- ¹¹⁴ **E eu pus-me sobre a areia do mar** (v. 1) nos manuscritos gregos mais antigos é: “E ele pôs-se sobre a areia do mar”. Isso concordaria com o capítulo anterior (cf. RSV).
- ¹¹⁵ *Op. cit.*, p. 161.
- ¹¹⁶ *Op. cit.*, vol. I, p. 344.
- ¹¹⁷ Simcox, *op. cit.*, p. 132.
- ¹¹⁸ Veja suas *Notas* acerca de 2 Tessalonicenses 2.3-4.
- ¹¹⁹ *Op. cit.*, p. 163.
- ¹²⁰ *Ibid.*, p. 165.
- ¹²¹ *Ibid.*
- ¹²² *Ibid.*, p. 168.
- ¹²³ “The Revelation of St. John”, *Commentary on the Whole Bible*, ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.), vol. VIII, p. 598.
- ¹²⁴ *Op. cit.*, p. 135.
- ¹²⁵ *Ibid.*, p. 136.
- ¹²⁶ *Op. cit.*, p. 465.
- ¹²⁷ *Op. cit.*, p. 174.
- ¹²⁸ Simcox, *op. cit.*, p. 137.
- ¹²⁹ Alguns manuscritos gregos trazem 616. Mas 666 parece a leitura correta. Ele é encontrado no *Papiro 47* do terceiro século.
- ¹³⁰ *Op. cit.*, vol. II, p. 4.
- ¹³¹ *Op. cit.*, p. 176.
- ¹³² Simcox, *op. cit.*, pp. 138-9.
- ¹³³ O “como” não está no melhor texto grego.
- ¹³⁴ *Op. cit.*, p. 179.
- ¹³⁵ *Op. cit.*, vol. II, p. 6.
- ¹³⁶ *Op. cit.*, p. 180.
- ¹³⁷ Simcox, *op. cit.*, p. 140.
- ¹³⁸ *Op. cit.*, p. 186.
- ¹³⁹ **O Filho do Homem** está sem o artigo definido no grego. Assim, alguns têm insistido que a passagem aqui significa “como um ser humano”.
- ¹⁴⁰ *Op. cit.*, p. 350.
- ¹⁴¹ *Op. cit.*, p. 144.

- ¹⁴² *Op. cit.*, p. 190.
- ¹⁴³ *Ibid.*, p. 194.
- ¹¹⁴ *Op. cit.*, p. 456.
- ¹⁴⁵ Existe um apoio muito equilibrado dos manuscritos gregos para essas duas traduções.
- ¹⁴⁶ Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 469.
- ¹⁴⁷ *Op. cit.*, p. 199.
- ¹⁴⁸ *Op. cit.*, vol. IV, pp. 698-9.
- ¹⁵⁰ *Op. cit.*, p. 208.
- ¹⁵¹ Embora o verbo (*synergagen*) esteja no singular, o sujeito é *pneumata* (**espíritos**, vv. 13-14). No grego, o substantivo plural neutro geralmente requer um verbo no singular.
- ¹⁵² *Op. cit.*, vol. II, p. 50.
- ¹⁵³ *Op. cit.*, p. 209.
- ¹⁵⁴ *Op. cit.*, p. 156.
- ¹⁵⁵ *Op. cit.*, p. 356.
- ¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 361.
- ¹⁵⁷ *Ibid.*, pp. 374-5.
- ¹⁵⁸ *Op. cit.*, p. 213.
- ¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 215.
- ¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 216.
- ¹⁶¹ *Ibid.*, p. 217.
- ¹⁶² *Op. cit.*, vol. IV, pp. 710-1.
- ¹⁶³ *Interpreter's Bible*, vol. XII, p. 495.
- ¹⁶⁴ *Op. cit.*, pp. 389-90.
- ¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 392.
- ¹⁶⁶ *Op. cit.*, p. 222.
- ¹⁶⁷ *Op. cit.*, p. 393.
- ¹⁶⁸ Swete, *op. cit.*, p. 224.
- ¹⁶⁹ *Ibid.*.
- ¹⁷⁰ O advérbio **fortemente** não está no texto grego. Ele aparentemente foi acrescentado da Vulgata latina.
- ¹⁷¹ *Op. cit.*, p. 396.
- ¹⁷² *Op. cit.*, vol. III, pp. 159-212.
- ¹⁷³ *Op. cit.*, p. 272.
- ¹⁷⁴ Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 149.
- ¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 247.
- ¹⁷⁶ *War* vii. 5.4.
- ¹⁷⁷ *Bible Studies*, p. 160.

- ¹⁷⁸ *Encyclopaedia Britannica* (1944), vol. XX, p. 775.
- ¹⁷⁹ É claro que essa frase pertence ao final do versículo 16 e não ao início do versículo 17 (como ocorre na KJV).
- ¹⁸⁰ *Op. cit.*, p. 239.
- ¹⁸¹ *Ibid.*, pp. 240-1.
- ¹⁸² *Ibid.*, p. 241.
- ¹⁸³ Kittel, *op. cit.*, vol. I, p. 264.
- ¹⁸⁴ **E honra** não está no melhor texto grego.
- ¹⁸⁵ *Op. cit.*, p. 244.
- ¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 247.
- ¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 252.
- ¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 156.
- ¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 257.
- ¹⁹⁰ Jeremias, “abyss”, Kittel, *op. cit.*, vol. I, p. 9.
- ¹⁹¹ Assim um quiliasta é também chamado de milenarista.
- ¹⁹² Talvez devesse ser observado que durante os últimos anos tem havido muita controvérsia acerca da questão do arrebatamento pré-tribulação *versus* um arrebatamento pós-tribulação. Essas duas posições são defendidas por pré-milenaristas.
- ¹⁹³ *Op. cit.*, p. 260.
- ¹⁹⁴ *Op. cit.*, p. 564.
- ¹⁹⁵ Simcox, *op. cit.*, p. 132.
- ¹⁹⁶ *Ibid.*
- ¹⁹⁷ *Op. cit.*, p. 262.
- ¹⁹⁸ *Ibid.*
- ¹⁹⁹ *Op. cit.*, p. 1039.
- ²⁰⁰ *Ibid.*
- ²⁰¹ *Ibid.*
- ²⁰² *Op. cit.*, p. 237.
- ²⁰³ Em Ezequiel, temos o reino messiânico no capítulo 37, a destruição de Gogue e Magogue nos capítulos 38—39 e a Nova Jerusalém nos capítulos 40—48 (cf. Ap 20.4-6; 20.7-10; 21.1—22.21).
- ²⁰⁴ *Ant.* i. 6. 1.
- ²⁰⁵ *Op. cit.*, vol. II, p. 188.
- ²⁰⁶ *Ibid.*, p. 189.
- ²⁰⁷ Simcox, *op. cit.*, p. 185.
- ²⁰⁸ *Op. cit.*, p. 271.
- ¹⁰⁹ *Ibid.*
- ²¹⁰ *Ibid.*, p. 272.

- ²¹¹ *ib.*, p. 272.
- ²¹² Trench, *Synonyms*, p. 220.
- ²¹³ *Op. cit.*, p. 279.
- ²¹⁴ *Ibid.*, p. 280.
- ²¹⁵ *The Words of Jesus*, trad. D. M. Kay (Edimburgo: T. & T. Clark, 1909), pp. 125-6.
- ²¹⁶ *Op. cit.*, p. 281.
- ²¹⁷ *Op. cit.*, p. 74 (acerca de 4.3).
- ²¹⁸ *Op. cit.*, p. 286.
- ²¹⁹ *Op. cit.*, p. 639.
- ²²⁰ *Ibid.*
- ²²¹ *War*, vv. 5-6.
- ²²² *Op. cit.*, vol. II, p. 167.
- ²²³ *Ibid.*, p. 168.
- ²²⁴ A KJV traz **E as nações daqueles que são salvos andarão à sua luz**. “Daquelles que são salvos” não está no melhor texto grego.
- ²²⁵ **Puro** não está no melhor texto grego.
- ²²⁶ Kittel, *op. cit.*, vol. I, p. 355.
- ²²⁷ *The Revelation of John* (“The Cambridge Bible Commentary”; Cambridge: University Press, 1965), p. 121.
- ²²⁸ *Op. cit.*, p. 305.
- ²²⁹ *Ibid.*, p. 305.
- ²³⁰ *Ibid.*, p. 305.
- ²³¹ *Ibid.*, p. 310.
- ²³² “Revelation”, *A Commentary [...] on the Old and New Testament*, por Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reed.]), vol. VI, p. 730.
- ²³³ *Op. cit.*, p. 311.
- ²³⁴ *Op. cit.*, p. 248.
- ²³⁵ A palavra **Ora** não está no melhor texto grego.
- ²³⁶ Alguns manuscritos antigos trazem: “com todos os santos”. (cf. RSV).

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALFORD, Henry. *The Greek Testament*. Revisado por E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.
- BARCLAY, William. *The Revelation of John*. 2ª ed. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- BARNES, Albert. *Notes on the New Testament: Revelation*. Ed. Robert Frew. Grand Rapids: Baker Book House, 1949 (reed.).
- BEASLEY-MURRAY, G. R. "The Revelation". *The New Bible Commentary*. Ed. F. Davidson. 2ª ed. Londres: Inter-Varsity Fellowship, 1954.
- BENGEL, John Albert. *Gnomon of the New Testament*. Trad. W. Fletcher. Edimburgo: T. & T. Clark, 1860. Vol. V.
- BLANEY, Harvey J. S. "Revelation". *The Wesleyan Bible Commentary*. Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966.
- BOWMAN, John Wick. *The Drama of the Book of Revelation*. Filadélfia: Westminster Press, 1955.
- CARPENTER, W. Boyd. "The Revelation of St. John". *Commentary on the Whole Bible*. Ed. Charles J. Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.
- CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. "International Critical Commentary". Edimburgo: T. & T. Clark, 1920. 2 vols.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.
- DUESTERDIECK, Friedrich. *A Critical and Exegetical Handbook to the Revelation of John*. Trad. H. E. Jacobs. "Meyer's Commentary on the New Testament". Nova York: Funk & Wagnalls, 1886.
- ERDMAN, Charles R. *The Revelation of John*. Filadélfia: Westminster Press, 1936.
- FAUSSET, A. R. "Revelation". *A Commentary [...] on the Old and New Testament*. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, Vol. VI. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reed.).
- GLASSON, T. F. *The Revelation of John*. "The Cambridge Bible Commentary". Cambridge: University Press, 1965.
- KEPLER, Thomas. *The Book of Revelation*. Nova York: Oxford University Press, 1957.
- KIDDLE, Martin. *The Revelation of St. John*. "Moffatt New Testament Commentary". Nova York: Harper & Brothers, s. d.
- KUYPER, Abraham. *The Revelation of St. John*. Trad. do holandês por J. H. deVries. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1964 (reed.).
- LANGE, John Peter. "Revelation". *Commentary on the Holy Scriptures*. Ed. J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s. d.
- LAYMON, Charles M. *The Book of Revelation*. Nova York: Abingdon Press, 1960.
- LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. John's Revelation*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943.
- LOVE, Julian Price. "The Revelation of John". *The Layman's Bible Commentary*, Ed. Balmer H. Kelly, Vol. XXV. Richmond, Va.: John Knox Press, 1960.
- MCDOWELL, Edward A. *The Meaning and Message of the Book of Revelation*. Nashville: Broadman Press, 1951.

- MOFFAT, James. "The Revelation of St. John the Divine". *Expositor's Greek Testament*. Vol. V. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s. d.
- NEWELL, William R. *The Book of Revelation*. Chicago: Grace Publications, 1935.
- NILES, D. T. *As Seeing the Invisible*. Nova York: Harper & Brothers, 1961.
- PLUMMER, A. "Revelation" (Exposition). *The Pulpit Commentary*. Ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.), Vol. XXII.
- RICHARDSON, Donald W. *The Revelation of Jesus Christ*. Richmond, Va.: John Knox Press, 1964.
- RIST, Martin. "The Revelation" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al., Vol. XII. Nova York: Abingdon Press, 1957.
- SEISS, J. A. *The Apocalypse: A series of special lectures on the Revelation of Jesus Christ*. 10ed. Nova York: Charles C. Cook, 1909 (direitos autorais em 1865).
- SIMCOX, W. H. *The Revelation*. Rev. G. A. Simcox. "Cambridge Greek Testament". Cambridge: University Press, 1893.
- SMITH, J. B. *A Revelation of Jesus Christ*. Scottdale, Pa.: Herald Press, 1961.
- STRAUSS, Lehman. *The Book of Revelation*. Neptune, N.J.: Loizeaux Borthers, 1964.
- SWETE, Henry B. *The Apocalypse of St. John*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 (reed.).
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (reed.).

II. CARTAS ÀS SETE IGREJAS

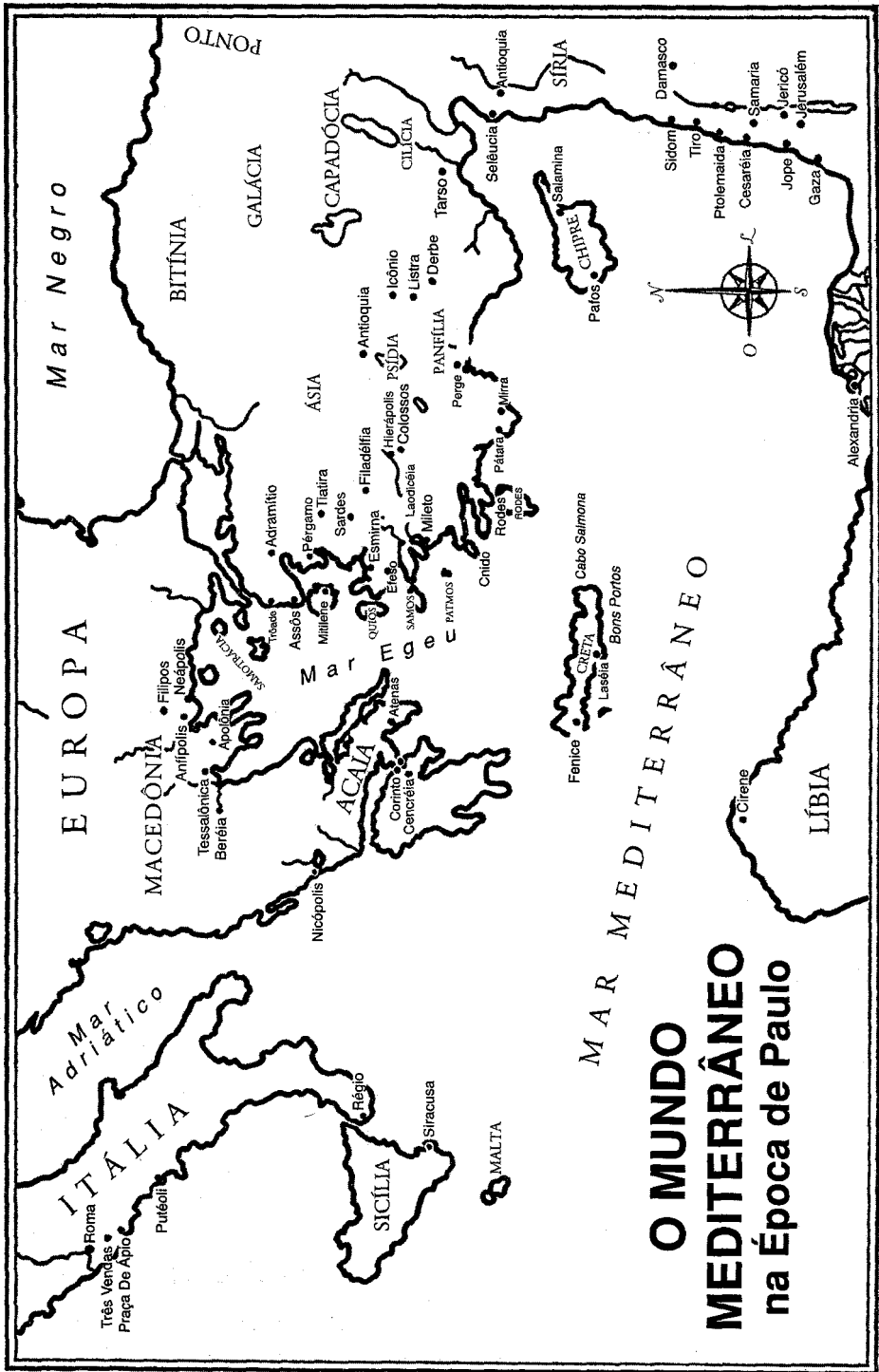
- BARCLAY, William. *Letters to the Seven Churches*. Londres: SCM Press, 1957.
- MARTIN, Hugh. *The Seven Churches*. Filadélfia: Westminster Press, 1956.
- MORGAN, G. Campbell. *The Letters of Our Lord*. Londres: Pickering & Inglis, s. d.
- PLUMPTRE, E. H. *A Popular Exposition of the Epistles to the Seven Churches of Asia*. Londres: Hodder and Stoughton, 1891.
- RAMSAY, W. M. *The Letters to the Seven Churches of Asia*. A. C. Armstrong & Son, 1904.
- SEISS, Joseph A. *Letters to the Seven Churches*. Grand Rapids: Baker Book House, 1956 (reed.).
- TRENCH, R. C. *Commentary on the Epistles to the Seven Churches*. Londres: Macmillan Co., 1883.

III. OTHER BOOKS

- ABBOTT-SMITH, G. *A Manual Greek Lexicon of the New Testament*. 2ª edição. Edimburgo: T. & T. Clark, 1923.
- ARNDT, W. F., e GINGRICH, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- DALMAN, Gustaf. *The Words of Jesus*. Trad. D. M. Kay. Edimburgo: T. & T. Clark, 1909.
- DEISSMANN, Adolf. *Bible Studies*. Trad. Alexander Grieve. Edimburgo: T. & T. Clark, 1901.
- _____. *Light from the Ancient East*. Trad. L. R. M. Strachan. Ed. rev. Nova York: George H. Doran, 1927.
- EUSEBIUS, Pamphilus. *Ecclesiastical History*. Trad. C. F. Cruse. Grand Rapids: Baker Book House, 1955 (reed.).

- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: Hebrews to Revelation*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1962.
- KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Vols. I-II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. A *Greek-English Lexicon*. Nova ed. rev. por H. S. Jones. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- RICHARDSON, Alan. *The Gospel According to St. John*. "Torch Bible Commentaries". Londres: SCM Press, 1959.
- ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. VI. Nova York: Harper & Brothers, 1933.
- RUSSELL, E. D. S. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic: 220 a.C.—100 d.C*. Londres: SCM Press, 1964.
- STAUFFER, Ethelbert. *New Testament Theology*. Trad. John Marsh. Londres: SCM Press, 1955.
- TORRANCE, Thomas F. *The Apocalypse Today*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.
- TRENCH, R. C. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 (reed.).
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1946 (reed.).
- WESTCOTT, B. F. *The Gospel According to St. John*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reed.).
- WIKENHAUSER, Alfred. *New Testament Introduction*. Trad. J. Cunningham. Nova York: Herder & Herder, 1958.
- ZAHN, Theodor. *Introduction to the New Testament*. Traduzido da 3ª edição alemã. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reed.). 3 vols.

Mapa 1



O MUNDO MEDITERRÂNEO na Época de Paulo

Mapa 2

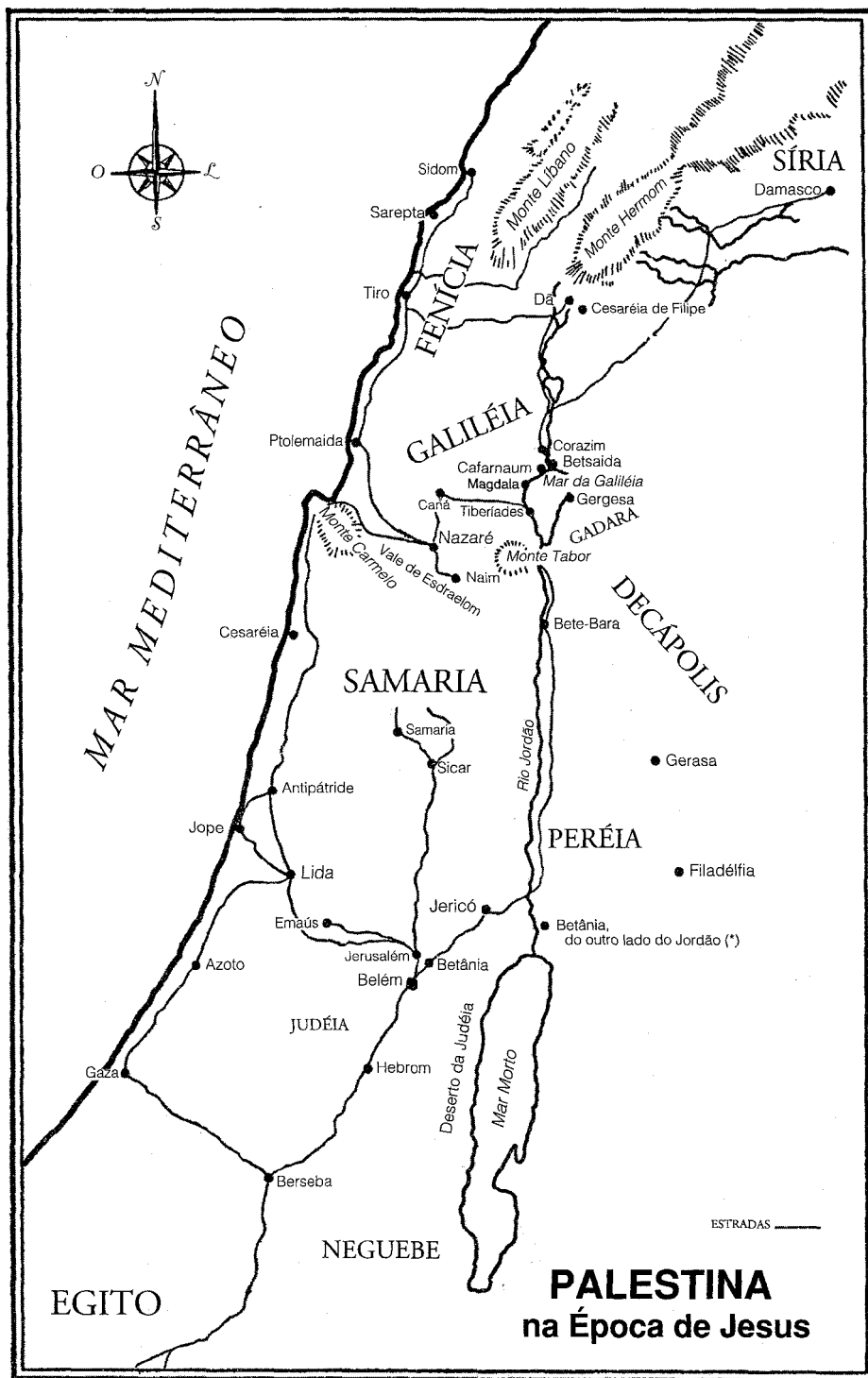
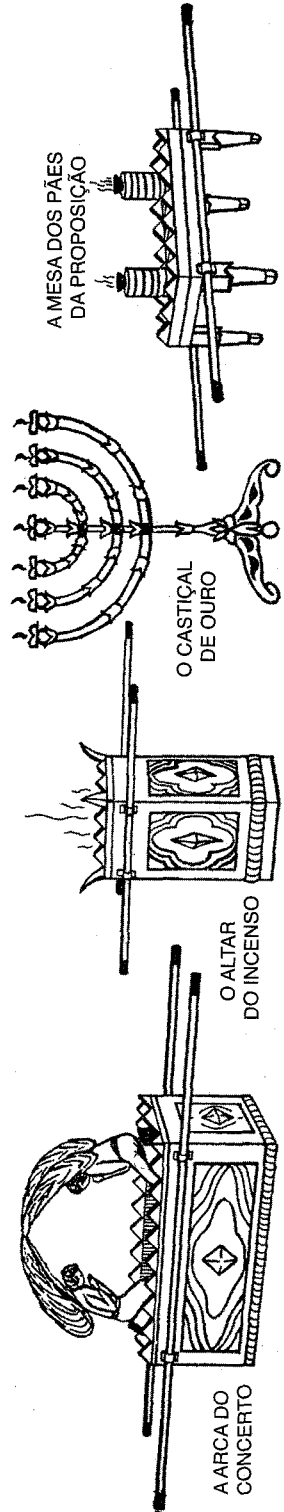
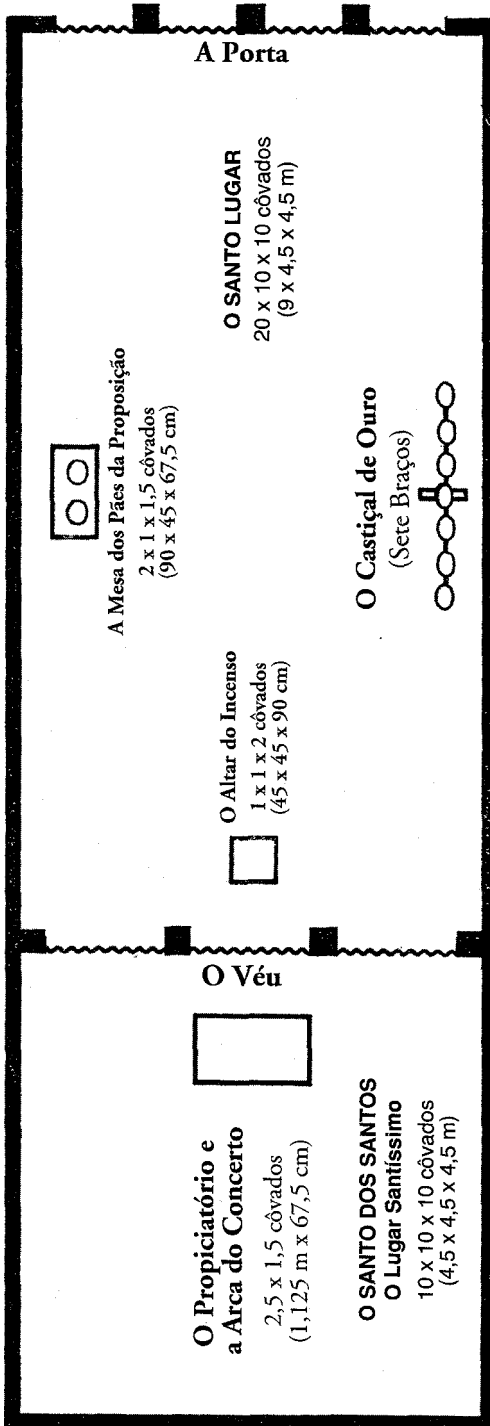


Diagrama A

A PLANTA DO TABERNÁCULO NO DESERTO

30 x 10 x 10 côvados (13,5 x 4,5 x 4,5 m)



Autores deste volume

RICHARD S. TAYLOR

Professor de Teologia e Missões no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. Th.B., Cascade College; A.B., George Fox College; M.A., Pasadena College; Th.D., Boston University.

A. F. HARPER

Editor-executivo do Departamento de Escolas Eclesiásticas da Igreja do Nazareno. A.B., Northwest Nazarene College; M.A., University of North Dakota; Ph.D., University of Washington; D.D., Northwest Nazarene College.

ROY S. NICHOLSON

Chefe da Divisão de Religião no Central Wesleyan College, South Carolina, e ex-presidente da Convenção Geral da Igreja Metodista Wesleiana. Fez especializações no Central Wesleyan College e em outros institutos bíblicos e escolas religiosas. D.D., Houghton College.

ELDON R. FUHRMAN

Chefe do Departamento de Teologia no Western Evangelical Seminary, Portland, Oregon, e presbítero na Evangelical United Brethren Church. A.B., John Fletcher College; B.D., Asbury Theological Seminary; D.D., Cascade College; S.T.M., Biblical Seminary em New York; Ph.D., State University of Iowa.

HARVEY J. S. BLANEY

Chefe da Divisão de Graduação em Estudos Teológicos e deão interino do Eastern Nazarene College, Quincy, Massachusetts. A.B., Eastern Nazarene College; B.D., Yale University; S.T.M., Harvard University; Th.D., Boston University.

DELBERT R. ROSE

Chefe do Departamento de Teologia Bíblica no Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, e presbítero na Evangelical United Brethren Church. A.B., John Fletcher College; M.A., Ph.D., State University of Iowa; graduado no Garrett Theological Seminary, New York Theological Seminary, e no Union Theological Seminary (New York).

RALPH EARLE

Professor de Novo Testamento no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Eastern Nazarene College; M.A., Boston University; B.D., Th.D., Gordon Divinity School; pós-doutorado pela Harvard University e Edinburgh University (Escócia).

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juízes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester

Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão

Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

10

Hebreus a
Apocalipse

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

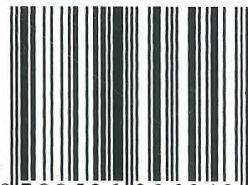
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Richard S. Taylor
A. E. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

ISBN 85-263-0694-4



9 788526 306943

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO